



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato
Grosso do Sul



FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

SOELI BENTO CLEMENTI

**TOPONÍMIA DE MATO GROSSO: RELAÇÕES ENTRE LÉXICO TOPONÍMICO,
CULTURA E HISTÓRIA.**

CAMPO GRANDE - MS

OUTUBRO – 2024

SOELI BENTO CLEMENTI

**TOPONÍMIA DE MATO GROSSO: RELAÇÕES ENTRE LÉXICO TOPONÍMICO,
CULTURA E HISTÓRIA.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Estudos de Linguagens.

Área de Concentração: Linguística e Semiótica

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Negri Isquierdo

CAMPO GRANDE - MS

OUTUBRO – 2024

Catálogo elaborado pela divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.

C626t Clementi, Soeli Bento

TOPONÍMIA DE MATO GROSSO: RELAÇÕES ENTRE LÉXICO
TOPONÍMICO, CULTURA E HISTÓRIA. / Soeli Bento Clementi. –
Brasília: Escola Superior do Ministério Público da União,
2024.

467f.

Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens - Universidade
Federal de Mato Grosso do Sul) – Escola Superior do
Ministério Público da União: Brasília, 2024.

Orientador(a): Dra. Aparecida Negri Isquardo

1. Mato Grosso. 2. Cáceres. 3. Linguística. 4. Léxico.
5. Toponímia. I. Título.

**Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com
os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

SOELI BENTO CLEMENTI

**TOPONÍMIA DE MATO GROSSO: RELAÇÕES ENTRE LÉXICO TOPONÍMICO,
CULTURA E HISTÓRIA.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Estudos de Linguagens.

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a): Profa. Dra. Aparecida Neri Isquerdo
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Profa. Dra. Celina Marcia de Souza Abbade
Universidade Estadual da Bahia (UNEB)

Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Profa. Dra. Elizabete Aparecida Marques
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof. Dr. Renato Rodrigues Pereira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

CAMPO GRANDE - MS

OUTUBRO – 2024



AGRADECIMENTOS

A gratidão é o sentimento de uma alma madura, uma conquista de alta magnitude que nos faz reconhecer, em uma perspectiva restrita, a abundância de benefícios recebidos para alcançar um objetivo proposto. Entretanto, estas palavras de agradecimento encerram bem mais que uma atitude meramente formal no cumprimento de protocolo, na polidez de uma sociedade civilizada. O reconhecimento para com todos os envolvidos no processo de doutoramento nos leva a um nível mais profundo de sentimentos que traz satisfação e alegria por tudo o que foi feito por muitas pessoas, dentro e fora da UFMS.

O doutorado aconteceu em um momento único em minha vida e sei que Deus preparou o melhor momento, atendendo a uma longa espera. No cumprimento desse bom propósito, conheci a professora Dra. Aparecida Negri Isquerdo, por meio de uma disciplina ministrada por ela, antes da seleção do doutorado. A partir desse momento, só tenho gratidão por tudo o que fez. Externo, aqui, portanto, meu profundo reconhecimento a ela que me oportunizou o contato com as teorias que sustentam este trabalho acadêmico, por meio das aulas, indicações de leituras, participações em eventos, orientações, escrita de artigos e, especialmente, pelo incansável trabalho científico que tem realizado.

Nessa somatória, os amigos que conhecemos, nas diversas disciplinas ministradas, nos influenciaram poderosamente em cada etapa, na troca de ideias, nos textos partilhados, nos incentivos em momentos de dúvida, em toda a logística necessária e anônima que concorrem para o término da jornada. Não os citarei nominalmente, somente os guardo no altar do coração.

De forma consciente ou não, o processo de aprendizagem é sempre respaldado por muita generosidade, além de raciocínio e clareza na compreensão das ideias. Cada conhecimento que acessamos nunca está separado de um rosto, uma fala, uma conduta, uma atitude gentil de um professor. Meu eterno reconhecimento a todos que ministraram as aulas das quais tive a oportunidade de participar.

Muito obrigada a todos!

Resumo

A Toponímia é uma disciplina da Onomástica, campo de estudo vinculado à Linguística, que tem por objeto de investigação os nomes próprios de lugares, tanto de áreas rurais quanto urbanas, com fortes ligações com a História, a Geografia, a Antropologia, dentre outras áreas do conhecimento. Não obstante a importância dos nomes próprios de lugares, por se configurarem como a parcela do léxico que tende a ser mais longeva e, assim, perpetuar informações da língua dos povos de uma região, perfeitamente sedimentada em seus valores culturais e nos aspectos do ambiente físico onde veicula, o estado de Mato Grosso ainda carece de estudos menos pontuais que possam cobrir o estudo dos nomes de lugares do seu imenso território. É premissa básica que a Toponímia revela aspectos do ambiente físico e sociocultural de uma região. Nesse contexto, foram estabelecidas as seguintes hipóteses para esta pesquisa: i) a nomenclatura geográfica da área investigada valoriza a norma lexical regional no léxico toponímico da região; ii) a toponímia de base indígena é significativa em termos quantitativos no vocabulário toponímico dos municípios em causa e iii) o processo de toponimização dos acidentes geográficos é produtivo na toponímia da área investigada. Esta Tese tem como objetivo geral estudar a toponímia dos acidentes físicos e humanos de 27 municípios de Mato Grosso, em uma interface entre o léxico toponímico, a história e a cultura da região investigada e, como objetivos específicos, o estudo se propôs: i) investigar os topônimos que integram a área da pesquisa com foco na motivação semântica, na língua de origem e na estrutura morfológica, fundamentando-se em obras nas áreas de Lexicologia e Onomástica, em especial, Dick (1990; 1992; 1997; 2004); Biderman (1981, 1998...); Isquierdo (1996; 1997; 2001; 2012; 2013...); Trapero (1995), dentre outros autores; ii) analisar a representatividade das línguas faladas pelos povos originários na toponímia; iii) descrever particularidades da toponímia examinada quanto à distribuição diatópica e iv) avaliar em que medida nomes genéricos são projetados na toponímia por meio do processo de toponimização dos acidentes geográficos. Para alcançar os objetivos, foram adotados procedimentos característicos da pesquisa toponímica, tais como: i) coleta de dados das cartas topográficas do IBGE (2010); ii) classificação dos topônimos segundo a taxonomia; iii) quantificação e análise dos dados e iv) exame de possíveis conexões estabelecidas entre as informações linguísticas e aspectos da geografia, da história e da cultura, relevantes no tempo e no espaço em que ocorreu a denominação. A análise do *corpus* (2.012 topônimos) demonstrou que a motivação toponímica da soma total dos nomes investigados está na natureza, com sua variedade de plantas, na categoria dos fitotopônimos (*Bananal, Sapezal, Taquaruçu...*); de animais, nos zootopônimos (*Uirapuru, Lambari, Onça...*); de riquezas hídricas na categoria dos hidrotopônimos (*Corgão, Corixão, Cabeceira...*); de formas do relevo, nos geomorfotopônimos (*Pantanal, Bocaina, Morrinho...*). A par dessas tendências, a pesquisa demonstrou que o homem, apossando-se do lugar e considerando entes culturais, nomeia o espaço pelo viés da cultura e da história: antropotopônimos (*Florestan Fernandes, Marcela, Cáceres, Clemente, Adrianópolis...*); hagiotopônimos (*São Miguelito, São José do Pingadouro, Santa Rita...*); animotopônimos (*Alegre, Formoso, Bonito, Confusão...*); ergotopônimos (*Curral Velho, Pilão, Monjolinho...*); sociotopônimos (*Retiro, Porto, Mascate...*). Em termos linguísticos, a língua portuguesa está presente em 1.522 topônimos (75,64%), seguida pela língua tupi que está na base de 357 topônimos (17,74%), seja como estrutura simples ou híbrida. Na soma total dos dados, 409 (20,32%) topônimos configuram-se como nomes constituídos por, pelo menos, um formante de língua indígena tupi, guarani, bororo ou aruaque. Quanto à estrutura morfológica, 881 (43,78%) nomes têm estrutura simples; 436 (21,66%) têm estrutura composta; 190 (9,44%) denominativos apresentam estrutura composta híbrida e 165 (8,20%) simples híbrida. A

pesquisa atestou, ainda, a presença de toponimização de acidentes em 222 (11,03%) topônimos. Quanto às marcas regionais na toponímia, os 29 (1,44%) topônimos que guardam sentidos regionais evidenciam que, pelo menos, quatro estados brasileiros influenciaram no processo de constituição e nomeação de acidentes pertencentes aos municípios. O baixo índice de ocorrência de topônimos formados por regionalismos mato-grossenses testemunha a miscigenação linguístico-cultural ocasionada pelo processo de colonização e ocupação do território do estado de Mato Grosso por habitantes de outras regiões brasileiras, com destaque para o Sul e o Sudeste.

Palavras-chave: Mato Grosso. Cáceres. Cuiabá. Linguística. Léxico. Onomástica. Toponímia.

Abstract

Toponymy is a discipline of Onomastics, a field of study linked to Linguistics, which investigates proper names of places, both in rural and urban areas, with strong connections to History, Geography, Anthropology, among other areas of knowledge. Despite the importance of proper names of places, as they are the part of the lexicon that tends to be the longest-lasting and, therefore, perpetuate information about the language of the people of a region, perfectly sedimented in their cultural values and in the aspects of the physical environment where they are transmitted, the state of Mato Grosso still lacks less specific studies that can cover the study of the toponymy of its immense territory. It is a basic premise that toponymy reveals aspects of the physical and sociocultural environment of a region. In this context, the following hypotheses were established for this research: i) the geographic nomenclature of the investigated area values the regional lexical norm in the toponymic lexicon of the region; ii) the indigenous-based toponymy is significant in quantitative terms in the toponymic vocabulary of the municipalities in question and iii) the toponymization process of geographic features is productive in the toponymy of the investigated area. This Thesis has as its general objective to study the toponymy of the physical and human features of 27 municipalities of Mato Grosso in an interface between the toponymic lexicon, the history and the culture of the investigated region. In a specific scope, the study had the following purposes: i) to investigate the toponyms that integrate the research area with a focus on semantic motivation, the language of origin and the morphological structure, based on works in the areas of Lexicology and Onomastics, especially Dick (1990; 1992; 1997; 2004); Biderman (1981, 1998...); Isquerdo (1996; 1997; 2001; 2012; 2013...); Trapero (1995), among other authors; ii) Analyze the representativeness of the languages spoken by the native peoples in toponymy; iii) describe particularities of the toponymy examined regarding diatopic distribution and iv) evaluate to what extent generic names are projected in toponymy through the process of toponymization of geographic accidents. To achieve the objectives, procedures characteristic of toponymic research were adopted: i) collection of data from topographic maps of the IBGE (2010); ii) classification of toponyms according to taxonomy; iii) quantification and analysis of data and iv) examination of possible connections established between linguistic information and aspects of geography, history and culture, relevant in the time and space in which the naming occurred. The analysis of the corpus (2,012 toponyms) demonstrated that the toponymic motivation of the total sum of the toponyms investigated revolves around nature with its variety of plants in the category of phytotoponyms (*Bananal, Sapezal, Taquaruçu...*); animals, in the zootoponyms (*Uirapuru, Lambari, Onça...*); water resources in the category of hydrotoponyms (*Corgão, Corixão, Cabeceira...*); landforms, in the geomorphotoponyms (*Pantanal, Bocaina, Morrinho...*). Alongside these trends, the research demonstrated that man, taking possession of the place and considering cultural entities, also names the space from the perspective of culture and history: anthropotoponyms (*Florestan Fernandes, Marcela, Cáceres, Clemente, Adrianópolis...*); hagiotoponyms (*São Miguelito, São José do Pingadouro, Santa Rita...*); animotoponyms (*Happy, Beautiful, Pretty, Confusion...*); ergotoponyms (*Old Corral, Pestle, Monjolinho...*); sociotoponyms (*Retreat, Port, Mascate...*). In linguistic terms, the Portuguese language is present in 1,522 toponyms (75.64%), followed by the tupi language, which is the basis of 357 toponyms (17.74%), either as a simple or hybrid structure. In the total sum of the data, 409 (20.32%) toponyms are configured as names consisting of at least one formant of the indigenous Tupi, Guarani, Bororo or Arawak languages. Regarding the morphological structure, 881 (43.78%) names have a simple structure; 436 (21.66%) toponyms have a compound structure;

190 (9.44%) denominatives present a hybrid compound structure and 165 (8.20%) a simple hybrid structure. The research also confirmed the presence of accidental toponymization in 222 (11.03%) toponyms. Regarding regional marks in toponymy, the 29 (1.44%) toponyms that retain regional meanings show that at least four Brazilian states influenced the process of constitution and naming of landforms belonging to municipalities. The low occurrence rate of toponyms formed by regionalisms from Mato Grosso testifies to the linguistic-cultural miscegenation caused by the process of colonization and occupation of the territory of the state of Mato Grosso by inhabitants of other Brazilian regions, with emphasis on the south and southeast.

Keywords: Mato Grosso. Cáceres. Cuiabá. Linguistics. Lexicon. Onomastics. Toponymy.

Resumen

La Toponimia es una disciplina de la Onomástica, campo de estudio vinculado a la Lingüística, cuyo objeto de investigación son los nombres propios de lugares, tanto del ámbito rural como urbano, con fuertes vínculos con la Historia, la Geografía, la Antropología, entre otras áreas del conocimiento. Sin perjuicio de la importancia de los nombres propios de los lugares, ya que se configuran como la porción del léxico que tiende a ser más longeva y, así, a perpetuar la información de la lengua de los pueblos de una región, perfectamente sedimentada en sus valores culturales. y aspectos del entorno físico donde se transmite, el estado de Mato Grosso aún carece de estudios menos específicos que puedan abarcar el estudio de la toponimia de su inmenso territorio. Es una premisa básica que la toponimia revela aspectos del entorno físico y sociocultural de una región. En este contexto, para esta investigación se establecieron las siguientes hipótesis: i) la nomenclatura geográfica del área investigada valora la norma léxica regional en el léxico toponímico de la región; ii) la toponimia de base indígena es significativa en términos cuantitativos en el vocabulario toponímico de los municipios en cuestión y iii) el proceso de toponimización de accidentes geográficos es productivo en la toponimia del área investigada. Esta Tesis tiene el objetivo general de estudiar la toponimia de los accidentes físicos y humanos en 27 municipios de Mato Grosso en una interfaz entre el léxico toponímico, la historia y la cultura de la región investigada. En un ámbito específico, el estudio tuvo los siguientes propósitos: i) investigar los topónimos que forman parte del área de investigación con enfoque en la motivación semántica, la lengua de origen y la estructura morfológica, con base en trabajos en las áreas de Lexicología y Onomástica, en particular Dick (1990; 1992; 1997; 2004); Biderman (1981, 1998...); Isquierdo (1996; 1997; 2001; 2012; 2013...); Trapero (1995), entre otros autores; ii) Analizar la representación de las lenguas habladas por los pueblos originarios en la toponimia; iii) describir las particularidades de la toponimia examinada en términos de distribución diatópica y iv) evaluar en qué medida los nombres genéricos se proyectan en la toponimia a través del proceso de toponimización de accidentes geográficos. Para alcanzar los objetivos, se adoptaron procedimientos propios de la investigación toponímica: i) recolección de datos de mapas topográficos del IBGE (2010); ii) clasificación de topónimos según taxonomía; iii) cuantificación y análisis de datos y iv) examen de posibles conexiones establecidas entre información lingüística y aspectos de geografía, historia y cultura, relevantes en el tiempo y espacio en que se produjo la denominación. El análisis del corpus (2.012 topónimos) demostró que la motivación toponímica de la suma total de los topónimos investigados gravita hacia la naturaleza con su variedad de plantas en la categoría de fitotopónimos (*Bananal, Sapezal, Taquaruçu...*); de animales, en zootopónimos (*Uirapuru, Lambari, Onça...*); de la riqueza hídrica en la categoría de hidrotopónimos (*Corgão, Corixão, Cabeceira...*); de formas en relieve, en geomorfotopónimos (*Pantanal, Bocaina, Morrinho...*). Además de estas tendencias, la investigación demostró que el hombre, apoderándose del lugar y considerando entidades culturales, nombra el espacio también desde la perspectiva de la cultura y la historia: antropotopónimos (*Florestan Fernandes, Marcela, Cáceres, Clemente, Adrianópolis...*); hagiotopónimos (*São Miguelito, São José do Pingadouro, Santa Rita...*); animotopónimos (*Feliz, Bella, Confusão...*); ergotopónimos (*Curral Velho, Pilão, Monjolinho...*); sociotopónimos (*Retiro, Oporto, Mascate...*). En términos lingüísticos, la lengua portuguesa está presente en 1.522 topónimos (75,64%), seguida de la lengua tupí que

es la base de 357 topónimos (17,74%) ya sea como estructura simple o híbrida. En la suma total de datos, 409 (20,32%) los topónimos se configuran como nombres formados por al menos un formante de la lengua indígena tupí, guaraní, bororo o En cuanto a la estructura morfológica, 881 (43,78%) nombres tienen estructura simple; 436 (21,66%) topónimos tienen estructura compuesta; 190 (9,44%) denominaciones tienen estructura híbrida compuesta y 165 (8,20%) híbrida. La investigación también confirmó la presencia de toponimización accidental en 222 (11,03%) topónimos. 29 (1,44%) topónimos que tienen significados regionales muestran que al menos cuatro estados brasileños influyeron en el proceso de constitución y denominación de los accidentes pertenecientes a los municipios. La baja tasa de aparición de topónimos formados por regionalismos de Mato Grosso atestigua un mestizaje lingüístico-cultural causado por el proceso de colonización y ocupación del territorio del estado de Mato Grosso por habitantes de otras regiones brasileñas, con énfasis en el sur y sureste.

Palabras clave: Mato Grosso. Cáceres. Cuiabá. Lingüística. Léxico. Onomástica. Toponimia.

Lista de siglas e reduções

abrev.	abreviação
afr.	africano
apoc.	apocopada
apóc.	apócope
ár.	árabe
arc.	arcaica
ATB	Atlas Toponímico do Brasil
ATEMS	Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul
ATESP	Atlas Toponímico do Estado de São Paulo
b. latim	baixo latim
cat.	catalão
contrv.	controvertido
corr.	corruptela
DTMS	Dicionário de Topônimos de Mato Grosso do Sul
duv.	duvidosa
esp.	espanhol
ét.	étimo
f.	feminino
finl.	finlandês
fr.	francês
FUNDECT	Fundação de Apoio ao Desenvolvimento de Mato Grosso do Sul
germ.	germânico
gót.	gótico
gr.	grego
hebr.	hebraico
hipoc.	hipocorístico
hsp.	hispanico
IBGE	instituto brasileiro de geografia e estatística
inf.	influência
ing.	inglês
INTERMAT	Instituto de Terras de Mato Grosso
it.	italiano
lat.	latim
reg.	regionalismo
medv.	medieval
obsc.	obscura/ obscurecida
onom.	Onomatopaico, onomatopeia
orig.	origem
port.	português
patron.	patronímico
prov.	provavelmente
quích.	quíchua
quimb.	Quimbundo
RICB	Região Intermediária de Cuiabá
RIC	Região Imediata de Cáceres

RIM	Região Imediata de Mirassol d'Oeste
RIPL-C	Região Imediata de Pontes e Lacerda - Comodoro
rel.	religiosa
SINFRA	Secretaria de Estado de Infraestrutura e Logística
sobr.	sobrenome
suf.	sufixo
tar.	tardio
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UFT	Universidade Federal do Tocantins
USP	Universidade de São Paulo
v.	Verbo
vulg.	vulgar

Lista de Figuras

Figura 1: Mapa do estado de Mato Grosso e a fundação dos municípios em diferentes fases.	90
Figura 2: Mapa das terras indígenas de Mato Grosso e as respectivas etnias. -----	104
Figura 3: Espelho dos quadrantes do mapa físico do município de Cáceres – estirão -----	120
Figura 4: Espelho dos quadrantes do mapa físico do município de Cáceres – furado -----	121
Figura 5: Espelho dos quadrantes do mapa físico do município de Cáceres – volta -----	122
Figura 6: Espelho do quadrante do mapa físico do município de Cáceres - vereda -----	125
Figura 7: Espelho dos quadrantes do mapa físico do município de Cáceres - ilha -----	126
Figura 8: Espelho dos quadrantes do mapa físico do município de Cáceres - praia-----	127
Figura 9: Espelho dos campos – Planilha do ATEMS. -----	137
Figura 10: Espelho dos campos – Planilha do ATEMS. -----	138

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Frequência das taxonomias dos acidentes humanos da Região Geográfica Intermediária de Cáceres e da Região Intermediária de Cuiabá (Mirassol d'Oeste, Pontes e Lacerda-Comodoro e Cuiabá) – Mato Grosso.-----	211
Gráfico 2: Frequência das taxonomias dos acidentes físicos da Região Geográfica Imediata de Cáceres – Mato Grosso. -----	263
Gráfico 3: Frequência das taxonomias de topônimos de acidentes físicos da Região Geográfica Imediata de Mirassol d'Oeste – Mato Grosso. -----	293
Gráfico 4: Frequência das taxonomias de topônimos dos acidentes físicos da Região Geográfica Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro – Mato Grosso. -----	325
Gráfico 5: Frequência das taxonomias de topônimos dos acidentes físicos da Região Intermediária de Cuiabá – Mato Grosso.-----	373
Gráfico 6: Frequência das taxonomias de topônimos dos acidentes físicos e humanos das Regiões Geográficas Intermediárias de Cáceres e de Cuiabá – Mato Grosso.-----	376
Gráfico 7: Frequência dos hidrotopônimos por Região Geográfica Imediata. -----	378
Gráfico 8: Frequência dos fitotopônimos por Região Geográfica Imediata. -----	384
Gráfico 9: Frequência dos zootopônimos por Região Geográfica Imediata. -----	391
Gráfico 10: Frequência dos geomorfotopônimos por Região Geográfica Imediata. -----	396
Gráfico 11: Frequência dos hiero/hagiotopônimos/mitotopônimos por Região Geográfica Imediata. -----	400
Gráfico 12: Municípios com maiores índices de topônimos de caráter religioso na área investigada. -----	401
Gráfico 13: Frequência dos antropotopônimos por Região Geográfica Imediata.-----	405
Gráfico 14: Frequência dos ergotopônimos por Região Geográfica Imediata.-----	412
Gráfico 15: Frequência dos litotopônimos por Região Geográfica Imediata. -----	409
Gráfico 16: Frequência dos animotopônimos por Região Geográfica Imediata. -----	414
Gráfico 17: Frequência dos sociotopônimos por Região Geográfica Imediata.-----	417

Lista de Quadros

Quadro 1: Estrutura do sintagma toponímico (Dick, 1992)-----	63
Quadro 2: Exemplos de topônimos de estrutura simples (Dick, 1990; 1992). -----	70
Quadro 3: Exemplos de topônimos de estrutura composta (Dick, 1990; 1992).-----	71
Quadro 4: Exemplos de topônimos de estrutura composta híbrida (DICK, 1990, 1992). -----	72
Quadro 5: Exemplos de topônimos de estrutura simples híbrida (DICK, 1990; 1992) -----	73
Quadro 6: Distribuição dos municípios por Região Intermediária e Imediata com as datas de fundação.-----	91
Quadro 7: Modelo de ficha lexicográfico-toponímica. -----	133
Quadro 8: Amostra da disposição da macrotoponímia -----	139
Quadro 9: Amostra da disposição dos topônimos dos acidentes físicos e humanos -----	141
Quadro 10: A Macrotoponímia das Regiões Intermediárias de Cáceres e Cuiabá – Mato Grosso-----	151
Quadro 11: Topônimos dos acidentes humanos da Região Geográfica Intermediária de Cáceres e Região Intermediária de Cuiabá – Mato Grosso. -----	171
Quadro 12: Topônimos dos acidentes físicos da Região Geográfica Imediata de Cáceres – Mato Grosso. -----	213
Quadro 13: Topônimos de acidentes físicos da Região Geográfica Imediata de Mirassol d'Oeste – Mato Grosso.-----	265
Quadro 14: Topônimos dos acidentes físicos da Região Geográfica Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro – Mato Grosso. -----	295
Quadro 15: Topônimos de acidentes físicos dos municípios da Região Geográfica Intermediária de Cuiabá – Mato Grosso.-----	327
Quadro 16: Topônimos empregados com conotação regional. -----	426

Lista de tabelas

Tabela 1: Frequência dos termos geográficos genéricos que nomeiam acidentes humanos por Região Imediata.-----	107
Tabela 2: Frequência dos termos geográficos genéricos dos acidentes físicos por Região Imediata.-----	115
Tabela 3: Amostra da disposição dos topônimos originados pelo processo de toponimização do elemento genérico.-----	145
Tabela 4: Frequência das taxonomias toponímicas (Dick, 1992) na toponímia de acidentes humanos dos municípios das Regiões Geográficas Intermediárias de Cáceres e de Cuiabá (Cáceres, Mirassol d'Oeste, Pontes e Lacerda – Comodoro e Cuiabá) – Mato Grosso.	209
Tabela 5: Frequência das taxonomias dos topônimos dos acidentes físicos da região Geográfica Imediata de Cáceres – Mato Grosso.-----	262
Tabela 6: Frequência das taxonomias de topônimos de acidentes físicos da Região Imediata de Mirassol d'Oeste – Mato Grosso.-----	292
Tabela 7: Frequência dos topônimos dos acidentes físicos da Região Geográfica Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro – Mato Grosso.-----	323
Tabela 8: Frequência das taxonomias de topônimos dos municípios da Região Geográfica Intermediária de Cuiabá – Mato Grosso.-----	371
Tabela 9: Frequência das taxonomias de topônimos de natureza física e humana dos municípios das regiões Geográficas Intermediárias de Cáceres e Cuiabá - Mato Grosso.-----	374
Tabela 10: Distribuição da toponímia de base indígena por Região Imediata.-----	421
Tabela 11: Distribuição dos topônimos dos municípios das Regiões Geográficas Intermediárias de Cáceres e Cuiabá (Denise, Diamantino, Nobres, Nova Olímpia, Porto Estrela e Tangará da Serra) quanto à estrutura morfológica-----	424
Tabela 12: Topônimos constituídos pelo mecanismo de toponimização.-----	441
Tabela 13: Distribuição dos nomes toponimizados por região imediata.-----	446

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
SEÇÃO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	29
1.1. Língua e sociedade: relação indissociável.....	29
1.2. Léxico regional e léxico toponímico	33
1.3. O nome próprio - marca de identidade	38
1.4. A Onomástica	42
1.5. A toponímia como área de investigação	48
1.5.1. O topônimo: caracterização e função	57
1.5.2. O sintagma toponímico	63
1.5.3. Estrutura do sintagma toponímico.....	67
1.6. Modelos taxonômicos: uma breve discussão	73
1.6.1. Taxonomias de Natureza Física	79
1.6.2. Taxonomias de Natureza Antropocultural	81
SEÇÃO II – CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICO-GEOGRÁFICAS	86
2.1. Mato Grosso: a expansão portuguesa na região Centro-Oeste	86
2.2. A ocupação do território de Mato Grosso: municípios mais antigos	90
2.2.1. Municípios da Região Imediata de Cáceres e Cuiabá	94
2.3. Os povos indígenas dos municípios pesquisados de Mato Grosso	101
2.4. Os termos genéricos dos acidentes geográficos físicos e humanos.	106
SEÇÃO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	128
3.1. Objetivos e hipóteses	128
3.2. Estabelecimento do <i>corpus</i>	131
3.2.3. A sistematização dos dados no ATEMS - planilhas do Excel.....	136
3.3. As regiões pesquisadas e a quantificação dos dados	139
3.4. A sistematização e a análise dos dados registrados nos quadros.....	140
SEÇÃO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	147

4.1. O topônimo Mato Grosso	147
4.2. Análise da macrotoponímia da Região Geográfica Intermediária de Cáceres e Região Geográfica Intermediária de Cuiabá.....	150
4.3. Apresentação e análise dos topônimos de acidentes físicos e humanos.....	169
4.3.1. Hidrotopônimos	377
4.3.2. Fitotopônimos.....	383
4.3.3. Zootopônimos.....	389
4.3.4. Geomorfotopônimos	395
4.3.5. Hierotopônimos/Hagiotopônimos	399
4.3.6. Antropotopônimos	405
4.3.8. Ergotopônimos.....	412
4.3.9. Animotopônimos	414
4.3.10. Sociotopônimos	416
4.4. A base linguística dos topônimos	420
4.5. A estrutura Morfológica.....	423
4.6. Particularidades das regiões	424
4.7. Toponimização dos acidentes	440
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	450
REFERÊNCIAS	457

INTRODUÇÃO

No mundo das palavras, o topônimo ocupa um lugar de destaque, à medida que se configura como a primeira via de identificação de um lugar. O nome é uma construção da linguagem verbal, domínio exclusivo dos seres humanos, enquanto o espaço geográfico tem os traços de tangibilidade, o que justifica a função marcadamente referencial do topônimo.

A necessidade de nomear foi se delineando a partir do momento em que pessoas foram se aglutinando em torno de interesses comuns, constituindo, assim, povoados diversos em pontos distintos do território que remontam à própria história da humanidade.

Em sua aplicação prática que alcança a todos os habitantes de um espaço humanizado, a toponímia, ao demarcar geograficamente um lugar por meio da atribuição de um nome, atende a requisitos ordinários dos quais depende o desempenho de inúmeras atividades, dentre as quais, a econômica, no mercado globalizado. A identificação de lugares estabelece condição de intercâmbio econômico-financeiro e de valores culturais que estão imbricados nessas relações.

As ações ordinárias de vender ou comprar mercadorias, receber uma encomenda ou preencher um documento para viabilizar questões burocráticas referentes à vida do indivíduo se faz pela macrotoponímia, nomes próprios de regiões de maior amplitude como país, estado, município e, em um campo menor, pela microtoponímia, designativos de espaços menores como povoados, vilas, bairros, ruas etc., na toponímia urbana.

A integração geográfica dos espaços por meio de atividades econômicas e culturais, os contatos entre os habitantes de diferentes vilas, arraiais, povoados, feudos, burgos, dentre outros, estiveram presentes em todas as épocas da humanidade. No entanto, a intensidade e a escala em nível global que dimensionam o contato entre as pessoas, características das sociedades vigentes, possibilitam o conhecimento de nomes de lugares que jamais serão perceptíveis a todos os indivíduos. No passado, o *Velho* e o *Novo Testamento*, livros da *Bíblia Sagrada*, as obras literárias e/ou históricas, por exemplo, eram, para a maioria da população, as formas de contato com topônimos de regiões longínquas.

Na atual conjuntura de diversidades e de abrangências geográficas dos contatos pessoais e sociais, aviva-se a necessidade de destaque das diferenças pelo atributo do nome.

Em primeiro plano, a Toponímia, conjunto de topônimos de uma região, atende a requisitos no campo prático e objetivo da vida de relações. Desse ponto de vista, é imprescindível em todas as épocas, por identificar e situar, no espaço, o local que se quer ou precisa encontrar. Assim, identificar um espaço dentro de uma área geográfica mais ampla, na esfera da referência, é a função precípua do topônimo. Para além desse desempenho operacional/pragmático que o nome próprio de lugar atende, situam-se as mais ricas e sugestivas informações ligadas aos topônimos, tanto por aspectos internos da língua quanto na esfera extralinguística relacionada ao denominador.

Nessa consideração, não é sem razão que o estatuto do nome próprio tem despertado o interesse de estudiosos desde épocas remotas. A esse respeito, Amaral e Seide (2020, p. 39) asseveram que “historicamente, os nomes próprios têm maior peso nos estudos de áreas diferentes da Linguística”, por exemplo, nas áreas da Psicologia, da Psicopedagogia, da História, da Geografia, da Antropologia, entre outras.

Especificamente na Onomástica, campo de estudo vinculado à Linguística, o estudo dos nomes próprios remonta ao século XIX, na França, com Auguste Longnon e Albert Dauzat. Essa disciplina científica tem como objeto de estudo os nomes próprios, em geral, dentre os quais os de pessoas e de lugares em seus aspectos etimológicos, antropológicos, sócio-históricos, geográficos, de diferentes espaços e épocas.

A Onomástica fornece, pois, parâmetros para o estudo dos processos de investigação do nome próprio por meio de diferentes subáreas, com destaque para a Antroponímia e a Toponímia. A primeira se ocupa dos nomes próprios de pessoas em suas diferentes manifestações como apelidos, alcunhas, prenomes, dentre outros. A segunda tem por objeto de investigação os nomes próprios de lugares, tanto de áreas rurais quanto urbanas, com fortes ligações com a História, a Geografia e a Antropologia, dentre outras áreas do conhecimento que podem contribuir com informações relacionadas ao topônimo.

Não obstante a importância dos nomes próprios de lugares, por se configurarem como a parcela do léxico que tende a ser mais longa e, assim, conter informações da língua dos povos de uma região, perfeitamente sedimentada em seus valores culturais e nos aspectos do ambiente físico onde veicula, os estudos em Toponímia, no Brasil, podem ser considerados recentes se comparados a países da Europa e América do Norte, por exemplo.

Em terras brasileiras as pesquisas toponímicas, inicialmente voltaram-se para topônimos oriundos do tupi antigo, estendendo-se para as línguas bororo, caribe e

aruaque, em seus aspectos etimológicos e semânticos, tendência que predominou até a década de oitenta do século XX. Entretanto, as inquietações sobre a necessidade de um projeto teórico que orientasse os estudos em toponímia de forma a abranger nomes próprios de todas as origens e contemplar análises por mais de um ângulo, culminaram na proposição do modelo teórico ordenador das pesquisas, nesse campo do conhecimento, que perdura na atualidade.

A Tese de Doutorado defendida por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, em 1980, sob o título *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxonômicos*, publicada em 1990, com o título *A motivação toponímica e a realidade brasileira*, encorajou e alicerçou os trabalhos de inúmeros pesquisadores de outras universidades do país.

A autora reformulou esse modelo teórico sob o título *Toponímia e Antroponímia no Brasil – Coletânea de estudos* (1992) e *A Dinâmica dos nomes da cidade de São Paulo – 1554 – 1897* (1997), ao desenvolver o projeto ATB, sediado na USP.

Conforme Dick (1996 p.1), “o estudo da Toponímia brasileira, como parte aplicada da linguística geral, envolve, principalmente, e antes de tudo, o reconhecimento dos estratos dialetais que estruturaram, no território, a forma de expressão vernacular”. Para a autora, o ATB constitui-se como um estudo dialetológico, no campo da Onomástica, possibilitando o conhecimento dos vários estratos das línguas que influenciaram o território brasileiro.

A partir desse projeto maior, a mesma autora delineou o Projeto ATESP no quadro da disciplina de *Toponímia Geral e do Brasil* (USP/FFLCH), o qual visa conhecer as diversidades gramaticais, semânticas e etnográficas dos topônimos dos municípios de São Paulo. Nesse contexto, os fundamentos teórico-metodológicos e o sistema de classificação dos topônimos propostos pela autora extrapolam o espaço físico da USP e se consolidam de forma sistematizada em disciplinas de Graduação e Pós-Graduação vinculadas à Linguística, em universidades situadas em todas as regiões brasileiras.

No estado de Mato Grosso, as pesquisas em toponímia ainda se encontram no estágio da formação do banco de dados dos topônimos, por ora, como iniciativas individuais de pesquisadores, em projetos de pós-graduação voltados para a produção de dissertações de mestrado e de teses de doutorado, de forma similar à pesquisa cujos resultados são apresentados e discutidos nesta Tese.

A região, com áreas muito extensas a serem investigadas, carece, pois, de pesquisas mais amplas que possam subsidiar a produção do Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso.

A pesquisa *Estudo toponímico do município de Barra do Garças, Microrregião do Médio Araguaia, Mato Grosso: contribuição para o atlas toponímico de Mato Grosso* (Santos, 2005) foi o primeiro estudo sobre a toponímia mato-grossense, realizado na Universidade de São Paulo, sob a orientação de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick.

Santos (2005) investigou 447 nomes de acidentes físicos e humanos, incluindo as fazendas do município de Barra do Garças. Conforme o estudo, os fitotopônimos e os hagiotopônimos foram os de maior frequência e ficaram empatados com 48 (10,74%) ocorrências para cada taxonomia, seguidos pelos hidrotopônimos (43 – 9,62%). Os denominativos foram apresentados em quadros como anexos da pesquisa de dissertação, com o topônimo, o acidente ao qual nomeia, o tipo de acidente, se físico ou humano, e a classificação taxonômica.

Destacam-se, também, as pesquisas de Carvalho (2005; 2010), elaboradas como Dissertação de Mestrado e Tese de Doutorado, respectivamente, sob a orientação de Dick, na USP. Na primeira, sob o título *Toponímia da Mesorregião Centro-Sul mato-grossense: contribuições para o atlas toponímico do estado de Mato Grosso*, Carvalho estuda a toponímia dos acidentes físicos e humanos, excetuando-se os rurais, como, fazendas e sítios, dos 17 municípios integrantes da região.

Já para a Tese, a autora elegeu como objeto de pesquisa os topônimos dos 22 municípios da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso. Os 2.348 nomes investigados foram denominativos de acidentes físicos, como, baías, córregos, morros, ribeirões, rios, serras etc., bem como, de acidentes de natureza antropocultural, a exemplo de colônias, distritos, localidades, povoados, municípios, terras indígenas e vilas (Carvalho, 2010, p. 26).

Conforme a autora, a quantidade de topônimos é equivalente nos dois estudos, com destaque para a riqueza hídrica inerente às duas regiões, embora os termos genéricos dos topônimos da Mesorregião Centro-Sul sejam mais variados, em razão da multiplicidade de acidentes hídricos existentes nas localidades pesquisadas.

Silva (2011) estudou, em sua dissertação de Mestrado, 13 topônimos de natureza física e 59 topônimos de natureza antropocultural (distritos, localidades, arraiais, bairros, ruas, igrejas, chácaras, escolas, usinas, pontes, povoados etc.) dos distritos de Bonsucesso e Pai André, localizados no município de Várzea Grande/MT. A autora apresentou os

dados a partir de uma ficha lexicográfico-toponímica, contendo o topônimo, a localização, a taxonomia, a etimologia, a estrutura morfológica e as informações enciclopédicas. Silva (2011) orientou-se por um percurso metodológico que incluiu entrevistas com três informantes, com idades acima de 65 anos, a fim de colher as narrativas orais da história de Bonsucesso e Pai André. Conforme a autora (2011), o estudo serviu como um registro de fatos linguísticos da realidade local. As categorias de maior ocorrência foram as dos fitotopônimos, hagiotopônimos e zootopônimos.

A pesquisa *A toponímia oficial e paralela na nomeação de praças de Cuiabá/MT* Clementi; Isquerdo (2023), publicada pela *Signótica*, revista de Letras da Universidade Federal de Goiás, estudou os topônimos paralelos e oficiais de 65 praças de 15 bairros do centro histórico de Cuiabá, orientando-se por consulta a documentos oficiais antigos e entrevistas a informantes residentes próximos às praças.

Foi constatado, nesse estudo, o costume de homenagear personalidades de destaque na sociedade e suas respectivas titulações, nas categorias dos antropotopônimos e axiotopônimos, com 51 (80,95%) ocorrências. Em relação aos topônimos paralelos, não há extremos em termos de percentuais de ocorrência entre as 14 categorias taxonômicas identificadas.

O estudo *A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso* (Clementi; Isquerdo, 2023) evidenciou o aspecto conservador dos estratos linguísticos tupi-guarani e bororo nos nomes pertencentes às taxonomias de natureza física, a exemplo dos zootopônimos, fitotopônimos e hidrotopônimos.

A Tese de Doutorado *Estudo Toponímico dos Nomes de Bairros e Ruas do Centro Histórico de Cuiabá - 1701-2022*, de Ivanete Maria de Jesus (2023) é a mais recente pesquisa na área da toponímia de Mato Grosso. Nesse estudo, são investigados 115 topônimos de bairros e 30 topônimos de ruas do centro histórico de Cuiabá.

Conforme Jesus (2023), os portugueses exerceram forte influência na nomenclatura das ruas dessa capital, pois, mesmo após alterações, os nomes permaneceram na memória da população como topônimos paralelos. A motivação dos nomes segue uma tendência geral da toponímia urbana, enaltecendo vultos importantes na política de Mato Grosso que contribuíram para o desenvolvimento do estado, bem como, em torno de personalidades da Guerra do Paraguai, seguidos da motivação por datas comemorativas.

O estado de Mato Grosso localiza-se na Região Centro-Oeste do Brasil e se divide em cinco Regiões Geográficas Intermediárias. Essa conformação não se configura como

unidades político-administrativas, mas representa uma forma didática de reunir municípios com características similares relativas à economia, à dimensão histórico-geográfica e social. Assim, Cuiabá, Cáceres, Sinop, Barra do Garças e Rondonópolis são as cinco Regiões Geográficas Intermediárias que dividem o estado de Mato Grosso. Essas regiões, por sua vez, são subdivididas em 18 Regiões Geográficas Imediatas que abrigam 141 municípios.

Este trabalho descreve e discute dados do estudo intitulado *Toponímia de Mato Grosso: relações entre léxico toponímico, cultura e história*, desenvolvido como Tese de Doutorado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS.

O *corpus* da pesquisa reúne topônimos dos 21 municípios que compõem a Região Geográfica Intermediária de Cáceres que, por sua vez, está subdividida em três regiões imediatas: i) Região Geográfica Imediata de Cáceres: Cáceres, Curvelândia, Lambari d'Oeste, Rio Branco e Salto do Céu; ii) Região Geográfica Imediata de Pontes e Lacerda-Comodoro: Campos de Júlio, Comodoro, Conquista d'Oeste, Nova Lacerda, Pontes e Lacerda, Vale de São Domingos e Vila Bela da Santíssima Trindade e iii) Região Geográfica Imediata de Mirassol d'Oeste: Araputanga, Figueirópolis d'Oeste, Glória d'Oeste, Indiavaí, Jauru, Mirassol d'Oeste, Porto Esperidião, Reserva do Cabaçal e São José dos Quatro Marcos.

Com vistas a atender objetivos específicos desta pesquisa, além dos municípios que integram a Região Geográfica Intermediária de Cáceres, compõem, ainda, o escopo do estudo, os municípios de Denise, Diamantino, Nobres, Nova Olímpia, Porto Estrela e Tangará da Serra, pertencentes à Região Geográfica Intermediária de Cuiabá.

A inclusão desses municípios visa atender ao objetivo de investigar as características regionais evidenciadas na nomenclatura toponímica do estado de Mato Grosso, proposto neste trabalho. A esse respeito, os estudos têm apontado que no léxico toponímico dos municípios mais antigos, as marcas de regionalismos podem estar mais acentuadas.

Nessa conjuntura, depois de Vila Bela da Santíssima Trindade e Cáceres, os municípios de Diamantino, Nobres e Tangará da Serra, embora apresentem data de fundação oficial no século XX, o movimento de povoamento que lhes deu origem remonta ao século XVIII, especialmente, os dois primeiros. Os municípios de Denise, Nova Olímpia e Porto Estrela, por sua vez, foram distritos sob jurisdição de Barra do

Bugres, município antigo na história do estado, com menor índice de desenvolvimento em decorrência do isolamento geográfico da região onde se situa.

Nesse contexto, indaga-se se a toponímia da área investigada acompanha as tendências gerais da toponímia do país quanto à motivação ou forma um nicho com características distintas de outras realidades? Caracteriza-se mais pela tradição ou pela inovação dos povos que a constituíram? Há valorização da norma lexical regional nos denominativos de lugares? A toponimização apresenta ocorrência significativa, em matéria de quantidade, na formação dos denominativos?

É premissa básica que a toponímia revela aspectos do ambiente físico e sociocultural de uma região nomeada. Nesse contexto, foram estabelecidas as seguintes hipóteses para esta pesquisa:

- I) A nomenclatura geográfica da área investigada valoriza a norma lexical regional no léxico toponímico da região;
- II) A toponímia de base indígena é significativa, no que se refere à quantidade, no vocabulário toponímico dos municípios em causa;
- III) O processo de toponimização dos acidentes geográficos é produtivo na toponímia da área investigada.

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos de Dick (1990; 1992; 1997; 1999; 2004; 2006; 2007; 2008); Biderman (1981; 1998); Isquierdo (1996; 2001; 2012; 2013...); Trapero (1995), dentre outros, foi estabelecido como objetivo geral para esta Tese estudar a toponímia dos acidentes físicos e humanos de 27 municípios de Mato Grosso em uma interface entre léxico toponímico, a história e a cultura da região investigada.

Nessa diretriz, os seguintes objetivos específicos norteiam a pesquisa:

- I. Investigar a motivação semântica dos topônimos que integram a área da pesquisa, bem como, a etimologia, a estrutura morfológica e a língua de origem conforme o modelo teórico de Dick (1990; 1992; 1997), acrescido de contribuições de pesquisadores da área da Onomástica;
- II. Analisar a representatividade das línguas faladas pelos povos originários na toponímia pesquisada;
- III. Descrever as particularidades da toponímia, buscando observar em que proporção ocorre a valorização da norma lexical regional na nomenclatura geográfica;

IV. Avaliar em que medida nomes genéricos são projetados na toponímia por meio do processo de toponimização dos acidentes geográficos.

Em se tratando da sistematização, os topônimos são apresentados em quadros específicos por região, considerando, para sua organização, a ficha lexicográfico-toponímica do Projeto ATEMS (Isquerdo; Dargel, 2020), resultante da adaptação e ampliação do modelo de Dick (2004).

Quanto à distribuição dos dados, os topônimos de acidentes humanos dos 27 municípios foram dispostos em um único quadro, separadamente dos acidentes físicos, organizados por municípios. Nessa disposição, a apresentação do *corpus* foi distribuída em cinco quadros, compreendendo todos os topônimos em análise. O percentual das categorias taxonômicas, no *corpus* da pesquisa, está disposto ao final de cada quadro em forma de tabelas e gráficos.

Quanto à macrotoponímia dos municípios investigados, a análise considera, além da motivação com base no significado do nome elevado à categoria de topônimo, a língua de origem (Dick, 1990; 1992) e os fatores contextuais de forma dissertativa.

Esta Tese está estruturada em quatro seções.

Na seção I é apresentada e discutida a fundamentação teórica que subsidia as diferentes etapas da pesquisa, tais como, teorias linguísticas a respeito da língua e linguagem; a língua e sociedade como interfaces indissociáveis, bem como, teorias que visam destacar o léxico que reflete especificidades regionais e o léxico toponímico como subsistemas léxicos. Em seguida, na mesma seção, são consideradas as características e funções do nome próprio e comum a partir de obras antigas e atuais de diferentes teóricos, gramáticos e dicionaristas. No campo da Onomástica são aventados fundamentos dessa ciência, ou seja, teorias que sustentam os estudos onomástico-toponímicos em geral e, particularmente, no Brasil, partindo de obras pioneiras, enfatizando os avanços conquistados na delimitação da área.

Na sequência são tratados as características e funções do topônimo, o sintagma toponímico e sua estrutura. Dessa forma, partindo de aspectos da relação entre as palavras e as coisas, na seção I são estudadas as características do signo em função linguística, considerando os conceitos de arbitrário, com destaque para a questão da motivação. Por último, são apresentados alguns modelos de classificação taxonômica, com especial atenção para a proposta teórica de Dick (1990; 1992), além de contribuições de outros pesquisadores que ampliaram as taxes toponímicas, visando atender aos casos não contemplados pelo modelo teórico da autora.

A seção II é destinada ao registro de informações gerais sobre o estado de Mato Grosso, tais como, o contexto de colonização e povoamento, a presença indígena na região e aspectos relacionados à geografia e economia do estado. A mesma proposta se aplica à Região Geográfica Intermediária de Cáceres e seus municípios. Integram, ainda, essa seção, o estudo do elemento genérico do sintagma toponímico dos acidentes físicos e humanos, em razão das singularidades desses nomes reveladores dos aspectos do relevo e da hidrografia, os primeiros, e das diferentes formas de organização dos aglomerados urbanos a depender dos períodos históricos em que foram constituídos, os segundos.

A seção III está voltada para o processo de realização da pesquisa, alicerçado por leituras de obras específicas e subsidiárias. Descreve critérios e procedimentos adotados para a coleta do *corpus*, tendo como fonte os Mapas Municipais Estatísticos na escala 1: 100.000 (IBGE). Apresenta, ainda, a quantidade de topônimos de cada região pesquisada e justifica os critérios adotados para a disposição dos dados a serem analisados, conforme (Dick, 2004).

A seção IV, por sua vez, foi destinada à descrição e análise dos dados sistematizados por meio de quadros, contendo os topônimos e a respectiva classificação, de acordo com a proposição de Dick (1990; 1992; 1997); (Isquierdo 1996); Francisquini (1998) (*apud* Sousa, 2008, p. 36); projeto ATEPAR (*apud* Dargel, 2003).

Os topônimos analisados são dispostos em tabelas e em gráficos, com destaque para as tendências detectadas, incluindo comparabilidade dos dados segundo as áreas geográficas investigadas. Do ponto de vista qualitativo, a análise busca contemplar as dez *taxes* mais produtivas, além da língua de origem e a estrutura morfológica dos topônimos.

O léxico regional identificado na toponímia investigada foi disposto em um quadro com as definições em sentido regional e em sentido geral, quando foi possível identificar uma aceção geral, bem como, a indicação dos estados que compartilham o mesmo regionalismo. Os significados foram obtidos a partir de obras lexicográficas regionais e gerais apropriadas ao objetivo. Os regionalismos específicos do estado de Mato Grosso foram analisados em texto, na sequência do quadro.

Os topônimos toponimizados foram identificados por município onde foram coletados, apresentados em quadros e agrupados por tipologias de acidentes, seguidos da respectiva análise, conforme a motivação para o surgimento do denominativo.

Finalizando, estão as considerações finais e as referências.

O *corpus* constituído e os resultados do estudo dos topônimos catalogados poderão futuramente integrar o banco de dados *Atlas Toponímico de Mato Grosso* e

possibilitar novas pesquisas a partir dos dados inventariados, classificados e analisados que ficarão disponíveis para outros estudiosos.

SEÇÃO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção discute questões teóricas que fundamentam e norteiam esta pesquisa, ancorada na Linguística, mais especificamente, em contribuições teóricas relacionadas tanto aos estudos lexicais, buscando interfaces entre língua, cultura e sociedade, quanto à Onomástica, em especial, a Toponímia.

1.1. Língua e sociedade: relação indissociável

A língua permite ao falante realizar usos infinitos em variados contextos, para expressar seus pensamentos, emoções, crenças e valores. Contudo, conforme Benveniste (1991, p. 68), em seus diversos usos, “[...] a realidade da língua permanece, via de regra, inconsciente; excetuado o caso de estudo propriamente linguístico, não temos senão uma consciência fraca e fugidia das operações que efetuamos para falar”. Na verdade, a atividade linguística pressupõe que o falante tenha internalizado a gramática e o repertório lexical do sistema linguístico a que tem acesso, condição básica para comunicar-se minimamente por meio da língua falada, o grande motor da interação social.

Nesse contexto, a realização de uma pesquisa acadêmica no domínio dos estudos linguísticos pode ser compreendida como um estudo metalinguístico em que se toma a língua como veículo para reflexões sobre um de seus campos. No bojo dessas reflexões, inclui-se a própria definição de língua como uma das formas de linguagem, embora língua e linguagem sejam terminologias, não raras vezes, empregadas com equivalência de sentido, uma língua natural (Lyons, 2016).

Valendo-se de Chomsky¹ (1957), Lyons (2016, p. 7) defende que “tanto a linguagem quanto as línguas específicas podem ser encaradas como comportamento, ou atividade, parcialmente observável e identificável como comportamento linguístico [...]”. Essa perspectiva é generosa e relativa à percepção do fenômeno linguístico no senso comum, uma vez que a interação comunicativa pode ser observada por espectadores que não participam do ato comunicativo e, ainda que a língua utilizada seja conhecida somente pelos envolvidos no processo comunicativo, os observadores sabem que se trata de um fenômeno linguístico, ou seja, a compreensão da língua como um comportamento

¹ - Na obra *Syntactic Structures* (1957) (*Aspectos da Teoria da Sintaxe*), Noam Chomsky postula que diante da afirmação “alguém fala inglês”, há duas possibilidades de compreensão da sentença: a) que o falante, habitualmente adota um tipo específico de comportamento; b) que ele tem a capacidade de adotar tal comportamento, exercendo-o ou não. O primeiro refere-se ao *desempenho*, e o segundo, à *competência*.

linguístico é acessível ao entendimento do falante leigo mais do que a de língua como um sistema de signos.

A Linguística Moderna, como estudo científico da linguagem, nasce com a publicação do *Curso de Linguística Geral*, que difundiu as ideias de Ferdinand Saussure (1916). As investigações no campo da linguagem, até então, vinculadas a outras disciplinas, especialmente à Filosofia, foram elevadas, a partir da publicação dessa obra, ao status de ciência autônoma, tendo a língua como objeto específico de investigação da ciência Linguística. Os axiomas propostos por Saussure, particularmente a distinção entre língua e fala, tiveram um impacto profundo na forma como a Linguística passou a ser compreendida a partir dessa obra.

De acordo com Saussure (2012 [1916], p. 41), a língua “[...] é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação”. A língua é, portanto, uma parte essencial da linguagem, um conjunto de convenções estipulado e aceito pelos membros de uma comunidade que permite a realização da faculdade da linguagem pelos falantes.

A linguagem, por sua vez, é “multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica” (Saussure, 2012, p. 41), pertencente tanto ao domínio social quanto ao individual, não sendo suscetível de ser submetida ao rigor teórico pela categorização e classificação em abordagem estruturalista defendida pelo autor. A concepção de língua seria a mais adequada para uma definição como sistema autônomo.

Para Benveniste (1991, p. 20), “[...] a linguística tem duplo objeto: é a ciência da linguagem e a ciência das línguas”. Conforme o autor “[...] a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza”. Assim, a Linguística é ciência que fornece teorias para o estudo das línguas, tarefa da qual se ocupam os linguistas. A linguagem seria o próprio uso da língua, o emprego dos seus signos. A relação entre forma e sentido, para Benveniste (1991, p. 134), constituiu-se como um grande desafio para os linguistas, pois, ao reduzirem a língua à noção de forma, não conseguiram se libertar do sentido. Sapir (1971, p. 22), por sua vez, concebe a linguagem como “um método puramente humano e não instintivo de comunicação de ideias, emoções e desejos por meio de um sistema de símbolos voluntariamente produzidos”. O autor trata do conceito de linguagem restrito ao campo linguístico, ou seja, com foco na

linguagem humana, característica mais marcante dessa espécie. Somente no reduto de uma sociedade, o falante desenvolve a complexa aptidão para a linguagem, a capacidade de produzir símbolos de forma eletiva.

A respeito do caráter social da linguagem e da língua, Benveniste (1991, p. 64) argumenta que, sem “a capacidade de formular e de interpretar um ‘signo’ que remete a uma certa ‘realidade’, a memória da experiência e a aptidão para decompô-la”, nenhuma linguagem é possível. A língua/linguagem funciona como mediadora entre o homem e os fenômenos da realidade. É resultado da interação social e, ao permitir ao homem materializar seu pensamento, reflete a representação do mundo em que ele vive. Nesse sentido, “o caráter da linguagem é o de propiciar um substituto da experiência que seja adequado para ser transmitido sem fim no tempo e no espaço” (Benveniste, 1991, p. 65). Na aquisição de uma linguagem/língua, adquire-se, também, a tradição, os costumes, o fazer material e imaterial, a história e as conquistas do grupo ao qual o falante/usuário está inserido.

Pautando-se em estudo comparativo entre os sistemas léxicos dos povos norte-americanos, Sapir (1969, p. 19-20) pondera que

[...] a língua está se tornando um guia cada vez mais valioso no estudo científico de uma dada cultura. Em certo sentido, a trama de padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização se expressa. É uma ilusão pensar que possamos entender os lineamentos significativos de uma cultura pela pura observação e sem o auxílio do simbolismo linguístico, que torna esses lineamentos significativos e inteligíveis à sociedade.

A língua é fator de ordenação do mundo, o qual é construído por meio de práticas linguísticas representativas de uma sociedade. A investigação de uma língua veiculada por um grupo sociolinguístico-cultural proporciona condições para o conhecimento dos falantes que a constituem e a disseminam. De acordo com Sapir (1969, p. 20), “é uma completa ilusão imaginar que alguém se ajuste à realidade sem o auxílio essencial da língua e que a língua seja, meramente, um meio ocasional de resolver problemas específicos de comunicação ou raciocínio”. Segundo o autor, cada língua recorta a realidade de forma única e o mundo real é construído, de forma inconsciente, calcado nos hábitos linguísticos próprios de uma comunidade de fala e, conseqüentemente, uma mesma língua apresenta características distintas em territórios diferentes.

Assim, no estudo da língua, os contextos socioculturais em que ela se estabelece são elementos básicos para a compreensão de determinados aspectos que escapam ao sistema interno da língua, pois “língua, sociedade e cultura são indissociáveis, interagem continuamente, constituem, na verdade, um único processo complexo [...]” (Barbosa,

1981, p. 158). Alkmim (2006, p, 21) entende que “a história da humanidade é a história de seres organizados em sociedades e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua”. Podemos, então, considerar a língua como uma das complexas habilidades que nos tornam humanos.

Lucchesi (2015, p. 48), por sua vez, reitera que “as línguas se formam nas relações sociais entre os indivíduos de uma mesma comunidade, ao mesmo tempo em que são o meio que possibilita as formas superiores de relação social que só a espécie humana atingiu”. A língua configura-se, pois, como o conteúdo a ser expresso e o meio em que esse conteúdo pode ser expresso. Assim, são igualmente importantes as estruturas internas da língua e os fatores extralinguísticos materializados, especialmente, por meio do léxico.

Dick (1990, p. 32) reitera que “a efetiva capacidade do ser humano para a linguagem permite-lhe, conseqüentemente, traduzir em ‘formas significativas’ ou em ‘palavras’, os mais variados aspectos de sua cultura, integralizando-os em um todo orgânico”. Ou seja, por trás da aparente feição individual das palavras, há uma rede complexa de relações distintas que as unidades lexicais estabelecem entre si, dentro do sistema linguístico que lhe é próprio.

Nesse domínio da língua, situa-se o léxico, concebido por Biderman (1981, p. 138) “[...] como o tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural”. O sistema lexical se constitui como uma organização única das experiências humanas, categorizando-as em conceitos associados aos signos linguísticos, sendo, portanto, considerado o menos linguístico de todos os níveis da língua. Em outro estudo, Biderman (1998, p. 91) destaca que “o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo” e, sendo o conhecimento um processo constante de mudanças que se reflete na língua, o nível lexical é o que mais claramente absorve os aspectos socioculturais de uma comunidade.

Nesse contexto dos níveis de uma língua natural, o léxico é o que mais revela a identidade cultural de uma comunidade, como um sistema aberto que acompanha as transformações sociais. A esse respeito, Sapir (1969, p. 45) assevera que

[...] o léxico de uma língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade.

O autor pondera, ainda, que “explicar todo traço de cultura humana como proveniente apenas da ação do ambiente físico [...] parece assentar-se numa ilusão” e considera que “uma influência ambiental, mesmo de caráter mais simples, é sempre consolidada ou mudada pelas forças sociais” (Sapir, 1969, p. 43-44). Ilustram o exposto, no *corpus* deste estudo, topônimos, como, *Taquaral*, *Coqueiral*, *Guanandi*, *Sucuri*, *Traíra*, *Piraputanga* etc., que nomeiam córregos, rios, ribeirões, cabeceiras, cachoeiras, povoados, serras, morros, dentre outros acidentes, nos municípios que foram pesquisados. No caso, a toponímia valoriza nomes de espécies vegetais e animais que, além de existirem na região, devem ter um valor significativo para os habitantes das regiões mato-grossenses eleitas como áreas de pesquisa, o que justifica o fato de seus nomes terem sido elevados à categoria de topônimos.

Isquierdo e Krieger (2004, p. 11) consideram que “a palavra favorece a transfiguração da experiência num universo de discurso” no qual assume diferentes dimensões, conforme a natureza de cada discurso. Argumentam, ainda, que a “complexidade inerente à palavra tem motivado, desde a Antiguidade clássica, o surgimento de diferentes abordagens teóricas, não raras vezes controversas, que tentam elucidar, clarear o conceito de palavra”. Assim, no campo da ciência, o léxico de uma língua pode ser estudado pela Lexicologia, que tem como objeto de estudo a palavra, a categorização e estruturação do léxico; pela Lexicografia, que se ocupa do tratamento lexicográfico do acervo vocabular da língua; pela Terminologia, que estuda as unidades lexicais específicas das áreas de especialidades, os termos; pela Fraseologia, que analisa as unidades complexas, tanto no vocabulário comum, quanto no de especialidade.

Além disso, na esfera dos estudos lexicais, situa-se, também, a Onomástica, ciência que tem como objeto de estudo os nomes próprios existentes em uma língua, desdobrando-se em diferentes subáreas, dentre as quais, a Antroponímia, que estuda os nomes próprios de pessoas, e a Toponímia, que se ocupa dos nomes próprios de lugares (Dick, 1992, p. 16).

O tópico que segue aborda questões relativas ao léxico regional e ao léxico toponímico, subsistemas do léxico geral das línguas.

1.2. Léxico regional e léxico toponímico

Geograficamente, os espaços são divididos em unidades menores e com independência administrativa, como ocorre no Brasil, em que o território é dividido em

regiões, estados e municípios que, por seu turno, são fracionados em distritos e localidades, organizações territoriais que não constituem unidades administrativas e podem conter subdivisões ainda menores, como bairros, comunidades etc.

Observadas em seus aspectos internos, cada região apresenta características naturais e humanas mais ou menos homogêneas que lhes conferem certa unidade interna no contexto da geografia geral do país. Todavia, na perspectiva de uma região para outra, as características podem ser muito distintas quanto a etnias, processos de colonização, povos originários habitantes dessas áreas, cultura, política, história, economia, geomorfologia, dentre outros aspectos. Essas singularidades, em especial, as de cunho lexical, se refletem na toponímia, como demonstrado ao longo desta Tese.

Ao tratar da questão dos contatos interculturais, Dick (1998, p. 106) pondera que

[...] a sociedade brasileira, de um modo geral, apresenta-se como uma composição étnica heterogênea, contraposta a uma homogeneidade linguística definida pela língua padrão. A consequência de contato de povos diferentes foi a incorporação pelo léxico português de um vocabulário marcado por termos dos três troncos indígenas reconhecidos (tupi, arwak, macro-jê) e de famílias não relacionadas a troncos (Karib), de africanismos coloniais e de estrangeirismos modernos e contemporâneos, além de elementos culturais e comportamentais propriamente ditos.

Por questões históricas, a constituição do léxico do português do Brasil, de início, abarcou itens lexicais da língua africana e de línguas faladas por diferentes etnias indígenas que se somaram ao léxico do português europeu transplantado. As populações falantes dessas línguas habitaram porções diferentes do território brasileiro, utilizando a língua como fator de união e unificação dentro de determinado espaço, expressando, no léxico os seus traços identitários.

Nesse particular, Isquierdo (2012, p. 115) argumenta que,

Como são diversas as sociedades e as culturas, o vocabulário veiculado pelos povos no decurso da história também possui diferentes facetas que o singularizam conforme o momento histórico da língua, a realidade geográfica, o perfil dos falantes, os objetivos da comunicação, as circunstâncias do ato de enunciação.

A variação no eixo sincrônico da língua abarca a variação diatópica ou horizontal que traduz características físicas e histórico-culturais do espaço em que habita o falante, considerando-se, também, as dimensões social e individual do léxico. Em se tratando, especialmente, da dimensão espacial do território brasileiro e da situação de isolamento de parte do seu território, Oliveira (2001, p. 110) esclarece que:

Podemos verificar, mormente no âmbito do léxico, ‘marcas’ regionais por vezes bastante afastadas entre si devido, principalmente, às grandes extensões geográficas de nosso território, ao isolamento em que se encontram algumas

de nossas regiões e, em alguns casos, à influência de povos procedentes de outros pontos da Europa.

No conjunto do léxico geral do português do Brasil encontra-se o léxico regional de diferentes localidades, entendido, genericamente, como “a norma lexical veiculada por habitantes circunscritos a áreas geográficas de diferentes dimensões” (Isquierdo, 2012, p. 116). De acordo com a autora, a denominação ‘regional’ é sempre relativa por trazer implícita a ideia de comparação dos aspectos linguísticos entre os diferentes espaços, a exemplo das diferenças linguísticas verificadas de um estado da federação para outro ou entre os municípios de um mesmo estado. Considera-se como regionalismos, igualmente, casos de diferenças entre o português falado no Brasil em relação ao falado em Portugal ou em outros países que têm a língua portuguesa como língua oficial.

A despeito de certas singularidades, o léxico veiculado pelos habitantes de determinada região integra o léxico geral da comunidade de falantes em questão. Há que se considerar, ainda, que não há coincidência exata entre fronteiras políticas e fronteiras linguísticas e, excetuando-se as comunidades indígenas, as características regionais não comprometem a comunicação entre falantes de regiões diferentes.

A estruturação do léxico regional se constitui, de acordo com Dick (1999, p. 120), “[...] pela conjunção de várias condicionantes linguísticas ou dos diversos dialetos e falares presentes em um determinado território”. O caráter regional do léxico ocorre tanto em casos de atribuição de novos sentidos a palavras já existentes, de maneira a atender necessidades dos falantes, quanto por meio da formação de novas unidades lexicais para atender percepções muito peculiares de um referente mais geral ou para nomear um referente específico da realidade regional

Em estudo realizado sobre o *Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa*, Isquierdo (2001 [1996], p. 100) registra palavras como *judiar*, *sangrar*, *sarar* e *solar* de uso comum na língua que, pelo processo de ‘ressementização’ operado no contexto dos seringais acreanos, passam a nomear referentes relacionados ao trabalho de extração da seiva da seringueira da qual é produzida a borracha. A autora, valendo-se das contribuições de Mario Alinei (1980, 1984, 1994) esclarece que se trata da “‘reciclagem’ de velhas palavras para nomear novos referentes” (Isquierdo, 2001, p. 100).

Relativamente aos nomes próprios de lugares que compõem o *corpus* desta pesquisa, foi identificado, por exemplo, o topônimo *Pai-do-mel/Pai-do-Mé* que nomeia um córrego no município de Nobres (MT), motivado pelo nome de uma espécie de abelha menos agressiva possivelmente existente na região. Esse topônimo incorpora traços

regionais. Outro topônimo que merece destaque é *Facão* que denomina córregos da região em estudo e guarda o sentido regional de “faixa de terra elevada e longitudinal entre sulcos abertos por rodas, dificultando a passagem de veículos (Regionalismo: Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso)” (Houaiss, 2009), devendo ser considerado, nessa acepção, um geomorfotopônimo e não um ergotopônimo, a partir da acepção mais usual do termo *facão* (utensílio semelhante à faca).

No processo de nomeação toponímica, o referente é nomeado pelo nome que melhor traduz a percepção do denominador. De acordo com Trapero (1995, p. 33, tradução nossa)²², toponimista espanhol,

Em uma visão clara e panorâmica do corpus toponímico de um território, pode-se concluir que qualquer palavra da língua pode fazer parte de um topônimo. E deste ponto de vista, a variedade e heterogeneidade deste léxico é comparável à da linguagem comum; tudo está ou pode estar ali: nomes pessoais, demoníacos, nomes de profissões, topônimos propriamente ditos, adjetivos qualificativos, nomes vulgares com referência ao mundo animal, vegetal ou mineral, nomes coletivos, nomes referentes ao mundo da cultura e até nomes referentes ao universo do pensamento e o mundo mágico-religioso. Na realidade, não poderia ser de outra forma, pois a toponímia refere-se à vida total do homem, tanto na sua esfera individual como coletiva e, para isso, vale-se das possibilidades designativas que o léxico total da língua lhe oferece.

Os nomes próprios de lugares podem apresentar muitas combinações do ponto de vista de sua estrutura. Além das classes mais gerais como o substantivo, adjetivo, em nomeações espontâneas e os nomes próprios, os antropônimos, de maior uso em nomeações oficiais urbanas, podem apresentar também formas mais complexas como os enunciados toponímicos incluídos na categoria dos dirrematotopônimos (Dick, 1992), como ocorre com *Valha-me Deus* e *Terra de São Nunca*. Mas, de maneira geral, o léxico toponímico é composto por palavras usuais da língua, em sua maioria, unidades do léxico comum.

No processo de nomeação toponímica fatores do ambiente físico e sócio-histórico-cultural podem funcionar como motivadores de topônimos. De acordo com Dick (1999, p. 121), os topônimos, “por serem específicos em determinados espaços, pontuam os seus

²² - “En una visión ligera y panorámica del corpus toponymicus de un territorio se puede sacar la conclusión de que cualquier palabra de la lengua, cualquiera, puede formar parte de un topónimo. Y desde este punto de vista, la variedad y heterogeneidad de este léxico es comparable al del lenguaje común; ahí está o puede estar todo: nombres propios de persona, gentilicios, nombres de oficios, topónimos propriamente dichos, adjetivos calificativos, nombres comunes con referencia al mundo animal, vegetal o mineral, nombres colectivos, nombres referidos al mundo de la cultura y nombres incluso referidos al universo del pensamiento y al del mundo mágico-religioso. En realidad, no de otra forma podría ser, pues la toponimia se refiere a la vida total del hombre, tanto en su esfera individual como colectiva, y para ello echa mano de las posibilidades designativas que el léxico total de la lengua le brinda” (Trapero, 1995, p. 33).

contornos com uma característica tão forte que se tornam integrantes deles”. Pelo simbolismo da linguagem, uma realidade concreta e materializável é revelada pela palavra ou conjunto de palavras mais adequadas para manifestar o entendimento que o grupo tem da realidade

Isquierdo (2012, p. 116) define léxico toponímico como “o universo de topônimos de uma língua que, por sua vez, estão circunscritos a diferentes espaços geográficos do território coberto por esse sistema linguístico”. Ainda, conforme a mesma estudiosa,

[...] léxico regional e léxico toponímico são considerados subsistemas léxicos intrinsecamente relacionados, à medida que a toponímia local tende a incorporar uma porção significativa do vocabulário de cunho regional veiculado pelos habitantes de um espaço geográfico (Isquierdo, 2012, p. 117).

Os colonizadores, especialmente os oriundos das regiões Sudeste e Sul, foram os grandes desencadeadores do processo denominativo no estado de Mato Grosso, ao constituírem os primeiros acidentes humanos (as diversas aglomerações humanas urbanas e rurais), bem como, foram os responsáveis pela denominação de grande parte dos acidentes físicos (o relevo e as correntes hídricas), pela ocupação de amplos territórios com grandes vazios toponímicos. Nesse contexto, os topônimos podem conter uma significação regional, tanto na área pesquisada, quanto em localidades de origem dos primeiros colonizadores.

Nesse particular, Carvalho (2010, p. 22) entende que

[...] os topônimos dos acidentes físicos são mais estáveis e mais espontâneos do que os antrópicos e representam mais o aspecto de anonimato do denominador. Esses fatores, às vezes, apresentam-se como obstáculos às classificações taxionômicas, porque de certa forma contribuem para a opacidade dos topônimos, ou seja, dificultam a recuperação do significado dos topônimos.

Dick (1997, p. 36) destaca a estabilidade dos topônimos de cursos d’água, especialmente os nomes de rios, ao ponderar que,

[...] avessos a mudanças, quase sempre não costuma haver, em relação a eles, tentativas alteradoras. Arraigam-se ao terreno porque, costumeiramente, refletem circunstâncias típicas, ou do próprio acidente, em sua natureza intrínseca, ou dos locais que percorrem, incorporando ao seu nome os elementos regionais característicos.

Para a autora os nomes de rios e os de montanhas “costumam ser, universalmente, os mais antigos registros que a língua e a toponímia empregam” (Dick, 1997, p. 36). Corroborando os argumentos de Dick, Stewart (1954, p. 2-3) considera que o rio é o primeiro acidente a ser nomeado em uma região.

Conforme Carvalhinhos (2003, p. 173), o topônimo “sobrevive ao próprio fato e língua desaparecidos, ficando seus semas em estado latente, ou seja, opacos, o léxico comum “só pode ser atualizado se fizer parte do léxico virtual do falante, pela própria essência da comunicação verbal”. O léxico regional, portanto, é dependente de condições geográficas, socioculturais, da interação em fronteiras geográficas e de fatores internos do quadro cultural do grupo que podem favorecer a perda dos contornos de particularidades regionais, o que não ocorre tão facilmente no léxico toponímico.

O tópico seguinte aborda questões relativas ao conceito de nome próprio como uma aplicação especial do nome comum.

1.3. O nome próprio - marca de identidade

De maneira geral, os nomes constituem-se como a primeira classe morfológica a ser abordada em todas as fases de estudo da língua, sob a terminologia de substantivos, categoria que, a princípio, é subdividida em comuns e próprios, cabendo outras subdivisões, especialmente, os substantivos comuns.

Essa classificação abrangente de substantivos próprios e comuns é reiteradamente encontrada na gramática tradicional, norteadora do ensino de língua portuguesa, em especial, na rede pública.

As reflexões a respeito do nome já ocorriam no século II-I a.C., na proposta de Dionísio de Trácia, responsável pela primeira gramática do Ocidente. É desse autor a definição do termo *onoma* significando o nome, usado para designar objetos, seres individuais e atividades humanas, de acordo com as informações trazidas por Lyons (1979). À época de Dionísio de Trácia, a discussão voltava-se, essencialmente, para o vínculo entre as palavras e coisas, se natural ou convencional.

Barros (1540, p. 5), na obra *Grammatica da lingua portuguesa*, esclarece que “todolos nomes am de ter hũa de duas calidádes: própria, ou, comũ “. Nessa obra de quase quinhentos anos, o nome próprio é definido como “aquelle que se nam póde atribuir a mais que a hũa só cousa” e o nome comum é aquele “pelo qual entendemos muitas da quelle gẽnero (Barros, 1540, p. 5). Conforme o autor, o nome *cidade* tem uma aplicação geral, enquanto o nome *Lisboa*, por exemplo, não pode ser atribuído a *Roma*. Segundo o mesmo raciocínio, *César*, na função de nome próprio de pessoa, não se refere a *Cipiam*, já *homem*, como uma categoria geral, aplica-se a todo indivíduo do gênero masculino. Assim, tanto o nome próprio de lugar quanto o de pessoa estabelecem conexões com um

quadro de referências dos entes nomeados, de forma a identificá-los em meio a outros lugares e pessoas.

Com a publicação da Gramática de Port-Royal (1660), a distinção clássica dos nomes próprios e comuns limitou-se à definição das duas categorias de nomes, contudo, procurou-se justificar essa divisão com base na compreensão que os homens têm da realidade, conforme se observa nos argumentos de Arnauld e Lancelot (2001 [1960], p. 36):

Temos dois tipos de ideias: o primeiro representa para nós apenas uma coisa singular, como a ideia que cada um tem de seu pai, de sua mãe, de um tal amigo, de seu cavalo, de seu cão, de si mesmo etc. O segundo nos representa muitos semelhantes, aos quais essa mesma ideia pode convir, como a ideia que tenho de um homem em geral, de um cavalo em geral etc. Os homens sentiram a necessidade de nomes diferentes para esses dois tipos de ideias. Chamaram nomes próprios aqueles que convêm às ideias singulares, como o nome Sócrates; o nome Paris, que convém a uma cidade chamada Paris. E chamaram nomes gerais ou apelativos os que significam as ideias comuns, como a palavra homem, que convém a todos os homens em geral, como também palavras como leão, cão, cavalo etc.

Entre as gramáticas contemporâneas destaca-se a de Cunha e Cintra (2008, p. 192), que define nomes próprios como o que particulariza certos indivíduos de uma espécie ou de uma categoria, como, *José, São Paulo, Brasil etc.*, aplicados, respectivamente, a um determinado homem, cidade e país, por outro lado, os nomes comuns homem, cidade e país são aplicados ao universo dessas categorias.

O nome comum estabelece uma comunhão com o aspecto social da realidade nomeada, enquanto o próprio, em diferentes níveis, traduz a ideia de posse, pertencimento, pois, conforme Dick (2007, p. 462), o nome próprio é considerado, “desde há muito, mas nem sempre assim entendido, como ‘o nome por excelência’, ‘o nome peculiar’, ‘característico’, ‘genuíno’, oposto ao comum, ‘ordinário’. É o nome que dimensiona a pessoa e a configuração de um espaço só é definida a partir do nome.

As denominadas gramáticas descritivas de língua portuguesa, dentre as quais a de Castilho (2010, p. 468), tratam da questão do substantivo comum e próprio, apontando a característica denotativa e conotativa do primeiro e somente a denotativa do segundo. Assim, as informações trazidas por um nome incluso na categoria dos substantivos comuns podem evidenciar tanto o sentido literal quanto sentido figurado, ao passo que o nome próprio denota apenas o sentido literal.

A esse respeito, Ullmann (1964, p. 160) argumenta que “a diferença essencial entre os substantivos comuns e os nomes próprios reside na sua função: os primeiros são unidades significativas, os segundos simples marcas de identificação”. Nesse sentido, a

flexibilidade é a característica de realce dos substantivos comuns em detrimento da fixidez que singulariza os nomes próprios.

Na *Moderna Gramática Portuguesa*, Bechara (2015, p. 119) define substantivo próprio como o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, porém, sempre individualmente, apontando os antropônimos e os topônimos como os mais importantes. O mesmo gramático concebe o nome comum como o que se aplica a um ou mais objetos particulares que, por sua vez, reúnem características de determinada classe como *homem, mesa, livro, fevereiro, segunda-feira, papa* etc.

Conforme Bechara (2015), os nomes *fevereiro, segunda-feira* e *papa*, embora comuns, são nomes individualizados por designarem referentes que, pelo contexto extralinguístico, são apreendidos de forma única. O autor pondera, ainda, que o nome próprio, por designar elementos específicos das categorias gerais, pode ser atribuído a qualquer referente e não somente a pessoas e a lugares, uma vez que a ação de atribuir um nome próprio é facultada a todos de modo individual, situação diversa do nome comum que é construído coletivamente para a identificação de seus referentes.

Nota-se que os autores mencionados concebem a atividade de nomear como forma de organizar o mundo sensorial, agrupando-o em categorias, como, plantas, animais, pessoas, lugares, objetos, de maneira geral, assim como, um único elemento dentro dessas categorias mais gerais, por meio da atribuição de um nome próprio. Tanto o nome próprio quanto o comum revelam diferenças: o primeiro evidencia um componente de uma categoria ampla, o segundo aponta para as diferenças entre as categorias.

Outro ponto em comum entre os autores supracitados consiste em não estabelecer diferenças entre o substantivo próprio e o nome próprio. Nessa direção, Di Tullio (2005) aponta essa distinção em uma gramática da língua espanhola, citando como exemplos a obra *Cem anos de solidão*, nome próprio formado por substantivos comuns, e *Universidad Nacional de Camahue*, cuja estrutura combina substantivos comuns e próprios. Em contrapartida, para a autora, há nomes próprios em sintagma nominal que não se configuram como um nome próprio, como, na construção *Buenos Aires da minha infância*. Em todos os exemplos, Di Tullio (2005) tratou de enunciados formados por várias unidades léxicas, embora possam ser apreendidos com o valor de substantivo ou de topônimo/antropônimo, não de forma individualizada. A mesma autora (2005) atesta, ainda, que nome próprio e substantivo próprio quase sempre coincidem, como ocorre em *Gabriel Garcia Marques*. Em toponímia, embora os substantivos sejam, de longe, os mais

frequentes, conforme Trapero (1995, p. 33), qualquer palavra da língua pode assumir a função de topônimo ou fazer parte de um.

A respeito da distinção entre o nome próprio e o comum, Guérios (1981, p. 15-16) assim se posiciona:

[...] a distinção entre o nome próprio (de pessoa etc.) e o nome comum é, aos olhos do linguista, artificial, porque, na sua origem, remota ou não, os antropônimos etc., eram nomes comuns. A única distinção real e concreta é a seguinte: Todos os vocábulos ou signos possuem ‘alma’, i. é, sentido ou significado, e ‘corpo’ ou significante, que é, na linguagem falada, o som, e na linguagem gráfica e escrita [sic]. Ora, os nomes próprios não lembram hoje, no intercâmbio linguístico, os sentidos que despertavam outrora na sua origem, nem lembram outros, donde se inclui que são vocábulos desprovidos de ‘alma’, ou, melhor, ficaram ‘petrificados’; apenas conservam o ‘corpo’ ou significante. O nome Licurgo não lembra mais o ‘caçador de lobos’ primitivo; nem Hipólito ‘que tira ou solta os cavalos’. E não existe entre Lobo e lobo senão o liame de ‘corpos’; da mesma forma entre Camillus e camillus, ‘o que serve os sacerdotes nos sacrifícios’.

A artificialidade destacada pelo autor pode levar ao entendimento de que há uma ligação natural, eterna, imutável e fora do próprio homem, entre o nome ou a expressão comum e a coisa por ele designada, característica ausente somente nos nomes próprios.

A profissão como uma grande geradora de certos nomes próprios de pessoas aponta para a opacidade e a transparência do signo linguístico, mas não significa que Licurgo e Hipólito não tivessem nomes que lhes fora atribuído pelos genitores, além dos motivados pela profissão que se cristalizaram em outras épocas e espaços. Mas, certamente, pelo caráter social da linguagem, os nomes de pessoas são uma aplicação particular dos nomes comuns, em especial, nos primórdios da humanidade. Por sua vez, os substantivos comuns, segundo Guérios (1981, p. 16),

[...] poderão ter ou não, presentemente, as mesmas significações originárias, mas em ambos os casos possuem ‘alma’. E quando não as tenham originárias, é porque houve ‘desvio’ ou evolução. Contudo, isso não é absoluto, pois, p. ex., uma localidade que se chame Bahia, por excelência, pode traduzir de fato e atualmente uma baía.

Essas considerações atestam para a definição de nome comum como marca de um grupo, categoria, espécie e o próprio como marca de identidade de um elemento desses grupos por se tratar de uma percepção universal dos fatos da realidade. Assim, o repertório lexical de uma língua, além de conter os nomes comuns, é fonte para os nomes próprios de pessoas e lugares com toda a carga cultural do momento em que são escolhidos, razão pela qual, nesse contexto, “não pode ser desconsiderada a função referencial, denotativa dos nomes próprios, a par do seu valor simbólico e representativo de uma realidade motivacional” (Isquierdo, 2020, p. 10).

Os nomes próprios de pessoas e de lugares funcionam como uma forma de identificação, de demarcação de territórios que visam a assegurar o pertencimento do homem, necessário como suporte social, sendo as escolhas normalmente pautadas em tradições, valores, crenças, expectativas do denominador.

Na sequência, discute-se a Onomástica, suas origens e fundamentos.

1.4. A Onomástica

A postura teórica assumida por estudiosos de qualquer área do conhecimento está, de maneira geral, intrinsecamente ligada ao fazer científico da tradição cultural da sua época, determinante, para a percepção e para a forma de abordagem do objeto.

Uma postura científica não é inata nos pesquisadores, mas, pelos esforços na realização de uma série de atividades, vai sendo desenvolvida, valendo-se sempre dos avanços anteriores. Toda pesquisa fica como legado para as futuras gerações. Com o estudo dos nomes próprios não poderia ser diferente. Conforme já mencionado, o interesse por essa categoria de nomes é antigo. De acordo com Hajdú (2002, p. 7), para que uma ciência surja, há que se identificar o seu objeto. No caso da Onomástica o princípio pode ser buscado no Egito, entre cinco e seis mil anos atrás, nos seus hieróglifos, um dos primeiros sistemas de escrita do mundo, pelo qual os egípcios inseriam nomes dos deuses em molduras denominadas *cartouche* distinguindo-se, dessa forma, o nome próprio e o nome comum.

Nos planos filosófico e estético os gregos muito refletiram sobre a natureza da linguagem, concebendo o nome como produto da natureza ou como fruto de uma convenção, reflexões essas encontradas no diálogo do *Crátilo*. Se, por um lado, Platão defendia a ideia de que a linguagem era um produto natural e “absteve-se de concluir em favor de uma ou de outra” (Leroy, 1971, p. 17), Aristóteles advogava a tese de que a linguagem era um produto dos homens, uma convenção social.

Nota-se que o estudo dos nomes, de maneira geral, por longo tempo esteve vinculado ao campo especulativo da filosofia e os nomes próprios de pessoas e de lugares despertavam interesse aqueles que nomeavam categorias sociais muito pontuais como deuses, reis, personalidades religiosas e os lugares por onde os fatos de suas vidas se desenrolavam.

Dick (2008, p. 216), por sua vez, valendo-se de Müller (1968), esclarece que

[...] os nomes próprios, por não estarem articulados com a sintaxe textual e por se destacarem, pela característica dêitica que os reveste, do ordenamento discursivo utilizado, foram considerados como ‘uma categoria muito especial de nomes’, devendo ser tratados isoladamente do chamado ‘vocabulário comum’, ainda que participando de sua natureza.

Os nomes próprios de pessoas e de lugares destacam-se entre as outras categorias de nomes, no que diz respeito à identificação de referentes, estando, assim, presentes no cotidiano de todas as pessoas. Para além dessa identificação, outras facetas dessas denominações foram sendo percebidas, estudadas, classificadas, motivando o surgimento de uma área própria de investigação, a Onomástica.

Benveniste (1991, p. 20-22) identifica três fases quanto ao viés metodológico de enquadramento dos estudos de linguagem, no panorama ocidental. A primeira fase pode ser identificada no intervalo de tempo compreendido do período pré-socrático até o século XVIII, de natureza filosófica, especulativa, concentrou todos os esforços quanto a saber se, na gênese, a língua era natural ou convencional, sem estudar o seu funcionamento pela observação. A segunda fase “abre-se no início do século XIX com a descoberta do sânscrito” (Benveniste, 1991, p. 20)³, língua ancestral do Nepal e da Índia, por meio da qual identificou-se o parentesco entre as línguas indo-europeias.

Nesse contexto, surge o método comparativo com o objetivo de “demonstrar o relacionamento genético entre as línguas” (Lyons, 2016, p. 155), buscando referendar a tese de que uma ou mais línguas pertenciam a uma família comum ou protolíngua. Na metodologia do estudo comparativo, os nomes eram investigados quanto à sua estrutura morfológica e fonológica, numa perspectiva diacrônica.

É no contexto dos estudos comparados que se inscreve a sistematização das pesquisas em Toponímia, na Europa, pelas características que lhe são próprias, já que, até então, eram estudos calcados no método da gramática comparativa, visando tão somente à reconstituição etimológica dos nomes.

Nesse sentido, Amaral e Seide (2020, p. 33) ponderam que “o interesse pelo estudo específico dos nomes próprios, no que esses teriam de peculiar, isto é, em suas características exclusivas, é mais recente”. Consideremos que a própria emancipação da Linguística como ciência é também recente, ocorrendo no início do século XX.

Para Dubois (1973, p. 441), a “Onomástica é o ramo da lexicologia que estuda a origem dos nomes próprios. Divide-se, às vezes, esse estudo em antroponímia (que diz

³ - Vale recordar que William Jones, no século XVIII, já defendia a tese de parentesco entre as línguas europeias e indo-arianas. Entendemos a fala de Benveniste (1991, p. 20) no sentido de que a ideia se popularizou no século XIX.

respeito aos nomes próprios de pessoas) e toponímia (que diz respeito aos nomes de lugar)”. A Lexicologia é uma das disciplinas com as quais a Onomástica se relaciona, não estando, porém, a ela subordinada. Conforme Biderman (2001, p. 16), a Lexicologia é uma ciência antiga que tem como “objetos básicos de estudo e análise, a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico”. Para elucidar nomes próprios de lugares, os dicionários são as principais ferramentas e “a Lexicografia é a ciência dos dicionários” (Biderman, 2001, p. 17).

Segundo Isquerdo (2020, p. 11), “[..] a Onomástica, enquanto campo autônomo e solidificado de conhecimento, dialoga com a Linguística, área mais ampla a que se vincula”. O site do Observatório Onomástico da UFMG/Minas Gerais define a Onomástica como o “campo da Linguística responsável pelo estudo dos nomes próprios, analisados em seus diferentes aspectos gramaticais, etimológicos, sócio-históricos, geográficos etc.”. As percepções quanto à área de enquadramento da Onomástica, portanto, apresentam certas nuances, ao mesmo tempo em que atestam a intensificação do estudo dos nomes próprios, de forma científica.

Auguste Longnon (1878) iniciou o estudo dos nomes próprios de lugares na *École Pratique des Hautes-Études* e no *Collège de France*, dirigindo seu interesse especificamente para as propriedades etimológicas dos nomes. Esse marco nos estudos em toponímia despertou o interesse de inúmeros outros pesquisadores, ainda naquele século.

Albert Dauzat, por sua vez, foi o expoente mais ilustre nos primórdios da consolidação da Toponímia, como área de investigação na área da Linguística. Dando continuidade às pesquisas interrompidas pela morte de Longnon, o linguista francês ampliou os processos de pesquisa em toponímia com mais solidez, incluindo as contribuições de outras disciplinas como a História, a Geografia e particularidades regionais, além da etimologia e do significado dos nomes. Para buscar as motivações dos topônimos, focalizou o nome, o homem e as camadas dialetológicas. O pesquisador procurou contemplar, em suas pesquisas toponímicas, os diversos traços originários de grupos linguísticos que habitaram o território, as chamadas superposições linguísticas.

Dauzat, influenciado pelos estudos de Longnon (1878), contribuiu para a consolidação da disciplina Toponímia ao publicar obras como *Les noms de lieux: origine et évolution, villes et villages, pays, cours d'eau, montagnes, lieux-dits* (1926) e *La Toponymie Française* (1939), dentre outras.

A abrangência e a consolidação dos estudos em Onomástica podem ser percebidas na obra de Ullmann (1964, p. 161), segundo o qual “o estudo dos nomes próprios, que pode esclarecer muitos aspectos da história política, econômica e social, afirmou-se recentemente como um ramo da linguística quase independente, e tem os seus congressos próprios e revistas especializadas”. Assim, pela iniciativa e esforços de Albert Dauzat, ocorreu a primeira edição do *Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia (International Congress of Onomastic Sciences)*, sediado em Paris no ano de 1938, o qual congregou estudiosos de 21 países com o objetivo de estabelecer normativas que facilitassem os estudos no campo das investigações do nome próprio de lugar, em sua área específica, a Toponímia.

Esse Congresso, idealizado por Dauzat, passou a ocorrer de três em três anos, sobretudo, em cidades europeias. A 3ª edição aconteceu em Bruxelas em 1949, a 8ª em Haia, em 1966, a antepenúltima em Barcelona em 2011, tendo os anais publicados em 2014, ano em que ocorreu o penúltimo evento e cujos anais foram publicados em 2016.

Em 2017, o evento teve lugar em Debrecen, na Hungria, e os trabalhos apresentados e discutidos nessa edição foram publicados na revista *Onomástica Uralica*, no ano de 2018 (Amaral; Seide, 2020).

Em língua portuguesa, destacam-se os estudos de Vasconcelos (1887), filólogo português que insere a Onomástica ou Onomatologia no ramo da Glotologia, dividindo-a em três subáreas. De acordo com Vasconcelos, como o nome próprio, de maneira geral, apresenta uma variedade considerável, pode ser examinado segundo os seguintes subcampos: i) Toponímia: estudo dos nomes de lugares; ii) Antroponímia: estudo dos nomes próprios de pessoas e iii) Panteonímia: estudo de nomes vários (Vasconcelos, 1931, p. 2). Nesse contexto, o termo antroponímia foi empregado pela primeira vez.

Na obra *Antroponímia Portuguesa: tratado comparativo da origem, significação, classificação, e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes, e apelidos, usados por nós desde a Idade Média até hoje* (1928), Vasconcelos focaliza a etimologia e a gramática dos nomes em uma análise meticulosa e metódica dos antropônimos da língua portuguesa. Já na área da Toponímia, o autor, na obra *Opúsculos (Vol. III) - Onomatologia*, publicada no ano de 1931, conceitua a Toponímia como o estudo dos nomes de nações, povoações, rios, montanhas, vales, dentre outros e, seguindo as diretrizes francesas, o estudo proposto abrange a língua de origem, a transformação fonética, estrutura morfológica do topônimo e causa denominativa, além de arrolar

algumas categorias de causas denominativas que ordenam os topônimos (Vasconcelos, 1931).

Em países como o Canadá e os Estados Unidos, o arcabouço teórico-metodológico da Toponímia também está bem avançado e os estudiosos desse campo de investigação são subsidiados com publicações oficiais da *American name Society*, revista fundada em Detroit no ano de 1951. O objeto desses estudos são a aplicação das categorias do nome, a sua etimologia, origem e significado dos nomes de lugares e de pessoas. Um dos mais expressivos colaboradores é George Stewart, autor de importantes artigos no campo da Toponímia, dentre outros, a *Classification of place names* (1954) em que relaciona mecanismos e meios pelos quais os lugares são nomeados.

No Brasil, o interesse pelo estudo dos nomes próprios é bem mais recente em relação à Europa, Estados Unidos e Canadá devido à implantação tardia dos cursos de Letras nas universidades brasileiras (1933).

Os estudos de língua, no Brasil, estiveram vinculados por um longo período ao campo da filosofia, como um reflexo de tendências gerais, pois, conforme Benveniste (1991, p. 20), “todos sabem que a linguística ocidental nasce na filosofia grega. Tudo proclama essa filiação. A nossa terminologia linguística se compõe em grande parte de termos gregos adotados diretamente ou na sua tradução latina”. Considera-se, ainda, o longo período em que o Brasil foi colônia de Portugal, o que contribuiu, de maneira determinante, para o atraso na percepção da realidade linguística do país. Estando sob a égide de Portugal, a atenção esteve adormecida para as características do português brasileiro.

O pós-independência fortaleceu o pensamento em torno da ideia de que “todos os elementos representativos da brasilidade deveriam ser valorizados em detrimento dos símbolos da velha ordem colonial” (Lucchesi, 2015). Pressupôs-se que o português falado no Brasil diferia em muito da língua falada em Portugal e o “incentivo teria vindo de Leite de Vasconcelos (Amaral; Seide, 2020, p. 46).

A disciplina Linguística foi inserida no currículo das universidades brasileiras em 1962 (Altman, 2012, p. 17) e, nessas circunstâncias, os estudos sobre os nomes próprios foram realizados por estudiosos de áreas diversas, focalizando as línguas indígenas, a exemplo de Sampaio (1901); Cardoso (1961); Drumond (1965).

No cenário brasileiro, na verdade, as pesquisas sobre os nomes próprios de lugares foram impulsionadas por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, a partir de 1980, na Universidade de São Paulo. Em sua Tese de Doutorado, a toponimista brasileira construiu

um modelo teórico ordenador dos estudos toponímicos (Dick, 1990; 1992). De acordo com Dick (1992, p. 112-113), tanto a Toponímia quanto a Antroponímia são responsáveis pela preservação dos fatos culturais em uma determinada área geográfica.

Já a Antroponímia, no Brasil, desenvolveu-se a partir da iniciativa de Mansur Guérios, em seus estudos realizados na primeira metade do século XX, na Universidade Federal do Paraná, a respeito dos nomes próprios de pessoas em seus aspectos linguísticos e motivacionais. O *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*, publicado pelo autor em 1949, com a segunda edição em 1968 e a terceira em 1981, serve de base para as pesquisas antroponímicas no contexto atual.

Contemporaneamente, a obra *Nomes Próprios de Pessoa: Introdução à Antroponímia Brasileira* (Amaral; Seide, 2020) traz um panorama dos estudos onomásticos mundo afora, tratando os nomes como uma categoria de palavras da língua, a tipologia dos nomes, os seus aspectos morfológicos e semânticos, a relação entre nomes próprios e léxico comum, dentre outros assuntos. A pesquisa alarga a compreensão sobre o comportamento social e cultural revelados pelos antropônimos.

Como se pode observar, mesmo que as pesquisas onomásticas surgidas a partir dos séculos XIX e XX buscassem o rastro etimológico dos denominativos, representaram um avanço, à medida que focalizavam a língua nacional, diferindo dos estudos anteriores cuja atenção voltava-se para os nomes da Antiguidade, seguindo a orientação em voga dos estudos comparatistas, com pesquisas de cunho filológico.

Relativamente ao objeto da Onomástica, Amaral e Seide (2020, p. 31) assim se posicionam:

Por onomástica, além do significado de ‘relação de nomes próprios’, compreendemos o estudo dos nomes próprios, analisados em seus diferentes aspectos gramaticais, etimológicos, sócio-históricos, geográficos etc. Nesse sentido, constitui um campo autônomo do conhecimento, mas que possui interface com diferentes áreas, como linguística, história, antropologia etc.

Nessa perspectiva, Antroponímia e Toponímia apresentam finalidades inerentes à sua natureza, com metodologia que engloba a análise e interpretação do aporte documental – Antroponímia – investigação a partir de mapas, documentos, pesquisa de campo – Toponímia.

Recorrendo-se ao já pontuado, nota-se que a ciência Onomástica analisa nomes próprios que são resultado de escolha deliberada do(s) denominador(es) de uma família, o antropônimo, e de um grupo social ou poder político-administrativo constituído, o topônimo.

Ainda segundo Carvalhinhos (2001, p. 304), “uma das principais funções do nome, seja aplicado ao lugar ou a pessoas, é identificar e particularizar o elemento denominado”. Assim, em razão da função referencial, os nomes próprios de pessoas e de lugares não dão pistas das informações que carregam, o que justifica as contribuições dos estudos onomásticos.

De acordo com Dick (2007, p. 144),

Onomástica, porém, é muito mais do que um mero fator auxiliar do agir e do viver individual ou coletivo; é indício de rumos tomados pelos falares ao longo dos períodos históricos, de comportamentos presentes no cotidiano e de atitudes morais ou operosas valorizadas pela população.

A abordagem de Dick sobre nomes próprios difere daquela concebida pela Filosofia da Linguagem que considera a função referencial dos nomes. Na concepção de Dick, o antropônimo e o topônimo vão muito além do seu emprego para referir-se a uma pessoa ou a um lugar no mundo.

O antropônimo embasa uma das taxonomias do modelo teórico de Dick (1992), a taxa dos antropotopônimos que, a depender da região e da natureza do acidente, se físico ou humano, configura-se como uma das mais produtivas.

A perspectiva teórico-metodológica que norteou as primeiras pesquisas em toponímia, no cenário brasileiro, bem como os avanços no campo da Onomástica é o foco do tópico que segue.

1.5. A toponímia como área de investigação

Como anteriormente assinalado, inicialmente os estudos de linguagem, no cenário brasileiro, orientaram-se, em termos teórico-metodológicos, por correntes de pensamento que dominavam as pesquisas, de forma mais ampla, no cenário mundial.

Com a descoberta da relação de parentesco entre as línguas, conforme Benveniste (1991, p. 20-21), “elabora-se a linguística dentro dos quadros da gramática comparada, com métodos que se tornam cada vez mais rigorosos”. Entretanto, “é preciso ver que, até os primeiros decênios do nosso século, a linguística consistia essencialmente numa genética das línguas”, pois não havia preocupação com a descrição de uma língua por ela mesma, bem como, examinar se as categorias fundadas em gramática grega ou latina tinham aplicação válida para as demais línguas. Nessas circunstâncias, as inquietações quanto à natureza do fato linguístico, a realidade da língua, a relação entre os sons e os sentidos, a evolução das formas e ao mesmo tempo, a permanência da língua, não

respondidas pela Gramática Histórica, inquietaram os estudiosos, despertando-os para outras realidades.

Ainda conforme Benveniste (1991, p. 21),

[...] os linguistas começavam a interessar-se pelas línguas não escritas e sem história, principalmente pelas línguas indígenas da América, e descobriam que os quadros tradicionais empregados para as línguas indo-europeias não se aplicavam aí. Tratava-se de categorias absolutamente diferentes que, escapando a uma descrição histórica, obrigavam à elaboração de novo aparato de definições e a novo método de análise.

Esse foi o momento que culminou com a publicação do *Curso de Linguística Geral*, em 1916, que trazia a abordagem da língua, em seu estado sincrônico, um dos pontos fundamentais da teoria de Saussure (2012 [1916]). Benveniste (1991, p. 21) aponta esse momento como a terceira fase na cronologia dos estudos linguísticos.

Guardando-se as devidas ressalvas, as mudanças de paradigmas em ciências necessitam de marcos temporais para a compreensão do processo, por questões didáticas, entretanto, os fatores que condicionam as mudanças mesclam-se entre uma fase e outra.

Nesse contexto, no Brasil, os estudos em toponímia, despontam com a obra clássica para a cultura brasileira de autoria de Sampaio (1901) *O Tupi na Geografia Nacional*. A publicação foi realizada pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e vem sendo enriquecida a cada reedição.

De acordo com o autor,

[...] não há quem desconheça a predominância do tupi em nossas denominações geográficas. As nossas montanhas, os nossos rios, as cidades como os simples povoados, trazem geralmente nomes bárbaros que o gentio, dominador outrora, lhes aplicou, que os conquistadores respeitaram e que hoje são de todos preferidos, pois, não raro, trocam-se, substituem-se nomes portugueses de antigas localidades por outros de procedência indígena, às vezes lembrados ou compostos na ocasião, às vezes restaurados pelos amadores de coisas velhas e tradicionais. (Sampaio, 1987, p. 63).

Essa obra versa sobre a influência indígena na geografia brasileira, com minucioso estudo da ortografia e descrição pormenorizada do sentido dos nomes de procedência tupi. Constituída, na primeira parte, por quatro capítulos, onde são abordados os aspectos de expansão e domínio do tupi na geografia brasileira, com apontamentos sobre as alterações fônicas de sua gramática e de interpretação desses nomes. Na segunda parte da obra, o autor reúne um vocabulário de termos em língua tupi e as suas respectivas formas gráficas. Os itens lexicais compreendidos, nesse vocabulário, foram submetidos a uma análise criteriosa, tendo como fonte documental relatos de viagens, crônicas antigas e

obras de caráter histórico, a fim de aproximá-las da grafia original e chegar a uma elucidação segura da semântica e da etimologia.

Em relação à essa obra pioneira, Cardoso (1961, p. 17) avalia que “o livro precioso de Teodoro Sampaio, o nunca assaz louvado *O tupi na geografia nacional*, foi, entretanto, uma porta aberta, uma picada, uma clareira, apenas, no imenso cipoal da contribuição das línguas ameríndias”. O autor esclarece ainda que o tupi, verdadeiramente, foi a língua de maior abrangência no vocabulário do português do Brasil, especialmente na toponímia, embora tenha havido registros de línguas de outros troncos linguísticos.

Cardoso (1961 p. 17) reconhece o pioneirismo de Sampaio e reitera que o autor “não só abriu o caminho como, e principalmente, apontou o rumo em que deviam ser orientados os futuros trabalhos sobre toponímia brasílica” (Cardoso, 1961, p. 17).

Entretanto, esclarece o mesmo autor que “a língua tupi, porém, não foi a única a influir, nem na lexicologia, nem na toponímia [...]”, embora Sampaio (1901) já afirmasse a presença de termos de outras línguas, mas de rara ocorrência (Cardoso, 1961, p. 17). Assim, argumenta Cardoso (1961, p. 19) que “a toponímia brasileira de origem não tupi, que é a minha contribuição aos estudiosos de assuntos brasileiros”. Como conhecedor dos topônimos brasílicos da Amazônia, analisou a toponímia dos povos caribe e aruaque, em termos de etimologia e de significados, estudos reunidos na obra *Toponímia Brasílica* (1961).

No Brasil, a colonização do interior do território só passou a ocorrer efetivamente a partir do século XVIII, o que justifica o suposto atraso na abordagem de línguas diferentes do tupi.

Pode-se apreender pelo raciocínio do autor que, por toponímia brasílica (do Brasil), ele considerava somente os nomes oriundos dos povos originários, a partir de uma fissura com o português ligado, pelo menos no plano teórico, a Portugal. Além disso, Cardoso (1961, p. 20-23) apresenta a análise de algumas palavras classificadas, por estudiosos que o precederam, com étimo do tupi, quando, de fato, eram da língua aruaque.

De acordo com o mesmo autor, na toponímia do Amazonas, por exemplo, destaca-se o topônimo *Paríma* que nomeia o relevo de determinado ponto da região, denominativo classificado em uma obra, anteriormente publicada, como oriunda do tupi, cujo étimo é *Pará* (rio) + *ímã* (serra). Todavia, para Cardoso (1961, p. 20-21), o vocábulo é de língua caribe, *Parú* (rio, água) + *ímã*, (o pai, o formador, o maior de todos) compondo o sintagma nominal com o sentido de *O Pai das águas*.

Do mesmo modo, Drumond (1965), em sua obra *Contribuição do Bororo à toponímia brasílica*, ao mesmo tempo em que mantém como objeto de interesse as línguas da terra, amplia o elenco de línguas indígenas que não o tupi, ao investigar cientificamente os nomes de lugares provenientes do Bororo, língua falada por etnias indígenas da região Centro-Oeste do Brasil.

O autor destaca inúmeros motivos como justificativa da abordagem da língua bororo em sua pesquisa, apontando como a mais importante a observação feita pelo professor Aroldo de Azevedo, catedrático de Geografia do Brasil da Faculdade de Filosofia – USP, de que os nomes Bororo, ao seu ver, “constituíam uma das mais interessantes ‘ilhas’ no âmago da toponímia brasileira” (*apud* Drumond, 1965, p. 17).

Assim, do ponto de vista linguístico, a elaboração do trabalho visava, prioritariamente, a examinar os topônimos quase integralmente isentos de “deturpações”. Trata-se de povos que se mantiveram em estado de isolamento por muito tempo, mesmo após o descobrimento e independência do Brasil.

Essa pesquisa resultou em sua tese de Livre-Docência pelo Instituto de Estudos Brasileiros/USP cuja importância e justificativa mais amplas pode-se depreender das palavras do próprio autor: “dentre os assuntos que podemos englobar sob a rubrica geral de ‘estudos brasileiros’, um dos mais negligenciados tem sido, sem dúvida alguma, o referente aos nomes de lugares ou de acidentes geográficos” (Drumond, 1965, p. 13). Nota-se que o autor aponta a lacuna de estudos relacionados aos nomes de lugares no Brasil, independente da procedência desses nomes.

Dick (2006, p. 94), considerando esse cenário, argumenta que, no panorama geral da realidade brasileira, a toponímia “tinha seu interesse centrado mais nas línguas da terra, especialmente no tupi antigo, do que no próprio elenco denominativo do português”. Cientes de que a língua carrega a história e a cultura de um povo, esses estudiosos da toponímia que focaram o interesse no tupi e, posteriormente, em línguas de outras etnias indígenas, revelaram preocupação diante da certeza de que essas línguas desapareceriam no transcurso do tempo, em contexto de colonização e de ações civilizatórias e/ou junto aos próprios falantes. A mesma observação atribuída aos estudos em Onomástica, quando iniciados, no sentido de já representarem um avanço, por focalizarem as línguas nacionais, vale para os primeiros estudos de toponímia brasileira que obedeciam, com certo atraso, às coordenadas mais amplas, quanto a estudar a língua em seus aspectos diacrônicos, porém, focalizando as línguas dos povos originários.

Destaca-se que, no Brasil, a Toponímia despontou-se como ramo de estudo dos nomes próprios de lugares com a atenção voltada para as propriedades etimológicas dos nomes. Nesse contexto, de acordo com Drumond (1965, p. 13) “com raríssimas exceções, estudos deste gênero têm sido feitos mais a título de ‘curiosidade’, sem os métodos apropriados” e, na visão do mesmo autor, os estudos nada mais eram “do que simples listas de palavras de origem indígena, acompanhadas de um provável significado” (p. 13-14).

A toponímia era concebida por apenas um dos seus ângulos desconsiderando, assim, um conjunto mais amplo e completo de informações acerca de uma realidade. É preciso lembrar que os padres jesuítas deixaram grande contributo para a descrição das línguas indígenas, especialmente a tupi-guarani, embora com finalidades práticas de inter-relacionamento, sem pretensões de contribuir com estudos científicos das línguas descritas.

O próprio Drumond (1965) recebeu ajuda dos padres Ângelo Jayme Venturelli e César Albisetti, relativamente à língua Bororo, sendo considerado, este último, pelo próprio autor, como “o maior conhecedor da língua Bororo” (Drumond, 1965, p. 18).

No entendimento do mesmo autor, os estudos em toponímia deveriam abranger

A história das transformações dos nomes de lugares, a sua evolução fonética; as alterações de diversas ordens; o seu desaparecimento; a sua relação com as migrações, a colonização, os estabelecimentos humanos e o aproveitamento do solo; os nomes inspirados por crenças mitológicas, visando, algumas vezes, assegurar a proteção dos santos ou Deus etc. (Drumond, 1965, p. 14).

A preocupação de Drumond (1965) revelou-se profícua, pois com a defesa da Tese de doutorado *A motivação toponímica e a realidade brasileira: princípios teóricos e modelos taxonômicos* (1980), de autoria de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick sob a orientação de Drumond, os estudos toponímicos no Brasil foram impulsionados e direcionados para a formatação em que se encontram no estágio atual. Conforme Dick (1997, p. 12, a Toponímia é

[...] a disciplina que caminha ao lado da história, servindo-se de seus dados para dar legitimidade a topônimos de um determinado contexto regional, inteirando-se de sua origem para estabelecer as causas motivadoras, num espaço e tempo preciso [*sic*], procurando relacionar um nome ao outro, de modo que, da distribuição conjunta, se infira um modelo onomástico dominante ou vários modelos simultâneos. Procura apreender essa tendência também em função dos acidentes geográficos que servem de base física ao nome empregado, a fim de que se verifique a sua projeção no denominativo e em que termos isso ocorre. Procura, ainda, estabelecer pontos de intersecção entre os designativos e as línguas faladas no local, de maneira a determinar as tendências linguísticas manifestadas nos topônimos, ou em que medida estes expressam formas antigas de linguagem, com as modificações experimentais.

A toponimista brasileira elaborou um modelo taxonômico para subsidiar a classificação dos topônimos quanto à motivação, contendo, inicialmente, 19 taxes concebidas com base em motivações toponímicas identificadas no seu *corpus* de estudo formado por topônimos brasileiros. Posteriormente, o modelo foi ampliado pela autora para 27 taxes (Dick, 1992).

A partir dessa perspectiva mais abrangente, as pesquisas em toponímia no Brasil passam a analisar o topônimo de forma mais ampla, considerando, por um lado, os aspectos linguísticos, e, por outro, informações acerca da realidade nomeada e do denominador, quando passíveis de recuperação.

Trapero (1995, p. 21, tradução nossa), pesquisador espanhol, assim define a Toponímia como área de investigação:

A toponímia é uma disciplina cujos problemas têm sido partilhados pela linguística, pela geografia, pela história, pela botânica, pela arqueologia, pela antropologia... E todas elas reivindicando um 'direito' de propriedade. Mas será preciso concordar que a linguística tem mais (não digo exclusivo) 'direito' do que qualquer outra, como perspectiva que tenta explicar uma parte do léxico de um lugar, de uma região, de uma língua⁴.

Nota-se que o autor aponta para a linha aparentemente tênue que delimita a análise da toponímia, dando destaque para a dimensão linguística, questão já apontada por Dick (1990, p. 35), ao ponderar que

Uma das grandes dificuldades que cercaram o conceito da Toponímia como disciplina autônoma foi, exatamente, o problema da delimitação do seu campo de trabalho e a caracterização de seu objeto específico. As diferentes nuances significativas que dão forma ao nome de lugar, e as mais diversificadas informações que dele se pode depreender, acabariam por tornar a matéria um repositório de fatos culturais de amplitude considerável.

Considerando esse viés de raciocínio, a autora define a Toponímia como “um imenso complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente” (Dick, 1990, p. 35-36). Nessa perspectiva, as informações de cunho histórico, regional, religioso, ideológico, político etc., só são relevantes para o toponimista se considerados com vistas a esclarecer o fator linguístico.

⁴ - “La toponimia es una disciplina cuya problemática se la han repartido la lingüística, la geografía, la historia, la botánica, la arqueología, la antropología... Y todas ellas alegando un "derecho" de propiedad. Pero habrá que convenir que más (no digo exclusivo) "derecho" que ninguna tiene la lingüística, como perspectiva que trata de explicar una parcela del léxico de un lugar, de una región, de una lengua” (Trapero, 1995, p. 21).

Reforçando o caráter linguístico dos estudos toponímicos, Trapero (1995, p. 22)⁵ esclarece que “os verdadeiros problemas linguísticos da toponímia devem ser procurados no comportamento dos seus componentes”.

Dick, ao longo da sua carreira acadêmica de quase quatro décadas, ampliou e aprofundou aspectos da sua teoria a partir de novos dados, contemplando, além do nome próprio de acidentes físicos e humanos de espaços rurais e urbanos, também nomes de edifícios, de fontes, chafarizes, lojas, símbolos de uma comunidade, nomes de ruas, de praças, logradouros e estabelecimentos comerciais, dentre outros, utilizando para as pesquisas, além de fontes oficiais, dados da toponímia paralela coletados por meio de outras fontes (Dick, 1990; 1992; 1997).

Dessa forma, em decorrência da ampliação da concepção do objeto, expande-se também as fontes de dados dessa disciplina, conforme atesta Dick (2006, p. 97): “ao alargarem-se as possibilidades de coletas de dados onomásticos, o trabalho de campo se inscreve dentre os pontos possíveis de utilização”. Assim, a par das cartas topográficas e dos mapas, dentre os quais os oficiais fornecidos pelo IBGE, fontes primárias para as pesquisas toponímicas, os estudos toponímicos podem ter, como fontes, dados orais obtidos por meio de entrevistas. Trata-se da toponímia paralela não registrada em documentos oficiais, embora exijam a busca de dados também por meio de consulta a documentos fornecidos pelos órgãos oficiais, obras históricas e especialmente entrevistas com pessoas que residem no espaço geográfico em estudo.

De acordo com Dick (1992, p. 49),

[...] há um consenso unânime entre os toponimistas de pesquisar as origens da denominação em duas fontes principais, uma, reputada espontânea ou popular, sem uma autoria identificável à primeira vista, porque nascida no seio da população e não individualizada; e, outra, conhecida como sistemática ou oficial, atribuída aos descobridores, aos dirigentes ou ao poder de mando, legitimamente constituído, ou não.

Na denominada toponímia espontânea, mencionada pela autora, ancora-se a nomeação paralela que, conforme Vieira (2000), reúne topônimos que, embora à margem de documentos oficiais, permanecem vivos, denominando lugares, povoados, vilas, sendo mais recorrente na toponímia urbana, convivendo, ora pacificamente com a toponímia oficial, ora substituindo-a.

⁵ - “...los problemas verdaderamente lingüísticos de la toponímia hay que buscarlos en el comportamiento de sus componentes” (Trapero, 1995, p. 22).

Por não ter documentação escrita, configura-se como uma toponímia sujeita ao desaparecimento e, com o distanciamento no tempo, as motivações subjacentes à escolha do topônimo tendem a perder-se, a exemplo do que pode ocorrer com a toponímia oficial em decorrência do distanciamento entre a data do ato da nomeação e a do seu estudo.

No livro *A dinâmica dos nomes da cidade de São Paulo: 1554 – 1897* (1997), Dick introduz a noção de referenciais toponímicos que se relacionam com as taxonomias sistematizadas em trabalhos anteriores e, por extensão, com informações oriundas das causas denominativas.

As pesquisas toponímicas são realizadas, também em parceria com a Geografia e a Cartografia, incluindo a formação de comissões encarregadas de normatizar as terminologias geográficas.

No Brasil, a Toponímia, de forma pioneira, compõe a grade curricular do curso de Graduação em Letras da Universidade de São Paulo (USP) como disciplina *Toponímia Geral do Brasil*, desde a década de 70 do século XX (Dick, 2006, p. 93). Atualmente, se inscreve também nos cursos de pós-graduação, não somente na USP, mas em diversas universidades brasileiras que contemplam linhas de pesquisa voltadas para os estudos do léxico, incluindo o viés da Onomástica, especialmente a Toponímia.

A solidificação da Toponímia como uma área de investigação linguística no Brasil desencadeou pesquisas com o objetivo de conhecer, catalogar, analisar, classificar, comparar os topônimos de uma região pontual para atingir um objetivo maior, a composição de Atlas Toponímicos. Segundo Dick (1996, p. 4), o projeto Atlas Toponímico do Brasil (ATB), originado na USP, tinha como objetivo fazer o registro e o levantamento

[...] dos vocábulos da língua e ou dos padrões dialetais ou falares brasílicos reconhecidos e incorporados à toponímia brasileira, tendo como fonte primária os mapas em escala 1:100.000 e 1:50.000; mas as situações geográficas ou ambientais, históricas e sociológicas que conformam as regiões administrativas são também parte integrante do estudo linguístico porque podem explicar, até com detalhes, as escolhas feitas pelos denominadores, havendo, portanto, nesse item, uma coincidência de propósitos com os atlas das línguas.

A mesma pesquisadora concebeu o projeto do Atlas Toponímico do Estado de São Paulo (ATESP), como uma variante regional do Atlas Toponímico do Brasil (ATB) que, por sua vez, serviu de inspiração para outros pesquisadores da toponímia de diversas universidades, na proposição de projetos de atlas toponímicos estaduais.

Isquerdo e Dargel (2020, p. 20), por exemplo, ao tratarem do projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (ATEMS), esclarecem que

[...] o Projeto ATEMS beneficiou-se dessa fonte à medida que seguiu, fundamentalmente, os princípios teóricos de Dick nas diferentes fases da pesquisa que gerou os primeiros resultados do Atlas. O projeto, a par de outros objetivos específicos, teve como metas organizar um Sistema de Dados informatizado da toponímia [...].

Assim, pesquisar a toponímia de um espaço geográfico qualquer não se furta ao objetivo de fornecer dados para a investigação e descrição de espaços físicos mais amplos, compondo os mapas toponímicos de um município, de um estado, de uma região e de um país.

Isquerdo (2020, p. 9), referindo-se às pesquisas toponímicas no Brasil e à teoria formulada por Dick, reitera que “esse constructo teórico tem orientado as pesquisas nessa área no Brasil, realizadas, tanto na USP quanto nas demais universidades situadas nas mais diferentes regiões brasileiras”. Os estudos visam sempre a um conjunto maior de pesquisas, cujas informações reiteram e/ou definem padrões toponímicos existentes no Brasil, tendo a expectativa de descrever aspectos da toponímia geral do país.

Esta Tese, vincula-se ao Projeto ATEMS – Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul, projeto desenvolvido na UFMS, cuja equipe, além de pesquisadores da instituição, reúne participantes da UEMS, da UFGD, da Rede Pública de Ensino do estado de Mato Grosso do Sul e da UFT.

O Projeto ATEMS já realizou o inventário e o estudo dos topônimos de acidentes físicos e humanos dos 79 municípios do Estado. Uma primeira versão do ATEMS, ainda inédita, foi concluída em 2011 com financiamento da FUNDECT. Está em curso o projeto DTMS – Dicionário de Topônimos de Mato Grosso do Sul.

Para além da região Centro-Oeste, estão em curso o ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais; o ATOBAH - Atlas Toponímica da Bahia; o ATAQB - Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira e o ATEMA - Atlas Toponímico do Estado do Maranhão que reúnem informações sobre o vocabulário onomástico desses estados.

1.5.1. O topônimo: caracterização e função

Os nomes de lugares, a partir de uma visão operacional, mecanicista, desempenham a função de delimitar um espaço dentro de uma área geográfica mais ampla, identificando-a pelo nome que lhe foi atribuído.

De acordo com Salazar-Quijada (1985, p. 08, tradução nossa)⁶,

Para indicar algo que vemos a quem está conosco, basta mostrá-lo com o dedo. Mas se desejamos nos referir a algo que está longe ou que vimos em outra ocasião, temos que nomeá-lo. Pode ser com um termo genérico: o rio, a montanha. Mas se os rios e as montanhas que conhecemos são diversos, precisamos distingui-los, ou seja, dar-lhes um nome próprio.

Pelo nome, conhecemos e reconhecemos os lugares, dentro de um espaço geográfico mais amplo, apreendendo-o por meio da linguagem, sem que, necessariamente, haja aproximação física com a região nomeada. Pela linguagem, a realidade pode ser localizada e referenciada, uma vez que o topônimo é, antes de tudo, um signo de língua e, nessa conjuntura, participa dos processos de conceptualização de conceitos e formação de palavras dentro das regras da língua.

Dick (1990, p. 19) esclarece ainda que o topônimo, “em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes”. Para além da função referencial, por nomear um espaço qualquer, há um conjunto de informações que revelam a percepção do denominador, de modo transparente ou não. Na verdade, é incontestável a presença humana em uma certa região, de forma mais ou menos permanente, se considerado que o processo de nomeação não ocorre, na maioria dos casos, de forma abrupta e intencional, mas somente pela atualização de uma lexia existente no repertório léxico do falante, em um ato enunciativo oral.

Nesse sentido, Isquierdo (1997, p. 29) esclarece que “anteriormente a uma geografia humana existiu uma geografia física. Além desses elementos de natureza física há, ainda, fatores de ordem sociocultural influenciando e/ou determinando a vida do homem inserido nesse meio”. Em síntese, inúmeros fatores se entrecruzam em meio à panorâmica regional, em seu caráter natural ou antropocultural, que irão determinar a escolha do nome que, por sua vez, exercerá a função toponímica.

⁶ “Para indicar que vemos a quien está con nosotros, basta señalarlo con el dedo. Pero si deseamos referirnos a algo que está lejos o que vimos en otra ocasión, lo hemos de denominar. Pueda que haste con el término generico: el rio, la montaña... Pero si los ríos en las montañas que conocemos son diversas, precisa distinguirlos; o sea, darles un nombre propio” (Salzar-Quijada, 1985, p. 08).

Não obstante os topônimos serem uma matéria compartilhada por várias ciências, sua análise no campo da Linguística se torna especial, pois a “função significativa dos mesmos é que se diferencia quando a Toponímia os transforma em seu objeto de estudo” (Dick, 1990, p. 36). Para a estudiosa, considerando a toponímia como um fato do sistema das línguas humanas, o seu princípio essencial encontra-se na Linguística.

Os topônimos exercem também grande importância para a Geografia, por se configurarem como o elemento de identificação dos espaços, permitindo, ao homem, planejar as suas ações sobre ele. A Cartografia, por seu turno, a partir da nomenclatura da região fornecida pela Geografia, constrói um conjunto de documentos como os mapas e cartas topográficas, fundamentais para a representação de uma área em escala menor.

Todavia, como já anteriormente pontuado, em particular, a Linguística é o espaço de estudo da toponímia de uma região, por ser o topônimo um signo de língua e, nessa condição, necessita das ferramentas adequadas da ciência que lhe é própria. Desse modo, as ciências geográficas e cartográficas apontam os dados e a Toponímia os estuda, em uma interface de reciprocidade.

No campo da própria Linguística, a Toponímia relaciona-se, mais de perto, com a Etimologia, a Filologia, a Lexicologia, a Lexicografia, a Morfologia, a Gramática Histórica, dentre outros campos do saber linguístico.

Conforme Dick (1990, p. 21-22),

[...] os topônimos se apresentam, da mesma maneira que os antropônimos, como importantes fatores de comunicação, permitindo, de modo plausível, a referência da entidade por eles designada. Verdadeiros ‘testemunhos históricos’ de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato de nomeação: se a Toponímia se situa como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal.

A toponimista destaca o papel do nome de lugar como fonte reveladora de dados históricos do passado e do presente, de movimentos migratórios, de forças políticas de uma região, da existência de grupos étnicos desaparecidos, de crenças hegemônicas professadas por uma população, além de muitos outros aspectos da vida em sociedade.

Nesse particular, considera-se os topônimos de índole religiosa católica bastante expressivos, no quadro deste estudo, como testemunhos da cultura ibérica em municípios do estado de Mato Grosso, disseminada pelas ações dos jesuítas, no período colonial do Brasil. A influência do catolicismo exercida pelos primeiros colonizadores está impregnada em nomes de rios, de baías, de corixos, de serras, como também na macrotoponímia dos municípios da região pesquisada.

Contudo, considerando-se que muitos municípios mato-grossenses, apesar de criação relativamente recente, também foram denominados com topônimos com as mesmas referências religiosas, apreende-se que a cultura de atribuir nomes de santos aos acidentes físicos e humanos perpetua contemporaneamente na área investigada.

Salazar-Quijada (1985, p. 29-30), pesquisador venezuelano, considera os topônimos como patrimônio valioso dos países, por configurarem-se como meio de identificação de características de uma nação e, por extensão, distingui-la de outros espaços geográficos. O autor acentua, ainda, a interface da Toponímia com a Antropologia, ao conceber o topônimo como um rastro que pode ser a “[...] única evidência da presença histórica de grupos humanos em determinada área”. Essa afirmação pode ser comprovada pelos estudos da toponímia indígena, especialmente em topônimos de rios e formações geomorfológicas, onde são detectados formantes do sintagma toponímico de línguas faladas por povos que não habitam mais a região.

Em muitos casos, são populações extintas, em outros, os remanescentes dessas nações indígenas foram realocados, por meio de leis, em Territórios Indígenas, situados em áreas distantes da de origem dessas etnias.

Trapero (1995, p. 22) também argumenta que o topônimo é “[...] Testemunho sempre inequívoco dos estratos históricos e culturais de um território”, enquanto Isquierdo (2008, p. 36) esclarece que “o vocabulário onomástico-toponímico – os topônimos – tende a ser marcado ideologicamente por consubstanciar a visão do denominador num tempo e num espaço determinados”. É inerente aos grupos humanos a defesa de seus interesses por meio dos valores morais, religiosos, políticos que justificam a forma de agir e sustentam as instituições em cada época. Esses valores são refletidos em unidades léxicas comuns, migrando posteriormente para o léxico toponímico.

Dentre os 141 municípios mato-grossenses, 18 deles são nomeados com topônimos formados com o adjetivo *novo/nova* como primeiro componente do elemento específico, o que evidencia a existência de outro município, seja dentro do próprio estado, seja de outro, nomeado com topônimo idêntico ao segundo componente do elemento específico do sintagma toponímico. Nesse particular, Isquierdo (2013, p. 2) afirma que se trata de nomes transplantados pelo denominador e utilizados para identificar novos referentes “como uma forma de projeção, para outro espaço, do deixado para trás”. Trata-se de formações toponímicas bastante recorrentes em povoamentos recentes.

Na décima acepção trazida por Houaiss (2009), *novo* é definido como aquilo “cuja forma, estrutura ou aparência se mostra modificada em relação à anterior”. Quando

atentamos, por exemplo, para a estrutura do topônimo *Nova Guarita* (município da Região Geográfica Intermediária de Sinop), percebemos que *Guarita* nomeia um município do estado do Rio Grande do Sul, região de origem de grande parte dos colonizadores, o que explica a opção pelo elemento *novo* acrescido ao topônimo já existente para indicar a relação cronológica entre os topônimos que nomeiam o antigo e o novo município.

Outros topônimos perpetuam dados da cultura material de uma época, conservando nomes de produtos considerados obsoletos na atualidade. Ilustra o exposto o topônimo *Candeeiro* que denomina uma praça de Cuiabá que, por sua vez, recupera o nome de uma tecnologia importante de uma época em que as ruas eram iluminadas por esse artefato (Clementi; Isquerdo, 2023). *Candeeiro* entra na categoria de topônimos paralelos, na nomeação de praças de Cuiabá, brevemente mencionados no tópico anterior.

Em relação aos dados dos 27 municípios mato-grossenses em estudo, verifica-se uma expressiva ocorrência do topônimo *Buriti* na nomeação de acidentes físicos e humanos em diversos municípios. Esses dados levam a depreender a existência dessa espécie de planta na região investigada, cujas propriedades, por se tornarem conhecidas pelos habitantes, atendem inúmeras necessidades dessas populações em vários campos de suas vidas, pois, como entende Lévi-Strauss (1989, p.16)⁷, é tendenciosa a tese de que “o indígena nomeia e conceitua unicamente em função de suas necessidades”. Trazendo essa premissa para o campo da toponímia e não somente para a realidade das comunidades indígenas, não devemos supor que, no processo de nomeação, o denominador não seja capaz de maiores abstrações. Conhecer as propriedades e as possíveis aplicações desses vegetais no campo prático da vida, exige um longo processo de observação, questionamentos, realização de experimentos e formulações/reformulações de hipóteses.

Um tipo de formação toponímica bastante comum é a gerada pelo processo de toponimização, definido por Isquerdo (2012, p. 134-135) como um fenômeno recorrente na toponímia, verificado em nomes que, além de denominarem o acidente de forma genérica a exemplo de *corixo* e *baía*, exercem a função de elemento específico do sintagma toponímico em topônimos como córrego do *Corixo*, corixo *Corixão*, vazante do

⁷ - Para Lévi-Strauss (1989, p. 24) o objeto dessa ciência aparentemente de cunho utilitário “[...] não é de ordem prática. Ela antes corresponde a exigências intelectuais ao invés de satisfazer às necessidades”. O autor afasta-se da interpretação utilitarista que justifica a nomeação de espécies animais e vegetais realizada pelo denominador unicamente em razão de constituírem fontes de alimentos e, mais importante, sem admitir o esforço intelectual dessas populações que referenda a utilidade dessas espécies. É uma forma de pensamento que se baseia em toda ciência e cultura possíveis.

Corixo do Pacu, vazante *Baía Branca* entre outros topônimos sul-mato-grossenses analisados pela pesquisadora.

O signo toponímico interessa às diversas ciências por ser um signo em “repouso” no sistema lexical da língua de uma comunidade de falantes. Exercendo a função de nomes de rios, serras, povoados, municípios etc., o topônimo não está afetado por mudanças de acordo com a vontade individual. Como fator de localização, ele atende ao coletivo, organizando a vida de relações em diversos campos nas sociedades. Assim, não há trocas, nessa identificação, sem implicações diretas em diversos setores, especialmente, na economia pelos processos de compra e venda, no turismo ou na vida pessoal dos habitantes.

A transformação de um nome comum em topônimo decorre de fatores de natureza diversa, não sendo, pois, coerente afirmar que essa transformação é realizada de maneira arbitrária, como pôde ser comprovado em todos os exemplos apresentados neste tópico.

Assim, o arbitrário como a ausência de qualquer ligação natural entre o significante e o significado, conforme postulado por Saussure (2012 [1916])⁸, não é considerado como absoluto.

Nesse particular, em toponímia, a perspectiva adotada aproxima-se mais de Guiraud (1975, p. 30) no sentido de que, em princípio, todo signo linguístico é motivado, mesmo que depois a associação do significante e do significado se torne convencional e arbitrária.

Outro linguista a focalizar o caráter arbitrário ou não do signo linguístico foi Ullmann (1964, p. 169), ao considerar “ocioso perguntar se a língua é convencional ou motivada”, pois “todos os idiomas contêm certas palavras arbitrárias e opacas, sem qualquer conexão entre o som e o sentido, e outras que, pelo menos em certo grau, são motivadas e transparentes”. Portanto, para Ullmann, há palavras motivadas (transparentes) e palavras imotivadas (opacas), e considera motivados todos os signos em que a forma não é aleatória aos olhos dos locutores.

⁸ - Saussure (2012 [1916]) discorre sobre a natureza do signo linguístico, entendendo-o como uma associação de um significante com um significado. O vínculo que une essas duas faces indissociáveis é arbitrário. O princípio da arbitrariedade do signo não é contestado por ninguém, pois o signo linguístico une não uma coisa a uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica. Isto quer dizer que a ideia de mar, por exemplo, não está ligada por relação anterior e natural à sequência de sons m-a-r que lhe dá a sua substância. Qualquer outra palavra poderia desempenhar essa função desde que aceite socialmente. Assim, mesmo que Saussure tome a língua como um sistema autônomo, não deixa de evidenciar o seu caráter social, condição para a existência da língua e da linguagem.

A função marcadamente referencial do topônimo aponta para traços de motivação que originaram o signo toponímico, afastando-o, assim, das regras gerais da língua, no que tange à imanência, em busca de uma abordagem mais adequada na ciência Onomástica.

Em se tratando da Toponímia, Dick (1990, p. 34), esclarece que

[...], ainda que, na língua, o signo participe, genericamente, de uma natureza convencional de significação, ao se aplicar o mesmo princípio à Toponímia notar-se-á uma diversidade de aspecto: o elemento linguístico comum, revestido, aqui, de função onomástica ou identificadora de lugares, integra um processo relacionante de motivação onde, muitas vezes, se torna possível deduzir conexões hábeis entre o nome propriamente dito e a área por ele designada.

Nesse enquadramento, a relação significante/significado precisa ser sempre considerada, todavia, quando o signo linguístico está exercendo uma função de topônimo, a autora não admite a possibilidade de signos imotivados na Toponímia.

Biderman (1998, p. 113) aborda a motivação da palavra em função de nome próprio asseverando que se “o referente é um objeto da realidade física, a nomeação pode chegar a um grau máximo de identidade entre palavra e coisa referida, praticamente identificando o nome com seu referente. É o caso dos nomes próprios, sobretudo topônimos”. O topônimo é um significante revestido por uma substância de conteúdo, mas, como nomeador de lugar, ele adquire uma dimensão muito maior, “pois o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se no ato de batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo” (Dick, 1990, 38). Nesse sentido, a autora aponta o caráter duplamente motivado do signo toponímico, considerando o léxico comum como fonte originária e pelas motivações que lhe são atribuídas na nova função onomástica.

A motivação é um aspecto determinante na criação de topônimos que, de acordo com sua carga semântica, pode ser classificado em categorias taxonômicas distintas que se associam ao universo natural ou sociocultural.

Assim, em se tratando da motivação, característica marcante do topônimo, é pertinente considerar que “[...] é motivado, sobretudo, pelas características do local ou pelas impressões, crenças e sentimentos do denominador” (Andrade, 2006, p.130). Os topônimos coletados um a um, nas cartas e mapas do IBGE, guardam, na superfície, uma aparência descontínua e fragmentada, todavia, afastando-se da função dêitica que os reveste, apreende-se uma intrincada rede de relações com os fatores internos e externos da língua, sobremaneira em ordem regional e geral de uma comunidade de fala.

Dick (2006, p. 100) ensina que “o valor pragmático do topônimo não se subsume apenas na intencionalidade momentânea ou casual do denominador; é superior a ela, com implicações exteriorizadas, gerando uma tensão dialética entre objetivos, finalidades, escolhas e resultados práticos”. Assim, a análise desses nomes requer uma explicação de base funcional dentro da metodologia adotada e, a par disso, considerar, em grau maior, as informações que atravessam os dados, como os padrões de comportamento que têm força coercitiva.

As considerações acerca da composição do sintagma toponímico são apresentadas no tópico seguinte.

1.5.2. O sintagma toponímico

O sintagma toponímico, consoante Dick (1992, p. 10), resulta da associação entre o elemento genérico (acidente geográfico) e o elemento específico (topônimo) que particulariza e identifica um espaço, como ilustram os exemplos apresentados no quadro 1 a seguir.

Quadro 1: Estrutura do sintagma toponímico (Dick, 1992).

Elemento genérico	Elemento específico
córrego	Quebó-Guaçu
cachoeira	São Sebastião
córrego	Quebó

Fonte: Elaborado pela autora

O topônimo não é passível de estudo, em separado do elemento geográfico, sendo apreendido, assim, em bloco, uma vez que os dois componentes são importantes para a compreensão das informações que lhes são atinentes. A esse respeito, Carvalhinhos, (2008, p. 177) pondera que:

[...] a relação existente entre um elemento geográfico e seu respectivo nome tem sido objeto de muita discussão desde a sistematização dos estudos de Toponímia. Alguns países, sobretudo aqueles com um histórico de estudos toponímicos, mantêm comissões geográficas, entre cujos objetivos figura a questão nomenclatural.

A primeira fase, a coleta de dados, nas respectivas fontes, acontece quando se identifica, no elemento genérico, a entidade nomeada pelo topônimo. Assim, pelo genérico, identifica-se o tipo de acidente no quadro geral dos acidentes geográficos para uma posterior classificação quanto à sua natureza, se físico ou humano.

Esses nomes geográficos, segundo Carvalhinhos (2008, p. 177),

[...] são, tanto quanto os nomes propriamente ditos, elementos cruciais na análise do sintagma toponímico, pois também carregam traços linguoculturais do denominador, em termos de substância semântica. Estruturalmente, de acordo com a natureza da língua, esses termos ou elementos podem vir justapostos ou aglutinados.

Sem a devida identificação do elemento genérico, não há como realizar a coleta de dados toponímicos, pois do contrário o pesquisador teria que entrar no campo das suposições. Assim, a forma justaposta é a padrão, da maneira como o topônimo está registrado em cartas e mapas do IBGE, o que permite identificar, de forma clara, os elementos constituintes do sintagma toponímico, como em rio *Branco* (denominativo de um rio no município de mesmo nome, na Região Imediata de Cáceres).

Ocorre, entretanto, que se a língua original, tanto do elemento genérico, quanto do específico, não atualiza a forma sintagmática, no discurso ou quando se tratar de uma língua extinta, os componentes podem aparecer de forma aglutinada, formando um bloco único, não sendo possível identificar as partes que o constituem.

De acordo com Dick (1992, p. 10), “frequentemente, nesses casos, adota-se, como recurso explicativo, o reforço de um novo genérico, para complementar a ideia daquele que foi absorvido, por inteiro, no interior do designativo, em seu núcleo complexo”, distinguindo, assim, as partes do sintagma. Um exemplo dessa junção entre o elemento genérico e o elemento específico ocorre em *Saueruiná*, rio de Mato Grosso, em que *uiná* significa *rio* na língua aruaque, necessitando de palavra equivalente em língua portuguesa (Dick, 1992, p. 10).

No *corpus* deste estudo há exemplos que podem esclarecer o exposto, como ocorre com córrego *Quebó* (IBGE, 2010) que assimilou, tanto o genérico, *água*, *córrego* ou *rio* no formante *bó*, quanto o elemento específico, *Que* (Morcego), com o significado de *Rio*, *Córrego* ou *Água de Morcego*. Provavelmente pelo contato com a língua Bororo, a unidade lexical *Quebó* foi associada ao termo genérico *córrego* da língua portuguesa que, de forma segmentada, seria *córrego Córrego de Morcego*, gerando um caso de toponimização.

Os exemplos são fecundos em línguas de origem indígena, por serem tipificadas como línguas aglutinantes, aquelas línguas que fazem uso extensivo da elisão entre os elementos constitutivos das palavras.

Pode também ocorrer de não haver o elemento específico no sintagma toponímico, nesses casos, “essa função é exercida tão somente pelo genérico que engloba, em

simultaneidade, as duas categorias, a de determinado e a de determinante” (Dick, 1992, p. 11). Nesse contexto, a autora cita como exemplos o *Guiêne*, que não tem qualificativo para nomear o rio do Amazonas em língua aruaque e *Purá*, cachoeira dos karibes, exercendo a função completa do sintagma.

No *corpus* coletado, há a ocorrência da unidade lexical *Água*, em Denise (Região Imediata de Tangará da Serra), assumindo a função do elemento genérico e do elemento específico do sintagma toponímico. Trata-se de uma palavra da língua portuguesa, com aplicação similar aos exemplos apresentados por Dick (1992, p. 11) com topônimos originários de língua indígena, caracterizados por uma tipologia constitutiva diferente. Outra forma de constituição encontrada nos dados desta pesquisa foram os topônimos *Corgão* e *Correozinho* na função de todo sintagma toponímico.

O primeiro nomeia córregos em Cáceres, Curvelândia e Reserva do Cabaçal, bem como, um povoado (acidente humano) em Rio Branco, já o segundo nomeia uma corrente hídrica em Cáceres (IBGE, 2010). O topônimo *Corgão* origina-se de *corgo*, unidade lexical que se configura como uma síncope (desaparecimento de fonemas) de *córrego*, com flexão no grau aumentativo *-ão*. *Correozinho*, por sua vez, é constituído a partir de uma derivação por sufixação. Em ambos os casos, só aparece no mapa o elemento específico, todavia, é possível depreender a presença do elemento genérico *corgo* atrelado a uma característica da dimensão do acidente, os morfemas sufixais que traduzem a ideia de *córrego grande* e *córrego pequeno*.

Nos mapas, só se consegue identificar que se trata de nomes de correntes hídricas, em razão da cor da fonte azul e as convenções cartográficas para alguns tipos de acidentes dessa natureza. Relativamente à identificação do povoado, ocorreu pela cor da fonte, preta e negritada e, também, por conhecermos pessoalmente a localidade *Corgão* no município do Rio Branco.

De acordo com Backheuser (1952) em decorrência do acidente físico, seja um rio, uma ilha, um morro, uma montanha etc., serem únicos na localidade, é o que concorre para que não haja a necessidade de maiores discriminações em sua identificação.

O termo genérico do sintagma toponímico pode ser ou não preposicionado como ocorre, respectivamente, com baía *Grande* e serra do *Minador*, topônimos do município de Porto Estrela. No primeiro caso, a estrutura sintagmática do topônimo é constituída por elemento geográfico + topônimo; no segundo, a estrutura é formada pelo elemento geográfico + preposição + topônimo, constituição que estabelece um vínculo de propriedade/pertencimento entre o termo genérico e o específico.

Ainda de acordo com Carvalhinhos (2008, p. 178).

A denominação da própria entidade geográfica vinculada ao nome também revela dados do povo denominador, e as variantes lexicais, sendo um espelho de sua fala, são importantes para que se tracem áreas dialetológicas em determinado território e, por outro lado, como léxico já estabelecido e cristalizado, a Toponímia fornece dados ao dialetólogo sobre a permanência de certos traços arcaicos na fala de determinado território.

Isso porque, a partir de uma característica do referente, seleciona-se uma unidade lexical que também contribui para a categorização do próprio acidente. E a toponímia, por sua vez, contribui, de certo modo, para a preservação do nome genérico das entidades geográficas, além da manutenção do próprio topônimo longe de alterações contextuais.

Na verdade, as escolhas paradigmáticas ocorrem no “eixo vertical das relações virtuais em que entram as unidades suscetíveis de comutação” (Dubois, 1973, p. 206). Assim, na nomeação do elemento geográfico das correntes hídricas, *córrego*, termo genérico amplamente utilizado em todos os municípios localizados na região coberta por este estudo, reflete a norma lexical corrente nessas localidades.

Córrego, segundo a norma local, equivale a denominações como arroio, corga, levada, regato, riacho, ribeira, ribeirada, ribeirão, ribeiro, sanga, veia e veio (Houaiss, 2009) que nomeiam o mesmo tipo de acidente em outras regiões do Brasil.

Em relação à presença de traços regionais no nome do elemento geográfico, a língua portuguesa dispõe de itens léxicos como furado, estirão, corixo, vazante, vereda, volta que nomeiam correntes hídricas com características específicas e que ocorrem, com frequência, em alguns municípios aqui investigados. São nomes genéricos que corporificam traços de diferentes acidentes geográficos evidenciados nas escolhas do denominador. *Corixo*, por exemplo, de acordo com Guerra e Guerra (1997, p. 16), é “denominação regional do Pantanal de Mato Grosso para os pequenos riachos permanentes que ligam as baías”.

Em relação a elementos genéricos de natureza urbana, em estudo realizado sobre a toponímia oficial e paralela na nomeação de praças de Cuiabá constatou-se que o termo genérico *praça* se popularizou na nomeação de espaços urbanos dessa capital só a partir de 1850. Até então, as praças eram identificadas por *largo*. Ainda assim, dependendo da região, encontra-se os termos concorrentes como *bosque*, *campinho*, *quadra*, *pracinha*, *esportiva* e *ralinha*, exercendo a função de elemento genérico do sintagma toponímico (Clementi; Isquerdo, 2023). Trata-se de possibilidades disponíveis no eixo paradigmático da linguagem que, embora nomeiem o que se convencionou chamar de praça, revelam uma maior adequação à nomeação desses espaços, de acordo com a cultura local.

Contudo, as possibilidades de escolhas em relação ao nome genérico de um acidente geográfico, por mais que existam, são um tanto reduzidas.

Situação muito diversa se verifica em relação ao elemento específico, o topônimo propriamente dito. Esse sim, pode variar ao infinito na denominação de uma mesma categoria de acidente geográfico, pois está condicionado à relativa liberdade do denominador.

Em coerência com o objeto de estudo da Toponímia, a análise centra-se no elemento específico do sintagma toponímico, o topônimo, em termos motivacionais, estruturais e linguísticos, etapas determinantes para a posterior classificação dos denominativos segundo uma determinada taxonomia.

As taxes toponímicas, no geral, consideram o primeiro termo do elemento específico do sintagma toponímico. Assim, no topônimo *Vila Bela da Santíssima Trindade*, considerando o sentido do núcleo do sintagma na língua, no caso, *Vila*, é classificado como poliotopônimo. Considerando o mesmo princípio, os topônimos que se reportam a cursos d'água como *Rio*, *Córrego*, *Cabeceira*, *Cachoeira*, *Corixos*, dentre outros, integram a categoria taxonômica dos hidrotopônimos.

Essa estrutura orienta a terminologia do modelo de Dick (1990; 1992) que contém 27 taxes que subsidiam a classificação dos topônimos com base no sentido da unidade léxica que lhe deu origem na língua. Esse princípio teórico também tem orientado a proposição de outras taxes por pesquisadores brasileiros como contribuição para ampliação do modelo.

A questão da estrutura do sintagma toponímico é discutida no próximo tópico.

1.5.3. Estrutura do sintagma toponímico

Para a classificação dos topônimos de acordo com uma das taxonomias do modelo teórico de Dick (1990; 1992), considera-se o significado do item lexical elevado à categoria de topônimo que, por sua vez, sugere a motivação, no plano sincrônico da língua. Não havendo, assim, a necessidade de um estudo diacrônico do item léxico na função de topônimo para a sua classificação quanto à motivação.

Entretanto, a etimologia da palavra não pode ser desconsiderada, em especial quando se trata de topônimos que sugerem o uso regional e/ou o caráter conservador do léxico que se reporta a outras sincronias da língua. De modo especial, quando se trata de topônimos de base indígena normalmente resultantes de formas aglutinadas. Pois se

tratam de denominativos que apresentam, em sua estrutura, na maior parte dos casos, a reunião de mais de um formante linguístico. Além disso, por serem línguas ágrafas, em que os escritos à disposição, na atualidade, em muitos casos, foram realizados por aprendizes de língua indígena e não necessariamente pelo falante nativo e/ou um pesquisador com domínio dessa língua, é preciso ter em conta o critério na seleção das fontes.

Nesse sentido, na sequência são tecidas considerações sobre os sentidos e aplicações da unidade lexical *etimologia*. De acordo com Dubois (1973, p. 251), “étimo é qualquer forma dada ou estabelecida de que se pode derivar uma palavra”, é definida, pois, como a “pesquisa das relações que uma palavra mantém com outra unidade mais antiga, de que se origina”. O mesmo autor divide o conceito da palavra em *Sentidos Antigos*, *Sentidos Modernos*, *Sentido por Extensão* e *Etimologia Popular*, (*cruzada* ou *falsa etimologia*) (Dubois, 1973, p. 251-254).

No que se refere aos *sentidos antigos* considera-se a tese de que entre palavras e coisas havia um vínculo natural, assim, a etimologia consistia na busca pelo sentido verdadeiro, já que uma forma linguística corresponderia naturalmente aos objetos que designavam.

Já na perspectiva dos *sentidos modernos*, a etimologia é a disciplina que estuda o processo de formação de palavras, como derivação por acréscimos de afixos, a exemplo das palavras *linguística* e *borrar*, que trazem, na base, respectivamente, as formas *língua* e *borra*. A etimologia, em linguística histórica, configura-se como a disciplina que tem por função a busca da evolução da palavra, o mais remotamente possível, podendo ultrapassar os limites do próprio idioma estudado

Já o *sentido por extensão* refere-se às evoluções sucessivas que propiciaram a passagem do étimo para a palavra, já pelo viés da *etimologia popular* entende-se o fenômeno pelo qual o falante, a partir de certas semelhanças formais, estabelece ligações entre formas linguísticas sem parentesco genético, de forma consciente ou inconscientemente.

Lyons (2016, p. 43), por sua vez, argumenta que o próprio termo *etimologia* é, em si, revelador por tratar-se de uma modificação, pelo latim, do vocábulo grego *etimos* que significa *verdadeiro* ou *real*. De acordo com o mesmo autor, a análise minuciosa das transformações de uma forma linguística como meio de desvendar a verdade da natureza, pela “pressuposição tácita de que há uma correspondência originalmente verdadeira ou apropriada entre forma e significado, sobre o qual se sustenta, não pode ser substanciada”

(Lyons, 2016, p. 43). O fato de uma palavra originar-se em uma determinada língua não é condição para que supostamente haja um significado correto somente nessa língua originária. A forma ou significado original de uma palavra não é razão de sua forma ou significado correto, pois as palavras associam-se convencionalmente com aquilo que significam.

Ainda, conforme Lyons (2016, p. 43-44), “a etimologia recebeu um embasamento mais sólido no século XIX [...] tal como hoje é praticada, ela constitui um ramo respeitável de linguagem histórica ou diacrônica”. Em condições favoráveis, a confiabilidade das reconstruções etimológicas é, sem sombra de dúvida, muito alta.

As informações etimológicas dos nomes constituíram, por um longo período, o objetivo máximo buscado nos estudos linguísticos, características também das primeiras pesquisas em Toponímia. Contudo, os pesquisadores expandiram essa percepção para outras informações contidas no signo em função toponímica, sem abandonar os aspectos de cunho etimológico.

Para a análise e classificação dos topônimos, a palavra etimologia está sendo tomada neste estudo na terceira acepção trazida por Houaiss (2009), ou seja, como a “origem de um termo, quer na forma mais antiga conhecida, quer em alguma etapa de sua evolução”, o étimo das unidades léxicas.

A esse respeito, Carvalhinhos (2003, p. 173), argumenta que

A reconstrução etimológica [...] é um dos instrumentos (e não um fim, como muitas vezes se pensa) para o resgate dos significados ocultos, no nível do intracódigo, muitas vezes ‘socorrido’ pelo extracódigo, visando preencher lacunas de significação.

É fato assente entre os pesquisadores em Onomástica que os topônimos são os dados mais confiáveis para os estudos de línguas de épocas recuadas, pela capacidade que esses signos apresentam de preservar as formas linguísticas constitutivas no ato da nomeação, mesmo após o desaparecimento das línguas de onde se originaram.

Conforme Cardoso (1961, p. 19), “um dos fenômenos que mais há de interessar, por certo, ao enamorado de nosso passado pré-cabralino, deverá ser esse, justamente, das migrações históricas, dos deslocamentos sucessivos que foram fazendo, primitivamente, as tribos indígenas”. O autor considera essa abordagem etno-histórica uma lacuna que, se preenchida, poderia solucionar algumas questões relativas à etnologia, no Brasil, considerando que as sobreposições linguísticas poderiam levar a conhecer as várias famílias linguísticas em épocas diferentes.

Rostaing (1948, p. 5), por sua vez, pondera que “a Toponímia se propõe a estudar a significação e a origem dos nomes de lugares e também a estudar suas transformações”. Ainda que os topônimos, por tradição linguística, sejam menos expostos às alterações, mantendo-se conservados por anos e até séculos, os nomes de lugares podem sofrer variações de ordem fonético-fonológicas, gráficas, morfossintáticas, lexicais, redução ou elipse.

A respeito das diferentes línguas que podem estar na base de um topônimo, Dick (1992, p. 8), argumenta que,

[...] relativamente ao Brasil, é fora de dúvida que o estudo toponímico comporta considerações referentes não só aos nomes de origem portuguesa, como aos dos dois outros adstratos linguísticos coexistentes desde os primeiros momentos de nossa história, o indígena e o africano, além do moderno contingente de nomes resultantes da imigração europeia. Em cada uma dessas camadas línguo-toponomásticas, uma tendência motivadora própria pode ser apontada, característica do elemento humano que as define.

Entretanto, os vocábulos de língua geral entram no discurso toponímico, atendendo às necessidades básicas do ato enunciativo. Essa é uma característica encontrada na toponímia de diferentes povos. Tanto os indígenas, quanto os europeus fazem uso fartamente dos vocábulos básicos (genéricos) e dos elementos descritivos dos ambientes onde vivem. Assim, na constituição do sintagma toponímico, encontram-se expressões que significam a mesma percepção do acidente, tanto em língua indígena quanto em língua portuguesa.

Em se tratando da estrutura, os topônimos podem ser classificados em simples, compostos e/ou híbridos. De acordo com Dick (1992, p. 13-15),

[...] o topônimo ou elemento específico simples é aquele que se faz definir por um só formante (seja substantivo ou adjetivo, de preferência), podendo, contudo, se apresentar também acompanhado de sufixações, (diminutivas, aumentativas ou de outras procedências linguísticas).

O quadro 2, na sequência, reúne exemplos de topônimos de estrutura simples retirados do *corpus* deste estudo.

Quadro 2: Exemplos de topônimos de estrutura simples (Dick, 1990; 1992).

Município	Topônimo	Acidente	Língua de origem
Pontes e Lacerda	Veado	córrego [do]	portuguesa
Reserva do cabaçal	Ilha	córrego [da]	portuguesa

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados do IBGE (2010).

No exemplo arrolado no quadro 2, o topônimo *Veado* é uma palavra da língua portuguesa, como designação comum a diversos mamíferos, de étimo do latim *venatus* (caça, o produto da caça) (Houaiss, 2009), sendo classificado como de estrutura simples. Do mesmo modo, *Ilha*, do latim *insula* é uma palavra de língua portuguesa, apresentando uma estrutura simples, do ponto de vista formal.

Topônimo composto, segundo Dick (1992, p. 13-14), “é aquele que se apresenta com mais de um elemento formador, de origem diversa entre si, do ponto de vista do conteúdo, gerando, por isso, às vezes, formações inusitadas que, talvez, apenas a história local poderá elucidar convenientemente”. O quadro 3, a seguir, exemplifica o exposto com dados do *corpus* desta pesquisa.

Quadro 3: Exemplos de topônimos de estrutura composta (Dick, 1990; 1992).

Município	Topônimo	Acidente	Língua de origem
Jauru	Água Grande	córrego	portuguesa
Vila Bela da Santíssima Trindade	Santo Inácio	corixo	portuguesa

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados do IBGE (2010).

Em *Água Grande* ambos os formantes são oriundos do português que, por sua vez, procedem dos étimos latinos *aqua grandis*, em que o segundo termo, um adjetivo, tem caráter descritivo do primeiro elemento, o substantivo (Houaiss, 2009).

Santo Inácio, por sua vez, é um topônimo formado por palavras da língua portuguesa de etimologia também latina, *Sanctus Egnatius*, em que o primeiro formante (*Santo*), embora ocupe a função de substantivo, qualifica, de certo modo, o antropônimo *Inácio*, denotando características de adjetivo (Houaiss, 2009); (Guérios, 1981, p. 146).

Dick (1992, p. 14) denominou de topônimo híbrido ou elemento específico híbrido “[...] aquele designativo que recebe em sua configuração elementos linguísticos de diferentes procedências”. Entretanto, a presença de línguas distintas, na constituição de um denominativo, não parece concorrer para uma terceira classificação do topônimo quanto a sua estrutura, mas subclassificações das duas tipologias supracitadas. De acordo com a autora (1992, 14) “a formação que se generalizou no país é a portuguesa + indígena ou a indígena + portuguesa”. Kehdi (1992, p. 50), por sua vez conceitua hibridismo como “[...] a designação dada aos vocábulos compostos ou derivados, cujos elementos provêm de línguas diferentes”. Nessa questão, Dick não deixa claro quanto aos topônimos formados por derivação, a partir de um radical de uma língua distinta dos afixos (prefixos

e sufixos), se configurarem como híbridos. Nas palavras da estudiosa, há “[...] elementos indígenas de origem tupi que concorrem para a formação de inúmeros compostos, como -mirim (‘pequeno’), -guaçu (‘grande’) [...]” (Dick, 1992, p. 14).

Em português, composição e derivação são os mecanismos mais frequentes no processo de formação de palavras. Por composição entende-se a palavra formada por dois ou mais nomes, de forma justaposta ou aglutinada, enquanto por derivação compreende-se as palavras surgidas pelo acréscimo de afixos (prefixos ou sufixos) a uma unidade léxica já existente (Câmara Jr, 1976).

Para fins deste trabalho, os topônimos cuja base linguística apresente mais de um formante de línguas distintas, separados do ponto de vista formal, foram classificados como compostos híbridos e os topônimos formados por um radical de uma língua e morfemas prefixais e sufixais de outra língua foram classificados como simples híbridos, conforme os quadros 4 e 5, seguindo.

Quadro 4: Exemplos de topônimos de estrutura composta híbrida (DICK, 1990, 1992).

Município	Topônimo	Acidente	Língua de origem
Nobres	Capão do Meio	córrego	tupi + portuguesa
Indiavaí	Salto do Jauru	cachoeira	portuguesa + tupi
Porto Estrela	Buriti Grande	córrego	tupi + portuguesa
Nova Olímpia	Mina Azul	córrego	francesa + árabe
Nobres	Quebó Grande	rio	bororo + portuguesa
Pontes e Lacerda	Pantanal do jaboti	povoado	italiana + tupi

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados do IBGE (2010).

O quadro 4 reúne exemplos como córrego *Capão do Meio*, em Nobres e cachoeira *Salto do Jauru*, em que os elementos na composição dos sintagmas *Capão* e *Jauru* são de base tupi ka’a pu’ã, “mato redondo” e yau-r-ú, “os jáús comem ou onde há jáús”, formando topônimos compostos com as palavras portuguesas *Meio* e *Salto* oriundos dos étimos latinos *medius* e *saltus* (Sampaio, 1987); (Bueno, 1987); Houaiss, 2009). Em *Pantanal do Jaboti*, a unidade léxica *pantanal* é termo do italiano pantano, região ribeirinha coberta por águas paradas, e *jaboti*, que vem do tupi yawo’ti, é uma designação comum de répteis munidos de carapaça (Sampaio, 1987); (Bueno, 1987); Houaiss, 2009).

Pode ocorrer, entretanto, uma formação do sintagma toponímico a partir de uma palavra de uma língua, com acréscimos de sufixos de outra base linguística, como nos casos arrolados no quadro 5 retirados da base de dados deste trabalho.

Quadro 5: Exemplos de topônimos de estrutura simples híbrida (DICK, 1990; 1992).

Município	Topônimo	Acidente	Língua de origem
Porto Esperidião	Jatobazinho	córrego	tupi + portuguesa
Glória d'Oeste	Caetezinho	povoado	tupi + portuguesa
Diamantino	Buritizal	córrego	tupi + portuguesa

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados do IBGE (2017).

Caetezinho, povoado em Glória do Oeste e córrego *Buritizal* em Diamantino, originam-se dos vocábulos *Caeté*, kae'te e *Buriti*, 'mbiri'ti de origem tupi + o acréscimo dos sufixos de língua portuguesa *-z-inho* e *-z-al*, respectivamente, atribuindo, ao primeiro, a ideia de dimensão e, ao segundo, a de plantação de caetés. Em *Jatobazinho*, identifica-se a formação de língua tupi *Yatay-ybá* + o sufixo de língua portuguesa *-z-inho* (Bueno, 1987); (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).

Muitos outros exemplos retirados do *corpus* deste trabalho atestam esse fenômeno, dentre eles: *Aguapeizinho*, povoado em Porto Esperidião; *Buritizinho*, povoado em Pontes e Lacerda; Baías *Jauruzinho* e *Jatobazinho*, em Cáceres; córrego *Miguelito* em Nova Lacerda, dentre outros. Nesses exemplos, os topônimos são classificados como simples híbridos.

A percepção da motivação do topônimo determina o seu enquadramento em uma das taxes toponímicas, conforme se verifica no tópico seguinte.

1.6. Modelos taxonômicos: uma breve discussão

Pesquisadores de diferentes países contribuíram, ao longo de suas trajetórias acadêmicas, com a Toponímia, propondo mecanismos e categorias de classificação dos topônimos de forma a abranger as informações contidas nesses signos, tanto no nível interno da língua, quanto em relação às motivações e às causas denominativas.

As orientações mais antigas com o objetivo de nortear as pesquisas toponímicas partiram de Dauzat, em *Les noms de Lieux* (1926). Nessa proposta, o autor elege, como

metodologia, a classificação dos nomes de lugares por meio de dois processos: as *séries lógicas e categorias históricas*.

Ao focalizar as questões relativas às denominações toponímicas inatas, a partir do ponto de vista do denominador, Dauzat (1926) destaca dois princípios básicos em sua orientação, a saber: *formação externa* e sentidos *intrínsecos*

O primeiro diz respeito às nomeações espontâneas que ocorrem de forma essencialmente inconsciente pela comunidade linguística ou nomeações sistemáticas oriundas de ações pensadas por uma autoridade, pelo fundador da cidade e demais representantes dos poderes administrativos.

Já *Sentidos intrínsecos* referem-se às denominações cujos elementos são emprestados da geografia ou da história, da homenagem a pessoas ilustres vinculadas à fundação da região, da homenagem a pessoas com destaque na área econômica como proprietários de empreendimentos de bens e serviços etc., bem como, outros aspectos fora da realidade sensorial, de caráter abstrato, que dizem respeito ao espaço nomeado.

Em relação ao princípio das *formações externas*, sob um ponto de vista diacrônico, Dauzat (1926) relaciona os diversos traços originários de grupos linguísticos que habitaram o território francês que vão, desde estratos pré-célticos, gauleses e francos, até o século XX. Os traços toponímicos relativos a essas épocas mantêm-se nos signos em forma de unidades léxicas autônomas e de morfemas gramaticais como prefixos e sufixos. São as chamadas superposições linguísticas que transformam os locais em mosaicos de idiomas, pouco conhecidos (Dauzat, 1926).

Leite de Vasconcelos (1931), no volume III da obra *Opúsculo: Onomatologia*, apresenta quatro critérios que norteiam os estudos em toponímia, em termos de categoria de causas denominativas que ordenam os topônimos: a) topônimos cuja motivação origina-se da fauna; b) topônimos motivados pelas plantas da região; c) topônimos motivados pelos antropônimos e por nomes de santos; d) topônimos oriundos de nomes próprios de lugares em que a análise recai sobre a etimologia.

Para o autor a Onomástica ou *Onomatologia* como ciência do nome compreende o nome de pessoa (antroponímia), o nome de lugar (toponímia) e, de acordo com o autor, há uma terceira vertente para essa ciência que é a *Panteonímia* cujo objeto é o estudo de nomes variados. Nessa categoria incluem-se os fenômenos meteorológicos, entidades sobrenaturais, nomes de caráter profano, religiosos (genéricos e individuais), nomes de signos (religiosos ou não), nomes vários como embarcações, armas, veículos, dentre outros (Vasconcelos, 1931, p. 357).

Backheuser (1952, p. 163), outro estudioso da toponímia, embora de área distinta da Linguística, a Geologia, estabelece uma classificação toponímica assinalando que as classes gramaticais do *substantivo* e do *adjetivo* são as mais produtivas na nomeação de lugares, como também, as três figuras de retórica, a *antonomásia*, o *pleonasma* e a *metáfora*, destacam-se no processo de formação de topônimos.

Os substantivos na toponímia, segundo Backheuser (1952, p. 164 -165), nomeiam referentes motivados por duas ordens básicas da natureza, a saber: i) topônimos oriundos de acidentes de geografia física, subclassificados nos de índole geológica ou mineralógica, nos de índole botânica, zoológica e hidrográfica aos quais se relacionam os de índole litorânea; ii) topônimos originários da geografia humana, incluindo os motivados por caminhos, estabelecimentos sedentários, agrupamentos humanos, estabelecimentos religiosos e comerciais, por uma simples moradia ou pelo próprio isolamento do homem.

Essa segunda classificação contempla os nomes da categoria dos substantivos abstratos ou próprios, podendo ser esses nomes de pessoas, algumas vezes, eminentes, como os de grandes personalidades históricas, políticas, militares, intelectuais, artísticas e religiosas; povos que habitaram certas regiões; nomes *alienígenas* (de outras línguas como a francesa, alemã, inglesa) que viajam com os imigrantes (Backheuser, 1952, p. 164).

Relativamente às figuras de retórica, de acordo com Backheuser (1952, p. 164), a *antonomásia* ocorre pela formação de topônimos derivados do substantivo genérico ou de várias designações fisiográficas que nomeiam acidentes físicos como as correntes hídricas, deserto, relevo, entre outros, a exemplo de *Niger*, *Nilo*, *Saara*, topônimos que, na língua de origem, eram os genéricos *rio* (*Niger*, *Nilo*) e *deserto* (*Saara*).

Nesses processos recorrentes de nomeação, por desconhecer o substrato linguístico de formação do topônimo, criam-se verdadeiros pleonasmos no sintagma toponímico. A exemplo do rio *Me-Kong*, palavra cujo sentido é *rio rio*, de maneira que, ao se pronunciar *rio Me-Kong*, o significado é *rio rio rio* (Backheuser, 1952, p. 164).

Stewart (1954, p. 1, tradução nossa)⁹, em seu artigo *A Classification of Place Names*, apresenta uma sistematização para nortear os estudos em toponímia considerando uma distinção entre mecanismos e motivos na nomeação. De acordo com o autor,

⁹ - "The classification might also be said to be with respect to the means or mechanisms by which places are named. These means or mechanisms have, furthermore, a relationship to the psychological processes (i.e., the motives) of the original names in distinguishing one place from another by various methods, but

A classificação diz respeito aos meios ou mecanismos pelos quais os lugares são nomeados. Estes meios ou mecanismos têm, além disso, uma relação com os processos psicológicos (ou seja, os motivos) dos nomes originais em distinguir um lugar de outro por vários métodos, mas qualquer estudo adequado dos processos psicológicos de nomeação deve ser conduzido em um nível muito mais profundo do que o aqui proposto.

Para Stewart (1954, p. 1- 3), a nomeação de lugares em qualquer tempo e região decorre de um motivo básico, central, que nada mais é do que o desejo de identificar um lugar, distinguindo-o dos outros espaços. Em sua organização para o estudo dos topônimos, o autor identifica nove categorias baseadas no sentido dos nomes, a saber: i) Descriptive names; ii) Possessive names; iii) Incident names; iv) Commemorative names; v) Euphemistic names; vi) Manufactured names; vii) Shift names; viii) Folk etymologies e ix) Mistake names.

Dick (1990, p. 52) chama atenção para o fato de que o modelo classificatório de Stewart não desvincula as classes toponímicas da intencionalidade do denominador, fazendo com que o pesquisador fique em um constante retorno ao passado histórico para se chegar à origem da nomeação geográfica de forma plena.

Descriptive names referem-se aos topônimos que se originam de alguma qualidade intrínseca ao lugar de forma permanente ou semipermanente. Devido à abrangência dessa categoria, o autor a subdivide em três subcategorias principais: a) Descrição pura; b) Descrição associativa e c) Descrição relativa (Stewart, 1954, P. 2-4).

Commemorative names configura-se como aqueles topônimos que surgem pelo processo de tomada de um nome já estabelecido e dando-lhe uma nova aplicação, por fins honoríficos. Nesse caso, o motivo secundário, ou seja, comemoração, ou pelo menos um desejo de perpetuar o antigo nome de algum motivo, pode ser considerado essencial. A mera aplicação de um nome antigo a um novo lugar não é suficiente para tornar o nome comemorativo (Stewart, 1954, P. 6-7).

Conforme Dick (1999, p. 141), as categorias dos *Descriptive names* e *Commemorative names* apresentam um caráter abrangente, podendo, assim, ser aplicadas a outras realidades toponímicas, incluindo a brasileira, quanto as outras sete categorias refletem característica da realidade americana, embora o autor as descrevesse como de caráter abrangente.

any' adequate study of the psychological processes of naming would have to be conducted at a much deeper level than is here proposed" (Stewart, 1954. p. 1).

A categoria dos *Incident names* é a que consiste em identificar a região por meio de alguns incidentes ocorridos no local ou próximo a ele. Nessa modalidade, incluem-se os nomes constituídos a partir de eventos temporários. De acordo com o autor, a maioria dos nomes de animais presentes na toponímia, entram nessa categoria. Nesse sentido, a constatação de que a toponímia de uma região apresenta certos nomes de animais, não quer dizer que esses animais existam em abundância, fazendo parte do cotidiano da população. Um único encontro pode ter nomeado a localidade (Stewart, 1954, P. 4-5).

Esse entendimento destoa da percepção de Drumond (1965), por exemplo, que relaciona a grande ocorrência de nomes de animais provenientes da língua Bororo, em razão de constituírem, os falantes dessa língua, uma sociedade típica de caçadores.

Conforme já assinalado, na perspectiva dos estudos toponímicos no Brasil, Dick (1990;1992) sistematiza um modelo de categorias toponímicas focalizando a motivação semântica contida no elemento específico do sintagma toponímico.

De acordo com Dick (1992, p. 26), considerando a “repartição genérica dos fatos cósmicos em duas ordens de consequências – a física e a antropocultural – pode-se acatar a mesma duplicidade de visão para o enquadramento dos topônimos”. Nesse método de classificação original, as taxes toponímicas são compostas por “[...] um prefixo nuclear (greco-latino) de característica nocional, relativo a um dos dois campos de ordenamento cósmico, o físico e o humano; acréscimo do termo ‘topônimo’ ao elemento prefixal, para dar a justa medida do campo de atuação da unidade onomástica criada” (Dick, 1999, p. 142, grifo da autora).

A percepção da autora quanto ao conceito de ambiente, na proposição da sua teoria, ancora-se em Sapir (1969, p. 44) que fez a seguinte definição:

De maneira geral, é melhor empregar o termo ‘ambiente’ apenas quando se faz referência a influências, principalmente de natureza física, que escapam à vontade do homem. Não obstante, tratando-se da língua, que se pode considerar um complexo de símbolos refletindo todo o quadro físico e social em que se acha situado um grupo humano, convém compreender no termo ‘ambiente’ tanto os fatores físicos como os sociais. Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha) clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo.

Esse entendimento norteia, também, o conceito de cultura, em sentido amplo, postulado por Duranti (2000, p. 47) que a definiu como “modelos de conduta aprendida e compartilhada, característicos de uma determinada comunidade”. Nesse sentido, a ação

humana é abstraída na consideração de ambiente físico, estabelecendo uma divisão clara entre os fatores do ambiente físico e do ambiente antropocultural.

Conforme (Dick, 1990, p. 58) “a existência do nome geográfico, como expressão linguística, desvinculado de qualquer procedimento diacrônico, em tese ou genericamente, foi o sustentáculo das *taxes* sugeridas”. A denominação que condiciona o estudo em toponímia, não carece, sempre e necessariamente, de uma investigação mais elaborada do seu significado e das transformações sofridas no decurso do tempo. Descarta-se a necessidade de um constante recuo histórico para a apreensão da motivação.

A primeira versão desse modelo taxonômico para subsidiar a classificação dos topônimos quanto à motivação, continha inicialmente 19 *taxes* concebidas. Todavia, conforme a autora (1992, p. 27), no primeiro estudo, “era difícil abranger, de plano, nas 19 *taxes* primitivas, todas as possibilidades contidas na nomenclatura geográfica brasileira”. Assim, Dick (1992) reformula o seu modelo teórico que passou a englobar 27 taxonomias permanecendo a divisão em Taxonomias de Natureza Física reveladoras dos aspectos do mundo natural – hidrografia, fauna, flora, relevo, localização etc. – e Taxonomias de Natureza Antropocultural que descortinam aspectos sociais, históricos e culturais, estados emocionais, sentimentos, nomes de pessoas, lugares, títulos etc.

De acordo com a estudiosa “nomes cuja origem revela uma filiação a elementos vegetais ou minerais foram denominados fitotopônimos e litotopônimos, respectivamente” (Dick, 1992, p. 26). A *taxe* dos zootopônimos, por exemplo, pertence à Taxonomia de Natureza Física e se aplica a aglomerados rurais ou urbanos, montanhas, cordilheiras, rios etc., motivados por nomes de animais como em rio do *Boi* (MG); lagoa da *Onça* (RJ); *Cascavel* (município/PR); córrego *Caititu* (Nobres – MT); ribeirão das *Porcas* (Nobres – MT), dentre outros.

Os antropotopônimos, por seu turno, integram as Taxonomias de Natureza Antropocultural que abrigam nomes de pessoas que nomeiam lugares como rios, montanhas, cidades, praças, ruas etc. como ocorre com *Cáceres* (Mato Grosso); *João Pessoa* (Paraíba); rio *Arinos* (Nobres – MT); rua *Getúlio Vargas* (Cuiabá – MT); Praça *Moreira Cabral* (Cuiabá – MT), dentre outros.

O esforço de Dick em elaborar um modelo de classificação dos topônimos com etapas muito claras do percurso metodológico, certamente, se justifica em razão das enormes lacunas encontradas nas primeiras pesquisas em toponímia realizadas por pesquisadores de áreas não correlatas à Linguística, conforme exemplificado anteriormente, não obstante, a imensa contribuição deixada por eles.

O modelo taxonômico de Dick orienta os estudos toponímicos de forma ampla e visa a uma padronização das pesquisas em toponímia no Brasil de modo a reduzir as subjetividades dos pesquisadores. A esse respeito, Dick (1992, p. 26) esclarece que

[...] o modelo taxonômico que se elaborou deve, portanto, ser interpretado como um instrumento de trabalho que permitirá a aferição objetiva de causas motivadoras dos designativos geográficos, procurando suprir as demandas da pesquisa.

Mesmo com um *corpus* de mais de 2.000 topônimos, como é o caso deste estudo, o construto teórico-metodológico de Dick (1990: 1992) fornece as ferramentas para a concretização dos objetivos, permitindo enxergar o topônimo, dentro dos fatos da língua, como uma corporificação das condutas e atitudes sociais. Do mesmo modo, as etapas metodológicas permitem, ao pesquisador, a concretização dos objetivos estabelecidos resguardados no campo da Linguística, mesmo com um objeto tão dialógico quanto o nome próprio de lugar.

Na sequência, são apresentadas as categorias taxonômicas de natureza física e de natureza antropológica propostas por Dick (1992, p. 31-34)¹⁰.

1.6.1. Taxonomias de Natureza Física

1. Astrotopônimos: vem de *astr(i/o)*- antepositivo do gergo *ástron*, sistema de estrela (Houaiss, 2009) + topônimo. Em Toponímia é a taxa em que se classificam os nomes relativos aos corpos celestes em geral. Ex.: povoado *Lua Novas* (Salto do Céu), baía do *Órion* (Cáceres/MT).
2. Cardinotopônimos: *card-* é antepositivo do latim *cardus* significando, a princípio, norte e sul e, depois, ponto cardeal (Houaiss, 2009) + topônimo. Em Toponímia são nomes relativos às posições geográficas em geral. Ex.: córrego da *Divisa* (Nobres; Tangará da Serra/ MT); córrego do *Meio* (Tangará da Serra/MT); corixo de *Fora* e serra da *Borda* (Vila Bela da Santíssima Trindade/MT); ilha de *Cima* (Salto do Céu/MT).
3. Cromotopônimos: *cromia-* antepositivo do grego *chrôma*, atos no sentido de cor (Houaiss, 2009) + topônimo. Na classificação de Dick (1990; 1992), referem-se aos nomes relativos à escala cromática. Ex.: córrego *Azul* (Nobres/MT); baía *Verde*, morro *Branco*, serra *Azul*, serra *Branca* (Cáceres/MT); rio *Branco*, rio *Negro*, rio

¹⁰ - Os exemplos apresentados são, em sua grande maioria, do *corpus* deste estudo.

- Vermelho* (Salto do Céu/MT); povoado *Malhadinha* (Mirassol d'Oeste/MT); córrego *Escuro* (Tangará da Serra/MT).
4. Dimensiotopônimos: do latim *d(e/i) mensio* (Houaiss, 2009) + topônimo, constituindo a taxa que engloba nomes relativos às dimensões dos acidentes geográficos. Ex.: córrego *Baixo*, córrego *Estreito*; córrego *Grande* (Nobres/MT); córrego *Fundo* (Diamantino/MT).
 5. Fitotopônimos: *fit(o)* antepositivo do grego *phutón* significando vegetal, árvore, planta (Houaiss, 2009) + topônimo. Em Toponímia referem-se aos nomes relativos aos vegetais. Ex.: córrego *Taquaral* (Nobres/MT); córrego *Pacovinha*, (Comodoro/MT); córrego *Goiabeira* (Reserva do Cabaçal/MT); lagoa das *Pitas*, lagoa *Piúva*, serra do *Buriti* (Porto Esperidião/MT).
 6. Geomorfotopônimos: *geo-* + *morfo-* (Houaiss, 2009) + topônimo, consistindo em nomes relativos às formas topográficas. Ex.: córrego *Bocaina* (Lambari d'Oeste/MT); serra da *Morraria*, serra do *Morrinho*, serra da *Várzea Funda* (Cáceres/MT).
 7. Hidrotopônimo: *hidro-* antepositivo do grego *húdor*, *húdatos* significando água (Houaiss, 2009) + topônimo: nomes relativos a acidentes hidrográficos em geral. Ex.: córrego *Água* (Nobres/Mt); baía do *Corixo*, baía *Rio Seco*, baía do *Sangradouro Grande*, barra do *rio Jauru*, estirão da *barra* (Cáceres/MT); *Corgão* (Rio Branco/MT); cachoeira *Salto do Céu* (Salto do Céu/MT).
 8. Litotopônimos, *lit(o)-* antepositivo do grego *lithos* significando pedra (Houaiss, 2009) + topônimo: nomes relativos aos minerais ou à constituição do solo. Ex.: córrego das *Pedras* (Nobres/MT); córrego *Pedra Preta*; córrego da *Areia* (Porto Esperidião/MT); baía do *Barreirinho*; baía *Areia Branca* (Nova Lacerda/MT); município *Diamantino* (MT).
 9. Meteorotopônimos, *meteor(o)-* antepositivo do grego *meteoros* significando o que é do alto, que se eleva, os espaços e os corpos celestes (Houaiss, 2009) + topônimo: nomes relativos a fenômenos atmosféricos. Ex.: povoado do *Sereno* (Reserva do cabaçal/MT).
 10. Morfotopônimos: topônimos relativos às formas geométricas. Ex.: lagoa *Redonda* e lagoa *Curva do Boi* (Curvelândia/(MT).
 11. Zootopônimos: *zo(o)-* antepositivo do grego significando ser vivo, animal (Houaiss, 2009) + topônimo: nomes que se referem aos animais. Ex. córrego *Sucuri* (Nobres); povoado *Boi Morto* (Vale de São Domingo/MT); *Tangará da Serra* (município/MT); povoado *Caramujo* (Salto do Céu/MT); córrego dos *Macacos*; furado do *Tamanduá*

(Curvelândia/MT); ribeirão *Ararã*; ribeirão do *sapo*; rio *Jauru*; serra *Tapirapuã* (Tangará da serra/MT).

1.6.2. Taxonomias de Natureza Antropocultural

1. Animotopônimos: anim(i/o)- antepositivo do latim anima - ae significando ar, sopro de vida, princípio espiritual da vida intelectual do homem (Houaiss, 2009) + topônimo: nomes relativos à vida psíquica, à cultura espiritual. Ex.: córrego *Formosa*, córrego *Traidor* (Nobres/MT); córrego *Bonito*, córrego *Fluente*, córrego *Paraíso*, córrego *Rico* (Tangará da serra/MT); córrego *Boa Vida* (Nova Lacerda/MT).
2. Antropotopônimos: antrop(o)- antepositivo do grego ánthrōpos, significando homem (Houaiss, 2009) + topônimo: nomes relativos aos nomes próprios individuais. Ex.: rio *Margarida* (Comodoro/MT); córrego *Teixeira*, córrego *Tiago*, rio *Arinos* (Diamantino/MT); serra *Ricardo Franco* (Vila Bela da Santíssima Trindade/MT).
3. Axiotopônimos: axio- antepositivo do grego áksios, significando ponderável, valioso, digno, que merece, conveniente (Houaiss) + topônimo: topônimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais. Ex.: *Comodoro* (município/ MT); baía do *Bispo*, baía da *Dona Maria*, baía do *Padre Inácio*, morro da *Senhorita* (Vila Bela da Santíssima Trindade/MT); rio *Brigadeiro* (Jauru/MT), rio *Tenente Lira* Tangará da Serra).
4. Corotopônimos: cor(o)- antepositivo do grego khōros significando espaço, lugar, localização no espaço e no tempo (Houaiss, 2009) + topônimos: nomes relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex.: *Mirassol d'Oeste* (município/MT); morro das *Filipinas* (Cáceres/MT); povoado *Monte Castelo d'Oeste* (Mirassol d'Oeste/MT); pantanal do *Monte Cristo* (Pontes e Lacerda/MT).
5. Cronotopônimos: crono- antepositivo do grego khrōnos, significando tempo (Houaiss, 2009) + topônimo: topônimos relativos aos indicadores cronológicos representados pelos adjetivos *novo* (a), *velho* (a). Ex.: *Nova Lacerda* (município/MT); barra *Nova*, córrego *Velho*, comunidade *Novo Horizonte* (Comodoro/MT).
6. Ecotopônimos: ec(o)- antepositivo do grego oīkos, representando casa, habitação (Houaiss, 2009) + topônimo: nomes relativos às habitações em geral. Ex.: córrego *Tapera*; lagoa do *Paiol*, serra *Fazenda Velha* (Cáceres/MT).

7. Ergotopônimos: erg(o)- antepositivo, do gr. érgon, trabalho, ocupação, obra, ação (Houaiss, 2009) + topônimo: nomes relativos aos elementos da cultura material. Ex.: córrego *Monjolinho* (Nobres/MT); córrego *Boticão*, córrego do *Baú*, córrego *Curral Velho* (Lambari d'Oeste/MT).
8. Etnotopônimos: etn(o)- antepositivo do grego éthnos, exprimindo toda classe de seres de origem ou de condição comum, raça, povo, nação (Houaiss, 2009) + topônimos: nomes relativos aos elementos étnicos isolados ou não (povos, tribos, castas). Ex.: baía do *Russo*, corixo *Boliviano*, porto dos *Bugres* (Cáceres/MT); chapadão dos *Parecis* (Salto do Céu/MT); córrego dos *Bugres* (Jauru/ MT).
9. Dirrematotopônimos: topônimos constituídos de frases ou enunciados linguísticos. Ex.: córrego *Quebra-Panela* (Nobres/MT); córrego *Puxa-Faca* (Porto Esperidião/MT); córrego *Mata-Chuva* (Vila Bela da Santíssima Trindade/MT); baía *Sem Fim*, estirão *Ajusta-Conta*, córrego *Toca-Vaca*, furado *Quebra Nariz*, lagoa *Vira Bicho* (Cáceres/MT); córrego *Vamos-Ver* (Lambari d'Oeste/MT).
10. Hierotopônimos: hier.(o)- antepositivo do grego hierós, sagrado, santo, divino (Houaiss, 2009) + topônimo: nomes relativos a nomes sagrados de crenças diversas, a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto. Essa categoria subdivide-se em: (i) Hagiotopônimos, antepositivo do grego hágio- (Houaiss, 2009) + topônimos: nomes de santos ou santas do hagiolégio católico romano. Ex.: córrego *Santa Rita* (Nobres/MT); baía *São Bento* (Cáceres/MT); serra *Santa Bárbara* (Porto Esperidião). Hierotopônimos: baía da *Providência*, lagoa da *Graça* (Cáceres/MT); córrego *Cruz* (Lambari d'Oeste/MT); (ii) Mitotopônimos: entidades mitológicas. Ex.: córrego *Iara* (Jauru/MT); córrego *Pé de Garrafa* (Reserva do Cabaçal/MT); córrego *Lobisomem* (Denise/MT).
11. Historiotopônimos: histori- antepositivo do grego com significado de pesquisa, informação, relato (Houaiss, 2009) + topônimo: nomes relativos aos movimentos de cunho histórico, a seus membros e às datas comemorativas. Ex.: povoado *Sete de Setembro* (Reserva do Cabaçal/MT); povoado *Onze de Julho* (Tangará da Serra/MT).
12. Hodotopônimos: hodo- antepositivo do grego hodós com significado de caminho, via (Houaiss, 2009) + topônimo: nomes relativos às vias de comunicação urbana ou rural. Ex.: serra do *Vaquejador* (Nobres/MT); córrego *Passagem* (Vila Bela da Santíssima Trindade/MT); estirão *Travessão* (Campos de Júlio/MT).
13. Numerotopônimos: numer- antepositivo do latim numèrus, representando parte de conjunto, classificado em nível, categoria, conto, conta e número (Houaiss, 2009) +

topônimo: nomes relativos aos adjetivos numerais. Ex.: córrego *Três córregos* (Nobres/MT); córrego *Sete Galhos*, córrego *Três Lagoas* (Porto Esperidião/MT); baía *Três Bocas*, baía dos *Trinta*; pantanal das *três Bocas* (Cáceres/MT); povoado *Quarenta Baianos* (Vale de São Domingos/MT).

14. Poliotopônimos: poli- antepositivo, do grego pólis, com significado de cidade (Houaiss, 2009) + topônimo: nomes formados pelos vocábulos *vila*, *aldeia*, *cidade*, *povoação*, *arraial*. Ex. *Vila Bela da Santíssima Trindade* (município/MT); povoado *Vila* (Rio Branco/MT); povoado *Vila Cardoso*, povoado *Vila Picada* (Porto Esperidião/MT); Povoado *Vila Matão* e povoado *Vila Nova* (Pontes e Lacerda/MT).
15. Sociotopônimos: soci- antepositivo do adjetivo latino socius, exprimindo o que acompanha; associado (Houaiss, 2009) + topônimo: nomes relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade, aglomerados humanos. Ex.: córrego *Quilombo* (Nobres/MT); *Porto Esperidião* (município/MT); *Porto Estrela* (município/MT); povoado *Retiro* (Tangará da Serra/MT); povoado *Destacamento São Simão*, povoado *Retiro do Guaporé* (Vila Bela da Santíssima Trindade/MT); serra da *Colônia*, lagoa do *Acampamento* (Cáceres/MT).
16. Somatotopônimos: somat(o)- antepositivo do grego sôma, atos significando corpo por oposição ao espírito ou alma (Houaiss, 2009) + topônimo: nomes relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou do animal. Ex.: baía *Cabeça da Onça*, baía da *Caralhada*, baía do *Sovaco* (Cáceres/MT).

O modelo em questão pode não contemplar todos os designativos da realidade brasileira, exigindo novas proposições, de modo a classificar os topônimos sem a construção de novos modelos teóricos. A esse respeito, Dick (1999, p. 142) pondera que as taxonomias toponímicas “[...] não são exaustivas em suas ocorrências e, sim, exemplificativas, podendo ser ampliadas em seus categoremas (fitotopônimos, ergotopônimos, somatotopônimos etc.), à medida que novas estruturas vocabulares se constituam, respeitando sempre o modelo originário”. Assim, os pesquisadores desse campo de estudos têm trazido contribuições no que tange a novas taxonomias ou repartição de taxonomias propostas por Dick (1990; 1992) a fim de atender a necessidade de determinado topônimo com certas particularidades não contempladas pelas categorias existentes.

Algumas dessas contribuições tornaram-se clássicas por atender, de forma mais ampla, alguns desafios mais gerais de classificação. Isquierdo (1996), em sua Tese de doutoramento, observou que a categoria toponímica dos animotopônimos/nootopônimos que abrange os fenômenos da vida psíquica e a cultura espiritual suscita sentidos muito diversos, até mesmo opostos. Em virtude da oposição dos sentidos que ensejam topônimos dessa natureza, a estudiosa propôs que essa taxa seja estudada de forma bipartida, a saber: animotopônimo/nootopônimo *eufórico* expressa traço de impressão agradável, otimista como no exemplo de: seringal *Triunfo* (AC); e *disfórico*, quando o sentido do topônimo no léxico da língua sinalizar para uma impressão desagradável, pessimista: seringal *Solidão* (AC).

O projeto ATEPAR (*apud* Dargel, 2003, 69) propõe que a taxa dos hagiotopônimos seja subdividida em: hagiotopônimos *autênticos*, aqueles topônimos motivados por nomes de santos que pertençam ao catolicismo romano como *São José dos Quatro Marcos* (MT), ribeirão *Santo Antônio* e córrego *São Francisco* (Diamantino/MT); baía *Santa Isabel* e pantanal de *Santa Rita* (Vila Bela da Santíssima Trindade) e hagiotopônimos *aparentes* que se referem a topônimos originados de padroeiro homônimo e aparente, resultado de inspiração política, homenagem a pessoas de destaque social na região, homenagem aos membros da família, dentre outros, a exemplo de *Santa Carmem* (município/MT) em que o antropônimo *Carmem* refere-se à tia do colonizador da região Ênio Pepino (Ferreira, 2001, p. 601). Os acidentes humanos rurais *fazendas* apresentam exemplos abundantes dessa orientação toponímica¹¹.

Recomenda-se, portanto, cautela quanto à classificação de hagiotopônimos em *autênticos* e *aparentes* em virtude da extensa lista de santos consagrados no hagiolégio romano, o que exige estudo criterioso desses nomes de santos que podem ser desconhecidos pelo pesquisador.

Outra contribuição que amplia o conjunto das taxonomias é a do Projeto ATEPAR citada por Francisquini (1998) (*apud* Sousa, 2008, p. 36) com o acréscimo de cinco taxonomias:

1- Acronimotopônimos; que abrange as siglas como nos exemplos de *Cotriguaçu* (*Cooperativa Central Regional Iguaçu*) (município/MT), *Colíder* (Colonizadora Líder) (Município/MT); *Colniza* (Colonização Comércio e Indústria Ltda) (município/MT);

¹¹ Sublinhe-se que essa contribuição sistematizou a informação fornecida por Dick (1990) ao mencionar a possibilidade de o denominador atribuir sacralidade a pessoas de influência na região (hagiotopônimo aparente).

Sinop (Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná) (município/MT). Os nomes de sete municípios de Mato Grosso estão inclusos na taxa dos acronimotopônimos o que corresponde a 4,96%.

2- Higiētopônimos: relacionam-se aos topônimos que se referem à saúde e bem-estar físico. Ex.: ribeirão *Limpo*.

3- Estematotopônimos: incluem os topônimos que se referem a nomes de lugares motivados pelos sentidos como a visão, audição, tato, paladar. Ex.: ribeirão *Doce*.

4- Grafematopônimos: dizem respeito a topônimos constituídos pelas letras do alfabeto. Ex.: seção *C* (PR);

5- Necrotopônimos: que se referem ao estado de morte como nos exemplos de córrego *Caveira* (PR).

Carvalho (2010, p. 149), propõe o acréscimo da taxa dos *igneotopônimos* para classificar os nomes motivados pelo fenômeno do fogo em sua ação direta na nomeação de acidentes físicos e humanos. Exemplo: Morro do *Fogo* (Alto Araguaia/MT).

As propostas de taxonomias mencionadas demonstram a comprovada liberdade do denominador na escolha de um nome próprio de um determinado espaço e, ao mesmo tempo, as forças sociais e ambientais (ambiente físico) que condicionam essas escolhas, se considerarmos que os milhares de topônimos que existem não podem escapar da abrangência de 27 taxas propostas por Dick (1990; 1992) e as demais contribuições.

As novas propostas de categorias mencionadas representam apenas uma amostra, pois existem muitas outras contribuições para atender a categorização de topônimos com motivações muito peculiares.

Na continuidade desta pesquisa, a seção II tem como propósito fornecer uma contextualização histórico-geográfica da região selecionada para a pesquisa.

SEÇÃO II – CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICO-GEOGRÁFICAS

Esta seção apresenta aspectos da Geografia e da História de Mato Grosso e dos 27 municípios que fazem parte deste estudo, como o processo de colonização e povoamento da região, características dos povos originários que aqui habitavam e onde se localizam atualmente, a extensão dos municípios em causa e sua densidade populacional.

2.1. Mato Grosso: a expansão portuguesa na região Centro-Oeste

O território de Mato Grosso começou a ser colonizado aproximadamente 200 anos depois da chegada dos portugueses em terras brasileiras, em consequência das incursões dos paulistas pelo interior do Brasil, motivados por interesses econômicos e pela guarnição das fronteiras na região sudoeste do país.

Entretanto, Siqueira (2017, p. 11) faz referência a uma recente descoberta que confirma “a presença humana em Mato Grosso há 27 mil anos, na fazenda Santa Elina, no município de Jangada, a 70 km de Cuiabá”. São evidências encontradas mediante estudos realizados por pesquisadores franco-brasileiros compostos por arqueólogos paleontólogos e arquitetos do Museu de Arqueologia da USP e do Museu Nacional de História Natural de Paris.

Já Oliveira e Viana (2000, p. 149) trabalham com datas mais recentes ao afirmarem que “as primeiras ocupações humanas do Centro-Oeste estão vinculadas à presença de grupos caçadores-coletores que se estabeleceram na região entre o final do Pleistoceno e o início do Holoceno, entre 12.000 e 10.000 do antes do presente”. Esses autores alertam quanto à necessidade de cautela em relação a datas mais antigas, contudo, conforme Siqueira (2017, p. 11), Santa Elina está sendo considerada por alguns pesquisadores como “o segundo sítio arqueológico mais antigo do Brasil”. As marcas que dão testemunhos da ocupação pré-colonial são encontradas em representações rupestres de diferentes padrões figurativos, bem como vestígios de grandes aldeias ou acampamentos a céu aberto, além dos sítios arqueológicos abrigados sob rochas e grutas, que constituem a maior parte desses acervos.

A localização de cada região brasileira foi determinante para a forma e o período de sua colonização em razão da logística mais ou menos desafiadora que os portugueses precisaram empreender. As regiões que puderam ser acessadas pela navegação marítima

foram as primeiras a serem povoadas, em contrapartida, o Centro-Oeste ficou isolado dos centros do país por mais de 300 anos, após o descobrimento.

Souza-Brasil (1864, p. 515) refere-se à região de Mato Grosso (província) como “a mais remota, e mais ocidental do império, foi descoberta no meiado do século XVI por Aleixo Garcia, Antônio Pires de Campos, Manoel Corrêa e outros sertanistas de S. Paulo, que andavão em busca de ouro e de índios”. As incursões pelo interior do estado ocorreram com grandes intervalos de tempo, de forma a não possibilitar, no primeiro momento, a constituição de núcleos estáveis de povoamento. Nesse contexto, as diversas etnias indígenas habitantes do território mantiveram sua forma de organização, de interagir com a natureza e a língua que falavam sem interferências do colonizador.

O primeiro europeu branco a chegar em terras mato-grossenses foi o português Aleixo Garcia, em 1525, saindo de Santa Catarina, onde se encontrava devido ao naufrágio que havia sofrido, passou pela região do Paraná e, pelo rio Paraná, chegou às terras do que seria o estado de Mato Grosso (Silva, 2005, p. 106); (Ferreira, 2014, p. 280).

Entretanto o bandeirante pioneiro a adentrar o oeste do Brasil foi Manoel de Campos Bicudo, vindo de São Paulo pelo caminho fluvial, subiu o rio Cuiabá até a confluência do rio Coxipó. Estava acompanhado do seu filho, ainda criança, Antônio Pires de Campos, sendo os primeiros a atingirem a cidade de Cuiabá entre 1673 e 1682. A bandeira de Antônio Pires de Campos (filho) retornou à região em 1718, um ano antes da fundação de Cuiabá. Esse bandeirante acompanhou Bartolomeu Bueno da Silva (O Anhanguera) na busca pela lendária serra dos Martírios¹² que nunca foi encontrada, (Siqueira (2017, p. 32).

No mesmo ano (1718), a bandeira liderada pelo paulista Pascoal Moreira Cabral descobriu ouro às margens do *Coxipó-Mirim*, dando início ao arraial de *São Gonçalo Velho* ou *Aldeia Velha*, hoje *São Gonçalo Beira-rio*, em Cuiabá (Siqueira, 2017, 30). A percepção de que a região oferecia produtos de valor comercial como pedras preciosas e a busca pela mão-de-obra indígena para o trabalho nas lavouras impulsionaram as expedições para a região tornando-a conhecida e lentamente habitada. As expedições¹³

¹² - Serra dos Martírios refere-se a uma lenda em torno de uma serra onde Bartolomeu Bueno da Silva (O Anhanguera) ainda criança havia visto os instrumentos da crucificação de Jesus (cravos, coroa e cruz) todos em ouro, enquanto se escondia de tempestade à noite. A lenda favoreceu as incursões pelo sertão de Mato Grosso e a descobrir o ouro de Goiás.

¹³ - A viagem até Cuiabá através dos *Campos de Vacaria*, tinha início em *Piratininga* (São Paulo), de onde caminhavam até o porto da *Freguesia de Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araritaguaba*, hoje *Porto feliz* (SP). A partir daí, a viagem fluvial tinha início, abrangendo trechos do rio *Tietê*, *Paraná*, *Pardo* e

dos bandeirantes em Mato Grosso ocorriam pelo *rio Paraguai* e afluentes, nas denominadas *Monções* cujo percurso envolvia longos trechos fluviais e pequenos trechos por terra.

De acordo com Higa e Moreno (2017, p. 21), “o processo de ocupação do estado de Mato Grosso, que foi iniciado nos séculos XVI e XVII, primeiramente por espanhóis e depois pelos bandeirantes, só foi efetivada no início do século XVIII com a descoberta de ouro nas minas de Cuiabá”. No ano de fundação de Cuiabá, 1719, o território de Mato Grosso estava sob o domínio espanhol, pelo Tratado de Tordesilhas, posteriormente, foi vinculado ao Império português pelo Tratado de Madri, em 1750. Os espanhóis chegaram primeiro e fizeram algumas tentativas de ocupação, mas desistiram em razão das dificuldades de acesso à região, além da existência das minas do México, Peru e Bolívia despertar maior interesse desses desbravadores.

A atividade de extração de ouro “foi o início da fixação do homem paulista à terra mato-grossense, obrigado a trocar, pela ambição de riqueza, os caminhos da aventura: de caçador de índio tornou-se um sedentário, morador dos garimpos” (Dick, 2008, p. 219). Nesse contexto, Ferreira (2001, p. 50) afirma que “a incorporação da atividade agrícola na Capitania de Mato Grosso tornou-se responsável pela transformação de uma sociedade nômade, e foi o fator preponderante para a origem sólida de muitos núcleos populacionais”. Os primeiros povoados surgidos nas regiões de minas necessitavam desenvolver a cultura de certos tipos de alimentos, como também, a criação de certos animais.

Conforme Dick (2008, p. 219-220), “as minas dos martírios, vieram, assim, a se constituírem na grande mística regional-nacional [...] foram os martírios os responsáveis, na prática, pelo povoamento de outros sítios do que veio a ser o atual Mato Grosso”. Com o declínio do ouro da *Lavras do Sutil* e a vila *Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá* constituída, outros sítios foram explorados o que foi estrategicamente aproveitado pela Coroa portuguesa, especialmente no que diz respeito ao território sudoeste de Mato Grosso, o Vale do Guaporé, que passou a ser povoado, salvaguardando essa zona fronteira dos seus antigos donos, os espanhóis.

De acordo com Ferreira (2001, p. 50), “para efetivação da política de expansão e povoamento e, principalmente para assegurar a posse da porção ocidental da Capitania, por inúmeras vezes molestada pelos espanhóis, foram criados nesse período, alguns fortes

Anhanduí, o qual subiam até atingir os *Campos de Vacaria*, que eram cruzados por longa caminhada até alcançar o rio *Miranda* e depois os rios *Paraguai* e *Cuiabá* (Higa; Moreno, 2017).

e povoados”. Nessa conjuntura, a localidade denominada *Minas do Mato Grosso*, mais tarde, *Vila Bela da Santíssima Trindade* tornou-se a primeira capital do estado em 1752. Por necessidades de acessibilidade pela navegação fluvial e a contínua ocupação da região sudoeste criou-se o município de Cáceres (*Vila Maria do Paraguai*) em 1778, o terceiro do estado.

O território de Mato Grosso consistiu em área de exploração e expansão da capitania de São Paulo, juntamente com os estados de Minas Gerais, Tocantins, Goiás, Rondônia, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. As capitanias constituíram a primeira forma administrativa da Coroa portuguesa nos primórdios da colonização brasileira.

Com a promulgação da Constituição do Império, em 1824, Mato Grosso e todas as capitanias foram transformadas em províncias, demarcação territorial que perdurou até a Proclamação da República em 1889 e a promulgação da primeira constituição republicana, em 1891. A área geográfica de Mato Grosso abarcava os atuais territórios de Mato Grosso do Sul e Rondônia.

O território mato-grossense possui uma superfície de 903.357, 91 km² e limita-se ao norte com os estados do Pará e Amazonas, ao Sul com Mato Grosso do Sul, a Leste com Goiás e Tocantins e, a oeste, com Rondônia e a República da Bolívia (Camargo, 2011, p. 10). Mato Grosso é o terceiro estado de maior extensão territorial do país com a população de 3.658.649 habitantes de acordo com censo do IBGE de 2022 (IBGE, 2023).

O estado de Mato Grosso possui grande vantagem competitiva no contexto interno e externo em razão da grande biodiversidade nos três domínios biogeográficos – Amazônia, Cerrado e Pantanal –, patrimônio natural pouco conhecido e aproveitado. A localização do estado lhe confere uma extensa fronteira internacional, o que faculta que a região desempenhe importante papel nas ações de integração da América do Sul e nos planos de desenvolvimento nacional. A esse respeito podemos citar a construção do gasoduto Brasil-Bolívia, a possível reativação da hidrovia do rio Paraguai e implantação de rodovias exercendo o papel de corredor para a exportação em direção aos portos do Oceano Pacífico. Embora o estado entre no século XXI como fornecedor de matérias-primas, destaca-se com expressiva e crescente participação no setor de exportação na área do agronegócio do cenário brasileiro.

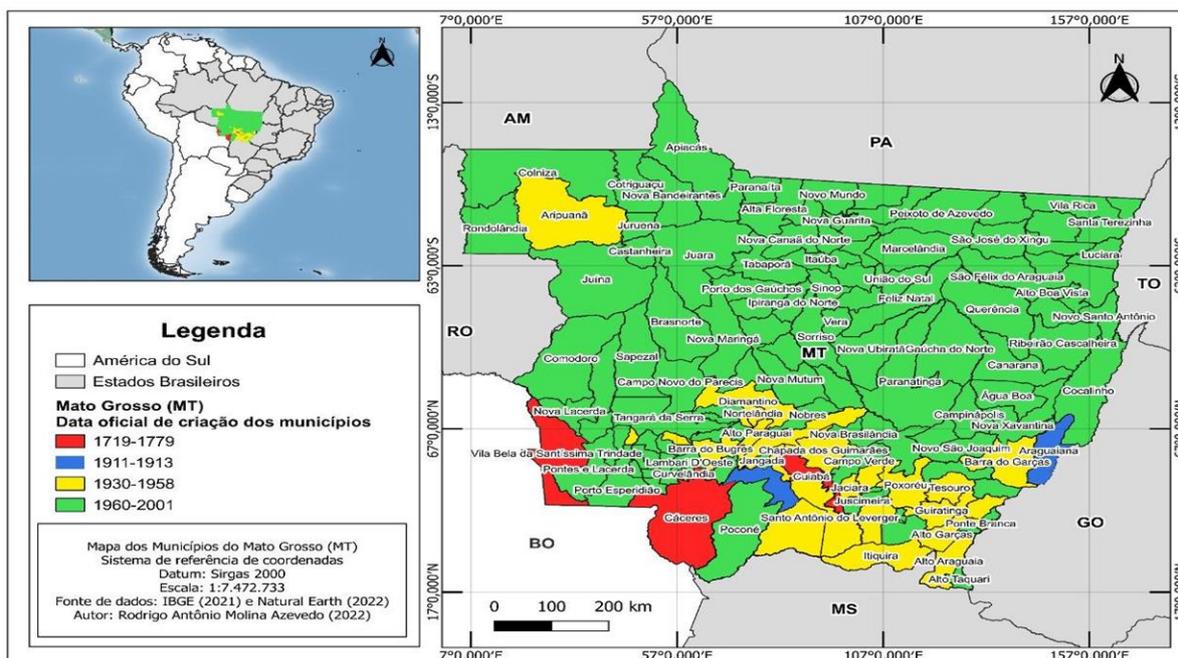
A colonização dos municípios contemplados por esta pesquisa ocorreu em fases distintas, mas basicamente caracterizada, de início como uma colonização de

exploração¹⁴ e nas últimas décadas do século XX como colonização de povoamento, conforme segue.

2.2. A ocupação do território de Mato Grosso: municípios mais antigos

O povoamento do território de Mato Grosso foi impulsionado a partir de duas fases com motivações distintas: a primeira de caráter pré-capitalista, no período colonial com uma economia ancorada na extração de minérios (pedras preciosas como ouro, diamantes...), posteriormente, passando ao extrativismo vegetal (a erva-mate, a poaia, a borracha...). Paralelamente à extração mineral e vegetal desenvolveu-se uma agricultura de subsistência com a produção de milho, feijão, mandioca batata-doce e cana-de-açúcar e da pecuária extensiva. A segunda, caracteriza-se por um processo bem recente de ocupação emanado de uma vontade política e concretizado nos vários projetos de colonização promovidos pela parceria entre o poder público e empresas privadas, conforme mostrado na figura 1, a seguir.

Figura 1: Mapa do estado de Mato Grosso e a fundação dos municípios em diferentes fases.



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do IBGE (2023) e cartografado por Azevedo (2022).

¹⁴ - O termo exploração está sendo entendido em sentido relativo, uma vez que, os portugueses trouxeram sua forma de organização do espaço, o estilo de arquitetura, sua religiosidade etc., para as terras brasileiras, não somente exploraram e foram embora.

Criados os três primeiros municípios – *Cuiabá*, *Vila Bela da Santíssima Trindade* e *Cáceres* (em vermelho, no mapa) –, o estado de Mato Grosso só veio a apresentar condições e necessidades de novos municípios quase um século e meio depois, com a fundação dos municípios de *Nossa Senhora do Livramento* (1911) e *Araguaiana* (1913), a partir do desmembramento do território de Cuiabá.

Na década de 1960, deu-se início ao processo de ocupação da região Centro-Oeste, de modo planejado e articulado, entre os órgãos do governo federal, estadual e empresas particulares, propiciando a ocupação efetiva do amplo território de Mato Grosso ocorrido a partir da década de 1960 e intensificando nas décadas de 1980 e 1990.

Em 11 de outubro de 1977 ocorre a emancipação da parte sul do território de Mato Grosso constituindo o estado de Mato Grosso do Sul. Esse fator foi, também, um grande estimulador e desencadeador das migrações responsáveis pelo povoamento do norte de Mato Grosso.

Nessas circunstâncias 85 (60, 28%) dos 141 municípios de Mato Grosso foram criados entre 1970 e 1990, bem como 23 municípios dos 27 que compõem a área selecionada para este estudo, também foram criados nas últimas três décadas do século XX conforme o quadro 6, a seguir

Quadro 6: Distribuição dos municípios por Região Intermediária e Imediata com as datas de fundação.

Região Geográfica Intermediária de Cáceres			
Regiões Geográficas Imediatas	Municípios e data de fundação	Área	População
Cáceres	Cáceres (1778)	24.495,510 km ²	89.681
	Salto do Céu (1979)	1.753,378 km ²	3.679
	Rio Branco (1979)	539,287 km ²	4.535
	Curvelândia (1998)	357,128 km ²	4.903
	Lambari d'Oeste (1991)	1.810,547 km ²	4.790
Pontes e Lacerda-Comodoro	Campos de Júlio (1994)	6.792,808 km ²	8.822
	Conquista d'Oeste (1999)	2.684,676 km ²	3.760
	Vale de São Domingos (1999)	1.901,545 km ²	2.904
	Vila Bela da Santíssima Trindade (1752)	13.484,710 km ²	16.774
	Pontes e Lacerda (1979)	8.545,292 km ²	52.018
	Nova Lacerda (1995)	4.780,426 km ²	6.670
	Comodoro (1986)	21.485,018 km ²	18.238

Mirassol d'Oeste	Araputanga (1979)	1.639,733 km ²	14.786
	Glória d'Oeste (1991)	833,130 km ²	2.905
	Porto Esperidião (1986)	5.835,278 km ²	10.204
	São José dos Quatro Marcos (1979)	1.282,763 km ²	17.849
	Reserva do Cabaçal (1986)	1.331,677 km ²	2.122
	Mirassol d'Oeste (1976)	1.085,486 km ²	26.785
	Jauru (1979)	1.345,411 km ²	8.367
	Indiavaí (1986)	592,495 km ²	2.213
	Figueirópolis d'Oeste (1986)	891,448 km ²	3.187
Região Geográfica Intermediária de Cuiabá			
Regiões Geográficas Imediatas	Municípios	Área	População
Cuiabá	Nobres (1963)	3.908,739 km ²	15.492
Diamantino	Diamantino (1933)	8.263,397 km ²	21.941
Tangará da Serra	Denise (1982)	1.273,178 km ²	7.014
	Nova Olímpia (1986)	1.327,266 km ²	16.352
	Porto Estrela (1991)	11.636,825 km ²	106.434
	Tangará da Serra (1976)	11.636,825 km ²	106.434

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados do IBGE (2023); Ferreira (2001; 2014).

Conforme já assinalado, o município de *Vila Bela da Santíssima Trindade* foi criado em consequência da expansão dos limites geográficos do Brasil na região do Vale do Guaporé, com prejuízo para os espanhóis. De acordo Ferreira (2014, p. 628), “os irmãos Fernando e Artur Paes de Barros foram os descobridores das minas do Mato Grosso, nas margens do rio Galera, no Vale do Guaporé”. A capitania de Mato Grosso foi criada pela Coroa portuguesa em 1748, elevando Vila Bela da Santíssima Trindade à condição de sede da capitania quatro anos depois. Com as fronteiras asseguradas pela ocupação e pelo Tratado de Madri, as dificuldades de acesso à região somadas aos desafios econômicos de manutenção da população, a capital de Mato Grosso foi transferida, em 1835, para Cuiabá que se tornara um importante polo comercial.

De acordo com Bandeira (1988, p. 50-60), conforme os dados trazidos pelo Conselheiro Herculano Ferreira Penna, em 1821 a população de Vila Bela era 5.819 habitantes, passando, em 1828, a 1.595 habitantes, dos quais 502 eram escravos segundo

o levantamento de Luiz D'Alincour. A população foi reduzida consideravelmente já nos anos que antecederiam a transferência oficial da capital do estado para Cuiabá.

Rondon (1922, p. 12-13), na primeira incursão para a instalação da linha telegráfica entre Cáceres e Matto-Grosso (Vila Bela), nos idos de 1900 a 1906, fez a seguinte constatação:

Pouso-Alegre foi o seu nome primitivo, e o único que lhe podia assentar actualmente é o Villa Triste. Ao contemplarem-se estas ruínas evocativas de um passado de pompas e de domínio absoluto, sente-se a alma embeber-se de indefinível melancolia, como quando se revêem sítios que já vimos transbordantes de vida, e agora encontramos abandonados, sem ruído, sem um movimento, sem uma cor que lembre o presente, apagado pelas sombras da saudade. [...] Diante da morna tristeza que se derrama por Villa-Bella, também eu deixei arrastar-me por pensamentos de ressurgimento, de glórias futuras (...)

A região apresenta atualmente um alto índice de sua população descendente de africanos trazidos para lá no período da escravidão para o trabalho nas minas. Essas pessoas permaneceram na localidade quando os comerciantes e os fazendeiros abandonaram suas propriedades com a transferência da capital. As tradições das regiões africanas mantêm-se de forma vigorosa em Vila Bela, onde se localiza o quilombo *Boqueirão*.

Cáceres, por sua vez, pelas condições de navegabilidade pelo Rio Paraguai, transformou-se em um importante meio de comunicação entre Vila Bela da Santíssima Trindade, Cuiabá, Corumbá e a capitania de São Paulo, promovendo e desenvolvendo o comércio das regiões interioranas. Mas, acima de tudo, pela posição que ocupa, desempenhou importante papel na definição e defesa de fronteiras entre Portugal e Espanha e, mais tarde, entre Brasil e Bolívia.

Já *Diamantino* é historicamente ligado aos primórdios da fundação de Cuiabá do qual foi distrito. A movimentação para a formação do núcleo populacional que deu origem a *Diamantino* começou em 1728, poucos anos depois da fundação de Cuiabá, na região de minas de diamante. Em virtude da intensa movimentação de garimpeiros no território onde se encontravam as jazidas, a Coroa portuguesa passou a administrar o local por meio de Destacamentos, guarda montada na região por Dom António Rolim de Moura Tavares, primeiro governador e Capitão General de Mato Grosso. Em consequência do rápido crescimento da região impulsionado pela extração de ouro e diamante, a Junta Governativa propôs que a vila *Alto Paraguai Diamantino* fosse elevada à condição de capital da Província, contudo Dom Pedro I preferiu Cuiabá (Ferreira, 20021, p. 453).

No decorrer dos anos, a falta de trabalho escravo, bem como a abertura dos Portos em 1856, possibilitando a navegação pelo rio Paraguai e, principalmente, a escassez de diamante e de ouro ocasionaram o declínio de Diamantino. Com o novo ciclo de extração da borracha, a vila foi lentamente diminuindo de importância. O município tem atualmente 21.941 habitantes em uma área territorial de 8.263,397 km² com uma base econômica centrada na agricultura (Ferreira, 2001).

A região onde se localiza o município de Nobres foi rota de passagem dos exploradores de minérios (garimpeiros), entre os municípios de Cuiabá e Diamantino iniciado em 1747 (Ferreira, 2001, p. 511); (IBGE, 2023). Antes de sua emancipação em 1963, Nobres foi distrito de Rosário Oeste com o nome de distrito *de Paz de Nobres* e o seu território habitado por povos indígenas Bakairi, hoje alocados no Território Indígena *Santana*.

Conforme Ferreira (2001, p. 512),

Nobres é região rica em belezas naturais, nos meandros da serra do Tombador escondem-se verdadeiras maravilhas esculpidas pela natureza, com inúmeras cachoeiras e grutas, algumas totalmente inexploradas. Existem sítios arqueológicos de grande valor científico, onde proliferam pinturas e inscrições rupestres, que atestam a antiguidade da vida humana na região.

Nobres sediou a primeira usina hidrelétrica de Mato Grosso, atualmente desativada. A região presenciou ainda uma batalha sangrenta, em 1901, entre as forças do estado contra as forças que defendiam o município de Diamantino, no alto da serra da *Caixa Furada* (relevo que compõe a grande serra do Tombador), na margem direita do rio Serragem. Outro acontecimento importante em Diamantino foi a passagem de Theodore Roosevelt pela região em 1913 na Expedição Científica Rondo-Roosevelt, além da presença dos revoltosos da Coluna Prestes em 1926, na região (Ferreira, 2001).

2.2.1. Municípios da Região Imediata de Cáceres e Cuiabá

A colonização foi um recurso utilizado, no século XVIII, para resguardar o estado de Mato Grosso como fronteira nacional e, mais recentemente, como uma região de fronteira agrícola. A distribuição de terras a pequenos produtores migrantes não foi suficiente para uma ocupação mais rápida, sendo necessária uma iniciativa planejada do governo junto a particulares. A esse respeito, Higa e Moreno (2017, p. 54) esclarecem:

Somente a partir da década de 1940 é que a política estadual de colonização voltou a ser implementada com a 'Marcha para o Oeste' política de ocupação dos 'espaços vazios' do Oeste e da Amazônia posta em prática pelo governo

[...] de Vargas (1930/1945), visando à expansão da fronteira agrícola nacional a partir da criação de ‘colônias agrícolas nacionais’.

O projeto *Marcha para o Oeste*, implantado no Estado-Novo, por Getúlio Vargas, visava ao povoamento e desenvolvimento do interior do país, que apresentava, naquela ocasião, baixíssimo índice demográfico, apesar do grande potencial natural importante para a integração e prosperidade da nação. Contudo, de acordo com Guimarães Neto (2021, p. 109), o projeto visava, sobretudo, a dar “ao Brasil a sua maior riqueza: o alargamento das suas fronteiras”. Nesse sentido, a expansão da fronteira agrícola pela criação de colônias agrícolas nacionais, no Centro-Oeste, garantiria o abastecimento alimentar dos centros urbanos e o fornecimento de matéria-prima para uma indústria em ascensão no país.

Desta forma e em razão desse novo momento histórico, o povoamento da Região Geográfica Intermediária de Cáceres tornou-se possível graças a programas dos governos estadual e federal, por meio de incentivos fiscais, vendas de terras devolutas a baixos preços com a garantia de que o investidor implantasse a infraestrutura que possibilitasse o povoamento na região.

Posicionando-se acerca dessa estratégia política de colonização e de reforma agrária, Ianni (1979, p. 98) argumenta que

[...] expressa a articulação entre os interesses da grande empresa privada e o poder público, de modo a conduzir a resolução da questão da terra de acordo com o princípio da propriedade privada e segundo as exigências de um crescimento extensivo do capitalismo em áreas de terras devolutas, tribais ou ocupadas por indígenas e posseiros com suas roças e criações.

Em se tratando do estado de Mato Grosso, a política de colonização implementada pela parceria entre governo federal e empresas privadas foi, também, uma solução para os problemas agrários do Sul do Brasil, mais especificamente do Rio Grande do Sul e do Paraná (Barrozo, 2014). A região implementou uma modernização do setor agrícola, com o remanejamento dos minifúndios e latifúndios improdutivos, incorporando-os às terras das grandes fazendas e, por consequência, desencadeou o processo de migração das famílias para o Mato Grosso e para a Amazônia.

Os municípios da região geográfica de Cáceres receberam um contingente migratório mais expressivo da região Sudeste. Nesse contexto, Guimarães Neto (2021, p. 110) reconhece essa nova forma de colonização como uma conclusão do processo iniciado pelas bandeiras paulistas ao afirmar que “mais uma vez, a retórica do bandeirismo recai sobre os paulistas”.

Nessas circunstâncias foi criado o município de *Rio Branco*, cujo território pertencia a Cáceres do qual foi distrito em 1978, emancipando-se no ano seguinte. O povoamento da região foi administrado pela CPP¹⁵ (Comissão de Planejamento da Produção), responsável pelo assentamento de famílias, oriundas principalmente da região sul do estado (Dourados/MS e Jaciara/MT) e dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo afeitas à agricultura (Ferreira, 2001, p. 590). A ocupação foi iniciada em 1963, na localidade denominada colônia Rio Branco, na qual cada colono recebeu 30 hectares de terra para o assentamento, condição para o recebimento definitivo do título.

No mesmo contexto de fundação, enquadra-se o município de *Salto do Céu*, surgido em decorrência da ampliação dos assentamentos de colonos da colônia Rio Branco (Ferreira, 2004). Também desmembrado do território de Cáceres, *Salto do Céu*, foi colonizado por imigrantes dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo que passaram a cultivar arroz e feijão em uma área de terra de 200.000 metros para a própria subsistência. *Lambari d'Oeste*, por seu turno, é uma evidência do progresso operado no município de Rio Branco do qual foi distrito entre 1981 e 1991 quando foi elevado à categoria de município com o nome de *Lambari*. O intenso fluxo migratório oriundo da porção sul do Mato Grosso, Minas Gerais e Espírito Santo permitiu o surgimento de inúmeros povoados em Rio Branco, dentre os quais destacou-se a *Gleba Cerejeira* primeiro nome da localidade. Nessa conjuntura, guarda as mesmas características do contexto de fundação de Rio Branco, operação ligada às ações da CPP (Comissão de Planejamento da Produção) (Ferreira, 2001).

Curvelândia, por sua vez, evidencia o contínuo desenvolvimento de *Lambari d'Oeste*, já que seu território é desmembramento de sua área territorial, como também da área territorial de Cáceres e de *Mirassol d'Oeste*, em 1998. Os primeiros sertanistas passaram pela região habitada somente por indígenas ainda no século XVIII. Eram exploradores dos garimpos de Diamantino, Arenápolis e Barra do Bugres que, na busca por mais metais preciosos, encontraram a foz do rio Cabaçal. Nesse contexto, a história da região é contemporânea ao povoamento do território de Cáceres. Somente quando a poaia atingiu um alto valor comercial, surgiram acampamentos na região da Comunidade do Cabaçal, por volta de 1960. A partir de 1970, deu-se início a ocupação mais ordenada do território de *Curvelândia* pela concessão de terras na faixa Brasil-Bolívia a fazendeiros vindos do estado de São Paulo. Contudo, a região não prosperou, ficando abandonada e,

¹⁵ - Órgão do governo estadual destinado a orientar a colonização do estado (Higa: Moreno, 2017, p. 54).

mais tarde, sendo ocupada por pessoas vindas principalmente do Mato Grosso do Sul, Pernambuco, São Paulo e Ceará (Ferreira, 2001).

Pelo exposto, em um curto espaço de tempo, após a própria emancipação, o município de Rio Branco deu surgimento ao de Lambari d'Oeste que, por sua vez, possibilitou a criação do município de Curvelândia. Essa dinâmica revela que esses municípios se consolidaram como povoados em áreas distantes, em meio a grandes vazios, dentro de um mesmo município, o que facultou o fortalecimento de condições para a sua emancipação e não a fusão de uma região a outra.

Mirassol d'Oeste (polo integrador da Região Geográfica Imediata de Mirassol d'Oeste) é um município desmembrado do território de Cáceres que sofreu, ao longo dos anos, diversas configurações em seu território das quais resultaram os municípios de Curvelândia, Araputanga, Glória d'Oeste e São José dos Quatro Marcos. Mirassol d'Oeste foi o primeiro distrito sob jurisdição de Cáceres, elevado à condição de município no ano de 1976. O município foi fruto de investimento de colonizadores paulistas em terras devolutas do estado, por intermédio da imobiliária Mirassol. O paulista Antônio Lopes Molon foi fundador do núcleo que deu origem ao atual município. Por meio de novos desmembramentos das mesmas terras originou-se o município de São José dos Quatro Marcos, distrito de *Mirassol d'Oeste* a partir de 1977, cuja emancipação ocorreu em 1979.

Araputanga, por sua vez, possui uma área territorial de 1.639,733 km², embora esse território já tenha sido de maior proporção, uma vez que o município de Indiavaí pertencia a *Araputanga*. Como distrito de Mirassol d'Oeste até 1979, a colonização da área territorial de *Araputanga* foi da mesma natureza da de Mirassol, ou seja, por meio de investidores paulistas que adquiriam terras devolutas do estado por preços mais acessíveis e se comprometiam a garantir a infraestrutura para a colonização da região. Os povos indígenas da etnia bororo habitaram a região antes da chegada dos europeus em terras brasileiras. Os remanescentes dessa etnia denominados pelos paulistas de índios Cabaçais, foram transferidos para o Território Indígena *Umutina*, em Barra do Bugres (IBGE, 2023); (Ferreira, 2001).

Indiavaí foi, como já assinalado, desmembrado do município de Araputanga, situando-se às margens do ribeirão Água Suja, a 700 metros do rio Jauru. A região foi habitada por uma comunidade indígena bororo (Cabaçais) a qual o topônimo faz referência. O crescimento populacional desse município é bem recente com o

estabelecimento da fronteira agrícola de Mato Grosso, apesar de sua emancipação ter ocorrido em 1986.

O município de *Jauru* não difere dos demais, no que diz respeito à sua constituição, pois foi colonizado em terras adquiridas do governo, entre os rios *Guaporé* e *Jauru*, pela Companhia Comercial de Terras Sul Brasil, da cidade de Marília, São Paulo (Ferreira, 2004). Na atualidade o município tem uma área de 1.345,411 km² (IBGE, 2023), entretanto a sua área territorial já foi maior, pois o município de Figueirópolis d'Oeste originou-se do território de *Jauru*. O município pertencia a Cáceres até 1979, ano de sua emancipação e, portanto, comunga de acontecimentos históricos dos primórdios de Mato Grosso. A população dessa unidade administrativa é essencialmente mineira e, em menor número, paulista. O município conta com uma extensão da UNEMAT (Universidade de Mato Grosso). A colonização dessa região foi fruto das ações de José Joaquim de Azevedo Figueiredo, pioneiro paulista responsável pela demarcação e venda de terras dessa localidade, com incentivos fiscais dos governos estadual e federal. A região era habitada por povos da etnia bororo (Cabaçais) e, atualmente, não há Territórios Indígenas no município. A região também fez parte do ciclo do extrativismo vegetal em razão de abrigar grande quantidade de poaia (ipecacuanha), época que recebeu intensa movimentação (Ferreira, 2001, p. 459).

O município de *Reserva do Cabaçal* tem origem de um núcleo populacional do município de Rio Branco do qual foi distrito a partir de 1978, emancipando-se em 1986. Conforme Ferreira (2001, p. 584), “da fazenda Itaguay, em 1967, cuja sede fica a dez quilômetros de Reserva do Cabaçal, cerca de 150 diaristas que trabalhavam no cultivo da terra ergueram seus olhos para o outro lado do rio, à margem esquerda, certificando-se que aquelas terras eram devolutas”, ocuparam-na e exigiram a demarcação dos lotes por meio da CODEMAT. Consequentemente, o município foi colonizado pelo método de grilagem “organização dos grileiros” (Houaiss, 2009), conceito que expressa um traço regional das regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil para a ocupação de terra e posterior legalização. A área de 1.331,677 km² foi ocupada por imigrantes vindos principalmente dos estados de Minas Gerais e do Espírito Santo.

Porto Esperidião pertenceu a Cáceres do qual se emancipou em 1986, entretanto, a região está ligada historicamente a Vila Bela da Santíssima Trindade, do qual faz divisa. O município surge no contexto do movimento desbravador da comissão Rondon quando da instalação das Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso e do Amazonas. Conforme Ferreira (2001, p. 573), “o trecho compreendido ia até o vale do Guaporé,

permitindo a instalação de uma estação telegráfica nas margens do rio Jauru, dando origem a um povoado de nome Porto Salitre”. Mas o grande desenvolvimento da região ocorreu com a construção da rodovia que liga Cáceres a Vila Bela da Santíssima Trindade, passando por Porto Esperidião, bem como a construção da primeira ponte de madeira sobre o rio Jauru e a instalação de um destacamento militar local.

A região de *Glória d'Oeste* também era habitada por índios da etnia bororo (Cabaçais), quando da chegada de população não indígena, em diversos ciclos de exploração, dentre os quais, o da poaia e da seringa. O município situa-se no mesmo contexto de ocupação ordenada da região por colonos paulistas, por meio da aquisição de lotes comercializados por proprietários investidores.

A região do território de *Pontes e Lacerda* passou por sucessivas incursões de bandeirantes paulistas no século XVIII ocasionando o extermínio de grande parte dos povos indígenas da nação Nambikwara (IBGE, 2023), nativos dessa porção de território. A área do município foi estação telegráfica da linha entre Cáceres e Vila Bela da Santíssima Trindade em 1906. Historicamente *Pontes e Lacerda* liga-se ao município de Vila Bela da santíssima Trindade, do qual foi distrito de 1976 a 1979, quando foi emancipado. Apesar de bem antigo, o município foi povoado mais intensamente entre 1940 e 1960, em decorrência da extração de poaia e de peles de animais e pela ação da Colonizadora Sul Brasil, na localidade de Pindaituba (Ferreira, 2001, p. 567).

Do território de Pontes e Lacerda foram criados os municípios de *Vale de São Domingos* e *Conquista d'Oeste*, no ano de 1999. O primeiro surgiu em decorrência do crescimento do povoado São Domingos, passando pela fase de distrito até a categoria de município. O segundo, antes, foi uma vila surgida em decorrência da ocupação da fazenda *Conquista*, por posseiros, forçando a regulamentação da ocupação (Ferreira, 2001).

Comodoro integrava o território de Vila Bela da Santíssima Trindade até o ano de 1986, data de sua criação. O território também foi habitado pelos indígenas Nambikwaras, sendo que os remanescentes dessa nação permanecem em áreas delimitadas em Comodoro e Nova Lacerda. A região presenciou os trabalhos de Rondon na implantação da Linha Telegráfica de Nambikwaras em 1911, como também passou pelo ciclo de extração da borracha nos anos de 1950. Entretanto, o efetivo povoamento da região veio pelos incentivos fiscais estaduais e federais no estabelecimento da fronteira agrícola (Ferreira, 2001). Comodoro e Pontes e Lacerda são municípios constituídos como polo integrador da região imediata de Pontes e Lacerda-Comodoro.

Distrito de Comodoro de 1986 a 1994 *Campos de Júlio* teve como principal colonizador Valdir Massuti, desbravador que atuou para que famílias, especialmente do sul do país, viessem para a região (Ferreira, 2001). Já Nova Lacerda é município desmembrado da área territorial de Comodoro e de Vila Bela da Santíssima Trindade com quem tem ligações históricas, uma vez que a movimentação em seu território foi motivada pela atividade garimpeira nos primórdios da fundação de Vila Bela (Mato Grosso), além da extração vegetal. Entretanto, o povoamento recente ocorreu quando inúmeras famílias fundaram um assentamento no trecho entre Pontes e Lacerda - Comodoro com o objetivo de desenvolver a agricultura nas terras férteis do Guaporé, pelos programas federais para a expansão de fronteira agrícola (Ferreira, 2001).

Os municípios de Tangará da Serra, Denise, Nova Olímpia e Porto Estrela foram todos pertencentes ao território de Barra do Bugres.

Tangará da Serra é o sexto município mais populoso do estado com 106.434 habitantes em uma área territorial de 11.636,825 km². A região passou pelo ciclo do extrativismo vegetal, recebendo pessoas dos estados do Paraná, São Paulo e Minas Gerais, a procura de poaia (IBGE, 2023). No contexto de incursões dos bandeirantes pela região central do Brasil, surgiram os primeiros contatos com as etnias Nambikwara e Pareci que habitavam a região. Já no século XX, a Comissão Rondon adentrou a essa região e, com a ajuda desses povos, implantou as linhas telegráficas em 1913. Os Parecis permanecem em *Tangará da Serra*. A passagem de Rondon pela região contribuiu também para abrir a rodovia que sobe os chapadões dos Parecis, além de compilar informações relativas à flora e à fauna da região, contribuindo com as gerações porvindouras (Ferreira, 2001).

Denise foi distrito de Barra do Bugres, município que ficou isolado dentro do próprio estado por muito tempo. Os primeiros registros de movimentação na localidade estão relacionados aos trabalhadores que extraíam a seringa e a poaia, pois o território de *Denise* era uma mata fechada riquíssima dessas espécies (Ferreira, 2001). Após a queda dessas variedades vegetais no mercado internacional, a região foi abandonada. *Denise* é outro município que despontou por meio dos programas do governo em parcerias com imobiliárias na demarcação de lotes urbanos e rurais. O município localiza-se em uma área territorial de 1.273,178 km² com 7.014 habitantes cuja base econômica inclui o cultivo de cana-de-açúcar para abastecer a usina que fica em Nova Olímpia.

Nova Olímpia também começou a ser efetivamente colonizada por volta 1954 por investimentos de paulistas para a aquisição de terras em Mato Grosso. A base econômica

de *Nova Olímpia*, quando da colonização, era a extração da poaia. Na atualidade, as culturas de cana-de-açúcar, arroz, milho, feijão, extrativismo vegetal, além da pecuária de corte, cria e recria se destacam na região.

Porto Estrela, por sua vez, teve o seu povoamento diretamente ligado à expansão econômica e cultural de Cáceres, já que Barra do Bugres era também povoado daquele município. A região foi o maior ponto de referência na exportação de poaia que era comercializada com os barqueiros que trafegavam pelo rio Paraguai, além do extrativismo da borracha e de madeiras de lei como a Araputanga (mogno), Ipê, Jatobá, Cedro e tantas outras espécies exploradas por pessoas vindas da região de Cáceres e de outras localidades.

2.3. Os povos indígenas dos municípios pesquisados de Mato Grosso

A nação brasileira, em sua formação etno-histórica, “acusa a existência de estratos populacionais diversos como os ameríndios, distribuídos em vários troncos, os portugueses, os africanos, e os de procedência estrangeira, já em época posterior à colonização propriamente dita” (Dick, 1982, p. 75). Nesse contexto, a população do estado de Mato Grosso, em sua constituição originária, é um reflexo da colonização ocorrida nas demais regiões do país, tendo por base os povos que ali habitavam, o colonizador e a força de trabalho africana.

Conforme Higa e Moreno (2017, p. 102),

Desde tempos imemoriais, diferentes povos indígenas habitam a área que hoje corresponde ao território mato-grossense. Muito antes da ocupação portuguesa do Brasil, esses povos construíram seus territórios, desenvolveram organizações sociais e criaram culturas e formas próprias de viver e se relacionar com a natureza.

O contato regular entre esses povos e os não indígenas começa a acontecer quando os paulistas partiram do atual município de Porto Feliz, pelo rio Tietê, chegaram a Cuiabá com a intenção de prear índios e encontrar pedras preciosas, em 1719. Tratava-se dos povos da etnia *Bororo*, também denominados por *Coxiponés*, indígenas que habitavam a região do rio *Coxipó*¹⁶, local de fundação do primeiro arraial, o arraial da Forquilha.

Dick (2008, p. 226-227) esclarece que,

[...] do ponto de vista dialetológico, a toponímia oficial do estado de Mato Grosso apresenta pelo menos três estratos dialetais constatados: o mais antigo, de origem ameríndia, representada por nomes bororos, do tronco Makro-jê,

¹⁶ - *Coxipó* - da língua bororo *cugí* – um peixe + *bo* - rio (Cardoso, 1961, p. 410).

cujo uso não ultrapassou os limites regionais do planalto central; a camada portuguesa, estabelecida com a própria ocupação, aí se fixando à medida que os paulistas transformaram os vazios demográficos em densidade onomástica europeia; a camada de origem tupi, ou tupinambá, devida, provavelmente, como em tantos outros lugares, à presença do índio nas bandeiras, ou a mamelucos e brasileiros falantes do dialeto [...]; além de outros nomes indígenas de procedência distinta.

A época da formação das primeiras vilas em Mato Grosso se inscreveu historicamente no contexto de escravidão e, como era natural, os trabalhos de mineração, bem como os da lavoura, eram executados, especialmente pela comunidade negra para cá trazida. Assim, aos povos indígenas somaram-se os lusodescendentes e os povos africanos nas regiões de minas, e nos séculos seguintes, particularmente na segunda metade do século XX, os migrantes de diferentes partes do Brasil, especialmente das regiões Sul e Sudeste, deixando reflexos na toponímia do estado.

No panorama geral brasileiro, Dick (1992, p. 8) considera que o estudo de toponímia não foge às considerações relativas a três adstratos linguísticos: o português, o africano e o indígena, conforme a composição étnica brasileira. Nesse contexto, os topônimos de base indígena, na área das pesquisas em toponímia, têm sido muito valorizados desde as primeiras pesquisas em toponímia no Brasil que focalizaram os nomes de base indígena (Dick, 2006).

Em se tratando de Mato Grosso, apesar da contribuição de Drumond (1965) na preservação e difusão da toponímia Bororo, ela ficou mais restrita ao Brasil Central. O tupi, ao contrário, adentrou a toponímia do estado e ali deitou raízes, ainda que, de acordo com Dick (2008, p. 227), “o Centro-Oeste mato-grossense não foi habitat natural dos ‘povos das águas’”. Essa toponímia influenciou a língua nacional pela região Sudeste, especificamente por São Paulo, adentrando ao estado de Mato Grosso mais pelo colonizador branco, do que por indígenas falantes do tupi. É o caso, por exemplo, do município de Lambari d’Oeste, fundado em 1991, cujo primeiro elemento do topônimo é de língua tupi motivado por um curso d’água de mesmo nome em virtude da abundância do peixinho nesse córrego (IBGE, 2023). Os primeiros colonizadores do município vieram do estado de São Paulo, realidade verificada em grande parte dos municípios contemplados por este estudo, conforme apontado anteriormente.

O movimento colonizador, geralmente ancora-se em uma visão etnocêntrica que dificulta, aos que chegam, reconhecer a alteridade. Em se tratando da colonização de regiões habitadas por povos indígenas, o colonizador toma a própria cultura como ponto

de partida para quantificar e qualificar o espaço a ser explorado em sua manifestação física e antropocultural.

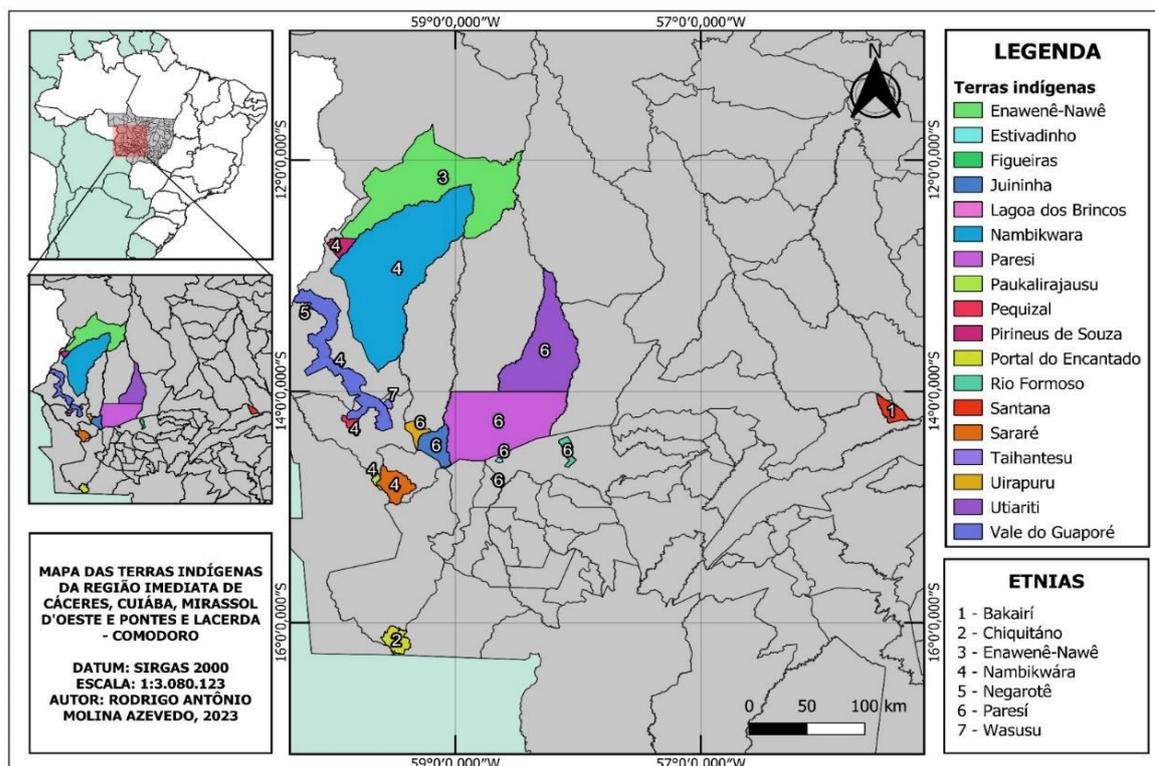
De acordo com Campos e Pereira (2015, p. 536), a partir de registros de viajantes que percorreram o território mato-grossense, “identifica-se uma escala de valor entre civilização e barbárie, em torno da qual giram as descrições de práticas culturais, organização social, cultura material e relações travadas com a sociedade não índia”.

Culturalmente os indígenas comportavam-se com reduzida estabilidade, em virtude de uma economia baseada na coleta e na caça dos recursos dispersos e sazonalmente diversificados, sem modificar o espaço pela cultura de plantação e criação de animais, o que requer imensos territórios. Com a chegada do colonizador, inicia-se uma exploração dessas regiões em diferentes ciclos.

A despeito de todos os embates entre os povos originários e os colonizadores com prejuízo para os primeiros, Mato Grosso abriga inúmeras populações de diferentes etnias, em terras delimitadas e protegidas por leis federais. Os Territórios Indígenas (TI) são espaços demarcados em diversos municípios, para a habitação dos indígenas em caráter permanente. De acordo com Camargo (2011), há 70 Territórios Indígenas em todo o estado de Mato Grosso.

A figura 2, apresenta os Territórios Indígenas nos municípios que fazem parte desta pesquisa e as respectivas etnias.

Figura 2: Mapa das terras indígenas de Mato Grosso e as respectivas etnias.



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do IBGE (2023) e de Camargo (2011) e cartografado por Azevedo (2023).

Seis dos 21 municípios da Região Intermediária de Cáceres mantêm Terras Indígenas em seu território. Dos seis municípios da região Intermediária de Cuiabá cuja toponímia integra o *corpus* desta pesquisa, somente Diamantino, Nobres e Tangará da Serra reúnem terras destinadas ao acolhimento dos indígenas de acordo com o informado na figura 2 e discriminado a seguir:

- I. Diamantino: dois TI¹⁷: Estação *Paresi*¹⁸ e *Ponte de Pedra*, ambas da etnia *Paresi*;
- II. Tangará da Serra: quatro TI: *Paresi*, *Estivadinho*, *Figueiras* e *Paresi do Rio Formoso*, com indígenas da etnia *Paresi*;
- III. Conquista d'Oeste: dois TI: *Juininha* da etnia *Paresi* e as Terras Indígenas *Sararé* da etnia *Manairisu*;
- IV. Comodoro: cinco TI: *Lagoa dos Brincos* da Etnia *Negarote*; *Nambikwara*, *Pirineus de Souza* e *Vale do Guaporé* da Etnia *Nambikwara*; e Terras Indígenas *Enawenê-Nawê* da etnia *Enawenê-Nawê*;

¹⁷ Territórios indígenas.

¹⁸ - Camargo (2011) grafa a palavra com s (*Paresi*). Houaiss (2009) e Higa; Moreno (2017) grafam *Pareci/Parecis*.

- V. Nova Lacerda: quatro TI: *Pequizal* da etnia *Nambikwara*; *Sararé* da etnia *Manairisu*; *Taihãntesu* da etnia *Wassu*; e as Terras Indígenas *Vale do Guaporé* da etnia *Nambikwara*;
- VI. Porto Esperidião: um TI: *Portal do Encantado* da etnia *Xiquitano*;
- VII. Vila Bela da Santíssima Trindade: tem demarcados dois TI: *Portal do Encantado* da etnia *Xiquitano*, além do TI *Sararé* da etnia *Manairisu*;
- VIII. Pontes e Lacerda: um TI: *Portal do Encantado* da etnia *Xiquitano*;
- IX. Nobres: um TI: *Santana* da etnia *Bakairi*.

Muitos desses povos originários, especialmente, os *Parecis* e os *Nambikwaras*, viram os territórios onde habitavam serem dominados por imigrantes de diferentes partes do Brasil e do próprio estado no período em que a seringa e a poaia estavam em alta no mercado internacional. Além disso, a implantação das linhas telegráficas que ligaram o Mato Grosso ao estado do Amazonas e a construção da BR 364 que cortou as áreas habitadas por essas populações, contribuíram para uma desorganização social e territorial e conseqüente transmigração para outras regiões.

Todavia, Cardoso (1961, p. 49) destacou a grande contribuição da Comissão Rondon (Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas) pelas obras publicadas sobre a gramática e vocabulário dos povos da etnia *Bororo* e *Pareci*, além do volume de glossário geral do vocabulário de diversas etnias do Mato Grosso e do Amazonas.

De acordo com Cardoso (1961, p. 50) os estudos brasileiros muito devem “à preciosa colaboração da Inspeção de Fronteiras, também chefiada por Rondon, não somente pelo valioso acervo com que a mesma, tão eficazmente, tem enriquecido a etnologia brasileira, como pela preciosa contribuição aos domínios da lingüística brasileira”. Os *Nambikwaras* eram povos desconhecidos até o trabalho da Comissão Rondon.

De acordo com Fernandes (1993, p. 81), Território Indígena constitui-se como

[...] um espaço da sobrevivência e da reprodução de um povo, onde se realiza a cultura, onde se criou o mundo, onde descansam os antepassados. Além de ser um local onde os índios se apropriam dos recursos naturais e garantem sua subsistência física é, sobretudo, um espaço simbólico em que pessoas travam relações entre si e com seus deuses. Há que se ressaltar, ainda, que a apropriação de recursos naturais não se resume em produzir alimentos, mas consiste em extrair matéria-prima para a construção de casas, para enfeites, para a fabricação de arcos, flechas, canoas, e outros, e, ainda, em retirar as

ervas medicinais que exigem determinadas condições ecológicas para vingarem.

Pelas palavras da autora, a característica mais importante de um Território Indígena é a forma coletiva de utilização do espaço, o que subentende a desvinculação do caráter de mercadoria, não agregando valores a depender da transformação do seu entorno.

Em razão de serem espaços que visam preservar esses povos na cultura que os envolve, os territórios são mais extensos do que aqueles destinados à agricultura, o que nos leva a pensar que as culturas indígenas se encontram, ainda, de forma artificial, lá em 1500, em meio ao processo de globalização, diferente da cultura de povos não indígenas.

De todo modo, nem sempre os Territórios Indígenas são estabelecidos na mesma região onde esses povos habitaram na sua origem, o que implica em alteração de sua cultura, como ocorreu com os povos da etnia Bororo que habitavam a região de *Araputanga*, cujos remanescentes foram transferidos para a Terra Indígena *Umutina* em Barra do Bugres (IBGE, 2023). Ou mesmo a região de Nobres onde está localizado o TI que abriga a etnia *Bakairi*, do tronco linguístico aruaque. Entretanto, os topônimos identificados nessa região são da língua *bororo* do tronco *Macro-Jê*, além do *tupi* e do *guarani*.

As relações entre o acidente geográfico e o termo genérico desses acidentes, em Mato Grosso, são examinadas a seguir.

2.4. Os termos genéricos dos acidentes geográficos físicos e humanos.

A estrutura do relevo, sua altitude, as especificidades de aspecto e suas interfaces com os recursos hídricos constituíram fatores determinantes na forma de ocupação do solo, em Mato Grosso, por povos de outros estados do Brasil que visavam a habitar a região permanentemente nas últimas décadas do século XX. Conforme Higa e Moreno (2017, p. 222),

[...] as formas do relevo devem ser vistas e entendidas como mais um dos vários componentes da natureza e, na perspectiva humana, como um recurso natural, pois as variações de tipos de formas favorecem ou dificultam os usos que as sociedades humanas fazem do relevo. De forma geral, as populações preferem desenvolver as atividades econômicas como agricultura ou construir cidades nos terrenos mais planos ou pouco inclinados, e tendem a evitar construções e praticar atividades agropecuárias nos relevos montanhosos ou mesmo nos planos, mas pantanosos.

O município de Vila Bela da Santíssima Trindade é um exemplo da influência do relevo no processo de ocupação e desenvolvimento de um espaço. Situado no *Vale do Guaporé*, área caracterizada por relevo de planície, a região é inundada pelo rio *Guaporé* no período das chuvas, como nos tempos do Brasil Colonial, quando ocupou a importante função de centro político-administrativo de Mato Grosso. O município tem a segunda maior área territorial entre os 27 contemplados por este estudo, com 13.484,710 km² e 16.774 habitantes, em contraste com Cáceres que ocupa a primeira posição com um território de 24.495,510 km², habitado por 89.681 pessoas, conforme o censo de 2022 (IBGE, 2023).

As interações entre o relevo e a hidrografia, em qualquer região, influenciam nas formações das águas de superfícies, como no exemplo do rio *Paraguai* que atravessa o território de Mato Grosso, ao passar por terrenos planos, formam lagoas, lagos, baías, corixos etc., e, ao percorrer superfícies de planaltos, chapadas e serras, apresentam em seu curso, cachoeiras, corredeiras, cascatas, saltos, quedas, dentre outros acidentes hídricos influenciados pelo desnível do solo (Higa; Moreno, 2017, p. 278-282). Nessa perspectiva e considerando as diferentes fases de ocupação territorial dos municípios cuja toponímia está sendo examinada neste estudo, dedicamos, neste espaço, a análise do elemento genérico do sintagma toponímico.

O termo *genérico* diz respeito ao que “abrange várias coisas” além de “expresso ou tratado em termos vagos, gerais” (Houaiss, 2009), cabendo, nesse caso, que cada componente desse conjunto, tenha suas características ressaltadas para uma abordagem individual, quanta à nomenclatura. No campo da Toponímia essa divisão resulta no sintagma toponímico constituído pelo nome do acidente (termo geográfico) e pelo nome próprio que lhe é atribuído, o topônimo, que, se for oficial, encontra-se registrado nos mapas do IBGE (2010).

Na tabela 1, a seguir, apresenta-se a relação dos nomes geográficos genéricos dos acidentes humanos (aglomerados urbanos e rurais) em números absolutos e percentuais.

Tabela 1: Frequência dos termos geográficos genéricos que nomeiam acidentes humanos por Região Imediata.

Cáceres		Mirassol d'Oeste		Pontes e Lacerda – Comodoro		Cuiabá		Total		
Termo genérico	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%

Agrovila	-	-	-	-	01	0,8	-	-	01	0,22
Assentamento	-	-	-	-		-	01	1,72	01	0,22
Colônia	-	-	-	-	01	0,8	-	-	01	0,22
Comunidades	02	1,36	-	-	03	2,4	20	34,48	25	5,66
Distritos	09	6,12	03	2,70	04	3,2	04	6,89	20	4,53
Glebas	02	1,36	03	2,70	07	5,6	01	1,72	13	2,94
Municípios	05	3,40	09	8,10	07	5,6	06	10,34	27	6,12
Núcleo	-	-	-	-	01	0,8	-	-	01	0,22
Portos	08	5,44	-	-	01	0,8	-	-	09	2,0
Povoados	121	82,31	96	86,48	93	74,4	23	39,65	333	75,51
Quilombo	-	-	-	-	01	0,8	-	-	01	0,22
Vilas	-	-	-	-	06	4,8	03	5,17	09	20,4
Total	147	100%	111	100%	125	100%	58	100%	441	100%

Fonte: Elaborado pela autora.

Os nomes dos acidentes humanos coletado nos 27 municípios revelam formas características de organização dos espaços urbanos desde o período colonial até os dias atuais. De acordo com Azevedo (1956, p. 9), “Os mais remotos embriões de nossas cidades podem ser considerados as modestas feitorias surgidas no litoral brasileiro, nos 30 primeiros anos do século XVI”. Eram espaços fortificados ou não, localizados em áreas costeiras, onde se reuniam as expedições de exploração da região que consubstanciava a posse pelo governo de Portugal frente a outros exploradores.

Iniciado o processo de colonização e conseqüente urbanização, instituiu-se o regime das capitanias, sistema de administração que atribuía aos donatários a responsabilidade por realizarem todas as povoações urbanas. Maia (1883, p. 28) esclarece que “as cartas regias, que, a benefício d'estes proconsules, dispensavam todas as restricções da Lei mental e outras concernentes ao senhorio das terras [...] No acervo de poderes, que traziam os donatários, vinha expressa a faculdade de crearem villas”.

De acordo com o autor, seguindo as determinações de Portugal contidas na Carta Régia de 20 de janeiro de 1535, as vilas teriam termo, jurisdição, liberdades e insígnias de Villas¹⁹, segundo a forma e costume do reino de Portugal.

A respeito da formação de vilas Biderman e Murakawa (2021) esclarecem:

A coroa portuguesa incentivava a fundação de vilas, nessa época, com o intuito de aumentar a fiscalização e o controle sobre as populações locais. Coube a Martim Afonso de Souza, no ano de 1532, a fundação da primeira vila no Brasil: a vila de São Vicente, em São Paulo.

¹⁹ - O mapa urbano de Vila Bela da Santíssima Trindade foi elaborado em Portugal, por autor não identificado, encontra-se no Acervo da Casa da Ínsua (Siqueira, 2017, p. 47).

Nesse contexto, de acordo com Azevedo (1956, p. 12), São Vicente “sob certos aspectos, pode ser considerada a primeira Capital que teve o Brasil” em razão de seu fundador possuir o título de ‘Capitão-mor e governador das Terras do Brasil’.

De acordo com Houaiss (2009), *vila* nomeia uma “povoação de categoria inferior a uma cidade, mas superior a uma aldeia” e como regionalismo brasileiro pode ser “conjunto de casas em beco com uma única saída para a rua, dispostas ao redor de uma pequena praça interior; avenida”. Também Biderman e Murakawa (2021) definem *vila* como “povoação de categoria inferior a uma cidade, mas superior a aldeia” com a primeira datação de 1530 encontrado no *Diário da Navegação* de Pêro Lopes de Sousa.

No território de Mato Grosso a *vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá*, atual Cuiabá, capital do estado, foi a primeira organização urbana dessa natureza fundada em 1727. Entretanto, importa esclarecer que a primeira denominação desse núcleo estável foi *Arraial do Cuiabá* (Siqueira, 2017, p. 32), uma organização urbana com menor autonomia que uma *vila*, sinônimo de “lugarejo, povoado” (Biderman; Murakawa, 2021).

As *vilas* configuraram-se como formas de organização que deram origem aos municípios mais antigos constituídos na fase do Brasil Colonial em toda a região de Mato Grosso, período em que o estado se encontrava subordinado à capitania de São Paulo. Depois da *vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá*, a segunda *vila* foi *Vila Bela da Santíssima Trindade do Mato Grosso* (1752), a terceira foi *Vila-Maria do Paraguai* (1778), atualmente município de Cáceres, a quarta, *Vila Boa*, atual estado de Goiás (1736) e *vila São Pedro Del Rei*, atual Poconé em Mato Grosso (1780) (Azevedo, 1956, p. 45).

Vila foi um termo identificado nas quatro regiões pesquisadas na categoria de genérico que nomeia povoados e, em Vila Bela da Santíssima Trindade, a unidade lexical *vila* incorporou a função toponímica ocupando o lugar de nome próprio. Nesse caso, o elemento genérico teve seu sentido esvaziado na acepção de povoação de dimensões medianas para assumir a categoria de nome próprio de lugar.

A região de Pontes e Lacerda – Comodoro foi a mais fecunda na utilização do termo genérico *vila*, totalizando nove ocorrências nos municípios de Vila Bela, Pontes e Lacerda e Vale de São Domingos. A unidade lexical apareceu também em Nobres, município que figura entre um dos mais antigos do estado e em Porto Esperidião, município com ligações históricas com *Vila Bela*.

Os termos genéricos *agrovila*, *assentamento*, *colônia* e *núcleo*, com uma única ocorrência cada um, refletem formas de organização do espaço de caráter inaugural e rural dentro de uma hierarquização que podemos chamar de evolução (desenvolvimento).

O elemento genérico *agrovila* compõe o sintagma toponímico *agrovila Novo Horizonte*, nome de um ajuntamento populacional localizado no município de *Comodoro*. O morfema prefixal *agro-* é transparente no atual momento da língua por designar o setor da economia mais forte do estado de Mato Grosso, entretanto, na composição com *vila*, o aspecto da dimensão da atividade motivadora é de menor abrangência. De acordo com Houaiss (2009) *agro* é “antepositivo, do gr. agrós, ou 'campo' que semântica e morfologicamente se confunde com o lat. agri 'campo'”. *Agro* ocorre em compostos do século XIX para cá como agrogeografia, agroenergia, agrologia, agromancia, agrometria, agronegócio, agronomia, agrônomo, agroquímica; e *agri* ocorre em compostos a partir do século XX como nos vocábulos de origem latina agreste, agrícola, agricultura, agrimensor, agrimensura. Para o IBGE (2015) o termo é definido como “núcleo populacional construído para abrigar pessoal alocado em projetos de construções rurais ou assentamentos relacionados a projetos agrícolas”. Houaiss (2009) define o termo como “núcleo populacional construído para servir de abrigo e oferecer assistência aos que trabalham na construção de estradas de desbravamento”. A unidade lexical *Agrovila* identifica uma comunidade pelo ofício que seus habitantes desempenham em atividades agrícolas, de forma conjunta ou em terras próprias.

Com o acréscimo do prefixo *agro-*, a palavra *vila* tomou a semântica com a qual foi difundida pelos romanos na região de Portugal, como termo que designa propriedades agrárias coletivas peninsulares (Carvalhinhos, 2008, p. 186), conforme a etimologia trazida por Houaiss (2009) do latim *villa, ae*, casa de campo, quinta. Trata-se de um elemento genérico de caráter transitório, a menos que o termo passe a ocupar o lugar de nome próprio como ocorreu com *vila*.

Com a mesma característica de transitoriedade aparecem os termos genéricos *assentamento* (assentamento Palmares) no município de Tangará da Serra e *núcleo* (núcleo São Judas) em Nova Lacerda. Em assentamento a palavra é formada pelo verbo *assentar* + o morfema sufixal *-mento* com o significado de “núcleo de povoamento constituído por camponeses ou trabalhadores rurais” enquanto núcleo é “qualquer elemento que ocupa a posição central na composição de uma estrutura; centro” ou “ponto a partir do qual as coisas emanam ou para onde as coisas convergem; centro” ou ainda “a parte primordial, essencial de alguma coisa (concreta ou abstrata)” (Houaiss, 2009). *Agrovila*, *assentamento* e *núcleo* são formas de organização de aglomerados humanos em regiões interioranas planejadas pelo poder público, quase sempre visando a solucionar

conflitos de outras localidades. São modelos de unidades produtivas que se configuram como moradias e fixam o homem no campo.

Já o termo *colônia* (colônia Santa Isabel) no município de Pontes e Lacerda constitui-se como “termo regional, com ocorrências na Região Sul do Brasil. Aglomerado disperso de habitações de camponeses, em geral, afastado de áreas com características urbanas” (IBGE, 2010). Ou “lugar em que um grupo de pessoas vive em comum ou reparte determinadas afinidades” (IBGE, 2015). *Colônia* é uma unidade lexical que denomina um dos mais importantes períodos da história do Brasil perdurando de 1530 até a época de sua independência em 1822.

Maia (1883, p. 28) esclarece que “foi a capitania de S. Vicente a primeira colônia regular. Ahi fundou Martim Affonso em 1531, (antes mesmo de lhe ser passada a sua carta) a villa de S. Vicente que foi a mais antiga de todas”. Nessas circunstâncias, a *colônia*, em sentido restrito, adquiriu o estatuto de vila e de capitania que, no contexto europeu, representava toda a colônia brasileira. O termo flutua do mais restrito ao mais amplo. A principal característica dessa fase foi a dependência do país às determinações de Portugal cuja atenção era voltada para a exploração de riquezas do território brasileiro para a manutenção da Coroa portuguesa. Conforme Biderman e Murakawa (2021) *colônia* é “território ocupado e administrado por um Estado e que se situa fora do âmbito de suas fronteiras geográficas; possessão, domínio”. É uma palavra que aparece com a primeira datação em 1584 na carta de Anchieta para Portugal.

Como já anteriormente discutido, a constituição de grande parte dos municípios contemplados por esta pesquisa ocorreu por meio de projetos de colonização em que o termo *colônia/colonização* estava incluso tanto como nome da empresa, quanto na região colonizada, a exemplo de *Colônia Rio Branco*, primeiro nome do município de Rio Branco. Nesse sentido a unidade lexical *colônia* está mais coerente na definição de Houaiss (2009) como “grupo de pessoas que se estabelecem em outra região de seu próprio país” ou ainda “lugar em que esses migrantes se fixam”.

Gleba configura-se como um termo geográfico de considerável frequência já que é nome genérico que será alterado para outro mais adequado à medida que o povoado for se desenvolvendo. Foram 13 ocorrências no *corpus* em estudo, das quais cinco localizam-se no município de Comodoro (*Cabixi, Macuco, Masutti, Padronal e Parto*); três no município de Figueirópolis d’Oeste (*Jauru, Santa Hermínia e Brigadeiro*); duas no município de Nova Lacerda (*Bacurizal e Vale do Guaporé*); uma no município de Nova Olímpia (*Aurora*) e duas no município de Salto do Céu (*Boa Vontade e Salto do Céu*).

Conforme IBGE (2015) *gleba* é “terreno dedicado à agricultura, pecuária ou mineração”. Em Houaiss (2009) é “terreno próprio para cultivo; torrão, leiva”; “terreno que contém minério. Alguns municípios de Mato Grosso, no início de sua formação, apresentaram *gleba* em função de terminologia genérica como Jauru (*gleba* Paulista), Lambari (*gleba* Cerejeira), Tangará da Serra (*glebas* Santa Fé, Esmeralda e Justino) e Araputanga (*gleba* Paixão). As acepções fornecidas pelo IBGE (2015) e Houaiss (2009) não contemplam a presença do elemento humano no ambiente da *gleba* como o demonstrado, a menos que adotemos a acepção do Houaiss (2009) do campo da história como “feudo a que os servos estavam ligados”. *Gleba* é um termo genérico com a equivalência de *agrovila*, entretanto, de caracteres mais rurais, sem estrutura e sem planejamento claro como “porção de terra não urbanizada” (Houaiss, 2009). Os residentes e trabalhadores desses espaços rurais sem regulamentação guardam semelhança com os servos da *gleba* do período medieval, que, embora ligados ao espaço, não eram homens livres e possuidores das *glebas*.

Os termos geográficos *assentamento*, *núcleo*, *colônia*, *gleba* e *agrovila* referem-se a comunidades temporárias ou não, mas sem autonomia administrativa, onde as pessoas vivem e trabalham. Obedecendo a uma hierarquia de “evolução” são termos genéricos que desaparecerão para dar lugar a outros como *cidade*, *distrito* e *município*. Trata-se de palavras que estabelecem relações de sinonímia, mas com nuances de significado.

Quilombo, por sua vez, neste estudo, compõe o sintagma toponímico *quilombo Boqueirão*, em Vila Bela da Santíssima Trindade. É uma terminologia que passou a ser usada, em território brasileiro, pelos idos de 1704, como podemos ver em Biderman e Murakawa (2021), que definiram como “lugar onde se recolhiam os negros fugitivos e que muitas vezes servia de habitação duradoura”. Houaiss (2009) traz como “local escondido, geralmente no mato, onde se abrigavam escravos fugidos” e “povoação fortificada de negros fugidos do cativo, dotada de divisões e organização interna (onde tb. se acoitavam índios e eventualmente brancos socialmente desprivilegiados)”. As duas acepções configuram-se como regionalismos brasileiros.

A sociedade quilombola em *Vila Bela da Santíssima Trindade* evidencia o período histórico compreendido entre 1500 e 1888, em que se naturalizou o uso da mão-de-obra forçada de homens, mulheres e crianças africanas nos trabalhos rudes do Brasil. A palavra é proveniente do quimbundo *kilombo*, no sentido de união, cabana, acampamento, arraial.

Para Costa Filho (2016, p. 127), as comunidades dos *quilombos* “[...] confirmam espaços de liberdade, territórios de resistência que têm assegurado, em alguma medida, liberdade e autonomia na reprodução dos modos de fazer, criar e viver, o que não se coaduna, portanto, com relações de subordinação”. Em contexto brasileiro, é um aglomerado humano similar às aldeias africanas, habitado, no passado, por pessoas que fugiam da escravidão, mas que, no contexto atual, constitui-se como patrimônio cultural brasileiro, abrigando os remanescentes de comunidades quilombolas.

Comunidades e povoados foram os termos genéricos mais frequentes em todo o *corpus*, especialmente o segundo. De acordo com IBGE (2015), *comunidade* é nome de um “extrato populacional que vive num dado lugar, geralmente ligado por interesses comuns”. Houaiss (2009) traz a definição de “população que vive num dado lugar ou região, ger. ligada por interesses comuns” e “conjunto de indivíduos, inclusive de nações diferentes, ligado por determinada consciência histórica ou por interesses sociais, culturais, econômicos ou políticos comuns”. Biderman e Murakawa (2021) definem o termo como “grupo social irmanado por uma mesma herança cultural e histórica”, além de “sociedade, grupo de pessoas que vivem juntas” e “lugar onde residem esses indivíduos”, com a primeira datação do ano 1557 em carta do padre Manuel da Nóbrega ao padre Miguel de Torres na Bahia. Fartamente exemplificado na parte histórica da formação dos municípios, as pessoas, de diversas partes do país ou do estado, se uniam no exercício de uma mesma atividade econômica (garimpagem, extração de poaia, borracha, plantação de grãos e criação de animais...) desenvolvendo interesses políticos, econômicos e culturais comuns.

Povoado, como “grupamento de pessoas que ocupam uma determinada região” (Biderman; Murakawa, 2021), não apresenta semas de unidade entre os que povoam esses espaços. O mesmo sentido é encontrado em Houaiss (2009) como o “que se povoou; habitado” e, ressaltando o aspecto da dimensão do espaço e de número de habitantes como “lugar que reúne poucas casas habitadas; vilarejo, lugarejo, aldeia, povoação”. O termo *povoado* desempenha a função de arquilexema para todos os aglomerados humanos examinados anteriormente, uma vez que estabelece relação de antonímia com a palavra desabitado. Os povoados e as comunidades demonstram uma ocupação fragmentada de regiões de grandes dimensões, mas sem um interesse central comum capaz de coordenar e aglutinar os habitantes.

Distrito, por sua vez, aparece com a primeira datação do ano de 1607 como “divisão territorial em que se exerce uma atividade administrativa judicial, fiscal,

policial” e “no Brasil, subdivisão administrativa de um município” (Biderman; Murakawa, 2021). Houaiss (2009) define o termo *distrito* como “divisão administrativa de município ou cidade, que pode compreender um ou mais bairros”. *Distrito* é uma terminologia geográfica genérica de organização urbana dos anos setecentistas, que precede à emancipação do aglomerado urbano para município. Todos os municípios deste *corpus* passaram pela fase de distrito do município ao qual pertenciam territorialmente. Na área urbana podem se subdividir os bairros e na área rural, os povoados. Sucedem as antigas freguesias do Brasil Colônia.

E, por fim, *município* é terminologia mais recente com a primeira datação no ano de 1802 que denomina “cada uma das circunscrições territoriais em que se exerce a jurisdição de uma vereação” (Biderman; Murakawa, 2021). Para Houaiss (2009) *município* é uma organização territorial vigente entre os antigos romanos, denominada como “cidade que tinha o privilégio de governar-se segundo suas próprias leis”. Maia (1883, p. 29), relacionando as primeiras vilas de São Paulo, registra que “assim nasceu entre nós o município, que em vez de ser a obra do estado, é ele quem o precede e forma o seu fundamento. Patriarca²⁰ de todos os povos na infância, é à sombra do seu tecto que se abrigam as primeiras famílias, e aprendem a doutrina social”. As características da geografia de Mato Grosso como a de todo o Brasil, sem desconsiderar as transformações sob influência da mentalidade humana desses espaços físicos, forjaram termos genéricos típicos da realidade do país. *Vila* e *capitania* são nomes de constituição de núcleos populacionais de herança portuguesa, entretanto, não vimos, nessas paragens, o registro dos termos genéricos *castelo*, *quinta*, *burgo*, *casal*, *póvoa*, por exemplo, uma vez que a configuração dos aglomerados humanos “[...] se prende a condicionantes históricas, geográficas, culturais e econômicas, entre outras” (Carvalhinhos, 2008, p. 182). O denominador não fez uso dos mesmos termos da língua portuguesa em uso em Portugal para nomear as formas de organização do território na realidade brasileira.

O elemento genérico do sintagma toponímico que nomeia os acidentes físicos, pelo apurado neste estudo, totaliza 33 termos que nomeiam diferentes tipos de acidentes conforme se verifica na tabela 2, na sequência.

²⁰- “...assim nasceu entre nós o município, que em vez de ser a obra do estado, é ele quem o precede e forma o seu fundamento. Patriarca de todos os povos na infância, é à sombra do seu teto que se abrigam as primeiras famílias, e aprendem a doutrina social (Maia, 1883, p. 29).

Tabela 2: Frequência dos termos genéricos dos acidentes físicos por Região Imediata.

Região Intermediária de Cáceres e Cuiabá (Denise, Diamantino, Nobres, Nova Olímpia, Porto Estrela e Tangará da Serra).									
Cáceres			Mirassol d'Oeste		Pontes e Lacerda – Comodoro		Cuiabá		Total
Genérico	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	%
Água	-	-	-	-	-	-	01	0,20	6,41%
Baías	107	19,59	-	-	70	23,80	12	2,46	12,03%
Barras	05	0,91	01	0,40	-	-	02	0,41	0,50%
Cabeceiras	01	0,18	04	1,63	01	0,34	03	0,61	0,57%
Cachoeiras	03	0,54	02	0,81	-	-	03	0,61	0,50%
Cascata	-	-	-	-	01	0,34	-	-	0,063%
Chapadas	-	-	03	1,22	05	1,70	02	0,41	0,63%
Chapadões	01	0,18	-	-	-	-	01	0,20	0,12%
Corixos	11	2,01	-	-	22	7,48	-	-	2,10%
Córregos	132	24,17%	149	61,01	89	30,27	338	69,40	45,06%
Correozinho	-	-	-	-	-	-	01	0,20	0,063%
Estirões	14	2,56	-	-	04	1,36	-	-	1,14%
Furados	17	3,11	-	-	03	1,02	-	-	1,27%
Igarapé	-	-	-	-	01	0,34	-	-	0,063%
Ilhas	15	2,74	01	0,40	01	0,34	04	0,82	1,33%
Lagoas	78	14,28	37	15,16	14	4,76	02	0,41	8,33%
Lago	-	-	-	-	-	-	01	0,20	0,063%
Morros	18	3,29	04	1,63	04	1,36	03	0,61	1,84%
Pantanaís	05	0,91	-	-	13	4,42	-	-	1,14%
Praias	02	0,36	-	-	-	-	-	-	0,12%
Riacho	01	0,18	-	-	-	-	-	-	0,063%
Ribeirões	11	2,01	04	1,63	02	0,68	25	5,13	2,67%

Rios	29	5,31	25	10,24	47	15,98	47	9,65	9,42%
Riozinho	01	0,18	-	-	-	-	-	-	0,063%
Saltos	-	-	01	0,40	-	-	01	0,20	0,12%
Sangradouro	01	0,18	-	-	-	-	-	-	0,063%
Sangradourozinho	01	0,18	-	-	-	-	-	-	0,063%
Serras	65	11,90	12	4,91	16	5,44	39	8,00	8,40%
Serrinha	-	-	-	-	-	-	01	0,20	0,063%
Vazantes	07	1,28	01	0,40	-	-	-	-	0,50%
Veredas	04	0,73	-	-	-	-	-	-	0,25%
Voltas	17	3,11	-	-	01	0,34	01	0,20	1,20%
Total	546	100%	244	100%	294	100%	487	100%	1571 -100%

Fonte: elaborado pela autora.

Os termos geográficos genéricos, particularmente aqueles relativos a elementos hídricos, são variados em razão das características peculiares da hidrografia dos municípios pesquisados, especialmente Cáceres, Nobres e Vila Bela da Santíssima Trindade.

Córrego como “curso de água corrente de pequeno porte, ocorre em todas as regiões fisiográficas brasileiras, na maioria das Unidades da Federação” (IBGE, 2015). É uma corrente hídrica presente em diferentes formas de relevo, nascendo em áreas mais elevadas, podendo desaguar em outro córrego ou rio, ou, ainda, infiltrar-se no solo e desaparecer. Os acidentes hídricos com a feição de *córrego* (e as variantes *corgo*, *corga*, *corgão* e *corregozinho*) foram os mais expressivos em todas as regiões pesquisadas, com destaque na Região Intermediária de Cuiabá com 338 ocorrências. Essa superioridade numérica na nomeação dessas correntes hídricas, se deve, em parte, por serem, os córregos, acidentes físicos que cortam quase que exclusivamente o espaço de Nova Olímpia e Denise, municípios que integram a Região de Cuiabá. Na sequência situam-se a região Imediata de Mirassol d’Oeste com 149, Cáceres com 132 e Pontes e Lacerda – Comodoro com 89.

Os córregos como formas providenciais de democratização da água chegam em todos os rincões do Mato Grosso, permitindo o surgimento e manutenção de diferentes formas de vidas e de aglomerados humanos. Souza (1939, p. 117) apresenta somente a

variante *corgo* como forma de linguagem popular portuguesa no sentido de riacho, córrego, regueiro. Ortêncio (1983, p. 130), por sua vez, registra a unidade lexical *córrego* na composição com *seco*, assim *córrego seco* é o “que tem água no tempo das chuvas”. O autor ressaltou a característica sazonal bastante comum dos córregos cujas águas são reduzidas ou desaparecem em tempos de estiagem. Houaiss (2009) reitera a informação de Ortêncio (1983), já que para o autor *córrego* é um regionalismo brasileiro que define “pequeno rio com fluxo de água bastante tênue” como sinônimo de arroio, corga, corgo, levada, regato, riacho, ribeira, ribeirada, ribeirão, ribeiro, sanga, veia, veio. O mesmo tipo de acidente recebe denominações diversas nas diferentes regiões onde desponta e, assim, ocorreu nesse *corpus* de pesquisa.

Ribeirão é mais frequente nos municípios da Região Imediata de Cuiabá com 25 ocorrências, especialmente no município de Nobres e 11 ocorrências na Imediata de Cáceres (todas no município de Cáceres), quatro na Imediata de Mirassol e dois na Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro. O termo é de uso regional em Mato Grosso, bem como em São Paulo (interior), Goiás e Rio de Janeiro (normalmente próximo à fronteira com Minas Gerais), reconhecido com o significado de “curso de água ou corrente de água, que flui ou desemboca no oceano, num lago ou noutro curso de água” (IBGE, 2015). Essa definição é a mesma para riacho na referida obra. O termo é uma junção de *ribeiro* + morfema sufixal *-ão* “curso de água maior que um regato, mas menor que um rio” (Houaiss, 2009). De acordo com Souza (1939, p. 280) “além de ser empregado no sentido de riacho de maior curso e volume, tem, no Brasil central, o sentido de terreno apropriado para nêle se lavarem diamantes”, acepção que demonstra a percepção do denominador voltada à atividade de mineração, contudo, nos mapas do IBGE (2010) o termo está vinculado à presença da água e não ao solo. Nessa acepção, os semas entre *córrego* e *ribeirão* se fundem, já que a primeira acepção para *córrego* em Houaiss (2009) é “fenda ou sulco aberto na terra pelas águas correntes; corga” assentada no étimo do latim *corrigus* como “rego ou vala de água onde se lavavam metais”. Talvez a motivação ligada aos metais (ouro, diamante) seja a justificativa para a “predileção” por esse genérico na realidade brasileira, já que, em Portugal, os termos genéricos *ribeira/ribeiro* equivalem-se, quanta à frequência, aos termos genéricos *ribeirão* e *córrego* usados no Brasil (Carvalhinhos, 2008, p. 180-181). Tanto *córrego* quanto *ribeirão* ocuparam a função de topônimo no *corpus* desta pesquisa, entretanto, a forma *Corgão*, variedade que remete a falares rurais foi a mais frequente.

Riacho, nome concorrente de *córrego*, apareceu com ocorrência única no município de Cáceres. Trata-se de um regionalismo da região Nordeste, “que se traduz num curso de água ou corrente de água, que flui ou desemboca no oceano, num lago ou noutro curso de água” (IBGE, 2015). Ortêncio (1983, p. 382), por sua vez, assinala o caráter regional do termo no norte de Goiás como “córrego e rio d’água que nunca secam”. Nesse sentido, *riacho* difere de *córrego* já que o termo, na região mencionada, vem compondo o sintagma “riacho d’água” ressaltando, assim, a característica de não intermitência da corrente hídrica nomeada.

O termo genérico *rio*, por sua vez, apareceu com 148 ocorrências de forma mais ou menos equilibrada nas quatro regiões imediatas sendo as de maior frequência a de Cuiabá, com 47 coletas e 47 em Pontes e Lacerda Comodoro, 29 em Cáceres e 25 em Mirassol

Rio é nome cuja definição é a de “corrente líquida resultante da concentração do lençol de água num vale” (Guerra; Guerra, 1997, p. 544) e em Houaiss (2009) como “curso de água natural, mais ou menos torrencial, que corre de uma parte mais elevada para uma mais baixa e que deságua em outro rio, no mar ou num lago”. Já *riozinho* é “termo regional utilizado pela população como diminutivo de rio, sem alteração conceitual significativa. Rio de pequeno porte” (IBGE, 2015). Conforme Higa e Moreno (2017, p. 282), “em Mato Grosso, os rios pertencentes à bacia Amazônica drenam 2/3 do território”. Essa importante rede fluvial integra, também, a bacia Platina e a do Tocantins. Nesse contexto, os municípios aqui pesquisados são cortados por rios de importância econômica e histórica para Mato Grosso, dentre eles, *Paraguai, Araguaia, Sepotuba, Cuiabá, Jauru, Arinos, Cabaçal* etc.

Corixo, segundo Guerra e Guerra (1997, p. 16), é “denominação regional do pantanal de Mato Grosso para os pequenos riachos permanentes que ligam as baías”. Já Souza (1939, p. 117-118) apresenta a forma *corixa* com as variantes *corixo* e *corixe*, como regionalismo de Mato Grosso com a definição mais usual “de canal por onde se escoam as águas das lagoas, brejos ou várzeas, para o rio próximo”. Nessa percepção há uma aproximação de *corixo* com lamaçal coerente com a informação trazida por Higa e Moreno (2017, p. 278) a respeito do rio Paraguai que, ao passar por terrenos planos, forma “grande número de lagoas de variadas formas, denominadas localmente ‘baías’, cursos d’água que, quando são permanentes, denominam-se ‘barreiros’ ou ‘corixos’”.

Ortêncio (1983, p. 128), por sua vez, define a forma *corixa* como “lamaçal; pode ser também sinônimo de corixo”, que por seu turno, é termo que define “canal de ligação

de uma baía a outra, ou a um rio próximo’ e “escoadouro de depressões pantanosas; braço morto de rio que ainda mantém alguma água”. Os termos são de uso restrito no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul, em virtude das características topográficas da região do Pantanal. Houaiss (2009) também classifica *corixa* como um regionalismo de Mato Grosso e de Goiás como “canal que liga as águas de lagoas, alagados etc. com os rios próximos; corixe, corixo”. O termo geográfico *corixo* foi identificado somente nos municípios de Cáceres com 11 coletas, 19 em Vila Bela da Santíssima Trindade e mais três em Pontes e Lacerda, municípios pertencentes ao bioma do Pantanal.

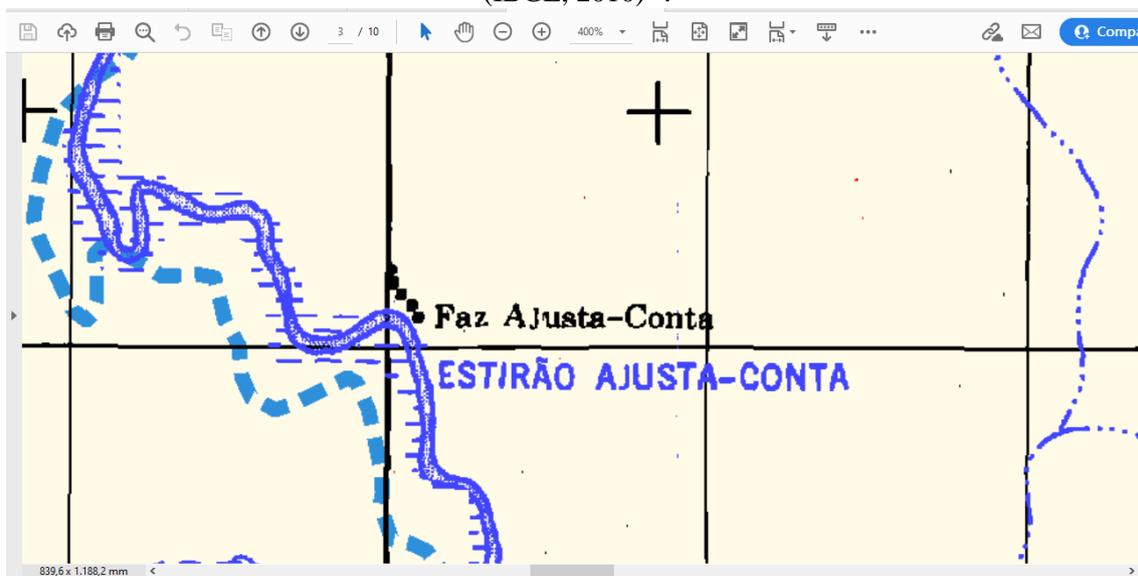
O termo *baía*, por sua vez, está ligado ao contexto de *corixos*, pois são acidentes interdependentes, de certa forma. Assim, *baía* foi um nome para as feições de acidentes hídricos encontrados 189 vezes também em Cáceres e Vila Bela da Santíssima Trindade e, em menor quantidade, em Porto Estrela

Conforme Guerra e Guerra (1997, p. 79) baía é “reentrância da costa, porém, menor que a de um golfo, pela qual o mar penetra no interior das terras”, e na acepção regionalizada, além dessa geral, segundo ele, “no Mato Grosso, os habitantes da região do Pantanal chamam de baías às imensas lagoas que são separadas por terras altas, as chamadas cordilheiras”. Souza (1939, p. 22), por sua vez, traz dupla definição em Mato Grosso, em referência, primeiramente a “qualquer lago ou lagoa que é formada pelos rios ao longo de suas margens, e que, por meio de um canal chamado corixa, entretém com êles efetiva comunicação” e, também, uma segunda acepção que apresenta certa ambiguidade como “canais naturais que servem de escoantes aos campos e pântanos, e por onde às vezes se derramam pelos mesmos campos as intumescidas águas dos rios [...] dos quais se distinguem por não terem correnteza senão ocasionalmente” (Leverger, *apud* Souza, 1939, p. 22). Essa definição se confunde com a de *corixo*, na percepção dos habitantes da região. Ortêncio (1983, p. 28), com base na *Revista Brasileira de Geografia*, registra que, no Mato Grosso, baía é “termo da região pantaneira, mediante o qual se designam as depressões que recebem as águas transbordantes dos rios, bem assim as pluviais e se conservam como desmedidos reservatórios naturais de compensação”. Houaiss (2009) traz, em primeira acepção relacionada aos oceanos e como regionalismo brasileiro “lagoa em comunicação com um rio através de um canal”.

Estirão com onze ocorrências no município de Cáceres; três em Lambari d’Oeste; quatro em Vila Bela da Santíssima Trindade e uma em Campos de Júlio é outro termo geográfico que abrange as feições da topografia do pantanal. Guerra e Guerra (1997, p. 249) descrevem estirão como “denominação usada pelos geógrafos ao se referirem a

extensos trechos de rios em linha reta ou quase reta”. O IBGE (2015), por sua vez, informa que se trata de regionalismo da Amazônia em referência ao “trecho retilíneo de rio, entre duas voltas. Parte comprida dos rios após as voltas”. A mesma acepção é encontrada em Houaiss (2009) na condição de regionalismo amazônico “trecho retilíneo de rio, entre duas voltas”. Na figura 03, é possível observar a referência do nome a um acidente hídrico na acepção conhecida e difundida na região Amazônica.

Figura 3: Espelho dos quadrantes do mapa físico do município de Cáceres – estirão (IBGE, 2010)²¹.



Fonte: IBGE (2010).

Souza (1939, p. 143-144) traz o termo *estirão* na mesma acepção dos autores supracitados como “trecho retilíneo do curso de um rio ou parte do curso em que ele se desenvolve numa longa reta”, todavia, expande a área de localização de uso do termo para Mato Grosso, Goiás e São Paulo, além da Amazônia. E completa argumentando que “em Mato Grosso, em algumas zonas, como no vale do Sepotuba, chamam ao curso retilíneo do rio – furados”. Os *furados* e *estirões* estão concentrados quase que totalmente no município de Cáceres que tem área contida na bacia do Sepotuba, sendo assim, embora sejam termos concorrentes, não nos parece fazer referência a um mesmo objeto ao se comparar as figuras três e quatro.

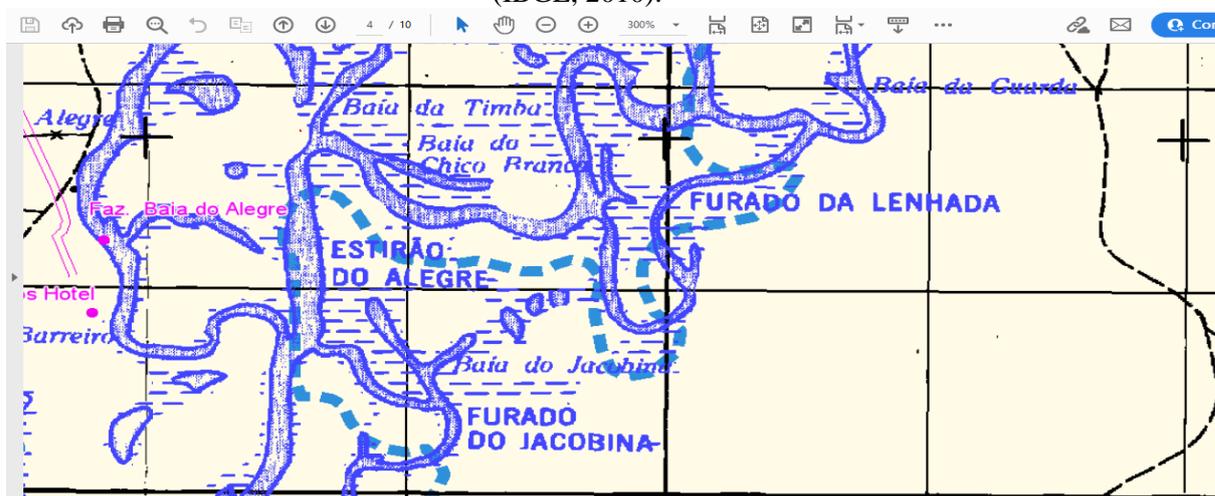
Foram apuradas 16 ocorrências do genérico *furado* em Cáceres e em menor quantidade em Curvelândia, Nova Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade. É

²¹ Escala 8260000 à esquerda, 432000 acima, p. 3 do mapa de Cáceres (IBGE, 2010).

definido pelo IBGE (2015) por *furo* como termo geográfico genérico de “Braços fluviais que interligam cursos de água, formando rede de labirintos fluviais, apresentando características de anastomose,²²” típicas da rede fluvial da Região Amazônica e *furinho* ou *furado*, na acepção de *furo pequeno* sem alteração quanto ao conteúdo semântico.

Guerra e Guerra (1997, p. 290) registram *furados* na designação de “vales mais ou menos encaixados, que conseguem atravessar bacias de sedimentos litorâneos, que represam águas interiores”, na acepção regionalizada em uso pela população litorânea do estado de São Paulo e *furo*, como regionalismo da Amazônia, no sentido de termo conceitual para “os braços d’água que ligam um curso d’água a outro ou a um lago ou, ainda, pelo montante da foz ao curso d’água em que deságua”. Já Souza (1939, p. 154) apresenta o termo com diferentes nuances de uso pelo Brasil, mas em Mato Grosso, “tem o sentido de estirão, trecho retilíneo de um rio”, de acordo com as informações de Rodolfo Garcia²³. Já baseado em Virgílio Corrêa Filho²⁴, que registra não conhecer o termo na acepção anterior, pois no sentido usado em Mato Grosso, *furado* é “derivação lateral de um rio. Distingue-se do furo da Amazônia porque as águas voltam ao mesmo rio, em vez de ir a outro vizinho” (*apud* Souza, 1939, p. 154). Essa informação está de acordo com a imagem retirada dos mapas do IBGE (2010).

Figura 4: Espelho dos quadrantes do mapa físico do município de Cáceres – furado (IBGE, 2010).



Fonte: IBGE (2010).

²² - Anastomose: “comunicação entre dois vasos ou canais quaisquer” (Houaiss, 2009).

²³ - Rodolfo Augusto de Amorim Garcia foi um historiador e intelectual brasileiro.

²⁴ - Virgílio Alves Corrêa Filho foi um Engenheiro, jornalista e historiador de Mato Grosso.

No sentido trazido por Virgílio Corrêa Filho (*apud* Souza, 1939) *furado* seria sinônimo de *braço de rio* que, no *corpus* em estudo, pelo processo de toponimização, denominou correntes hídricas da Região Imediata de Mirassol d’Oeste, o rio e o córrego *Bracinho*.

Houaiss (2009), por sua vez, registra o termo como regionalismo de Mato Grosso “trajeto retilíneo de um rio, entre duas voltas; estirão”. Também Ortêncio (1983, p. 197) informa uma acepção regional em uso em Mato Grosso como “denominação dada no vale do rio Sepotuba, ao estirão ou trecho do curso de um rio”. Como demonstram as figuras três e quatro, os referentes são diferentes para *estirão* e *furado*; o primeiro alude a uma determinada forma (retilínea) de um determinado ponto (entre duas voltas) de uma corrente hídrica, o segundo reporta a uma ramificação dessa corrente hídrica. A confusão no uso da terminologia, talvez esteja ligada a uma ausência de percepção de todo o acidente, por parte dos habitantes que assim os identificam, uma vez que um furado pode conter um estirão.

Volta e *estirão* também são termos que estabelecem relações de interdependência, e nesse contexto, aparecem próximos nos mapas do IBGE (2010), já que *estirão* nomeia a “parte comprida dos rios após as voltas” (IBGE, 2015), conforme demonstrado na figura cinco.

Figura 5: Espelho dos quadrantes do mapa físico do município de Cáceres – volta (IBGE, 2010).



Fonte: IBGE (2010).

Volta, nome genérico de uso expressivo em Cáceres, é “termo regional característico da Região Norte. Curva de um rio” (IBGE, 2015). Houaiss (2009) registra uma acepção mais abrangente definida como uma “sinuosidade de um percurso, estrada, curso de água etc.; meandro, volteio”. Souza (1939, p. 341) também traz a definição em uso na região Amazônica, bem como em outros estados do Brasil, para indicar “as curvas, sinuosidades ou meandros dos rios”. Além dessa acepção, com base em Virgílio Corrêa Filho, em Mato Grosso o termo pode designar também “curiosa medida na estimativa de distâncias, conforme o número de voltas contadas entre dois portos” (Souza, 1939, p. 341). Não nos parece que seja essa a acepção adotada nos mapas do IBGE (2010), mas como termo regional do norte do país que escapou da área de origem na mesma semântica para referir-se a acidente hídrico de mesma feição.

Com ocorrência única em Comodoro, o termo geográfico *Igarapé*, segundo Guerra e Guerra (1997, p. 348), “etimologicamente significa trilha de canoa: de ygara - canoa e o pé - caminho. Termo da Amazônia que nomeia os rios pequenos ou riachos somente navegados pelas canoas (igara, igaratim, igarité ubá, montaria)”. É nome genérico migrado de um tipo de embarcação a “Yg-yara, dona d'água, superior à água; a canoa. No tupi amazônico yuara (y-uara), o que mora n'água, permanece sobre água” (Sampaio, 1987, p. 247). O vocábulo é fartamente encontrado na região amazônica, circunscrito na função genérica de acidente geográfico, embora possa ocupar a função de topônimo, mas muito raramente. De acordo com Dick (1990, p. 203) “da mesma forma que o gado e o vaqueiro permitiram a colonização do vale do Rio São Francisco, assim também a ubá ou a igara foram os elementos indispensáveis à penetração da grande região amazônica”. Em sua pesquisa, Dick (1990, p. 215) demonstrou a “centralização do vocábulo na região Amazônica e limítrofes, comprovando, com isso, a geografia linguística, o fato de que, nem sempre, um determinado signo se difunde em locais diversos daquele onde seu fator relacionante é um traço característico do ambiente”. Suscita conjecturas a respeito das circunstâncias em que um único termo regional da geografia amazonense se fixou a um acidente geográfico em Comodoro, no Mato Grosso.

É certo que a região foi rota de passagem entre Cuiabá-Vilhena-Porto Velho, além da presença da Comissão Rondon que desbravou o território com pesquisas e instalação das linhas telegráficas (Ferreira, 2001, p. 435). Outros fatores podem ser considerados como os contatos de fronteira entre Comodoro e parte oeste de Vilhena, Colorado do Oeste e Cabixi, no estado de Rondônia cujo território pertenceu à Amazônia como também a Mato Grosso. *Igarapé* é o único termo de língua indígena encontrado no

corpus, no desempenho de elemento genérico do sintagma toponímico. Muitos outros existem, contudo, devido ao processo de cristalização/fossilização, assumiram a função de topônimo em língua indígena, aglutinando-se ao elemento específico, sendo acrescido outro genérico em língua portuguesa, como já demonstrado.

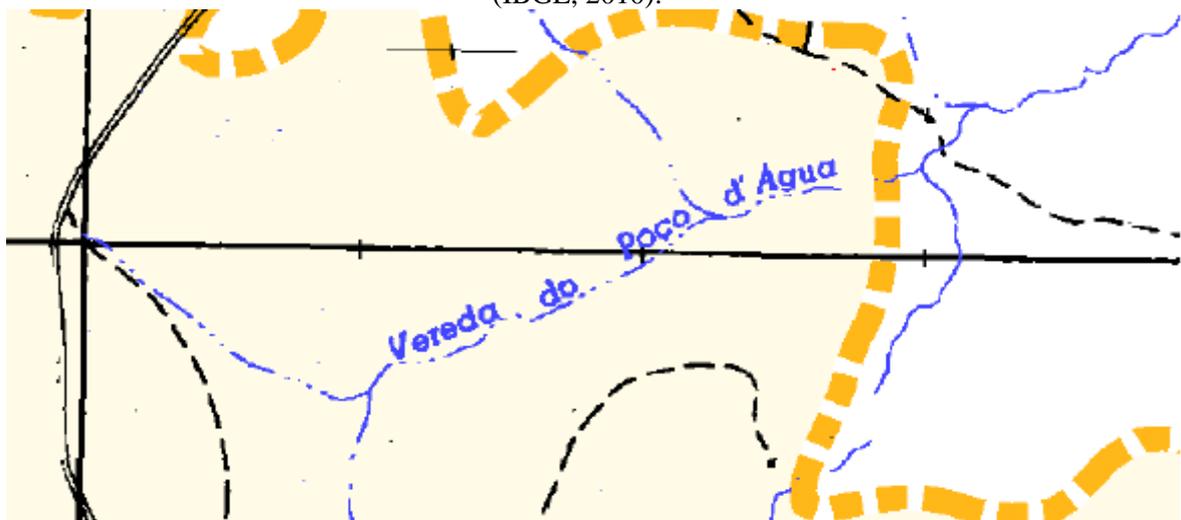
Vereda com quatro ocorrências no município de Cáceres é outro nome de acidente geográfico de aceção dúbia entre as fontes consultadas. De acordo com o IBGE (2015), é

Vegetação caracterizada pela presença do Buriti, palmeira que ocorre em meio a agrupamentos de espécies arbustivo-herbáceas, característica do cerrado. A vereda é encontrada sobre solo hidromórfico e circundada por campo limpo, geralmente úmido. Ocorre nas regiões onde o cerrado prevalece: Estado de Minas Gerais; Região Centro-Oeste; Região Nordeste em áreas de transição agreste-caatinga; e oeste e sul do Estado da Bahia.

Arrojado Lisboa²⁵ informa uma aplicabilidade parecida do termo *vereda* nas regiões centrais do Brasil como “agrupamento de matas cercadas de campo, com pindaíbas e buritis, em tiras pelo cerrado” (*apud* Souza, 1939, p. 338), enquanto no Nordeste o termo varia muito em diferentes lugares, podendo nomear tanto várzeas próximas de rio, quanto águas pluviais que formam ramificações constituindo uma rede hidrográfica que se dirige para certos rios, dentre outras aceções. Ortêncio (1983, p. 454) reafirma a definição de uso do termo *vereda* no Centro-Oeste trazida por Souza (1939), já que se baseou, também, nas informações do Arrojado Lisboa, cuja significação é “matas cercadas de campo, com pindaíbas e buritis em tiras pelos cerrados”. Houaiss (2009), por sua vez, em uma das aceções, de caráter regionalista do Centro-Oeste e de Minas Gerais evidencia o aspecto preponderante do elemento hídrico como “curso de água orlado por buritizais” na região dos cerrados. A seguir, a figura 6 traz o registro do topônimo nos mapas do IBGE (2010).

²⁵ Miguel Arrojado Ribeiro Lisboa foi um engenheiro e geólogo brasileiro.

Figura 6: Espelho do quadrante do mapa físico do município de Cáceres - vereda (IBGE, 2010).



Fonte: IBGE (2010).

O termo geográfico *vereda* está relacionado ao acidente em que a água é determinante para a sua classificação, nesse sentido, a informação trazida por Houaiss (2009) parece estar mais coerente com a figura seis, o que justificará a classificação do termo, quando em função toponímica, como hidrotopônimo.

Ilha foi um termo geográfico genérico com 21 coletas em todo o *corpus*, especialmente no município de Cáceres com 14 ocorrências e uma no município de Salto do Céu; um registro no município de Porto Esperidião e no município de Comodoro, além de dois em Porto Estrela e em Tangará da Serra.

Souza (1939, p. 170) define o termo *ilha* como “nome que, na ilha de Marajó e também na bacia do rio Branco, na Amazônia, crisma um grupo frondoso de altas árvores em meio aos campos”, ainda para o autor o “vocábulo é demasiado persuasivo e apropriado pela semelhança do aspecto que êsses grupos arbóreos têm com as ilhas arborizadas, em meio da caudal do Amazonas. É também usado com o mesmo sentido em algumas zonas de Mato Grosso e do Maranhão”. Houaiss (2009) também marca essa unidade lexical como regionalismo de Mato Grosso, Pará (Marajó) e Maranhão “área compacta de altas árvores que se destacam em meio aos campos” e identifica também como regionalismo do Centro-Oeste do Brasil no termo *ilha* para o “mesmo que *murundu*²⁶. A seguir, a figura 7 apresenta o vocábulo *ilha* na função de elemento genérico na forma registrada nos mapas do IBGE (2010).

²⁶ - *Murundu* pode ser: “uma quantidade de qualquer coisa; porção, monte”; o “mesmo que cupinzeiro”; “tipo de microrrelevo, característico dos cerrados e planaltos do Brasil central, em forma de pequena

Figura 7: Espelho dos quadrantes do mapa físico do município de Cáceres - ilha (IBGE, 2010).



Fonte: IBGE (2010).

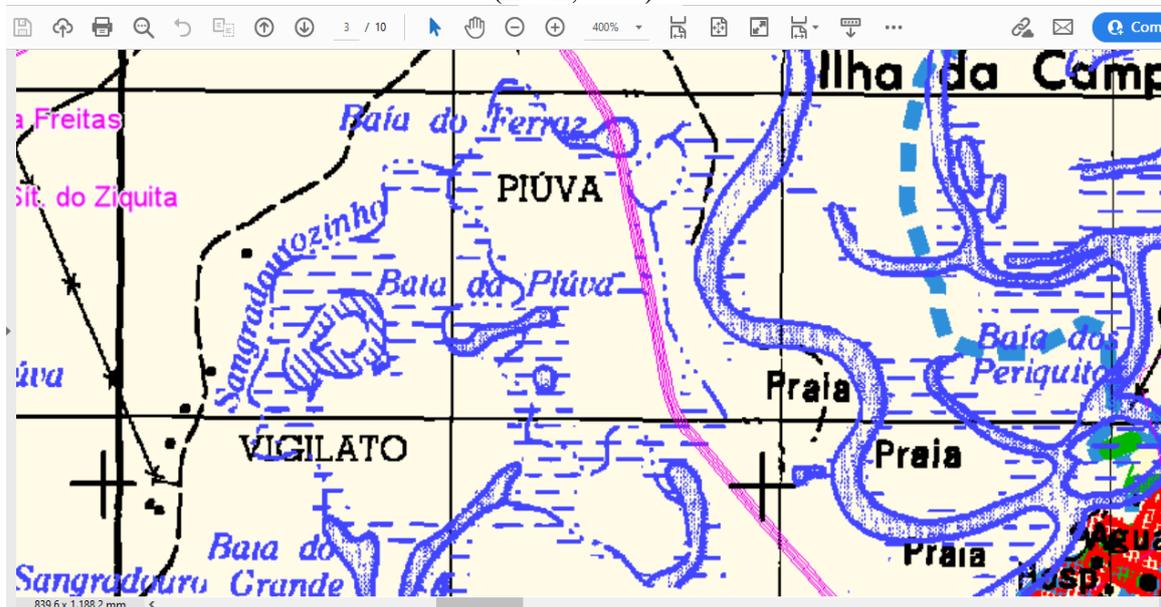
Na concepção de Guerra e Guerra (1997, p. 348), *ilhas* são “porções relativamente pequenas de terras emersas circundadas de água doce ou salgada”, assim a única acepção que parece estar coerente com a forma usada na região Intermediária de Cáceres, Mato Grosso é a desses autores, uma vez que a figura sete apresenta o termo genérico *ilha* como uma porção de terra em meio aos furados, baías e voltas. A esse respeito, Ortêncio (1983, p. 221) exemplifica o sentido do termo em referência à ilha do Bananal que se localiza entre os dois braços do Araguaia, localizada em Bananal no Tocantins na divisa com Mato Grosso e Goiás.

O termo geográfico *praia* teve duas ocorrências no município de Cáceres, cuja definição pode ser um “depósito de areias acumuladas pelos agentes de transportes fluviais ou marinhos” e, por praia fluvial a “porção de terra localizada nas margens dos rios ou em algumas ilhas fluviais que ficam descobertas durante a vazante dos rios” (Guerra; Guerra, 1997, p. 503). Para Souza (1939, p. 261) *praia* é um termo que, no vale do Amazonas, designa de forma genericamente “qualquer extensão do leito dos rios que formam coroas ou ilhas rasas, as quais ficam a descoberto, quando as águas baixam consideravelmente. Em Mato Grosso têm este nome as ribeiras dos rios quando apresentam talude considerável”. Ortêncio (1983, p. 358) registra uma remissiva na definição de *viração* (p. 456) para compor o sintagma *praia de viração* como “expressão amazonense e goiana que designa as praias fluviais onde desovam as tartarugas”. A figura

elevação ou montículo, ger. arredondado (com poucos metros de diâmetro e altura de algumas dezenas de centímetros), muitas vezes apresentando solo e vegetação diferentes dos da área circundante” (Houaiss, 2009).

8 a seguir traz o registro do termo genérico *praia* e a respectiva indicação do acidente geográfico nomeado.

Figura 8: Espelho dos quadrantes do mapa físico do município de Cáceres - praia (IBGE, 2010).



Fonte: IBGE (2010).

Mato Grosso integra a região Centro-Oeste, com ausência total de costa marítima, assim, há concordância de entendimento do termo por todos os autores quanto à referência a borda de rio ampla e arenosa.

Na sequência, apresenta-se a seção III que discute a metodologia adotada para a pesquisa, contemplando, desde a constituição e sistematização do *corpus*, até a análise dos dados.

SEÇÃO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção está destinada ao detalhamento dos procedimentos metodológicos adotados nas diferentes etapas da pesquisa: perguntas de tese, hipóteses, objetivos, estabelecimento do *corpus*, sistematização e investigação dos dados e análise dos resultados.

3.1. Objetivos e hipóteses

O nome se constitui como a primeira classe morfológica a ser abordada durante o Ensino Fundamental I e II, na disciplina de Língua Portuguesa, sob a terminologia de substantivos, categoria que, a princípio, é concebida de forma subdividida em comuns e próprios (Barros, 1540); (Ullmann, 1964); (Arnauld e Lancelot, 2001); (Cunha; Cintra; 2008); (Castilho, 2010), dentre outros estudiosos.

Os nomes próprios de pessoas e de lugares, por seu turno, estão presentes no cotidiano de todas as pessoas e, para além da identificação, outras facetas dessas denominações foram percebidas, estudadas e classificadas ao longo do tempo, motivando o surgimento de uma área própria de investigação, a Onomástica (Dauzat, 1926; 1939); (Dick, 1990; 1992; 1997...); (Isquierdo, 1996; 2012...).

Por essa razão, nas linhas introdutórias de sua obra *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira*, Drumond (1965, p. 13) destaca a necessidade de se incluir a investigação dos nomes próprios de lugares no currículo geral dos estudos brasileiros, por constituírem um “manancial riquíssimo e praticamente inexaurível, composto de vultosa série de nomes das mais diversas origens”. O autor argumenta que: “é de se estranhar o pouco ou nenhum interesse que êste ramo do saber tem despertado entre os nossos estudiosos” (1965, p. 13). O atraso apontado por esse pesquisador decorre em comparação aos estudos na Europa, onde a área da toponímia “tem merecido o máximo de atenção” (Drumond, 1965, p. 13). Da observação de Drumond, na década de 1960, aos dias atuais, esse quadro mudou. Os estudos em toponímia se firmaram com solidez e rigor metodológico, resultando em pesquisas que descortinam informações relevantes para a população brasileira sobre línguas e famílias de línguas, a partir da nomenclatura geográfica de uma região, enriquecendo, também, os estudos no campo da Linguística como um todo.

Os resultados da pesquisa aqui apresentados são um exemplo do vigor desse campo de estudo cujos métodos e terminologias, no Brasil, foram traçados de forma sistemática, como um ramo de investigação relacionado à Linguística, a partir das publicações da obra de Dick (1990; 1992), sobre a toponímia brasileira. O trabalho dessa pesquisadora é o grande catalisador das pesquisas desenvolvidas no Brasil, a partir das décadas de 1980 e 1990.

Como anunciado na introdução desta Tese, a pesquisa realizada tem como objetivo geral estudar a toponímia dos acidentes físicos e humanos de 27 municípios de Mato Grosso, em uma interface entre léxico toponímico, a história e a cultura da região investigada. Nesse contexto, aspectos pontuais da história das populações das regiões selecionadas como objeto de pesquisa, dentre os quais, informações sobre os povos originários, o processo de colonização por grupos oriundos de outros estados brasileiros, a correspondência entre as formas de organização dos primeiros aglomerados humanos e o contexto histórico do país, as formas do relevo e da hidrografia, a fauna e a flora, refletidos na toponímia, são de interesse deste estudo.

Relativamente ao processo de ocupação do território de Mato Grosso, embora inscrito a partir do período colonial, há pesquisas desenvolvidas por arqueólogos paleontólogos e arquitetos do Museu de Arqueologia da USP e do Museu Nacional de História Natural de Paris que confirmam a presença de vida humana nessa região muito antes de Pedro Álvares Cabral e Pascoal Moreira Cabral, como informam, por exemplo, Oliveira e Viana (2000); Higa e Moreno (2017); Siqueira (2017). Da mesma maneira, a estrutura do relevo, sua altitude, as especificidades de aspecto e suas interfaces com os recursos hídricos constituíram fatores determinantes na forma de ocupação do solo em Mato Grosso. Os próprios nomes dos diferentes tipos de acidentes humanos revelam formas características de organização do espaço urbano, do período colonial até os dias atuais (Souza, 1939); (Azevedo; 1956); (Ortêncio, 1983); (Guerra; Guerra, 1997); (IBGE, 2010; 2015); (Biderman; Murakawa, 2021).

É premissa básica nos estudos da Onomástica, mais particularmente na disciplina Toponímia, que o nome próprio de lugar reflète aspectos do ambiente físico e cultural de um espaço geográfico, corroborando o pensamento de Sapir (1969) em suas ponderações sobre a relação entre língua, sobretudo, o léxico e meio ambiente, embora não tenha tratado do nome próprio particularmente.

Frente ao exposto, considera-se a seguinte indagação para a pesquisa proposta: a toponímia da região pesquisada evidencia características gerais do país quanto às

motivações dos designativos ou apresenta características que a desvinculam de uma realidade mais ampla? Há valorização de traços regionais, tanto de língua portuguesa quanto de línguas indígenas, na configuração dos topônimos que os tornam singulares no panorama geral brasileiro?

Em coerência com essas perguntas de pesquisa, foram estabelecidas as seguintes hipóteses: a) a nomenclatura geográfica da área investigada valoriza a norma lexical regional em seu léxico toponímico; b) a toponímia de base indígena é significativa em termos quantitativos no vocabulário onomástico dos municípios em causa; c) o processo de toponimização dos acidentes geográficos da região é valorizado na toponímia da área investigada.

Nessa diretriz, os objetivos específicos que norteiam esta pesquisa, como já descritos na introdução deste trabalho, consistem em:

I) analisar os topônimos que integram a área da pesquisa com foco na motivação semântica, na língua de origem e na estrutura morfológica, fundamentando-se em obras nas áreas de Lexicologia e Onomástica, em especial, Dick (1990; 1992; 1997; 2004); Biderman (1981, 1998...); (Isquierdo 1996; 2001; 2012; 2013...); Trapero (1995), além de outros estudiosos;

II) examinar os topônimos de base indígena na toponímia da região, com a finalidade de verificar a representatividade da língua falada pelos primeiros habitantes dessas localidades, considerando o longo período etno-histórico vivido por Mato Grosso, que perdurou, ainda, por mais de três séculos, após o descobrimento;

III) descrever particularidades da toponímia examinada, quanta à distribuição diatópica, buscando observar em que proporção ocorre a valorização da norma lexical regional na nomenclatura geográfica;

IV) avaliar em que medida o nome genérico é projetado sobre a toponímia no processo de toponimização dos acidentes geográficos.

As etapas para a coleta do *corpus*, a organização e a análise dos dados são descritas na sequência.

3.2. Estabelecimento do *corpus*

A princípio, a concepção deste trabalho esteve no campo das hipóteses e dos objetivos que justificassem uma pesquisa acadêmica. Com o ingresso no curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da UFMS, a base bibliográfica foi sendo enriquecida por meio da leitura de diversas obras. O processo de construção desse conhecimento é desafiador, por abranger aspectos específicos não só da área da Onomástica, mas também, de outras ciências, em razão da característica dialógica da Toponímia. Assim, a aquisição da teoria foi ocorrendo por meio das aulas, orientações, reuniões, apresentações em eventos, além das leituras solitárias.

A partir desse arcabouço, a fundamentação teórica direcionou a identificação, a coleta e a sistematização do *corpus* toponímico e, por extensão, a descrição e a análise dos dados coletados para a elaboração da Tese. Percorrendo o caminho metodológico iniciado pelas teorias que sustentam os estudos lexicais, tanto em sentido mais amplo, quanto em suas particularidades regionais, uma vez que o topônimo perpetua o léxico representativo de uma população em determinado contexto em que a nomeação do elemento geográfico se efetivou (Dick, 1990; 1992; 1998; 1999); (Isquerdo, 2012). Em orientação à perspectiva teórica de Dick (1992), seguiram-se os procedimentos característicos a esse viés teórico:

- coleta de dados das cartas do IBGE (2010);
- classificação dos topônimos, conforme o modelo de Dick (1990; 1992), como *taxes* de natureza física ou antropocultural;
- quantificação e sistematização dos dados;
- exame das conexões estabelecidas entre as informações linguísticas e aspectos relevantes do tempo e do espaço em que ocorreu a denominação.

Além do levantamento em fontes primárias, como, mapas/cartas topográficas oficiais do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), foram coletadas informações de órgãos oficiais como a INTERMAT - Instituto de Terras de Mato Grosso (2017) - e a SINFRA - Secretaria de Estado de Infraestrutura e Logística (2017).

Essa etapa da pesquisa consistiu, primeiramente, em baixar os Mapas Estatísticos de cada município, disponibilizados pelo Ministério de Planejamento e Gestão, no Portal de Mapas do IBGE, em escala 1:100.000 (IBGE, 2010). Nessa configuração e pelo sistema de ampliação (*zoom*), os mapas podem ser ampliados em 6.400%, o que

possibilita uma boa percepção dos registros dos nomes e o seu enquadramento quanto à sua natureza, se físicos e humanos.

Posteriormente, entre abril e maio de 2022, foram coletados os nomes geográficos e os topônimos dos mapas dos 27 municípios e organizados em planilhas de *Excel*, modelo elaborado em 2020, pelos pesquisadores do ATEMS (Isquierdo, 2009); (Isquierdo; Dargel, 2020), com base na ficha lexicográfico-toponímica concebida por Dick (2004) para o ATB e o ATESP.

No que tange aos acidentes humanos, os mapas nem sempre indicam acidente geográfico, já que, mesmo em escala 1: 100.000 e mais a ferramenta de ampliação dos mapas pelo *zoom*, a leitura dessas fontes requer, em alguns momentos mais que outros, acuidade no olhar, em razão das dificuldades de identificação dos topônimos, por estarem distorcidos, em forma de borrões, pela proximidade dos topônimos entre si ou por estarem embaralhados às convenções cartográficas definidoras do acidente. Por esse motivo, foi necessário o deslocamento até a agência do IBGE de Mato Grosso/Cuiabá, para obter auxílio dos técnicos da equipe de georreferenciamento, para a leitura das informações disponibilizadas pelos mapas. De igual modo, técnicos que atuam na SINFRA disponibilizaram planilhas de localidades do estado de Mato Grosso e, com o auxílio de um servidor do órgão, foram filtrados os acidentes humanos relativos aos municípios selecionados para a pesquisa.

Esses dados foram comparados com os retirados dos mapas para se chegar aos nomes exatos de povoados, glebas, assentamento, distritos, vilas, agrovilas, colônias etc. Por fim, o *corpus* extraído das fontes oficiais reúne 2.012 topônimos, em sua grande maioria, de acidentes físicos, os quais foram sistematizados e analisados.

3.2.1. A sistematização dos dados

De posse de todos os dados a serem averiguados e das teorias que embasam os estudos em Toponímia, foi realizada a classificação dos topônimos, com base no modelo taxonômico adotado²⁷, apresentado na seção 1 desta Tese, destinada aos fundamentos

²⁷ - Taxonomias de natureza física: Astrotopônimos, Cardinotopônimos, Cromotopônimos, Dimensiotopônimos; Fitotopônimos; Geomorfotopônimos; Hidrotopônimos; Litotopônimos; Meteorotopônimos; Morfotopônimos; Zootopônimos.

Taxonomias de natureza antropocultural: Animotopônimos (ou nootopônimos), Antropotopônimos, Axiotopônimos, Corotopônimos, Cronotopônimos, Ecotopônimos, Ergotopônimos, Etnotopônimos, Dirrematotopônimos, Hierotopônimos: (Hagiotopônimos, Mitotopônimos), Historiotopônimos, Hodotopônimos, Numerotopônimos, Poliotopônimos, Sociotopônimos, Somatotopônimos.

teóricos que discutem o modelo de classificação proposto por Dick (1990; 1992), além de classificar a língua de origem e a estrutura morfológica dos topônimos inventariados. Essa fase não se restringiu a um único momento, mas perdurou por todo o processo de análise dos dados, já que, para classificar os topônimos, faz-se necessário identificar a motivação e, em muitos casos, a causa denominativa do topônimo que podem estar aparentes ou obscurecidas.

Como essas atividades demandam muito tempo, a realização dessa classificação foi ocorrendo entre uma etapa e outra da pesquisa e organizada na ficha lexicográfico-toponímica apresentada a seguir.

3.2.2. A ficha lexicográfico-toponímica

A ficha apresentada no quadro 7 é o modelo que serviu de registro das informações acerca dos topônimos neste trabalho. Ela foi elaborada com base no modelo desenvolvido para o Projeto ATESP, concebido e coordenado pela Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick e adaptada pelo Projeto ATEMS, coordenado pela Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo.

A ficha lexicográfico-toponímica (Dick, 2004, p. 130) contém os seguintes itens: Localização – Município; Topônimo; Acidente geográfico; Taxonomia; Etimologia; Entrada lexical; Estrutura morfológica; Histórico; Informações enciclopédicas; Contexto; Fonte; Pesquisador; Revisor e Data da coleta.

Assim, considerando os objetivos definidos para este trabalho e a atual caracterização das regiões brasileiras (IBGE, 2017), a ficha utilizada apresenta algumas adequações ao modelo original de Dick (2004), conforme demonstra o quadro 7 a seguir.

Quadro 7: Modelo de ficha lexicográfico-toponímica.

1. Região Geográfica Intermediária		2. N° de geocódigo	3. Região Geográfica Imediata	
4. Município:				
5. Elemento genérico	6. Topônimo	7. Variante cartográfico-lexical	8. Taxonomia	
9. Língua de origem:				
10. Etimologia:				

11. Estrutura do Topônimo:	
12. Informações enciclopédicas:	
13. Contexto:	
14. Histórico:	
15. Data da coleta:	
16. Responsável pela coleta:	17. Revisora:

Fonte: elaborado pela autora, com base em Dick (2004) e no ATEMS (Isquierdo; Dargel, 2020).

1. Número: refere-se ao geocódigo (número), um identificador exclusivo por meio do qual a entidade geográfica é localizada em meio às demais. O geocódigo do estado de Mato Grosso é formado por dois dígitos, 51; as Regiões Geográficas Intermediárias apresentam o seu geocódigo formado por quatro dígitos, iniciados pelo primeiro número identificador do estado.

Destarte, a Região Intermediária de Cuiabá está registrada sob o código 5101, enquanto a de Cáceres compõe o geocódigo 5102. As Regiões Geográficas Imediatas, por sua vez, apresentam o seu identificador constituído por seis dígitos, configurando-se da seguinte forma: Região Imediata de Cuiabá com o geocódigo 510001; Região Imediata de Tangará da Serra – 510002; Região Imediata de Diamantino – 510003; Região Imediata de Cáceres – 510004; Região Imediata de Pontes e Lacerda-Comodoro – 510005 e Região Imediata de Mirassol d’Oeste com o geocódigo – 510006.

Na mesma orientação, os municípios são identificados com um geocódigo formado por sete dígitos. Assim, o município de Cáceres é identificado com o geocódigo 5102504; o município de Salto do Céu com o geocódigo 5107750 e, assim, sucessivamente, considerando a ordem da data de constituição de cada município.

Na planilha do ATEMS, o geocódigo da Região Geográfica Intermediária localiza-se logo depois do nome da referida região, ocorrendo o mesmo com a região imediata e, por fim, com o município.

2. Região Geográfica Intermediária: divisão estabelecida pelo IBGE (2017), como forma de organização do território, baseada em uma certa hierarquia, na articulação das Regiões Geográficas Imediatas. Configura-se como agrupamentos de Regiões Imediatas. O município, por sua vez, se constitui como polo regional, apresentando as condições para a integração dos demais municípios em torno do setor de bens e serviços. O município de Cáceres, por exemplo, é a capital regional da região Intermediária de Cáceres, bem como, uma de suas Regiões Imediatas.

3. Regiões Geográficas Imediatas: divisões que congregam diversos municípios que apresentam características econômicas e geográficas similares. A rede urbana é a principal referência para que um município ocupe a função de polo regional, considerando-se as conexões estabelecidas com as cidades próximas pela oferta de trabalho na produção de bens e serviços (IBGE, 2017).

4. Município: é a “divisão administrativa de um estado [...] com autonomia administrativa e constituído de órgãos político-administrativos próprios” (Houaiss, 2009). O estado de Mato Grosso é composto por 141 municípios.

5. Elemento genérico: primeiro elemento do sintagma toponímico que se refere ao acidente geográfico nomeado, a exemplo de *montanha, córrego, vila, povoado, cachoeira, baías* etc.

6. Topônimo: segundo elemento do sintagma toponímico, o topônimo propriamente dito é a denominação do acidente, o nome próprio pelo qual o espaço é conhecido e identificado (Dick, 1990; 1992). Nos quadros apresentados na seção IV deste trabalho, a disposição dos dados começa pelo elemento específico, como no exemplo de *Araputanga*, córrego do município de Cáceres.

7. Variante cartográfico-lexical: determinados topônimos podem ser registrados com variações ortográficas relacionadas a aspectos fonético-fonológicos e/ou lexicais, como ocorre com o topônimo *Fervedor*, que nomeia um córrego no município de Nobres/MT, topônimo cuja forma dicionarizada é *Fervedouro* ou *Fervedoiro*, com a primeira acepção no sentido de “movimento similar ao da ebulição de um líquido, efervescência” (Houaiss, 2009).

8. Taxonomia: categorias que classificam os topônimos, de acordo com o modelo adotado (Dick, 1990; 1992), pelo qual o nome próprio de lugar pode ser classificado em uma das taxes que integra a teoria. *Araputanga*, por exemplo, por se tratar de uma árvore, integra a taxa dos fitotopônimos.

9. Língua de origem: refere-se ao estrato linguístico da palavra da qual se originou o topônimo, como no caso de córrego *Buriti Comprido*, localizado no município de Diamantino/MT, nome formado pela palavra da língua tupi, *Buriti* e da língua portuguesa, *Comprido* (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).

10. Etimologia: étimo da palavra identificado com base em consultas a dicionários gerais de língua, dicionários de línguas indígenas, além de artigos científicos, teses e dissertações que trazem informações acerca dos denominativos. O topônimo *Buriti Comprido*, por exemplo, compõe-se de um nome originário da língua tupi, *Mbiri'ti*, e

outro da língua portuguesa, *Comprido*, de *complere*, do latim (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).

11. Estrutura do topônimo: diz respeito à estrutura morfológica do elemento específico do sintagma toponímico, podendo ser classificado morfológicamente como de estrutura simples e/ou composta. Essas classificações comportam as subclassificações em composta híbrida e/ou simples híbrida, conforme discutido na seção I deste trabalho. O topônimo *Buriti Comprido*, por exemplo, possui estrutura composta híbrida por reunir dois formantes de línguas distintas.

12. Informações enciclopédicas: são aquelas buscadas em obras que possam esclarecer particularidades dos topônimos.

13. Contexto: diz respeito a informações que podem ser encontradas em documentos históricos ou em obras literárias, por exemplo, que possam esclarecer aspectos importantes relativos à motivação dos topônimos, particularmente em nomes de acidentes humanos (municípios, distritos, povoados etc.).

14. Histórico: dados sobre as denominações anteriores do acidente geográfico.

15. Data da coleta: período (mês e ano) em que os topônimos foram coletados.

16. Responsável pela coleta: pesquisador (a) responsável pela coleta dos dados, das fontes e, frequentemente, o responsável pelo preenchimento da ficha.

17. Professor/orientador: responsável por validar ou não as informações registradas na ficha.

3.2.3. A sistematização dos dados no ATEMS - planilhas do Excel

As informações organizadas em planilhas facilitam o acesso aos dados durante o estudo, tornando-se uma ferramenta eficaz para a elaboração de quadros, de tabelas e para a quantificação dos topônimos. As planilhas elaboradas para esta Tese ficarão disponíveis no Projeto ATEMS para serem enriquecidas por estudos de outros pesquisadores.

A figura 9, na sequência dispõe de parte das informações pesquisadas acerca de cada topônimo e sistematizadas nas planilhas.

Figura 9: Espelho dos campos – Planilha do ATEMS.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N
	Mesorregião	Geocódigo	Microrregião	Geocódigo	Município	Geocódigo	Tipo geogr.	TOPÔNIMO	TIPO	LINGUA DE ORIGEM	ETIMOLOGIA	TAXIONÔMICA		
1	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	lagoa do	Acacizal, do	Físico	português	Lat. campus (Houaiss, 2009)	sociotopônimo		
2	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	volta	Acacizal, do	Físico	Bororo + português	Acori + al (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009)	fitotopônimo		
3	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	córrego	Acacizal, do	Físico	bororo	Acori + sufixo -z-inho (Sampaio, 1987)	fitotopônimo		
4	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	lagoa	Aça	Físico	tupi	Tupi gwa 'su grande (Sampaio, 1987)	dimensiotopônimo		
5	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	serra do	Acacizal	Físico	português	Acori + sufixo -zal (Sampaio, 1987)	fitotopônimo		
6	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	serra	Água Branca	Físico	português + germânico	Lat. acqua + germ. Blanck (Houaiss, 2009)	hidrotopônimo		
7	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	córrego	Água Limpa	Físico	português	Lat. acqua + limpídus (Houaiss, 2009)	hidrotopônimo		
8	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	córrego	Aquadão	Físico	português	Lat. Acqua (Houaiss, 2009)	hidrotopônimo		
9	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	lagoa	Aquapé	Físico	tupi	Aguá-pe, coisa redonda e chata	fitotopônimo		
10	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	baía	Aquazul	Físico	português	Lat. acqua + ár. Lazurd (Houaiss, 2009)	hidrotopônimo		
11	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	lagoa	Aquazul	Físico	português + árabe	Lat. acqua + ár. Lazurd (Houaiss, 2009)	hidrotopônimo		
12	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	baía do	Alegre	Físico	português	Lat. Alicer (Houaiss, 2009)	anmotopônimo eufórico		
13	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	córrego	Alegre	Físico	português	Lat. Alicer (Houaiss, 2009)	anmotopônimo eufórico		
14	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	estirão do	Alegre	Físico	português	Lat. Alicer (Houaiss, 2009)	anmotopônimo eufórico		
15	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	volta	Alegre	Físico	português	Lat. Alicer (Houaiss, 2009)	anmotopônimo eufórico		
16	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	baía do	Alferes	Físico	árabe	Ár. al- faris (Houaiss, 2009)	axiotopônimo		
17	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	volta	Angical, do	Físico	orig. obsc.	Angico + al (Houaiss, 2009)	fitotopônimo		
18	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	lagoa da	Anta	Físico	árabe	Ár. Lamta (Houaiss, 2009)	zootopônimo		
19	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	volta	Anzol, do	Físico	português	Lat. hamus (Houaiss, 2009)	ergotopônimo		
20	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	córrego	Araputanga	Físico	tupi	'arara + putanga - arara vermelha	fitotopônimo		
21	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	lagoa das	Araras	Físico	tupi	tupi a 'rara' voz onomatopaica cor	zootopônimo		
22	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	serra das	Araras	Físico	tupi	tupi a 'rara' voz onomatopaica cor	zootopônimo		
23	Cáceres	5102	Cáceres	510004	Cáceres	5102504	córrego	Areidú	Físico	fitotopônimo?	Lat. Harena (Houaiss, 2009)	litotopônimo		

Fonte: Sistema de Dados do Projeto ATEMS (2011).

Na figura 9, da esquerda para a direita, estão arrolados os dados relativos aos campos relacionados à Região Geográfica Intermediária/geocódigo da região em estudo; a Região Geográfica Imediata/geocódigo; o município de onde foi coletado o topônimo/geocódigo; o topônimo, a área em que se localiza, se urbana ou rural, o nome geográfico do acidente nomeado, se rio, monte, córrego, vila etc., o topônimo, o tipo de acidente, se físico ou humano, a língua de origem e a classificação em umas das taxonomias fornecidas pelo modelo adotado. As demais informações são mostradas na figura 10 a seguir.

Figura 10: Espelho dos campos – Planilha do ATEMS.

	O	P	Q	R	S	T	U	V	W
	LASSE GRAMATI	UTURA MORFOI	FORMAÇÕES ENCICLOPÉ	HISTÓRICO	REFERÊNCIAS	FONTE	DATA DA COLÉ	Responsável pela cole	Revisor
1	Substantivo	simples	instalação provisória de um grupo de pessoas em marcha por força de determinada atividade (excursionismo, alpinismo, escotismo, caça etc.)				Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
2	Substantivo	simples híbrida	vem de acori, designativo de um tipo de coqueiro.				Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
3	Substantivo	simples híbrida	vem de acori, designativo de um tipo de coqueiro.				Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
4	Substantivo	simples	e grande porte; avulso, volumoso				Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
5	Substantivo	simples híbrida	vem de acori, designativo de um tipo de coqueiro.				Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
6	Substantivo + adjetivo	Composta	substância (H2O) líquida e incolor, insípida e inodora, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos				Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
7	Substantivo + adjetivo	composta	substância (H2O) líquida e incolor, insípida e inodora, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos				Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
8	Substantivo	simples	que contém água, diluído em água				Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
9	Substantivo + adjetivo	Composta	Água-pe, coisa redonda e chata, a planta vulgarmente chamada guspê, guapêba, guspêva, que cobre a superfície				Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
10	Substantivo + adjetivo	Composta	substância (H2O) líquida e incolor, insípida e inodora, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos				Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
11	Substantivo + adjetivo	Híbrida	substância (H2O) líquida e incolor, insípida e inodora, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos				Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
12	Adjetivo	simples	que tem, sente ou manifesta alegria, contente, jubiloso				Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
13	adjetivo	simples	que tem, sente ou manifesta alegria, contente, jubiloso			Houaiss (2009)/Sampaio (1987)	Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
14	Adjetivo	simples	que tem, sente ou manifesta alegria, contente, jubiloso			Houaiss (2009)/Sampaio (1987)	Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
15	Adjetivo	simples	que tem, sente ou manifesta alegria, contente, jubiloso			formação arbórea de pequen	Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
16	Adjetivo	simples	patente de oficial abaixo de tenente (no Brasil, a designação foi substituída pela de segundo-tenente)				Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
17	Substantivo	simples híbrida	design. comum a várias árvores da fam. das leguminosas, subfam. mimosoidea, esp. dos gêneros Piptadenia, Pa				Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
18	Substantivo	composta	manífero perissodactilo, florestal, da fam. dos tapirídeos (Tapirus terrestris), que ocorre da Colômbia ao Sul do				Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
19	Substantivo	simples	pequeno gancho metálico, pontiagudo, de braços desiguais e seguro por uma linha			Houaiss (2009)/Sampaio (1987)	Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
20	Substantivo + adjetivo	Composta	De acordo com Sampaio (1987, p. 197) a palavra ará desempenha a função de "no			Houaiss (2009)/Sampaio (1987)	Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
21	Substantivo	composta	design. comum de algumas aves psitacíformes da fam. dos psitacídeos (Anodorhynchus, Ara e Cyanopsitta), qu				Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
22	Substantivo + adjetivo	Composta	design. comum de algumas aves psitacíformes da fam. dos psitacídeos (Anodorhynchus, Ara e Cyanopsitta), qu				Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
23	Substantivo + adjetivo	Composta	talvez areado/ com muita areia.				Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo
24	adjetivo	simples					Abril de 2022	Soeli Bento clementi	Aparecida Negri Isquerdo

Fonte: Sistema de Dados do Projeto ATEMS (2011).

Da esquerda para a direita da planilha constam a estrutura morfológica do topônimo, o contexto, as informações enciclopédicas, o histórico, as referências, a fonte da coleta (mapas, documentos históricos), a data da coleta, a responsável pela coleta e a responsável pela revisão dos dados, ressaltando que os espaços podem ser ampliados conforme a dimensão do texto.

No que concerne a esta pesquisa, a análise linguística dos topônimos é subsidiada por dicionários gerais, especialmente, o Houaiss (2009) na versão digital e o dicionário etimológico de Nascentes (1955).

Para elucidar palavras de línguas indígenas, foram consultadas as obras de Caldas (1899), Cardoso (1961), Drumond (1965), Gregório (1980a; 1980b; 1980c), Sampaio (1987) e Bueno (1987), autores que se dedicaram a entender e preservar, por meio da escrita, as línguas indígenas faladas em regiões litorâneas e no interior do Brasil. Essas obras foram fundamentais para identificar a motivação dos topônimos, sem, contudo, respaldar o entendimento quanto à estrutura interna das palavras que nos assegurasse a classificação em simples e composta, além das derivações.

O *Dicionário Histórico do Português do Brasil* (Biderman; Murakawa, 2021) consistiu em fonte valiosa de consulta para o entendimento de unidades lexicais que ocuparam tanto a função de genéricos quanto a de topônimos, sobretudo, os relacionados aos acidentes humanos. Do mesmo modo, a obra de Souza (1939); Azevedo (1956); Ortêncio (1983); Guerra; Guerra (1997) e o *Glossário dos termos genéricos dos nomes*

geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil (IBGE, 2010; 2015) contribuíram para o entendimento de certos nomes de acidentes, tanto físicos quanto humanos, no *corpus* desta pesquisa, bem como, certas particularidades regionais dos denominativos.

Foram consultadas, ainda, obras acadêmicas, quais sejam, dissertações, livros, revistas, teses, registradas na seção das referências, com vistas a ampliar o entendimento dos nomes dos municípios em causa.

3.3. As regiões pesquisadas e a quantificação dos dados

Como já assinalado, o *corpus* desta pesquisa é composto por 2.012 topônimos, dos quais 1.571 são nomes de acidentes físicos - baías, barras, cabeceiras, cachoeiras, cascata, chapadas, chapadão, corixos, córregos, corretozinhos, estirões, furados, igarapé, ilhas, lagoas, lagos, morros, pantanais, praias, riachos, ribeirões, rios, riozinho, saltos, sangradouro, sangradourozinho, serras, serrinha, vazantes, veredas e voltas - e 441 acidentes humanos dos municípios pesquisados – nomes de assentamentos, colônias, comunidades, distritos, glebas, municípios, núcleos, povoados, quilombos e vilas.

A Região Imediata de Cáceres concentra a maior parte dos topônimos do *corpus*, o que se explica pela densa corrente hídrica na imensa extensão de seu território. Dos 693 topônimos pertencentes a essa região, 546 nomeiam acidentes físicos e 147 acidentes humanos. Os seis municípios que integram a Região Intermediária de Cuiabá reúnem 545 topônimos, sendo 487 nomes de acidentes físicos e 58 de acidentes humanos. São municípios que pertencem a três Regiões Imediatas diferentes, a saber: Cuiabá (Nobres), Diamantino (Diamantino) e Tangará da Serra (Denise, Nova Olímpia, Porto Estrela e Tangará da Serra).

A Região Geográfica Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro é a segunda mais produtiva da Região Intermediária de Cáceres, em se tratando do montante de dados, tendo reunido 419 topônimos, 294 nomeando acidentes físicos e 125, acidentes humanos. Em contrapartida, a Região Geográfica Imediata de Mirassol d'Oeste computou a menor quantidade de topônimos. Dos 355 nomes pertencentes a essa região, 244 nomeiam acidentes físicos e 111, acidentes humanos.

Na sequência são apresentados quadros a fim de esclarecer e orientar a forma como os dados foram dispostos e analisados na seção IV, justificando as decisões tomadas

quanto à estrutura morfológica dos topônimos de línguas diferentes da portuguesa, especialmente, a indígena.

3.4. A sistematização e a análise dos dados registrados nos quadros

Corroborando a metodologia definida para este trabalho, os dados foram apresentados em forma de quadros, procedimento que permite o registro de um montante significativo de informações de maneira ordenada e resumida, além de facilitar a compreensão do assunto. O quadro 8, a seguir, é um exemplo dessa estratégia.

Quadro 8: Amostra da disposição da macrotoponímia.

Denominações anteriores	Topônimo	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura
Ituinópolis, gleba Paixão	Araputanga	fitotopônimo	tupi	<i>ará</i> – papagaio, <i>putanga</i> - pássaro vermelho: nome de uma árvore (Gregório (1980b; 1980c); (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	_28
Vila-Maria do Paraguai, São Luiz de Cáceres	Cáceres	antropotopônimo	espanhola	sobr. esp. top.: castelos, fortalezas (Guérios, 1981).	simples
–	Campos de Júlio	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. <i>campus</i> + <i>Julius</i> (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
–	Comodoro ²⁹	axiotopônimo	inglesa	Ing. <i>commodore</i> / <i>commandore</i> - oficial de marinha/título honorífico em certas associações navais (Houaiss, 2009).	simples
Curva do Boi	Curvelândia	morfotopônimo	portuguesa	lat. <i>curvus</i> + suf – <i>lândia</i> (Houaiss, 2009).	simples
fazenda Duas Antas, Barranco Vermelho, gleba Miru	Denise	antropotopônimo	francesa	f. fr. de <i>Dionísia</i> (Guérios, 1981).	simples
arraial do Ouro, Félix, Santa Isabel, Alto	Diamantino	litotopônimo	portuguesa	lat. vulg. <i>diamas</i> + suf. do lat. – <i>inus</i> (Houaiss, 2009).	simples

²⁸ O símbolo (-) indica a não classificação do topônimo em termos de estrutura morfológica por não acesso a fontes confiáveis que pudessem respaldar a classificação.

²⁹ - Do étimo do inglês *commodore/commandore*, é um regionalismo de Portugal “oficial de marinha, inferior ao contra-almirante, na hierarquia da marinha, e superior ao capitão de mar e guerra; Regionalismo: Portugal; oficial de marinha ou capitão encarregado de comandar um dos navios de um comboio, subordinado ao comandante da escolta; aquele que dirige departamento náutico de clube recreativo; em algumas companhias de navegação, título de honra concedido ao mais velho capitão ativo; título honorífico em certas associações navais” (Houaiss, 2009).

Paraguay, Alto Paraguay Diamantino					
---------------------------------------	--	--	--	--	--

Fonte: elaborado pela autora.

O Quadro 8 reúne uma amostra das informações sobre a macrotoponímia³⁰, disposta na seção IV, destinada à apresentação e análise dos dados.

As questões relativas à etimologia, à classe gramatical e à estrutura do topônimo foram abordadas, ainda, no texto da análise referente a cada município, metodologia que não pode ser aplicada a todos os topônimos, por configurar-se como uma tarefa impossível para um único estudo a considerar o tamanho do *corpus*. A análise em texto, além dos aspectos linguísticos, aborda os eventos históricos que concorreram para a nomeação da localidade e as mudanças nos denominativos no decurso do tempo.

O traço no quadrante das linhas, à esquerda da tabela, como, nos exemplos de Campos de Júlio e Comodoro, foi em razão de não terem sido identificados nomes anteriores desses municípios, no percurso de sua constituição. Já o traço no quadrante da linha da direita, a exemplo da que comporta o topônimo *Araputanga*, indica a não identificação, de forma segura, da estrutura desse topônimo de língua indígena (Cf. quadro 9).

Os topônimos que nomeiam acidentes físicos são dispostos em quadros, contendo seis categorias de informações: o topônimo, o acidente geográfico, a taxa toponímica, a base linguística, as informações etimológicas e a estrutura do topônimo, conforme demonstra o quadro 9, na sequência.

³⁰ - Macrotoponímia diz respeito aos nomes próprios de espaços de maior amplitude como país (Brasil), estado (Mato Grosso), município (Mirassol d'Oeste).

Quadro 9: Amostra da disposição dos topônimos de acidentes físicos e humanos.

Municípios de Diamantino, Cáceres, Nobres e Nova Lacerda					
Topônimo	Acidente geográfico	Classificação taxonômica	Base linguística	Etimologia	Estrutura do topônimo
Água Suja	córrego	Hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua – substância líquida + succidus – úmido gorduroso (Houaiss, 2009).	composta
Alegre	rio	Animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. alicer – animado (Houaiss, 2009).	simples
Capão da Curi	baía [do]	fitotopônimo	tupi	tupi Ka'apu'ã - mato redondo + tupi curi – argila vermelha (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta
Carandá	córrego	fitotopônimo	tupi	kara'nda/ carandá, escamoso, cascudo, cheio de asperezas - palmeira. (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Carandá Grande	povoado	fitotopônimo	tupi + portuguesa	kara'nda – planta da fam. das palmas + lat. grandis – de maior dimensão (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Corixo	córrego	hidrotopônimo	orig. obsc.	orig. obsc. – canal que liga as águas de duas lagoas (Houaiss, 2009).	–
Piquizinho ³¹	lagoa	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi Pe'ki/pyquí -a casca áspera, espinhenta + suf. port. -z-inho (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009)	simples híbrida
Quebó-Guaçu	ribeirão	hidrotopônimo	bororo + tupi	bororo que – morcego + bó- água, rio - Água de Morcego + tupi gwa'çu - grande (Cardoso, 1961); (Sampaio, 1987).	composta híbrida
Salobro	baía [do]	hidrotopônimo	portuguesa + espanhola	lat. sal + sob infl. do esp. obre/o - salgado/a (Houaiss, 2009)	simples híbrida

³¹ - Piquizinho – dicionarizado como pequi “design. comum a árvores do gên. *Caryocar*, da fam. das cariocaráceas, de boa madeira, folhas trifolioladas e drupas ger. comestíveis; pequiá, piquiá” (Houaiss, 2009).

Securi ³²	rio	zootopônimo	tupi	tupi suku'ri/çuú-curí, morde rápido, atira o bote - serpente (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Várzea	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009)	simples

Fonte: elaborado pela autora.

³² - Securi – Dicionarizada Sucuri: um tipo de serpente (Houaiss, 2009).

A identificação da estrutura dos topônimos precisa ser respaldada pelo conhecimento que se tem da língua, da raiz das palavras, dos processos de composição e dos morfemas que dão origem aos topônimos formados por derivação, conforme foi discutido na seção I deste trabalho.

Para este estudo, a estrutura morfológica dos topônimos só foi classificada nos seguintes casos:

I) em topônimos da língua portuguesa, de estrutura simples ou composta, a exemplo de *Água Suja* (estrutura composta) e *Alegre* (estrutura simples);

II) em topônimos compostos de língua que não a portuguesa, incluindo as indígenas (tupi, guarani, aruaque e bororo) cujos formantes não estejam grafados de forma aglutinada, a exemplo de *Capão da Curi* (estrutura composta por duas palavras de língua tupi);

III) em topônimos compostos formados por línguas diferentes, incluindo as indígenas, de forma em que se possa identificar duas ou mais unidades léxicas grafadas de forma separada como no exemplo de *Carandá Grande* - estrutura composta híbrida (*Carandá* de língua tupi + *Grande* de língua portuguesa) e/ou *Quebó-Guaçu* (*Quebó* de língua bororo + *Guaçu* de língua tupi), sem, contudo, desvendar a estrutura de cada palavra.

IV) em topônimos que apresentem uma palavra de línguas diferentes da portuguesa, incluindo as indígenas e sufixos da língua portuguesa como em *Caetezinho* - estrutura derivada - simples híbrida (tupi *Caeté* + sufixo da língua portuguesa - *-z-inho*) e/ou palavras da língua portuguesa e sufixos de outra língua como em *Salobro/a/e* - estrutura derivada - simples híbrida (língua portuguesa *sal* + espanhol - *obro/a/e*).

Nesse contexto, os topônimos em língua indígena, mesmo quando apresentarem uma etimologia e uma motivação que justificam a classificação taxonômica, o espaço da linha na coluna do quadro dedicado à estrutura morfológica será preenchido com um traço, em razão de não termos autoridade teórica para identificar a estrutura da palavra, ou seja, se se trata de mais de um radical ou um radical e afixos a exemplo de *Carandá*.

Os topônimos que apresentam a etimologia obscura ou duvidosa, mas estão perfeitamente integrados, de forma ampla, no léxico do português como *Várzea*, por exemplo, foram considerados como da língua portuguesa. Todavia, quando se tratar de topônimos que nomeiam referentes em domínios geográficos muito restritos a exemplo de *Corixo*, não foram classificados quanto à língua e quanto à estrutura morfológica.

A grafia dos topônimos foi mantida da forma como a registrada nos mapas do IBGE (2010), ainda que estejam grafados em uma variedade não padrão, com as respectivas formas dicionarizadas em nota de rodapé como em *Piquizinho – Pequi + -z-inho* e *Securi - Sucuri* (Houaiss, 2009).

Conforme já assinalado, os topônimos analisados neste estudo nomeiam acidentes físicos e humanos de 21 municípios da Região Intermediária de Cáceres e seis municípios da Região Intermediária de Cuiabá. Esses seis municípios pertencem a regiões Imediatas diferentes. Diamantino, por exemplo, é um município que integra a Região Imediata de Diamantino, enquanto Nobres é um município que pertence à Região Imediata de Cuiabá e os municípios de Denise, Nova Olímpia, Porto Estrela e Tangará da Serra integram a Região Imediata de Tangará da Serra.

Para uma maior clareza na compreensão dos nomes e as respectivas regiões às quais pertencem, os topônimos dos acidentes físicos da Região Intermediária de Cáceres são apresentados em quadros por regiões imediatas, totalizando, nessa metodologia, três quadros, a saber: Região Imediata de Cáceres, Região Imediata de Mirassol d'Oeste e Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro. Enquanto os topônimos dos acidentes físicos dos seis municípios da Região Intermediária de Cuiabá foram dispostos em um único quadro, destacando, além dos municípios, a região imediata a qual pertencem dentro do próprio quadro.

O quadro 9 é um exemplo de como estão reunidos e classificados os topônimos dos acidentes físicos de todos os municípios que integram o *corpus* desta pesquisa.

Metodologia diferente foi aplicada para os acidentes humanos (vilas, glebas, comunidades, distritos, agrovilas etc.), que foram reunidos em um único quadro, o de número 11, na seção IV deste trabalho. A frequência das taxonomias desses acidentes está representada na tabela 4 e no gráfico 1.

Em casos em que o topônimo não está com a motivação aparente que justifique a classificação em determinada taxonomia, as informações foram registradas em nota de rodapé.

Sob a mesma orientação metodológica, os topônimos dos acidentes físicos das regiões selecionadas para a pesquisa foram classificados conforme Dick (1990; 1992) e apresentados nos quadros 12,13, 14 e 15 deste trabalho.

A distribuição percentual das taxonomias de acidentes físicos identificadas no *corpus* em análise foi apresentada, por meio dos gráficos 2, 3, 4 e 5, precedidos pelas tabelas 5, 6, 7 e 8, que apresentam os topônimos de cada quadro em números absolutos e percentuais.

O gráfico 6, por exemplo, traz a distribuição percentual das taxonomias da soma geral dos topônimos dos acidentes humanos e físicos dos 27 municípios que integram o *corpus* desta pesquisa, precedido pela tabela 9, apresentando os dados em valores absolutos e percentuais de todo o *corpus* analisado.

A distribuição percentual das dez taxonomias mais produtivas por Região Imediata está apresentada nos gráficos 7 a 11 e 13 a 17. Na sequência, os topônimos mais recorrentes das dez taxonomias de maior frequência foram analisados no texto, com o objetivo de refletir sobre a padronização dessas escolhas, pelos habitantes da região, condicionadas pela presença, de certo modo, tangível do referente, quando das taxonomias de natureza física e por valores culturais comuns, quando se trata de taxonomias de natureza antropocultural.

A toponímia de base linguística indígena foi apresentada na tabela 10, em valores absolutos e percentuais por Região Imediata, seguida de análise em texto.

Na sequência, destacam-se os usos de palavras em sentido regional e as possíveis conexões estabelecidas com dados de outras regiões brasileiras, tendo como agentes as pessoas que migraram para o estado, durante o processo de colonização. Foi considerada a acepção geral da palavra, quando encontrada, e o sentido ou sentidos regionais, no quadro 16 (seção IV).

Os nomes genéricos toponimizados integram a tabela 12 (seção IV), estruturada por município, com indicação do acidente geográfico, enquanto a tabela 13 (seção IV) traz a distribuição em números absolutos e percentuais dos nomes toponimizados por região imediata.

Tabela 3: Amostra da disposição dos topônimos originados pelo processo de toponimização do elemento genérico.

REGIÃO GEOGRÁFICA IMEDIATA DE CÁCERES		
MUNICÍPIO DE CÁCERES		
Topônimo	Acidente	Nº
Água (Aguado, Aguazul)	córrego, lagoa, baía	05
Baía (Baiazinha)	baía, ilha	03
Barra	baía, estirão, ilha	04
Bueiro	baía	01
Bracinho	rio	01
Cabeceira	córrego	03
Correnteza	córrego	01
Fervedor	córrego	01
Lagoa (Lagoinha)	córrego	02
Ribeirão	córrego	02
Rio	ribeirão	01
Salto (Saltinho)	córrego	02

Sumidouro	ribeirão	01
-----------	----------	----

Fonte: elaborado pela autora.

As linhas em cor verde identificam os nomes resultantes do processo de toponimização, no *corpus* deste trabalho, que ocuparam somente a função de nome próprio. Em contrapartida, as linhas em branco contêm os nomes que, ora estão na função de elemento genérico, ora estão na função de nome próprio do sintagma toponímico.

A seção IV, na sequência, está destinada à apresentação e análise dos dados.

SEÇÃO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Esta pesquisa de Tese versa sobre a toponímia de 21 municípios da Região Geográfica Intermediária de Cáceres e dos municípios de Denise, Diamantino, Nobres, Nova Olinda, Porto Estrela e Tangará da Serra, que fazem parte da Região Intermediária de Cuiabá e segue a orientação teórico-metodológica de Dick (1990; 1992). Em conformidade com esta teoria, já discutida na seção I deste trabalho, o estudo obedece às etapas científicas da seleção dos topônimos nos mapas do IBGE (2010), interpretação dos dados, classificação em uma das taxonomias, comparabilidade dos nomes entre as regiões e análise em texto.

Vale ressaltar que a base de dados desta pesquisa é formada por 2.012 topônimos, sendo 1.571 denominações de acidentes físicos (rios, córregos, ribeirões, lagoas, lagos, furados, estirões, corixos, baías, serras, montanhas, morros, ilhas, dentre outros) e 441 nomes de acidentes humanos (distritos, vilas, povoados, glebas, colônias, assentamentos etc.).

A análise tem início pelo topônimo *Mato Grosso*, que nomeia o espaço maior que abriga os demais dados que, por sua vez, compõem o *corpus* analisado.

4.1. O topônimo Mato Grosso

Entre os séculos XVI e XVIII, os habitantes das vilas costeiras do estado de São Paulo deslocaram-se para a região Centro-Oeste em busca de metais preciosos e da força de trabalho indígena. Nesse contexto, Ferreira (2001, p. 650) esclarece que a “descoberta de ouro no Sararé e no Galera abria o caminho para a ocupação efetiva da margem direita do rio Guaporé”. E, nessas circunstâncias, o topônimo Mato Grosso surgiu “devido à espessa mata de sete léguas [desse] lugar”. Segundo o mesmo autor, com base nas informações trazidas por José Gonçalves da Fonseca, em seu livro *Notícia da situação de Mato- Grosso e Cuyabá*, o nome foi cunhado pelos paulistas Fernão e Artur Paes de Barros que, vindos da planície oposta aos Campos dos Parecis, região de vegetação herbácea e arbustiva, encontraram, naquele local, formações nativas de grande porte. O topônimo *Mato Grosso* souou, portanto, como uma interjeição frente à exuberância da floresta em oposição aos espaços de campos e cerrados do mesmo estado.

A esse respeito, Souza-Brasil (1864, p. 516-517) informa que,

[...] em 11 de Janeiro de 1751 chegou à villa de Cuyabá D. Antonio Rolim de Moura Tavares, depois Conde de Azambuja, primeiro governador e capitão-general desta capitania, e tendo tomado posse a 17 do mesmo mez, seguiu em novembro para as minas do Mato-Grosso, que derão o nome a toda capitania, a fim de ahi fundar uma nova villa, cuja ereação já tinha sido decretada por provisão régia do anno de 1746.

Nessa ocasião, o vale do Guaporé já contava com alguns arraiais, dentre eles, São Francisco Xavier, Pilar, Sant'ana, Ouro Fino e o arraial de Pouso Alegre, elevado à categoria de vila, com o nome de Vila Bela da Santíssima Trindade do Mato Grosso (Azevedo, 1956); (Ferreira, 2001).

De acordo com Siqueira (2017, p. 40), “a Coroa portuguesa, considerando a distância das minas descobertas no extremo Oeste da capitania de São Paulo, resolveu criar uma nova: a de Mato Grosso, através da Carta Régia de 9 de maio de 1748, nomeando, para governá-la, um nobre lusitano”. A visão do espaço geográfico foi materializada por meio do nome de sentido genérico *mato* e, assim, o topônimo *Mato Grosso* já estava devidamente imantado ao território, aproximadamente 30 anos após a descoberta de ouro no córrego da Prainha, em Cuiabá³³.

O topônimo tem estrutura composta formada pelo substantivo *Mato* + adjetivo *Grosso*. A unidade lexical *mato*, conforme Houaiss (2009), denomina a “vegetação constituída de plantas não cultivadas, de porte médio e, geralmente, sem qualquer serventia”, ainda, “área coberta com esse tipo de vegetação” ou “qualquer planta tida como sem serventia”. Quanto à etimologia, Houaiss (2009) aponta remissiva da palavra *mato* para *mata*, embora, *mato* e *mata* recebam definições distintas no referido dicionário. A unidade léxica *mata* tem o étimo do latim *matta*, com o significado de “área coberta de plantas silvestres de portes diversos” (Houaiss, 2009).

Figueiredo (1913) definiu a unidade lexical *mato* como “terreno inculto, em que crescem plantas agrestes”. O dicionarista apresenta outras entradas para a palavra *mato* com os respectivos adjetivos que a qualificam como ocorre com *mato-bom*, *mato-branco*, *mato-mau*, o que leva a depreender que o substantivo em si é neutro, necessitando de adjetivo para a compreensão do referente. Para *mata*, Figueiredo (1913) registra a definição de “terreno em que crescem árvores silvestres”, sinônimo de bosque e arvoredo.

Biderman e Murakawa (2021) registram como acepção da unidade lexical *mata* “aglomerado de árvores silvestres de várias espécies habitado por animais”, com a primeira datação de 1500, na carta de Pero Vaz de Caminha, e para o item lexical *mato*, a acepção de “terreno não cultivado onde crescem plantas silvestres, com vegetação ou mata de porte médio” e com o significado de “qualquer lugar afastado como o campo, a roça, o interior em oposição à cidade”. Essa segunda acepção é do ano 1587 em carta de Gabriel Soares de Sousa sob o título *A Agricultura Da Bahia*.

³³ - A descoberta de ouro no córrego da Prainha, no centro de Cuiabá, capital de Mato Grosso, foi o que desencadeou a colonização do estado em 1719.

O Dicionário de Termos Florestais (Pires *et al* 2018) define *mata* como “termo genérico para cobertura vegetal, qualquer que seja sua extensão e modo de tratamento”. Nessa área de especialidade, *mata* é compreendida de forma hiperonímica e não há registro da unidade lexical *mato*.

Em sentido geral, a definição de *mata* abriga plantas que oferecem madeira, frutos, ervas, alimentos, dentre outras utilidades para a manutenção das diferentes formas de vida, enquanto *mato* é definido como nome genérico que não abarca as particularidades das plantas de uma localidade, bem como, as propriedades das espécies abrigadas na região. Nessa compreensão, *mato* é a palavra que carrega um sentido hiperonímico, pois abriga diferentes espécies de plantas, incluindo as consideradas pragas.

Ainda que, conforme Pires (*et al* 2018), em relação à definição da unidade lexical *mata* “alguns especialistas entendem que o termo pressupõe baixa diversidade de espécies”, o sentido de *mato* permanece distante do de *mata* nos dicionários gerais de língua portuguesa e no dicionário histórico.

Já o adjetivo *grosso*, do latim *grossus*, na acepção “de grande ou maior diâmetro, circunferência, volume, largura, espessura” (Houaiss, 2009), reforça a ideia de uma densa cobertura vegetal rasteira, impenetrável, em um primeiro momento.

Observa-se, pois, que a unidade lexical *mato*, pertencente ao léxico comum, manifestada nas impressões do denominador, no sentido trazido por Ferreira (2001), não reflete a principal característica da flora regional, o cerrado, cujas características são “mata xerófila dos planaltos, de formação arbórea aberta, com vegetação herbácea abundante e cujas árvores são geralmente pequenas e tortuosas e de casca grossa e suberosa; campo cerrado, mato grosso” (Houaiss, 2009). Assim, a floresta exuberante encontrada pelos bandeirantes, de acordo com as informações nas quais Ferreira (2001) se baseou, estava circunscrita a uma pequena área, não sendo, assim, uma característica geral da vegetação do território do estado de Mato Grosso e foi apreendida de forma contraditória em se tratando do termo *mato*.

Considerando que a fase de constituição do topônimo foi a do ciclo de exploração de metais preciosos, a flora, desconhecida dos bandeirantes, não lhes constituía objeto de interesse. Observa-se, por outro lado, que o denominativo *Mato Grosso* foi cunhado por exploradores que já tinham um referencial de urbanismo, uma vez que a fundação de São Paulo ocorreu em 1554, quase 200 anos antes.

Além do mais, ainda que toda planta tenha sua utilidade dentro do bioma no qual se inscreve, a definição dos dicionaristas a respeito da unidade lexical elevada à categoria de

topônimo, revela o olhar dos desbravadores da região, bandeirantes provenientes da capitania de São Paulo, cujo território é coberto, em grande parte, pela Mata Atlântica, a que estavam acostumados, o que reforça a escolha do termo *mato* e não *mata* para nomear o novo território. Assim, a unidade léxica *mato* opõe-se tanto ao referencial de urbanismo quanto ao de mata atlântica.

Somente mais tarde, a atenção foi voltada para o extrativismo vegetal, o que possibilitou o conhecimento de espécies nativas de Mato Grosso, como, a poaia, a borracha, a erva-mate etc. Em um novo ciclo de exploração constatou-se que no mato há variedades de espécies “úteis” ao homem, pelo valor dessas plantas no mercado internacional.

A despeito da motivação para o surgimento do topônimo, o nome ficou de tal forma associado ao espaço geográfico que o território desmembrado o manteve, acrescido de modificador que o distingue de sua origem, o estado de Mato Grosso do Sul.

Os 27 nomes da macrotoponímia dos municípios em estudo são analisados na sequência.

4.2. Análise da macrotoponímia da Região Geográfica Intermediária de Cáceres e Região Geográfica Intermediária de Cuiabá.

Os nomes dos municípios são mais influenciados por fatores extralinguísticos por guardarem relações estritas com o processo de colonização, os valores, as expectativas do colonizador, além das características do ambiente físico do espaço nomeado. Aqui são analisados os nomes dos 27 municípios cuja toponímia constitui o objeto deste estudo, na perspectiva linguística e contextual, dados sistematizados no Quadro 10, a seguir.

Quadro 10: A Macrotoponímia das Regiões Intermediárias de Cáceres e de Cuiabá – Mato Grosso

Denominações anteriores	Topônimo	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura
Ituinópolis, gleba Paixão	Araputanga	fitotopônimo	tupi	<i>ará</i> – papagaio, putanga - pássaro vermelho: nome de uma árvore (Gregório, 1980b; 1980c); (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Vila-Maria do Paraguai, São Luiz de Cáceres	Cáceres	antropotopônimo	espanhola	sobr. esp. top.: castelos, fortalezas (Guérios, 1981).	simples
–	Campos de Júlio	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. campus + Julius (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
–	Comodoro ³⁴	axiotopônimo	inglesa	Ing. commodore /commandore (Houaiss, 2009).	simples
–	Conquista d’Oeste	animotopônimo eufórico	portuguesa + francesa	lat. medv. conquisto + fr. ouest (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Curva do Boi	Curvelândia	morfotopônimo	portuguesa	lat. curvus + suf port. – lândia (Houaiss, 2009).	simples
fazenda Duas Antas, Barranco Vermelho, gleba Miru	Denise	antropotopônimo	francesa	f. fr. de Dionísia (Guérios, 1981).	simples

³⁴ - Do étimo do inglês commodore/commandore, é um regionalismo de Portugal “oficial de marinha, inferior ao contra-almirante, na hierarquia da marinha, e superior ao capitão de mar e guerra; Regionalismo: Portugal; oficial de marinha ou capitão encarregado de comandar um dos navios de um comboio, subordinado ao comandante da escolta; aquele que dirige departamento náutico de clube recreativo; em algumas companhias de navegação, título de honra concedido ao mais velho capitão ativo; título honorífico em certas associações navais” (Houaiss, 2009)

arraial do Ouro, Félix, Santa Isabel, Alto Paraguay, Alto Paraguay Diamantino	Diamantino	litotopônimo	portuguesa	lat. vulg. <i>diamas</i> , <i>antis</i> + suf. do lat. – <i>inus</i> (Houaiss, 2009).	simples
–	Figueirópolis d'Oeste	antropotopônimo	portuguesa + francesa	sobr. port. top.+ Figueira + suf. lat. – <i>pólis</i> + fr. <i>ouest</i> (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Cruzeiro d'Oeste	Glória d'Oeste	hierotopônimo	portuguesa + francesa	lat. <i>gloria</i> + fr. <i>ouest</i> (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Água Suja, Patrimônio Nova Esperança	Indiavaí ³⁵	hidrotopônimo	persa + tupi	persa antigo (hindu - índio) + a + <i>vai/ abá+y</i> – <i>abá</i> - homem, a gente, a pessoa; o macho + <i>i/y</i> – rio (Sampaio, 1987).	composta híbrida
gleba Paulista, Cidade de Deus, Jauru	Jauru	zootopônimo	tupi	tupi Jauru - <i>Yau-r-ú</i> : os <i>jàús</i> comem ou onde há <i>jàús</i> (Sampaio, 1987).	–
gleba Cerejeira, córrego Lambari e vilarejo do Lambari	Lambari d'Oeste	zootopônimo	tupi + francesa	tupi <i>lambari</i> – <i>araberí ara ve'ri</i> -o peixinho de água doce + fr. <i>ouest</i> (Cunha, 1982); Sampaio; (1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
–	Mirassol d'Oeste	corotopônimo	portuguesa + francesa	lat. <i>miro</i> + <i>sol/solis</i> + fr. <i>ouest</i> – planta: homenagem ao município de São Paulo (Figueiredo, 1913); (Ferreira, 2001); (Houaiss, 2009).	composta híbrida

³⁵ - O topônimo é formado pela aglutinação da unidade lexical índio, nome originado a partir do topônimo Índia + *avai/ abá+y* – *abá* - homem, a gente, a pessoa; o macho + *i/y* – rio (Sampaio, 1987).

Seis Marias (Sesmaria) Bananal, Nobres, distrito de Paz de Nobres	Nobres	antropotopônimo	portuguesa	sobr. port. primit. relacionado a fidalguia ou sentido moral (Guérios, 1981).	simples
–	Nova Lacerda	cronotopônimo	portuguesa	lat. novus + sobr. port. de origem espanhola la cierda (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Olímpia	Nova Olímpia	cronotopônimo	portuguesa	lat. novus + olimpyus – o céu (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
vila dos Pretos	Pontes e Lacerda	antropotopônimo	portuguesa	sobr. port. top. ponte/s + sobr. port. de origem espanhola la cierda (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Porto Salitre	Porto Esperidião	sociotopônimo	portuguesa	lat. portus + lat. spiridion (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
–	Porto Estrela	sociotopônimo	portuguesa	lat. portus + stella (Houaiss, 2009).	composta
–	Reserva do Cabaçal ³⁶	sociotopônimo	portuguesa	lat. reservo + orig. obsc., talvez pré-romana: planta (Houaiss, 2009).	composta
distrito de Paz de Rio Branco	Rio Branco	hidrotopônimo	portuguesa + germânica	lat. vulg. rius + ger. blanck (Houaiss, 2009).	composta híbrida

³⁶ - Cabaçal - Cabaça – Houaiss (2009) traz duas entradas para essa unidade léxica: 1: de étimo obscuro, talvez pré-romano - “design. comum a plantas da fam. das cucurbitáceas e a uma da fam. das bignoniáceas, cujas cascas dos frutos, muito duras, são us. no fabrico de diferentes objetos; cabaceira, cabaceiro”; 2: de etimologia do quimbundo e quicongo ka’basa – “gêmeo mais novo” – no sentido menos us. que mabaça. Uso: pejorativo; indivíduo pouco inteligente ou sagaz. A primeira acepção da entrada 1 foi a adotada para este trabalho.

-	Salto do Céu	hidrotopônimo	portuguesa	lat. saltus + caelum (Houaiss, 2009).	composta
Quatro Marcos, São José dos Quatro Marcos, Quatro Marcos	São José dos Quatro Marcos	hagiotopônimo	portuguesa + germânica	lat. sanctus + quattuor + Josephus + germ. étimo contrv. Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
glebas Santa fé, Esmeralda e Justino, Tangará	Tangará da Serra	zootopônimo	tupi + portuguesa	tupi tangará - atá-cará, pássaro pulador + lat. serra (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
-	Vale de São Domingos	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. vales/vallis + sanctus + lat. dominicius (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Pouso Alegre	Vila Bela da Santíssima Trindade	poliotopônimo	portuguesa	lat. villa + bella + sanctissimus + trinitas (Houaiss, 2009).	composta

Fonte: elaborado pela autora

Conforme os dados do quadro 10, cinco municípios são denominados por antropotopônimos, a taxa de maior frequência na macrotoponímia em questão. Para Dick (1990, p. 294) “no grande conjunto onomástico, localiza-se um ponto do seu conteúdo em que Toponímia e Antroponímia estão interseccionadas, permitindo que os respectivos campos de trabalho se sintam tocados mais de perto”. Assim, *Cáceres*, *Pontes e Lacerda*, *Nobres*, *Figueirópolis* e *Denise* são exemplos de antropônimos na função de topônimos, demonstrando a permutação entre os dois campos de estudo. A categoria dos antropônimos apresenta-se de forma heterogênea, pois abrange uma diversidade de termos com diferentes acepções a depender de cada país.

De acordo com Amaral e Seide (2021, p. 74), “o prenome (também primeiro nome ou nome de batismo) é o antropônimo que antecede o sobrenome. Geralmente, distingue o indivíduo dentro de grupos sociais de maior intimidade”. Para este estudo, *Denise* é o único macrotopônimo que se enquadra nessa classificação, enquanto *Cáceres*, *Pontes e Lacerda*, *Nobres* e *Figueirópolis* são topônimos constituídos, pelo que, no Brasil, é reconhecido como sobrenome “também é denominado nome de família e, geralmente, é transmitido de pais para filhos” (Amaral; Seide, 2021, 78).

Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, quarto governador de Mato Grosso, fundou o povoado (vila) à margem esquerda do rio Paraguai, a vila Maria do Paraguay, em homenagem à rainha de Portugal, em 1772.

De acordo com Ferreira (2001, p. 406), o topônimo (vila) *Maria do Paraguay* foi alterado, em 1874, para *São Luiz de Cáceres*, momento em que a vila foi elevada à categoria de cidade. O topônimo consistia numa dupla homenagem: ao padroeiro São Luís e ao governador Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres. Em 1938, por meio do Decreto-Lei 208, houve a alteração do nome de *São Luiz de Cáceres* para *Cáceres*, pois a localidade era conhecida pela forma reduzida, e assim permaneceu até a atualidade (Ferreira, 2001, p. 407).

Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres nasceu em Portugal, na freguesia de São Salvador, na Vila de Ladário. Foi nomeado governador e Capitão-General da capitania de Mato Grosso por Carta-Patente de 03 de julho de 1771, chegando à Vila Bela da Santíssima Trindade, então capital da capitania de Mato Grosso, em 05 de dezembro de 1772, tendo administrado Mato Grosso por 16 anos (Silva, 2005, p. 54).

Cáceres é sobrenome espanhol e na função de topônimo nomeia província e município naquele país. O primeiro representante desse sobrenome foi Álvaro Gonçalves de Cáceres, no século XV. Era originário da Vila de Cáceres na região de Estremadura, Espanha (Guérios,

1981, p. 81). Para o autor, há ligações do sobrenome *Cáceres* com nomes árabes como *alcácer*, *alcáçar*, com o artigo definido *al*.

A denominação *Pontes e Lacerda*, por sua vez, é recente; todavia, as personalidades a quem se consagra o tributo têm ligação com os primórdios da região. O topônimo *Pontes e Lacerda* é um antropotopônimo formado pelo sobrenome dos cartógrafos Antônio Pires da Silva Pontes (mineiro) e Francisco José de Lacerda e Almeida (paulista), responsáveis pela primeira cartografia dos rios das bacias Amazônica e do Prata, em 1784.

Souza-Brasil (1864, 523) informa que “em 1782 chegaram à Villa-Bella, indo do Rio Negro, os distintos engenheiros e astrônomos da demarcação de limites com as possessões espanholas, que se devia fazer em observância do disposto no tratado preliminar de 1777”. O local era conhecido, por ocasião da instalação das linhas telegráficas da Comissão Rondon, em 1906, por *Vila dos Pretos*. A denominação de *Pontes e Lacerda* já era consagrada quando o povoado foi elevado à categoria de distrito subordinado ao município de Vila Bela da Santíssima Trindade, no ano de 1976 (IBGE, 2023); (Ferreira, 2001).

Ponte/Pontes é sobrenome português, encontrado em documento de 1178, no antropônimo *Johanes de Ponte*, entendendo que *Ponte* refere-se à localidade (Guérios, 1981, p. 204). Por outro lado, *Lacerda* é sobrenome português, de origem espanhola, em que *la Cerda* é escrita separadamente, no século VIII, em Portugal (Guérios, 1981, p. 157). O autor assevera que o sobrenome foi originado como alcunha que identificava o portador de uma mecha de cabelo no peito.

A fundação do município de *Nobres*, por sua vez, está ligada à existência de três sesmarias: *Bananal*, *Francisco Nobre* e *Pontezinha*, pertencentes aos municípios de Chapada dos Guimarães e Rosário Oeste. Na localidade onde, atualmente, é a sede do governo municipal, formou-se um povoado denominado *Seis Marias* (IBGE, 2023). Observa-se que a formação desse topônimo se deu pela ditongação da primeira sílaba da unidade lexical genérica *sesmaria*. Nos anos seguintes, o nome do vilarejo foi alterado para *Bananal*, motivado pela existência de extensas plantações de banana em toda a região. O topônimo *Nobres* configura-se como uma homenagem a Francisco Nobre e seus familiares (Ferreira, 2001, p. 512).

Nobre é sobrenome português primitivo de referência à fidalguia (grupo social constituído pelos fidalgos - membros da nobreza espanhola ou portuguesa) como também carrega um traço de hierarquia social. O sobrenome veio da família do Algarve e tem seus ascendentes na cidade de Tavira (Guérios, 1981, p. 187).

O topônimo *Figueirópolis d'Oeste*, por seu turno, é nome composto pelo antropônimo *Figueiredo* + o sufixo *-polis*, como primeiro elemento de composição, seguido de preposição + substantivo, formando uma elisão no segundo elemento que compõe o denominativo, *d'Oeste*. O núcleo do topônimo tem origem no antropônimo Figueiredo (José Joaquim de Azevedo Figueiredo e familiares), personalidade que liderou o movimento de organização, compra, venda e infraestrutura para o assentamento das famílias que migravam para a região.

Figueiredo vem de figueira, nome originado a partir da árvore que produz o figo. Do latim *ficus*, fruto da figueira, enquanto *-polis*, segundo Houaiss (2009), é sufixo usado em topônimos, como ocorre com Anápolis, Alvinópolis, Divinópolis, Florianópolis, Nilópolis, Petrópolis, Teresópolis, dentre outros. Assim, Figueirópolis significa cidade de Figueira. *Figueiredo* é sobrenome português, advindo do topônimo *Figueiral*, cuja forma arcaica é *Figueereido* (Guérios, 1981, p. 120). Na mesma configuração, há os topônimos *Rondonópolis* e *Campinápolis*, ambos na macrotoponímia de Mato Grosso.

Já o topônimo *Denise* nomeia um município que se inscreve no período da extração de poaia e borracha, na região da fazenda *Duas Antas*, de José Gratidiano Dorileo, por volta de 1942. Com a queda do valor comercial desses produtos, grande parte da propriedade foi vendida, sendo mantida somente a região denominada de *Barranco Vermelho*, onde foi constituída a gleba *Miru*. Júlio da Costa Marques, sobrinho do ex-governador de Mato Grosso, Joaquim Augusto da Costa Marques, Genro de José Gratidiano Dorileo, por meio de empréstimos com o Banco do Brasil organizou o movimento colonizador do futuro município. Em 1976, a região tornou-se distrito de Barra do Bugres, com a denominação de *Denise*. O topônimo é uma homenagem de Júlio da Costa Marques à sua filha Denise (Ferreira, 20021; 2014); (IBGE, 2023).

O antropônimo *Denise* constitui-se da forma francesa de Dionísia, feminino de Dionysius (latim) ou Dionysios/Diónysos (grego), um dos nomes de Baco, o deus grego do vinho e das festas (Guérios, 1981, p. 101). O primeiro elemento, *Dio* refere-se a Zeus como brilho, luz e o segundo, *anyssos*, impelir, puxar, significando consagrado a Baco (Guérios, 1981, p. 103).

A cultura de homenagear novos lugares como municípios e demais acidentes, por nomes próprios de pessoas, segue uma tendência na toponímia brasileira. Na macrotoponímia dos 141 municípios de Mato Grosso, os antropotopônimos são a segunda categoria mais frequente com 16 (11,34%) registros.

Os nomes próprios em função toponímica preservam os elementos da língua, além de refletirem forças políticas, sociais, econômicas, culturais do momento histórico em que o ente geográfico foi nomeado. Dick (1990, p. 286) postula que os antropônimos se configuram, portanto, como uma forma de preservação da memória coletiva à medida que exercem “[...] o papel de verdadeiros registros do cotidiano, revelado em atitudes e posturas sociais, específicas de determinados grupos humanos [...]”. Os antropotopônimos masculinos presentes na macrotoponímia dos municípios estudados são constituídos pelo sobrenome (nome) transmitido de pais para filhos, denominado, também por nome de família, o que evidencia formalidade no tratamento dessas personalidades. *Cáceres, Pontes e Lacerda e Nobres*, por exemplo, embora constituam uma referência genealógica de determinada família e, por isso mesmo, todos os membros dessa família, incluindo as mulheres, deveriam portar esses nomes (sobrenomes) em seus registros de nascimento, nem por isso o fenômeno acarretou o anonimato dessas pessoas.

O mesmo não ocorre com o prenome *Denise*, cuja causa denominativa foi obscurecida, uma vez que havia, em todo o Brasil, 36.746 pessoas com o mesmo nome na década de 1960 e 35.924 na década de 1970, época em que o povoado recebeu essa denominação (IBGE, 2010). Nesse contexto, o nome *Denise* entrou para o vocabulário onomástico por decisão do pai que exercia função relevante socialmente.

A toponímia denuncia o papel social que homens e mulheres desempenham. Na macrotoponímia dos 141 municípios figura, ainda, os topônimos *Cláudia* e *Vera*. Se, por um lado, o primeiro denominativo segue o mesmo padrão do topônimo *Denise*, por outro lado, o topônimo *Vera* decorreria de homenagem prestada ao topônimo pátrio *Terra de Vera Cruz*, de acordo com Ferreira (2001), embora não de todo convincente.

No cenário da macrotoponímia mato-grossense figura o topônimo *Araputanga*, de início *Ituinópolis*, que teve origem em ações programadas pelo governo estadual por meio da Comissão de Terras (CT) e Comissão de Planejamento e Produção (CPP) do Governo Federal, em 1947.

A primeira tentativa de povoamento do município foi realizada por meio dos esforços do colonizador Nelson da Costa Marques, ao adquirir imensas áreas de terras na região, reservando, para si, as que se localizavam entre os rios Jauru e Reserva do Cabaçal, enquanto as que ficavam no Vale das Pitãs, do Bugre, da Água Suja e do Córrego Grande foram loteadas.

Em 1957/58, um grupo de coreanos e japoneses adquiriu terras na região em causa, com a finalidade de fundar uma colônia modelo, denominando-a por *Ituinópolis*. O empreendimento foi frustrado e os imigrantes abandonaram a localidade. No mesmo ano, Nelson da Costa

Marques decidiu lotear sua propriedade, denominando o assentamento de gleba *Paixão*, nome alterado, posteriormente, para *Araputanga*, por sugestão do próprio desbravador (Ferreira, 2001; 2014); (IBGE, 2023).

De acordo com Sampaio (1987, p. 197), o formante *ará* desempenha a função de “nome dos papagaios grandes”, figurando na composição de uma expressiva quantidade de palavras que nomeiam, preferencialmente animais. Gregório (1980b, p. 444) apresenta *ará* como uma alteração de *guyrá*, forma apocopada do guarani de *arara*. O mesmo estudioso, no volume III de sua obra *Contribuição indígena ao Brasil* (1980c, p. 1068), registra a palavra *pitanga* com o sentido de avermelhado, pardo, podendo ser escrito *-putanga* como ocorre em *ibiraputanga*, alteração de *ibirapitanga* (*ibyrá* +) para designar pau avermelhado, o pau-brasil. Assim, a junção de *ará* + *putanga* comporia o sentido de pássaro vermelho.

O topônimo, embora tenha como causa denominativa um pássaro avermelhado, em função toponímica é classificado como fitotopônimo por designar uma árvore abundante na região que, consoante Houaiss (2009), é conhecido como Mogno-Brasileiro, árvore de até 30 metros (*Swietenia macrophylla*, ‘madeira’), nativa da Amazônia, especialmente, do Brasil, encontrada nos estados de Rondônia, Acre, Amapá, Pará, Tocantins e Mato Grosso. Por ser uma espécie lenhosa, a madeira de cor parda, em tom claro e rosado, tem seu uso preferencialmente em interiores, móveis e objetos de adorno. Também conhecida como acaju, aguano, caoba, cedroí e mogno, trata-se de uma espécie ameaçada de extinção.

O município de *Lambari d’Oeste* foi emancipado na década de 1990, tendo sua origem no povoado da gleba *Cerejeira*, pertencente ao município de Rio Branco. A denominação *Lambari* surgiu a partir de 1956, pela iniciativa de Luíz Vitorazzi, um dos fundadores da localidade, motivada pela abundância do peixe em um curso d’água que cortava a região, conhecida por muitos anos como *vilarejo do Lambari*, em decorrência da existência do córrego *Lambari*. A expressão d’Oeste foi acrescentada para diferenciar o município mato-grossense de outro município existente no estado de São Paulo (Ferreira, 20021; 2014). O topônimo é de estrutura híbrida tupi + português, com formação sintagmática composta por substantivo + preposição (contração de + o = do) + substantivo, apresentando uma elisão entre as duas últimas palavras. De acordo com Houaiss (2009), a palavra *lambari*, de origem controvertida, é uma “designação comum aos peixes teleósteos, caracídeos, de pequeno porte, com ampla distribuição nos rios brasileiros e muito usado para alimentação em regiões do interior; alambari, piaba”. Trata-se de peixe de água doce, encontrado em todo curso d’água, de fácil aprisionamento e integra o quadro alimentar da população brasileira.

Já Sampaio (1987, p. 237) registra *lambari* como originária do tupi *Lambary*, o peixinho de água doce semelhante à sardinha, resultado de uma modificação de *aramberi*, *araberi*, *alambary*. Cunha (1982, p.191) também destaca a origem controvertida do étimo e propõe a tese de que o vocábulo se relacione com o tupi *ara ve'ri*, através da seguinte evolução: *ara ve'ri*, *araberi*, *aramberi*, *alambari*, *lambari*. Nessa cadeia evolutiva o único elo documentado é *araberi*.

Lambari foi a única palavra começada pela lateral [l] apresentada por Cunha (1982). Silva (1966) não apresentou ocorrência desse fonema e Sampaio (1987), por sua vez, apresentou apenas 13 palavras da língua tupi começadas pela consoante lateral [l] e, em todos os casos, foram unidades léxicas que sofreram alterações da vibrante [r]. Nesse sentido, a palavra *lambari* pode configurar-se como uma alteração de *aramberi*, na passagem para a língua portuguesa, ao adentrar o vocabulário do colonizador, uma vez que a consoante lateral [l] não parece fazer parte do tupi, pelo menos no início da palavra, ou talvez se trate de um fenômeno reversamente similar ao rotacismo.

O item lexical *Oeste*, por seu turno, vem do francês *ouest*, do inglês *West*, da base do *wes-* com o significado de “direção, na esfera celeste, onde se põe os astros, à esquerda de quem olha para o Norte; Poente, Ocidente” ou “relativo ao Oeste” e, ainda “que ou o que se situa a Oeste” (Houaiss, 2009).

Cinco municípios mato-grossenses contêm o formante *d'Oeste* na composição do segundo elemento do sintagma toponímico; assim, além de *Lambari d'Oeste* (RIC), há *Conquista d'Oeste* (RIPL-C), *Figueirópolis d'Oeste*; *Glória d'Oeste* e *Mirassol d'Oeste* (RIM). As motivações para a presença dessa formação podem ser explicadas pela necessidade de delimitar o novo município em relação a outro já existente. Contudo, as circunstâncias mais amplas, no contexto do Brasil, que justificam a formação desses topônimos, ancoram-se na política de integração do Centro-Oeste e do Amazonas, a *Marcha Para o Oeste*.

Jauru, por sua vez, é um topônimo transposto do rio *Jauru*, que banha todo o município e deságua no Paraguai. De início, a localidade foi denominada por *gleba Paulista*, nome alterado posteriormente para *Cidade de Deus* e, por fim, *Jauru*. O nome do rio *Jauru* remete à história da América, pois recebeu essa denominação devido às expedições castelhanas que utilizavam o seu leito para a navegação, no século XVI (IBGE, 2023). Serviu também de marco entre Portugal e Espanha, definido pelo Tratado de Madrid em 1750. *Jauru* é afluente pela margem direita do rio Paraguai, principal formador da bacia do Pantanal.

O nome *Jauru* é de origem tupi *Yau-r-ú*: “os jáús comem, ou onde há jáús” (Sampaio, 1987, p. 269). *Jaiú*, também do tupi Jahú, corr. Ya-ú, aquele que devora, nomeia um peixe “com até 2 m de comprimento, é considerado um dos maiores peixes de água doce do Brasil” (Houaiss, 2009), bastante comum nas bacias do Amazonas e do Paraná. Na classificação desse topônimo, a marca do animal foi considerada em primeiro plano, razão pela qual o topônimo *Jauru* foi incluso na taxa dos zootopônimos.

Formado a partir das Glebas *Santa fé*, *Esmeralda* e *Justino*, o município de *Tangará da Serra* recebeu um nome de composição híbrida entre o tupi - *Tangará* + português - *Serra* (substantivo + preposição (contração de + a = da) + substantivo). Houaiss (2009) informa que tangará é “designação comum a várias espécies de aves passeriformes da família dos piprídeos, encontradas em toda a América do Sul; machos geralmente coloridos, especialmente, a cabeça, e fêmeas verdes, sinônimo de Uirapuru”. De acordo com Sampaio (1987, p. 321), *tangará*, também *Atá-cará*, significando andar aos saltos, o pulador, é em alusão ao costume da ave desse nome (*Tangará*) brincar aos saltos, dois a dois. Bueno (1982, p. 309) define *Tangará* como o pássaro dançarino. A ave *Tangará* motiva a nomeação de localidades e ruas em vários estados brasileiros como ocorre com um município localizado em Santa Catarina e outro situado no Rio Grande do Norte que recebem o nome de *Tangará* sem mais atributos identificadores (IBGE, 2023).

Segundo Ferreira (2001, p. 633), o lugar sede do futuro município recebeu esse nome de forma intencional devido às características do pássaro. Já a palavra *Serra*, em Houaiss (2009), na terceira acepção, é definida como longa extensão de montanhas, montes ou penedias com picos e quebradas. Nascentes (1955, p. 466) informa o étimo da unidade léxica *serra* no latim *serra* e, no espanhol *sierra*. Segundo o dicionarista, por meio de um “trabalho psicológico de associação de ideias, veio a dar-se o mesmo nome a qualquer cordilheira cuja cumeada tenha muitos acidentes projetando-se sobre o horizonte como dentes de uma gigantesca serra”. Houaiss (2009), por sua vez, registra na primeira acepção “instrumento ou máquina de cortar madeira, metal, pedra etc., por fricção continuada, constituído, essencialmente, por lâmina fina e chata, ou disco de aço (serra circular), com borda longitudinal recortada por dentes afiados”. O município está situado entre a serra de *Tapirapuã* e a serra dos *Parecis* (IBGE, 2010), logo, *Serra* no sintagma toponímico em questão tem a acepção de relevo montanhoso.

Mirassol d'Oeste, por sua vez, é um município desmembrado do território de Cáceres, criado pelo movimento colonizador em parceria entre o governo federal e a iniciativa privada, representada pela Imobiliária Mirassol, sediada em São Paulo. A região de Mirassol só passou

a ser colonizada a partir da construção da ponte sobre o rio Paraguai, inaugurada em 1961. O município foi formado por terras devolutas do estado adquiridas pelo paulista Antônio Lopes Molon e sua esposa Aparecida Maria Saber Molon que as comercializaram por meio da Imobiliária Mirassol, juntamente com outros sócios que, posteriormente, se uniram a eles (Ferreira, 2001; 2014). O topônimo configura-se como uma homenagem à cidade paulista *Mirassol*, lugar de origem de grande parte dos primeiros colonizadores. *D'Oeste* marca a localização geográfica do novo município.

Estraviz (2005) registra *mirassol* como uma composição por justaposição do verbo mirar + o substantivo sol, consistindo, assim, no mesmo processo de formação de girassol. Já Cândido de Figueiredo (1913, p. 1316) traz as palavras compostas *mirasol* (sol) e *Mirassol* como “Planta da serra do Sintra”. Refere-se à serra que fica entre Sintra e Cascais, também conhecida como Monte da Lua, em Portugal. O mesmo dicionarista registra as formas *girasol* (sol) e girassol. Entretanto, não deixa claro, se se constitui um sinônimo de *mirassol*, já que as palavras *girasol* (sol) e *girassol* trazem o significado de “planta da família das compostas, cuja flor se volta para o sol” (Figueiredo, 1913, p. 967).

Também o surgimento do município de São José dos Quatro Marcos resultou de investimentos de colonizadores paulistas em terras devolutas do estado, intermediados pela Imobiliária Mirassol. Quando a região foi elevada à categoria de município recebeu o nome *Quatro Marcos*. Mais tarde, sob pressão popular, retornou a homenagem ao santo padroeiro da cidade, São José, compondo o sintagma original *São José dos Quatro Marcos*. O nome próprio de lugar, na gênese, é quase sempre de origem popular; nesse caso, a população local exerceu a força coercitiva, fazendo valer os seus valores religiosos nesse denominativo, frente ao poder público constituído.

O topônimo *Quatro Marcos* consubstanciou o processo de demarcação por fixação de balizas, em número de quatro, objetivando identificar e delimitar a extensão de terras destinadas ao loteamento para vender às famílias.

De acordo com Houaiss (2009), do topônimo *São José dos Quatro Marcos* somente o item léxico *Marcos* apresenta o étimo controvertido, provavelmente do germânico. Morfologicamente, o hagiotopônimo de estrutura composta é constituído por substantivo (São) + antropônimo (José) + preposição (do) + numeral (Quatro) + substantivo (Marcos).

Do latim, *São* é forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado (Houaiss, 2009). De acordo com Guérios (1981, p. 152), José vem do hebraico *Iosseph, Iehussef*: Ele (Deus) dê aumento, ou (Deus) aumente (com outro filho), chegando ao latim, *Josephus*. São José é um

nome de santo dos mais populares na denominação toponímica brasileira (Dick, 1990, p. 332), realidade atestada com os dados deste estudo, sendo o mais frequente na categoria dos hagiotopônimos.

Na sequência, o topônimo *Campos de Júlio*, de índole geomorfológica, tem o elemento especificador de *Campos* configurando-se como uma clara homenagem ao então governador de Mato Grosso, Júlio José de Campos, que criou o distrito (Ferreira, 2001, p. 413), embora a explicação disseminada para a escolha do denominativo seja a localização da região em área de vastos campos, bonitos, planos e ricos. O trocadilho talvez seja em razão de haver lei que proíba a criação de topônimos em homenagem a pessoas vivas.

Morfologicamente, o topônimo é constituído pelo substantivo *campos* + preposição *de* + antropônimo *Júlio*. *Campos* é plural de campo, de étimo do latim *campus*, cujo significado é “terreno plano, extenso, com poucos acidentes e poucas árvores” (Houaiss, 2009). *Júlio* tem origem no latim, *Julius* como o luzente, o brilhante; ou derivado hipoteticamente de *Jovillus*, de base de *jovis*, genitivo de Júpiter (Guérios, 1981, p. 153).

O município de *Comodoro* foi constituído por incentivos dos governos estadual e federal, visando à expansão do povoamento na fronteira agrícola de Mato Grosso com a Bolívia. Na região de passagem entre Cuiabá-Vilhena-Porto Velho e vice-versa foi surgindo um povoado, de início, nomeado como *Nova Alvorada*, que devido ao notório progresso, foi elevado à categoria de distrito de Vila Bela da Santíssima Trindade, em 06 de junho de 1977. Decorridos dois anos, outro povoado, o *Novo Oeste*, tomou para a si a prerrogativa de distrito, ensejando que *Nova Alvorada* retornasse à categoria de povoado. Assim, todo o imenso território do atual município de Comodoro era conhecido por distrito *Novo Oeste*. Em 1983, por meio dos incentivos fiscais da administração pública em parceria com a imobiliária constituída por José Carlos Piovezan, a região foi loteada e vendida a inúmeras famílias com vistas a atrair, pelo menos, 17.000 mil habitantes para impulsionar a ocupação do território. O projeto de colonização foi considerado um sucesso e o topônimo *Comodoro* foi escolhido pela família Piovezan como ideal para nomear a nova região (Ferreira, 2001; 2014); (IBGE, 2023).

Consoante Ferreira (2001, p. 435), “A denominação Comodoro se deve ao conteúdo de alta relevância, de nobreza, de superioridade do termo empregado na marinha”. Houaiss (2009) define Comodoro como denominação de “oficial de marinha, inferior ao contra-almirante, na hierarquia da marinha, e superior ao capitão de mar e guerra” e ‘oficial de marinha ou capitão encarregado de comandar um dos navios de um comboio, subordinado ao comandante da

escolta”, um regionalismo de Portugal. A etimologia da palavra é de origem inglesa *commodore* de *commandore*.

Conquista d'Oeste nomeia um município surgido de um núcleo populacional do território de Pontes e Lacerda que prosperou e enfrentava dificuldades quanto ao atendimento de suas demandas como manutenção de estradas, saúde, educação e outras necessidades ordinárias por parte do município-sede. A emancipação do povoado foi muito aguardada por todos da região, inclusive a administração de Pontes e Lacerda arregimentou esforços em prol da elevação do povoado à categoria de município (Ferreira 2001; 2014). O topônimo é formado pela unidade lexical *Conquista* (animotopônimo eufórico) que traduz a percepção da independência conquistada e *d'Oeste*, uma demarcação do município na região a qual pertence.

O município de *Glória d'Oeste* foi primeiramente nomeado como *Cruzeiro d'Oeste* que, por sua vez, consubstancia a “referência geográfica, devido ao fato do formato da estrada que dá acesso ao lugar lembrar uma cruz” (Ferreira, 2001, p. 465). A escolha sofreu influência de religiosos oriundos de Cáceres que frequentavam o vilarejo, acrescido da expressão *d'Oeste* com o propósito de demarcar a posição em relação ao estado. O topônimo foi alterado, quando da emancipação, porque se constatou a existência de um município homônimo no Paraná.

Conforme Houaiss (2009), glória vem do latim como um substantivo que significa “fama que uma pessoa obtém por feitos heroicos, grandes obras ou por suas extraordinárias qualidades”, em sentido religioso, “beatitude celeste; o Céu”. O mesmo sentido é registrado no dicionário de Biderman e Murakawa (2021): “honra, louvor conseguido por virtudes” e ‘estar em glória’ ou, ainda, “bem-aventurança eterna, beatitude”. Pelo contexto, o topônimo *Glória* foi classificado como hierotopônimo por consistir em uma escolha para substituir *Cruzeiro* acentuando, assim, a conotação de religiosidade da palavra. A formação sintagmática denota características interjetivas, refletindo, de fato, uma grande conquista, um estado de beatitude. Já *Oeste*, conforme já assinalado, é um substantivo masculino, de origem francesa e/ou inglesa, com função de advérbio de lugar, sinalizando “direção, na esfera celeste, onde se põem os astros, à esquerda de quem olha para o Norte; Poente, Ocidente” (Houaiss, 2009), na origem, o período vespertino.

Por sua vez, o povoado que deu origem ao município de Curvelândia tinha a denominação original de *Curva do Boi*, topônimo surgido de forma espontânea devido ao acontecimento insólito em uma curva. Conforme depoimento de José Lacerda, na década 1970, “vinha uma comitiva de bois da região de Rio Branco, eu era um dos boiadeiros, quando de repente, na curva surgiu um ônibus da empresa TUT, atropelando nove bois, a partir deste fato

o ponto passou a ser conhecido como Curva do Boi” (*apud* Ferreira, 2001, p. 447). O topônimo foi oficialmente incorporado como nome do povoado em 1998, ano da criação do município. O topônimo *Curva do Boi* permanece no município como nome de uma lagoa (IBGE, 2010).

Curvelândia vem do latim *curvus* (Houaiss, 2009), na acepção de curvado, arqueado, empenado, dobrado mais o sufixo *-lândia*, como “pospositivo, do teutônico comum, como terra, país, região etc., extremamente frequentes em topônimos das línguas anglo-saxãs, alatinados tardiamente com o recurso do sufixo *-ia* de locativos pátrios”. *Curvelândia* corporifica o sentido de terra ou região da Curva. *-Lândia*, por ser um morfema sufixal, atribui uma relação de restrição ao nome ao qual integra, sem alterar a categoria taxonômica do topônimo. *Curvelândia*, por exemplo, é classificado como morfotopônimo e, nos dados da macrotoponímia dos 141 municípios de Mato Grosso, são encontrados os antropotopônimos *Marcelândia* e *Rondolândia* e o cardinotopônimo *Nortelândia*.

O município de *Diamantino*, por seu turno, surgiu com a fundação de um povoado com a denominação de *Arraial do Ouro*, nome transposto do córrego em razão da presença do metal precioso em seu leito. A criação desse povoado ocorreu nove anos depois da fundação de Cuiabá, em 1919. O topônimo *Arraial do Ouro* foi posteriormente alterado para *Félix*, em homenagem a um garimpeiro pioneiro da região. Mais tarde, foi encontrado diamante na localidade, cuja permissão para a extração era exclusiva da Coroa portuguesa, circunstâncias que deram origem ao topônimo *Destacamento Diamantino do Paraguai*, com vistas a coibir o garimpo ilegal e tornando o núcleo populacional estável. Em 1820, o povoado foi elevado à categoria de vila com a denominação de *Alto Paraguai Diamantino*. De acordo com Ferreira (2001, p. 451), “o nome Paraguai vinha de um erro geográfico dos bandeirantes” que acreditaram que o rio Diamantino fosse o rio Paraguai, quando é apenas um de seus afluentes. Somente em 1918 o nome Paraguai deixou de constar no topônimo em questão.

O topônimo *Diamantino* é derivado de diamante + sufixo *-ino* com a etimologia do latim *diamas/antis* na acepção de “carbono puro cristalizado no sistema cúbico, us. para fins industriais em ferramentas de corte e perfuração e como abrasivo; por sua dureza, brilho e beleza é uma das gemas mais preciosas” (Houaiss, 2009). Já o morfema sufixal *-ino*, do latim culto *-ínus* é basicamente formador de adjetivos bailarino, belo-horizontino, beneditino, bizantino etc., (Houaiss, 2009).

O topônimo *Nova Lacerda* homenageia o político José Lacerda, natural de Cáceres, antecedido pelo adjetivo *Nova*. O cronotopônimo estabelece uma cronologia entre a nova região e o município de Pontes e Lacerda, referido na localidade somente por Lacerda. Essa taxa é a

mais produtiva no conjunto da macrotoponímia do estado de Mato Grosso, com 18 (12,76%) ocorrências.

Na sequência, *Porto Esperidião* nomeia uma região conhecida desde as primeiras incursões no Centro-Oeste pelos espanhóis e portugueses, ainda no século XVIII. O primeiro nome da localidade foi *Porto Salitre*, por estar localizada em região de salinas, onde foi instalado um posto de telégrafo pela Comissão Rondon às margens do rio Jauru, dando início ao povoado próximo ao ancoradouro. O nome original foi alterado para *Porto Esperidião* em homenagem a Manoel Esperidião da Costa Marques, engenheiro que, no final do século XIX, deu início aos primeiros estudos da navegabilidade do rio Jauru, desde a barra com o rio Paraguai até o Porto do Registro (Ferreira, 2001; 2014). Esperidião/Espiridião é do grego *spyridon*, derivado de *spyris*, *spiridos* ‘cesto’. A forma portuguesa se assenta no diminutivo grego *Spyridion* (Guérios, 1981, p. 112).

Ainda na esfera dos sociotopônimos, *Porto Estrela* nomeia um município surgido de um povoado originalmente formado às margens do rio Paraguai, região que compreende os municípios de Barra do Bugres e Cáceres. De acordo com Ferreira (2001, p. 575), com base em relatos orais dos moradores mais antigos da região, há, pelo menos, três versões que procuram explicar a procedência do topônimo, no que diz respeito à unidade lexical *Estrela*, que compõe o elemento específico do sintagma toponímico.

A primeira versão para a nomeação baseia-se no contexto de alagamento da região pelo rio Paraguai, em tempos de cheia, obrigando os moradores a se estabelecerem na parte mais alta da localidade. Em tempos de estiagens, o solo apresentava a tonalidade rósea, com pedras brancas, que refletiam como estrelas sob a luz do sol ou em noites de lua cheia. Nesse contexto, surgiu o nome de *Porto das Estrelas*. De acordo com a segunda versão, à beira do Rio Paraguai, residiam duas belas mulheres, cuja formosura singular destoava dos padrões de beleza da época, recebendo, por isso, o nome de *Estrelas* pelos navegadores que cruzavam a região. Já a terceira versão assenta-se no fenômeno atmosférico denominado fogo brando (fogo-fátuo), visualizado à beira do rio, com aparência de estrelas. O topônimo é constituído, nas versões apresentadas pelo substantivo *Porto* + locução adjetiva *das Estrelas*. Com a perda da contração *de + a*, ficou *Porto Estrela*, formado por dois substantivos. *Estrela* origina-se do latim *stella* que, de acordo com Houaiss (2009), nomeia o “corpo celeste produtor e emissor de energia, com luz própria” e *Porto*, também com étimo do latim *portus* tem o sentido de “trecho de mar, rio ou lago, próximo à costa, que tem profundidade suficiente e é protegido por baía ou enseada, onde as embarcações podem fundear e ter acesso fácil à margem”, e “cidade dotada de porto”. Em todas

as versões oferecidas e colhidas por meio de registro oral, apreende-se claramente a mudança de motivação do topônimo em relação à acepção atribuída à unidade léxica *estrela*, segundo formante do elemento específico do sintagma toponímico, bem como a existência de *porto* na região ligada a um dos maiores rios da América do Sul, o Paraguai. O município surge, na fase de distrito de Barra do Bugres, no ano de 1953, registrado de forma simplificada como *Porto Estrela*.

O sociotopônimo *Reserva do Cabaçal* é formado pelo substantivo *reserva* + preposição *do* (contração de + o) + substantivo *cabaçal*. O topônimo pode ter sido motivado pela existência de uma área reservada para formar um núcleo urbano, localizada nos arredores do rio Cabaçal. Nesse contexto a unidade lexical *reserva* pode ser entendida na acepção geral como “ato ou efeito de reservar (-se); coisa reservada; reservação” e/ou na acepção regionalista veiculada no Norte do Brasil como “área cercada, com água abundante e boa pastagem; reservo”, bem como, “mata que se deixa intocada em propriedade particular ou do Estado” (Houaiss, 2009). *Cabaçal*, por sua vez, pode ter sido motivado pelo nome da tribo indígena da etnia Bororo conhecida por cabaçais que habitava a região (Ferreira, 2001; 2014). Os povos dessa etnia usam o nome *Boe Wadáru* para denominar a língua falada por eles, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê (Urquiza, 2015, p. 169).

No conjunto dos macrotopônimos em análise, situa-se o denominativo *Vale de São Domingos* que nomeia um município emancipado de Pontes e Lacerda no ano de 1999. O topônimo revela aspectos geomorfológicos característicos da localidade, associados a elementos do Cristianismo transmitidos pelos católicos portugueses em terras brasileiras. A constituição do nome apresenta o substantivo - *vale* + preposição indicativa de posse - *de* + substantivo - *são* + antropônimo - *Domingos*. Na fase de distrito, o povoado era denominado *São Domingos*.

A unidade lexical *Vale*, com étimo do latim, *valles* ou *vallis*, tem o sentido de “depressão alongada situada no sopé de um monte ou entre elevações topográficas como colinas, montanhas” e “terreno baixo e mais ou menos plano, à margem de um rio ou ribeirão; sinônimo de várzea” Houaiss (2009). A palavra *São*, por seu turno, é forma apocopada (eliminação de grafemas e fonemas de uma palavra) de *santo* que, na tradição católica, nomeia aquele que foi canonizado. A forma *São* é usada antes de nomes iniciados por consoantes. Já o antropônimo *Domingos*, de acordo com Guérios (1981, p. 104), é originário do latim *Dominicus* ‘nascido num domingo’, que é o dia do Senhor (*dominica dies*), derivado de *dominus*, ‘dono, senhor’. O significado primitivo é de origem cristã ‘pertencente ao Senhor’ (*Dominus*). Varazze (2003, p.

614) esclarece que o antropônimo *Domingos* pode significar tanto “guardião do Senhor” como “guardado pelo Senhor”. No caso do topônimo mato-grossense *São Domingos* é uma homenagem a São Domingos de Gusmão, frade e santo católico, nascido na Espanha, fundador da Ordem dos Pregadores, conhecidos como Frades Dominicanos.

Indiavaí (Rio de Homem/Pessoa Indígena), por sua vez, é nome que representa referência histórica aos povos da etnia Bororo (Cabaçais) que habitavam a região antes da colonização por povos de outros estados brasileiros e de outras localidades do próprio estado de Mato Grosso (Ferreira, 2001). O topônimo é formado pela aglutinação da unidade lexical *índio*, nome originado a partir do topônimo *Índia* + *avai/ abá+y – abá* - homem, a gente, a pessoa; o macho + *i/y – rio* (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).

O povoado *Rio Branco*, de início *Colônia Rio Branco*, foi elevado à categoria de distrito com o nome de *Paz de Rio Branco*, em 1978. A causa para o surgimento desse topônimo está ligada ao nome do principal rio que banha o município. |A unidade lexical *rio* tem origem no latim vulgar *rius* e este do latim clássico *rivus* como “curso de água natural, mais ou menos torrencial” Houaiss, 2009) e *branco* vem do germânico *blank*, com sentido de *albu* (alvo) e significava propriamente luzente, luzidio (Nascentes, 1955, p. 77).

Ainda entre os macrotopônimos dos municípios mato-grossenses situa-se *Salto do Céu*, topônimo que se reporta à grande cachoeira existente na região, onde surgiu o núcleo populacional. O substantivo *Salto*, com étimo no latim *saltus*, tem sentido de queda d’água. Com o étimo também do latim, *Céu* tem origem em *caellum* (Houaiss, 2009), na acepção de três diferentes pontos situados na posição mais alta: “espaço onde se localizam e se movem os astros”; “parte desse espaço, visível pelo homem e limitada pelo horizonte; firmamento, abóbada celeste”; e, no sentido religiosos, “local onde habitam Deus, os anjos, os bem-aventurados e as almas dos justos” (Houaiss, 2009). As três acepções podem ser aplicadas ao segundo formante do topônimo.

Nota-se nos topônimos *Salto do Céu* e *Rio Branco* que as unidades lexicais de base significam formações hídricas, acompanhadas pelas características aspectuais, como, a cor da água e a altura do acidente, com traços de gênese espontânea.

E, por fim, o topônimo *Vila Bela da Santíssima Trindade*, conforme abordado na seção II, apresenta a unidade lexical *vila* que consistiu em nome comum usado para designar a segunda forma de organização dos aglomerados urbanos do período colonial. Os primeiros núcleos com relativa estabilidade eram os arraiais (regiões interioranas) e as feitorias (regiões costeiras) (Maia, 1883); (Azevedo, 1956); (Siqueira, 2017). Nesse contexto, a palavra *vila*, no

topônimo *Vila Bela da Santíssima Trindade*, configura-se como um nome genérico que incorporou a função toponímica.

Em *Vila Bela da Santíssima Trindade* o topônimo é composto pelo substantivo - *Vila* + adjetivo - *Bela* + adjetivo absoluto sintético de santo - *Santíssima* + substantivo feminino - *Trindade*. *Bela* é adjetivo feminino de *belo*, do latim *bellus*, com o sentido de do “que tem formas e proporções harmônicas; bonito que produz uma viva impressão de deleite e admiração” (Houaiss, 2009). As unidades lexicais *Santíssima* e *Trindade* indicam “a união de três pessoas distintas, Pai, Filho e Espírito Santo, formando um só Deus” (Houaiss, 2009). Trata-se de um ponto fundamental estabelecido pela Igreja Católica Romana, em 325 d.C., no Concílio Eclesiástico de Nicéia que se assenta no entendimento da unicidade de Deus revelada em três pessoas distintas. A preposição indicativa de posse *da* (*de* + *a*), estabelece a ideia de restrição do local aos cuidados da Santíssima Trindade como rogo de proteção na constituição da nova localidade. O destaque está na questão religiosa que remete à presença jesuíta na região e não para o primeiro formante do elemento específico do sintagma toponímico.

Conforme o discorrido, os nomes próprios dos municípios gravitam em torno do colonizador na categoria dos antropotônimos (5 – 18,51%), seguidos pelos hidrotopônimos, sociotopônimos, zootopônimos (3 – 11,11%) para cada taxonomia. Os geomorfotopônimos e os cronotopônimos ficaram em terceiro lugar (2 – 7,40%) para cada categoria taxonômica, enquanto a taxa dos animotopônimos eufóricos, axiotopônimos, corotopônimos, fitotopônimos, hagiotopônimos, hierotopônimos, litotopônimos, morfotopônimos, poliotopônimos tiveram uma frequência (1 - 3,70%) para cada categoria.

Os topônimos de todos os acidentes humanos são apresentados e analisados na sequência.

4.3. Apresentação e análise dos topônimos de acidentes físicos e humanos

Esta pesquisa de Tese objetiva estudar a toponímia dos acidentes físicos e humanos de 27 municípios de Mato Grosso que integram as Regiões Geográficas Intermediárias de Cáceres e de Cuiabá, considerando os fatores internos da língua, bem como, os aspectos que não se justificam apenas linguisticamente. A análise recaiu sobre a taxonomia, a língua de origem, a etimologia e a estrutura morfológica (simples, composta, composta híbrida ou simples híbrida) dos topônimos. Essa metodologia procura explicar e justificar as escolhas lexicais feitas pelo denominador, condicionadas pelo processo histórico, pelas características da geografia local e pelos valores culturais dessas populações manifestadas nesses denominativos.

Conforme essa metodologia, os 441 topônimos de acidentes humanos pertencentes aos 27 municípios selecionados para esta pesquisa foram sistematizados no quadro 11, a seguir, e analisados separadamente dos 1.571 topônimos de acidentes físicos que estão dispostos por região imediata nos quadros 12, 13 14 e 15.

Quadro 11: Topônimos de acidentes humanos da Região Geográfica Intermediária de Cáceres e da Região Geográfica Intermediária de Cuiabá – Mato Grosso (Cáceres, Mirassol d’Oeste, Pontes e Lacerda – Comodoro, Diamantino, Cuiabá e Tangará da Serra).

MUNICÍPIO DE ARAPUTANGA					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Arapongas	povoado	zootopônimo	tupi	tupi gwira’ponga = ave sonante (Sampaio, 1987).	–
Batuleba ³⁷	povoado	fitotopônimo	tupi	aba’ti – milho / wera foi milho (Houaiss, 2009).	–
Botas	povoado	fitotopônimo	francesa	orig. obsc. – Jenipapo-rosa (Houaiss, 2009).	simples
Cachoeirinha	povoado	hidrotopônimo	portuguesa	coctio – ação de cozer, borbulhão, fervura (Houaiss, 2009).	simples
Cantão	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	canthus - ângulo, quina (Houaiss, 2009).	simples
Córrego Rico	povoado	hidrotopônimo	portuguesa + gótica	lat. hsp corrigus – rego ou vala onde se lavava os metais + gót. reiks – poderoso (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Farinópolis	povoado	antropotopônimo	portuguesa	sobr. port. top. séc. XIII, Farina + suf. -polis (Guérios, 1981).	simples
Floresta	povoado	fitotopônimo	francesa	f. forest - conjunto de árvores (Houaiss, 2009).	simples
Harmonia	povoado	animotopônimo eufórico	grega	harmonia – união, acordo, ordem (Houaiss, 2009).	simples

³⁷ - Acreditamos que possa ter ocorrido uma alteração de *Batueira* que, segundo informações de Nascentes (*apud* Houaiss, 2009), é de língua tupi *aba’ti* – milho + *wera* pret. de ser: o que foi milho, sabugo de milho; capuco). Sampaio traz “BATUIRA co”. Mba-tuira, o cinzento, o pardo. É o nome de um pássaro” (Sampaio, 1987).

Jaime Pedrosa	povoado	antropotopônimo	portuguesa	lat. Jácomus + sobr. port. top. (lugar onde há pedras): antropônimo (Guérios, 1981).	composta
José Bueno	povoado	antropotopônimo	portuguesa	lat. Josephus + sobr. port. Bueno (Guérios, 1981).	composta
Mata Preta	povoado	fitotopônimo	portuguesa	lat. matta – área coberta de plantas + prett - a cor do piche; negro (Houaiss, 2009).	composta
Monterlândia	povoado	antropotopônimo	portuguesa	sobr. port. print. Monteiro (caçador dos montes) + suf. –lândia (Guérios, 1981) (Houaiss, 2009).	simples
Nova Floresta	povoado	cronotopônimo	portuguesa + francesa	lat. novus + forest (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Rancho Grande	povoado	sociotopônimo	espanhola + portuguesa	esp. rancho – pequeno sítio + lat. grandis maior dimensão (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Rio Vermelho	povoado	hidrotopônimo	portuguesa	lat. rius + vermicilus - pequeno verme: cor (Houaiss, 2009).	composta
Santa Maria	povoado	hagiotopônimo	portuguesa + hebraica	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + hebraico Miryám (Guérios, 1981).	composta híbrida
Santa Rosa	povoado	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + lat. rosa (Houaiss, 2009).	composta
Santana	povoado	hagiotopônimo	portuguesa + hebraica	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + hebr. Hana/Hannah – graça, clemência (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Tarumã	povoado	fitotopônimo	tupi	tupi taru'mã – fruta escura (Sampaio (1987).	–
MUNICÍPIO DE CÁCERES					

Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Aboboral	povoado	fitotopônimo	portuguesa	orig. duv.: leguminosa (Houaiss, 2009).	simples
Aguaçu ³⁸	povoado	hidrotopônimo	portuguesa + tupi	lat. aqua + tupi açu – água grande (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Aguazul	povoado	hidrotopônimo	portuguesa + árabe	lat. aqua + ár. lazurd (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Bairro do Junco	povoado	sociotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + lat. juncus (Houaiss, 2009).	composta
Barreiro Preto	povoado	litotopônimo	portuguesa	talv. pré-rom barrum + prett (Houaiss, 2009).	composta
Barro Vermelho	povoado	litotopônimo	portuguesa	talv. pré-rom barrum + lat. vermiculus - pequeno verme: cor (Houaiss, 2009).	composta
Bebedor	porto [do]	ergotopônimo	portuguesa	lat. bibitor (Houaiss, 2009).	simples
Bezerro Branco	distrito	zootopônimo	portuguesa + germânica	talv. pré-rom. ibicirru (Corominas <i>apud</i> Houaiss, 2009) + germânico blank (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Bocaina da Campina	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. bucca + campus + ina (Houaiss, 2009).	composta
Bocaina Feia	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. bucca + lat. foedus; hediondo (Houaiss, 2009).	composta
Bom Jesus	povoado	hierotopônimo	portuguesa	lat. bonus + Iesus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Branças	povoado [as]	etnotopônimo	germânica	germ. blanck (Houaiss, 2009).	simples

³⁸ - Entendemos que se trata de uma aglutinação de Água + gwaçu (do tupi, grande), contudo Houaiss (2009) apresenta a palavra com sinônimo de babaçu “design. comum às plantas do gên. *Orbignya*, da fam. das palmas”.

Brete Baia	povoado	sociotopônimo	gótica quimbundo +	gótico brid – táboa + quimb. ribaia – ripa, táboa - espaço onde há curral (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Bugres	porto [dos]	etnotopônimo	francesa	fr. bougre: indígena (Houaiss, 2009).	simples
Buriti	povoado	fitotopônimo	tupi	mbiri'ti - árvore que emite líquido: a palmeira (Sampaio, 1987).	–
Buritinho	povoado	fitotopônimo	tupi portuguesa	tupi mbiri'ti + suf. port. -z-inho - palmeira (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Burrinho	povoado	zootopônimo	portuguesa	regr. dim. lat. burrichus – cavalinho (Houaiss, 2009).	simples
Cabeceira do Corixão	povoado	hidrotopônimo	portuguesa + orig. obsc.	lat. vulga capitia – cabeça + orig. obsc. (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Cachoeira do Campo de Raia	povoado	hidrotopônimo	portuguesa	lat. coctio – ação de cozer, borbulhão, fervura + campus + latim raia ou raja (Houaiss, 2009).	composta
Cacimba	povoado	ergotopônimo	quimbundo	Quimb. kixima (Houaiss, 2009).	–
Caeté	povoado	fitotopônimo	tupi	ka'a + e'te - mata real; folha verdadeira (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Caiçara	povoado	ergotopônimo	tupi	kaai'sa - cerca de ramos (Houaiss, 2009).	–
Cambaiúva ³⁹	povoado	fitotopônimo	tupi	bambu mole de étimo desconhecido.	–
Campo Alegre	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. campus + alicer (Houaiss, 2009).	composta
Caramujo	distrito	zootopônimo	portuguesa	origem contrv.: animal (Houaiss, 2009).	simples

³⁹ *Cambaiuva* forma regionalizada de Cambaúva, em tupi-guarani um tipo de bambu, mole, tenro, perto de lagoa. www.dicionarioinformal.com.br/camba. Acesso em 03/11/2023.

Carandá Grande	povoado	fitotopônimo	tupi portuguesa +	kara'nda – planta da fam. das palmas + lat. grandis (Sampaio, (1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Cavallhada	povoado	zootopônimo	portuguesa	lat. caballus – muitos cavalos (Houaiss, 2009).	simples
Cem Alqueires	povoado	numerotopônimo	portuguesa árabe +	lat. cento + ár. al-káil (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Cerrado ⁴⁰ do Padre	povoado	fitotopônimo	portuguesa	lat. serare + pater (Houaiss, 2009).	composta
Chapadão	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. relevo (Houaiss, 2009).	simples
Chapadinha	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. relevo (Houaiss, 2009).	simples
Clarínópolis	povoado	antropotopônimo	portuguesa	lat. Clarus + suf. port. -pólis (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	simples
Córrego Fundo	povoado	hidrotopônimo	portuguesa	lat. hsp corrigus – rego ou vala onde se lavava os metais + fundus (Houaiss, 2009).	composta
Destacamento da Baía	povoado	sociotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + orig. duv. (Houaiss, 2009).	composta
Destacamento do Corixa	povoado	sociotopônimo	portuguesa orig. obsc. +	orig. contrv. + orig. obsc. (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Gafanhoto	povoado	zootopônimo	portuguesa	orig. contrv.: inseto (Houaiss, 2009).	simples
Goiabeira	povoado	fitotopônimo	aruaque portuguesa +	aruaco, guaiava, goiaba – ajuntamento de caroços + suf. port. -eira Cardoso (1961); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Grota Funda	povoado	geomorfotopônimo	italiana portuguesa +	it. grotta + lat. fundus (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Guanandi ⁴¹	povoado	fitotopônimo	tupi	Gua-nhandi – o que é grudento: árvore (Sampaio, 1987).	–

⁴⁰ - Cerrado – “mata xerófita dos planaltos, de formação arbórea aberta, com vegetação herbácea abundante e cujas árvores são ger. pequenas e tortuosas e de casca grossa e suberosa; campo cerrado, mato grosso” (Houaiss, 2009)

⁴¹ *Guanandi* é o nome de espécie de “árvore de até 35 m (*Calophyllum brasiliense*), da fam. das gutíferas, nativa das Guianas e Brasil (AMAZ a GO, MG)” (Houaiss, 2009)

Horizonte do Oeste	distrito	animotopônimo eufórico	portuguesa + francesa	latim horizon, ontis + fr. ouest /ing; west (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Invernada do Carandazinho	povoado	sociotopônimo	portuguesa + tupi	lat. hibernum + kara'nda – escamoso felpudo + suf. port. –z-inho (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Jejum	povoado	animotopônimo disfórico	portuguesa	lat. Jejunus (Houaiss, 2009).	simples
Lago do Mandovi	povoado	hidrotopônimo	portuguesa + tupi	lat. lacus + mand'obí estojo, ou rolo pontiagudo - amendoim (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Lajinha	povoado	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv.: mineral (Houaiss, 2009).	simples
Lambari	povoado	zootopônimo	portuguesa	tupi lambary – o peixinho de água doce (Cunha, 1982); Sampaio; (1987).	–
Laranjeira	povoado	fitotopônimo	árabe + portuguesa	ár. narandja + suf. port. -eira: fruta (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Largo do Piteiro	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa + quíchua	lat. largus + quích. Pita (planta) (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Limão	comunidade [do]	fitotopônimo	persa	persa laimun: fruta (Houaiss, 2009).	simples
Marcela	povoado	antropotopônimo	portuguesa	lat. Marcellus (Guérios, 1981).	simples
Mascate	povoado	sociotopônimo	árabe	árabe – nome de Cidade (Houaiss, 2009).	–
Morrinho	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	origem contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Nova Cáceres	distrito	cronotopônimo	portuguesa + espanhola	lat. novus + sobr. espanhol Cáceres (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Nova Conquista	povoado	cronotopônimo	portuguesa	lat. novus + conquisto (Houaiss, 2009).	composta
Olho d'Água	povoado	hidrotopônimo	portuguesa	oculus + aqua (Houaiss, 2009).	composta
Onça Magra	povoado	zootopônimo	portuguesa	lat. vulgar lyncea + latim macer (Houaiss, 2009).	composta

Palmital	povoado	fitotopônimo	portuguesa	lat. palma: palmeira (Houaiss, 2009).	simples
Pantanal Deus-me Livre	povoado	geomorfotopônimo	italiana + portuguesa	it. pantano + -al + Deus, Dei + liber (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Pantanal Rodeio do Ângelo	povoado	geomorfotopônimo	italiana + portuguesa	it. pantano + lat. rota + lat. Angelus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Passagem Velha	porto [da]	hodotopônimo	francesa + portuguesa	fr. passage + lat. vetulus (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Pedras	porto [das]	litotopônimo	portuguesa	lat. petra (Houaiss, 2009).	simples
Pimental	povoado	fitotopônimo	portuguesa	lat. pigmenta (Houaiss, 2009).	simples
Piquizinho ⁴²	povoado	fitotopônimo	tupi portuguesa	tup. pe'ki - casca espinhosa + suf. -z-inho (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Pitas	porto [das]	fitotopônimo	quíchua	quích. Pita: planta (Houaiss, 2009).	–
Piúva	porto [da]	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi y'pê – casca de pau + lat. uva (Cunha, 1982); Ortêncio (1983); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Ponta do Morro	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. tar. puncta + orig. contrv. (Houaiss, 2009).	composta
Porto da Passagem Velha	povoado	sociotopônimo	portuguesa	lat. portus + fr. passage + lat. vetulus (Houaiss, 2009).	composta
Porto da Piúva	povoado	sociotopônimo	portuguesa + tupi	lat. portus + i'pê + uva (Cunha, 1982); Ortêncio (1983); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Porto das Pedras	povoado	sociotopônimo	portuguesa	lat. portus + lat. petra (Houaiss, 2009).	composta
Porto das Pitas	povoado	sociotopônimo	portuguesa + quíchua	lat. portus + quích. pita: planta (Houaiss, 2009).	composta híbrida

⁴² Piquizinho – dicionarizado como pequi “design. comum a árvores do gên. *Caryocar*, da fam. das cariocaráceas, de boa madeira, folhas trifolioladas e drupas ger. comestíveis; pequiá, piquiá” (Houaiss, 2009).

Porto do Bebedor	povoado	sociotopônimo	portuguesa	lat. portus + bibitor (Houaiss, 2009).	composta
Porto dos Bugres	povoado	sociotopônimo	portuguesa + francesa	lat. portus + fr. bougre: indígena (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Porto Limão	povoado	sociotopônimo	portuguesa + persa	lat. portus + persa laimon (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Porto Novo Horizonte	povoado	sociotopônimo	portuguesa	lat. portus + novus - lat. horizon, ontis (Houaiss, 2009).	composta
Porto Presidente	povoado	sociotopônimo	portuguesa	lat. portus + lat. praesidens, -entis (Houaiss, 2009).	composta
Porto Simão Nunes	povoado	sociotopônimo	portuguesa	lat. portus + abrev. de Simeão + sobr. port. patron. de Nuno (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Quatro Curvas	povoado	numerotopônimo	portuguesa	lat. quattuor + lat. curvus (Houaiss, 2009).	composta
Quilombo	povoado	sociotopônimo	quimbundo	quimb. Kilombo: abrigo dos escravos (Houaiss, 2009).	–
Retiro	povoado	sociotopônimo	portuguesa	orig. obsc.: lugar (Houaiss, 2009).	simples
Retiro Baiazinha	povoado	sociotopônimo	portuguesa	org. obsc.: lugar + org. div. lagoa que se comunica com um rio (Houaiss, 2009).	composta
Riozinho do Canzi ⁴³	povoado	hidrotopônimo	portuguesa	rius + orig. contrv. libélula (Houaiss, 2009).	composta
Rodeio Cambará	povoado	sociotopônimo	portuguesa + tupi	lat. rota + tupi kamba'ra/caá-mbará - a planta variegada (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Salina	povoado	litotopônimo	portuguesa	lat. salina (Houaiss, 2009).	simples
Santa Fé	povoado	hierotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + fides (Houaiss, 2009).	composta

⁴³ - Está dicionarizada canzil, mesmo que libélula (Houaiss, 2009)

Santa Maria	povoado	hagiotopônimo	portuguesa + hebraica	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + talvez antiga forma hebraica Miriyám (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Santana	comunidade	hagiotopônimo	portuguesa hebraica	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + hebr. Hana/Hannah – graça, clemência (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
São Francisco	povoado	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + lat. medieval Franciscus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Sentinela	povoado	sociotopônimo	italiana	it. sentinela: guarda (Houaiss, 2009).	–
Simão Nunes	porto	antropotopônimo	portuguesa	abrev. de Simeão + sobr. port. patron. de nuno (Guérios, 1981).	composta
Soteco	povoado	não classificada	não classificada	não classificada.	não classificada
Taquaral	povoado	fitotopônimo	tupi	ta'kwara + suf. port. -al (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Travessia do Russo	povoado	hodotopônimo	portuguesa	lat. tar. ad- transversare + orig. contrv. (Houaiss, 2009).	composta
Três Córregos	povoado	numerotopônimo	portuguesa	lat. tres, tria + lat. hsp corrigus – rego ou vala onde se lavava os metais (Houaiss, 2009).	composta
Varjão	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	varja+ -ão que vem de várzea cuja orig. é contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Várzea	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Várzea Bonita	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa + espanhola	orig. contrv. + esp. bonito (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Várzea Grande	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + lat. grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	composta
Vigilato	povoado	antropotopônimo	portuguesa	talv. do italiano.	simples

Volta do Potreiro	povoado	morfotopônimo	portuguesa	v. lat. voltare: sinuosidade de um caminho, curso d'água + lat medieval pullitrus (Houaiss, 2009).	composta
MUNICÍPIO DE CAMPOS DE JÚLIO					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Alto Juruena	povoado	dimensiotopônimo	portuguesa + tupi	lat. altus + tupi jurú corr. yurú - o pescoço, a garganta, a boca, a barra, a foz + ena, esvaziar, vazia, foz vazia. Ou juru – barra, foz + ena – prolongar-se; ou extravasar na embocadura, compondo o sentido de a garganta do rio (Silva, 1966); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Cabaçu ⁴⁴	povoado	fitotopônimo	tupi	kawa + gwa'su: planta grande (Houaiss, 2009).	—
Portal da Amazônia	povoado	hodotopônimo	francesa + portuguesa	fr. portail + amazon (Houaiss, 2009).	composta híbrida
MUNICÍPIO DE COMODORO					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Aroeira	povoado	fitotopônimo	árabe	árabe talvez de daroeira – daro: árvore (Houaiss, 2009).	—
Balneário Porto	povoado	sociotopônimo	portuguesa	lat. balnearius + portus: estância de águas medicinais (Houaiss, 2009).	composta

⁴⁴ - Cabaçu – Mesmo que cabuçu “designação comum a algumas plantas do gên. Coccoloba, da fam. das poligonáceas, nativas do Brasil” e “vespa brasileira (Polybia ignobilis) de coloração negra, que constrói o ninho em ocós de pau ou em cupinzeiros; cabaçu” (Houaiss, 2009)

Cabixi ⁴⁵	gleba	etnotopônimo	aruaque	do paríci kabixi/kawi'xi (nambiquara do Sul) (Cardoso, 1961); (Nascentes <i>apud</i> Houaiss, 2009).	–
Caimã ⁴⁶	povoado	zootopônimo	portuguesa	lat. caiman (Houaiss, 2009).	simples
Campo	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. campus (Houaiss, 2009).	simples
Campos Novos	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. campus + novus – que se encontra no início de um ciclo (Houaiss, 2009).	composta
Granja I	povoado	sociotopônimo	francesa + portuguesa	fr. grange + lat. unus (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Granja II	povoado	sociotopônimo	francesa + portuguesa	fr. grange + lat. duos (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Jataí ⁴⁷	vila	zootopônimo	tupi	yate'i / ya-atã-y – árvore do fruto duro (Sampaio, 1987).	–
Macuco	gleba	zootopônimo	tupi	tupi ma'kuku/ ma-cú-cú – ave boa de comer (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Masutti	gleba	antropotopônimo	italiana	talvez italiano: colonizador de Comodoro.	simples
Nova Alvorada	distrito	cronotopônimo	portuguesa	lat. novus + albor – brancura: a primeira luz (Houaiss, 2009).	composta
Novo Horizonte	agrovila	cronotopônimo	portuguesa	novus + horizon, ontis (Houaiss, 2009).	composta
Oeste	vila	cardinotopônimo	francesa	ing. west ou do fr. ouest (Houaiss, 2009).	simples
Padronal ⁴⁸	distrito	axiotopônimo	portuguesa	lat. patronatus (Houaiss, 2009).	simples

⁴⁵ - Cabixi - Povo Nambiquara que habita áreas aos arredores de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT.

⁴⁶ - Caimã – Também Caimão: design. comum aos jacarés do gên. Caiman, com duas spp., encontradas em rios e lagos das Américas Central e do Sul (Houaiss, 2009) Cardoso (1961, p. 348), diz tratar-se de vocábulo da língua galibi.

⁴⁷ - Jataí - abelha social (*Tetragonisca angustula*) da subfam. dos meliponíneos, de ampla distribuição brasileira; apresenta cabeça e tórax pretos, abdome escuro e pernas pardacentas, mede até 4 mm de comprimento; jati, sete-portas, três-portas [Produz apreciado mel claro e de aroma suave, porém escasso.] (Houaiss, 2009)

⁴⁸ - Padronal – talvez esteja relacionado a padres.

Parto	gleba	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. partus: nascimento de um bebê (Houaiss, 2009).	simples
Pireneu de Souza	povoado	antropotopônimo	grega + portuguesa	greg. Pyrenaeus-a-um + sobr. port. top. em lat. saxa (saksa) (Guérios, 1981).	composta híbrida
Porto Sabão	comunidade	sociotopônimo	portuguesa	lat. portus + sapo, onis (Houaiss, 2009).	composta
Sabão	porto	ergotopônimo	portuguesa	lat. imp. sapo, onis: detergente (Houaiss, 2009)	simples
São Sebastião	povoado	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + lat. Sebastianus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Serraria	povoado	sociotopônimo	portuguesa	lat. serro - estabelecimento ou oficina onde se serram madeiras (Houaiss, 2009).	simples
MUNICÍPIO DE CONQUISTA D'OESTE					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Bela União	comunidade	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. bellus + unio (Houaiss, 2009).	composta
Nova Conquista	povoado	cronotopônimo	portuguesa	novus + lat. mediv. conquisto (Houaiss, 2009).	composta
São Sebastião	povoado	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + lat. Sebastianus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Mamoeiro	comunidade	fitotopônimo	portuguesa	lat. mamma: pé de mamão/fruta (Houaiss, 2009).	simples

MUNICÍPIO DE DENISE					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Bela União	comunidade	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. bellus + lat. unio (Houaiss, 2009).	composta
Nossa Senhora de Fátima	comunidade	hierotopônimo	portuguesa	lat. vulgar nossus + lat. senior + port. ant. Fátima (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Três Barras	comunidade	numerotopônimo	portuguesa	lat. tres, tria + lat. vulg. barra (Houaiss, 2009).	composta
Mamoeiro	comunidade	fitotopônimo	portuguesa	lat. mamma: pé de mamão/fruta (Houaiss, 2009).	simples
MUNICÍPIO DE CURVELÂNDIA					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Cabaçal ⁴⁹	povoado	fitotopônimo	portuguesa	orig. obsc., talvez pré-romana: aglomerado de cabaças - planta + suf. port. -al (Houaiss, 2009).	simples
Caeté ⁵⁰	povoado	fitotopônimo	tupi	tupi ka'a + e'te - a mata real/ folha verdadeira (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–

⁴⁹ - Cabaçal – “Extenso aglomerado de cabaças ('planta') em determinada área” (Houaiss, 2009). Cabaçal, também pode ser motivado pela tribo indígena da etnia Bororo conhecida por cabaçais que habitavam a região (Ferreira, 2001; 2014).

⁵⁰ - Ceté - Ka'a + e'te = folha verdadeira. CAETÉ corr. Caá-ef, a mata real, constituída de árvores grandes, a mata virgem; a folha larga, 88. Minas Gerais, Pernambuco. Alt. Caheté, Cahité. (Sampaio, 1987, p. 212). Também “design. comum a diversas ervas, esp. dos gên. Calathea e Ischnosiphon e tb. do gên. Stromanthe, da fam. das marantáceas, a algumas do gên. Canna, da fam. das canáceas, e do gên. Heliconia, da fam. das musáceas, nativas do Brasil e ger. cultivadas como ornamentais, por suas folhagens e/ou inflorescências; caetê, caité! (Houaiss, 2009)

Caiçara ⁵¹	povoado	ergotopônimo	tupi	tupi kaa'isa, Caá-içara - a estacada, o tapume, o cercado, a trincheira (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Carretão	povoado	ergotopônimo	portuguesa	lat. carrus + -tão (Houaiss, 2009).	simples
Cascalheira caramujo	povoado	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv.: pedrinhas + orig. contrv.: animal (Houaiss, 2009).	composta
Forquilha ⁵²	povoado	ergotopônimo	espanhola	esp. horquilla (Houaiss, 2009).	simples
Palmeirinha	povoado	fitotopônimo	portuguesa	lat. palma + -eira + -inha (Houaiss, 2009).	simples
Panorama ⁵³	povoado	corotopônimo	portuguesa + inglesa	lat. pan- + -orama sob influxo do ing. panorama – paisagem, visão ampla. Ref. ao município do estado de São Paulo (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Plaquelândia	povoado	ergotopônimo	francesa + portuguesa	fr. plaque + suf. port. -lândia (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Santa Rita	povoado	hagiotopônimo	portuguesa + italiana	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + abrv. it. da Margherita (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Vila Cabaçal	povoado	poliotopônimo	portuguesa	lat. vila + orig. obsc., talvez pré-romana: planta + suf. port. -al (Houaiss, 2009).	composta
MUNICÍPIO DE FIGUEIRÓPOLIS D'OESTE					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura

⁵¹ - Caiçara – regionalismos brasileiros: “paliçada em torno de aldeia indígena, para proteção contra inimigos ou animais” e “qualquer proteção ou cerca feita com ramos de árvores, paus a pique, varas etc. (p.ex., em torno de plantação para impedir a entrada de gado)” (Houaiss, 2009).

⁵² - Forquilha – “Cangalha: peça que vai ao pescoço do gado para não atravessar cercas de arame (Ortêncio, 1983, p. 194).

⁵³ - Panorama: vocábulo criado em 1789 pelo pintor escocês Robert Barker: visão ampla, em todas as direções, sem obstáculos e ger. de um ponto mais alto, de uma área extensa; paisagem, vista (Houaiss, 2009). No caso em estudo é uma referência ao município do estado de São Paulo.

Brigadeiro	gleba	axiotopônimo	francesa + portuguesa	fr. brigadier + suf. port. -eiro (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Buriti	povoado	fitotopônimo	tupi	tupi mbiri'ti - árvore que emite líquido: palmeira (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	-
Córrego dos Bugres	povoado	hidrotopônimo	portuguesa + francesa	lat. hsp corrigus – rego ou vala onde se lavava os metais + fr. bougre: indígena (Houaiss, 2009)	composta híbrida
Córrego Santíssimo	povoado	hidrotopônimo	portuguesa	lat. hsp corrigus – rego ou vala onde se lavava os metais + lat. sanctus - que tem caráter sagrado + -issimo (Houaiss, 2009).	composta
Jauru	gleba	zootopônimo	tupi	do tupi Jauru - Yau-r-ú: os jaús comem ou onde há jaús: peixe (Sampaio, 1987).	-
Morro do Pereira	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + sobr. port. top. (Guérios, 1981): (Houaiss, 2009).	composta
Pedro Neca	povoado	antropotopônimo	portuguesa	lat. petrus + nec (Guérios, 1981): (Houaiss, 2009).	composta
Santa Hermínia	gleba	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + herminiu (Guérios, 1981): (Houaiss, 2009).	composta
MUNICÍPIO DE GLÓRIA D'OESTE					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Aviário	povoado	sociotopônimo	portuguesa	lat. aviarium: viveiro de aves (Houaiss, 2009).	simples

Caeté	povoado	fitotopônimo	tupi	tupi ka'a + e'te - a mata real/ a folha verdadeira (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	-
Corredeira	povoado	hidrotopônimo	portuguesa	lat. curro (Houaiss, 2009).	simples
Cruzeiro do Oeste	povoado	hierotopônimo	portuguesa + francesa	lat crux, crucis + fr. ouest/ing. west (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Monte Castelo d'Oeste ⁵⁴	distrito	corotopônimo	portuguesa + francesa	lat. mons, ntis + castelum + fr. ouest/ing. west (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Pindorama ⁵⁵	povoado	corotopônimo	tupi	tupi pindó-rama/ pindó-retama - região ou país das palmeiras (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	-
Taboleta ⁵⁶	povoado	ergotopônimo	portuguesa	lat. tabula + - eta (Houaiss, 2009).	simples
MUNICÍPIO DE INDIAVAÍ					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Nova Esperança	povoado	cronotopônimo	portuguesa	lat. novus + spero (Houaiss, 2009).	composta
Alto do Jauru	povoado	dimensiotopônimo	portuguesa + tupi	lat. altus + yau-r-ú, - os jaús comem (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Rancho Grande	povoado	sociotopônimo	espanhola + portuguesa	esp. rancho - pequeno sítio + lat. grandis - maior dimensão (Houaiss, 2009).	composta híbrida

⁵⁴ - Monte Cristo pode ser alusivo ao município de São Paulo.

⁵⁵ - Pindorama: Município do estado de São Paulo.

⁵⁶ - Dicionarizada tabuleta “pequena tábua, placa feita de madeira, ou outro material, na qual se inscrevem anúncios, avisos etc., para ser colocada em local destacado e/ou público” (Houaiss, 2009). Há, contudo, a possibilidade de tratar-se de sobrenome.

MUNICÍPIO DE JAURU					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Taquaruçu	povoado	fitotopônimo	tupi	takwaru'su – taquara grande (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Barreiro Rainha da Paz	povoado	litotopônimo	portuguesa	pré-rom. barrum + lat. regina + pax (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Lucialva	distrito	antropotopônimo	portuguesa	lat. lucius (Houaiss, 2009).	simples
Altelândia	povoado	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. altus + suf. port. –lândia (Houaiss, 2009).	simples
MUNICÍPIO DE LAMBARI D'OESTE					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Barreirão	povoado	litotopônimo	portuguesa	pré-rom. barrum + - suf. port. –eir + -ão (Houaiss, 2009).	simples
Boa União	distrito	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. bonus + unio (Houaiss, 2009).	composta
Cabaçal ⁵⁷	povoado	fitotopônimo	portuguesa	org. obsc., talvez pré-romana: aglomerado de cabaças - planta + suf. port. –al (Houaiss, 2009).	simples
Capoeirão ⁵⁸	povoado	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi ko'pwera – roça que já foi: vegetação + suf. port. -ião (Houaiss, 2009).	simples híbrida

⁵⁷ - Cabaçal – “Extenso aglomerado de cabaças ('planta') em determinada área” (Houaiss, 2009). Cabaçal pode ser motivado pela tribo indígena da etnia Bororo conhecida por cabaçais que habitava a região (Ferreira, 2001; 2014).

⁵⁸ - Capoeirão: “área de mato cuja vegetação foi roçada e/ou queimada para cultivo ou outros fins, e que se está renovando” (Houaiss, 2009).

Cebola ⁵⁹	povoado	fitotopônimo	portuguesa	lat. caepula: erva (Houaiss, 2009).	simples
Flecheira	povoado	fitotopônimo	francesa + portuguesa	fr. flèche + suf. -eira (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Lambari	povoado	zootopônimo	tupi	tupi lambari – alambari -o peixinho de água doce (Cunha, 1982); Sampaio; (1987).	–
Onça Magra	povoado	zootopônimo	portuguesa	lat. vulgar lyncea + macer (Houaiss, 2009).	composta
Saloba/re/ro	povoado	hidrotopônimo	portuguesa + espanhola	lat. sal- sob inf. esp. -obre/o (Houaiss, 2009).	simples híbrida
São José do Pingadouro	povoado	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Josephus + lat. vug. pendicare + suf. port. douro (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
MUNICÍPIO DE MIRASSOL D'OESTE					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Boa Esperança	povoado	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. bonus + spero (Houaiss, 2009).	composta
Caeté	povoado	fitotopônimo	tupi	kaae'te – folha verdadeira (Sampaio, 1987).	–
Garganta	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	org. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Malhadinha	povoado	cromotopônimo	portuguesa	lat. macula – mancha, nódoa + suf. – + inha (Houaiss, 2009).	simples
Margarida Alves	povoado	antropotopônimo	portuguesa	lat. Margaritta + sobr. port. Álvarez (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta

⁵⁹ - Cebola - Há um povoado de mesmo nome no Piauí.

Rancho Alegre	povoado	sociotopônimo	espanhola + portuguesa	esp. rancho - pequeno sítio + lat vulg. alicer (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Roseli Nunes	povoado	antropotopônimo	francesa + portuguesa	fr. Rosalie / Rose + sobr. port. Nuno (Guérios, 1981).	composta híbrida
Santa Helena	povoado	hagiotopônimo	portuguesa + grega	sanctus + gr. Heléne - que tem caráter sagrado (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Santo Ângelo	povoado	hagiotopônimo	portuguesa	sanctus - que tem caráter sagrado + Angelus (Guérios, 1981): (Houaiss, 2009).	composta
Sonho Azul	povoado	animotopônimo eufórico	portuguesa + árabe	lat. somnium + ár. lazurd (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Vargem Alegre	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + lat. alicer (Houaiss, 2009).	composta
Varjão do Barreirão	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + pré-rom. barrum + suf. -ei-rão (Houaiss, 2009).	composta
Veredinha	povoado	hidrotopônimo	portuguesa	baixo lat vereda + suf. -inha (Houaiss, 2009).	simples

MUNICÍPIO DE NOBRES

Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Alto Bela Vista	povoado	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. altus + bonus + videre (Houaiss, 2009).	composta
Bom Jardim	vila	animotopônimo eufórico	portuguesa + francesa	lat. bonus + fr. jardin (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Campo	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. campus (Houaiss, 2009).	simples
Coqueiral	vila	fitotopônimo	portuguesa + orig. contrv.	orig. contrv. coco + suf. port. -al (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Pedra	povoado	litotopônimo	portuguesa	lat. petra (Houaiss, 2009).	simples

Vargearia ⁶⁰	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
MUNICÍPIO DE NOVA LACERDA					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Água Preta	povoado	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + pret/ pressus (Houaiss, 2009).	composta
Areia Branca	povoado	litotopônimo	portuguesa + germânica	lat. (h)arena + germ. blanck (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Bacurizal	gleba	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi iwaku'ri + suf. port. -z-al - grande árvore (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Fortaleza do Guaporé	povoado	ecotopônimo	francesa + tupi	fr. fortalece + gua'poré rio encachoeirado- ou guapó – o que se enche ou engrossa + ré – após, depois: o rio coletor (Silva; 1966); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Garimpo Velho	povoado	sociotopônimo	francesa + portuguesa	fr. grimper + lat. vetulus (Silva; 1966); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Guaporé	povoado	hidrotopônimo	tupi	tupi gua'poré rio encachoeirado- ou guapó – o que se enche ou engrossa + ré – após, depois: o rio coletor (Silva; 1966); (Houaiss, 2009).	–
Rio Galera	povoado	hidrotopônimo	portuguesa + catalã	lat. vulg. rius + cat. galera (Houaiss, 2009).	composta híbrida

⁶⁰ - Vargearia: Houaiss (2009) apresenta vargado como “conjunto de vargens” e vargem como sinônimo de várzea “grande extensão de terra plana; abarga, barga, planície, vale”.

São Judas	núcleo	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Judas (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Serraria	povoado	sociotopônimo	portuguesa	lat. serro - estabelecimento ou oficina onde se serram madeiras (Houaiss, 2009).	simples
Uirapuru	povoado	zootopônimo	tupi	tupi gwirapu'ru/ Japurú corr. Yapurú, o devora-frutos; o bicho das frutas, o verme (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Vale do Guaporé ⁶¹	gleba	geomorfotopônimo	portuguesa + tupi	lat. valles + gua'poré rio encachoeirado- ou guapó – o que se enche ou engrossa + ré – após, depois: o rio coletor (Silva; 1966); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
MUNICÍPIO DE NOVA OLÍMPIA					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Aurora ⁶²	gleba	antropotopônimo	portuguesa	lat. aurora (Houaiss, 2009).	simples
São Vicente	comunidade	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Vicens (Guérios, 1981): (Houaiss, 2009).	composta

⁶¹ - Guaporé: Do tupi rio encachoeirado, de acordo com Silva (1966, p. 135) é formado por gua – vale, várzea + poré - consequência, produto: o produto do vale, o que colhe na várzea; também guapó: o rio coletor.

⁶² - Aurora “claridade que aponta o início da manhã, antes do nascer do Sol” (Houaiss, 2009). Foi considerada como um antropônimo, assim classificada como um antropotopônimo.

MUNICÍPIO DE PONTES E LACERDA

Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Alegre	povoado	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. alicer: animado (Houaiss, 2009).	simples
Bananal	povoado	fitotopônimo	africana + portuguesa	africano + suf. port. -al (Raymundo (1933); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Bom Destino	povoado	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. bonus + destino (Houaiss, 2009).	composta
Brejo do Buriti	povoado	litotopônimo	portuguesa + tupi	orig. obsc. + mbiri'ti – palmeira (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Estiva Velha	povoado	hodotopônimo	italiana + portuguesa	it. stiva - ponte rústica construída com paus + vetulus (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Gomalina ⁶³	povoado	ergotopônimo	portuguesa + inglesa	lat. gumma + ing. vaseline (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Matadouro	povoado	sociotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + suf. -douro (Houaiss, 2009).	simples
Matadouro Municipal	povoado	sociotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + suf. -douro + lat. municipium (Houaiss, 2009).	composta
Matão	povoado	fitotopônimo	portuguesa	lat. tar. matta + suf. port. -ão (Houaiss, 2009).	simples
Mina do Ouro ⁶⁴	povoado	hidrotopônimo	francesa + portuguesa	fr. ant. mine + lat. aurum (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Monte Cristo ⁶⁵	povoado	corotopônimo	portuguesa	lat. mons, ntis + Christus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009); município de São Paulo.	composta

⁶³ - Gomalina: “Produto à base de dextrina com propriedades adesivas, us. na fixação de cabelos” (Houaiss, 2009).

⁶⁴ - Seria minadouro? Se for, trata-se de “nascente de riacho ou ribeirão, ou olho-d'água dentro de grota ('cavidade')” (Houaiss, 2009).

⁶⁵ - Monte Cristo: Há um município do estado de São Paulo de mesmo nome.

Panorama ⁶⁶	povoado	corotopônimo	portuguesa + inglesa	lat. pan- + -orama sob influxo do ing. panorama – paisagem, visão ampla. Ref. ao município do estado de São Paulo (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Pantanal da Gomalina	povoado	geomorfotopônimo	italiana + portuguesa + inglesa	it. pântano + lat. gumma + ing vaseline (vaselina) (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Pantanal do Jaboti	povoado	geomorfotopônimo	italiana + tupi	it. pantano + yawo'ti/ y-abú-ti -que não respira, ou tem fôlego tenaz (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Pedra Redonda	povoado	litotopônimo	portuguesa	lat. petra + rotundus (Houaiss, 2009).	composta
Rainha da Paz ⁶⁷	povoado	hierotopônimo	portuguesa	lat. regina + pax (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009)	composta
Santa Isabel	colônia	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + f. port-esp. de Elisabete/ ou do hebr. Izebel (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
São Carlos	povoado	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + nom. lat. Cárolus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
São Gonçalo	povoado	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + esp. ant. e port. atual Gonzalo (Houaiss, 2009).	composta
São João da Serra	vila	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + lat. Jo(h)annes + lat. serra (Guérios, 1981): (Houaiss, 2009).	composta
São João do Guaporé	povoado	hagiotopônimo	portuguesa + tupi	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + lat. Jo(h)annes + fr. fortalece + tupi	composta híbrida

⁶⁶ - Panorama: vocábulo criado em 1789 pelo pintor escocês Robert Barker: visão ampla, em todas as direções, sem obstáculos e ger. de um ponto mais alto, de uma área extensa; paisagem, vista (Houaiss, 2009). No caso em estudo é uma referência ao município do estado de São Paulo.

⁶⁷ - Rainha da Paz - Sintagma nominal que se constitui como uma das inúmeras maneiras de se identificar Nossa Senhora, no imaginário popular, pelos atributos que lhe são próprios.

				gua'poré rio encachoeirado- ou guapó – o que se enche ou engrossa + ré – após, depois: o rio coletor (Silva; 1966); (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	
São José da Serra	povoado	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Josephus + serra (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Serrinha	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. serra (Houaiss, 2009).	simples
Vila 1	povoado	poliotopônimo	portuguesa	lat. villa + unus (Houaiss, 2009).	composta
Vila 2	povoado	poliotopônimo	portuguesa	lat. villa + duos (Houaiss, 2009).	composta
Vila 3	povoado	poliotopônimo	portuguesa	lat. villa + tres, tria (Houaiss, 2009).	composta
Vila 4	povoado	poliotopônimo	portuguesa	lat. villa + quattuor (Houaiss, 2009).	composta
Vila 5	povoado	poliotopônimo	portuguesa	lat. villa + cinque (Houaiss, 2009).	composta
Vila 6	povoado	poliotopônimo	portuguesa	lat. villa + sex (Houaiss, 2009).	composta
Vila Matão	povoado	poliotopônimo	portuguesa	lat. villa + lat. tar. matta (Houaiss, 2009).	composta
Vila Nova	povoado	poliotopônimo	portuguesa	lat. villa + novus (Houaiss, 2009).	composta
MUNICÍPIO DE PORTO ESPERIDIÃO					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Aguaçu	povoado	hidrotopônimo	portuguesa + tupi	aqua + -açu (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Aguapei	povoado	hidrotopônimo	tupi	tupi aguapé-y – o rio das guapés (Sampaio, 1987).	-
Aguapezinho	povoado	hidrotopônimo	tupi + portuguesa	tupi aguapé-y – o rio das guapés + -suf. port. -z-inho (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida

Bacurizal	povoado	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi iwacu'ri ou ybá-curi + suf. port. -z-al (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Baía Bela	povoado	hidrotopônimo	portuguesa	orig. duv. + lat. bellus (Houaiss, 2009).	composta
Baía Grande	povoado	hidrotopônimo	portuguesa	orig. duv. + lat. grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	composta
Bocaiúva	povoado	fitotopônimo	tupi	tupi mboka'iwa – fruto que abre (Sampaio, 197); (Houaiss, 2009).	–
Bocaiuval	povoado	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi mboka'iwa – fruto que abre + suf. port. -al (Sampaio, 1987); (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Buritizal	povoado	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi mbiri'ti - palmeira + suf. port.-z-al (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Buritizinho	povoado	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi mbiri'ti – palmeira + suf. port. -z-zinho (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Cabeceira do Córrego dos Bagres	povoado	hidrotopônimo	portuguesa	lat. capitia – cabeça + lat. hsp corrigus – rego ou vala onde se lavava os metais + org. contrv. (Houaiss, 2009).	composta
Conchas	povoado	zootopônimo	portuguesa	lat. conchula – marisco, calcário: animal (Houaiss, 2009).	simples
Córrego Seco do Buritizal	povoado	hidrotopônimo	portuguesa + tupi	lat. hsp corrigus – rego ou vala onde se lavava os metais + siccus + tupi mbiri'ti – palmeira + suf. port. -al (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Destacamento Santa Rita	povoado	sociotopônimo	portuguesa + italiana	orig. contrv. + lat. sanctus - que tem caráter sagrado + abr. it. de Margherita (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida

Pantanal	povoado	geomorfotopônimo	italiana + portuguesa	it. pantano + suf. port. -al (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Pantanal de Anta	povoado	geomorfotopônimo	italiana + árabe	it. pantano + suf. port. -al + ár. lamta (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Pantanal de Santa Rita	povoado	geomorfotopônimo	italiana + portuguesa + italiana	it. pantano + suf. port. -al + lat. sanctus - que tem caráter sagrado + abrv. it. de Margherita (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Pantanal do Corixinha	povoado	geomorfotopônimo	italiana + orig. obsc.	it. pantano+ suf. port. -al + orig. obsc. (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Pantanal do Minador	povoado	geomorfotopônimo	italiana + francesa	it. pantano + suf. port. -al + fr. ant. mine + lat. aurum (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Pedro Neca	povoado	antropotopônimo	portuguesa	lat. Petrus + nec (Houaiss, 2009).	composta
Poção	povoado	hidrotopônimo	portuguesa	lat. puteos – buraco, fossa, mina (Houaiss, 2009).	simples
Poções	povoado	hidrotopônimo	portuguesa	lat. puteos – buraco, fossa, mina (Houaiss, 2009).	simples
Santa Custódia	povoado	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Custodia (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Santo Onofre	povoado	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus + lat. Onofrius (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
São Fabiano	povoado	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Fabianus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
São Sebastião	povoado	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Sebastianus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Vila Cardoso	povoado	poliotopônimo	portuguesa	lat. villa + sobr. port. top. da exp. terreno cardoso. ou chão cardoso (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta

Vila Picada	povoado	poliotopônimo	portuguesa	lat. villa + pic (Guérios, 1981): (Houaiss, 2009).	composta
MUNICÍPIO DE PORTO ESTRELA					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Bernardo	comunidade	antropotopônimo	germânica	germ. al. Bernhard (Guérios, 1981).	simples
Bocaina	comunidade	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. bucca (Houaiss, 2009).	simples
Boi Morto	comunidade	zootopônimo	portuguesa	lat. Bos, + mortuus (Houaiss, 2009).	composta
Camarinha ⁶⁸	comunidade	ecotopônimo	portuguesa	lat. camara + suf. port. -inha (Houaiss, 2009).	simples
Chaparral	comunidade	fitotopônimo	espanhola + portuguesa	esp. chaparro + suf. port. -al - aglomerado de chaparro; árvore (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Marajoara ⁶⁹	comunidade	corotopônimo	tupi	tupi marayo'ara – rel. à ilha de Marajó (Houaiss, 2009).	–
Monjolinho	comunidade	ergotopônimo	quimbundo + portuguesa	quimb. mansilu + suf. port. -inho (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Novo Oriente	comunidade	cronotopônimo	portuguesa	lat. novus – que se encontra no início de um ciclo + orientis (Houaiss, 2009).	composta
Palmeira	comunidade	fitotopônimo	portuguesa	lat. palma + suf -eira (Houaiss, 2009).	simples
Paraíso	comunidade	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. paradisus (Houaiss, 2009).	simples
Pires	comunidade	antropotopônimo	portuguesa	sobr. port. var. de Pérez (Guérios, 1981).	simples

⁶⁸ - Camarinha – “Quarto de dormir; câmara, quarto” (Houaiss, 2009).

⁶⁹ - Marajoara - vem de Marajó: “Marajó corr. Mbará-yó, tirado do mar, e também o tapa-mar, anteparo do mar. É a ilha grande da foz do Amazonas” (Sampaio, 1987).

Saloba – Salobra	comunidade	hidrotópônimo	portuguesa + espanhola	lat. sal + sob infl. do esp. obre/o (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Vão Grande	comunidade	geomorfotópônimo	portuguesa	lat. vānus + grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	composta
Volta do Carizar ⁷⁰	comunidade	morfotópônimo	portuguesa	v. lat. voltare: sinuosidade de um caminho, curso d’água + orig. contrv. (Houaiss, 2009).	composta
MUNICÍPIO DE RESERVA DO CABAÇAL					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Água Limpa	povoado	hidrotópônimo	portuguesa	lat. aqua + limpidus (Houaiss, 2009).	composta
Dracena ⁷¹	povoado	corotópônimo	portuguesa	lat. dracaena – dragão fêmea, chicote. É nome de arbusto (Houaiss, 2009). Essa planta denomina um município de São Paulo.	simples
Guanabara	povoado	corotópônimo	tupi	tupi goanã-pará; baía do mar: cidade-estado do Rio de Janeiro – distrito federal (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Jiboia	povoado	zootópônimo	tupi	tupi vy’mboya/giboia corr. gihi-boy, a cobra de rãs; o ofídio que se alimenta de rãs (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Lajeado	povoado	litotópônimo	portuguesa	orig. contrv.: placa de pedra (Houaiss, 2009).	simples

⁷⁰ - Foi encontrado cariz “expressão do rosto; semblante, fisionomia” (Houaiss, 2009).

⁷¹ - Dracena: “design. comum aos arbustos e árvores pequenas do gên. Dracaena, da fam. das dracênáceas, que compreende uma sp. nativa de Cuba, uma da América Central e 60 spp. que ocorrem das Canárias às regiões tropicais do Velho Mundo, entre as quais várias são cultivadas como ornamentais e como cercas vivas e algumas por fornecerem resina conhecida como sangue de drago ou sangue de dragão” (Houaiss, 2009). É nome de um município de São Paulo, terra dos colonizadores de Mato Grosso.

Peixe	povoado [do]	zootopônimo	portuguesa	lat. piscis: animal (Houaiss, 2009).	simples
Queixada ⁷²	povoado	zootopônimo	portuguesa	lat. capseum – porco do mato/selvagem (Houaiss, 2009).	simples
Roncador	povoado	hidrotopônimo	portuguesa	lat. rhoncho – ressonar + suf. -dor: queda d'água (Houaiss, 2009).	simples
Sereno	povoado [do]	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. serenus (Houaiss, 2009).	simples
Sete de Setembro	povoado	historiotopônimo	portuguesa	lat. septem + september (Houaiss, 2009).	composta
Trinta Lotes	povoado	numerotopônimo	portuguesa + francesa	lat. triginta + fr. lot (Houaiss, 2009).	composta híbrida
MUNICÍPIO DE RIO BRANCO					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Baixo Cabaçal, do	povoado	cardinotopônimo	portuguesa	b. -latim bassus + orig. obsc., talvez pré-romana: planta (Houaiss, 2009).	composta
Corgão	povoado [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. hsp corrigus – rego ou vala onde se lavava os metais (Houaiss, 2009).	simples
Goiabeira	povoado	fitotopônimo	aruaque + portuguesa	aruaco, guaiava, goiaba – ajuntamento de caroços + suf. português -eira (Cardoso, 1961); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Médio e Alto Pito, do	povoado	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. medium + altus + orig. contrv. (Houaiss, 2009).	composta

⁷² - Queixada: “mamífero artiodátilo (Tayassu pecari) da fam. dos taitaiquídeos, diurno e terrestre; com cerca de 1 m de comprimento e pelagem negra com o queixo branco; canela-ruiva, pecari, porco-do-mato, queixada-ruiva, queixo-ruivo, sabacu, tacuité, taguicati, taitaçu, tajaçu, tanhaçu, tanhocati, tiririca [Vive em bandos de até 300 indivíduos]” (Houaiss, 2009).

Panorama ⁷³	povoado	corotopônimo	portuguesa + inglesa	lat. pan- + -orama sob influxo do ing. panorama – paisagem, visão ampla. Ref. ao município do estado de São Paulo (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Pratinha	povoado [da]	litotopônimo	portuguesa	lat. vulg. platta (Houaiss, 2009).	simples
Roncador	povoado	hidrotopônimo	portuguesa	lat. rhoncho – ressonar + suf. –dor: queda d’água (Houaiss, 2009).	simples
Vila	povoado	poliotopônimo	portuguesa	villa (Houaiss, 2009).	simples
MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS QUATRO MARCOS					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Aparecida Bela	povoado	antropotopônimo	portuguesa	orig. rel. da expressão Nossa Senhora Aparecida + bellus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Barreirão	povoado	litotopônimo	portuguesa	pré-rom. barrum (Houaiss, 2009).	simples
Beijos	povoado	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. basium (Houaiss, 2009).	simples
Boca Rica	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa + gótica	lat. bucca + got. reiks (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Florestan Fernandes	povoado	antropotopônimo	francesa + portuguesa	fr. forest + sobr. port. (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Ponta Branca	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa + germânica	lat. tar. puncta + germ. blank (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Santa Fé	distrito	hierotopônimo	portuguesa	lat. sanctus- que tem caráter sagrado + fides (Houaiss, 2009).	composta

⁷³ - Panorama: vocábulo criado em 1789 pelo pintor escocês Robert Barker: visão ampla, em todas as direções, sem obstáculos e ger. de um ponto mais alto, de uma área extensa; paisagem, vista (Houaiss, 2009). No caso em estudo é uma referência ao município do estado de São Paulo.

São Miguel	povoado	hagiotopônimo	portuguesa + hebraica	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + hebr. mikha (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
MUNICÍPIO DE SALTO DO CÉU					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Alegria	distrito	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. alicer – animado (Houaiss, 2009).	simples
Cristinópolis ⁷⁴	distrito	hierotopônimo	portuguesa	lat. Christus + suf. port.-pólis (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	simples
Goiabeira	distrito	fitotopônimo	aruaque + portuguesa	aruaco, guaiava, goiaba – ajuntamento de caroços + suf. port. - eira (Cardoso, 1961); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Vila Progresso	distrito	poliotopônimo	portuguesa	lat. villa + pregressus (Houaiss, 2009).	composta
Boa Vontade	gleba	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. bonus + voluntas (Houaiss, 2009).	composta
Salto do Céu	gleba	hidrotopônimo	portuguesa	lat. saltus + caelum (Houaiss, 2009).	composta
Sant’Ana	porto	hagiotopônimo	portuguesa + hebraica	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + hebr. Hana/Hannah – graça, clemência (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Água	povoado	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua (Houaiss, 2009).	simples
Caramujo	povoado	zootopônimo	portuguesa	orig. contrv.: animal (Houaiss, 2009).	simples
Ilha de Cima	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. insula + cyma (Houaiss, 2009).	composta
Lua Nova	povoado	astrotopônimo	portuguesa	lat. luna + novus (Houaiss, 2009).	composta

⁷⁴ - Cristinópolis: Associado a Cristo. Cidade de Cristo.

Montechi	povoado	antropotopônimo	italiana	étimo não encontrado.	simples
Nova Lucélia	povoado	cronotopônimo	portuguesa	lat. novus + Lucius (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Porto Santana	povoado	sociotopônimo	portuguesa + hebraica	lat. portus + lat. sanctus - que tem caráter sagrado + hebr. Hana/Hannah – graça, clemência (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
São Jorge	povoado	hagiotopônimo	portuguesa + grega	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + gr. Geórgios (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
MUNICÍPIO DE TANGARÁ DA SERRA					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Amor	vila	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. amor (Houaiss, 2009).	simples
Antônio Conselheiro ⁷⁵	povoado	antropotopônimo	portuguesa	lat. Antonius + consilium (Houaiss, 2009).	composta
Bezerro Vermelho	povoado	zootopônimo	portuguesa	talv. pre-rom. ibicirru (Corominas <i>apud</i> Houaiss, 2009) + lat. vermiculus - pequeno verme: cor (Houaiss, 2009).	composta
Boa Vista	comunidade	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. bonus + videre (Houaiss, 2009).	composta
Bocaina	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. bucca (Houaiss, 2009).	simples

⁷⁵ - Há uma figura histórica denominada por Antônio Conselheiro, líder religioso da Bahia, importante na Guerra de Canudos.

Calcário Tangará	povoado	litotopônimo	portuguesa + tupi	lat. calcarius + tupi tangará - atá-cará, pássaro pulador (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Campo	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. campus (Houaiss, 2009).	simples
Canto Galo ⁷⁶	povoado	hierotopônimo	portuguesa	lat. cantus + gallus (Houaiss, 2009).	composta
Corixinho	povoado	hidrotopônimo	orig. obsc. + portuguesa	orig. obsc.: canal que liga águas das lagoas + suf. port. -inho (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Joaquim Aderaldo de Sousa	povoado	antropotopônimo	hebraica + portuguesa	hebr. Ioakhin + germ. Adroald + lat. Saxa (Guérios, 1981).	composta híbrida
Juba	povoado	somatotopônimo	portuguesa	lat. juba -crina (Houaiss, 2009).	simples
Juruena	povoado	hidrotopônimo	tupi	tupi a garganta do rio (Silva, 1966).	–
Onze de Julho	povoado	historiotopônimo	portuguesa	lat. undec + Julius (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Palmares	assentamento	corotopônimo	portuguesa	lat. palma (Houaiss, 2009).	simples
Progressinho	povoado	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. progressus (Houaiss, 2009).	simples
Progresso	povoado	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. progressus (Houaiss, 2009).	simples
Retiro	povoado	sociotopônimo	portuguesa	orig. obsc.: lugar (Houaiss, 2009).	simples
Rio Buriti	povoado	hidrotopônimo	portuguesa + tupi	lat. rius + tupi mbiri'ti – palmeira (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Salto das Nuvens	povoado	hidrotopônimo	portuguesa	lat. saltus + nubes (Houaiss, 2009).	composta
São Jorge	distrito	hagiotopônimo	portuguesa + grega	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + gr. Geórgeos (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida

⁷⁶ - Seria uma referência ao episódio que envolveu Pedro, o apóstolo de Cristo? O temor ao canto do galo, à meia noite, é forte em mato Grosso.

São José	povoado	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Iosephus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Sapezal	povoado	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi yasa'pé/eçá-pé, ver caminho, aluminar –gramínea + suf. port. -zal (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Tangará Praia Clube	povoado	zootopônimo	tupi + portuguesa + inglesa	tupi tangará - atá-cará, pássaro pulador + lat. medv. plagia + ing. club (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Tapirapuã ⁷⁷	distrito	zootopônimo	tupi	tupi tapiír-apuã, a anta redonda, gorda (Sampaio, 1987).	–
Vila Progresso	distrito	poliotopônimo	portuguesa	lat. villa + progressus (Houaiss, 2009).	composta
Vila São Joaquim	distrito	poliotopônimo	portuguesa + hebraica	lat. villa + sanctus - que tem caráter sagrado + hebr. Ioakhin (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
MUNICÍPIO DE VALE DE SÃO DOMINGOS					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
40 Baianos	povoado	numerotopônimo	portuguesa	lat. quadraginta + nome rel. a Bahia (Houaiss, 2009).	composta
Adrianópolis	distrito	antropotopônimo	portuguesa	lat. Adrianus + suf. lat. -polis (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	simples
Boi Morto	povoado	zootopônimo	portuguesa	lat. bovis + mortuus (Houaiss, 2009).	composta
Máquina Queimada	distrito	ergotopônimo	portuguesa	lat. machina + cremo (Houaiss, 2009).	composta
Ponte de Pedra	povoado	hodotopônimo	portuguesa	lat. pontis + petra (Houaiss, 2009)	composta

⁷⁷ - TAPIRAPOAN corr. Tapiír-apuã, a anta redonda, gorda. Mato Grosso (Sampaio, 1987, p. 323).

Queda d'Água	povoado	hidrotopônimo	portuguesa	lat. caeda + aqua (Houaiss, 2009).	composta
Sagrada Família	povoado	hierotopônimo	portuguesa	lat. sacratus + familia (Houaiss, 2009).	composta
São Domingos	vila	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Dominicus (Houaiss, 2009).	composta
MUNICÍPIO DE VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Linguística	Etimologia	Estrutura
Formosa	povoado	animotopônimo eufórico	portuguesa	formosus: belo, agradável (Houaiss, 2009).	simples
Betânia ⁷⁸	povoado	antropotopônimo	hebraica	hebr. casa dos pobres ou figos.	–
Ricardo Franco	povoado	antropotopônimo	germânica	germ. Richard + Frank (Guérios, 1981).	composta
Coronel Ari	gleba	axiotopônimo	francesa + hebraica	fr. Colonel + hebr. Arih (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Casalvasco ⁷⁹	povoado	corotopônimo	portuguesa + espanhola	lat. + casalis + esp. basco/vasco (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Marco dos Quatro Irmãos	povoado	ergotopônimo	germânica + portuguesa	orig. contrv. germ. + lat. quattuor + germanus (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Bananal	povoado	fitotopônimo	africana + portuguesa	africano + suf. port. –al (Raymundo (1933); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Capão do Romeiro	povoado	fitotopônimo	portuguesa	tupi ka'a pu'ã/ caá-pãu - a ilha de mato; + roma (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida

⁷⁸ - Colônia mencionada na Bíblia onde viva os amigos de Jesus. <https://revistacrescer.globo.com/>. Pode, assim ser hierotopônimo.

⁷⁹ - Povoação portuguesa do município de Fornos de Algodres. Casalvasco, em Mato Grosso, foi a última criação urbana fundada na gestão do governador e Capitão General da capitania Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres.

Matão	povoado	fitotopônimo	portuguesa	lat. tar. matta (Houaiss, 2009).	simples
Bocaina	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. bucca (Houaiss, 2009).	simples
Boqueirão	quilombo	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. bucca (Houaiss, 2009).	simples
Campo do Bananal	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa + africana	lat. campus + africano + suf. port. -al (Raymundo (1933); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Campo do Encanto	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. campus + incanto (Houaiss, 2009).	composta
Cantão	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. canthus (Houaiss, 2009).	simples
Furna	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. fornus (Houaiss, 2009).	simples
Morrinho	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Morrinho do Tarumã	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa + tupi	orig. contrv. + tupi taru'mã (planta) (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Pantanal	povoado	geomorfotopônimo	italiana + portuguesa	it. pantano + suf. port. -al (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Pantanal da Baía Grande	povoado	geomorfotopônimo	italiana + portuguesa	it. pantano + suf. port. -al + orig. duv. + lat. grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Pantanal do Corixão	povoado	geomorfotopônimo	italiana + orig. obsc.	it. pantano + suf. port. -al + orig. obsc. (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Vale do Guaporé	povoado	geomorfotopônimo	portuguesa + tupi	lat. valles + gua'poré rio encachoeirado- ou guapó – o que se enche ou engrossa + ré – após, depois: o rio coletor (Silva; 1966); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Santa Clara	povoado	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + clarus (Houaiss, 2009).	composta
Santa Helena	povoado	hagiotopônimo	portuguesa + grega	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + gr. Heléne (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida

Santo Inácio	povoado	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Egnatius (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009): santo espanhol (Inácio de Loyola).	composta
São José	vila	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + lat. Josephus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Lagoa do Encanto	povoado	hidrotopônimo	portuguesa	lat. lacuna + incanto (Houaiss, 2009).	composta
Vazante do Gurgil	povoado	hidrotopônimo	portuguesa teutônica	lat. vacivus: vago - alt. de vaziar + talvez Gurgel sobr. teutônico (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Passagem Portão do Inferno	povoado	hodotopônimo	portuguesa	fr. passage + lat. porta + infernum (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Brejo do Saracura	povoado	litotopônimo	portuguesa + tupi	orig. obsc. + tupi sara'kura/ tara-cura, engole-milho (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Brejo Pau da Torda	povoado	litotopônimo	portuguesa + francesa	orig. obsc. + lat. palus + talvez fr. tordion (dança renascentista) (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Pedra	povoado	litotopônimo	portuguesa	lat. petra (Houaiss, 2009).	simples
Bolicho ⁸⁰ Terra	povoado	sociotopônimo	espanhola + portuguesa	esp. boliche + lat. terra (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Destacamento Casalvasco	povoado	sociotopônimo	portuguesa + espanhola	orig. contrv. + lat. casalis + esp. basco/vasco (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Destacamento Militar de Palmarito	povoado	sociotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + lat. Militaris + palma + suf. esp. -ito (Houaiss, 2009).	composta

⁸⁰ - Segundo Houaiss (2009) a unidade lexical *bolicho* é um regionalismo do Rio Grande do Sul, Centro-Oeste do Brasil: m.q. bodega ('pequena venda') (Houaiss, 2009).

Destacamento São Simão	povoado	sociotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + lat. sanctus - que tem caráter sagrado + abrev. de Simeão (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Pescadores	vila [dos]	sociotopônimo	portuguesa	lat. piscare: puxar o peixe da água (Houaiss, 2009).	simples
Retiro Guaporé	povoado	sociotopônimo	portuguesa + tupi	orig. obsc. lugar + gua'poré rio encachoeirado- ou guapó – o que se enche ou engrossa + ré – após, depois: o rio coletor (Silva; 1966); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Sub Destacamento Palmarito	povoado	sociotopônimo	portuguesa	lat. sub + orig. contrv. lat. + palma + suf. esp. -ito (Houaiss, 2009).	composta
Barata	povoado	zootopônimo	portuguesa	lat. blatta: animal (Houaiss, 2009).	simples
Palmarito ⁸¹	povoado	zootopônimo	portuguesa espanhola	lat. palma + suf. esp. - ito (Houaiss, 2009).	simples híbrida

Fonte: elaborado pela autora com base em Dick (1990/1992).

⁸¹ - Palmarito – Andorinha africana.

A frequência das taxonomias toponímicas (Dick, 1992), dos topônimos de acidentes humanos (agrovilas, assentamentos, colônias, comunidades, distritos, glebas, núcleos, povoados, quilombos e vilas) dos 27 municípios coletados nos mapas do IBGE (2010) que fazem parte desta pesquisa é apresentada na tabela 4, a seguir.

Tabela 4: Frequência das taxes toponímicas (Dick, 1992), na toponímia de acidentes humanos dos municípios das Regiões Geográficas Intermediárias de Cáceres e de Cuiabá – Mato Grosso.

Topônimos	Número absolutos	Números percentuais
Fitotopônimos	55	12,47%
Geomorfotopônimos	54	12,24%
Sociotopônimos	47	10,65%
Hidrotopônimos	46	10,43%
Hagiotopônimos	36	8,16%
Antropotopônimos	31	7,70%
Zootopônimos	30	6,80%
Animotopônimos	23	5,21%
Litotopônimos	20	4,53%
Poliotopônimos	16	3,62%
Ergotopônimos	13	2,94%
Corotopônimos	12	2,72%
Cronotopônimos	11	2,49%
Hierotopônimos	10	2,26%
Hodotopônimos	06	1,36%
Numerotopônimos	06	1,36%
dimensiotopônimos	05	1,13%
Axiotopônimos	04	0,90%
Morfotopônimos	03	0,68%
Etnotopônimos	03	0,68%
Cardinotopônimos	02	0,45%
Ecotopônimos	02	0,45%
Historiotopônimos	02	0,45%
Somatotopônimos	01	0,22%
Astrotopônimos	01	0,22%
Cromotopônimos	01	0,22%
Não classificadas	01	0,22%
Total	441	100%

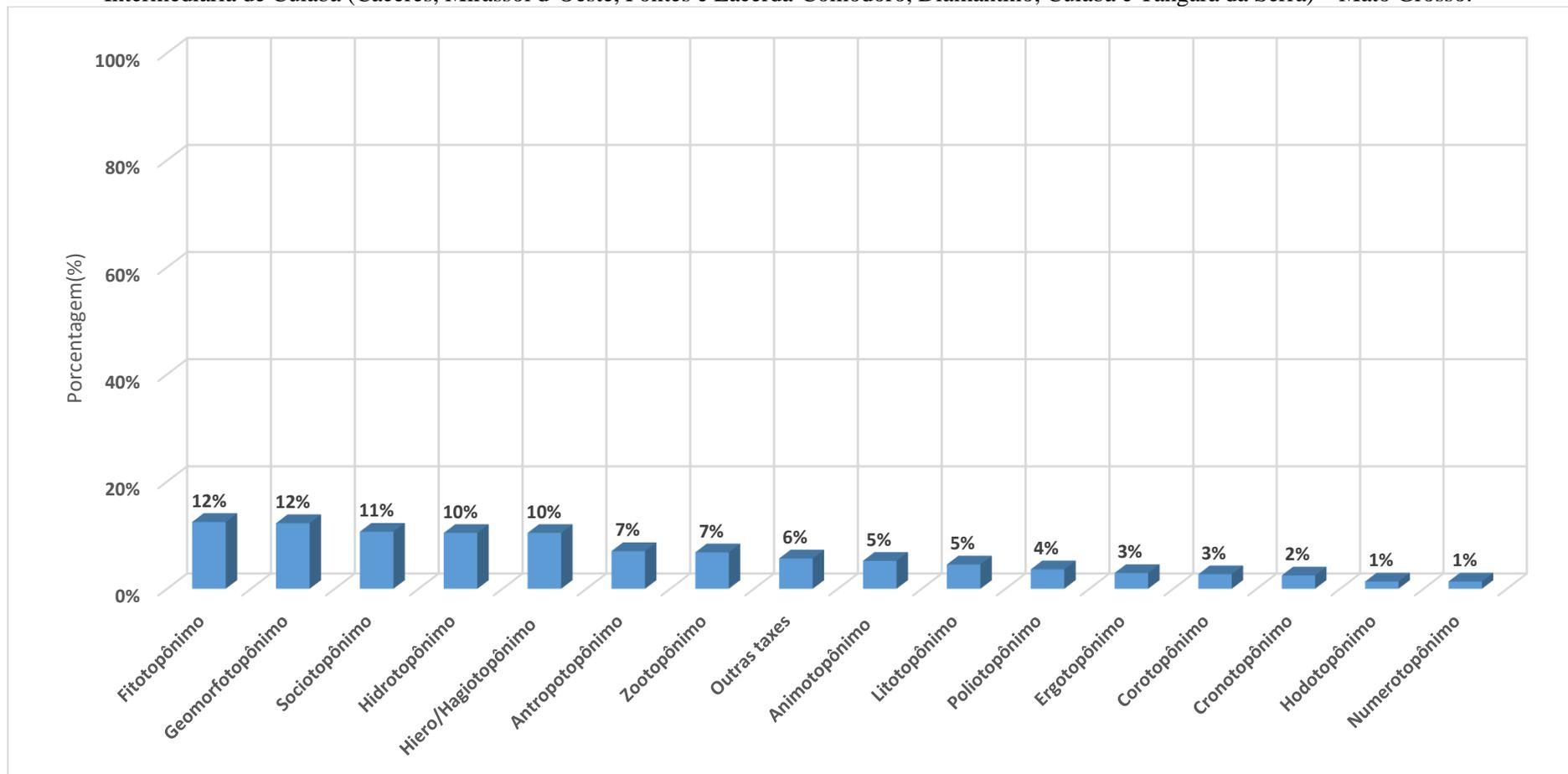
Fonte: elaborado pela autora

Como se observa a partir dos dados do quadro 11, os municípios que compõem as Regiões Geográficas Intermediárias de Cáceres e de Cuiabá apresentam uma densa rede de aglomerados populacionais formada por distritos, vilas, agrovilas, glebas, colônias, povoados, comunidades etc. Os dados refletem a realidade física do estado de Mato Grosso, que figura na terceira posição em extensão territorial do Brasil (903.207.019 km²). Nesse contexto, Cáceres,

com maior número de povoados, está em 3º lugar em área territorial, Comodoro em 7º lugar, Vila Bela da Santíssima Trindade em 17º, Tangará da Serra em 22º posição e Pontes e Lacerda em 36º lugar, no quadro geral dos 141 municípios que compõem o estado de Mato Grosso.

A distribuição percentual de todas as taxonomias identificadas na toponímia de acidentes humanos dos 27 municípios mato-grossenses selecionados para esta pesquisa está representada no gráfico 1, na sequência.

Gráfico 1: Frequência das taxonomias dos topônimos de acidentes humanos da Região Geográfica Intermediária de Cáceres e da Região Geográfica Intermediária de Cuiabá (Cáceres, Mirassol d'Oeste, Pontes e Lacerda-Comodoro, Diamantino, Cuiabá e Tangará da Serra) – Mato Grosso.



Fonte: elaborado pela autora.

No conjunto dos acidentes humanos das áreas investigadas, observa-se a predominância dos fitotopônimos, taxa de natureza física, na designação toponímica, enquanto os hagiotoipônimos se sobressaíram na categoria de natureza antropocultural. Em ordem crescente, a frequência das taxonomias identificadas no *corpus* se expressa nos fitotopônimos, geomorfotopônimos, sociotopônimos, hidrotopônimos, hierotopônimos/hagiotoipônimos, antropotopônimos e zootopônimos etc.

As características gerais dessa toponímia e certas particularidades dos nomes de lugares no conjunto dos 2.012 topônimos que compõem o *corpus* serão analisadas na soma total dos dados.

A Região Geográfica Intermediária de Cáceres compreende os seguintes municípios: Cáceres, Curvelândia, Lambari d'Oeste, Rio Branco e Salto do Céu. Para os propósitos deste trabalho, os 546 topônimos referentes aos acidentes físicos dos municípios em causa foram sistematizados no quadro 12, a seguir.

Quadro 12: Topônimos de acidentes físicos da Região Geográfica Imediata de Cáceres – Mato Grosso.

CÁCERES					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Ling.	Etimologia	Estrutura do topônimo
Cabeça da Onça	baía	somatotopônimo	portuguesa	lat. vulg. capitia - cabeça + lyncea (Houaiss, 2009).	composta
Aguazul	baía	hidrotopônimo	portuguesa + árabe	lat. aqua + ár. lazurd (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Baiazinha	baía	hidrotopônimo	portuguesa	orig. duvid. + suf. port. -z-inha: lagoa em comunicação com rio (Houaiss, 2009).	simples
Barra do Ixu	baía	hidrotopônimo	portuguesa + tupi	lat. barra + tupi ei'xu – indígena (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Figueira do Sepotuba	baía	fitotopônimo	portuguesa + tupi	lat. figo + tupi içá-pó, alt. de icepó, cepó, çapó, sipó - galho-mão que tem a propriedade de se prender, de se enlear + tyba - o sítio, o lugar, onde há cipós – cipoal (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Grande	baía	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	simples

Inharosa ⁸²	baía	fitotopônimo	portuguesa	orig. obsc. (Houaiss, 2009).	–
Jatirica - Jaquatirica	baía	zootopônimo	tupi	tupi yagwati ‘rika/ yaguá-tirica: a onça tímida, fujona (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Jauruzinho	baía	zootopônimo	tupi + portuguesa	tupi Jauru - yau-r-ú: os jáús comem ou onde há jáús - peixe + suf. port. –z-inho: peixe (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Laranjeira	baía	fitotopônimo	persa + portuguesa	ár. narandja + suf. port. –eira: pé de laranja (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Mandovi ⁸³	baía	fitotopônimo	tupi	tupi madw’vi/ mand-obí: amendoim (Houaiss, 2009).	–
Mata Cavalo ⁸⁴	baía	fitotopônimo	portuguesa	lat. matta + caballus (Houaiss, 2009).	composta
Morrinho	baía	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Negra	baía	cromotopônimo	portuguesa	lat. niger: cor (Houaiss, 2009).	simples
Ponto Certo	baía	cardinotopônimo	portuguesa	lat. tar. puncta + certus (Houaiss, 2009).	composta

⁸² - Inharosa: Houaiss (2009) registra *Inhabento* arbusto (*Pereskia bahiensis*) da fam. das cactáceas, nativo do Brasil (BA), que habita a caatinga, de ramos emaranhados com espinhos, folhas carnosas, flores róseas e fruto carnoso, piramidal, comestível; quiabento. Em Minas Gerais há *Inhacica* nome de uma planta que denomina um rio. Há, também possibilidade de se tratar de uma alteração de *sinhá*, pronome de tratamento com que os escravos tratavam as patroas.

⁸³ - Mandovi – Sampaio (1987, p. 278) traz “MANDOBI s.c. Mand-obí, estojo, ou rolo pontiagudo[...] Alt. Mendobí, Mandobí, Mundubí”.

⁸⁴ Mata cavalo – dicionarizada Mata-cavalo: “árvore (*Acacia striata*) da fam. das leguminosas, subfam. mimosoídea, nativa da América do Sul, de folhas bipenadas e vagens falcadas; espinheiro-dos-caminhos. Arbusto (*Lycium tenuispinosum*) da fam. das solanáceas, nativo do Brasil, com pelos viscosos e espinhos, folhas lineares, tb. viscosas, e flores tubulosas, solitárias ou em fascículos (Houaiss, 2009). Há uma comunidade quilombola denominada de *Mata Cavalo* no estado de Mato Grosso, no município de Nossa Senhora do Livramento, às margens da BR-MT 060. Fonte: www.mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br

Rica	baía	animotopônimo eufórico	gótica	gót. reiks: que tem abundância de alguma coisa boa (Houaiss, 2009).	simples
Rio Seco	baía	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. rius + siccus – sem umidade (Houaiss, 2009).	composta
Sem fim	baía	dirrematotopônimo	portuguesa	prep. lat. sine + finis (Houaiss, 2009).	composta
Verde	baía	cromotopônimo	portuguesa	lat. vírides (Houaiss, 2009).	simples
Ximbuva ⁸⁵	baía	fitotopônimo	não classificada	árvore da espuma (nome científico <i>Enterolobium contortisiliquum</i>).	–
Barra	baía [da]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. Barra (Houaiss, 2009).	simples
Basoura ⁸⁶	baía [da]	fitotopônimo	portuguesa	lat. versoria – planta que se usa para fazer vassoura (Houaiss, 2009).	simples
Caiçara ⁸⁷	baía [da]	ergotopônimo	tupi	tupi kaai'sa/ caá-içara, a estacada, o tapume, o cercado, a trincheira (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Camisa	baía [da]	ergotopônimo	portuguesa	lat. tar. camisa (Houaiss, 2009).	simples
Campina	baía [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. campus + suf. port. –ina (Houaiss, 2009).	simples
Capivara	baía [da]	zootopônimo	tupi	tupi kapii'gwara/ Caapii-uára - o comedor de capim; o herbívoro: animal (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–

⁸⁵ - Ximbuva - <https://old.cnpgc.embrapa.br/publicacoes/livros/plantastoxicadas/24ximbuva.html>

⁸⁶- Basoura – a forma dicionarizada é *Bassoura/Vassoura*: arbusto que se faz vassoura para varrer o chão (Houaiss, 2009).

⁸⁷ - Caiçara: “paliçada em torno de aldeia indígena, para proteção contra inimigos ou animais” (Houaiss, 2009).

Caralhada	baía [da]	somatotopônimo	portuguesa	orig. duv.: órgão genital masculino (Houaiss, 2009).	simples
Conceição ⁸⁸	baía [da]	hierotopônimo	portuguesa	lat. conceptio (Guérios, 1981).	simples
Coruja	baía [da]	zootopônimo	portuguesa	orig. contrv.: animal (Houaiss, 2009).	simples
Figueira	baía [da]	fitotopônimo	portuguesa	lat. figo: árvore (Houaiss, 2009).	simples
Formosa	baía [da]	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. formosus: bela (Houaiss, 2009).	simples
Guarda	baía [da]	sociotopônimo	portuguesa	lat. medv. guardare (Houaiss, 2009).	simples
Larga	baía [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. largus (Houaiss, 2009).	simples
Mortandade	baía [da]	animotopônimo disfórico	portuguesa	lat. mortalitas (Houaiss, 2009).	simples
Onça Azul	baía [da]	zootopônimo	portuguesa + árabe	lat. lyncea - animal + ár. Lazurd - cor (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Onça Brava	baía [da]	zootopônimo	portuguesa	lat. lyncea - animal + lat. vulg. Brabus (Houaiss, 2009).	composta
Passagem velha	baía [da]	hodotopônimo	francesa + portuguesa	fr. passage + lat. vetulus (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Piúva	baía [da]	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi y'pê – casca de pau + lat. uva (Cunha, 1982); (Ortêncio, 1983); (Houaiss, 2009).	composta híbrida

⁸⁸ - Conceição originou-se da expressão Nossa Senhora da Imaculada Conceição (concepção) (Guérios, 1981, p. 95), que, por sua vez, originou-se do verbo conceber.

Providência	baía [da]	hierotopônimo	portuguesa	lat. providentia: saber antecipado (Houaiss, 2009).	simples
Sanfona ⁸⁹	baía [da]	ergotopônimo	portuguesa	lat. symphonia (Houaiss, 2009).	simples
Volta	baía [da]	morfotopônimo	portuguesa	v. lat. voltare: sinuosidade de um caminho, curso d'água percurso (Houaiss, 2009).	simples
Conchas	baía [das]	zootopônimo	portuguesa	lat. conchula – marisco, calcário: animal (Houaiss, 2009).	simples
Éguas	baía [das]	zootopônimo	portuguesa	lat. équa: animal (Houaiss, 2009).	simples
Três Bocas	baía [das]	numerotopônimo	portuguesa	lat. tres, tria + bucca (Houaiss, 2009).	composta
São Bento	baía [de]	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus- que tem caráter sagrado + f. pop. port. de Benedito (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Alegre	baía [do]	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. Alicer: animado (Houaiss, 2009).	simples
Alferes	baía [do]	axiotopônimo	árabe	ár. al- faris – patente de oficial abaixo do tenente (segundo-tenente) (Houaiss, 2009).	–
Barreirão	baía [do]	litotopônimo	portuguesa	pré-rom. barrum (Houaiss, 2009).	simples
Boeiro ⁹⁰	baía [do]	hidrotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Boi Branco	baía [do]	zootopônimo	portuguesa + germânica	lat. bovis + germ. Blanck (Houaiss, 2009)	composta híbrida

⁸⁹ - Há o registro de Sanfenal, termo que designa terreno coberto por sanfeno, planta leguminosa vulgarmente conhecida pelo nome de crista- de- galo (Souza, 1939, p. 287).

⁹⁰ - Boeiro – dicionarizada *Bueiro*: boca de lobo (Houaiss, 2009). Mesmo que sumidouro.

Caetê	baía [do]	fitotopônimo	tupi	tupi ka'a + e'te: mata real/folha verdadeira (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Cambará	baía [do]	fitotopônimo	tupi	kamba'ra/ caá-mbará - planta variegada; (Houaiss, 2009).	–
Canzi ⁹¹	baía [do]	zootopônimo	portuguesa	orig. contrv. libélula (Houaiss, 2009).	simples
Capão da Curi	baía [do]	fitotopônimo	tupi	tupi Ka'apu'ã - mato redondo + tupi curi – argila vermelha (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta
Cecilinho	baía [do]	antropotopônimo	portuguesa	lat. Caecilio (Guérios 1981).	simples
Centédrio	baía [do]	não classificada	não classificada	não classificada.	não classificada
Chico Branco	baía [do]	antropotopônimo	portuguesa + germânica	lat. Franciscus + germ. blanck (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Coelho	baía [do]	zootopônimo	portuguesa	lat. cuniculus - animal (Houaiss, 2009).	simples
Corixo ⁹²	baía [do]	hidrotopônimo	orig. obsc.	orig. obsc.: canal que liga as águas das lagoas (Houaiss, 2009).	–
Ferraz	baía [do]	antropotopônimo	portuguesa	lat. Ferraci (Guérios, 1981).	simples
Firme	baía [do]	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. vulg. Firmis (Houaiss, 2009).	simples

⁹¹ - Dicionarizada Canzil, o mesmo que libélula (Houaiss, 2009).

⁹² - Dicionarizada corixa como canal que liga as águas de lagoas, alagados etc. com os rios próximos; corixe, corixo (Houaiss, 2009).

Fucz ⁹³	baía [do]	fitotopônimo	portuguesa	lat. fucaceae (Houaiss, 2009).	simples
Gomercindo – Gumercindo	baía [do]	antropotopônimo	germânica	Gumersindo: companheiro ou caminho do exército (Guérios, 1981).	simples
Guanandi	baía [do]	fitotopônimo	tupi	tupi guá-nhandí, o que é grudento: árvore (Sampaio, 1987).	–
Inferninho	baía [do]	animotopônimo disfórico	portuguesa	lat. Infernum (Houaiss, 2009).	simples
Jacaré	baía [do]	zootopônimo	tupi	tupi ya-caré - aquele que é torto, ou sinuoso: animal réptil (Sampaio, 1987).	–
Jacobina ⁹⁴	baía [do]	corotopônimo	tupi	tupi yacuabinas, corr. ya-cuâ-apina: o que tem cascalho limpo (Sampaio, 1987).	–
Jatobá	baía [do]	fitotopônimo	tupi	tupi corr. yatay-ybá /yat-ybá, o fruto do yatahy – mosca branca: árvore frutífera (Sampaio, 1987).	–
Jatobazinho	baía [do]	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi corr. yatay-ybá /yat-ybá, o fruto do yatahy – mosca branca: árvore frutífera + suf. port. – z-inho (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Lenhado	baía [do]	ergotopônimo	portuguesa	lat. ligna: madeira (Houaiss, 2009).	simples

⁹³ - Fucz – encontrada Fucácia: “fam. de algas feofíceas, caracterizadas por talo achatado ou quase cilíndrico, com ramificação dicotômica, irregularmente penada ou radial, freq. provido de vesículas de flutuação” (Houaiss, 2009).

⁹⁴ - A Fazenda Jacobina, antigo Engenho da Jacobina, localiza-se à margem esquerda do rio Paraguai, a uma distância de 25 km da antiga Vila Maria do Paraguai, atual Cáceres, na então Província do Mato Grosso. Este latifúndio, estabelecido em 1769 pelo português Leonardo Soares de Sousa, logo se tornou um importante estabelecimento produtor de charque e de açúcar, que abastecia não só os grandes centros brasileiros como São Paulo e Rio de Janeiro, mas que também exportava para a Europa.

Mariano	baía [do]	antropotopônimo	portuguesa	lat. marianus (Guérios, 1981).	simples
Mário Peludo	baía [do]	antropotopônimo	portuguesa	lat. Marius + lat. vulg. pillus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Martins	baía [do]	antropotopônimo	portuguesa	lat. Martinici (Guérios, 1981).	simples
Mato	baía [do]	fitotopônimo	portuguesa	lat. matta: vegetação (Houaiss, 2009).	simples
Miguel	baía [do]	antropotopônimo	hebraica	hebr. Mikha (Guérios, 1981).	simples
Morro	baía [do]	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Morro Comprido	baía [do]	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + lat. Complere (Houaiss, 2009).	composta
Orion	baía [do]	astrotopônimo	portuguesa	lat. orion ⁹⁵ .	simples
Osório	baía [do]	antropotopônimo	portuguesa	sobr. port. top. Osorius (Guérios, 1981).	simples
Pimental	baía [do]	fitotopônimo	portuguesa	lat. pigmenta: planta (Houaiss, 2009).	simples
Poço	baía [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. puteus: buraco (Houaiss, 2009).	simples
Pomba ⁹⁶	baía [do]	litotopônimo	portuguesa	lat. palumba: quartzo (Houaiss, 2009).	simples
Porteiro	baía [do]	sociotopônimo	portuguesa	lat. portarius: guarda (Houaiss, 2009).	simples
Presidente	baía [do]	axiotopônimo	portuguesa	lat. Praesidentis: administrar (Houaiss, 2009).	simples

⁹⁵ - Orion - <https://veja.abril.com.br/coluna/sobre-palavras/a-constelacao-de-orion-tem-relacao-com-a-palavra-orient>

⁹⁶ - Pomba: O topônimo pode configurar-se como antropônimo (alcunha), *vulva* (Ortêncio, 1983); (Houaiss, 2009). E/ou nome dado ao quartzo, pedra natural encontrada de forma abundante no Brasil (Ortêncio, 1983). Há explicações mais detalhadas sobre esse topônimo na subseção *Particularidades regionais* da seção IV desta pesquisa.

Quati	baía [do]	zootopônimo	tupi	Kua'ti/ qua-ti - o que é riscado, ou lanhado: animal (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Quilombo	baía [do]	sociotopônimo	quimbundo	quimb. Kilombo: abrigo dos escravos (Houaiss, 2009).	–
Rebola ⁹⁷ rebojo	baía [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. <i>volvere</i> (Houaiss, 2009).	simples
Retiro	baía [do]	sociotopônimo	portuguesa	orig. obsc.: lugar (Houaiss, 2009).	simples
Rio Velho	baía [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. <i>rius</i> + <i>vetulus</i> (Houaiss, 2009).	composta
Russo	baía [do]	etnotopônimo	portuguesa	orig. contrv. soviético (Houaiss, 2009).	simples
Saco ⁹⁸ Grande	baía [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. <i>saccus</i> – enseada pequena + <i>grandis</i> – maior dimensão (Houaiss, 2009).	composta
Salobro	baía [do]	hidrotopônimo	portuguesa + espanhola	lat. <i>sal</i> + sob infl. do esp. <i>obre/o</i> (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Sangradouro Grande	baía [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. <i>sanguino</i> + <i>grandis</i> – maior dimensão (Houaiss, 2009).	composta
Simão Nunes	baía [do]	antropotopônimo	portuguesa	abrev. de Simeão + sobr. port. patron. de nuno (Guérios, 1981).	composta

⁹⁷ - Acreditamos tratar-se de *Rebojo* que, conforme Souza (1939, p. 272), baseado nas informações trazidas por Augusto Leverger, rebojo em Mato Grosso significa redemoinho ou contracorrente, produzido pela sinuosidade do rio ou pelos acidentes de seu leito ou de suas margens. Rebola pode ser aspecto da água.

⁹⁸ - Saco – “Termo descritivo usado para designar certo tipo de reentrância do litoral, caracterizado pela estreiteza da boca e largura da parte interior. Como exemplo, temos o Saco de São Francisco, situado a nordeste da enseada de Jurujuba, na baía da Guanabara” (Guerra; Guerra, 1997, p. 555).

Sobradinho ⁹⁹	baía [do]	corotopônimo	portuguesa	lat. <i>superatus</i> : está por cima (Houaiss, 2009).	simples
Sovaco	baía [do]	somatotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Timba ¹⁰⁰	baía [do]	somatotopônimo	portuguesa	tabuísmo Piauí – voc. teor pej. - pênis (Houaiss, 2009).	simples
Tuiuiú	baía [do]	zootopônimo	tupi	tupi <i>yam'biru</i> – Jaburu: ave (Houaiss, 2009).	–
Uvar ¹⁰¹	baía [do]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. <i>valla</i> (Houaiss, 2009).	simples
Zé velho	baía [do]	antropotopônimo	portuguesa	hip. de José (lat. <i>Josephus</i>) + <i>vetulus</i> (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Cinquenta	baía [dos]	numerotopônimo	portuguesa	lat. <i>quingenta</i> (Houaiss, 2009).	simples
Periquitos	baía [dos]	zootopônimo	espanhola	esp. <i>periquito</i> ; ave (Houaiss, 2009).	simples
Pesteados	baía [dos]	sociotopônimo	portuguesa	lat. <i>pestis</i> : doentes (Houaiss, 2009).	simples
Pitos ¹⁰²	baía [dos]	zootopônimo	portuguesa	orig. obsc.: libélula (Houaiss, 2009).	simples
Poços	baía [dos]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. <i>puteus</i> : buraco (Houaiss, 2009).	simples
Trinta	baía [dos]	numerotopônimo	portuguesa	lat. <i>triginta</i> (Houaiss, 2009).	simples

⁹⁹ - Sobradinho – Lago na Bahia.

¹⁰⁰ - Timba - Regionalismo: Piauí. Uso: tabuísmo: pênis (Houaiss, 2009) Embora o sintagma apresente uma preposição entre o elemento genérico e o específico, indicando a possibilidade de ser antropônimo (alcunha).

¹⁰¹ - Uvar - Acreditamos que seja *Uvala* que, conforme Guerra e Guerra (1997, p. 626) é o mesmo que *ouvala*: “depressões bem maiores que as dolinas existentes em terrenos calcários, e que lembram os sotche, do Maciço Central Francês” (Guerra; Guerra, 1997, p. 457). Existe também a unidade lexical *Uvaia* – “design. comum a algumas plantas da fam. das mirtáceas, com frutos ger. pequenos e comestíveis; uaieira, ubaieira, uvaieira, uvalheira” (Houaiss, 2009). Para fins deste trabalho, classificaremos como *Uvala*, geomorfotopônimo.

¹⁰² - Pitos – Pito: regionalismo de Minas Gerais: “design. comum aos insetos da ordem dos odonatos, facilmente reconhecíveis pelo abdome longo e estreito, pelas quatro asas alongadas, transparentes e providas de rica nervação [São carnívoros em todas as fases vitais, alimentando-se de insetos e outros organismos.]” (Houaiss, 2009).

Bonita	barra	animotopônimo eufórico	espanhola	esp. bonito (Houaiss, 2009).	simples
Nova	barra	cronotopônimo	portuguesa	lat. novus (Houaiss, 2009).	simples
Piraputangas	barra [das]	zootopônimo	tupi	tupi pira – peixe / pi'tanga - avermelhado (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Rio Jauru	barra [do]	hidrotopônimo	portuguesa + tupi	lat. rius + yau-r-ú - os jaús comem, ou onde há jaús (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Rio Velho	barra [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. rius + vetulus (Houaiss, 2009).	composta
Boliviano	corixo	etnotopônimo	espanhola + portuguesa	espanhol Bolívar + suf. port. -i-ano (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Carne de vaca	corixo	somatotopônimo	portuguesa	lat. carnis + vacca (Houaiss, 2009).	composta
Corixo	corixo	hidrotopônimo	orig. obsc.	orig. obsc.: canal que liga águas das lagoas (Houaiss, 2009).	–
Grande	corixo	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	simples
Guirá	corixo	zootopônimo	tupi	tupi a ave, o pássaro. Alt. Uirá, oirá, oerá, birá, virá, urá, (Sampaio, 1987).	–
Pescaria	corixo	sociotopônimo	portuguesa	lat. piscare (Houaiss, 2009).	simples
São Sebastião	corixo	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + lat. Sebastianus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta

Vaca	corixo [da]	zootopônimo	portuguesa	lat. vacca: animal (Houaiss, 2009).	simples
Campincho	corixo [do]	geomorfotopônimo	portuguesa + espanhola	campus + suf. esp. -icho (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Peinado ¹⁰³	corixo [do]	antropotopônimo	espanhola	esp. peinar – pentear-se: sobrenome.	simples
Três Capãos - Capões	corixo [dos]	numerotopônimo	portuguesa + tupi	lat. tres + tupi ka'a pu'ã (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Acorizinho ¹⁰⁴	córrego	fitotopônimo	bororo + portuguesa	bororo acori + suf. port. -z-inho (-); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Água Limpa	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + limpidus (Houaiss, 2009).	composta
Aguado	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua (Houaiss, 2009).	simples
Alegre	córrego	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. alicer: agradável (Houaiss, 2009).	simples
Araputanga ¹⁰⁵	córrego	fitotopônimo	tupi	ará – papagaio, putanga - pássaro vermelho: nome de uma árvore Gregório (1980b; 1980c); (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–

¹⁰³ - Peinado – Acreditamos que possa ser nome próprio de pessoa (sobrenome).

¹⁰⁴ - Acorizinho - Encontrada Acorizal - - acorizal - vem de acori, designativo de um tipo de coqueiro. <http://www.ipatrimonio.org/acorizal-centro-historico>. Acesso em 03/06/2024.

¹⁰⁵ - Araputanga – conforme Sampaio (1987, p. 197), a palavra *ará* desempenha a função de “nome dos papagaios grandes”, entra na composição de uma expressiva quantidade de palavras que nomeiam preferencialmente animais. Gregório (1980b, p. 444) apresenta *ará* como uma alteração de *guyrá* forma apocopada do guarani de *arara*. Gregório (1980c, p. 1068) apresenta a palavra *pitanga* com o sentido de avermelhado, pardo podendo ser escrito *-putanga* como ocorre em ibiraputanga, alteração de ibirapitanga (ibyrá +) para designar pau avermelhado, o pau- brasil. Na junção de ará + putanga comporia o sentido de pássaro vermelho. Assim, o topônimo, embora tenha como causa denominativa um pássaro avermelhado, em função toponímica é classificado como fitotopônimo por designar uma árvore abundante da região que, conforme Houaiss (2009), é o conhecido Mogno-Brasileiro.

Areidu ¹⁰⁶	córrego	litotopônimo	portuguesa	lat. harena (Houaiss, 2009).	simples
Boi Branco	córrego	zootopônimo	portuguesa + germânica	lat. bovis + germ. Blanck (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Boticão	córrego	ergotopônimo	francesa	fr. boter – fórceps + suf. port. -ão (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Cachoeirinha	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. coctio – ação de cozer, borbulhão, fervura (Houaiss, 2009).	simples
Capão Bonito	córrego	fitotopônimo	tupi + espanhola	tupi ka'apu'ã - mato redondo + bonito (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Caramujo	córrego	zootopônimo	portuguesa	orig. contrv.: animal (Houaiss, 2009).	simples
Carandá	córrego	fitotopônimo	tupi	kara'nda/ carandá, escamoso, cascudo, cheio de asperezas; planta (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Clemente	córrego	antropotopônimo	portuguesa	lat. Clementis, clemens: benigno, indulgente (Guérios, 1981).	simples
Conceição ¹⁰⁷	córrego	hierotopônimo	portuguesa	lat. conceptio (Houaiss, 2009).	simples
Corgão	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. hsp corrigus – rego ou vala onde se lavava os metais (Houaiss, 2009).	simples
Corixa	córrego	hidrotopônimo	orig. obsc.	orig. obsc.: canal que liga águas das lagoas (Houaiss, 2009).	–

¹⁰⁶ - Talvez Areado: “com muita areia, cheio ou coberto de areia” (Houaiss, 2009).

¹⁰⁷ - Conceição originou-se da expressão Nossa Senhora da Imaculada Conceição (concepção) (Guérios, 1981, p. 95), que, por sua vez, originou-se do verbo conceber.

Corixo	córrego	hidrotopônimo	orig. obsc.	orig. obsc.: canal que liga águas das lagoas (Houaiss, 2009).	–
Corregozinho	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. hsp. corrigus (Houaiss, 2009).	simples
Desperdício	córrego	animotopônimo disfórico	portuguesa	b. –baixo lat. desperditio (Houaiss, 2009).	simples
Embira	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi ‘mbira/ mbira, o descascado, o tirado da casca: árvore (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Espinal Comprido	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. spinus + complere (Houaiss, 2009).	composta
Estiva	córrego	hodotopônimo	italiana	it. stiva - ponte rústica construída com paus (Houaiss, 2009).	simples
Facão	córrego	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Ferrugem	córrego	litotopônimo	portuguesa	lat. Ferrugo (Houaiss, 2009).	simples
Figueirinha	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. figo: árvore (Houaiss, 2009).	simples
Forquilha	córrego	geomorfotopônimo	espanhola	esp. horquilla (Houaiss, 2009).	simples
Fundo	córrego	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. fundus (Houaiss, 2009).	simples
Gambá	córrego	zootopônimo	tupi	tupi Guá-mbá -o ventre aberto, a barriga oca: animal (Sampaio, 1987).	–
Grande	córrego	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	simples
Jaberão	córrego	não classificada	não classificada	não classificada.	não classificada

Jacobina ¹⁰⁸	córrego	corotopônimo	tupi	tupi yacuabinas, corr. ya-cuâ-apina: o que tem cascalho limpo (Sampaio, 1987).	–
João Crioulo	córrego	antropotopônimo	portuguesa	lat. Jo(h)annes + cria (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
José Francisco	córrego	antropotopônimo	portuguesa	lat. Josephus + lat. medieval Franciscus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Manhoso	córrego	animotopônimo disfórico	portuguesa	lat. vulg. mania (Houaiss, 2009).	simples
Mascate	córrego	sociotopônimo	árabe	top. Mascate cidade da Arábia -étimo não identificado (Houaiss, 2009).	–
Mata dos Paus	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. matta + palus (Houaiss, 2009).	composta
Mato Grande	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. matta + grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	composta
Mato Russo	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. matta + orig. contrv. (Houaiss, 2009).	composta
Morcego	córrego	zootopônimo	portuguesa	lat. muris; animal (Houaiss, 2009).	simples
Morro Branco	córrego	geomorfotopônimo	portuguesa + germânica	orig. contrv. + germ. blanck (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Onça Magra	córrego	zootopônimo	portuguesa	lat. lyncea + macer (Houaiss, 2009).	composta

¹⁰⁸ - Jacobina: - A Fazenda Jacobina, antigo Engenho da Jacobina, localiza-se à margem esquerda do rio Paraguai, a uma distância de 25 km da antiga Vila Maria do Paraguai, atual Cáceres, na então Província do Mato Grosso. Este latifúndio, estabelecido em 1769 pelo português Leonardo Soares de Sousa, logo se tornou um importante estabelecimento produtor de charque e de açúcar, que abastecia não só os grandes centros brasileiros como São Paulo e Rio de Janeiro, mas que também exportava para a Europa.

Padre Inácio	córrego	axiotopônimo	portuguesa	lat. pater + Egnatius (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009): padre espanhol (Inácio de Loyola).	composta
Palmital	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. palma: palmeira (Houaiss, 2009).	simples
Pansuno	córrego	não classificada	não classificada	não classificada.	não classificada
Pantanoso	córrego	geomorfotopônimo	italiana + portuguesa	it. pantano + suf. port. -oso (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Pescaria	córrego	sociotopônimo	portuguesa	lat. piscare (Houaiss, 2009).	simples
Ranchinho	córrego	sociotopônimo	espanhola + portuguesa	esp. rancho - pequeno sítio + suf. port. -inho (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Saloba/re	córrego	hidrotopônimo	portuguesa + espanhola	lat. sal + sob infl. do esp. obre/o (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Salobo/re	córrego	hidrotopônimo	portuguesa + espanhola	lat. sal + sob infl. do esp. obre/o (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Samambaia	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi çama'mbai - trançado de cordas: planta (Houaiss, 2009).	–
Sangradouro	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. sanguino (Houaiss, 2009).	simples
Sangradourozinho	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. sanguino (Houaiss, 2009).	simples
Sapezal	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	Yasa'pe - ver caminho ou aluminar – gramínea + suf. port. -z-al (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Seco	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. siccus: sem unidade (Houaiss, 2009).	simples

Taquara	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi ta'kwara /ta-quara, a haste furada: espécie de bambu (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Toca-Vaca	córrego	dirrematotopônimo	portuguesa	lat. vulg. toccare + vacca (Houaiss, 2009).	composta
Uvar ¹⁰⁹	córrego	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. valla (Houaiss, 2009).	simples
Vará ¹¹⁰	córrego	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. varo: atravessar (Houaiss, 2009).	simples
Velho	córrego	cronotopônimo	portuguesa	lat. vetulus: antigo (Houaiss, 2009).	simples
Campina	córrego [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. campus + suf. port. -ina (Houaiss, 2009).	simples
Laje	córrego [da]	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv.: placa de pedra (Houaiss, 2009).	simples
Laranjeira	córrego [da]	fitotopônimo	árabe + portuguesa	ár. narandja + suf. port. -eira: pé de laranja (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Limeira	córrego [da]	fitotopônimo	portuguesa	sobr. port. top. deriv. Limia (Guérios, 1981).	simples
pedra	córrego [da]	litotopônimo	portuguesa	lat. petra (Houaiss, 2009).	simples
Piscambinha ¹¹¹	córrego [da]	corotopônimo	não classificada	não classificada.	não classificada

¹⁰⁹ - Uvar - Acreditamos que seja *Uvala* que, conforme Guerra e Guerra (1997, p. 626) é o mesmo que *ouvala*: “depressões bem maiores que as dolinas existentes em terrenos calcários, e que lembram os sotche, do Maciço Central Francês” (Guerra; Guerra, 1997, p. 457). Existe também a unidade lexical *Uvaia* – “design. comum a algumas plantas da fam. das mirtáceas, com frutos ger. pequenos e comestíveis; uaieira, ubaieira, uvaieira, uvalheira” (Houaiss, 2009). Para fins deste trabalho, classificaremos como Uvala, geomorfotopônimo.

¹¹⁰ - Verbo varar?

¹¹¹ - Piscamba – Cidade de Minas Gerais.

Roça Velha	córrego [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. vulg. ruptiare – limpar campo + vetulus (Houaiss, 2009).	composta
Congonhas	córrego [das]	fitotopônimo	tupi	tupi coogõi - o que sustenta ou alimenta: é a erva-mate (Sampaio, 1987).	–
Flechas	córrego [das]	fitotopônimo	francesa	fr. flèche: erva (Houaiss, 2009).	simples
Percatas/ alpercatas	córrego [das]	ergotopônimo	árabe	ár. hsp. pargat: sandálias (Houaiss, 2009).	–
Piranhas	córrego [das]	zootopônimo	tupi	tupi pi'rāya/ pir-ãi, o que corta a pele: peixe (Sampaio, 1987).	–
Piraputangas	córrego [das]	zootopônimo	tupi	tupi pira – peixe / pi'tanga - avermelhado (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Pedra	córrego [de]	litotopônimo	portuguesa	lat. petra (Houaiss, 2009).	simples
Baú	córrego [do]	ergotopônimo	portuguesa	port. ant. Baul (Houaiss, 2009).	simples
Jejum	córrego [do]	animotopônimo disfórico	portuguesa	lat. jejunos (Houaiss, 2009).	simples
Largo	córrego [do]	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. largus (Houaiss, 2009).	simples
Moisés	córrego [do]	antropotopônimo	portuguesa	lat. Moses/Moyses (Guérios, 1981).	simples
Salto	córrego [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. saltus (Houaiss, 2009).	simples
Veados	córrego [do]	zootopônimo	portuguesa	lat. venatus: animal (Houaiss, 2009).	simples
Ajusta-Conta	estirão	dirrematotopônimo	portuguesa	lat. justus + computo (Houaiss, 2009).	composta

Seputuba	estirão	fitotopônimo	tupi	tupi içá-pó, alt. de icepó, cepó, çapó, sipó - galho-mão que tem a propriedade de se prender, de se enlear + tyba -o sítio, o lugar, onde há cipós: cipoal (Sampaio, 1987).	–
Barra do Rio Velho	estirão [da]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. barra + rius + vetulus (Houaiss, 2009).	composta
Ilha	estirão [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. insula (Houaiss, 2009).	simples
Pedras	estirão [das]	litotopônimo	portuguesa	lat. petra (Houaiss, 2009).	simples
Alegre	estirão [do]	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. alicer: animado (Houaiss, 2009).	simples
Cambará	estirão [do]	fitotopônimo	tupi	kamba'ra/ caá-mbará - planta variegada; (Houaiss, 2009).	–
Canabi	estirão [do]	fitotopônimo	tupi	tupi kuna'mbi: planta (Houaiss, 2009).	–
Jatobá	estirão [do]	fitotopônimo	tupi	tupi corr. yatay-ybá /yat-ybá, o fruto do yatahy – mosca branca: árvore frutífera (Sampaio, 1987).	–
Quati	estirão [do]	zootopônimo	tupi	Kua'ti/ qua-ti - o que é riscado, ou lanhado: animal (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Taquarizinho	estirão [do]	hidrotopônimo	tupi + portuguesa	tupi ta'kwara /ta-quara, a haste furada – espécie de bambu + suf. port. -z-inho: o rio das taquaras (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida

Quebra Nariz	furado	dirrematotopônimo	portuguesa	lat. crepo + lat. vulg. narica (Houaiss, 2009).	composta
Três Bocas	furado	numerotopônimo	portuguesa	lat. tres + bucca (Houaiss, 2009).	composta
Velhaco	furado	animotopônimo disfórico	espanhola	esp. bellaco: que engana (Houaiss, 2009).	simples
Campina	furado [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. campus + suf. port. -ina (Houaiss, 2009).	simples
Ilha da Baía Comprida	furado [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. insula + orig. duv. + lat. complere (Houaiss, 2009).	composta
Lenhada	furado [da]	ergotopônimo	portuguesa	lat. ligna: madeira (Houaiss, 2009).	simples
Palha	furado [da]	fitotopônimo	portuguesa	lat. palea: folha seca de cereal (Houaiss, 2009).	simples
Entregosto	furado [do]	cardinotopônimo	portuguesa	lat. Inter + gustus (Houaiss, 2009).	composta
Garrafão	furado [do]	ergotopônimo	portuguesa	orig. duv garrafa + suf. port. -ão. (Houaiss, 2009).	simples
Jacobina ¹¹²	furado [do]	corotopônimo	tupi	tupi yacuabinas, corr. ya-cuâ-apina: o que tem cascalho limpo (Sampaio, 1987).	_
Miguel	furado [do]	antropotopônimo	hebraica	hebr. Mikha (Guérios, 1981).	simples

¹¹² - A Fazenda Jacobina, antigo Engenho da Jacobina, localiza-se à margem esquerda do rio Paraguai, a uma distância de 25 km da antiga Vila Maria do Paraguai, atual Cáceres, na então Província do Mato Grosso. Este latifúndio, estabelecido em 1769 pelo português Leonardo Soares de Sousa, logo se tornou um importante estabelecimento produtor de charque e de açúcar, que abastecia não só os grandes centros brasileiros como São Paulo e Rio de Janeiro, mas que também exportava para a Europa.

Paratudal ¹¹³	furado [do]	fitotopônimo	portuguesa	paratudo + suf. port. -al: planta (Houaiss, 2009).	simples
Rio Velho	furado [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. rius + vetulus (Houaiss, 2009).	composta
Rio Vermelho	furado [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. rius + vermiculus - pequeno verme: cor (Houaiss, 2009).	composta
Tuiuiú	furado [do]	zootopônimo	tupi	tupi yam'biru -Jaburu: ave (Houaiss, 2009).	-
Baía Comprida	ilha	hidrotopônimo	portuguesa	orig. duvid. + lat. complere (Houaiss, 2009).	composta
Bela	ilha	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. bellus (Houaiss, 2009).	simples
Cascalho	ilha	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Grande	ilha	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. grandis - maior dimensão (Houaiss, 2009).	simples
Baía Comprida	ilha [da]	hidrotopônimo	portuguesa	orig. duvid. + lat. complere (Houaiss, 2009).	composta
Baiazinha	ilha [da]	hidrotopônimo	portuguesa	orig. duvid. + suf. port. -z-inha: lagoa em comunicação com rio (Houaiss, 2009).	simples
Campina	ilha [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. campus + suf. port. -ina (Houaiss, 2009).	simples

¹¹³ - Paratudal – regionalismo de Mato Grosso: extenso aglomerado de paratudos em determinada área (Souza, 1939); (Houaiss, 2009).

Ximbuva ¹¹⁴	ilha [da]	fitotopônimo	não classificada	árvore da espuma (nome científico <i>Enterolobium contortisiliquum</i>).	–
Pitas	ilha [das]	fitotopônimo	quíchua	quích. Pita: planta (Houaiss, 2009).	–
Barranco Vermelho	ilha [do]	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + lat. vermiculus - pequeno verme: cor (Houaiss, 2009).	composta
Castelão	ilha [do]	ecotopônimo	portuguesa	lat. castellanus (Houaiss, 2009).	simples
Morro Pelado	ilha [do]	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + lat. pilo (Houaiss, 2009).	composta
Tucum	ilha [do]	fitotopônimo	tupi	tupi tu'ku/ tu-cõ - o espinho alongado: planta (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Barra do Rio Velho	ilha da]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. Barra + rius + vetulus (Houaiss, 2009).	composta
Açu	lagoa	dimensiotopônimo	tupi	tupi gwa'su: grande (Houaiss, 2009).	–
Aguapé	lagoa	fitotopônimo	tupi	tupi aguá-pe - planta que cobre a superfície de água estagnada (Sampaio, 1987).	–
Aguazul	lagoa	hidrotopônimo	portuguesa + árabe	lat. aqua + ár. lazurd (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Arrozul	lagoa	fitotopônimo	árabe + portuguesa	ár. ár-ruzz + port. sul (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Baião	lagoa	ergotopônimo	portuguesa	Bahia (Houaiss, 2009).	simples

¹¹⁴ - Ximbuva - <https://old.cnpqc.embrapa.br/publicacoes/livros/plantastoxicadas/24ximbuva.html>

Bembeda	lagoa	não classificada	não classificada	não classificada.	não classificada
Boa Vista	lagoa	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. bonus + videre (Houaiss, 2009).	composta
Bonita	lagoa	animotopônimo eufórico	espanhola	esp. bonito (Houaiss, 2009).	simples
Cacundinho ¹¹⁵	lagoa	somatotopônimo	quimbundo + portuguesa	quimb. kakunda – deformidade na coluna vertebral + suf. port. –inho (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Caiçara ¹¹⁶	lagoa	ergotopônimo	tupi	Kaai'sa/ caá-içara, a estacada, o tapume, o cercado, a trincheira (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Chacororé	lagoa	não classificada	não classificada	não classificada.	não classificada
Chata	lagoa	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. vulg. plattus: plano (Houaiss, 2009).	simples
Comprida	lagoa	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. complere (Houaiss, 2009).	simples
Estacamento - Des	lagoa	sociotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Flechinha	lagoa	fitotopônimo	francesa + portuguesa	fr. flèche + suf. port. –inha: erva (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Formosa	lagoa	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. formosus: agradável (Houaiss, 2009).	simples
Funda	lagoa	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. fundus (Houaiss, 2009).	simples

¹¹⁵ - Cacundinho – Houaiss (2009) traz como regionalismo do Brasil: mesmo que corcunda “partidário dos portugueses e da manutenção do Brasil unido a Portugal, durante as guerras da independência” e “adepto do partido restaurador nos tempos da regência”.

¹¹⁶ - Caiçara “Paliçada em torno de aldeia indígena, para proteção contra inimigos ou animais (Houaiss, 2009).

Grande	lagoa	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	simples
Guapé – Aguapé	lagoa	fitotopônimo	tupi	tupi aguá-pe - planta que cobre a superfície de água estagnada (Sampaio, 1987).	–
Inhumas	lagoa	zootopônimo	tupi	tupi m.q. anhuma a'ñima: ave (Houaiss, 2009).	–
Inhunha	lagoa	zootopônimo	tupi	tupi m.q. anhuma a'ñima: ave (Houaiss, 2009).	–
Lagoa Rica	lagoa	hidrotopônimo	portuguesa + gótica	lat. lacuna + got. reiks (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Lagoau	lagoa	hidrotopônimo	portuguesa	lat. lacuna (Houaiss, 2009).	simples
Marquinho	lagoa	antropotopônimo	portuguesa	lat. Marcus (Guérios, 1981).	simples
Mata Escura	lagoa	fitotopônimo	portuguesa	lat. mätta + obscurus (Houaiss, 2009).	composta
Monjolinho	lagoa	ergotopônimo	quimbundo + portuguesa	Mansilu + suf. port. - inho (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Parnaíba ¹¹⁷	lagoa	hidrotopônimo	tupi	tupi pará-ayba - o rio ruim, impraticável (Sampaio, 1987).	–
Perdida	lagoa	animotopônimo disfórico	portuguesa	lat. perdo: não localizada (Houaiss, 2009).	simples
Pequizeiro	lagoa	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi pe'ki/pyquí -a casca áspera, espinhenta + suf. port. -z-inho: planta de fruto	simples híbrida

¹¹⁷ - Parnaíba – “PARAHYBA corr. Pará-ayba, o rio ruim, impraticável, à força de dificuldades naturais da corrente; rio imprestável” (Sampaio, 1987, P. 294). É, também, nome de um município no estado do Piauí.

				comestível (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	
Pitu	lagoa	zootopônimo	orig. obsc.	orig. obsc. libélula (Houaiss, 2009).	–
Piúva	lagoa	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi y'pê – casca de pau + lat. uva (Cunha, 1982); Ortêncio (1983); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Pó do Mico ¹¹⁸	lagoa	ergotopônimo	portuguesa + espanhola	lat. pulvus + caribe meku/miko por infl. do esp. (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Queimada	lagoa	igneotopônimo	portuguesa	lat. cremo (Houaiss, 2009).	simples
Redonda	lagoa	morfotopônimo	portuguesa	lat. rotundus (Houaiss, 2009).	simples
Santa Aparecida ¹¹⁹	lagoa	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + lat. tar. appareo (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Seca	lagoa	hidrotopônimo	portuguesa	lat. siccus: sem umidade (Houaiss, 2009).	simples
Taquira ¹²⁰ - Taquiri	lagoa	hidrotopônimo	tupi	tupi ta'kwara + i – o rio das taquaras pequena (Houaiss, 2009).	–
Tarumã	lagoa	fitotopônimo	tupi	tupi Taru'mã: planta (Houaiss, 2009).	–
Timbó	lagoa	fitotopônimo	tupi	tupi ti'mbó - o bafo, a fumarada, o vapor. planta cujo suco mata o peixe (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–

¹¹⁸ - Pó de Mico – pó produzido por substâncias que causam coceira.

¹¹⁹ - O Nome é de origem religiosa, da expressão Nossa Senhora Aparecida (Guérios, 1981, p. 59). Aparecida vem do verbo aparecer.

¹²⁰ - Taquira - Dicionarizada *Taquiri* – ave (mesmo que savacu), cujo étimo vem de taquari (taquara pequena) (Houaiss, 2009). Sampaio (1987, p. 327) traz *taquari* como o rio das taquaras pequenas. Consideramos como hidrotopônimo.

Uberaba ¹²¹	lagoa	hidrotopônimo	tupi	tupi y-beraba: a água brilhante (Sampaio, 1987).	–
Várzea Funda	lagoa	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + lat. Fundus (Houaiss, 2009).	composta
Vira Bicho	lagoa	dirrematotopônimo	francesa + portuguesa	fr. virer + lat. vulg. bestiu- (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Branças	lagoa [as]	etnotopônimo	germânica	germ. blanck (Houaiss, 2009).	simples
Anta	lagoa [da]	zootopônimo	árabe	ár. Lamta: animal (Houaiss, 2009).	simples
Canga	lagoa [da]	ergotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Capivara	lagoa [da]	zootopônimo	tupi	tupi kapii'gwara/ caapii-uára - o comedor de capim; o herbívoro: animal (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Carmelita	lagoa [da]	hierotopônimo	portuguesa	lat. carmelites: que pertence à ordem de Nossa Senhora do Carmo (Houaiss, 2009).	simples
Graça	lagoa [da]	hierotopônimo	portuguesa	lat. gratia (Houaiss, 2009).	simples
Mata	lagoa [da]	fitotopônimo	portuguesa	lat. matta: vegetação (Houaiss, 2009).	simples
Onça	lagoa [da]	zootopônimo	portuguesa	lat. lyncea: animal (Houaiss, 2009).	simples
Volta	lagoa [da]	morfotopônimo	portuguesa	v. lat. voltare: sinuosidade de um caminho, curso d'água (Houaiss, 2009).	simples

¹²¹ - Uberaba – “UBERABA co”. Y-beraba, à água brilhante, clara, transparente, cristalina. Minas Gerais. (Sampaio, 1987, p. 338). A denominação da lagoa Uberaba é anterior à cidade de Uberaba.

Araras	lagoa [das]	zootopônimo	tupi	tupi a'rara/ voz onomatopaica com que se designa os grandes papagaios + morfema port. -s - indicativo de número (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Marrecas	lagoa [das]	zootopônimo	portuguesa	orig. obsc: ave (Houaiss, 2009).	simples
Acampamento	lagoa [do]	sociotopônimo	portuguesa	lat. campus (Houaiss, 2009).	simples
Arrozinho	lagoa [do]	fitotopônimo	árabe + portuguesa	ár. ar- ruzz + suf. port. -inho (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Baião	lagoa [do]	ergotopônimo	portuguesa	Bahia (Houaiss, 2009).	simples
Barro	lagoa [do]	litotopônimo	portuguesa	pré-rom. barrum (Houaiss, 2009).	simples
Bol- Bul	lagoa [do]	não classificada	não classificada	não classificada.	não classificada
Brioso	lagoa [do]	animotopônimo eufórico	céltica	céltico brigos - coragem (Houaiss, 2009).	simples
Carretão	lagoa [do]	ergotopônimo	portuguesa	lat. vulg. carrus (Houaiss, 2009).	simples
Esperídio	lagoa [do]	antropotopônimo	portuguesa	lat. Spiridion (Guérios, 1981).	simples
Grama ¹²²	lagoa [do]	fitotopônimo	portuguesa	lat. gramma: ervas (Houaiss, 2009).	simples
Mato	lagoa [do]	fitotopônimo	portuguesa	lat. matta: vegetação (Houaiss, 2009).	simples
Meio	lagoa [do]	cardinotopônimo	portuguesa	lat. medius (Houaiss, 2009).	simples
Melancial	lagoa [do]	fitotopônimo	africana + portuguesa	afr. Balancia + suf. port. -al (Houaiss, 2009).	simples híbrida

¹²² - Grama – foi considerada erva, embora haja a preposição *do* traduzindo a ideia de unidade de medida.

Minador	lagoa [do]	hidrotopônimo	francesa + portuguesa	fr. ant. mine + lat. aurum: mina d'água (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Paiol	lagoa [do]	ecotopônimo	catalã	cat. pallol - depósito de produtos agrícolas (Houaiss, 2009).	simples
Pau seco ¹²³	lagoa [do]	ergotopônimo	portuguesa	lat. palus + siccus (Houaiss, 2009).	composta
Pilão	lagoa [do]	ergotopônimo	francesa	fr. pilon – instrumento de pilar, tirar a casca, moer (Houaiss, 2009).	simples
Pirizal ¹²⁴	lagoa [do]	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi piripi'ri - o junco + suf. port. -z-al: planta (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Retiro	lagoa [do]	sociotopônimo	portuguesa	orig. obsc.: lugar (Houaiss, 2009).	simples
Sapé	lagoa [do]	fitotopônimo	tupi	tupi yasa'pe - ver caminho ou aluminar: – gramínea (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Servo - Cervo	lagoa [do]	zootopônimo	portuguesa	lat. cervus: animal - veado (Houaiss, 2009).	simples
Tanque	lagoa [do]	ergotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Patos ¹²⁵	lagoa [dos]	zootopônimo	portuguesa	orig. onom.: ave (Houaiss, 2009).	simples
Bela Vista	lagoa d[a]	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. bellus + videre (Houaiss, 2009).	composta
Branco	morro	cromotopônimo	germânica	germ. blanck (Houaiss, 2009).	simples

¹²³ - Pau Seco – Foi considerado, para fins de classificação, que se trata de uma espécie vegetal que sofreu a ação do homem, perdendo a vitalidade, ao ser retirada da natureza.

¹²⁴ - Pirizal - extenso aglomerado de piris em determinada área; juncal (Souza, 1939); (Houaiss, 2009).

¹²⁵ - Pato – originou-se de uma onomatopeia (Houaiss, 2009).

Comprido	morro	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. complere (Houaiss, 2009).	simples
Grande	morro	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	simples
Morrinho	morro	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Pelado	morro	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. pilo (Houaiss, 2009).	simples
São Alberto	morro	hagiotopônimo	portuguesa + germânica	lat sanctus - que tem caráter sagrado + germ. Aubert (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Veados	morro	zootopônimo	portuguesa	lat. venatus: animal (Houaiss, 2009).	simples
Gaíva ¹²⁶ - Guaíba	morro [da]	hidrotopônimo	tupi	tupi gua-y-be: enseada, baía (Sampaio, 1987).	–
Sauna ¹²⁷	morro [da]	hidrotopônimo	finlandesa	finl. sauna (Houaiss, 2009).	–
Serrinha	morro [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. serra (Houaiss, 2009).	simples
Filipinas	morro [das]	corotopônimo	francesa	fr. Philippine (Houaiss, 2009).	simples
Caixão	morro [do]	ergotopônimo	portuguesa	lat. capsula – caixa longa (Houaiss, 2009).	simples
Cedra	morro [do]	fitotopônimo	portuguesa	lat. cedrus: árvore (Houaiss, 2009).	simples
Costa	morro [do]	antropotopônimo	portuguesa	sobr. port. top. Costa (Guérios, 1981).	simples
Pato ¹²⁸	morro [do]	zootopônimo	portuguesa	orig. onom.: ave (Houaiss, 2009).	simples

¹²⁶ - Gaíva – Sampaio (1987, p. 235) apresenta “GUAHYBA Antigamente guaybe, e. gua-y-be, que quer dizer na enseada, na baía”. (Houaiss, 2009) apresenta gaíva “entalhe feito com goiva; goivadura”.

¹²⁷ - Sauna – foi considerado o aspecto da água.

¹²⁸ - Patos -originou-se de uma onomatopeia (Houaiss, 2009).

Pital ¹²⁹	morro [do]	fitotopônimo	quíchua + portuguesa	quích. pita + suf. port. – al: planta (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Salto	morro [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. saltus (Houaiss, 2009).	simples
Mortos	morro [dos]	animotopônimo disfórico	portuguesa	lat. mortuus (Houaiss, 2009).	simples
Pantanal	pantanal	geomorfotopônimo	italiana + portuguesa	it. pantano + suf. port. –al (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Baiazinha	pantanal [da]	hidrotopônimo	portuguesa	orig. duvid. + suf. port. –z-inha: lagoa em comunicação com rio (Houaiss, 2009).	simples
Cabaça	pantanal [da]	fitotopônimo	portuguesa	orig. obsc., talvez pré-romana: espécie de planta (Houaiss, 2009).	simples
Três Bocas	pantanal [das]	numerotopônimo	portuguesa	lat. tres, tria + bucca (Houaiss, 2009).	composta
Padre Inácio	pantanal [do]	axiotopônimo	portuguesa	lat. pater + Egnatius (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009): padre espanhol (Inácio de Loyola).	composta
Inhadona	praia [da]	axiotopônimo	portuguesa	orig. contrv. – sinhá + dominus (Houaiss, 2009).	composta
Éguas	praia [das]	zootopônimo	portuguesa	lat. équa: animal (Houaiss, 2009).	simples
São Sebastião	riacho	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus- que tem caráter sagrado + lat. Sebastianus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta

¹²⁹ - Pital – Pensamos que seja Piteira: “planta (*Furcraea foetida*) da fam. das agaváceas, de folhas mucronadas e flores branco-esverdeadas, com cheiro desagradável, em inflorescência gigantesca, nativa de regiões tropicais das Américas, cultivada como ornamental e para extração de fibras e tanino; gravatá-açu, piteira” (Houaiss, 2009).

Arrojado ¹³⁰	ribeirão	animotopônimo eufórico	espanhola	esp. arrojar (Houaiss, 2009).	simples
Costa	ribeirão	antropotopônimo	portuguesa	sobr. port. top. Costa (Guérios, 1981).	simples
Jacobina ¹³¹	ribeirão	corotopônimo	tupi	tupi yacuabinas, corr. ya-cuâ-apina: o que tem cascalho limpo (Sampaio, 1987).	–
Lajinha	ribeirão	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv. placa de pedra + suf. port. -inha (Houaiss, 2009).	simples
Moreira	ribeirão	antropotopônimo	portuguesa	sobr. port. top. deriv. de amoreira (Guérios, 1981).	simples
Piscamba ¹³²	ribeirão	corotopônimo	não classificada	não classificada.	não classificada
São Firmino	ribeirão	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Firminus (Houaiss, 2009).	composta
São Pedrinho	ribeirão	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + lat. petrus (Guérios, 1981) (Houaiss, 2009).	composta
São Pedro	ribeirão	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + lat. petrus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta

¹³⁰ Arrojado: “que se arrojou, que se atirou; “que revela ou em que há arrojo; temerário, arriscado (Houaiss, 2009). Além do sentido dicionarizado poderia ser uma homenagem ao Arrojado Lisboa?

¹³¹ - A Fazenda Jacobina, antigo Engenho da Jacobina, localiza-se à margem esquerda do rio Paraguai, a uma distância de 25 km da antiga Vila Maria do Paraguai, atual Cáceres, na então Província do Mato Grosso. Este latifúndio, estabelecido em 1769 pelo português Leonardo Soares de Sousa, logo se tornou um importante estabelecimento produtor de charque e de açúcar, que abastecia não só os grandes centros brasileiros como São Paulo e Rio de Janeiro, mas que também exportava para a Europa.

¹³² - Piscamba – cidade de Minas Gerais.

Lajes	ribeirão [das]	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv.: placa de pedra (Houaiss, 2009).	simples
Cristal	ribeirão [do]	litotopônimo	portuguesa	lat. <i>crystallum</i> – vidro (Houaiss, 2009).	simples
Bracinho	rio	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. <i>bracciu</i> (Houaiss, 2009).	simples
Cabaçal	rio	fitotopônimo	portuguesa	org. obsc., talvez pré-romana: aglomerado de cabaças - planta + suf. port. -al (Houaiss, 2009).	simples
Formoso	rio	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. <i>formosus</i> : agradável (Houaiss, 2009).	simples
Jauru	rio	zootopônimo	tupi	tupi Jauru - <i>yau-r-ú</i> : os jaús comem ou onde há jaús - peixe (Sampaio, 1987).	–
Paraguai ¹³³	rio	hidrotopônimo	tupi	tupi Paraguá-y - o rio dos papagaios (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Paraguaizinho	rio	hidrotopônimo	tupi + portuguesa	tupi Paraguá-y - o rio dos papagaios + suf. port. -z-inho (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
São Marcos	rio	hagiotopônimo	portuguesa	lat. <i>sanctus</i> - que tem caráter sagrado + lat. <i>Marcus</i> (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Septuba	rio	fitotopônimo	tupi	tupi <i>içá-pó</i> , alt. de <i>icepó</i> , <i>cepó</i> , <i>çapó</i> , <i>sipó</i> - galho-mão que tem a propriedade de se prender, de se	–

¹³³ - Paraguai – “PARAGUAY e. Paraguá-y, o rio dos papagaios. Pode também significar o rio dos cocares ou das coroas” (Sampaio, 1987).

				enlear + tyba -o sítio, o lugar, onde há cipós: cipoal (Sampaio, 1987).	
Taiamã	rio	zootopônimo	tupi	étimo indeterminado – pássaro	–
Ixu	rio [do]	etnotopônimo	tupi	tupi i'x-ú - indígena pertencente ao grupo dos ixus (Houaiss, 2009).	–
Roncador	riozinho [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. rhoncho – ressonar (Houaiss, 2009).	simples
Grande	sangradouro	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	simples
Sangradourozinho	sangradourozinho	hidrotopônimo	portuguesa	lat. sanguino (Houaiss, 2009).	simples
Água Branca	serra	hidrotopônimo	portuguesa + germânica	lat. aqua + germ. Blanck (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Azul	serra	cromotopônimo	árabe	ár. lazurd (Houaiss, 2009).	–
Bebedouro	serra	hidrotopônimo	portuguesa	lat. Bibitor (Houaiss, 2009).	simples
Bocaina do Espinhal Comprido	serra	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. bucca + lat. spina + complere (Houaiss, 2009).	composta
Boiada	serra	zootopônimo	portuguesa	lat. bovis + suf. -ada (Houaiss, 2009).	simples
Bom Jardim	serra	animotopônimo eufórico	portuguesa + francesa	lat. bonus + fr. jardin (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Branca	serra	cromotopônimo	germânica	germ. blanck (Houaiss, 2009).	simples
Chapadinha	serra	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples

Chapola ¹³⁴	serra	zootopônimo	espanhola	esp. étimo não identificado (educalingo.com) – mariposa.	–
Fazenda Velha	serra	sociotopônimo	portuguesa	lat. vulg. facenda + lat. vetulus (Houaiss, 2009).	composta
Flechinhas	serra	fitotopônimo	francesa + portuguesa	fr. flèche + suf. port. –inhas: erva (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Grande	serra	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	simples
Inhaúma	serra	zootopônimo	tupi	tupi m.q. anhuma a'ñima: ave (Houaiss, 2009).	–
Linda	serra	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. limpidus: puro (Houaiss, 2009).	simples
Poço	serra	hidrotopônimo	portuguesa	lat. puteus: buraco (Houaiss, 2009).	simples
Ponta do Morro	serra	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. tar. puncta + orig. contrv. (Houaiss, 2009).	composta
Santana	serra	hagiotopônimo	portuguesa + hebraica	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + hebr. Hana/Hannah – graça, clemência (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
São João da Posse	serra	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Jo(h)annes + lat. posse (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Tarumã	serra	fitotopônimo	tupi	tupi Taru'mã: planta (Houaiss, 2009).	–

¹³⁴ - Chapola: Mariposa (Diccionario de la Lengua Española).

Baiazinha	serra [da]	hidrotopônimo	portuguesa	orig. duvid. + suf. port. -z-inha: lagoa em comunicação com rio (Houaiss, 2009).	simples
Bocaina	serra [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. bucca (Houaiss, 2009).	simples
Bocaiuva	serra [da]	fitotopônimo	tupi	tupi mboka'iwa – fruto que abre (Houaiss, 2009).	–
Cachoeira	serra [da]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. coctio – ação de cozer, borbulhão, fervura (Houaiss, 2009).	simples
Cachoeirinha	serra [da]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. coctio – ação de cozer, borbulhão, fervura (Houaiss, 2009).	simples
Campina	serra [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. campus + suf. port. -ina (Houaiss, 2009).	simples
Campinha	serra [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. campus + suf. port. -inha (Houaiss, 2009).	simples
Colônia	serra [da]	sociotopônimo	portuguesa	lat. colônia (Houaiss, 2009).	simples
Lagoa do Espinho	serra [da]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. lacuna + spinus (Houaiss, 2009).	composta
laje	serra [da]	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv.: placa de pedra (Houaiss, 2009).	simples
Larga	serra [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. largus (Houaiss, 2009).	simples
Lavanderia	serra [da]	sociotopônimo	francesa	fr. lavanderie (Houaiss, 2009).	simples
Morraria	serra [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Palmeira	serra [da]	fitotopônimo	portuguesa	lat. palma: planta (Houaiss, 2009).	simples

Pedra Branca	serra [da]	litotopônimo	portuguesa + germânica	lat. petra + germ. Blanck (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Primavera	serra [da]	fitotopônimo	portuguesa	lat. tar. prima vera (Houaiss, 2009).	simples
Várzea Funda	serra [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + lat. Fundus (Houaiss, 2009).	composta
Vereda ¹³⁵	serra [da]	hidrotopônimo	portuguesa	B. -lat. vereda/veredus (Houaiss, 2009).	simples
Araras	serra [das]	zootopônimo	tupi	tupi a'rara/ voz onomatopaica com que se designa os grandes papagaios + morfema port. -s - indicativo de número (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	-
Piraputangas	serra [das]	zootopônimo	tupi	tupi pira - peixe / pi'tanga - avermelhado (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	-
Acorizal ¹³⁶	serra [do]	fitotopônimo	bororo + portuguesa	bororo acori + suf. port. -zal: palmeira (-); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Atoledol ¹³⁷	serra [do]	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Barranco Vermelho	serra [do]	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + lat. vermiculus - pequeno verme: cor (Houaiss, 2009).	composta
Barreiro	serra [do]	litotopônimo	portuguesa	pré-rom. barrum (Houaiss, 2009).	simples
Bocaina Feia	serra [do]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. Bucca + foedus (Houaiss, 2009).	composta

¹³⁵ - Vereda – Regionalismo: Minas Gerais, Centro-Oeste do Brasil: “curso de água orlado por buritizais” (Houaiss, 2009).

¹³⁶ - Encontrada Acorizal - - acorizal - vem de acori, designativo de um tipo de coqueiro. <http://www.ipatrimonio.org/acorizal-centro-historico>. Acesso em 03/06/2024.

¹³⁷ - De atolar?

Bocainão	serra [do]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. bucca + suf. port. -ão (Houaiss, 2009).	simples
Boi	serra [do]	zootopônimo	portuguesa	lat. bovis (Houaiss, 2009).	simples
Boi do Mato	serra [do]	zootopônimo	portuguesa	lat. bovis + matta (Houaiss, 2009).	composta
Boi Morto	serra [do]	zootopônimo	portuguesa	lat. bovis + mortuus (Houaiss, 2009).	composta
Carneiro	serra [do]	zootopônimo	portuguesa	lat. vulg. Carnariu: animal (Houaiss, 2009).	simples
Cedro	serra [do]	fitotopônimo	portuguesa	lat. cedrus: árvore (Houaiss, 2009).	simples
Corixão	serra [do]	hidrotopônimo	orig. obsc. + portuguesa	orig. obsc.: canal que liga as águas das lagoas + suf. port. -ão: (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Descalvado	serra [do]	geomorfotopônimo	portuguesa	pref. port. des- + lat. calvus + suf. port. -inho (Houaiss, 2009).	simples
Facão	serra [do]	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Lobo	serra [do]	zootopônimo	francesa	lat. lúpus: animal (Houaiss, 2009).	simples
Marimbondo	serra [do]	zootopônimo	quimbundo	quimb. mari'mbondo: inseto (Houaiss, 2009).	–
Melancia	serra [do]	fitotopônimo	africana + portuguesa	afr. Balancia + suf. port. -al: plantaçã de melancia/ fruta (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Moquem	serra [do]	fitotopônimo	tupi	tupi mboka'i/ moquem corr. mocaé ou mô-caê - o assador; gradeado de varas sobre brasas para assar a caça ou	–

				peixe (Sampaio (1987); (Houaiss, 2009)).	
Morrinho	serra [do]	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Paratudalzin ¹³⁸	serra [do]	fitotopônimo	portuguesa	paratudo + suf. port. -al, -z-inho: planta (Houaiss, 2009).	simples
Retiro	serra [do]	sociotopônimo	portuguesa	orig. obsc.: lugar (Houaiss, 2009).	simples
Simão Nunes	serra [do]	antropotopônimo	portuguesa	abrev. de Simeão + sobr. port. patron. de nuno (Guérios, 1981).	composta
Tucum	serra [do]	fitotopônimo	tupi	tupi tu'ku/ tu-cõ - o espinho alongado: planta (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	-
Padre Inácio	vazante	axiotopônimo	portuguesa	lat. pater + Egnatius (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009): padre espanhol (Inácio de Loyola).	composta
Cabeceira	vazante [da]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. capitia – cabeça (Houaiss, 2009).	simples
Santo Antônio	vazante [de]	hagiotopônimo	portuguesa	lat sanctus - que tem caráter sagrado + Antonius (Guérios, 1981) (Houaiss, 2009).	composta
Chico Correia	vazante [do]	antropotopônimo	portuguesa	lat. Franciscus + sobr. port. Corriolas e Correias (Guérios, 1981).	composta

¹³⁸ - Paratudalzin – Paratudalzinho: diminutivo de Paratudal: regionalismo de Mato Grosso: extenso aglomerado de paratudos em determinada área (Souza, 1939); (Houaiss, 2009).

Inhatium	vazante [do]	zootopônimo	tupi	tupi corr. nhati-ú - o que pica com o ferrão: mosquito pernilongo (Sampaio, 1987).	–
Mamão	vazante [do]	fitotopônimo	portuguesa	lat. mamma fruta (Houaiss, 2009).	simples
Simão	vazante [do]	antropotopônimo	portuguesa	abrev. de Simeão (Guérios, 1981).	simples
Comprida	vereda	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. complere (Houaiss, 2009).	simples
Imbaúba ¹³⁹ – Embaúba	vereda [da]	fitotopônimo	tupi	tupi amba’iwa/ emba-yba - a árvore de oco; espécie de bambu (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Imbuia ¹⁴⁰	vereda [da]	fitotopônimo	tupi	tupi de étimo indeterminado: árvore usada na marcenaria (Houaiss, 2009).	–
Poço d’água	vereda [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. puteus - buraco + aqua (Houaiss, 2009).	composta
Alegre	volta	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. alicer: agradável (Houaiss, 2009).	simples
João Caetano	volta	antropotopônimo	portuguesa	lat. Jo(h)annes + Caietanus (Guérios, 1981).	composta
Praia Alta	volta [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. medv. plagia + lat. altus (Houaiss, 2009).	composta

¹³⁹ - Imbaúba – dicionarizada em (Houaiss, 2009) embaúba: “design. comum às árvores do gên. Cecropia, da fam. das cecropiáceas, com troncos fistulosos, grandes folhas peltadas, ger. palmatífidas, ásperas e discolors, flores em espigas e pequenos frutos nuciformes [Ocorrem nas regiões tropicais americanas, várias no Brasil; as folhas são us. como lixas, e dos troncos, freq. habitados por formigas, extraem-se fibras e polpa para papel.]”.

¹⁴⁰ - Imbuia – Houaiss (2009) apresenta como árvore de grande porte cuja madeira é usada na marcenaria de luxo. Sampaio (1987, p. 248) apresenta imbú “corr. Y-mb-ú, a árvore que dá de beber; alusão aos tubérculos grandes desta planta (Spondias uberosa), que, nas raízes, segregam água e matam a sede aos viajantes do sertão em tempo de seca”l. E, também “imbuá corr. Amboã, e. a-mbo-ã, pêlos erguidos ou levantados. Designa a lagarta felpuda entre os índios”.

Tabatinga ¹⁴¹	volta [da]	corotopônimo	tupi	tupi tauá-tinga - o barro branco (Sampaio, 1987).	–
Pedrinhas	volta [das]	litotopônimo	portuguesa	lat. petra (Houaiss, 2009).	simples
Acorizal ¹⁴²	volta [do]	fitotopônimo	bororo + portuguesa	bororo acori + suf. port. –al (-); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Angical	volta [do]	fitotopônimo	orig. obsc. + portuguesa	angico orig. obsc. – árvore + suf. port. al (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Anzol	volta [do]	ergotopônimo	portuguesa	lat. Hamiceolus/ hamus (Houaiss, 2009).	simples
Barreiro	volta [do]	litotopônimo	portuguesa	pré-rom. barrum (Houaiss, 2009).	simples
Carreirão ¹⁴³	volta [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. carraria (Houaiss, 2009).	simples
Cedro	volta [do]	fitotopônimo	portuguesa	lat. cedrus: árvore (Houaiss, 2009).	simples
Manoel Carneiro,	volta [do]	antropotopônimo	hebraica + portuguesa	hebr. Emanuel + sobr. port. primit. (Guérios, 1981).	composta híbrida
Martírio	volta [do]	animotopônimo disfórico	grega	gr. Martúrion: sofrimento (Houaiss, 2009).	simples
Pacu Peva	volta [do]	zootopônimo	tupi	tupi Paku'pewa/ corr. pag-ú –rápido no comer + pewa – achatado: peixe (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta
Paraíba	volta [do]	corotopônimo	tupi	tupi Pará-ayba - o rio ruim, impraticável (Sampaio, 1987).	–

¹⁴¹ - Tabatinga – Município em São Paulo. A primeira acepção em Houaiss (2009) é “qualquer tipo de argila mole e untuosa, sedimentar, de colorações diversas”.

¹⁴² - Acorizal - vem de acori, designativo de um tipo de coqueiro. <http://www.ipatrimonio.org/acorizal-centro-historico>. Acesso em 03/06/2024.

¹⁴³ - Carreirão: Regionalismo do Centro-Oeste: “correnteza, corredeira” (Houaiss, 2009).

Poção	volta [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. puteus: buraco (Houaiss, 2009).	simples
Pocinho	volta [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. puteus: buraco (Houaiss, 2009).	simples
CURVELÂNDIA					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Ling.	Etimologia	Estrutura do topônimo
Rica	baia	animotopônimo eufórico	gótica	gót. reiks: que tem abundância de algo (Houaiss, 2009).	simples
São Sebastião	córrego	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + lat. Sebastianus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Seco	córrego	hidrotopônimo	português	lat. siccus: sem umidade (Houaiss, 2009).	simples
Veredinha ¹⁴⁴	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	b. -lat. vereda/veredus (Houaiss, 2009)	simples
Macacos	córrego [dos]	zootopônimo	africana	prov. afr. (Houaiss, 2009).	simples
Tamanduá	furado [do]	zootopônimo	tupi	tupi ta-monduí - o caçador de formigas: animal (Sampaio, 1987).	—
Curva do Boi	lagoa	morfotopônimo	portuguesa	lat. curvus + bovis (Houaiss, 2009).	composta
João Almeida	lagoa	antropotopônimo	portuguesa	lat. Jo(h)nes + sobr. port. top. do ár. (al) mesa (meida) (Guérios, 1981).	composta

¹⁴⁴ - Vereda – Regionalismo: Minas Gerais, Centro-Oeste do Brasil: “curso de água orlado por buritizais” (Houaiss, 2009).

Cabaçal	rio	fitotopônimo	portuguesa	orig. obsc., talvez pré-romana: aglomerado de cabaças - planta + suf. port. -al (Houaiss, 2009).	simples
LAMBARI D'OESTE					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Ling.	Etimologia	Estrutura do topônimo
Jaguatirica	cachoeira	zootopônimo	tupi	tupi yaguá-tirica, a onça tímida, fujona (Sampaio, 1987).	–
Jacaré	cachoeira [do]	zootopônimo	tupi	tupi yaka're/ - aquele que é torto, ou sinuoso: animal (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Barreirão	córrego	litotopônimo	portuguesa	pré-rom. barrum (Houaiss, 2009).	simples
Bocaina	córrego	geomorfotopônimo	portuguesa	lat bucca (Houaiss, 2009).	simples
Candelária	córrego	hierotopônimo	portuguesa	lat. candeia (Houaiss, 2009).	simples
Carne com Banana	córrego	somatotopônimo	portuguesa + africana	lat. caro, carnis + afr. (Raymundo, 1933); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Corgão	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. hsp corrigus – rego ou vala onde se lavava os metais (Houaiss, 2009).	simples
Cruz	córrego	hierotopônimo	portuguesa	lat. crux (Houaiss, 2009).	simples
Curral Velho	córrego	ergotopônimo	portuguesa	lat. currus/ currale + vetulus (Houaiss, 2009).	composta
Figueira	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. figo (Houaiss, 2009).	simples

Flecheiro ¹⁴⁵	córrego	sociotopônimo	francesa + portuguesa	francês fléche + suf. port. – eiro: soldado que faz uso de arco e flecha, nos antigos exércitos (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Lambari	córrego	zootopônimo	tupi	tupi lambari – alambari - o peixinho de água doce (Cunha, 1982); (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Palmital	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. palma: palmeira (Houaiss, 2009).	simples
Pissarrão ¹⁴⁶	córrego	litotopônimo	espanhola + portuguesa	esp. pizarra + suf. port. –ão (Houaiss, 2009).	simples híbrida
São Pedro	córrego	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Petrus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Taquarussu ¹⁴⁷ - Taquaruçu	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi taquar-uçú - a cana grande, a taquara grossa (Sampaio, 1987).	–
Tatu	córrego	zootopônimo	tupi	tupi ta-tú - o casco encorpado, ou grosso, couraça: animal (Sampaio, 1987).	–
Vamos-ver	córrego	dirrematotopônimo	portuguesa	lat. eo, is + videre (Houaiss, 2009).	composta
Pedrinhas	córrego [das]	litotopônimo	portuguesa	lat. petra (Houaiss, 2009).	simples
Pontes	córrego [das]	hodotopônimo	portuguesa	lat. pons, pontis (Houaiss, 2009).	simples

¹⁴⁵ - Flecheiro – “Nos exércitos antigos, soldado que fazia uso de arco e flecha” (Houaiss, 2009).

¹⁴⁶ - Dicionarizada Piçarra – “material semidecomposto, originado da mistura de fragmentos de rocha, areia e concreções ferruginosas, conservando, ainda, vestígios da textura original da rocha; piçarro, tapururuca” (Houaiss, 2009).

¹⁴⁷ - Dicionarizada taquaruçu do tupi takwaru'su – “planta (Chusquea gaudichaudii) da fam. das gramíneas, nativa do Brasil (SP ao RS), usada para ripas, papel e obras trançadas, folhas lanceoladas e panículas compostas; bambu-gigante, bambu-trepador, taquara-brava” (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).

Monteiro	córrego [do]	antropotopônimo	portuguesa	sbr. port. prim. alcunha - caçador dos montes (Guérios, 1981).	simples
Veados	córrego [dos]	zootopônimo	portuguesa	lat. venatus: animal (Houaiss, 2009).	simples
Comprido	estirão [do]	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. complere (Houaiss, 2009).	simples
Couro de Selva	estirão [do]	ergotopônimo	portuguesa	lat. corium + silva (Houaiss, 2009).	composta
Retiro	estirão [do]	sociotopônimo	portuguesa	orig. obsc.: lugar (Houaiss, 2009).	simples
Rio vermelho	furado [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. rius + vermiculus - pequeno verme: cor (Houaiss, 2009).	composta
Branco	rio	cromotopônimo	germânica	germ. blanck (Houaiss, 2009).	simples
Cabaçal	rio	fitotopônimo	portuguesa	orig. obsc., talvez pré-romana: aglomerado de cabaças - planta + suf. port. -al (Houaiss, 2009).	simples
Onça Magra	rio	zootopônimo	portuguesa	lat. lyncea + macer (Houaiss, 2009).	composta
Sepotuba	rio	fitotopônimo	tupi	tupi içá-pó, alt. de icepó, cepó, çapó, sipó - galho-mão que tem a propriedade de se prender, de se enlear + tyba -o sítio, o lugar, onde há cipós – cipoal (Sampaio, 1987).	–
Vermelho	rio	cromotopônimo	portuguesa	lat. vermiculus - pequeno verme: cor (Houaiss, 2009).	simples
Ixu	rio [do]	etnotopônimo	tupi	tupi Ei'xu -indígena pertencente ao grupo dos Ixus (Houaiss, 2009).	–
Bugres	rio [dos]	etnotopônimo	francesa	fr. bougre: indígena (Houaiss, 2009).	simples

RIO BRANCO					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Ling.	Etimologia	Estrutura do topônimo
Bracinho I	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. bracciu + unus (Houaiss, 2009).	composta
Bracinho II	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. bracciu + duos (Houaiss, 2009).	composta
Corgão	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. hsp corrigus – rego ou vala onde se lavava os metais (Houaiss, 2009).	simples
Figueira	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. figo: planta (Houaiss, 2009).	simples
Goiabeira	córrego	fitotopônimo	aruaque + portuguesa	aruaco, guaiava, goiaba – ajuntamento de caroços + suf. port. português -eira: pé de goiaba/fruta (Cardoso, 1961); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Onça	córrego [da]	zootopônimo	portuguesa	lat. lyncea: animal (Houaiss, 2009).	simples
Pito	córrego [do]	zootopônimo	portuguesa	orig. obsc. libélula: inseto (Houaiss, 2009).	simples
Veado	córrego [do]	zootopônimo	portuguesa	lat. venatus: animal (Houaiss, 2009).	simples
Macaco	córrego [dos]	zootopônimo	orig. duv. talv. afr.	orig. duv. prov. afr.: animal (Houaiss, 2009).	simples
Bracinho	rio	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. bracciu (Houaiss, 2009).	simples
Branco	rio	cromotopônimo	portuguesa	germ. Blanck (Houaiss, 2009).	simples

Cabaçal	rio	fitotopônimo	orig. obsc. + portuguesa	orig. obsc., talvez pré-romana: aglomerado de cabaças - planta + suf. port. -al (Houaiss, 2009).	simples
Jiboia	rio	zootopônimo	tupi	tupi gihi-boy, a cobra de rãs (Sampaio, 1987).	–
Pedras	rio	litotopônimo	portuguesa	lat. petra (Houaiss, 2009).	simples
Pedras	rio [das]	litotopônimo	portuguesa	lat. petra (Houaiss, 2009).	simples
Fortuna	serra [da]	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. fortuna – sorte, quinhão, posição, bens (Houaiss, 2009).	simples
Monte Cristo	serra [de]	corotopônimo	portuguesa	lat. mons, ntis + Christus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009): município de São Paulo.	composta
SALTO DO CÉU					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Origem Ling.	Etimologia	Estrutura do topônimo
Rio Jubinha	cabeceira [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. rius + juba (Houaiss, 2009).	composta
Salto do Céu	cachoeira	hidrotopônimo	portuguesa	lat. saltus + caelum (Houaiss, 2009).	composta
Parecis	chapadão [dos]	etnotopônimo	pareci-aruaque	pareci, paricí, corruptela de arití: grupo indígena (Cardoso, 1961).	–

Amarrado ¹⁴⁸	córrego	fitotopônimo	francesa	fr. amarrer + suf. port. -ado (Houaiss, 2009).	simples + híbrida
Barreiro	córrego	litotopônimo	portuguesa	pré-rom. barrum (Houaiss, 2009).	simples
Bracinho I	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. bracciu + lat. unus (Houaiss, 2009).	composta
Caramujo	córrego	zootopônimo	portuguesa	orig. contrv.: animal (Houaiss, 2009).	simples
Conceição ¹⁴⁹	córrego	hierotopônimo	portuguesa	lat. conceptio (Houaiss, 2009).	simples
Congere	córrego	não classificada	não classificada	não classificada.	não classificada
Curiango	córrego	zootopônimo	quimbundo	quimb. Kurianka: ave (Houaiss, 2009).	–
Goiabeira	córrego	fitotopônimo	aruaque + portuguesa	aruaco, guaiava, goiaba– ajuntamento de caroços + suf. port. -eira: pé de goiaba/fruta (Cardoso, 1961); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Grande	córrego	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. grandis – grande – maior dimensão (Houaiss, 2009).	simples
Jacutinga	córrego	zootopônimo	tupi	tupi yacú-tinga, o jacu branco: ave (Sampaio, 1987).	–
Lageado ¹⁵⁰ - Lajeado	córrego	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv.: placa de pedra (Houaiss, 2009).	simples

¹⁴⁸ - Amarrado – “mata com grande quantidade de cipós” (Houaiss, 2009).

¹⁴⁹ -Conceição - originou-se da expressão Nossa Senhora da Imaculada Conceição (concepção) (Guérios, 1981, p. 95), que, por sua vez, originou-se do verbo conceber.

¹⁵⁰ - Dicionarizada lajeado - que se lajeou (Houaiss, 2009).

Pedrinha	córrego	litotopônimo	portuguesa	lat. <i>petra</i> (Houaiss, 2009).	simples
São José	córrego	hagiotopônimo	portuguesa	lat. <i>sanctus</i> - que tem caráter sagrado + <i>Josephus</i> (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Sucuri	córrego	zootopônimo	tupi	tupi <i>çuú-curí</i> , morde rápido, atira o bote: serpente (Sampaio, 1987).	–
Tocandira	córrego	zootopônimo	tupi	tupi <i>tuca-ndy</i> , o que fere em demasia: formiga (Sampaio, 1987).	–
Lontra	córrego [da]	zootopônimo	portuguesa	lat. <i>lutra</i> : animal (Houaiss, 2009).	simples
Onça	córrego [da]	zootopônimo	portuguesa	lat. <i>lyncea</i> : animal (Houaiss, 2009).	simples
Pedras	córrego [das]	litotopônimo	portuguesa	lat. <i>petra</i> (Houaiss, 2009).	simples
Pontes	córrego [das]	hodotopônimo	portuguesa	lat. <i>pons pontis</i> (Houaiss, 2009).	simples
Monteiro	córrego [do]	antropotopônimo	portuguesa	sobr. port. primit. <i>alcunha caçador dos montes</i> (Guérios, 1981).	simples
Pito	córrego [do]	zootopônimo	portuguesa	orig. obs. <i>libélula</i> : inseto (Houaiss, 2009).	simples
Cima	ilha [de]	cardinotopônimo	portuguesa	lat. <i>cyma</i> (Houaiss, 2009).	simples
Branco	rio	cromotopônimo	germânica	germ. <i>blanck</i> (Houaiss, 2009).	simples
Caramujinho	rio	zootopônimo	portuguesa	orig. contrv.: suf. port. <i>-z-inho</i> : animal (Houaiss, 2009).	simples

Negro	rio	cromotopônimo	portuguesa	lat. niger (Houaiss, 2009).	simples
Sepotuba	rio	fitotopônimo	tupi	tupi içá-pó, alt. de icepó, cepó, çapó, sipó - galho-mão que tem a propriedade de se prender, de se enlear + tyba -o sítio, o lugar, onde há cipós – cipoal (Sampaio, 1987).	–
Vermelho	rio	cromotopônimo	portuguesa	lat. ermiculus - pequeno verme: cor (Houaiss, 2009).	simples
Fortuna	serra [da]	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. fortuna – sorte, quinhão, posição, bens (Houaiss, 2009).	simples

Fonte: elaborado pela autora.

A tabela a seguir informa a frequências das taxonomias toponímicas (Dick, 1992) identificadas na análise dos topônimos de acidentes físicos registrados nos mapas do IBGE (2010) da Região Geográfica Imediata de Cáceres consultados para este estudo.

Tabela 5: Frequência das taxonomias dos topônimos de acidentes físicos da Região Geográfica Imediata de Cáceres – Mato Grosso.

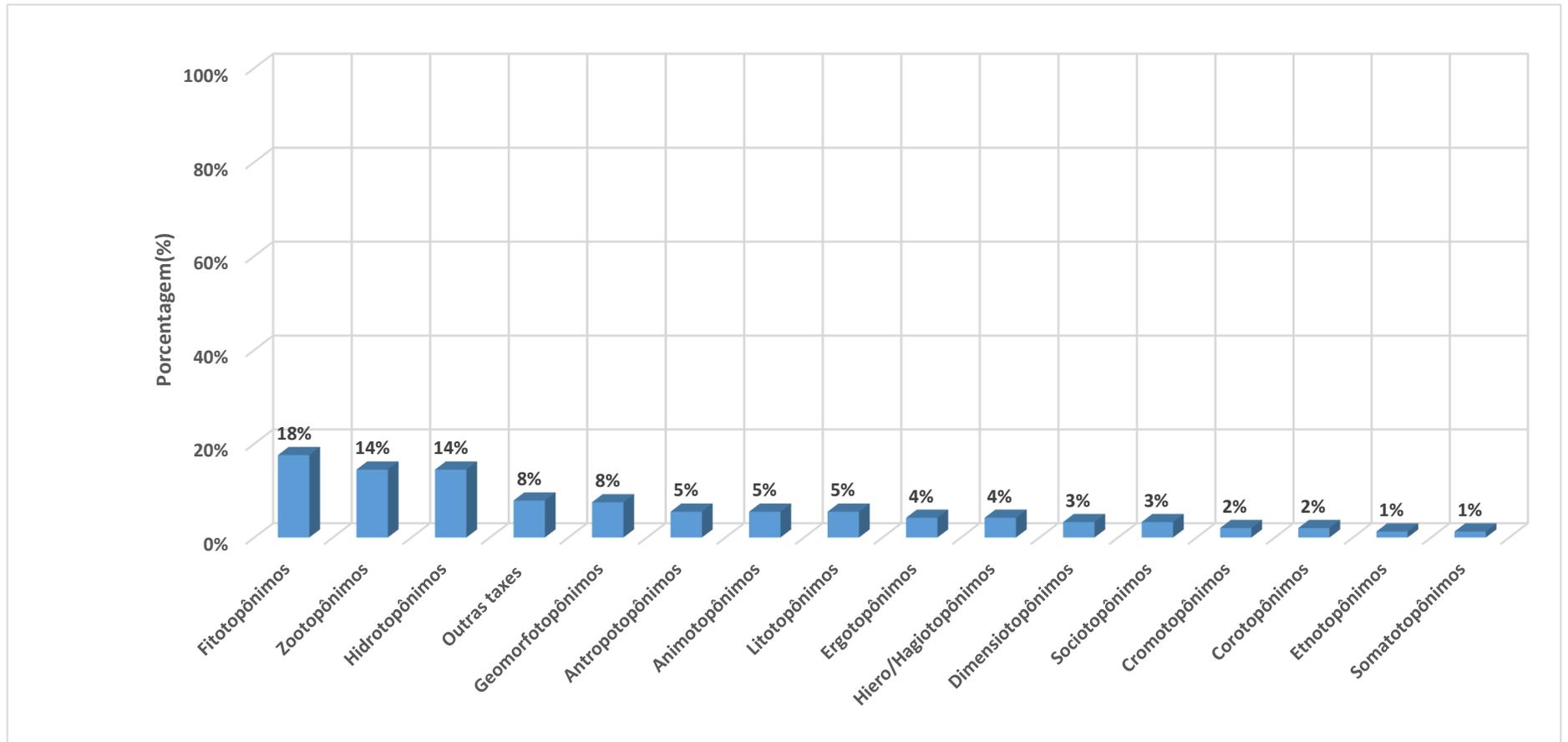
Taxeonomia	Número absolutos	Números percentuais
Fitotopônimos	96	17,58%
Zootopônimos	79	14,46%
Hidrotopônimos	79	14,46%
Geomorfotopônimos	41	7,50%
Antropotopônimos	30	5,49%
Animotopônimos	30	5,49%
Litotopônimos	30	5,49%
Ergotopônimos	23	4,21%
Dimensiotopônimos	18	3,29%
Sociotopônimos	18	3,29%
Hagiotopônimos	15	2,74%
Cromotopônimos	11	2,01%
Corotopônimos	11	2,01%
Hierotopônimos	08	1,46%
Etnotopônimos	07	1,28%
Não classificadas	07	1,28%
Somatotopônimos	07	1,28%
Axiotopônimos	06	1,09%
Dirrematotopônimos	06	1,09%
Numerotopônimos	06	1,09%
Cardinotopônimos	04	0,73%
Hodotopônimos	04	0,73%
Morfotopônimos	04	0,73%
Cronotopônimos	02	0,36%
Ecotopônimos	02	0,36%
Astrotopônimos	01	1,18%
Igneotopônimos	01	1,18%
Total	546	100%

Fonte: elaborado pela autora.

A Região Geográfica Imediata de Cáceres é a mais numerosa quanto aos acidentes físicos. A maior parte deles pertence a Cáceres, município que abriga quantidade expressiva de baías, lagoas, furados, voltas, ilhas, serras e morros. É uma das duas regiões que registra o termo *corixo* como canal que liga as águas de lagoas, alagados etc.

A distribuição percentual das taxonomias identificadas nesse recorte do *corpus* é apresentada no gráfico 2, na sequência.

Gráfico 2: Frequência das taxonomias dos topônimos de acidentes físicos da Região Geográfica Imediata de Cáceres – Mato Grosso.



Fonte: elaborado pela autora

Os fitotopônimos, uma taxa de natureza física, foram os de maior frequência na nomeação dos acidentes físicos da região em pauta, seguidos pelos zootopônimos, hidrotopônimos e geomorfotopônimos. Por sua vez, os antropotopônimos destacaram-se entre as taxonomias de natureza antropocultural, ocupando o 5º lugar no quadro geral dos acidentes físicos da região.

Os topônimos de maior ocorrência que constam nas taxonomias mais produtivas, bem como as particularidades desses denominativos são examinados na subseção que tratou do panorama geral da análise do *corpus*.

A Região Geográfica Imediata de Mirassol d'Oeste, por sua vez, é composta por nove municípios de pequena extensão territorial: Araputanga, Figueirópolis d'Oeste, Glória d'Oeste, Indiavaí, Jauru, Mirassol d'Oeste, Porto Esperidião, Reserva do Cabaçal e São José dos Quatro Marcos.

O quadro 13, a exemplo do anterior, reúne os topônimos de acidentes físicos dos municípios da Região Geográfica Imediata de Mirassol d'Oeste, bem como a análise desses designativos quanta à motivação, base linguística, etimologia e estrutura morfológica.

Quadro 13: Topônimos de acidentes físicos da Região Geográfica Imediata de Mirassol d'Oeste – Mato Grosso.

ARAPUTANGA					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Bugres	rio [dos]	etnotopônimo	francesa	fr. bougre: indígena (Houaiss, 2009).	simples
Cabaçal	rio	fitotopônimo	portuguesa	orig. obsc., talvez pré-romana: aglomerado de cabaças - planta + suf. port. -al (Houaiss, 2009).	simples
Cachoeirinha	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. coctio – ação de cozer, borbulhão, fervura (Houaiss, 2009)	simples
Grande	córrego	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	simples
Lagoinha	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. lacuna (Houaiss, 2009).	simples
Parecis	chapada [dos]	etnotopônimo	aruaque	parecí, paricí, corruptela de arití: grupo indígena (Cardoso, 1961).	–
Pitas ¹⁵¹	rio [das]	fitotopônimo	quíchua	quích. pita: planta (Houaiss, 2009).	–

¹⁵¹ - Pitas – Pita: “planta (*Furcraea foetida*) da fam. das agaváceas, de folhas mucronadas e flores branco-esverdeadas, com cheiro desagradável, em inflorescência gigantesca, nativa de regiões tropicais das Américas, cultivada como ornamental e para extração de fibras e tanino; gravatá-açu, piteira” (Houaiss, 2009).

Rio Cabaçal	cabeceira [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. rius + orig. obsc. cabaça + suf. port. - al (Houaiss, 2009).	composta
Sangue ¹⁵²	córrego	somatotopônimo	portuguesa	lat. sanguen (Houaiss, 2009).	simples
São Domingos	córrego	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Dominicus (Guérios, 1981) (Houaiss, 2009).	composta
São João	lagoa	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + lat (Jo(h)nnes) (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Tamarino ¹⁵³	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. medv. tamarindos: planta (Houaiss, 2009).	simples
FIGUEIRÓPOLIS D'OESTE					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Água Boa	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + bonus (Houaiss, 2009).	composta
Brigadeirinho	córrego	axiotopônimo	francesa + portuguesa	fr. brigadier + suf. port. -eir-inho (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Brigadeiro	rio	axiotopônimo	francesa + portuguesa	fr. brigadier + suf. port. -eiro (Houaiss, 2009).	simples híbrida

¹⁵² - Sangue – Se considerarmos a cor, será cromotopônimo; se considerarmos como elemento constitutivo do corpo humano e dos animais, será somatotopônimo.

¹⁵³ - Tamarino – Dicionarizada *Tamarindo*: árvore frutífera (Houaiss, 2009).

Brigadeiro II	rio	axiotopônimo	francesa + portuguesa	fr. brigadier + lat. duos (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Bugres	córrego [dos]	etnotopônimo	francesa	fr. bougre: indígena (Houaiss, 2009).	simples
Córrego	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. corrigus – rego ou vala onde se lavava os metais (Houaiss, 2009).	simples
Jauru	rio	zootopônimo	tupi	do tupi Jauru - Yau-r-ú: os jáús comem ou onde há jáús: peixe (Sampaio, 1987).	–
Lagoinha	lagoa	hidrotopônimo	portuguesa	lat. lacuna (Houaiss, 2009).	simples
Pereira	morro [do]	antropotopônimo	portuguesa	lat. Pira sobr. port. lugar onde há peras (Guérios, 1981).	simples
Santíssimo	córrego	hierotopônimo	portuguesa	lat. sanctissimus- que tem caráter sagrado (Houaiss, 2009).	simples
GLÓRIA D'OESTE					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Barreirão	córrego	litotopônimo	portuguesa	pré-rom. barrum (Houaiss, 2009).	simples
Caetè	ribeirão	fitotopônimo	tupi	Kaae'te/ caá-eté - a mata real/folha verdadeira (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–

Caetezinho	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	Kaae'te/ caá-eté - a mata real/folha verdadeira + suf. port. -z-inho (Sampaio, 1987); (Houaiss, 20029).	simples híbrida
Figueira	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. figo: árvore (Houaiss, 2009).	simples
Gamelão	morro	ergotopônimo	portuguesa	lat. camela – vaso de madeira (Houaiss, 2009).	simples
Grande	córrego	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. grandis – grande – maior dimensão (Houaiss, 2009).	simples
Jauru	rio	zootopônimo	tupi	do tupi Jauru - Yau-r-ú: os jáús comem ou onde há jáús: peixe (Sampaio, 1987).	–
Linda	serra	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. limpidus - puro (Houaiss, 2009).	simples
Paineiras	córrego [das]	fitotopônimo	malaia	malai paññi: árvore (Houaiss, 2009).	–
Patos ¹⁵⁴	lagoa [do]	zootopônimo	portuguesa	orig. onom.: ave (Houaiss, 2009).	simples
Pitas ¹⁵⁵	ribeirão [das]	fitotopônimo	quíchua	quích. pita: planta (Houaiss, 2009).	–
São Joaquim	serra	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Jo(h)nes (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta

¹⁵⁴ - Patos - originou-se de uma onomatopeia (Houaiss, 2009).

¹⁵⁵ - Pitas – Pita: “planta (*Furcraea foetida*) da fam. das agaváceas, de folhas mucronadas e flores branco-esverdeadas, com cheiro desagradável, em inflorescência gigantesca, nativa de regiões tropicais das Américas, cultivada como ornamental e para extração de fibras e tanino; gravatá-açu, piteira” (Houaiss, 2009).

Seco	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. siccus: sem umidade (Houaiss, 2009).	simples
Serrinha	morro	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. serra (Houaiss, 2009).	simples
INDIAVAÍ					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Água Clara	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + clarus (Houaiss, 2009).	composta
Água Suja	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + succidus (Houaiss, 2009).	composta
Areia	córrego [da]	litotopônimo	portuguesa	lat. (h)arena (Houaiss, 2009).	simples
Corgão ¹⁵⁶	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. hsp corrigus – rego ou vala onde se lavava os metais (Houaiss, 2009).	simples
Jauru	rio	zootopônimo	tupi	tupi Jauru - Yau-r-ú: os jáus comem ou onde há jáus: peixe (Sampaio, 1987).	–
Meio	córrego [do]	cardinotopônimo	portuguesa	lat. medius – centro (Houaiss, 2009).	simples
Prata	córrego [da]	litotopônimo	portuguesa	lat. vulg. platta (Houaiss, 2009).	simples

¹⁵⁶ - Forma sincopada de córrego (Houaiss, 2009).

Salto da Fumaça	cachoeira	hidrotopônimo	portuguesa	lat. saltus + fumus (Houaiss, 2009).	composta
Salto do Jauru	cachoeira	hidrotopônimo	portuguesa + tupi	lat. saltus + tupi Jauru - Yau-r-ú: os jaús comem ou onde há jaús: peixe (Sampaio, 1987; (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Sangue ¹⁵⁷	córrego [do]	somatotopônimo	portuguesa	lat. sanguen (Houaiss, 2009).	simples
JAURU					
Topônimo	acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Abandonado	córrego	animotopônimo disfórico	francesa + portuguesa	fr. abandonner: deixado ao abandono + suf. port. -ado (Houaiss, 2009).	simples + híbrida
Água Grande	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	composta
Água Limpa	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + limpidus (Houaiss, 2009).	composta
Brigadeirinho	córrego	axiotopônimo	francesa + portuguesa	fr. brigadier + suf. port. -eir-inho (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Brigadeiro	rio	axiotopônimo	francesa	fr. brigadier + suf. port. -eiro (Houaiss, 2009).	simples híbrida

¹⁵⁷ - Sangue – Se considerarmos a cor, será cromotopônimo; se considerarmos como elemento constitutivo do corpo humano e dos animais, será somatotopônimo.

Bugres	córrego [dos]	etnotopônimo	francesa	fr. bougre: indígena (Houaiss, 2009).	simples
Córrego dos Bugres	cabeceira [do]	hidrotopônimo	portuguesa + francesa	lat. hsp corrigus – rego ou vala onde se lavava os metais + fr. bougre: indígena (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Fortuna	córrego	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. fortuna – sorte, quinhão, posição, bens (Houaiss, 2009).	simples
Iara	córrego	mitotopônimo	tupi	tupi ‘yara - senhora (Houaiss, 2009).	–
Jaó	córrego [do]	zootopônimo	tupi	tupi jahó -voz onomatopaica da ave Zabelê: ave (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Jauru	rio	zootopônimo	tupi	tupi jauru - yau-r-ú: os jaús comem ou onde há jaús: peixe (Sampaio, 1987).	–
Mineiro	córrego	etnotopônimo	francesa + portuguesa	fr. mine + suf. port. -eiro (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Parecis	chapada [dos]	etnotopônimo	aruaque	pareci, paricí, corruptela de arití: grupo indígena (Cardoso, 1961).	–
Peixe	córrego [do]	zootopônimo	portuguesa	lat. piscis: animal (Houaiss, 2009).	simples
São Domingos	córrego	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Dominicus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta

São Mateus	córrego	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Matthaeus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
MIRASSOL D'OESTE					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Azul	córrego	cromotopônimo	árabe	ár. lazurd (Houaiss, 2009).	–
Bugres	rio [dos]	etnotopônimo	francesa	fr. bougre: indígena (Houaiss, 2009).	simples
Cabaçal	rio	fitotopônimo	portuguesa	org. obsc., talvez pré-romana: aglomerado de cabaças - planta + suf. port. –al (Houaiss, 2009).	simples
Caeté	serra do	fitotopônimo	tupi	tupi ka'a + e'te – a mata real / a folha verdadeira (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Caetè	ribeirão	fitotopônimo	tupi	tupi ka'a + e'te – a mata real / a folha verdadeira (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Caiçara ¹⁵⁸	lagoa	ergotopônimo	tupi	tupi caá-içara, a estacada, o tapume, o cercado (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–

¹⁵⁸ - Caiçara - “paliçada em torno de aldeia indígena, para proteção contra inimigos ou animais” (Houaiss, 2009).

Caramujo	córrego	zootopônimo	portuguesa	orig. contrv.: animal (Houaiss, 2009).	simples
Comprido	córrego	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. complere (Houaiss, 2009).	simples
Jaboti -Jabuti	córrego	zootopônimo	tupi	tupi yawo'ti – o que não respira: animal (Sampaio, 1987).	–
Jaraguá	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi yara'wa/ yara-guá - a baixa do senhor: capim (Sampaio, 1987).	–
Padre Inácio	córrego	axiotopônimo	portuguesa	lat. pater + Egnatius (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009): padre espanhol (Inácio de Loyola).	composta
Parnaíba	rio	hidrotopônimo	tupi	tupi pará-ayba: rio ruim, impraticável (Sampaio, 1987).	–
Pé da Serra ¹⁵⁹	morro	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. pedis + serra: é uma parte da serra (Houaiss, 2009).	composta
Pedras	córrego [das]	litotopônimo	portuguesa	lat. petra (Houaiss, 2009).	simples
Rancho Alegre	córrego	sociotopônimo	espanhola + portuguesa	esp. rancho - pequeno sítio + lat. vulg. alicer (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Santo Ângelo	lagoa	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Angelus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta

¹⁵⁹ - Pé de Serra – Entendido como parte de uma serra. É, também nome de um município do estado da Bahia.

São Francisco	córrego	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Franciscus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Taquira ¹⁶⁰ - Taquiri	lagoa	hidrotopônimo	tupi	tupi taquari/ takua'ri: rio das taquaras (Sampaio, 1987).	–
PORTO ESPERIDIÃO					
Topônimo	acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Acorizal ¹⁶¹	córrego	fitotopônimo	bororo + portuguesa	acori + suf. –z-al: plantação de palmeira acori (-); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Acorizal ¹⁶²	lagoa	fitotopônimo	bororo + portuguesa	bororo acori + suf. port. –z-al: plantação de palmeira acori (-); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Acurizinho ¹⁶³	córrego	fitotopônimo	bororo + portuguesa	acori + suf. –z-inho: pé da palmeira acori (-); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Água Fria	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + frigidus (Houaiss, 2009).	composta

¹⁶⁰ - Dicionarizada *Taquiri* – ave (mesmo que savacu), cujo étimo vem de taquari (taquara pequena) (Houaiss, 2009). Sampaio (1987, p. 327) traz *taquari* como o rio das taquaras pequenas. Consideramos como hidrotopônimo.

¹⁶¹ - Acorizal - vem de acori, designativo de um tipo de coqueiro. <http://www.ipatrimonio.org/acorizal-centro-historico>. Acesso em 03/11/2023.

¹⁶² - Acorizal - vem de acori, designativo de um tipo de coqueiro. <http://www.ipatrimonio.org/acorizal-centro-historico>. Acesso em 03/11/2023.

¹⁶³ - Acorizal - vem de acori, designativo de um tipo de coqueiro. <http://www.ipatrimonio.org/acorizal-centro-historico>. Acesso em 03/11/2023.

Água suja	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + succidus - gorduroso (Houaiss, 2009).	composta
Aguaçu	lagoa [do]	hidrotopônimo	portuguesa + tupi	lat. aqua + tupi gwa'su (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Aguaçuzinho	córrego	hidrotopônimo	portuguesa + tupi	lat. aqua + tupi gwa'su + suf. port. -z-inho (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Aguapei	rio	hidrotopônimo	tupi	tupi guapé-y: o rio dos guapés (Sampaio, 1987).	–
Aguapei	salto [do]	hidrotopônimo	tupi	tupi guapé-y: o rio dos guapés (Sampaio, 1987).	–
Algodão	lagoa [do]	fitotopônimo	árabe	al-qutun: planta (Houaiss, 2009).	–
Angical	lagoa	fitotopônimo	orig. obsc. + portuguesa	orig. obsc. angico + suf. port. Al: plantação de angico (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Areia	córrego [da]	litotopônimo	portuguesa	lat. (h)arena (Houaiss, 2009).	simples
Aterrado	córrego	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Azul	córrego	cromotopônimo	árabe	ár. lazurd (Houaiss, 2009).	–

Bacurizal ¹⁶⁴	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi iwaku'ri/ ybá-cury ou ybá-curi - o fruto contínuo, apressado + suf. port. -z-al (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Baitino	lagoa [do]	não classificada	não classificada	não classificada.	não classificada
Barbicho	serra [do]	fitotopônimo	francesa	fr. barbiche: capim (Houaiss, 2009).	simples
Barreirinho	lagoa [do]	litotopônimo	portuguesa	pré-rom. barrum (Houaiss, 2009).	simples
Barreiro da Selva	córrego	litotopônimo	portuguesa	pré-rom. barrum + lat. silva (Houaiss, 2009).	composta
Boi Bravo	córrego [do]	zootopônimo	portuguesa	bos/bovis + lat. vulg. brabus (Houaiss, 2009).	composta
Brabo	córrego	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. vulg. brabus – destemido, valente (Houaiss, 2009).	simples
Buriti	córrego [do]	fitotopônimo	tupi	tupi mbiri'ti -árvore que emite líquido: palmeira (Sampaio, 1987).	–
Buriti	lagoa	fitotopônimo	tupi	tupi mbiri'ti -árvore que emite líquido: palmeira (Sampaio, 1987).	–

¹⁶⁴ - Bacurizal – Bacuri: “grande árvore (Platonia esculenta) da fam. das gutíferas, nativa da região das Guianas e do Brasil (AMAZ ao PI), com casca que exsuda resina us. em veterinária, madeira nobre, folhas lanceoladas, coriáceas, flores rosadas e bagas grandes, globosas e amarelas, com polpa amarelada, de que se fazem refrescos e doces, e sementes cujo sabor lembra o da amêndoa; bacurizeiro, landirana” (Houaiss, 2009); Bacurizal: extenso aglomerado de bacuris em determinada área” (Houaiss, 2009).

Buriti	serra [do]	fitotopônimo	tupi	tupi mbiri'ti -árvore que emite líquido: palmeira (Sampaio, 1987).	–
Buriti do Barreirão	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi mbiri'ti -árvore que emite líquido - palmeira + barrum (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Buriti Grande	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi mbiri'ti -árvore que emite líquido – palmeira + lat. grandis – maior dimensão (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Buritizal	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi mbiri'ti -árvore que emite líquido – palmeira + suf. port. –z-al (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Cabeça de Negro ¹⁶⁵	córrego	litotopônimo	portuguesa	lat. vulg. capitia - cabeça + lat. niger (Houaiss, 2009).	composta
Caetê	lagoa	fitotopônimo	tupi	tupi aá-eté - a mata real, a folha verdadeira (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Capão do Bugio	lagoa	fitotopônimo	tupi + árabe	tupi Ka'a pu'ã/ caá-pãu, a ilha de mato + ár. budjia (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida

¹⁶⁵ - Cabeça de Negro – “Eram as pedras, de forma oval, que eram trazidas nos lastros dos navios no Brasil colonial. Essas, serviam para equilibrar dando maior estabilidade aos navios. Quando de sua chegada nos portos mais importantes (a exemplo de Recife e Salvador) era transportado, para servir de calçamento, na cabeça dos escravos. Daí "cabeça de negro" (Dicionário Informal).

Capoeira	lagoa [da]	fitotopônimo	tupi	tupi Ko'pwersa – que já foi milho: vegetação (Houaiss, 2009).	–
Caramujo	serra [do]	zootopônimo	portuguesa	orig. contrv.: animal (Houaiss, 2009).	simples
Carrapato	córrego [do]	zootopônimo	portuguesa	orig. contrv.: animal - ácaro (Houaiss, 2009).	simples
Cascudo	córrego [do]	zootopônimo	portuguesa	orig. contrv.: peixe (Houaiss, 2009).	simples
Cilhão	córrego [do]	zootopônimo	portuguesa	lat. cingula: cavalo (Houaiss, 2009).	simples
Conchas	cabeceira [das]	zootopônimo	portuguesa	lat. conchula – marisco, calcário: animal (Houaiss, 2009).	simples
Conchas	córrego [das]	zootopônimo	portuguesa	lat. conchula – marisco, calcário: animal (Houaiss, 2009).	simples
Corixinho	córrego	hidrotopônimo	orig. obsc. portuguesa	orig. obsc.: canal que liga águas das lagoas + suf. port. -inho (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Corixinho	vazante [do]	hidrotopônimo	portuguesa	orig. obsc.: canal que liga águas das lagoas + suf. port. -inho (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Corredor	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. curro (Houaiss, 2009).	simples
Embiruçu	córrego [do]	fitotopônimo	tupi	mbiru'çu/ybyr-uçú - a embira grande, a entrecasca grossa: árvore (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–

Encantada	lagoa	mitotopônimo	portuguesa	Incanto (Houaiss, 2009).	simples
Facão ¹⁶⁶	córrego [do]	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Ferrugem	córrego [da]	litotopônimo	portuguesa	lat. ferrugo (Houaiss, 2009).	simples
Fundo	córrego	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. fundus (Houaiss, 2009).	simples
Furna	córrego [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. fornus (Houaiss, 2009).	simples
Gamas	córrego [das]	zootopônimo	portuguesa	lat. gammus: mamífero (Houaiss, 2009).	simples
Gavião Grande	córrego	zootopônimo	gótica + portuguesa	prov. gót. gavilane + lat. grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Grande	córrego	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. grandis – grande maior dimensão (Houaiss, 2009).	simples
Guanandi	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi guá-nhandí - o que é grudento: árvore (Sampaio, 1987).	–
Imbaúva ¹⁶⁷ - em	lagoa [da]	fitotopônimo	tupi	tupi emba-yba - a árvore de oco (Sampaio, 1987).	–
Imbauva – Embaúba	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi emba-yba - a árvore de oco (Sampaio, 1987).	–

¹⁶⁶ - Facão – “Regionalismo: Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso: na estrada, faixa de terra elevada e longitudinal entre sulcos abertos por rodas, dificultando a passagem de veículos” (Houaiss, 2009).

¹⁶⁷ - Dicionarizada embaúba do tupi, amba’iwa – “designação comum às árvores do gên. Cecropia, da fam. das cecropiáceae, com troncos fistulosos, grandes folhas peltadas, ocorrem nas regiões tropicais americanas, várias no Brasil; as folhas são us. como lixas, e dos troncos, freq. habitados por formigas, extraem-se fibras e polpa para papel” (Houaiss, 2009).

Jaguatira -tirica	córrego	zootopônimo	tupi	tupi yaguá-tirica, a onça tímida, fujona (Sampaio, 1987).	–
Jati	lagoa	zootopônimo	tupi	tupi yate'i- m.q. jataí (2) – abelha social (Houaiss, 2009).	–
Jati	córrego	zootopônimo	tupi	tupi yate'i- m.q. jataí (2) – abelha social (Houaiss, 2009).	–
Jatobá	lagoa [do]	fitotopônimo	tupi	tupi yatay-ybá - o fruto do yatahy (Sampaio, 1987).	–
Jatobazinho	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi yatay-ybá - o fruto do yatahy + suf. port. –z-inho (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
João	córrego	antropotopônimo	portuguesa	lat. Jo(h)annes (Guérios, 1981).	simples
Josefa	lagoa [da]	antropotopônimo	portuguesa	lat. Josephus (Guérios, 1981).	simples
Lagoinha	lagoa	hidrotopônimo	portuguesa	lat. lacuna + suf. port. –inha (Houaiss, 2009).	simples
Laje	córrego [da]	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv.: placa de pedra (Houaiss, 2009).	simples
Laje Grande	córrego	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv.: placa de pedra + lat. grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	composta
Leandro	lagoa [do]	antropotopônimo	grega	gr. Léandros (Guérios, 1981).	simples
Lontra	córrego [da]	zootopônimo	portuguesa	lat. lutra: animal (Houaiss, 2009).	simples

Machado ¹⁶⁸	córrego [do]	antropotopônimo	portuguesa	sobr. port. (Guérios, 1981).	simples
Mamão	córrego [do]	fitotopônimo	portuguesa	lat. mamma (Houaiss, 2009).	simples
Marmelada	córrego	ergotopônimo	portuguesa	lat. vulg. Melimelum – doce de marmelo (Houaiss, 2009).	simples
Mata	lagoa [da]	fitotopônimo	portuguesa	lat. tar. matta: vegetação (Houaiss, 2009).	simples
Matiri – Maturi	córrego [do]	fitotopônimo	tupi	tupi ma-turí - a coisa que está para vir –castanha de caju (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Mato	lagoa [do]	fitotopônimo	portuguesa	lat. matta: vegetação (Houaiss, 2009).	simples
Miguel Bravo	córrego	antropotopônimo	hebraica + portuguesa	hebr. Mikha + lat. vulg. brabus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Morrinho	córrego	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + suf. port. –inho (Houaiss, 2009).	simples
Morro Branco	córrego	geomorfotopônimo	portuguesa + germânica	orig. contrv. + germ. blanck (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Morro Pontudo	córrego [do]	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + lat. tar. puncta (Houaiss, 2009).	composta

¹⁶⁸ - Sobrenome português toponímico, talvez primitivo “o vendedor de machado“(Guérios, 1981, p.167). Latim vulgar marculātus de martelo (Houaiss, 2009).

Pacová	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi Pacob-á - a banana (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	-
Pani ¹⁶⁹	córrego	fitotopônimo	africana	planta (Estraviz, 2005) – étimo talvez de pão.	simples
Pantanalzinho	córrego	geomorfotopônimo	italiana + portuguesa	it. pantano suf. port.+ -al/-zinho (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Pantanoso	córrego	geomorfotopônimo	italiana + portuguesa	it. pantano + suf. port. -oso (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Papagaio	córrego	zootopônimo	portuguesa	org. contrv.: ave (Houaiss, 2009).	simples
Pedra Preta	córrego	litotopônimo	portuguesa	lat. petra + prett- pressus (Houaiss, 2009).	composta
Pirizeiro	córrego [do]	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi piripi'ri + suf. port. -z-eiro (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Pitas	lagoa [das]	fitotopônimo	quíchua	quích. pita: planta (Houaiss, 2009).	-
Pito	lagoa [do]	zootopônimo	portuguesa	orig. obsc. libélula: inseto (Houaiss, 2009).	simples
Piúva	lagoa [da]	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi y'pê – casca de pau - + lat. uva (Cunha, 1982); (Houaiss, 2009).	composta híbrida

¹⁶⁹ - Pani – “Planta piperácea” (Dicionário Online) <https://www.dicio.com.br/pani/> ; O Estraviz (2005), traz como “elemento de composição. = pão: panífero, panificar. [do lat. panis, is]”.

Poças	córrego [das]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. puteus – buraco (Houaiss, 2009).	simples
Provisório ¹⁷⁰	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. provis- + -ório, inf. fr. Provisoire: jaraguá (Houaiss, 2009).	simples
Puxa- Faca	córrego	dirrematopônimo	portuguesa	lat. pulso + orig. contrv. (Houaiss, 2009).	composta
Registro ¹⁷¹	ilha [do]	sociotopônimo	portuguesa	lat. medv. registrum (Houaiss, 2009).	simples
Rego	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	pré-rom recu misturado ao celt. rica - sulco (Houaiss, 2009).	simples
Retiro	córrego	sociotopônimo	portuguesa	orig. obsc.: lugar (Houaiss, 2009).	simples
Ribeirão	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. mediev. riparius (Houaiss, 2009).	simples
Saloba – bre	córrego	hidrotopônimo	portuguesa + espanhola	sal + -obre/- obro (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Salto do Aguapei	serra	hidrotopônimo	portuguesa + tupi	lat. saltus + Aguapé-y (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida

¹⁷⁰ - Provisório – “Mesmo que jaraguá (*Hyparrhenia rufa*)” (Houaiss, 2009).

¹⁷¹ - Registro – “repartição, cartório que tem competência para fazer esse tipo de transcrição” (Houaiss, 2009).

Santa Bárbara	lagoa	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Barbara (Houaiss, 2009).	composta
Santa Bárbara	serra	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Barbara (Houaiss, 2009).	composta
Santa Rita	córrego [da]	hagiotopônimo	portuguesa + italiana	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + hip. abrev. it. de Margherita (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta + híbrida
Santa Rita	lagoa	hagiotopônimo	portuguesa + italiana	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + hip. abrev. it. de Margherita (Guérios, 19981); (Houaiss, 2009).	composta + híbrida
Santa Rita	rio	hagiotopônimo	portuguesa + italiana	lat. sanctus- que tem caráter sagrado + hip. abrev. it. de Margherita (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta + híbrida
Santíssimo	córrego	hierotopônimo	portuguesa	lat. sanctissimus - que tem caráter sagrado (Houaiss, 2009).	simples
São Benedito	córrego	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Benedictus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
São Caetano	lagoa	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Caietanus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta

São Fabiano	serra	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus- que tem caráter sagrado + Fabianus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
São Francisco	córrego	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + lat. medv. Franciscus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
São Lourenço	córrego	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Laurentius (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
São Pedro	córrego	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + port. arc. Pero- lat. Petrus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Sapé	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi yasa'pe/ eçá-pé - ver caminho, aluminar – gramínea (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Seco	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. siccus: sem umidade (Houaiss, 2009).	simples
Seco do Porrete	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. siccus: sem umidade + porro – talo do vegetal (Houaiss, 2009).	composta
Sete Galhos	córrego	numerotopônimo	portuguesa	lat. septem + lat. vulg. galleus (Houaiss, 2009).	composta
Sucuri	córrego	zootopônimo	tupi	tupi suku'ri/ çuú-curí, morde rápido, atira o bote: serpente	–

				(Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	
Tarumã	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi Taru'mã – planta que dá fruto (Houaiss, 2009).	–
Tenda	lagoa [da]	ecotopônimo	portuguesa	orig. contrv. Houaiss, 2009).	simples
Três lagoas	lagoa	numerotopônimo	portuguesa	lat. tres, tria + lacuna (Houaiss, 2009).	composta
Urubu	córrego	zootopônimo	tupi	tupi urú-bú/ uru'wu - ave (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Urubu	lagoa [do]	zootopônimo	tupi	tupi urú-bú/ uru'wu: ave (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Vaca Morta	córrego [da]	zootopônimo	portuguesa	lat. vacca + mortuus (Houaiss, 2009)	composta
vaquejador	lagoa [do]	hodotopônimo	portuguesa	lat. vacca + suf. –ejar + -dor (Houaiss, 2009).	simples
Varador grande	córrego	hodotopônimo	portuguesa	lat. varo – atravessar + grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	composta
Verde	córrego	cromotopônimo	portuguesa	lat. virides: cor (Houaiss, 2009).	simples
Vereda	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	b. –lat. vereda- veredus (Houaiss, 2009).	simples
Vermelho	córrego	cromotopônimo	portuguesa	lat. vermiculus - pequeno verme: cor (Houaiss, 2009).	simples

Víbora	córrego [da]	zootopônimo	portuguesa	lat. vipera: animal (Houaiss, 2009).	simples
Virgindade	córrego	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. virginitas - estado daquilo que se encontra intacto (Houaiss, 2009).	simples
Xexém ¹⁷²	lagoa [do]	antropotopônimo	portuguesa	orig. obsc. (Houaiss, 2009).	simples
RESERVA DO CABAÇAL					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Bom Jesus	córrego	hierotopônimo	portuguesa	lat. bonus + Iesus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Bracinho	rio	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. bracciu (Houaiss, 2009).	simples
Bracinho I	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. bracciu + unus (Houaiss, 2009).	composta
Bracinho II	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. bracciu + duos (Houaiss, 2009).	composta
Cabaçal	rio	fitotopônimo	portuguesa	org. obsc., talvez pré-romana: aglomerado de cabaças - planta + suf. port. -al (Houaiss, 2009).	simples

¹⁷² - Encontrada Xexé “personagem carnavalesco típico, caracterizado como um velho ridículo e senil” ou Xexéu “odor desagradável em homens ou animais; bodum, catinga” (Houaiss, 2009) Consideramos a primeira.

Corgão	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. hsp corrigus – rego ou vala onde se lavava os metais (Houaiss, 2009).	simples
Córrego	córrego	hidrotopônimo	português	lat. hsp corrigus – rego ou vala onde se lavava os metais (Houaiss, 2009).	simples
Figueira	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. fígo: árvore (Houaiss, 2009).	simples
Fortuna	serra [da]	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. fortuna – sorte, quinhão, posição, bens (Houaiss, 2009).	simples
Goiabeira	córrego	fitotopônimo	aruaque + portuguesa	aruaco - guaiava, goiaba – ajuntamento de caroços + suf. port. -eira: pé de goiaba/fruta (Cardoso, 1961); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Guanabara	barra [do]	hidrotopônimo	tupi	tupi goanã-pará – semelhante ao mar - o lagamar (Sampaio, 1987).	–
Guanabara	córrego	hidrotopônimo	tupi	tupi goanã-pará – semelhante ao mar - o lagamar (Sampaio, 1987).	–
Ilha	córrego [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. insula (Houaiss, 2009).	simples
Jauru	rio	zootopônimo	tupi	tupi Jauru - yau-r-ú: os jáús comem ou onde há jáús: peixe (Sampaio, 1987).	–
Jiboia	rio	zootopônimo	tupi	tupi yi'mboya/ gihi-boy - a cobra de rãs (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–

Jiboia	córrego	zootopônimo	tupi	tupi yi'mboya/gihi-boy - a cobra de rãs (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Jubinha ¹⁷³	rio	somatotopônimo	portuguesa	lat. juba (Houaiss, 2009).	simples
Macaco	córrego [do]	zootopônimo	africana	orig. duv prov. afr.: animal (Houaiss, 2009).	simples
Monte Cristo	serra [de]	corotopônimo	portuguesa	lat. mons, ntis + Christus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009): município de São Paulo.	composta
Mutum	córrego	zootopônimo	tupi	tupi my'tu/ My-t~u - a pele negra: ave (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Parecis	chapada [dos]	etnotopônimo	aruaque	pareci, paricí, corruptela de arití: grupo indígena (Cardoso, 1961).	–
Pé de garrafa ¹⁷⁴	córrego	mitotopônimo	portuguesa	lat. pes, pedis + orig. duv. (Houaiss, 2009).	composta
Pedras	rio	litotopônimo	portuguesa	lat. petra (Houaiss, 2009).	simples
Pedras	rio [das]	litotopônimo	portuguesa	lat. petra (Houaiss, 2009).	simples
Pito	córrego [do]	zootopônimo	portuguesa	orig. obsc. libélula: inseto (Houaiss, 2009).	simples
Rio Jubinha	cabeceira [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. rius + juba (Houaiss, 2009).	composta

¹⁷³ - Jubinha – “crina de leão; Derivação: por extensão de sentido: vasta cabeleira ('cabelos da cabeça') (Houaiss, 2009).

¹⁷⁴ - Pé de Garrafa – “Pé de Garrafa é um ser lendário e misterioso, conhecido no sertão brasileiro em uma faixa que vai de Mato Grosso aos Estados do Piauí e Maranhão, passando por Minas Gerais’ (https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206369_57396124ffe12384928bb89244ee7b68.pdf).

Saudade	córrego [da]	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. solitas, atis (Houaiss, 2009).	simples
Veado	córrego [do]	zootopônimo	portuguesa	lat. venatus: animal (Houaiss, 2009).	simples
SÃO JOSÉ DOS QUATRO MARCOS					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Água Clara	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + clarus Houaiss, 2009).	composta
Barreirão	córrego	litotopônimo	portuguesa	pré-rom. barrum Houaiss, 2009).	simples
Bugres	rio [dos]	etnotopônimo	francesa	fr. bougre: indígena (Houaiss, 2009).	simples
Cabaçal	rio	fitotopônimo	portuguesa	org. obsc., talvez pré-romana: aglomerado de cabaças - planta + suf. port. -al (Houaiss, 2009).	simples
Cabaçal	serra [do]	fitotopônimo	portuguesa	org. obsc., talvez pré-romana: aglomerado de cabaças - planta + suf. port. -al (Houaiss, 2009).	simples
Cachoeirinha	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. coctio, onis – ação de cozer, borbulhão, fervura (Houaiss, 2009).	simples
Formosa	lagoa	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. formosus (Houaiss, 2009).	simples
Grande	córrego	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. grandis – grande – maior dimensão (Houaiss, 2009).	simples

Pitas	rio [das]	fitotopônimo	quíchua	quích. pita: planta (Houaiss, 2009).	-
Pitas	ribeirão [das]	fitotopônimo	quíchua	quích. Pita: planta (Houaiss, 2009).	-
Salvação	córrego	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. salvatio, onis (Houaiss, 2009).	simples
São Domingos	córrego	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Dominicus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta

Fonte: elaborado pela autora.

A frequência das taxonomias dos topônimos de acidentes físicos (Dick, 1992), identificada na Região Geográfica Imediata de Mirassol d'Oeste para o *corpus* desta pesquisa, está disposta na tabela 6, abaixo, considerando os números em valores absolutos e percentuais.

Tabela 6: Frequência das taxonomias dos topônimos de acidentes físicos da Região Geográfica Imediata de Mirassol d'Oeste – Mato Grosso.

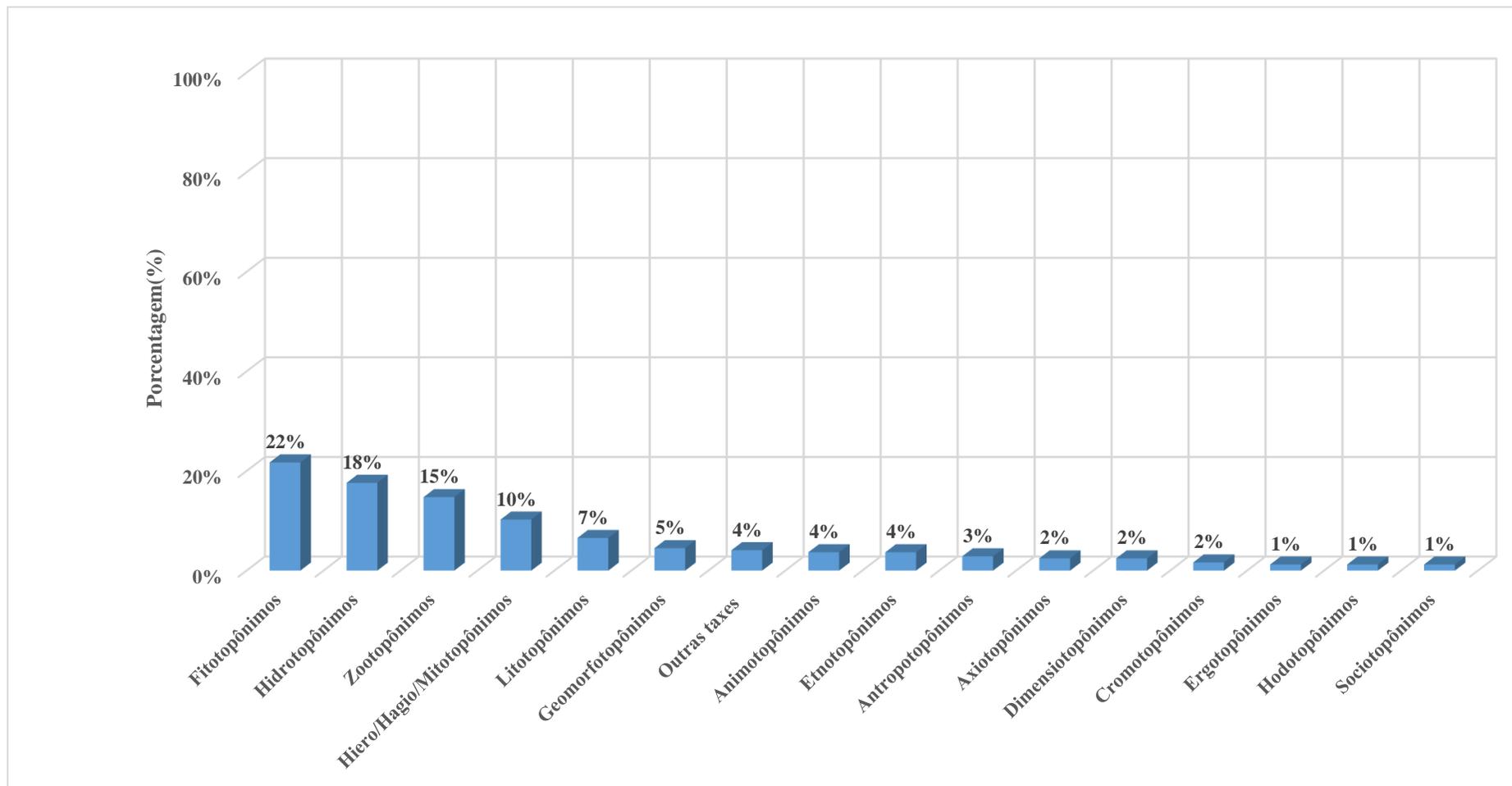
Taxeonomia	Número absolutos	Números percentuais
Fitotopônimos	53	21,72%
Hidrotopônimos	43	17,62%
Zootopônimos	36	14,75%
Hagiotopônimos	19	7,78%
Litotopônimos	16	6,55%
Geomorfotopônimos	11	4,50%
Animotopônimos	09	3,68%
Etnotopônimos	09	3,68%
Antropotopônimos	07	2,86%
Axiotopônimos	06	2,45%
Dimensiotopônimos	06	2,45%
Cromotopônimos	04	1,63%
Ergotopônimos	03	1,22%
Hierotopônimos	03	1,22%
Hodotopônimos	03	1,22%
Mitotopônimos	03	1,22%
Sociotopônimos	03	1,22%
Somatotopônimos	03	1,22%
Numerotopônimos	02	0,81%
Cardinotopônimos	01	0,40%
Corotopônimos	01	0,40%
Dirrematotopônimos	01	0,40%
Ecotopônimos	01	0,40%
Não classificadas	01	0,40%
Total	244	100%

Fonte: elaborado pela autora.

Os acidentes físicos dos municípios que integram a Região Geográfica Imediata de Mirassol d'Oeste são, em sua maioria, correntes hídricas como córregos, rios, furados, estirões, lagoas, baías e corixos. Grande parte desses acidentes situa-se no município de Porto Esperidião, com tipologia similar à identificada no município de Cáceres.

O gráfico 3, a seguir, demonstra a distribuição percentual das taxonomias dos nomes atribuídos aos acidentes físicos localizados nos municípios da região em questão.

Gráfico 3: Frequência das taxonomias dos topônimos de acidentes físicos da Região Geográfica Imediata de Mirassol D'Oeste – Mato Grosso.



Fonte: elaborado pela autora

No conjunto dos acidentes físicos, os topônimos motivados por nomes de plantas também são os mais recorrentes, à semelhança da Região Imediata de Cáceres.

Em observância à metodologia pensada para este trabalho, os dados da Região Geográfica Imediata de Mirassol d'Oeste entrarão na soma total dos topônimos que integram o *corpus* em estudo. Os nomes mais produtivos das taxonomias de maior frequência serão analisados em texto.

A Região Geográfica Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro abriga os seguintes municípios: Campos de Júlio, Comodoro, Conquista d'Oeste, Nova Lacerda, Pontes e Lacerda, Vale de São Domingos e Vila Bela da Santíssima Trindade. O quadro 14, a seguir, a exemplo dos anteriores, apresenta a análise dos topônimos de acidentes físicos circunscritos a esses municípios, segundo a metodologia que norteia este estudo.

Quadro 14: Topônimos de acidentes físicos da Região Geográfica Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro – Mato Grosso.

CAMPOS DE JÚLIO					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Formiga	rio	zootopônimo	portuguesa	lat. formica: inseto (Houaiss, 2009)	simples
Juína	rio	hidrotopônimo	aruaque	Juína é transliteração do étimo paricí zuí-gavião de cauda branca e uiná – rio – Rio de Gavião (Cardoso, 1961).	–
Juruena	rio	hidrotopônimo	tupi	tupi Juruena vem de jurú corr. yurú - o pescoço, a garganta, a boca, a barra, a foz + ena, esvaziar, vazia, foz vazia. Ou juru – barra, foz + ena – prolongar-se; a garganta do rio (Silva, 1966).	–
Parecis	chapada [dos]	etnotopônimo	aruaque	pareci, paricí, corruptela de arití: grupo indígena (Cardoso, 1961).	–
Securi ¹⁷⁵	rio	zootopônimo	tupi	tupi suku'ri/çuú-curí, morde rápido, atira o bote: serpente (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Travessão	estirão	hodotopônimo	portuguesa	lat. transversus (Houaiss, 2009).	simples
COMODORO					

¹⁷⁵ - Securi – Dicionarizada *Sucuri*: serpente (Houaiss, 2009).

Topônimo	Acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Água Boa	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + bonus (Houaiss, 2009).	composta
Camararé ¹⁷⁶	rio	etnotopônimo	tupi	étimo desconhecido.	–
Camararezinho	rio	etnotopônimo	tupi + portuguesa	étimo desconhecido + suf. português – z-inho (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Campinhos	baía	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. campus (Houaiss, 2009).	simples
Corgão ¹⁷⁷	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. hsp corrigus – rego ou vala onde se lavava os metais (Houaiss, 2009).	simples
Doze de Outubro ¹⁷⁸	rio	historiotopônimo	portuguesa	lat. vulg. dodece + lat. october (Houaiss, 2009).	composta
Formosa	lagoa	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. formosus: belo, agradável (Houaiss, 2009).	simples
Garimpo	córrego	sociotopônimo	francesa	fr. grimper (Houaiss, 2009).	simples
Guaporé	rio	hidrotopônimo	tupi	tupi gua'poré rio encachoeirado- ou guapó – o que se enche ou engrossa + ré – após, depois: o rio coletor (Silva; 1966); (Houaiss, 2009).	–

¹⁷⁶ - Camararé – Talvez se trate de “Tribo indígena que habitava as margens de um afluente do rio Madeira (Dicionário Informal) <https://www.dicionarioinformal.com.br/camarar%C3%A9/>. Cardoso (1961, p. 348), traz a palavra *Camaregá* como étimo do macuxi significando Tucunaré – peixe.

¹⁷⁷ *Corgão* - forma sincopada de córrego (Houaiss, 2009).

¹⁷⁸ - Data que, no Brasil, é dedicada à Nossa Senhora Aparecida e às crianças.

Iquê ¹⁷⁹	rio	dirrematotopônimo	aruaque	Iquê, interjeição de espanto (Cardoso, 1961).	–
Juína ¹⁸⁰	rio	hidrotopônimo	aruaque	Juína é transliteração do étimo paricí zuí-gavião de cauda branca e uiná – rio – Rio de Gavião (Cardoso, 1961).	–
Juininha	rio	hidrotopônimo	aruaque + portuguesa	Juína é transliteração do étimo paricí zuí-gavião de cauda branca e uiná – rio – Rio de Gavião (Cardoso, 1961) + suf. port. –inha (Cardoso, 1961); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Macaco Preto	córrego	zootopônimo	africana + portuguesa	orig. duv. prov. afr. - animal + lat prett/pressus (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Margarida	rio	antropotopônimo	portuguesa	lat. Margarita (Guérios, 1981).	simples
Mono	baía [do]	zootopônimo	portuguesa	org. obsc.: macaco (Houaiss, 2009).	simples
Mutum	córrego	zootopônimo	tupi	tupi mi't~u/ motum corr. my-t-u - a pele negra: ave (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Nhambiquara ¹⁸¹	córrego	etnotopônimo	tupi	Nambiquara - tribo indígena (Houaiss, 2009).	–
Pacovinha	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi pa'kowa/ pacob-á - a banana + suf. port. –inha (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Pardo	rio	cromotopônimo	portuguesa	lat. imp. pardus: cor (Houaiss, 2009).	simples

¹⁷⁹ - Iquê: “étimo: do paricí iquê, interjeição de espanto” (Cardoso, 1961, p. 390).

¹⁸⁰ - Juína – “Paricí - Zuí- uiná – foi transliterada em Juína. Étimo: do paricí zuí =gavião da cauda branca e uiná = rio” (Cardoso, 1961, p. 391).

¹⁸¹ - *Nhambiquara* dicionarizada *nambiquara* “subgrupo que habita o Oeste de Mato Grosso” (Houaiss, 2009).

Parecis ¹⁸²	chapada [do]	etnotopônimo	aruaque	pareci, paricí, corruptela de arití: grupo indígena (Cardoso, 1961).	–
Piolhinho ¹⁸³	rio	antropotopônimo	portuguesa	lat. tar. pediculu: inseto (Houaiss, 2009) – antropônimo.	simples
Piolho ¹⁸⁴	córrego	antropotopônimo	portuguesa	lat. tar. pediculu: inseto (Houaiss, 2009) – antropônimo.	simples
Piolho ¹⁸⁵	ilha	antropotopônimo	portuguesa	lat. tar. pediculu: inseto (Houaiss, 2009) – antropônimo.	simples
Praia Alta	córrego	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. medv. plagia (Houaiss, 2009).	composta
Preto	córrego	cromotopônimo	portuguesa	lat prett- pressus (Houaiss, 2009).	simples
Primavera	rio	fitotopônimo	portuguesa	lat tar. prima vera (Houaiss, 2009).	simples
Quarenta e Quatro	rio	numerotopônimo	portuguesa	lat quadraginta + quattuor (Houaiss, 2009).	composta
Rio vermelho	baía [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. rius + vermiculus - pequeno verme: cor (Houaiss, 2009).	composta
Sabão	córrego	ergotopônimo	portuguesa	lat. imp. sapo, onis: detergente (Houaiss, 2009).	simples
Sem Boné ¹⁸⁶	morro	geomorfotopônimo	portuguesa + francesa	lat. sine + fr. bonnet (Houaiss, 2009).	composta híbrida

¹⁸² *Parecis* - “indígena pertencente ao grupo dos parecis” (Houaiss, 2009).

¹⁸³ - Piolhinho - Referência a José Piolho líder do quilombo Piolho ou Quariterê.

¹⁸⁴ - Piolho - referente a José Piolho, líder do quilombo do Piolho ou Quariterê.

¹⁸⁵ - Piolho - referente a José Piolho, líder do quilombo do Piolho ou Quariterê.

¹⁸⁶ - Morro Sem Boné, pode ser uma referência à sua forma e a escassez de vegetação.

Serra Azul	córrego	geomorfotopônimo	portuguesa + árabe	lat. serra + ár. lazurd (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Todo-os- Santos	baía [de]	hierotopônimo	portuguesa	lat. totus + sanctus - que tem caráter sagrado (Houaiss, 2009).	composta
Tolueri ¹⁸⁷ - Toloirí	igarapé	antropotopônimo	aruaque	Toloirí (Cardoso, 1961).	–
Trancada ¹⁸⁸	baía	hodotopônimo	portuguesa	orig. pré-rom. (Houaiss, 2009).	simples
Trinta e dois	córrego	numerotopônimo	portuguesa	lat. triginta + duos (Houaiss, 2009).	composta
Vaivém ¹⁸⁹	córrego	ergotopônimo	portuguesa	lat. eo, is (Houaiss, 2009).	composta
Vaivém II	córrego	ergotopônimo	portuguesa	lat. eo, is + duos (Houaiss, 2009).	composta
Vermelho	rio	cromotopônimo	portuguesa	lat. vermiculus - pequeno verme: cor (Houaiss, 2009).	simples
Vinte de Setembro	rio	numerotopônimo	portuguesa	lat. viginti + september (Houaiss, 2009).	composta
CONQUISTA D'OESTE					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Água Limpa	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + limpidus (Houaiss, 2009).	composta

¹⁸⁷ - De acordo com Cardoso (1961, p. 396), refere-se ao rio afluente do *Juruena*, da bacia do Tapajós no estado de Mato Grosso, com étimo do paríci, Toloirí, nome do amúre da maloca Macuatiaquerê, guia da Comissão Rondon.

¹⁸⁸ - Trancada - “Estacada que atravessa um rio, de um lado a outro” (Houaiss, 2009).

¹⁸⁹ *Vai-e-vem* – dicionarizada *vaivém*, embora com outras acepções, consideramos a seguinte: “antiga máquina de guerra usada para golpear muralhas, fortalezas, portas, a fim de fazê-las desmoronar ou de arrombá-las; aríete” (Houaiss, 2009).

Atoleiro	córrego	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv.: pantanoso (Houaiss, 2009).	simples
Banhado	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. banear: charco, água parada (Houaiss, 2009).	simples
Bugre	córrego [do]	etnotopônimo	francesa	fr. bougre: indígena (Houaiss, 2009).	simples
Galera ¹⁹⁰	rio	ergotopônimo	catalã	cat. galera (Houaiss, 2009).	simples
Juína	rio	hidrotopônimo	aruaque	Juína é transliteração do étimo paricí zuí-gavião de cauda branca e uiná – rio – Rio de Gavião (Cardoso, 1961).	–
Juruena	rio	hidrotopônimo	tupi	tupi Juruena vem de jurú corr. yurú - o pescoço, a garganta, a boca, a barra, a foz + ena, esvaziar, vazia, foz vazia. Ou juru – barra, foz + ena – prolongar-se; a garganta do rio (Silva, 1966).	–
Parecis	chapada [dos]	etnotopônimo	aruaque	pareci, paricí, corruptela de arití: grupo indígena (Cardoso, 1961).	–
Pirá	córrego	zootopônimo	tupi	tupi pi'ra -peixe de pele/sem escama- nome genérico de peixe (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Retiro	córrego	sociotopônimo	portuguesa	orig. obsc.: lugar (Houaiss, 2009).	simples
Sararé ¹⁹¹	rio	etnotopônimo	aruaque	étimo desconhecido.	–

¹⁹⁰ - Galera – “antiga embarcação de guerra; galé; Rubrica: termo de marinha: navio de vela, ger. de três mastros redondos com dois mastaréus em cada um (Houaiss, 2009).

¹⁹¹ - Sararé - <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3802>

Securi ¹⁹²	rio	zootopônimo	tupi	tupi/ çuú-curí, morde rápido, atira o bote: serpente (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
NOVA LACERDA					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Acorizal ¹⁹³	baia [do]	fitotopônimo	bororo + portuguesa	bororo acori + suf. -z-al (-); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Água Limpa	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + limpidus (Houaiss, 2009).	composta
Areia Branca	córrego	litotopônimo	portuguesa + germânica	lat. (h) rena + germ. blanck (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Ariranha	córrego	zootopônimo	tupi	tupi aria'rana/irarana (irar-ana) - a falsa irara: mamífero carnívoro (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Atoleiro	córrego	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv.: pantanoso (Houaiss, 2009).	simples
Banhado ¹⁹⁴	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. baneare: charco, água parada (Houaiss, 2009).	simples
Barreirinho	baia [do]	litotopônimo	portuguesa	pré -rom. Barrum + suf. port. – inho (Houaiss, 2009).	simples
Boby	baia [de]	antropotopônimo	inglesa	hip. ing. Roberto (Guérios, 1981).	simples

¹⁹² - *Securi* – dicionarizada *sucuri* “serpente da fam. dos boídeos (*Eunectes murinus*), encontrada do Norte da América do Sul até a Bolívia e Paraguai, de coloração marrom, verde ou olivácea, com grandes manchas pretas arredondadas” (Houaiss, 2009).

¹⁹³ - Acorizal - vem de *acori*, designativo de um tipo de coqueiro. <http://www.ipatrimonio.org/acorizal-centro-historico>. Acesso em 03/11/2022.

¹⁹⁴ - Banhado – “pântano coberto de vegetação; brejo, charco” (Houaiss, 2009).

Borboleta	baia [da]	zootopônimo	portuguesa	orig. contrv.: animal - inseto (Houaiss, 2009).	simples
Borda	serra [da]	cardinotopônimo	francesa	fr. bord: beirada (Houaiss, 2009).	simples
Bugre	córrego [do]	etnotopônimo	francesa	fr. bougre: indígena (Houaiss, 2009).	simples
Campina	baia [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. campus (Houaiss, 2009).	simples
Cervo	baia	zootopônimo	portuguesa	lat. cervus: animal - veado (Houaiss, 2009).	simples
Dourado	córrego	zootopônimo	portuguesa	lat. deauratus: peixe (Houaiss, 2009).	simples
Fundo	córrego	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. fundus (Houaiss, 2009).	simples
Galera ¹⁹⁵	rio	ergotopônimo	catalã	cat. galera (Houaiss, 2009).	simples
Galerinha ¹⁹⁶	baia [da]	ergotopônimo	catalã + portuguesa	cat. galera + suf. port. -inha (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Grande	baia	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. grandis – grande – maior dimensão (Houaiss, 2009).	simples
Japurana	cascata	zootopônimo	tupi	tupi-guarani – peixe fluvial (Dicionário Informal). No site <i>significado.origem.com</i> é definido como ave.	–
Juca	baia [do]	antropotopônimo	portuguesa	hip. bras. de José talvez cruz. de Jeca e Zuca (Guérios, 1981).	simples
Juína	rio	hidrotopônimo	aruaque	Juína é transliteração do étimo paricí zu-gavião de cauda branca e uiná – rio – Rio de Gavião (Cardoso, 1961).	–

¹⁹⁵ - - Galera – “antiga embarcação de guerra; galé; Rubrica: termo de marinha: navio de vela, ger. de três mastros redondos com dois mastaréis em cada um” (Houaiss, 2009).

¹⁹⁶ - Galerinha – Galera: “antiga embarcação de guerra; galé; Rubrica: termo de marinha: navio de vela, ger. de três mastros redondos com dois mastaréis em cada um” (Houaiss, 2009).

Juruena	rio	hidrotopônimo	tupi	tupi Juruena vem de jurú corr. yurú - o pescoço, a garganta, a boca, a barra, a foz + ena, esvaziar, vazia, foz vazia. Ou juru – barra, foz + ena – prolongar-se; a garganta do rio (Silva, 1966).	–
Mono	baía [do]	zootopônimo	portuguesa	org. obsc.: macaco (Houaiss, 2009).	simples
Novo	rio	cronotopônimo	portuguesa	lat. novus – de pouco uso (Houaiss, 2009).	simples
Papagaio	ribeirão	zootopônimo	portuguesa	org. contrv.: ave (Houaiss, 2009).	simples
Parecis	chapada [dos]	etnotopônimo	aruaque	pareci, paricí, corruptela de arití: grupo indígena (Cardoso, 1961).	–
Pedra Branca	córrego	litotopônimo	portuguesa + germânica	lat. petra + germ. blanck (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Piolhinho ¹⁹⁷	córrego	antropotopônimo	portuguesa	lat. tar. pediculu: inseto (Houaiss, 2009) – antropônimo.	simples
Piolhinho ¹⁹⁸	rio	antropotopônimo	portuguesa	lat. tar. pediculu: inseto (Houaiss, 2009) – antropônimo.	simples
Pirá	córrego	zootopônimo	tupi	tupi pi'ra -peixe de pele/sem escama- nome genérico de peixe (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Retiro	córrego	sociotopônimo	portuguesa	orig. obsc.; lugar (Houaiss, 2009).	simples

¹⁹⁷ - Referência a José Piolho, líder do quilombo Piolho ou Quariterê.

¹⁹⁸ - Referência a José Piolho, líder do quilombo Piolho ou Quariterê.

Rio Juína	cabeceira [do]	hidrotopônimo	portuguesa + aruaque	lat. vulg. rius + paricí zuí- gavião de cauda branca e uiná – rio – Rio de Gavião (Cardoso, 1961); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Rio velho	furado [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. rius + vetulus (Houaiss, 2009).	composta
Roxinho ¹⁹⁹	córrego	cromotopônimo	portuguesa	lat. russeus: vermelho escuro – cor (Houaiss, 2009).	simples
São Vicente	córrego	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + vicens, ntis (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
São Vicente	serra	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + vicens, ntis (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Sararé ²⁰⁰	rio	etnotopônimo	aruaque	étimo desconhecido.	–
Securi ²⁰¹	rio	zootopônimo	tupi	tupi suku'ri/ çuú-curí - morde rápido, atira o bote: serpente (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Tauari ²⁰²	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi tawa'ri: planta (Houaiss, 2009).	–
Terra Firme	baía	litotopônimo	portuguesa	lat. terra + lat. vulg. firmis (Houaiss, 2009).	composta

¹⁹⁹ - Roxinho pode ser que seja passarinho.

²⁰⁰ -Sararé - <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3802>

²⁰¹ *Securi* – dicionarizada *sucuri* “serpente” (Houaiss, 2009).

²⁰² - Tauari – Sampaio (1987) apresenta tauá como taguá; barreiro. alt. taguaba, taguá, tauá: pedra ou argila de comer. *Tauari* seria rio de pedra ou argila.

Tracujá ²⁰³	baia [de]	zootopônimo	tupi	tupi taraka'ya – tartaruga (Houaiss, 2009).	–
Tupã	córrego	mitotopônimo	tupi	tupi Tu'pã/Tu'pana -nome adotado pelos catequistas católicos para exprimir Deus, entre os tupis-guaranis: golpe ou baque estrondante - de referência ao trovão (Sampaio, 1987).	–
Vai-e-Vem ²⁰⁴	córrego	ergotopônimo	portuguesa	lat. Eo, venio/is: máquina de guerra (Houaiss, 2009).	composta
PONTES E LACERDA					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Água Azul	córrego	hidrotopônimo	portuguesa + árabe	lat. aqua + ár. lazurd - cor (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Alegre	rio	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. alicer: animado (Houaiss, 2009).	simples
Anta	córrego	zootopônimo	árabe	ár. lamta: animal (Houaiss, 2009).	simples
Azul	serra	cromotopônimo	árabe	ár. lazurd; cor (Houaiss, 2009).	–

²⁰³ *Tracujá* – dicionarizada *Tracajá* - “tartaruga de água doce” (Houaiss, 2009).

²⁰⁴ *-Vai-e-vém* – dicionarizada *vaivém*, embora com outras acepções, consideramos a seguinte: “antiga máquina de guerra us. para golpear muralhas, fortalezas, portas, a fim de fazê-las desmoronar ou de arrombá-las; aríete” (Houaiss, 2009).

Barbadinho ²⁰⁵	córrego	zootopônimo	portuguesa	lat. barbatus: peixe + suf. -inho (Houaiss, 2009).	simples
Barbado	rio	zootopônimo	portuguesa	lat. barbatus: peixe (Houaiss, 2009).	simples
Barreiro	córrego	litotopônimo	portuguesa	pré-rom. barrum (Houaiss, 2009).	simples
Borda	serra [da]	cardinotopônimo	francesa	fr. bord: beirada (Houaiss, 2009).	simples
Branco	rio	cromotopônimo	germânica	germ. blanck: cor (Houaiss, 2009).	simples
Bugre	córrego [do]	etnotopônimo	francesa	fr. bougre: indígena (Houaiss, 2009).	simples
Cágado	rio [do]	zootopônimo	portuguesa	orig. contrv.: animal (Houaiss, 2009).	simples
Cágado	serra [do]	zootopônimo	portuguesa	orig. contrv.: animal (Houaiss, 2009).	simples
Caldeirão	serra [do]	ergotopônimo	portuguesa	lat. caldaria + suf. port. -ão (Houaiss, 2009).	simples
Campo Grande	corixo	corotopônimo	portuguesa	lat. campus + grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	composta
Carne de Vaca	córrego	somatotopônimo	portuguesa	lat. caro, carnis + vacca (Houaiss, 2009).	composta
Cataque	córrego	não classificada	não classificada	Não classificada.	não classificada
Córrego ²⁰⁶	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. hsp corrigus – rego ou vala onde se lavava os metais (Houaiss, 2009).	simples
Estiva	serra [da]	hodotopônimo	italiana	It. stiva - ponte rústica construída com paus (Houaiss, 2009).	simples
Fora	córrego [de]	cardinotopônimo	portuguesa	lat. foras: na parte exterior (Houaiss, 2009).	simples

²⁰⁵ - Barbadinho – Barbado – “peixe teleósteo de distribuição amazônica, com dorso verde-claro e ventre esbranquiçado, nadadeira dorsal grande e um acúleo flexível; mantopaque, peixe-moela, piramapu, piranambu, piranampu, piraniampu, pirinampu” (Houaiss, 2009).

²⁰⁶ - Córrego - No mapa do IBGE (2010) foi encontrado somente essa unidade lexical funcionando como todo o sintagma toponímico.

Gomalina	corixo	ergotopônimo	portuguesa + inglesa	lat. goma + vaselina – gumma + ing. vaseline (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Gomalina	córrego	ergotopônimo	portuguesa + inglesa	lat. goma + vaselina – gumma + ing. vaseline (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Guaporé	corixo	hidrotopônimo	tupi	tupi gua – vale, várzea + poré - consequência, produto: o produto do vale, o que colhe na várzea- rio encachoeirado; ou guapó – o que enche, engrossa + ré – após, depois: rio coletor (Silva, 1966).	–
Guaporé	rio	hidrotopônimo	tupi	tupi gua – vale, várzea + poré - consequência, produto: o produto do vale, o que colhe na várzea- rio encachoeirado; ou guapó – o que enche, engrossa + ré – após, depois: rio coletor (Silva, 1966).	–
Jabuti	pantanal [do]	zootopônimo	tupi	tupi Yawo'ti/ ya-u-tí - aquele que não bebe: animal (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Juruena	rio	hidrotopônimo	tupi	tupi Juruena vem de jurú corr. yurú - o pescoço, a garganta, a boca, a barra, a foz + ena, esvaziar, vazia, foz vazia. Ou juru – barra, foz + ena – prolongar-se; a garganta do rio (Silva, 1966).	–
Laurinha	córrego	antropotopônimo	portuguesa	lat. Laurus + hip. suf. –inha (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	simples
Meio	rio [de]	cardinotopônimo	portuguesa	lat. medius – no centro (Houaiss, 2009).	simples

Minuto ²⁰⁷	rio	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. minutus (Houaiss, 2009).	simples
Monte Cristo	córrego	corotopônimo	portuguesa	lat. mons, ntis + Christus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009): município de São Paulo.	composta
Monte Cristo	serra [do]	corotopônimo	portuguesa	lat. mons, ntis + Christus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009): município de São Paulo.	composta
Monte Cristo	pantanal [do]	corotopônimo	portuguesa	lat. mons, ntis + Christus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009): município de São Paulo.	composta
Mosquiteiro	lagoa [do]	zootopônimo	portuguesa	lat. musca: inseto (Houaiss, 2009).	simples
Onça	córrego [da]	zootopônimo	portuguesa	lat. vulg. lyncea: animal (Houaiss, 2009).	simples
Parecis	chapada [dos]	etnotopônimo	aruaque	parecí, paricí, corruptela de arití: grupo indígena (Cardoso, 1961).	–
Patos ²⁰⁸	lagoa [dos]	zootopônimo	portuguesa	orig. onom.: ave (Houaiss, 2009).	simples
Patrimônio ²⁰⁹	serra [do]	ergotopônimo	portuguesa	lat. patrimonium (Houaiss, 2009).	simples
Pau-a-Pique	serra [do]	dirrematotopônimo	portuguesa	lat. palus + orig. contrv. (Houaiss, 2009).	composta
Pedras	córrego [das]	litotopônimo	portuguesa	lat. petra (Houaiss, 2009).	simples
Pindaituba ²¹⁰	rio	fitotopônimo	tupi	tupi pinda'iwa – aglomerado de pindaíbas (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–

²⁰⁷ - “Muito pequeno; diminuto” (Houaiss, 2009).

²⁰⁸ - Patos - originou-se de uma onomatopeia (Houaiss, 2009).

²⁰⁹ - Patrimônio – “herança familiar: conjunto dos bens familiares; Derivação: sentido figurado; riqueza, preciosidade” (Houaiss, 2009).

²¹⁰ Pindaituba - Encontrada pindaíba: “design. comum a diversas árvores e arbustos da fam. das anonáceas” (Houaiss, 2009). Sampaio (1987, p. 300) informa: “Pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol”. O mesmo estudioso registra: tyba, o sítio. Nesse contexto: aglomerado de pindaíbas, informações trazidas por Sampaio (1987) e (Houaiss, 2009).

Primavera	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. tar. prima vera: planta ornamental (Houaiss, 2009).	simples
Santa Bárbara	serra	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Barbara deriv. bárbado (Gério, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Santa Helena	córrego	hagiotopônimo	portuguesa + grega	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + gr. Heléne (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
São Vicente	córrego	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus + vicens, ntis (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Seco	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. siccus; sem umidade (Houaiss, 2009).	simples
Tucunaré	córrego	zootopônimo	tupi	tupi tukuna're – peixe (Houaiss, 2009).	–
Uruguaíto ²¹¹	baía [do]	hidrotopônimo	tupi + espanhola	tupi uruay se compõe de Uruá-y ou Uruguá-y - o rio dos búzios ou dos caracóis + suf. esp. -ito (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Veado	córrego [do]	zootopônimo	portuguesa	lat. venatus: animal (Houaiss, 2009).	simples
VALE DE SÃO DOMINGOS					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Abandonado	córrego	animotopônimo disfórico	francesa + portuguesa	fr. abandonner: deixado ao abandono + suf. port. -ado (Houaiss, 2009).	simples + híbrida

²¹¹ Uruguaíto – diminutivo de Uruguai (Sampaio, 1987, p. 341).

Corgão	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. hsp corrigus – rego ou vala onde se lavava os metais (Houaiss, 2009).	simples
Estiva	córrego	hidrotopônimo	italiana	it. stiva - ponte rústica construída com paus (Houaiss, 2009).	simples
Frutal ²¹²	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. fructa (Houaiss, 2009).	simples
Guaporé	rio	hidrotopônimo	tupi	tupi gua – vale, várzea + poré - consequência, produto: o produto do vale, o que colhe na várzea- rio encachoeirado; ou guapó – o que enche, engrossa + ré – após, depois: rio coletor (Silva, 1966).	–
Guaporezinho	córrego	hidrotopônimo	tupi + portuguesa	tupi gua – vale, várzea + poré - consequência, produto: o produto do vale, o que colhe na várzea- rio encachoeirado; ou guapó – o que enche, engrossa + ré – após, depois: rio coletor + suf. port.-z-inho (Silva, 1966).	simples híbrida
Irara	córrego	zootopônimo	tupi	tupi i'rara – mamífero carnívoro (Houaiss, 2009).	–
Lagoinha	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. lacuna + suf. –inha (Houaiss, 2009).	simples
Laurinha	córrego	antropotopônimo	portuguesa	lat. Laurus + hip. suf. –inha (Houaiss, 2009).	simples
Machado ²¹³	ribeirão [do]	antropotopônimo	portuguesa	sobr. port. top. (Guérios, 1981).	simples
Palmital	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. palma: palmeira (Houaiss, 2009).	simples

²¹² - Frutal – há um município Frutal em Minas Gerais.

²¹³ - Sobrenome português toponímico, talvez primitivo “o vendedor de machado” (Guérios, 1981, p.167). Latim vulgar marculātus de martelo (Houaiss, 2009)

Santa Cruz	córrego	hierotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + crux (Houaiss, 2009).	composta
São José	córrego	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Josephus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Confusão	estirão [da]	animotopônimo disfórico	portuguesa	lat. confusio, onis (Houaiss, 2009).	simples
Alegre	rio	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. alicer (Houaiss, 2009).	simples
Encanto	corixo [do]	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. incanto (Houaiss, 2009).	simples
Encanto	lagoa [do]	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. incanto (Houaiss, 2009).	simples
Formosa	lagoa	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. formosus: agradável (Houaiss, 2009).	simples
Fortuna	córrego	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. fortuna – sorte, quinhão, posição, bens (Houaiss, 2009).	simples
Longa vida	córrego	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. longus + vita (Houaiss, 2009).	composta
Paraíso	córrego	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. paradisus (Houaiss, 2009).	simples
Rica	baía	animotopônimo eufórico	gótica	gót. reiks - poderoso (Houaiss, 2009).	simples

Betânia	baía [da]	antropotopônimo	hebraica	hebr. étimo não identificado.	simples
Betânia	furado [da]	antropotopônimo	hebraica	hebr. étimo não identificado.	simples
Cardoso ²¹⁴	serra [do]	antropotopônimo	portuguesa	lat. Cardoso- cardo sobr. port. top. (Guérios, 1981).	simples
Carvalho ²¹⁵	baía [do]	antropotopônimo	portuguesa	sobr. port. top. – sec. XIII (Houaiss, 2009).	simples
João Grande	baía [do]	antropotopônimo	portuguesa	lat. Jo(h)nnes + grandis – maior dimensão (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
João Melo ²¹⁶	baía [de]	antropotopônimo	portuguesa	lat. Jo(h)nnes + sobr. port. top. port. ant. Merloo (Guérios, 1981).	composta
Joaquinzinho	baía [do]	antropotopônimo	hebraica + portuguesa	Ioakhin + suf. port. - -zinho (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Lázaro	baía [do]	antropotopônimo	portuguesa	lat. Lazarus (Guérios, 1981).	simples
Marco	lagoa [do]	antropotopônimo	portuguesa	lat. Marcus (Guérios, 1981).	simples
Maurício	baía [do]	antropotopônimo	portuguesa	lat. Mauritius (Guérios, 1981).	simples
Neto	corixo [do]	antropotopônimo	portuguesa	lat. vulg. nepta (Houaiss, 2009).	simples
Ricardo Franco	serra	antropotopônimo	germânica	germ. Richard + Frank (Guérios, 1981).	composta
Ritinha	baía [da]	antropotopônimo	italiana + portuguesa	hip. abrev. it. de Margherita + suf. port. –inha (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Ritinha	estirão [da]	antropotopônimo	italiana + portuguesa	hip. abrev. it. de Margherita + suf. port. –inha (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	simples híbrida

²¹⁴ - Sobr. top. port. da expressão terreno cardoso ou chão cardoso (Guérios, 1981, p. 85).

²¹⁵ - Carvalho - Sobrenome português toponímico encontrado em Portugal desde o século XIII.

²¹⁶ - Sobrenome Português toponímico antigo, Merloo (Guérios, 1981, p. 175).

Schimit	córrego	antropotopônimo	germânica	sobr. alemão ferreiro ou metalúrgico (Guérios, 1981).	simples
Simplício	baía [de]	antropotopônimo	portuguesa	lat. Simplicius (Guérios, 1981).	simples
Soares	corixo	antropotopônimo	portuguesa	sobr. port. Suáriz (Guérios, 1981).	simples
Soares	lagoa [do]	antropotopônimo	portuguesa	sobr. port. Suáriz (Guérios, 1981).	simples
Totó	baía [do]	antropotopônimo	portuguesa	hip. port. de Antônio (Guérios, 1981).	simples
Zé Correia ²¹⁷	córrego	antropotopônimo	portuguesa	hip. de José (lat. Josephus) + sobr. port. top. lugar onde há corriolas – planta semelhante a correias (Guérios, 1981).	composta
Bispo	baía [do]	axiotopônimo	portuguesa	sobr. port. prim. alcunha ou por parentesco com um bispo - prelado com poderes de conferir sacramentos (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	simples
Dona Maria	baía [da]	axiotopônimo	portuguesa + hebraica	lat. domina + gr. Miryám (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Padre Inácio	baía [do]	axiotopônimo	portuguesa	lat. pater + Egnatius (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009): padre espanhol (Inácio de Loyola).	composta
Padre Inácio	pantanal [do]	axiotopônimo	portuguesa	lat. pater + Egnatius (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009): padre espanhol (Inácio de Loyola).	composta
Senhorita	morro [da]	axiotopônimo	portuguesa	lat. senior, oris (Houaiss, 2009).	simples
Borda	serra [da]	cardinotopônimo	francesa	fr. bord: beirada (Houaiss, 2009).	simples

²¹⁷ - Correia: sobrenome português topônimo: lugar onde há corriolas, corrijolas e correias (plantas) (Guérios (1981)).

Fora	corixo [de]	cardinotopônimo	portuguesa	lat. foras: na parte exterior (Houaiss, 2009).	simples
Monte Cristo	pantanal [do]	corotopônimo	portuguesa	lat. mons, ntis + Christus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009): município de São Paulo.	composta
Turvo	rio	cromotopônimo	portuguesa	lat. turbidus (Houaiss, 2009).	simples
Verde	rio	cromotopônimo	portuguesa	lat. virides (Houaiss, 2009).	simples
Funda	baía	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. fundus (Houaiss, 2009).	simples
Grande	baía	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	simples
Reduto ²¹⁸	baía [do]	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. reductus (Houaiss, 2009).	simples
Mata-chuva	córrego	dirrematotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + lat. pluvia (Houaiss, 2009).	composta
Barreira do campo	baía	ergotopônimo	portuguesa	lat. vulg. barra - espécie de trincheira de paus alinhados (Houaiss, 2009).	composta
Carro Curto	baía [do]	ergotopônimo	portuguesa	lat. carrus + curtus (Houaiss, 2009).	composta
Cinzas ²¹⁹	pantanal	ergotopônimo	portuguesa	lat. vulg. Cinisia (Houaiss, 2009).	simples
Gomalina ²²⁰	córrego	ergotopônimo	portuguesa + inglesa	lat. tar. gumma + ing. (vase)line (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Gomalina ²²¹	pantanal [da]	ergotopônimo	portuguesa + inglesa	lat. tar. Gumma + ing. (vase)line (Houaiss, 2009).	composta híbrida

²¹⁸ - Reduto “Regionalismo: Mato Grosso: lugar alto, a salvo de inundações ou enchentes” (Houaiss, 2009).

²¹⁹ - Cinzas – Entendemos o topônimo como um processo por combustão de madeira, folhas etc. (Houaiss, 2009).

²²⁰ - Gomalina – “produto à base de dextrina com propriedades adesivas, us. na fixação de cabelos” (Houaiss, 2009).

²²¹ - Gomalina – “produto à base de dextrina com propriedades adesivas, us. na fixação de cabelos” (Houaiss, 2009).

Pau da Torda	baía	ergotopônimo	portuguesa + francesa	lat. palus + fr. tordion - dança (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Telefone	córrego	ergotopônimo	inglesa	ing. telephone (Houaiss, 2009).	simples
Telefone	baía [do]	ergotopônimo	inglesa	ing. telephone (Houaiss, 2009).	simples
Trincheira	morro [da]	ergotopônimo	francesa	fr. tranchée: fosso para abrigo + suf. port. -eira (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Sararé ²²²	rio	etnotopônimo	aruaque	étimo desconhecida.	–
Acorizal ²²³	baía [do]	fitotopônimo	bororo + portuguesa	acori + pref. port. -z-al (-); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Angical	estirão [do]	fitotopônimo	orig. obsc + portuguesa	angico + suf. port. -al (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Arrozal	baía [do]	fitotopônimo	árabe + portuguesa	ár. ar-ruzz + suf. port. al (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Arrozal	córrego	fitotopônimo	árabe + portuguesa	ár. ar-ruzz + suf. -al (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Bananal belo	corixo	fitotopônimo	africana + portuguesa	africano + suf. port. -al. + lat. bellus (Raymundo (1933); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Buriti	lagoa [do]	fitotopônimo	tupi	tupi m'biriti – árvore que emite líquido: palmeira (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Cafezal	baía [do]	fitotopônimo	árabe + portuguesa	ár. qahwa + suf. port. -al: plantação de café (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Cambará	lagoa [do]	fitotopônimo	tupi	tupi kamba'ra/ caá-mbará - a planta variegada (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–

²²² - Sararé - <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3802>

²²³ - Acorizal - vem de *acori*, designativo de um tipo de coqueiro. <http://www.ipatrimonio.org/acorizal-centro-historico>. Acesso em 03/11/2023.

Capão	lagoa [do]	fitotopônimo	tupi	tupi ka'a pu'ã/ caá-pãu - a ilha de mato Ka'a pu'ã mato redondo (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Capão da Inhoca ²²⁴	morro	fitotopônimo	tupi + moçambicana	tupi ka'a pu'ã/ caá-pãu - a ilha de mato + nhoca – serpente (Houaiss, 2009); (Dicionário Infopédia da língua portuguesa).	composta híbrida
Espinho	baía [do]	fitotopônimo	portuguesa	lat. spinus (Houaiss, 2009).	simples
Flores	lagoa [de]	fitotopônimo	portuguesa	lat. flos, floris (Houaiss, 2009).	simples
Guanandi ²²⁵	baía [do]	fitotopônimo	tupi	tuí guá-nhandí /guá-nhandí - o que é grudento: planta (Sampaio, 1987).	–
Mato	baía [do]	fitotopônimo	portuguesa	lat. tar. Matta: vegetação (Houaiss, 2009).	simples
Pirizal	lagoa [do]	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi piripi'ri - junco + suf. port. –z-al (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Piúva	lagoa [da]	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi y'pê – casca de pau + lat. uva (Cunha, 1982); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Taquaral	baía [do]	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi ta'kwara/ ta-quara -a haste furada, ou oca + suf. port. –al (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida -
Tarumãzinho	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi taru'mã - planta + suf. + port. –z-inho (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Boca da Galera	baía	geomorfotopônimo	portuguesa + catalã	lat. bucca + cat. + galera (Houaiss, 2009).	composta + híbrida

²²⁴ - Inhoca – Encontrada *Nhoca*: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/nhoca>

²²⁵ - Guanandi é o nome de espécie de “árvore de até 35 m (*Calophyllum brasiliense*), da fam. das gutíferas, nativa das Guianas e Brasil (AMAZ a GO, MG)” (Houaiss, 2009)

Boca do Arrozal	baía	geomorfotopônimo	portuguesa + árabe	lat. bucca + ár. ar-ruzz + al (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Bocaina	corixo	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. bucca (Houaiss, 2009).	simples
Cubatão	baía [do]	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. obsc: pequena elevação na base de uma cordilheira (Houaiss, 2009).	simples
Facão ²²⁶	baía [do]	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Ponta do Mato	corixo	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. tar. puncta + matta (Houaiss, 2009).	composta
Várzea	córrego [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Santa Isabel	baía	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + f. port.de Elisabete (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Santa Rita	pantanal [de]	hagiotopônimo	portuguesa + italiana	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + hip. abrev. it. de Margherita (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta + híbrida
Santo Antônio	lagoa [do]	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Antonius (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Santo Inácio	corixo	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Egnatius (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
São José	corixo	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Josephus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta

²²⁶ - Facão: Houaiss (2009) apresenta a acepção de “na estrada, faixa de terra elevada e longitudinal entre sulcos abertos por rodas, dificultando a passagem de veículos (Regionalismo: Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso). O mesmo dicionarista registra a unidade léxica também no sentido de peixe. Foi adotada a acepção de “terra elevada”.

São Miguelito	corixo	hagiotopônimo	portuguesa + hebraica + espanhola	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + hebr. Mikha + suf. esp. -ito (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
São Pedro	baía [de]	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + lat. Petrus - port. arc. Pero (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
São Simão	baía	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Simeão (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
São Vicente	serra	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Vicens (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Água Branca	córrego	hidrotopônimo	portuguesa + germânica	lat. aqua + germ. blanck (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Água suja	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + succidus: gorduroso (Houaiss, 2009).	composta
Aguapei ²²⁷	serra	hidrotopônimo	tupi	tupi aguapé-y - o rio dos guapés (Sampaio, 1987).	–
Baia Grande	pantanal [da]	hidrotopônimo	portuguesa	orig. duv. + lat. grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	composta
Cabeceira	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. capitia - cabeça (Houaiss, 2009).	simples
Capivari ²²⁸	rio	hidrotopônimo	tupi	tupi caapiuar-y, - o rio das capivaras (Sampaio, 1987).	–

²²⁷ - Aguapei - O designativo é de origem tupi Aguapehy - aguapé-y, o rio dos guapés, o mesmo que aguapé, encontrado especialmente em São Paulo e Mato Grosso (Sampaio, 1987, p. 192).

²²⁸ Capivari – *CAPIVARY* corr. Caapiuar-y-o rio das capivaras (Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais). Alteração- Capibary, (Sampaio, 1987, p. 320).

Corixão	corixo	hidrotopônimo	orig. obsc. + portuguesa	orig. obsc.: canal que liga águas das lagoas + suf. port. -ão (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Corixinha	pantanal [do]	hidrotopônimo	orig. obsc. + portuguesa	orig. obsc.: canal que liga águas das lagoas + suf. port. -inha (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Guaporé	rio	hidrotopônimo	tupi	fr. fortalece + guapo'poré rio encachoeirado-ou guapó – o que se enche ou engrossa + ré – após, depois: o rio coletor (Silva; 1966); (Houaiss, 2009).	–
Minador ²²⁹	pantanal [do]	hidrotopônimo	francesa	fr. ant. mine + lat. aurum: mina d'água (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Poçoão	pantanal [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. puteus: buraco (Houaiss, 2009).	simples
Rebolho ²³⁰	volta	hidrotopônimo	portuguesa	lat. volvere: andar à roda (Houaiss, 2009).	simples
Rio Verde	furado [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. rius + lat. virides (Houaiss, 2009).	composta
Roncador	baía [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. rhoncho – ressonar (Houaiss, 2009).	simples
Candelária ²³¹	corixo	hierotopônimo	portuguesa	lat. candeia (Houaiss, 2009).	simples
Conceição ²³²	corixo	hierotopônimo	portuguesa	lat. conceptio, onis (Houaiss, 2009).	simples
Passagem	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	fr. passage (Houaiss, 2009).	simples

²²⁹ - Minador -minadouro.

²³⁰ - Acreditamos que se trata de *Rebojo* que, conforme Souza (p. 272) baseado nas informações trazidas por Augusto Leverger, rebojo, em Mato Grosso, significa redemoinho ou contracorrente, produzido pela sinuosidade do rio ou pelos acidentes de seu leito ou de suas margens. Assim, Rebolho pode configurar-se como uma corruptela de rebojo com bolha (glóbulo cheio de gás, ar ou vapor que se forma (ou se formou) em alguma substância líquida).

²³¹ - Candelária – É uma das designações atribuídas à Nossa Senhora.

²³² - Conceição originou-se da expressão Nossa Senhora da Imaculada Conceição (concepção) (Guérios, 1981, p. 95), que, por sua vez, originou-se do verbo conceber.

Areião ²³³ - Areão	corixo	litotopônimo	portuguesa	lat. (h) arena (Houaiss, 2009).	simples
Barranco alto	córrego	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv. base pré-rom. + lat. altus (Houaiss, 2009).	composta
Barranco Alto	baía [do]	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv. base pré-rom. + lat. altus (Houaiss, 2009).	composta
Pedra Branca	baía	litotopônimo	portuguesa + germânica	lat. petra + germ. blanck (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Tamandaré	córrego	mitotopônimo	tupi	tupi tab-moi-inda-ré – aquele que fundou povo, isto é, o repovoador da terra. É também o nome do Noé da lenda do dilúvio entre o gentio brasileiro (Sampaio, 1987).	–
Arvaide	córrego	não classificada	não classificada	não classificada.	não classificada
Arvaide	baía [do]	não classificada	não classificada	não classificada.	não classificada
Currubin	baía [do]	não classificada	não classificada	não classificada.	não classificada
Raçajá	baía	não classificada	não classificada	não classificada.	não classificada
Porto	baía	sociotopônimo	portuguesa	lat. portus (Houaiss, 2009).	simples
Romeiro	baía [do]	sociotopônimo	portuguesa	lat. Roma (Houaiss, 2009).	simples
Telheiro	corixo	sociotopônimo	portuguesa	lat. tegula (Houaiss, 2009).	simples

²³³ - Areião - Dicionarizada Areão: “areia densa e misturada com barro” (Houaiss, 2009).

Osso	corixo	somatotopônimo	portuguesa	lat. ossum: tecido que forma o esqueleto do corpo de grande parte dos animais (Houaiss, 2009).	simples
Anta	pantanal [de]	zootopônimo	árabe	ár. lamta: animal (Houaiss, 2009).	simples
Antas	baía [das]	zootopônimo	árabe	ár. lamta: animal (Houaiss, 2009).	simples
Barata	corixo [da]	zootopônimo	portuguesa	lat. blatta animal – inseto (Houaiss, 2009).	simples
Barbado	rio	zootopônimo	portuguesa	lat. barbatus: peixe (Houaiss, 2009).	simples
Bespa ²³⁴	baía [da]	zootopônimo	portuguesa	lat. vespa: animal (Houaiss, 2009).	simples
Cágado	corixo	zootopônimo	portuguesa	orig. contrv.: animal (Houaiss, 2009).	simples
Caimão	baía [do]	zootopônimo	portuguesa	lat. cient. caiman - jacaré (Houaiss, 2009).	simples
Cervo	baía [do]	zootopônimo	portuguesa	lat. cervus: animal - veado (Houaiss, 2009).	simples
Garça	baía [da]	zootopônimo	portuguesa	lat. hsp. gartia: ave (Houaiss, 2009).	simples
Jaboti	pantanal [do]	zootopônimo	tupi	tupi yawo'ti/ ya-u-tí- aquele que não bebe: animal (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Morcego	córrego	zootopônimo	portuguesa	lat. mus, muris: animal mamífero (Houaiss, 2009).	simples
Morcego	córrego [do]	zootopônimo	portuguesa	lat. mus, muris: animal mamífero (Houaiss, 2009).	simples
Ovo de Ema	baía	zootopônimo	portuguesa + molucana	lat. ovum + talvez do molucano emeu/eme (Houaiss, 2009).	composta híbrida

²³⁴ - Bespa – “m.q. vespa” (Houaiss, 2009).

Pacu da Estrada da Geralda	baía [do]	zootopônimo	tupi + portuguesa + germânica	tupi pa'ku/ pag-ú -o comer desperto - peixe + lat. strata + germ. Gerwald (Guérios, 1981) ;(Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Palmarito ²³⁵	corixo	zootopônimo	portuguesa + espanhola	lat. palma + suf. esp. -ito (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Pássaros	baía [dos]	zootopônimo	portuguesa	lat. passer, eris: ave (Houaiss, 2009).	simples
Sucuri	baía [do]	zootopônimo	tupi	tupi suku'ri / çuú-curí – o que morde rápido, atira o bote: serpente (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–

Fonte: elaborado pela autora com base em Dick (1990/1992).

²³⁵ - Palmarito – ave africana.

A tabela 7 mostra a frequência das taxes toponímicas (Dick, 1992) identificadas em topônimos de acidentes físicos da Região Geográfica Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro, coletados nos mapas do IBGE (2010).

Tabela 7: Frequência dos topônimos de acidentes físicos da Região Geográfica Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro – Mato Grosso.

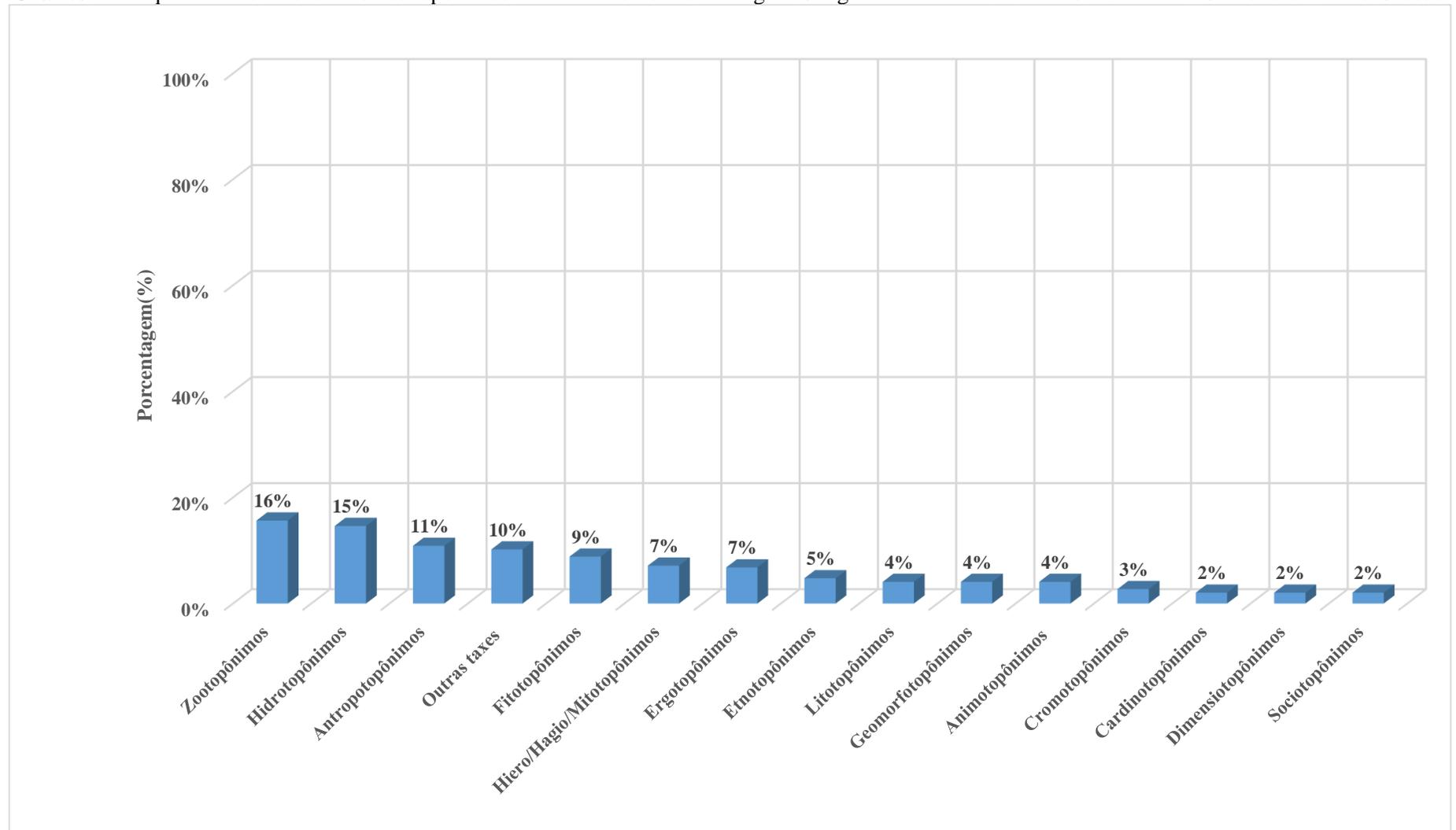
Taxonomia	Número absolutos	Números percentuais
Zootopônimos	46	15,64%
Hidrotopônimos	43	14,62%
Antropotopônimos	32	10,88%
Fitotopônimos	26	8,84%
Ergotopônimos	20	6,80%
Hagiotopônimos	15	5,10%
Etnotopônimos	14	4,76%
Litotopônimos	12	4,08%
Geomorfotopônimos	12	4,08%
Animotopônimos	12	4,08%
Cromotopônimos	08	2,72%
Cardinotopônimos	06	2,04%
Dimensiotopônimos	06	2,04%
Sociotopônimos	06	2,04%
Axiotopônimos	05	1,70%
Corotopônimos	05	1,70%
Hodotopônimos	05	1,70%
Não Classificadas	05	1,70%
Hierotopônimos	04	1,36%
Dirrematotopônimos	03	1,02%
Numerotopônimos	03	1,02%
Mitotopônimos	02	0,68%
Somatotopônimos	02	0,68%
Cronotopônimos	01	0,34%
Historiotopônimos	01	0,34%
Total	294	100%

Fonte: elaborado pela autora.

A Região Geográfica Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro registrou maior índice de ocorrência de *corixo*, termo de uso frequente na localidade em razão da grande quantidade de baías e lagoas em seu território. Os córregos, rios e serras também são acidentes físicos encontrados fartamente nos municípios da região, especialmente, em Vila Bela da Santíssima Trindade. Muitos desses termos geográficos se projetaram na toponímia ocupando a função de nome próprio.

O gráfico 4, a seguir, apresenta a distribuição percentual das categorias de topônimos identificadas na nomeação dos acidentes físicos coletados na região em foco.

Gráfico 4: Frequência das taxonomias dos topônimos de acidentes físicos da Região Geográfica Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro – Mato Grosso.



Fonte: elaborado pela autora.

Na região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro os topônimos motivados pelos animais foram os mais frequentes, realidade diversa das Regiões Imediatas de Cáceres e Mirassol d'Oeste, especialmente, em relação à taxa de natureza antropocultural dos antropotopônimos que ocupou o terceiro lugar. As características gerais dessa toponímia serão discutidas na soma total do *corpus*.

A Região Geográfica Intermediária de Cuiabá, até 2017 era denominada Mesorregião Centro-Sul de Mato Grosso e os seus 17 municípios foram objeto de estudo de Carvalho (2005), na área da toponímia. Na nova configuração, a região passou a abrigar mais 13 municípios e recebeu a denominação de Intermediária de Cuiabá. Seis desses municípios integram o escopo desta pesquisa.

Os topônimos coletados dos mapas do IBGE (2010) que nomeiam os acidentes físicos desses municípios são apresentados e analisados no quadro 15, em seguida, em coerência com a metodologia que orienta esta pesquisa.

Quadro 15: Topônimos de acidentes físicos de seis municípios da Região Geográfica Intermediária de Cuiabá – Mato Grosso.

REGIÃO IMEDIATA DE DIAMANTINO					
MUNICÍPIO DE DIAMANTINO					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Água Doce	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + dulcis (Houaiss, 2009).	composta
Água Fria	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + frigidus (Houaiss, 2009).	composta
Água Verde	ribeirão	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + virides (Houaiss, 2009).	composta
Alegre	rio	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. alicer (Houaiss, 2009).	simples
Alencar	córrego	antropotopônimo	portuguesa	sobr. port. top. (Guérios, 1981).	simples
Amolar ²³⁶	córrego	litotopônimo	portuguesa	esp. amolar (Houaiss, 2009).	simples
Anta	córrego [da]	zootopônimo	árabe	ár. lamta: animal (Houaiss, 2009).	simples
Areia	córrego [da]	litotopônimo	portuguesa	lat. (h)arena (Houaiss, 2009).	simples
Arinos ²³⁷	rio	antropotopônimo	portuguesa	étimo desconhecido.	simples
Barreiro	córrego	litotopônimo	portuguesa	pré-rom. barrum (Houaiss, 2009).	simples

²³⁶ - Acreditamos que se trata de pedra *amolar*, denominação usada para os quartzitos e arenitos duros que podem ser utilizados para amolar objetos cortantes. Qualquer pedra que possua camadas duras como a do quartzito pode ser utilizada como pedra amolar (Guerra; Guerra, 1997, p. 468).

²³⁷ - Arinos é o nome de uma nação indígena que habitou às margens do rio Arinos, além de antropônimo.

Bocaina	córrego	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. bucca (Houaiss, 2009).	simples
Buriti Comprido	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi mbiri'ti/ - árvore que emite líquido - palmeira + lat. complere (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Buritizal	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi mbiri'ti/ - árvore que emite líquido - palmeira + suf. port. -z-al (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Buritizal	ribeirão	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi mbiri'ti/ - árvore que emite líquido - palmeira + suf. port. -z-al (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Cabeceira	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. capitia – cabeça (Houaiss, 2009)	simples
Cabeceira do Gato	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. capitia – cabeça + lat. cattus (Houaiss, 2009).	composta
Cabeceira do Miguel	córrego	hidrotopônimo	portuguesa + hebraica	lat. vulg. capitia cabeça + hebr. Mikha (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Cágado	córrego	zootopônimo	portuguesa	orig. contrv.: animal (Houaiss, 2009).	simples
Caixa Furada	serra da	ergotopônimo	portuguesa	lat. capsia + foratus (Houaiss, 2009).	composta
Caju	córrego [do]	fitotopônimo	tupi	tupi aka'yu/ acã-yú - pomo amarelo, o caju: fruta (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Campinas	córrego	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. campus + suf. port. ina (Houaiss, 2009).	simples
Campo	córrego [do]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. campus (Houaiss, 2009).	simples

Cerrado	córrego [do]	fitotopônimo	espanhola	esp. cerrar (Houaiss, 2009).	simples
Cheia	lagoa	hidrotopônimo	portuguesa	lat. plenus (Houaiss, 2009).	simples
Clara	água	cromotopônimo	portuguesa	lat. clarus (Houaiss, 2009).	simples
Claro	rio	cromotopônimo	portuguesa	lat. clarus (Houaiss, 2009).	simples
Conceição ²³⁸	córrego	hierotopônimo	portuguesa	lat. concepio, onis (Houaiss, 2009).	simples
Correnteza	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. currens, entis: correr (Houaiss, 2009).	simples
Curimba	córrego	zootopônimo	tupi	tupi curimba kurima-tá – peixe (Houaiss, 2009).	–
Diamantino	rio	litotopônimo	portuguesa	lat. vulg. diamas, antis + suf. port. -ino (Houaiss, 2009).	simples
Estivado	córrego	hodotopônimo	italiana + portuguesa	it. stiva - ponte rústica construída com paus + suf. port. -ado (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Estivado	ribeirão	hodotopônimo	italiana + portuguesa	it. stiva - ponte rústica construída com paus + suf. port. -ado (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Fazenda Nova	córrego	sociotopônimo	portuguesa	lat. vulg. facenda + lat. novus (Houaiss, 2009).	composta
Fervedor ²³⁹ - fervedouro	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. ferveo (Houaiss, 2009).	simples
Figueira	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. fígo + suf. port. -eira (Houaiss, 2009).	simples

²³⁸ - Conceição originou-se da expressão Nossa Senhora da Imaculada Conceição (concepção) (Guérios, 1981, p. 95), que, por sua vez, originou-se do verbo conceber.

²³⁹ - Dicionarizada fervedouro/fervedouro (Houaiss, 2009).

Fundo	córrego	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. fundus (Houaiss, 2009).	simples
Furna	córrego [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. fornus (Houaiss, 2009).	simples
Gangorra	córrego	ergotopônimo	portuguesa	orig. obsc. (Houaiss, 2009).	simples
Grande Ribeirão	rio	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. grandis – maior dimensão + lat. medv. riparius (Houaiss, 2009).	composta
Gringo	córrego	etnotopônimo	espanhola	esp. gringo: deformação de griego - grego (Corominas <i>apud</i> Houaiss, 2009).	simples
Gruta	córrego [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. grupta (Houaiss, 2009).	simples
Guanandi	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi Guá-nhandí - o que é grudento: árvore: árvore (?): (Houaiss, 2009).	–
Lagoa Rica	córrego	hidrotopônimo	portuguesa + gótica	lat. lacuna + gót. Reiks (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Lagoinha	córrego [da]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. lacuna + suf. port. –inha (Houaiss, 2009).	simples
Laranjeira	córrego	fitotopônimo	árabe + portuguesa	ár. narandja + suf. port. –eira: pé de laranja (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Lobinho	córrego	zootopônimo	portuguesa	lat. lúpus + suf. port. –inho (Houaiss, 2009)	simples
Lobo	córrego [do]	zootopônimo	portuguesa	lat. lúpus (Houaiss, 2009).	simples
Mata Grande	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. tar. matta + lat. grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	composta

Melgueira	chapada [da]	ergotopônimo	portuguesa	lat. mellicaria: cortiço com favo de mel (Houaiss, 2009).	simples
Morim ²⁴⁰	serra [do]	ergotopônimo	malaia	mal. muri – pano/tecido (Houaiss, 2009).	simples
Onça Brava	córrego [da]	zootopônimo	portuguesa	lat. lyncea – animal + brabus (Houaiss, 2009).	composta
Pan	rio	zootopônimo	portuguesa	lat.pan – nome comum dos primatas (Houaiss, 2009).	simples
Paraguaizinho	rio	hidrotopônimo	tupi + portuguesa	tupi Paraguá-y, o rio dos papagaios + suf. port. –z-inho (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Pari ²⁴¹	córrego	ergotopônimo	tupi	tupi - pa'ri - o cercado para apanhar peixe, a caniçada ou curral de peixe (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Pedra	córrego	litotopônimo	portuguesa	lat. petra (Houaiss, 2009).	simples
Pedras	córrego [das]	litotopônimo	portuguesa	lat. petra (Houaiss, 2009).	simples
Perdida	córrego [da]	antropotopônimo	portuguesa	lat. perdo (Houaiss, 2009).	simples
Piraputanga	córrego	zootopônimo	tupi	tupi pirapi'tanga – peixe avermelhado (Houaiss, 2009).	–

²⁴⁰ - Morim - Conforme Guérios (1981, p. 56-57) Amorim é sobrenome português toponímico genitivo do latim Amorini de Amorius, derivado de amor. Houaiss (2009) apresenta morim como tecido de algodão, branco e fino.

²⁴¹ - - Pari – “armadilha para apanhar peixes em rios, feita de varas; paritá” (Houaiss, 2009). Pode ser, também, uma referência à lenda Minhocão do Pari. Lenda surgida na Barra do Pari, em Cuiabá. O minhocão refere-se a uma entidade que mora nas profundezas do rio Cuiabá e assusta os pescadores. <https://portalamazonia.com/cultura/lenda-do-minhocao-o-terror-dos-pescadores-no-rio-cuiaba/#:~:text=O%20Minhoc%C3%A3o%20era%20um%20ser,muitas%20vezes%20devorando%20os%20pescadores.>

Piraputanga	serra	zootopônimo	tupi	tupi pirapi'tanga – peixe avermelhado (Houaiss, 2009).	–
Ponte de Pedra	rio	ergotopônimo	portuguesa	lat. pons, pontis + petra (Houaiss, 2009).	composta
Porteira	córrego	ergotopônimo	portuguesa	lat. porta (Houaiss, 2009).	simples
Preguiça	córrego [da]	zootopônimo	portuguesa	lat. pigritia – indolência: animal (Houaiss, 2009).	simples
Preto	rio	cromotopônimo	portuguesa	lat. prett- pressus (Houaiss, 2009).	simples
Rancho	córrego [do]	sociotopônimo	espanhola	esp. rancho - pequeno sítio (Houaiss, 2009).	simples
Ribeirão Grande	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. medv. riparius + lat. grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	composta
Ribeirão Três Lagoas	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. medv. riparius + lat. três, tria + lacuna (Houaiss, 2009).	composta
Rio Preto	ribeirão	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. rius + lat. prett- pressus (Houaiss, 2009).	composta
Saltinho	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. saltus + suf. port. –inho (Houaiss, 2009).	simples
Salto	córrego [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. saltus (Houaiss, 2009).	simples
Santo Antônio	ribeirão	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Antonius (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta

São Francisco	córrego	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + lat. medv. Franciscus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Sapé	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi yasa'pe/ eçá-pé, ver caminho, aluminar. É gramínea (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Sapezal	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi yasa'pe/ eçá-pé, ver caminho, aluminar. É gramínea + suf. -z-al (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Saracura	córrego	zootopônimo	tupi	tupi sara'kura/tara-cura - engole-milho: ave (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Senhor Carlos	córrego	axiotopônimo	portuguesa	lat. senior, oris + Cárolus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Serragem	rio	ergotopônimo	portuguesa	lat. serro (Houaiss, 2009).	simples
Serrinha	serra	geomorfotopônimo	portuguesa	lat serro (Houaiss, 2009).	simples
Sucuri	rio	zootopônimo	tupi	tupi suku'ri / çuú-curí - morde rápido: serpente (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Sumidouro	ribeirão	hidrotopônimo	portuguesa	lat. sumo: onde a água desaparece (Houaiss, 2009).	simples
Taquaralzinho	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi ta'kwara/ ta-quara - a haste furada, ou oca + suf. port. -al-zinho (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida

Teixeira ²⁴²	córrego	antropotopônimo	portuguesa	sobr. port. top. lugar onde há teixos (árvore). lat. <i>taxus</i> (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	simples
Tiago ²⁴³	córrego	antropotopônimo	portuguesa	port. resultante de Santiago (Guérios, 1981).	simples
Tombador ²⁴⁴	serra [do]	geomorfotopônimo	grega + portuguesa	onom. <i>tumb-</i> + suf. port. <i>-dor</i> : morro (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Três córregos	córrego	numerotopônimo	portuguesa	lat. <i>tres</i> , <i>tria</i> + lat. <i>hsp corrigus</i> – rego ou vala onde se lavava os metais (Houaiss, 2009).	composta
Três Lagoas	córrego	numerotopônimo	portuguesa	lat. <i>tres</i> , <i>tria</i> + <i>lacuna</i> (Houaiss, 2009).	composta
Três onças	córrego	numerotopônimo	portuguesa	lat. <i>tres</i> , <i>tria</i> + lat. vulg. <i>lyncea</i> (Houaiss, 2009).	composta
Vargem Grande	córrego	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + lat. <i>grandis</i> – maior dimensão (Houaiss, 2009).	composta
Vargem Grande	serra [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + lat. <i>grandis</i> – maior dimensão (Houaiss, 2009).	composta
Velha	córrego [da]	cronotopônimo	portuguesa	lat. <i>vetulus</i> (Houaiss, 2009).	simples
REGIÃO GEOGRÁFICA IMEDIATA DE CUIABÁ					

²⁴² - Teixeira é sobrenome português toponímico significando lugar onde há teixos (árvore conífera), originado do latim *taxus* (Guérios, 1981).

²⁴³ - Tiago - Nome português resultante de Santiago (São + Tiago) (Guérios, 1981, p. 237).

²⁴⁴ - Tombador - originou-se do radical onomatopaico *tumb-* que imita o som de um objeto que cai (Houaiss, 2009).

MUNICÍPIO DE NOBRES

Topônimo	Acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Acorizal ²⁴⁵	córrego	fitotopônimo	bororo + portuguesa	acori + suf. port. -z-al (-) ;(Houaiss, 2009).	simples híbrida
Açúcar	córrego [do]	ergotopônimo	árabe	ár. as-sukkar: carboidrato doce (Houaiss, 2009).	–
Água Doce	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + dulcis (Houaiss, 2009).	composta
Águas Claras	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + clarus (Houaiss, 2009).	composta
Almoço	córrego [do]	ergotopônimo	portuguesa	lat. admordere (Houaiss, 2009).	simples
Areia	córrego [da]	litotopônimo	portuguesa	lat. (h)arena (Houaiss, 2009).	simples
Arinos ²⁴⁶	rio	antropotopônimo	portuguesa	étimo desconhecido.	simples
Azul	córrego	cromotopônimo	árabe	ár. lazurd: cor (Houaiss, 2009).	–
Azul	lago	cromotopônimo	árabe	ár. lazurd: cor (Houaiss, 2009).	–
Baixo	córrego	dimensiotopônimo	portuguesa	b. –lat. bassus (Houaiss, 2009).	simples
Barra da Santa Rosa	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. barra + lat. sanctus - que tem caráter sagrado + rosa (Houaiss, 2009).	composta
Barreiro	córrego	litotopônimo	portuguesa	pré-rom. barrum (Houaiss, 2009).	simples

²⁴⁵ - Acorizal - vem de acori, designativo de um tipo de coqueiro. <http://www.ipatrimonio.org/acorizal-centro-historico>. Acesso em 03/11/2023.

²⁴⁶ - Arinos é nome de uma nação indígena que habitou às margens do rio Arinos, além de antropônimo.

Barrinha	córrego [da]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. barra + suf. -inha (Houaiss, 2009).	simples
Bebedouro	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	bat. bibitor (Houaiss, 2009).	simples
Berro ²⁴⁷	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Boa vista	serra [da]	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. bonus + videre (Houaiss, 2009).	composta
Bocaina	morro	geomorfotônimo	portuguesa	lat. bucca (Houaiss, 2009).	simples
Borá	córrego	zootopônimo	tupi	tupi bo'rá/vorá – âmago, o íntimo, o centro: abelha social (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Brejo Grande	córrego	litotopônimo	portuguesa	orig. obsc. + lat. grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	composta
Bugre	córrego [do]	etnotopônimo	francesa	fr. bougre: indígena (Houaiss, 2009).	simples
Buracão	serra [do]	geomorfotônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Buritizal	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi mbiri'ti - árvore que emite líquido: a palmeira + suf. port. -z-al (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Buritizinho	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi mbiri'ti - árvore que emite líquido: a palmeira + suf. port. -z-inho (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Cabeceira das Pombas	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. capitia - cabeça+ lat. palumba (Houaiss, 2009).	composta

²⁴⁷ - Berro – foi considerado o barulho realizado pela água, em algum ponto do seu curso, à semelhança do topônimo *Roncador*.

Cabeceira do Bode	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. capitia – cabeça + orig. obsc. (Houaiss, 2009).	composta
Cachoeira	córrego [da]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. coctio – ação de cozer, borbulhão, fervura (Houaiss, 2009).	simples
Caititu	córrego	zootopônimo	tupi	tupi taite'tu – porco do mato (Houaiss, 2009).	–
Caixa Furada	serra [da]	ergotopônimo	portuguesa	lat. capsa + foratus (Houaiss, 2009).	composta
Cambaiuval ²⁴⁸	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi cambaúva + suf. port. -al (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Campo Vaquejador	córrego [do]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. campus + lat. vacca (Houaiss, 2009).	composta
Cancela	córrego	ergotopônimo	portuguesa	lat. cancelus (Houaiss, 2009).	simples
Cancela	serra [da]	ergotopônimo	portuguesa	lat. cancelus (Houaiss, 2009).	simples
Capão Azul	córrego	fitotopônimo	tupi + árabe	tupi ka'a pu'ã / caá –pauã – mato redondo/ ilha de mato + á. lazurd (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Capão do Meio	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi ka'a pu'ã / caá –pauã – mato redondo/ ilha de mato + lat. medius (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Carrapatinho	córrego	zootopônimo	portuguesa	orig. contrv. + suf. port. -inho (Houaiss, 2009).	simples

²⁴⁸ - Cambaiuval - denomina a plantação de cambaiuva, forma regionalizada de Cambaúva, em tupi-guarani um tipo de bambu, mole, tenro que nasce perto de lagoa. www.dicionarioinformal.com.br/camba. Acesso em 03/11/2023.

Cascavel	córrego	zootopônimo	portuguesa	lat. cascabus: cobra (Houaiss, 2009).	simples
Castanho	córrego	cromotopônimo	portuguesa	orig. contrv. cor (Houaiss, 2009).	simples
Cedrau – al	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. cedrus: plantação de cedros (Houaiss, 2009).	simples
Cercado	córrego [do]	ergotopônimo	portuguesa	lat. tar. circo (Houaiss, 2009).	simples
Cerquinha	córrego	ergotopônimo	portuguesa	lat. tar. circo + suf. –inha (Houaiss, 2009).	simples
Chapada Alta	córrego	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + lat. altus (Houaiss, 2009).	composta
Chapéu	córrego [do]	ergotopônimo	francesa	fr. ant. chapel (Houaiss, 2009).	simples
Cocal	ribeirão [do]	fitotopônimo	orig. contrv. + portuguesa	orig. contrv. + suf. port. –al (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Cocalzinho	córrego	fitotopônimo	orig. contrv. + portuguesa	orig. contrv. + suf. port. –z-inho (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Coqueiral	córrego	fitotopônimo	orig. contrv. + portuguesa	orig. contrv. + suf. port. –eiral (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Cuiabá ²⁴⁹	rio	zootopônimo	guarani	guar. Kyya verá – lontra brilhante (Silva, 2012).	–

²⁴⁹ - Cuiabá - Segundo a etimologia do topônimo Cuiabá – Cuyabá – Cuyavá – Cuyaverá – Kyyaverá - Cuiabá significando *Lontra brilhante*, conforme carta do jesuíta Agostinho Castañares, transcrita por Jaime Cortesão na obra Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri, analisada pelo professor paraguaio de gramática guarani, Brasilides Brites Fariña (Silva, 2012).

Cuiabá ²⁵⁰	serra [do]	zootopônimo	guarani	guar. Kyya verá – lontra brilhante (Silva, 2012).	–
Cuiabazinho	rio	zootopônimo	guarani + portuguesa	guar. Kyya verá – lontra brilhante + suf. port. –zinho (Houaiss, 2009); (Silva 2012).	simples híbrida
Cuiabazinho	serra [do]	zootopônimo	guarani + portuguesa	guar. Kyya verá – lontra brilhante + suf. port. -zinho (Houaiss, 2009); (Silva 2012).	simples híbrida
Curralzinho	córrego	ergotopônimo	portuguesa	talv. lat. currale (Houaiss, 2009).	simples
Divisa	córrego [da]	cardinotopônimo	francesa	fr. devise (Houaiss, 2009).	simples
Égua	córrego [da]	zootopônimo	portuguesa	lat. equa (Houaiss, 2009).	simples
Escaroçador ²⁵¹ - Des	córrego	sociotopônimo	portuguesa	lat. vulg. carudium (Houaiss, 2009).	simples
Estivado	córrego	hodotopônimo	italiana + portuguesa	it. stiva - ponte rústica construída com paus + suf. port. -ado (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Estivado	ribeirão	hodotopônimo	italiana + portuguesa	It. stiva - ponte rústica construída com paus + suf. port. –ado (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Estreito	córrego	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. strictus (Houaiss, 2009).	simples

²⁵⁰ - Cuiabá - Cuiabá - Segundo a etimologia do topônimo Cuiabá – Cuyabá – Cuyavá – Cuyaverá– Kyyaverá - Cuiabá significando *Lontra brilhante*, conforme carta do jesuíta Agostinho Castañares, transcrita por Jaime Cortesão na obra Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri, analisada pelo professor paraguaio de gramática guarani, Brasilides Brites Fariña (Silva, 2012).

²⁵¹ - Vem de caroço - núcleo dos frutos do tipo drupa (ameixa, azeitona, manga etc.), formado por uma camada lenhosa que envolve a semente. Assim, seria descaroçador (Houaiss, 2009).

Facão ²⁵²	córrego	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Fervedor ²⁵³	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. ferveo (Houaiss, 2009).	simples
Figueira	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. figo: árvore (Houaiss, 2009).	simples
Formosa	córrego [da]	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. formosus (Houaiss, 2009).	simples
Formoso	ribeirão [do]	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. formosus (Houaiss, 2009).	simples
FUNAI ²⁵⁴	córrego	acronimotopônimo	portuguesa + francesa + persa	b.lat. fundatio + fr. national + persa hindu (Índia) (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Furna	córrego [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. fornus (Houaiss, 2009).	simples
Furnas	serra [das]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. fornus (Houaiss, 2009).	simples
Grande	ribeirão	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	simples
Grande	córrego	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	simples
Guanandi	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi guá-nhandí - o que é grudento: árvore: árvore (Sampaio, 1987).	–
Guaraná	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi wara’na – árvore que sobe apoiada em outra (Houaiss, 2009).	–

²⁵² Facão - Facão: Houaiss (2009) apresenta a acepção de “na estrada, faixa de terra elevada e longitudinal entre sulcos abertos por rodas, dificultando a passagem de veículos (Regionalismo: Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso). O mesmo dicionarista registra a unidade léxica também no sentido de peixe. Foi adotada a acepção de “terra elevada”.

²⁵³ - Dicionarizada fervedeiro/fervedouro: movimento similar ao da ebulição de um líquido; efervescência (Houaiss, 2009).

²⁵⁴ - FUNAI: Fundação Nacional do Índio.

Guarânea-Guarânia	córrego	ergotopônimo	guarani	balada lenta (Houaiss, 2009).	–
Jaraguá	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi yara'wa/ yara-guá - a baixa do senhor, o vale do dono: capim (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
João Pinto	córrego	antropotopônimo	portuguesa	lat. Jo(h)nes + sobr. port. prim. alcunha	composta
Laje	córrego [da]	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv.; placa de pedra (Houaiss, 2009).	simples
Larga	córrego [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. largus: planície, campo sem cercas divisórias (Houaiss, 2009).	simples
Lavanca - Alavanca ²⁵⁵	córrego [da]	ergotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Limoeiro	córrego	fitotopônimo	persa + portuguesa	persa laimun + suf. port. -eiro: planta (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Litro	córrego [do]	ergotopônimo	francesa	fr. litre (Houaiss, 2009).	simples
Macaco	córrego [do]	zootopônimo	africana	orig. div. prov. afr.: animal (Houaiss, 2009).	simples
Maloca	córrego [da]	sociotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Mangavazinho	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi man'gawa/ mongaba - o grude, o visco; alusão ao látex + suf. port. -zinho (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Maria	córrego	antropotopônimo	hebraica	hebr. Miryám (Guérios, 1981).	simples

²⁵⁵ Lavanca – dicionarizada *Alavanca*: “barra de material resistente us. para mover ou erguer qualquer objeto pesado” (Houaiss, 2009).

Mato Novo	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat tar. matta + lat. novus que se encontra no início de um ciclo (Houaiss, 2009).	composta
Monjolinho	córrego	ergotopônimo	quimbundo + portuguesa	quimb. mansilu + suf. port. -inho.	simples híbrida
Morada	córrego	ecotopônimo	portuguesa	lat. medv. morata (Houaiss, 2009).	simples
Muta - Mutá	córrego [do]	ergotopônimo	tupi	tupi mytá/ mby-tá -o piso, degrau, sobrado, palanque (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	-
Mutum	córrego	zootopônimo	tupi	tupi my-t-õ/ -a pele negra: ave (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	-
Nego	córrego [do]	antropotopônimo	portuguesa	lat niger (Houaiss, 2009).	simples
Nobres	ribeirão	antropotopônimo	portuguesa	sobr. port. prim. Nobre (Guérios, 1981).	simples
Novo	córrego	cronotopônimo	portuguesa	lat. novus - de pouco uso (Houaiss, 2009).	simples
Novo	rio	cronotopônimo	portuguesa	lat. novus - de pouco uso (Houaiss, 2009).	simples
Olho d'Água	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. oculus + aqua (Houaiss, 2009).	composta
Onças	córrego [das]	zootopônimo	portuguesa	lat. lyncea: animal (Houaiss, 2009).	simples
Pai-do-Mel	córrego	zootopônimo	portuguesa	lat. vulg. patre + mel: abelha (Houaiss, 2009).	composta
Pantanalzinho	ribeirão	geomorfotopônimo	italiana + portuguesa	it. pantano + suf. port. -al -zinho (Houaiss, 2009).	simples híbrida

Pedras	córrego [das]	litotopônimo	portuguesa	lat. pedra (Houaiss, 2009).	simples
Pilão	córrego	ergotopônimo	francesa	fr. pilon – instrumento de pilar, tirar a casca, moer (Houaiss, 2009).	simples
Pilão	morro [do]	ergotopônimo	francesa	fr. pilon– instrumento de pilar, tirar a casca, moer (Houaiss, 2009).	simples
Pilãozinho	córrego	ergotopônimo	francesa + portuguesa	fr. pilon – instrumento de pilar, tirar a casca, moer + suf. port. –zinho (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Pilões	ribeirão [dos]	ergotopônimo	francesa	fr. pilon– instrumento de pilar, tirar a casca, moer (Houaiss, 2009).	simples
Piraputanga	córrego	zootopônimo	tupi	tupi pirapi'tanga – peixe avermelhado (Houaiss, 2009).	–
Planchão ²⁵⁶	córrego [do]	ergotopônimo	francesa + portuguesa	fr. planche + suf. port. –ão (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Planchãozinho ²⁵⁷	córrego	ergotopônimo	francesa + portuguesa	fr. planche + suf. port. –ão-zinho (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Porcas	córrego [das]	zootopônimo	portuguesa	lat. porcus (Houaiss, 2009).	simples
Porcas	ribeirão [das]	zootopônimo	portuguesa	lat. porcus (Houaiss, 2009).	simples
Portinha	córrego	ergotopônimo	portuguesa	lat. porta + suf. port. –inha (Houaiss, 2009).	simples

²⁵⁶ - Planchão - m.q. prancha: “embarcação de proa lançada, bordos largos e salientes, com uma cobertura chata de tábuas, impulsionada a vara ou a vela, us. para transporte de carga em alguns rios da bacia do Paraguai’ (Houaiss, 2009).

²⁵⁷ - Planchãozinho – diminutivo de Plancha/Prancha: “Planchão - m.q. prancha: “embarcação de proa lançada, bordos largos e salientes, com uma cobertura chata de tábuas, impulsionada a vara ou a vela, us. para transporte de carga em alguns rios da bacia do Paraguai’ (Houaiss, 2009).

Potreirinho	córrego	sociotopônimo	portuguesa	lat. medv pullitrus: filhote de animal (Houaiss, 2009).	simples
Potreiro	córrego	sociotopônimo	portuguesa	lat. medv pullitrus + suf. port. -inho (Houaiss, 2009).	simples
Quebó	serra [do]	hidrotopônimo	bororo	bororo que – morcego + bó- água, córrego, rio - Água de Morcego. (Cardoso, 1961).	–
Quebó	cabeceira [do]	hidrotopônimo	bororo	bororo que – morcego + bó- água, córrego, rio - Água de Morcego. (Cardoso, 1961).	–
Quebó	córrego	hidrotopônimo	bororo	bororo que – morcego + bó- água, córrego, rio - Água de Morcego. (Cardoso, 1961).	–
Quebó	rio	hidrotopônimo	bororo	bororo que – morcego + bó- água, córrego, rio - Água de Morcego. (Cardoso, 1961).	–
Quebó- segundo	córrego	hidrotopônimo	bororo + portuguesa	bororo que – morcego + bó- água, córrego, rio - Água de Morcego + lat. secundus (Cardoso, 1961); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Quebó-Grande	rio	hidrotopônimo	bororo + portuguesa	bororo que – morcego + bó- água, córrego, rio - Água de Morcego + lat. grandis – maior dimensão (Cardoso, 1961); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Quebó-Guaçu	ribeirão	hidrotopônimo	bororo + tupi	bororo que – morcego + bó- água, córrego, rio - Água de Morcego + tupi	composta híbrida

				gwa'çu (Cardoso, 1961); (Sampaio, 1987).	
Quebozinho	ribeirão	hidrotópônimo	bororo + portuguesa	bororo que - morcego + bó- água, córrego, rio – Água de Morcego + suf. port. -zinho (Cardoso, 1961); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Quebra-Panela	córrego	dirrematotópônimo	portuguesa	lat. crepo + lat. vulg. pannella (Houaiss, 2009).	composta
Quilombo	córrego	sociotópônimo	quimbundo	quimb. Kilombo: abrigo dos escravos (Houaiss, 2009).	simples
Quitanda	serra [da]	sociotópônimo	quimbundo	quimb. kitanda (Houaiss, 2009).	simples
Raizama	córrego	fitotópônimo	portuguesa	lat. radix (Houaiss, 2009).	simples
Requeijão	serra [do]	ergotópônimo	portuguesa	lat. pop. Caseus (Houaiss, 2009).	simples
Retiro	córrego [do]	sociotópônimo	portuguesa	orig. obsc.: lugar (Houaiss, 2009).	composta
Retiro São Marcos	córrego	sociotópônimo	portuguesa	orig. obsc.; lugar + lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Marcus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Salobrinho	córrego	hidrotópônimo	portuguesa + espanhola	lat. sal + suf. esp. obre + - inho (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Salobro	córrego	hidrotópônimo	portuguesa + espanhola	lat. sal + suf. esp. obre/o (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Salobro	ribeirão	hidrotópônimo	portuguesa + espanhola	lat. sal + suf. esp. obre/o (Houaiss, 2009).	simples híbrida

Santa Maria	córrego	hagiotopônimo	portuguesa + hebraica	lat. sanctus + hebr. Miryám (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Santa Rita	córrego	hagiotopônimo	portuguesa + italiana	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + hip. abrv. it. Margherita (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta + híbrida
Santa Rita	serra [da]	hagiotopônimo	portuguesa + italiana	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + hip. abrv. it. Margherita (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta + híbrida
Santana	córrego	hagiotopônimo	portuguesa + hebraica	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + hebr. Hana/Hannah – graça, clemência (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
híbridaSão José	córrego	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Josephus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Selado	morro	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. sigilatus (Houaiss, 2009).	simples
Sérgio	córrego [do]	antropotopônimo	portuguesa	lat. Sergius (Guérios, 1981).	simples
Serra	serra [das]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. serra (Houaiss, 2009).	simples
Serragem	córrego [da]	ergotopônimo	portuguesa	lat. serro (Houaiss, 2009).	simples
Serragem	rio	ergotopônimo	portuguesa	lat. serro (Houaiss, 2009).	simples
Serrinha	serra	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. serra (Houaiss, 2009).	simples
Sesmaria das pedras	serra	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. sexima + petra (Houaiss, 2009).	composta

Sucuri	córrego	zootopônimo	tupi	tupi suku'ri /çuú-curí - morde rápido, atira o bote: serpente (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Tapera	córrego [da]	ecotopônimo	tupi	tupi ta'pera / tawa - taba + pwerá: abandonado (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Taquaral	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi ta'kwara/ta-quara - a haste furada, ou oca. + suf. port. –al (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Taquaralzinho	córrego	fitotopônimo	tupi+ portuguesa	tupi ta'kwara/ta-quara - a haste furada, ou oca. + suf. port. –al-zinho (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Tomás	córrego [do]	antropotopônimo	portuguesa	lat. Thomasius (Guérios, 1981).	simples
Tombador ²⁵⁸	serra [do]	geomorfotopônimo	grega + portuguesa	onom. tumb- + suf. port. -dor: morro (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Traidor	córrego	animotopônimo disfórico	portuguesa	lat. traditor: que atraiçoa (Houaiss, 2009).	simples
Traíras	córrego [das]	zootopônimo	tupi	tupi tare'ira/ taraguira - o que está de rojo ou que se bamboleia – peixe (Sampaio, 1987).	–
Três Córregos	córrego	numerotopônimo	portuguesa	lat. tres, tria + lat. hsp. corrigus (Houaiss, 2009).	composta

²⁵⁸ - Tombador - originou-se do radical onomatopaico *tumb-* que imita o som de um objeto que cai (Houaiss, 2009).

Tucum	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi tu'ku/ tu-cõ - o espinho alongado: palmeira (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Vaquejador	ribeirão	hodotopônimo	portuguesa	lat. vacca + suf. port. –jador (Houaiss, 2009).	simples
Vaquejador	serra [do]	hodotopônimo	portuguesa	lat. vacca + suf. port. –jador (Houaiss, 2009).	simples
Veadinho	córrego [do]	zootopônimo	portuguesa	lat. venatus: animal (Houaiss, 2009).	simples
REGIÃO GEOGRÁFICA IMEDIATA DE TANGARÁ DA SERRA					
MUNICÍPIO DE DENISE					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Açude	córrego [do]	ergotopônimo	árabe	ár. as-sudd (Houaiss, 2009).	–
Água Amarela	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + amarellus (Houaiss, 2009).	composta
Ararão	córrego	zootopônimo	tupi + portuguesa	tupi a'rara/ voz onomatopaica com que se designa os grandes papagaios + suf. port. –ão (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Ararinha	córrego	zootopônimo	tupi + portuguesa	tupi a'rara/ voz onomatopaica com que se designa os grandes papagaios	simples híbrida

				+ suf. port. -inha (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	
Baraúna	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi imbirira'una - a madeira preta: árvore (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	-
Barranco Alto	córrego	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + lat. altus (Houaiss, 2009).	composta
Barranco Vermelho	córrego	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + lat. vermiculus - pequeno verme: cor (Houaiss, 2009).	composta
Boa Esperança	córrego	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. bonus + lat. spero (Houaiss, 2009).	composta
Bracinho	rio	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. bracciu + suf. -inho (Houaiss, 2009).	simples
Brejão	córrego	litotopônimo	portuguesa	orig. obsc.: lamaçal (Houaiss, 2009).	simples
Bugres	rio [dos]	etnotopônimo	francesa	fr. bougre: indígena (Houaiss, 2009).	simples
Buriti	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi mbiriti - árvore que emite líquido: palmeira (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	-
Buriti Grosso	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi mbiriti - árvore que emite líquido - palmeira + lat. grossus (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida

Caititu	córrego	zootopônimo	tupi	tupi taite'tu: porco do mato (Houaiss, 2009).	–
Capoeira	córrego [da]	fitotopônimo	tupi	tupi ko'pwera: ko - roça + pweira - que já foi: vegetação (Houaiss, 2009).	–
Corre Água	córrego	dirrematotopônimo	portuguesa	lat. curro + aqua (Houaiss, 2009).	composta
Estivadinho	córrego [do]	hodotopônimo	italiana + portuguesa	it. stiva + suf. port. –d-inho: ponte rústica (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Itaúna	córrego	litotopônimo	tupi	tupi itá-una - a pedra preta; o ferro, o minério (Sampaio, 1987).	–
Jabuti	córrego [do]	zootopônimo	tupi	tupi yawo'ti / ya-u-tí - aquele que não bebe: animal (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Jiboia	córrego [da]	zootopônimo	tupi	tupi vym'boya/ gihi-boy - a cobra de rãs: serpente (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Lagoinha	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. lacuna + suf. port. –inha (Houaiss, 2009).	simples
Lobisomem	córrego	mitotopônimo	portuguesa	lat. lupus + homo (Houaiss, 2009).	composta
Lobo	córrego	zootopônimo	portuguesa	lat. lúpus: animal (Houaiss, 2009).	simples
Macacos	córrego [dos]	zootopônimo	africana	orig. duv. prov. afr.: animal primata (Houaiss, 2009).	simples

Mamoeiro	ribeirão	fitotopônimo	portuguesa	lat. mamma: pé de mamão/fruta (Houaiss, 2009).	simples
Mococa	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi mô-coga - fazer roça; o roçado; a plantação (Sampaio, 1987).	simples
Mutum	córrego	zootopônimo	tupi	tupi my-t-õ/ -a pele negra, ave (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Navalha ²⁵⁹	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. novacila (Houaiss, 2009).	simples
Negro	córrego	cromotopônimo	portuguesa	lat. niger (Houaiss, 2009).	simples
Palmital Grande	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. palma: palmeira + suf. esp. /port. -ito-al (Houaiss, 2009).	composta
Paraguai	rio	hidrotopônimo	tupi	tupi paraguá-y - o rio dos papagaios (Sampaio, 1987).	–
Ponta de Cerne	córrego	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. tar. puncta + orig. contrv. (Houaiss, 2009).	composta
Quebra- Cadeira	córrego	dirrematopônimo	portuguesa + grega	lat crepo + gr. kathédra (Houaiss, 2009)	composta híbrida
Seco	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. siccus: sem umidade (Houaiss, 2009).	simples
Sucurizal	chapadão [do]	zootopônimo	tupi	tupi suku'ri / çuú-curí - morde rápido, atira o bote: serpente + suf.	composta híbrida

²⁵⁹ - Navalha – “m.q. capim-navalha” (Houaiss, 2009).

				port. -z-al (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	
Sucurizal	córrego	zootopônimo	tupi	tupi suku'ri / çuú-curí - morde rápido, atira o bote: serpente + suf. port. -z-al (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Tapirapuã ²⁶⁰	serra [de]	zootopônimo	tupi	Tupi tapiír-apuã -a anta redonda (Sampaio, 1987).	-
Veados	córrego [dos]	zootopônimo	portuguesa	lat. venatus: animal (Houaiss, 2009).	simples
MUNICÍPIO DE NOVA OLÍMPIA					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Abóbora	córrego	fitotopônimo	portuguesa	orig. duv.: planta (Houaiss, 2009).	simples
Água	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua (Houaiss, 2009).	simples
Água do Pingo	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + lat. vulg. pendicare (Houaiss, 2009).	composta
Angelim	córrego	fitotopônimo	tâmil	tâm. anjili (Houaiss, 2009).	-
Angelim	rio	fitotopônimo	tâmil	tâm. anjili (Houaiss, 2009).	-
Anta Magra	córrego	zootopônimo	árabe + portuguesa	ár. lamta - animal + lat. macer (Houaiss, 2009).	composta híbrida

²⁶⁰ - Tapirapuã – “TAPIRAPOAN corr. Tapiir-apuã, a anta redonda, gorda. Mato Grosso” (Sampaio, 1987, p. 323).

Ararinha	córrego	zootopônimo	tupi + portuguesa	tupi a'rara/ voz onomatopaica com que se designa os grandes papagaios + suf. port. -inha (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Astinga ²⁶¹	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	orig. obs. (Houaiss, 2009).	simples
Azul	córrego	cromotopônimo	árabe	ár. lazurd: cor (Houaiss, 2009).	–
Barreiro Preto	córrego	litotopônimo	portuguesa	pré-rom. barrum + lat. niger (Houaiss, 2009).	composta
Batista	córrego	antropotopônimo	portuguesa	lat. Baptista (Houaiss, 2009).	simples
Boa Vida	córrego	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. bonus + vita (Houaiss, 2009).	composta
Bonito	córrego	animotopônimo eufórico	espanhola	esp. bonito (Houaiss, 2009).	simples
Bracinho	rio	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. bracciu + suf. -inho (Houaiss, 2009).	simples
Branco	rio	cromotopônimo	germânica	germ. Blanck: cor (Houaiss, 2009).	simples
Calombinho	córrego	geomorfotopônimo	banta	étimo contrv.: qualquer montículo ou elevação + suf. port. -inho (Guérios, 1981).	simples híbrida
Campina de Melo	córrego	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. campus + port. ant. Merloo (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
Campo	córrego [do]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. campus (Houaiss, 2009).	simples

²⁶¹ - Astinga -Dicionarizada *restinga* - faixa de areia ou de pedra que se prende ao litoral e avança pelo mar (Houaiss, 2009).

Campo dos Bois	córrego	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. campus + bos, bovis (Houaiss, 2009).	composta
Cupim	córrego	zootopônimo	tupi	tupi ku'pî'i/ copii - a térmita ou formiga-branca (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Duas Antas	córrego	numerotopônimo	portuguesas + árabe	lat. duos + ár. lamta (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Escondido ²⁶²	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. abscondo (Houaiss, 2009).	simples
Escuro	córrego	cromotopônimo	portuguesa	lat. obscurus (Houaiss, 2009).	simples
Estiva	córrego [da]	hodotopônimo	italiana	stiva; ponte rústica feita de paus (Houaiss, 2009).	simples
Gambá	córrego	zootopônimo	tupi	tupi guá-mbá - o ventre aberto, a barriga oca: animal (Sampaio, 1987).	–
Gambá	rio	zootopônimo	tupi	tupi guá-mbá - o ventre aberto, a barriga oca: animal (Sampaio, 1987).	–
Guanandi ²⁶³	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi guá-nhandí - o que é grudento: árvore (Sampaio, 1987).	–
Jacu	córrego [do]	zootopônimo	tupi	tupi ya'ku/yacú - adj. esperto, cuidadoso, desconfiado, cauteloso: ave (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–

²⁶² - Córrego subterrâneo de lavra diamantífera; escondido, sumidouro, engrunado (Houaiss, 2009).

²⁶³ - Guanandi é o nome de espécie de “árvore de até 35 m (*Calophyllum brasiliense*), da fam. das gutíferas, nativa das Guianas e Brasil (AMAZ a GO, MG)” (Houaiss, 2009).

Jacutinga	córrego	zootopônimo	tupi	tupi yaku'tinga/yacú-tinga - o jacu branco: ave (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Jia	serra [da]	zootopônimo	tupi	tupi mesmo que rã (Houaiss, 2009).	–
Joaquim Alves	córrego	antropotopônimo	hebraica + portuguesa	hebr. Ioakhin + port. Álvares (Guérios, 1981).	composta híbrida
Lambari	córrego	zootopônimo	tupi	tupi lambari – o peixinho de água doce (Cunha, 1982); Sampaio; (1987).	–
Macuco	córrego	zootopônimo	tupi	tupi ma'kuku/macuco -a coisa de muito comer – ave (Sampaio, 1987).	–
Mandoca	córrego	antropotopônimo	portuguesa	talv. hipocorístico de Manuel + suf. –oco/oca com valor afetivo.	simples
Marimbondo	córrego	zootopônimo	quimbundo	quimb. mari'mbondo – vespa.	–
Mina Azul	córrego [da]	hidrotopônimo	francesa + árabe	fr. ant. mine + ár. lazurd (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Mineirão	córrego	etnotopônimo	francesa + portuguesa	fr. ant. mine + suf. port. –eirão (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Mineiro	córrego	etnotopônimo	francesa + portuguesa	fr. ant. mine + suf. port. –eiro (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Pacová	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi pako'wa/ pacob-á -a banana (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Pé da Serra	córrego	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. pes, pedis + serra (Houaiss, 2009).	composta

Pega-Fogo	córrego	dirrematotopônimo	portuguesa	lat. pico + focus (Houaiss, 2009).	composta
Pilão	córrego [do]	ergotopônimo	francesa	fr. pilon – instrumento de pilar, tirar a casca, moer (Houaiss, 2009).	simples
Pontinha	córrego	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. tar. puncta + suf. port. –inha (Houaiss, 2009).	simples
Posse	córrego [da]	sociotopônimo	portuguesa	lat. posse (Houaiss, 2009).	simples
Quilombinho	córrego	sociotopônimo	quimbundo + portuguesa	quimb. kilombo + suf. port. -inho (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Rico	córrego	animotopônimo eufórico	gótica	gót. reiks - poderoso (Houaiss, 2009).	simples
Riozinho	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. rius (Houaiss, 2009).	simples
Riozinho	rio	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. rius (Houaiss, 2009).	simples
São Benedito	córrego	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Benedictus (Guérios, 1981).	composta
São Lourenço	córrego	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Laurentius: natural de Laurento (Guérios, 1981).	composta
São Vicente	córrego	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Vicens, Vicentis.	composta
Tapirapuã	serra [de]	zootopônimo	tupi	tupi tapiír-apuã, a anta redonda, gorda (Sampaio, 1987).	–
Taquara	córrego [da]	fitotopônimo	tupi	tupi ta'kwara/ ta-quara - a haste furada, ou oca: planta bambu (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–

Taquaral	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi ta'kwara/ ta-quara - a haste furada, ou oca + suf. -al (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Uru	córrego	zootopônimo	tupi	tupi u'ru/ nome comum das galináceas (Sampaio, 1987).	–
Vara Floresta	córrego	dirrematopônimo	portuguesa + francesa	lat. varo + fr. ant. forest (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Vargem	córrego [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Veado	córrego	zootopônimo	portuguesa	lat. venatus: animal (Houaiss, 2009).	simples
MUNICÍPIO DE PORTO ESTRELA					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Baiazinha	baía	hidrotopônimo	portuguesa	orig. duv.: lagoa em comunicação com um rio (Houaiss, 2009).	simples
Barreirão Grande	córrego	litotopônimo	portuguesa	pré-rom. barrum + lat. grandis – maior dimesnã (Houaiss, 2009).	composta
Bernardo Dias	serra	antropotopônimo	portuguesa	port. arc. Bernal + sobr. port. Diaz - séc. 16 (Guérios, 1981).	composta
Bocaina	serra [da]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. bucca (Houaiss, 2009).	simples
Boi Morto	baía	zootopônimo	portuguesa	lat. bos, bovis; animal + mortuus (Houaiss, 2009).	composta
Buriti Grande	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi mbiri'ti - árvore que emite líquido - palmeira + lat. grandis –	composta híbrida

				maior dimensão (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	
Cachoeirinha	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. coctio – ação de cozer, borbulhão, fervura (Houaiss, 2009).	simples
Camarinha	serra [da]	ecotopônimo	portuguesa	lat. camara (Houaiss, 2009).	simples
Camarinha ²⁶⁴	córrego	ecotopônimo	portuguesa	lat. camara (Houaiss, 2009).	simples
Canal	serra [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. canalis (Houaiss, 2009).	simples
Cavalo	córrego [do]	zootopônimo	portuguesa	lat. caballus: animal (Houaiss, 2009).	simples
Chafariz	córrego	ergotopônimo	árabe	ár. shridj –cisterna, tanque (Houaiss, 2009).	simples
Conceição ²⁶⁵	baía [da]	hierotopônimo	portuguesa	lat. concepio (Houaiss, 2009).	simples
Corregozinho	corrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. hsp. corrigus (Houaiss, 2009).	simples
Culeiro – Coleiro	baía	zootopônimo	portuguesa	lat. collo + -eiro; ave (Houaiss, 2009).	simples
Estirão Comprido	baía	hidrotopônimo	portuguesa	orig. obsc. + lat. complere (Houaiss, 2009).	composta
Fabrcício	ilha [do]	antropotopônimo	portuguesa	lat. fabricius (Guérios, 1981).	simples
Formiga	córrego	zootopônimo	portuguesa	lat. formica: inseto (Houaiss, 2009).	simples
Fundo	córrego	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. fundus (Houaiss, 2009).	simples

²⁶⁴ - Camarinha – “Quarto de dormir; câmara, quarto (Houaiss, 2009).

²⁶⁵ - Conceição originou-se da expressão Nossa Senhora da Imaculada Conceição (concepção) (Guérios, 1981, p. 95), que, por sua vez, originou-se do verbo conceber.

Grande	baía	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. grandis: maior dimensão (Houaiss, 2009).	simples
Grande	serra	dimensiotopônimo	portuguesa	lat. grandis: maior dimensão (Houaiss, 2009).	simples
Jauquara/ Jaocoara	rio	não classificada	não classificada	Não classificada	não classificada
Lavanderia	baía [da]	sociotopônimo	portuguesa	lat. lavo (Houaiss, 2009).	simples
Macacas	córrego [das]	zootopônimo	africana	orig. duv. prov. afr.: animal (Houaiss, 2009).	simples
Martins	baía [do]	antropotopônimo	portuguesa	sobr. port. (Guérios, 1981).	simples
Mata Grande	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. tar. matta + lat. grandis – maior dimensão (Houaiss, 2009).	composta
Minador ²⁶⁶	serra [do]	hidrotopônimo	francesa + portuguesa	fr. ant. mine + suf. port. -douro (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Minador ²⁶⁷	córrego	hidrotopônimo	francesa + portuguesa	fr. ant. mine + suf. port. -douro (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Monjolinho	serra [do]	ergotopônimo	quimbundo + portuguesa	quimb. mansilu + suf. port. -inho (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Morro do Jingum	serra	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + (?) (Houaiss, 2009).	composta
Onças	córrego [das]	zootopônimo	portuguesa	lat. lyncea: animal (Houaiss, 2009).	simples

²⁶⁶ - Minador - Mesmo que minadouro: “nascente de riacho ou ribeirão, ou olho-d’água dentro de gruta ('cavidade')” (Houaiss, 2009).

²⁶⁷ - Minador - Mesmo que minadouro: “nascente de riacho ou ribeirão, ou olho-d’água dentro de gruta ('cavidade')” (Houaiss, 2009).

Pantanal	baía [do]	geomorfotopônimo	italiana + portuguesa	it. pantano + suf. port. -al (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Paraguai	rio	hidrotopônimo	tupi	tupi paraguá-y, o rio dos papagaios (Sampaio, 1987).	-
Pindeivar ²⁶⁸ – Pindaíbal	serra	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi pinda’iwa + suf. port. -al (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Rebojo	volta [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. volvere (Houaiss, 2009).	simples
Ressaca ²⁶⁹	baía [da]	hidrotopônimo	espanhola	esp. ressaca – retrocesso das ondas (Houaiss, 2009).	simples
Retiro	rio	sociotopônimo	portuguesa	orig. obsc.: lugar (Houaiss, 2009).	simples
Ribeirão	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. medv. riparius (Houaiss, 2009).	simples
Rio Velho	baía [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. rius + lat. vetulus (Houaiss, 2009).	composta
Sabão ²⁷⁰	serra [do]	ergotopônimo	portuguesa	lat. imp. sapo. onis (Houaiss, 2009).	simples
Saloba -ro	córrego	hidrotopônimo	portuguesa + espanhola	lat. sal + suf. esp. -obra-e-o/ (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Salobinha -brinha	córrego	hidrotopônimo	portuguesa + espanhola	lat. sal + suf. esp. -obra-e-o + suf. port. -inha (Houaiss, 2009).	simples híbrida

²⁶⁸ - Pindeivar - Encontramos pindaibal – se for, vem de pindaíba: “design. comum a diversas árvores e arbustos da fam. das anonáceas” (Houaiss, 2009). Sampaio (1987, p. 300) informa: “Pindá-yba, a vara do anzol, a cana do anzol”. O mesmo estudioso registra tyba, o sítio. Nesse contexto, adota-se o sentido de plantação de Pindaíba, informações trazidas por Sampaio (1987) e (Houaiss, 2009). Pindaibal é: “extenso aglomerado de pindobas em determinada área; pindaibal” (Houaiss, 2009).

²⁶⁹ - Ressaca – “forte movimento das ondas sobre si mesmas, resultante de mar muito agitado, quando se chocam contra obstáculos no litoral; a vaga que se forma nesse movimento” (Houaiss, 2009).

²⁷⁰ - Sabão – “substância detergente, obtida pela mistura de sais de sódio e de potássio com ácidos graxos, e us. com água para lavagem”. Há a possibilidade de estar se referindo a “solo escorregadio” (Houaiss, 2009).

Salobinha - brinha	ribeirão	hidrotopônimo	portuguesa + espanhola	lat. sal + suf. esp. -obra-e-o + suf. port. -inha (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Salobo/ro	córrego	hidrotopônimo	portuguesa + espanhola	lat. sal + suf. esp. -obra-e-o/ (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Serradão	lagoa [do]	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. serra + suf. -dão (Houaiss, 2009).	simples
Soco	ilha [do]	animotopônimo disfórico	portuguesa	orig. obs. (Houaiss, 2009).	simples
Solteiro	baía [do]	sociotopônimo	portuguesa	lat. solitarius (Houaiss, 2009).	simples
Tombador ²⁷¹	serra	geomorfotopônimo	grega + portuguesa	onom. tumb- + suf. port. -dor: morro (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Três Ribeirões	córrego	numerotopônimo	portuguesa	lat. tres, tria + lat. medv. riparius (Houaiss, 2009).	composta
Três Ribeirões	serra	numerotopônimo	portuguesa	lat. tres, tria + lat. medv. riparius (Houaiss, 2009).	composta
Vãozinho	serra [do]	geomorfotopônimo	portuguesa	vanus + suf. -inho (Houaiss, 2009).	simples
MUNICÍPIO DE TANGARÁ DA SERRA					
Topônimo	Acidente	Taxonomia	Língua de origem	Etimologia	Estrutura do topônimo
Água Branca	ribeirão	hidrotopônimo	portuguesa + germânica	lat. aqua + germ. blanck (Houaiss, 2009).	composta híbrida

²⁷¹ - Tombador - originou-se de um radical onomatopaico *tumb-* que imita o som de um objeto que cai (Houaiss, 2009).

Água Limpa	rio	hidrotopônimo	portuguesa	lat. aqua + limpidus (Houaiss, 2009).	composta
Aldeia Queimada	córrego	sociotopônimo	árabe + portuguesa	ad-dayha + cremo (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Alhako-cé ²⁷²	córrego	hidrotopônimo	- + aruaque	- + suê = cabeceira (Cardoso, 1961).	-
Aliança	córrego	sociotopônimo	francesa	fr. alliance (Houaiss, 2009).	simples
Alvorada	córrego	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. albor – brancura: a primeira luz (Houaiss, 2009).	simples
Amor	córrego [do]	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. amor, ois (Houaiss, 2009).	simples
Ararão	córrego	zootopônimo	tupi + portuguesa	tupi a'rara - voz onomatopaica com que se designa os grandes papagaios + suf. port. -ão (Sampaio, 1987).	simples híbrida
Ararão	ribeirão	zootopônimo	tupi + portuguesa	tupi a'rara - voz onomatopaica com que se designa os grandes papagaios + suf. port. -ão (Sampaio, 1987).	simples híbrida
Ararão	rio	zootopônimo	tupi + portuguesa	tupi a'rara - voz onomatopaica com que se designa os grandes papagaios + suf. port. -ão (Sampaio, 1987).	simples híbrida
Ararinha	córrego	zootopônimo	tupi + portuguesa	tupi a'rara - voz onomatopaica com que se designa os grandes papagaios + suf. port. -inha (Sampaio, 1987).	simples híbrida
Barreirinho	córrego	litotopônimo	portuguesa	pré-rom. barrum + suf. port. -eirinho (Houaiss, 2009).	simples

²⁷² - Alhako-cé - _ + cé /suê - cabeceira (Cardoso, 1961).

Barreiro	córrego	litotopônimo	portuguesa	pré-rom. barrum (Houaiss, 2009).	simples
Belo Horizonte	córrego	corotopônimo	portuguesa	lat. bellus + horizon, ontis (Houaiss, 2009).	composta
Bezerro	córrego [do]	zootopônimo	portuguesa	talvez pré-rom. ibicirru (Corominas <i>apud</i> Houaiss, 2009).	simples
Bezerro Vermelho	córrego [do]	zootopônimo	portuguesa	talv. pré-rom. ibicirru (Corominas <i>apud</i> Houaiss, 2009) + vermiculus – pequeno verme: cor (Houaiss, 2009).	composta
Bocaiúva	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi mboka’iwa – fruto que se abre com ruído (Houaiss, 2009).	–
Bonito	córrego	animotopônimo eufórico	espanhola	esp. bonito (Houaiss, 2009).	simples
Branco	rio	cromotopônimo	germânica	germ. blanck (Houaiss, 2009).	simples
Buriti	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi m’biriti/ - árvore que emite líquido: palmeira (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Buriti	rio	fitotopônimo	tupi	tupi m’biriti/ - árvore que emite líquido: palmeira (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Cabeceira do Osso	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. vulg. capitia - cabeça + lat. ossum (Houaiss, 2009).	composta
Cabixis	rio [dos]	etnotopônimo	tupi	tupi kawi’xi - Nambiquara – nação indígena (Houaiss, 2009).	–

Canjiqueira	córrego [da]	litotopônimo	portuguesa	orig. contrv. + suf. port. -eira: cascalho diamantífero (Houaiss, 2009).	simples
Cedro	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. cedrus: árvore (Houaiss, 2009).	simples
Cometa	serra	astrotopônimo	portuguesa	lat. cometa: corpo celeste (Houaiss, 2009).	simples
Corta Céu	córrego	dirrematotopônimo	portuguesa	lat. curto + caelum.	composta
Cristalino	córrego	litotopônimo	portuguesa	lat. crystallinus: transparente (Houaiss, 2009).	simples
Divisa	córrego [da]	cardinotopônimo	francesa	fr. devise (Houaiss, 2009).	simples
Escondido ²⁷³	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. abscondo (Houaiss, 2009).	simples
Escuro	córrego	cromotopônimo	portuguesa	lat. obscurus (Houaiss, 2009).	simples
Estaca	córrego	ergotopônimo	germânica	ger. stakka (Houaiss, 2009).	simples
Estivadinho	córrego	hodotopônimo	italiana + portuguesa	it. stiva + suf. port. -inho: ponte rústica feita de paus (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Facão	córrego	geomorfotopônimo	portuguesa	orig. contrv.: faixa de terra elevada entre sulcos abertos por roda (Houaiss, 2009).	simples
Figueira	córrego	fitotopônimo	portuguesa	lat. fígo (Houaiss, 2009).	simples
Fluente	córrego	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. fluens, entis (Houaiss, 2009).	simples
Formiga	córrego	zootopônimo	portuguesa	lat. formica: inseto (Houaiss, 2009).	simples

²⁷³ - Escondido – “Córrego subterrâneo de lavra diamantífera; escondido, sumidouro, engrunado” (Houaiss, 2009).

Formoso	rio	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. formosus (Houaiss, 2009).	simples
Inhateum	córrego	zootopônimo	tupi	tupi nhati'u/nhã-tí-ú -- aquele que morde com ferrão: mosquito pernilongo (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Janequê- Sué ²⁷⁴	córrego	hidrotopônimo	aruaque	(?) + sué – cabeceira (Cardoso, 1961).	–
Jatobá	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi yet'iwa /yatay-yba -o fruto do yatahy que se chama moça-branca: árvore (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009). .	–
Jauru	rio	zootopônimo	tupi	do tupi Jauru - Yau-r-ú: os jãús comem ou onde há jaús: peixe (Sampaio, 1987).	–
Jauruzinho	córrego	zootopônimo	tupi + portuguesa	tupi jauru - yau-r-ú: os jãús comem ou onde há jaús: peixe + suf. -z-inho (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Juba ²⁷⁵	rio	somatotopônimo	portuguesa	lat. juba (Houaiss, 2009).	simples
Jubinha ²⁷⁶	rio	somatotopônimo	portuguesa	lat. juba (Houaiss, 2009).	simples
Juruena ²⁷⁷	rio	hidrotopônimo	tupi	tupi a garganta do rio (Silva, 1966).	–
Lagoa Seca	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. lacuna + siccus (Houaiss, 2009).	composta

²⁷⁴ - Janequê- Sué_ + cé /suê - cabeceira (Cardoso, 1961).

²⁷⁵ - Juba – “crina de leão”. Derivação: por extensão de sentido: vasta cabeleira” (Houaiss, 2009).

²⁷⁶ - Jubinha – diminutivo de juba: Juba – “crina de leão”. Derivação: por extensão de sentido: vasta cabeleira” (Houaiss, 2009).

²⁷⁷ - Juruema - tupi, Juruena vem de Jurú corr. yurú, o pescoço, a garganta, a boca, a barra, a foz + ena, esvaziar, vazia, foz vazia (Silva, 1966, p. 218).

Lagoinha	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. lacuna + suf. port. -inha (Houaiss, 2009).	simples
Macaco	córrego [do]	zootopônimo	africana	orig. duv. prov. afr.: animal (Houaiss, 2009).	simples
Maciel	salto	antropotopônimo	portuguesa	sobr. port. (Guérios, 1981).	simples
Meio	córrego [do]	cardinotopônimo	portuguesa	medius: no centro (Houaiss, 2009).	simples
Muquém ²⁷⁸ - moquém	córrego	ergotopônimo	tupi	tupi mboka'i/ moca~e mô-caê -o assador gradeado de varas sobre brasas para assar a caça ou peixe (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	-
Mutum	córrego	zootopônimo	tupi	tupi my't~u - a pele negra - pássaro (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	-
Nhandoco ²⁷⁹	córrego	axiotopônimo	portuguesa	lat. senior + sobr. port. primit. (excêntrico, maníaco (Guérios, 1981).	composta
Noxice	córrego	não classificada	não classificada	não classificada	não classificada
Número dois	córrego	numerotopônimo	portuguesa	lat. numerus + duos (Houaiss, 2009).	composta
Número um	córrego	numerotopônimo	portuguesa	lat. numerus + unus (Houaiss, 2009).	composta
Onça	córrego [da]	zootopônimo	portuguesa	lat. lyncea: animal (Houaiss, 2009).	simples
Onze de Julho	córrego	historiotopônimo	portuguesa	lat. undece + julius (Houaiss, 2009).	composta

²⁷⁸ - Muquém - Dicionarizado *moquém*, do tupi mboka'i - grelha de paus sobre o lume, usada para colocar peixe ou carne para assar ou secar (Houaiss, 2009); (Sampaio, 1987); (Bueno, 1987).

²⁷⁹ - Nhandoco - Talvez hipocorístico de senhor Tinoco com valor afetivo.

Palmares	córrego	corotopônimo	portuguesa	lat. palma + suf. -res (Houaiss, 2009).	simples
Paraguai	rio	hidrotopônimo	tupi	tupi Paraguá-y _ o rio dos papagaios (Sampaio, 1987).	-
Paraíso	córrego	animotopônimo eufórico	portuguesa	lat. paradisus (Houaiss, 2009).	simples
Parecis	chapada [dos]	etnotopônimo	aruaque	pareci, paricí, corruptela de arití: grupo indígena (Cardoso, 1961).	-
Pedras	córrego [das]	litotopônimo	portuguesa	lat. petra (Houaiss, 2009).	simples
Pontinha	córrego	geomorfotopônimo	portuguesa	lat. tar. puncta + suf. -inha (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	simples
Porteira	ilha da	ergotopônimo	portuguesa	lat. porta + suf. -eira (Houaiss, 2009).	simples
Queima-Pé	cachoeira	dirrematotopônimo	portuguesa	lat. cremo + pes, pedis (Houaiss, 2009).	composta
Queima-pé	córrego	dirrematotopônimo	portuguesa	lat. cremo + pes, pedis (Houaiss, 2009).	composta
Queima-pé	rio	dirrematotopônimo	portuguesa	lat. cremo + pes, pedis (Houaiss, 2009).	composta
Recanto Alegre	córrego	sociotopônimo	portuguesa	lat. canthus + alicer (Houaiss, 2009).	composta
Reserva	córrego	sociotopônimo	portuguesa	lat. reservo (Houaiss, 2009).	simples
Rico	córrego	animotopônimo eufórico	gótica	gót. reiks: poderoso (Houaiss, 2009).	simples
Rio Bonito	cabeceira [do]	hidrotopônimo	portuguesa + espanhola	lat. rius + esp. bonito (Houaiss, 2009).	composta híbrida
Rio Jauru	barra [do]	hidrotopônimo	portuguesa + tupi	lat. rius + tupi Jauru - Yau-r-ú: os jáus comem ou onde há jáus (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	composta híbrida

Rio Jubinha	cabeceira [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. rius + juba (Houaiss, 2009).	composta
Rotesarecè	córrego	não classificada	não classificada	não classificada	não classificada
Russo	córrego	etnotopônimo	portuguesa	org. contrv. (Houaiss, 2009).	simples
Sabaraoina	ribeirão	hidrotopônimo	tupi + aruaque	tupi sabará - pedra reluzente grande + uiná - rio (Cardoso, 1961); (Sampaio, 1987).	composta híbrida
Sacre	rio	hierotopônimo	portuguesa	lat. ecl. sacra (Houaiss, 2009).	simples
Salto	córrego [do]	hidrotopônimo	portuguesa	lat. saltus (Houaiss, 2009).	simples
Salto das Neves	cachoeira	hidrotopônimo	portuguesa	lat. saltus + nix, nivis (Houaiss, 2009).	composta
São Joaquim	córrego	hagiotopônimo	portuguesa + hebraica	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + hebr. Ioakhin (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta híbrida
São José	córrego	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Josephus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
São José	rio	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Josephus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta
São Sebastião	cachoeira	hagiotopônimo	portuguesa	lat. sanctus - que tem caráter sagrado + Sebastianus (Guérios, 1981); (Houaiss, 2009).	composta

Sapezal	córrego	fitotopônimo	tupi + portuguesa	tupi yasa'pe - ver caminho, aluminar: gramínea + suf. port. -z-al (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	simples híbrida
Sapo	rio [do]	zootopônimo	portuguesa	prov. pré.rom.: animal (Houaiss, 2009).	simples
Sapo	ribeirão [do]	zootopônimo	portuguesa	prov. pré.rom.: animal (Houaiss, 2009).	simples
Seco	córrego	hidrotopônimo	portuguesa	lat. siccus: sem umidade (Houaiss, 2009).	simples
Sepotuba	rio	fitotopônimo	tupi	tupi içá-pó, alt. de icepó, cepó, çapó, sipó - galho-mão que tem a propriedade de se prender, de se enlear + tyba - o sítio, o lugar, onde há cipós – cipoal (Sampaio, 1987).	–
Sete Ilhas	ilha	numerotopônimo	portuguesa	lat. septem + insula (Houaiss, 2009).	composta
Tamanduá	córrego	zootopônimo	tupi	tupi ta-monduá/ta-monduá, o caçador de formigas: animal (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Tapera	córrego	ecotopônimo	tupi	tupi ta'pera – tawa/ta + ppera - que foi. Habitação abandonada, em ruínas (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009).	–
Tapirapuã	serra	zootopônimo	tupi	tupi tapiír-apuã - a anta redonda, gorda (Sampaio, 1987).	–
Tarumã	barra [do]	fitotopônimo	tupi	tupi taru'mã – planta frutífera (Houaiss, 2009).	–
Tarumã	córrego	fitotopônimo	tupi	tupi taru'mã – planta frutífera (Houaiss, 2009).	–

Tarumã	ribeirão	fitotopônimo	tupi	tupi taru'mã – planta frutífera (Houaiss, 2009).	–
Tenente Lira	rio	axiotopônimo	portuguesa	lat. tenens, entis + lira (Guérios, (1981) ;(Houaiss, 2009).	composta
Timalatiá-sé ²⁸⁰	córrego	hidrotopônimo	aruaque	timalati - sangue + a - rio + suê – cabeceira - Cabeceira do Rio de Sangue (Cardoso, 1961).	–
Treze de Maio	córrego	historiotopônimo	portuguesa	lat. tredecim + maius (Houaiss, 2009).	composta
Tupi	córrego	etnotopônimo	tupi	tupi tu-upí - o pai supremo, o primitivo, o progenitor (Sampaio, 1987).	–
Verde	rio	cromotopônimo	portuguesa	lat. virides (Houaiss, 2009).	simples

Fonte: elaborado pela autora.

²⁸⁰ - Étimo do paricí *timalatí* (sangue) + *a* (rio) (Cardoso, 1961, p. 395). Já para o formante *sê/sé* foi encontrada *suê* (cabeceira) (Cardoso, 1961, p. 399).

A frequência das taxes toponímicas (Dick, 1992), identificadas nos topônimos de seis municípios da Região Geográfica Intermediária de Cuiabá (Denise, Diamantino, Nobres, Nova Olímpia, Porto Estrela e Tangará da Serra), é apresentada em números absolutos e em percentuais na tabela 8, a seguir.

Tabela 8: Frequência das taxonomias dos topônimos de acidentes físicos de seis municípios da Região Geográfica Intermediária de Cuiabá – Mato Grosso.

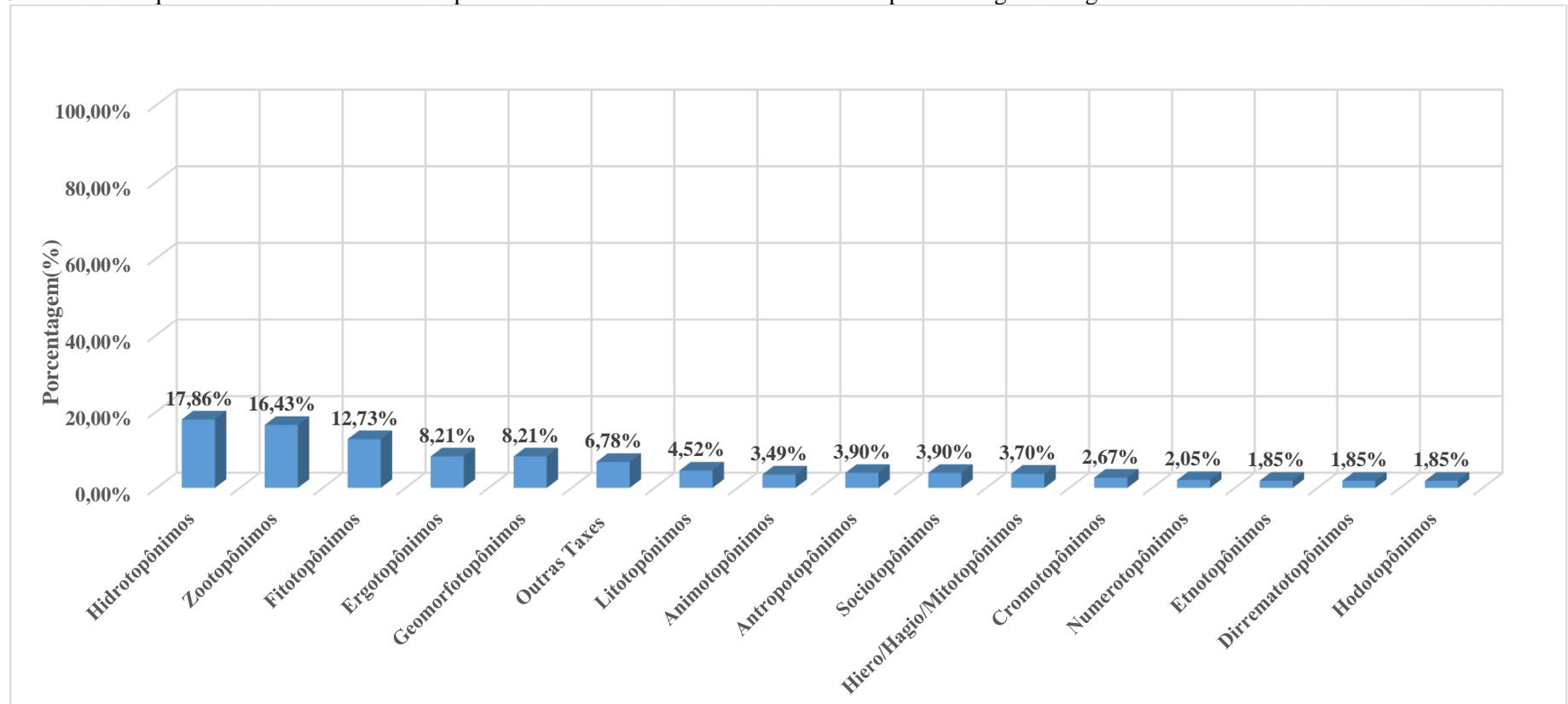
Taxonomias	Número absolutos	Números percentuais
Hidrotopônimos	87	17,86%
Zootopônimos	80	16,42%
Fitotopônimos	62	12,73%
Ergotopônimos	40	8,21%
Geomorfotopônimos	40	8,21%
Litotopônimos	22	4,51%
Animotopônimos	17	3,49%
Antropotopônimos	19	3,90%
Sociotopônimos	19	3,90%
Hagiotopônimos	14	2,87%
Cromotopônimos	13	2,66%
Numerotopônimos	10	2,05%
Etnotopônimos	09	1,84%
Dirrematotopônimos	09	1,84%
Hodotopônimos	09	1,84%
Dimensiotopônimos	08	1,84%
Ecotopônimos	05	1,02%
Hierotopônimos	03	0,61%
Axiotopônimos	03	0,61%
Cardinotopônimos	03	0,61%
Cronotopônimos	03	0,61%
Não classificadas	03	0,61%
Corotopônimos	02	0,41%
historiotopônimos	02	0,41%
Somatotopônimos	02	0,41%
Acronimotopônimos	01	0,20%
Astrotopônimos	01	0,20%
Mitotopônimos	01	0,20%
Total	487	100%

Fonte: elaborado pela autora.

Os acidentes físicos mais numerosos na região pesquisada são os córregos, com 338 ocorrências, além de serras, rios e ribeirões, especialmente no município de Nobres.

O gráfico 5, na sequência, traz a distribuição percentual das taxes toponímicas identificadas na toponímia de acidentes físicos dos seis municípios da Região Geográfica Intermediária de Cuiabá – Mato Grosso

Gráfico 5: Frequência das taxonomias dos topônimos de acidentes físicos de seis municípios da Região Geográfica Intermediária de Cuiabá – Mato Grosso.



Fonte: elaborado pela autora.

As taxas dos zootopônimos e dos hidrotopônimos se destacaram na denominação dos acidentes físicos dos municípios da Região Geográfica Intermediária de Cuiabá, tendência semelhante à observada na região de Pontes e Lacerda – Comodoro. Os ergotopônimos, por sua vez, ocuparam o primeiro lugar entre as taxonomias de natureza antropocultural, seguidos pelos animotopônimos e antropotopônimos.

A distribuição total das taxonomias dos topônimos que nomeiam acidentes físicos e humanos dos 27 municípios que integram o *corpus* deste estudo está apresentada em números absolutos e percentuais na tabela 9, a seguir.

Tabela 9: Frequência das taxonomias de topônimos de acidentes físicos e humanos dos municípios das Regiões Geográficas Intermediárias de Cáceres e Cuiabá - Mato Grosso.

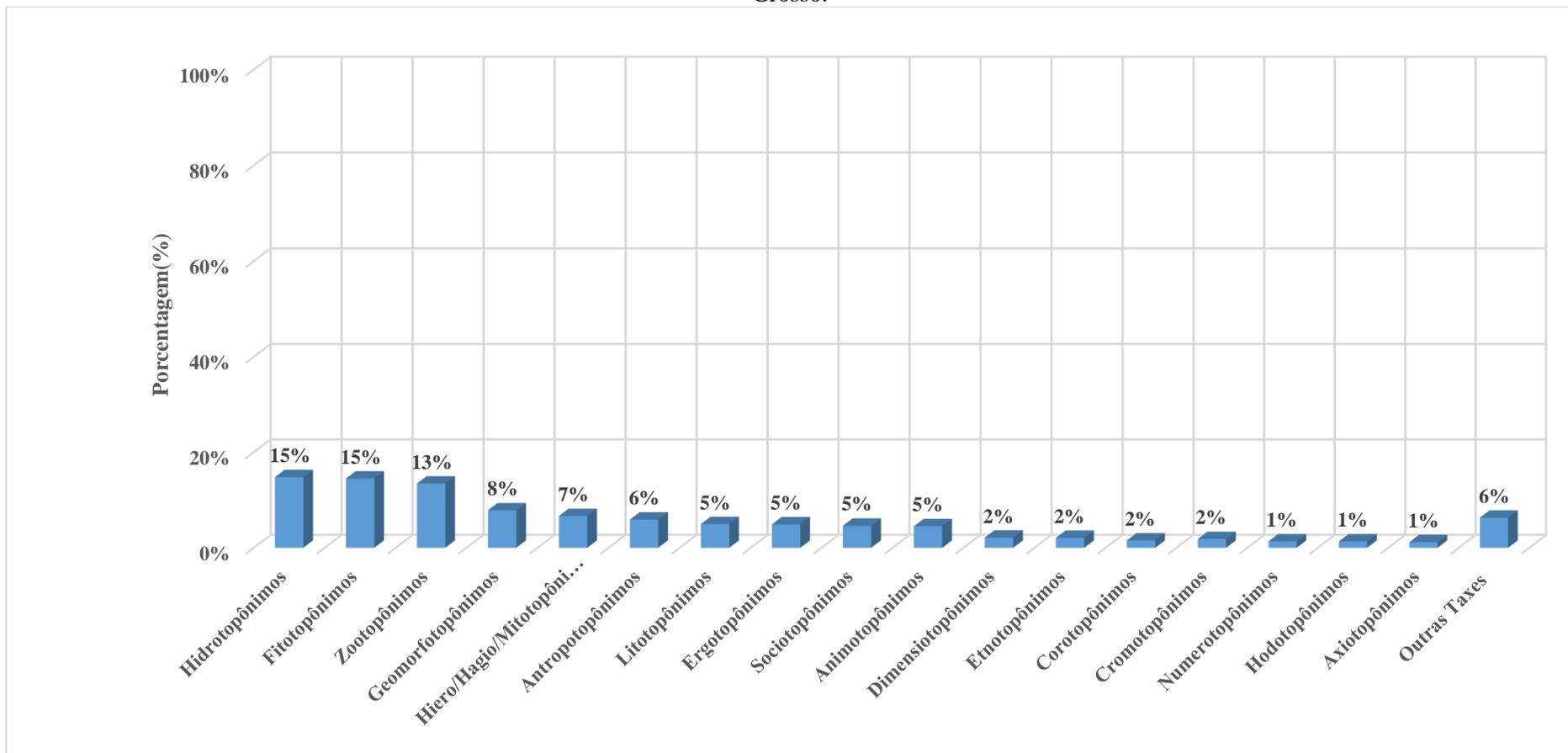
Taxonomias	Números absolutos	Números percentuais
Hidrotopônimos	298	14,81%
Fitotopônimos	292	14,51%
Zootopônimos	271	13,46%
Geomorfotopônimos	158	7,85%
Antropotopônimos	119	5,91%
Litotopônimos	100	4,97%
Ergotopônimos	99	4,92%
Hagiotopônimos	99	4,92%
Sociotopônimos	93	4,62%
Animotopônimos	91	4,52%
Dimensiotopônimos	43	2,13%
Etnotopônimos	42	2,08%
Corotopônimos	31	1,54%
Cromotopônimos	37	1,83%
Hierotopônimos	28	1,39%
Numerotopônimos	27	1,34%
Hodotopônimos	27	1,34 %
Axiotopônimos	24	1,19%
Dirrematotopônimos	19	0,94%
Cronotopônimos	17	0,84%
Não classificadas	17	0,84%
Cardinotopônimos	16	0,79%
Poliotopônimos	16	0,79%
Somatotopônimos	15	0,74%
Ecotopônimos	10	0,49%
Morfotopônimos	07	0,34%
mitotopônimos	06	0,29%
Historiotopônimos	05	0,24%
Astrotopônimos	03	0,14%
Acronimotopônimos	01	0,049%
Igneotopônimos	01	0,049%
Total Geral	2.012	100%

Os municípios pesquisados apresentaram uma densa corrente hídrica representada pelos rios, cabeceiras, cachoeiras, córregos, corixos, estirões, furados, saltos, ribeirões, sangradouros etc., e outros tantos recursos da hidrografia como baías, barras lagoas, lagos, que influenciaram a toponímia da região, considerando que a taxa dos hidrotopônimos foi a de maior frequência.

Do mesmo modo, a flora, a fauna e a geomorfologia da região destacaram-se nos denominativos da geografia física dos municípios em causa.

Para uma melhor visualização geral dos resultados, a frequência das taxonomias de natureza física e humana aplicadas aos 2.012 topônimos estudados é apresentada no gráfico 6, na sequência.

Gráfico 6: Frequência das taxonomias dos topônimos de acidentes físicos e humanos das Regiões Geográficas Intermediárias de Cáceres e de Cuiabá – Mato Grosso.



Fonte: elaborado pela autora.

A pesquisa demonstrou que a taxa dos hidrotopônimos foi a mais frequente no quadro geral da toponímia investigada, seguida pelos fitotopônimos, zootopônimos, geomorfotopônimos e hiero/hagiotopônimos. Na Região Geográfica Imediata de Cáceres foi apurado resultado semelhante em se tratando das quatro taxonomias mais frequentes. É compreensível esse quadro, considerando que a região abarca 693 topônimos que nomeiam acidentes físicos e humanos. É a maior em área territorial e a mais numerosa relativamente à quantidade de acidentes, com destaque para os físicos com 546 ocorrências.

Os antropotopônimos, ergotopônimos, litotopônimos, animotopônimos e sociotopônimos entram no quadro das dez taxonomias com maior frequência dos nomes analisados.

Os gráficos 7 a 11 e 13 a 17 apresentam a distribuição dos topônimos inclusos nas dez taxonomias mais recorrentes por região imediata, na sequência, são analisados, em texto, os nomes mais frequentes dentro dessas taxonomias.

Os seis municípios da Região Geográfica Intermediária de Cuiabá pertencem a Regiões Geográficas Imediatas distintas, a saber: Nobres (Região Geográfica Imediata de Cuiabá); Diamantino (Região Geográfica Imediata de Diamantino); Denise, Porto Estrela, Nova Olimpia e Tangará da Serra (Região Geográfica Imediata de Tangará da Serra).

Assim, para uma maior clareza na visualização dos dados, o percentual de topônimos desses municípios aparecerá nos gráficos 7 a 11 e 13 a 17 sob a rubrica *de Região Intermediária de Cuiabá* e não *Região Imediata* como ocorre com os demais municípios.

4.3.1. Hidrotopônimos

É imperioso que a humanidade gravite em torno dos recursos hidrográficos como os oceanos, mares, rios, córregos etc., em decorrência da importância da água para a manutenção da vida, além das vias marítimas e fluviais constituírem os mais antigos caminhos pelos quais a humanidade se locomoveu.

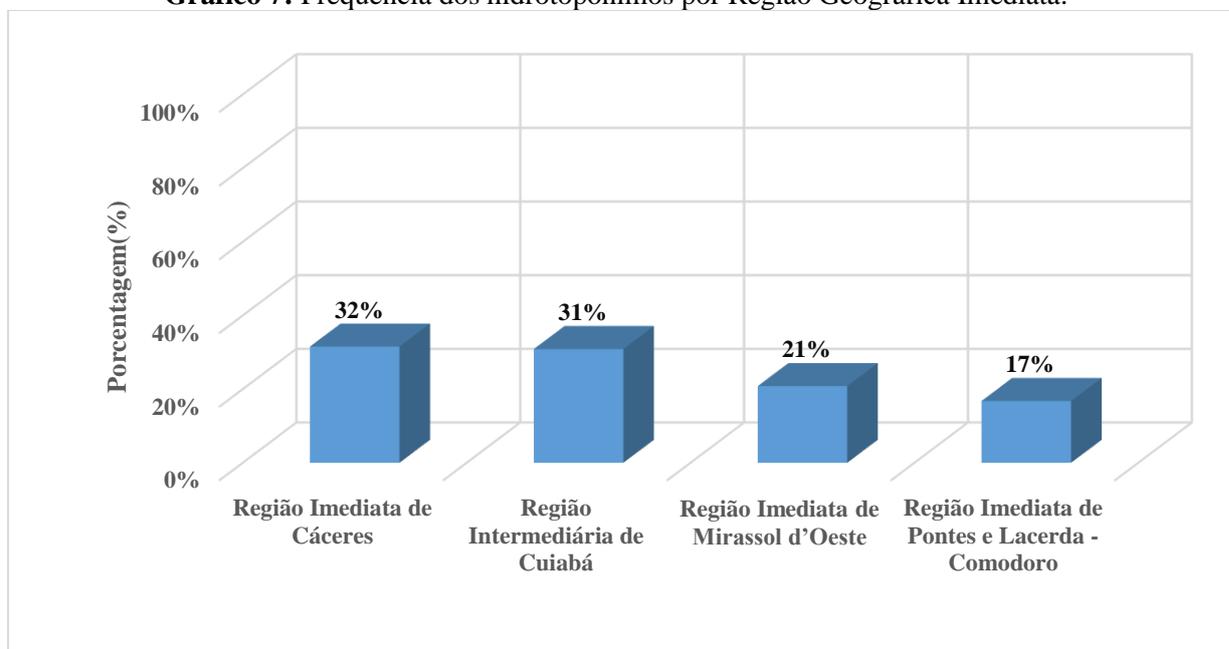
Foi pelos caminhos dos rios, mares e oceanos que a colonização da nação brasileira e de seus territórios foi implementada. Os cursos d'água, funcionando como caminhos de acessos a outras localidades, permitiram o transporte de mercadorias, animais, contingentes populacionais, dando surgimento a inúmeros povoados. Nesse contexto, “o aparecimento de topônimo, nos mais diferentes ambientes, revestindo uma natureza hidronímica propriamente

dita, vincula-se à importância dos cursos d'água para as condições humanas de vida" (Dick, 1990, p. 196).

Os hidrotopônimos, no domínio dos estudos em toponímia, é a taxa que reúne “os acidentes geográficos em que, na denominação toponímica, o elemento hidronímico está presente, seja o elemento genérico água ou as designações de cursos d'água específicos como córrego, rio, ribeirão etc.” (Dick, 2004, p. 127), como nos exemplos de *Rio Branco* (município /MT), *Água Boa* (córrego em Figueirópolis d'Oeste/MT), *Salto do Jauru* (cachoeira em Indiavaí/MT), entre outros.

Os hidrotopônimos são bastante expressivos no *corpus* em estudo, figurando em primeiro lugar na denominação de acidentes físicos e humanos na soma geral dos topônimos, computando 298 ocorrências: 94 topônimos na Região Geográfica Imediata de Cáceres; 92 nomes na Região Geográfica Intermediária de Cuiabá; 62 nomes na Região Geográfica Imediata de Mirassol d'Oeste e 50 topônimos na Região Geográfica Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro. O gráfico 7, na sequência, fornece a distribuição geral dessa taxa nas áreas investigadas, quanto ao percentual.

Gráfico 7: Frequência dos hidrotopônimos por Região Geográfica Imediata.



Fonte: elaborado pela autora.

Dentre os hidrotopônimos analisados, os de maior frequência em nossos dados foram *Água*, *Rio*, *Córrego* e *Córgão*. O nome genérico *Água* (do latim *aqua*), em formação simples e no singular e em formação sintagmática composta por dois elementos na forma singular (*Água*

Preta, Água Branca), sem dúvida, foi o tipo de topônimo mais expressivo de todo o *corpus*, nomeando inúmeros acidentes físicos.

Foram identificados topônimos compostos de forma aglutinada como nos exemplos de *Aguazul* (*água* – substantivo – + *azul* – adjetivo) e a forma híbrida *Aguaçuzinho* (*água* – substantivo da língua portuguesa – + *açu* – adjetivo de caráter aumentativo, em língua tupi, significando *grande, avultado, volumoso* + *-z-inho* – sufixo da língua portuguesa de caráter diminutivo) (Sampaio, 1987, p. 90); (Houaiss, 2009). O adjetivo e o sufixo que compõem o topônimo são evidências de uma superposição linguística de sentidos opostos, não captada pelo denominador.

Assim, no município de Cáceres foram catalogados os seguintes hidrotônimos nomeando acidentes físicos: serra *Água Boa*, córregos *Água Limpa* e *Aguado*, baía *Aguazul* e lagoa *Aguazul*, além dos povoados (acidentes humanos) *Aguazul* e *Aguaçu*; nomeou também o povoado *Água* em Salto do Céu (Região Imediata de Cáceres).

Outros tantos acidentes da Região Imediata de Mirassol d'Oeste foram nomeados com a unidade léxica *água*: córrego *Água Boa*, em Figueirópolis d'Oeste; córregos *Água Limpa*, *Água Clara*, *Água Suja*, em Indiavaí; córregos *Água Grande* e *Água Limpa*, em Jauru; lagoa *Aguaçu*, *Aguaçuzinho* em Porto Esperidião; córrego *Água Clara*, em São José dos Quatro Marcos e o povoado *Água Limpa*, no município de Reserva do Cabaçal.

Denominou acidentes físicos e humanos na Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro: córrego *Água Azul*, em Pontes e Lacerda; córregos *Água Branca* e *Água Suja* em Vila Bela da Santíssima Trindade; córrego *Água Boa*, em Comodoro; córrego *Água Limpa*, em Conquista d'Oeste; povoado *Água Preta* e córrego *Água Limpa*, em Nova Lacerda

A Região Intermediária de Cuiabá evidenciou, também, expressivo uso da unidade lexical *água* (em língua portuguesa e indígena) na nomeação dos acidentes: córregos *Água Doce* e *Águas Claras*; cabeceira do *Quebó*; córregos *Quebó* e *Quebó-Segundo*; rio *Quebó*; serra do *Quebó*; rio *Quebó-Grande*; ribeirões *Quebó-Guaçu* e *Quebozinho*, em Nobres; córrego *Água Amarela*, em Denise; córregos *Água Boa* e *Água do Pingo*, em Nova Olímpia; Ribeirão *Água Branca* e rio *Água Limpa*, em Tangará da Serra; córregos *Água Clara* e *Água Doce* e ribeirão *Água Verde*, em Diamantino.

Quebó é uma palavra da língua bororo em que *Que* – morcego + *bó* - Rio compõem o sentido de *Rio de Morcego* (Cardoso, 1961, 423). Drumond (1965) informa que *bó* refere-se tanto a água quanto a rio. *Água de Morcego* é o sentido conhecido na região.

O topônimo foi registrado somente em Nobres, município cujo povoamento começou a se formar logo após a fundação de Cuiabá. O denominativo apresentou-se em uma estrutura específica da língua bororo (*Quebó*), como também em formação híbrida com a língua tupi (*Quebó-Guaçu*) ou em língua bororo + portuguesa (*Quebó-Grande*) e, ainda, na forma derivada por sufixação (*Quebozinho*).

De acordo com Dick (1992, p. 64, grifo da autora), “o volume das águas de um ‘rio’, o seu ‘curso acidentado’, entremeado de ‘corredeiras’ e ‘pequenos saltos’ ou, ao contrário, a ‘suavidade’ de seu declive, tudo pode ser causa de motivações toponímicas”. Esse processo de denominação é encontrado na toponímia de diferentes povos.

A grande incidência do topônimo *Água* em língua portuguesa, no que se refere a correntes hídricas, foi na denominação de córregos, em todas as regiões pesquisadas. O rio *Água Limpa*, em Tangará da Serra (Região Imediata de Tangará da Serra), é a única exceção no *corpus* analisado. Os 150 rios localizados nos municípios em estudo, não apresentam nomes motivados pelo elemento *água* de forma direta, mas indiretamente como em *Branco*, *Pardo*, *Vermelho*, *Preto*, cores que revelam características da água dos rios. Contexto que nos leva a pensar que o volume e a extensão das águas dessas correntes hídricas podem concorrer para que o denominador considere ocioso ou redundante a referência expressa ao elemento *água* no topônimo. A unidade léxica *água*, compõe, de forma aglutinada, topônimos de línguas indígenas, na nomeação de rios, mas de forma obscurecida.

A respeito da morfologia do adjetivo, Bechara (2015, p. 149) esclarece que se trata de uma “classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado”.

A forma genérica *água* traz um sentido tão abrangente que, obrigatoriamente, necessita de adjetivos ou locuções adjetivas que restrinjam o referente de forma que se possa identificá-lo no meio físico em que está situado.

Os adjetivos que compõem o elemento específico do sintagma toponímico, nos exemplos acima, especificam o substantivo *água* quanto ao aspecto denotado de cor (*Água Azul*, *Água Amarela*, *Água Branca...*), de temperatura (*Água Fria*), de dimensão (*Grande*, *açu*, *açuzinho*) e de sabor (*Água Doce*). Para o adjetivo *boa* (*Água Boa*) não houve registro de topônimos que apresentassem adjetivo que estabelecesse antonímia no sentido de ruim (*Água Ruim*). *Suja* (*Água Suja*) é o qualificativo que mais se aproxima dessa oposição. *Água do Pingo* foi o único topônimo que apresenta locução adjetiva, forma menos sintética de se nomear.

Neste estudo, o topônimo *Rio* teve farta ocorrência e integra, do mesmo modo que o denominativo *Água*, os chamados “vocábulos toponímicos básicos” (Dick, 1992, p. 64), configurando-se como nomes genéricos de acidentes geográficos elevados ao estatuto de nome próprio, reiterando, de certo modo, a importância da água para os habitantes da localidade.

Na Região de Pontes e Lacerda – Comodoro, o topônimo *Rio* nomeia os seguintes acidentes hídricos: *baía* (baía do *Rio Vermelho*), em Comodoro, município onde se encontra o rio *Vermelho*; *cabeceira* (cabeceira do *Rio Juína*), em Nova Lacerda, município em que há o rio *Juína*; *furado* (furado do *Rio Verde*), em Vila Bela da Santíssima Trindade, onde há o rio *Verde*. Em Nova Lacerda coletou-se o topônimo *Rio Velho* nomeando um *furado*, sem que haja um rio com essa denominação. Há, também, o povoado *Rio Galera*, em Nova Lacerda, mas há o registro de um *rio* por nome *Galera*.

Denomina, também, acidentes físicos e humanos na Região Imediata de Mirassol d’Oeste: *cabeceira* (cabeceira do *Rio Jubinha*), em Reserva do Cabaçal, onde há o rio *Jubinha*; *cabeceira* (cabeceira do *Rio Cabaçal*), em Araputanga, município cortado pelo rio *Cabaçal*. No mesmo município, há o povoado *Rio Vermelho*, porém, o único acidente hidrográfico que recebe essa denominação é um córrego localizado em Porto Esperidião, na mesma região.

Denomina, igualmente, vários acidentes físicos e um acidente humano na Região Imediata de Cáceres: *barra* (barra do *Rio Jauru*), no município de Cáceres, onde há o rio *Jauru*; *furado* (furado do *Rio Vermelho*), embora o rio *Vermelho* esteja localizado em Lambari d’Oeste, município onde houve o registro, também, do acidente hidrográfico *furado* denominado de [do] *Rio vermelho*. Ainda no município de Cáceres foram coletados os topônimos *Rio Velho* (nomeando baía, barra e furado) e *Rio Seco* nomeando uma *baía*, contudo não houve registro de *rio* que tenha recebido a denominação de *Velho*, enquanto *Seco* houve um registro de um córrego. Foi coletado, ainda, povoado *Riozinho do Canzi*, embora haja o registro, no *corpus*, de uma *baía* (*baía do Canzi*) e não *rio*.

Registraram-se outros tantos acidentes, especialmente, físicos, em três municípios da Região Intermediária de Cuiabá: *Riozinho*, em Nova Olímpia; *baía* (baía do *Rio Velho*), em Porto Estrela, município em que há o rio *Velho*; *barra* (barra do *Rio Jauru*), em Tangará da Serra, município banhado pela bacia do rio *Jauru*. No mesmo município há o povoado *Rio Buriti*, sendo encontrado, no *corpus*, o rio *Buriti*. Foi coletado, ainda, o topônimo *Rio Bonito* nomeando uma cabeceira, contudo foi encontrado o registro de um *córrego* denominado *Bonito*.

Nesse contexto, o topônimo *Rio* nomeia, na maioria dos casos, acidentes hídricos que se configuram como partes que representam o percurso do próprio rio como *baía*, *barra*,

cabeceira e *furado*, o que concorre para que, obrigatoriamente, o genérico *rio* passe a ocupar a primeira posição do elemento específico do sintagma toponímico, na nova denominação. Na nomeação de acidentes humanos, a denominação engloba, também, todo o sintagma toponímico (elemento genérico e elemento específico) do acidente hídrico importante para a localidade como em povoado *Rio Buriti*.

O topônimo *Juína*, por sua vez, nomeou o mesmo rio que passa por diversos municípios da Região Imediata de Pontes e Lacerda - Comodoro: rio *Juína* em Campos de Júlio, Nova Lacerda e Conquista d'Oeste. Em Comodoro houve o registro de rio *Juína* e rio *Juininha*.

De acordo com Cardoso (1961, p. 391) *Juína* é transliteração do étimo “paricí” Zuí-gavião de cauda branca e *uiná* – rio. Segundo o autor, é um importante curso d'água afluente da margem do rio *Juruena* da bacia do Tapajós.

O nome genérico *córrego*, do latim *corrigus*, ocupando a função de topônimo, foi mais frequente na nomeação de acidentes humanos no *corpus* coletado para este estudo. Em estrutura composta por até três formantes no elemento específico nomeou os acidentes humanos povoados: *Córrego Rico*, em Araputanga; *Córrego Santíssimo* e *Córrego dos Bugres* em Figueirópolis d'Oeste; *Córrego Seco do Buritizal* e *Córrego dos Bagres* em Porto Esperidião (Região Imediata de Mirassol d'Oeste).

Entretanto, a forma sincopada *corgo* + sufixo dimensivo –ão ou –z-inho (Houaiss, 2009) foi mais produtiva que a forma *córrego*, como em: *Corgão* (acidente físico), em Comodoro; *Corgão* (acidente físico) em Vale de São Domingos (Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro); *Corgão* (acidente físico) em Cáceres e Curvelândia; *Corgão* (acidente físico e humano) em Rio Branco (Região Imediata de Cáceres) e *Corgão* (acidente físico) em Reserva do Cabaçal (Região Imediata de Mirassol d'Oeste).

Em Cáceres, além da forma sintagmática composta *Córrego Fundo*, nomeando um povoado, foi coletado o topônimo *Corregozinho*, cuja estrutura formada por derivação sufixal, identifica de forma integral, o acidente físico hidrográfico, já que não foi encontrado o elemento genérico nos mapas do município (IBGE, 2010). Em Porto Estrela (Região Imediata de Tangará da Serra) houve mais duas ocorrências desse topônimo nomeando correntes hídricas.

Os dados atestam, portanto, que o topônimo *Córrego*, quando acrescido dos morfemas sufixais –inho e –ão, por si só já traduzem traços do acidente nomeado, não necessitando de maiores descrições, como também incorpora tanto a função de elemento genérico quanto a de nome próprio, sinteticamente, pela forma como está registrada nos mapas do IBGE (2017).

Outros topônimos mais recorrentes no *corpus* foram: *Guaporé, Juruena Cabeceira, Salto, Lago, Corixão, Salobra/e/o, Corredeira, Baía* etc.

4.3.2. Fitotopônimos

Como já assinalado ao longo deste estudo, os fitotopônimos “são topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade [...] em conjuntos da mesma espécie [...] ou de espécies diferentes [...] além de formações não espontâneas individuais” (Dick, 1992, p. 31). Trata-se da categoria toponímica que deixa transparecer, na nomeação do espaço geográfico, a influência da flora local e o do que há de precioso e conhecido nessa vegetação.

Camargo (2011, p. 58) assevera que o estado de Mato Grosso abriga três domínios biogeográficos, a saber: domínio dos cerrados, domínio equatorial amazônico e áreas de transição caracterizadas pelo contato entre o domínio amazônico e o cerrado. A área de transição é composta por regiões onde a vegetação preserva a sua identidade ecológica e regiões onde a vegetação se mistura.

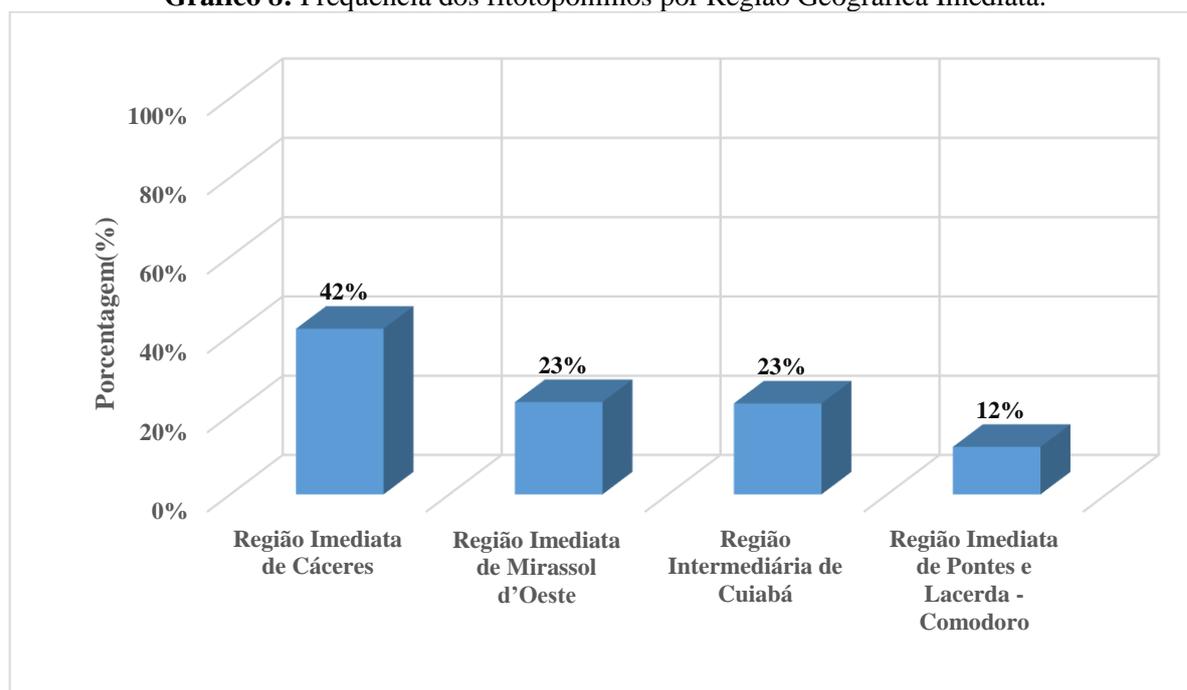
O cerrado é a cobertura vegetal de aproximadamente 38,29% do território do estado, ambiente cuja flora abriga em torno de 10 mil espécies que beneficiam o homem e os animais (Higa; Moreno, 2017, p. 257-259).

Os municípios cuja toponímia foi investigada nesta Tese situam-se no domínio da região do cerrado, também denominada de Savanas, áreas de planícies, chapadas e chapadões, abrigando desde campos com vegetação herbácea até florestas com espécies arbóreas.

Os fitotopônimos tiveram ocorrência expressiva, ocupando a segunda posição dentre os topônimos dos acidentes físicos e humanos da Região Geográfica Intermediária de Cáceres e da Região Geográfica Intermediária de Cuiabá (seis municípios), com um total de 292 nomes de lugares inclusos nessa taxa. Desse total, 122 foram identificados nos mapas da Região Imediata de Cáceres; 68 nos da Região Imediata de Mirassol d’Oeste; 67 registros foram coletados na Região Geográfica de Cuiabá; e 35 na Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro.

O gráfico 8 apresenta a distribuição percentual dessa taxa, conforme as regiões imediatas selecionadas para a pesquisa.

Gráfico 8: Frequência dos fitotopônimos por Região Geográfica Imediata.



Fonte: elaborado pela autora.

Na categoria dos fitotopônimos, os nomes de maior frequência foram *Buriti*, *Caeté*, *Mata*, *Capão*, *Mato*, *Goiabeira*, *Bananal* e *Piúva*.

O topônimo *Buriti* foi documentado em todas as regiões investigadas, totalizando 22 ocorrências. Figurando em topônimos de estrutura simples, nomeou povoados em Cáceres (Região imediata de Cáceres), Figueirópolis d'Oeste (Região Imediata de Mirassol d'Oeste), córrego em Denise e córrego e rio em Tangará da Serra (Região Imediata de Tangará da serra). Nesse grupo, enquadra-se a formação com preposição indicativa de posse em sintagmas como *lagoa do Buriti* em Vila Bela da Santíssima Trindade (Região Imediata de Pontes e Lacerda - Comodoro).

Em estrutura composta híbrida *Buriti* denominou os córregos *Buriti Grande* e *Buriti do Barreirão* em Porto Esperidião (Região Imediata de Mirassol d'Oeste); córrego *Buriti Grosso* em Denise e córrego *Buriti Grande* em Porto Estrela (Região Imediata de Tangará da Serra).

Na estrutura derivada por formação sufixal diminutiva (-zinho) – estrutura simples híbrida (*Buritezinho*) nomeou povoados em Cáceres (Região Imediata de Cáceres), em Porto Esperidião (Região Imediata de Mirassol d'Oeste) e córrego, em Nobres (Região Imediata de Cuiabá).

E com sufixo no sentido de aglomeração (-zal) – estrutura simples híbrida (*Buritzal*), nomeou povoado e córrego em Porto Esperidião (Região Imediata de Mirassol d'Oeste);

córrego em Nobres (Região Imediata de Cuiabá); e córrego e ribeirão em Diamantino (Região Imediata de Diamantino).

Assim, destacam-se os processos de formação por sufixação e, nesse processo, o de maior frequência foi a formação pelo sufixo *-al* (*Buritizal*), seguida pelo sufixo *-zinho* (*Buritizinho*).

Houaiss (2009) esclarece que *-azal* vem de *-al* que é sufixo formador de coletivo, encontrado na base de *arrozal*. Na evolução desse morfema, a vogal antes de *-zal* era tônica e, para o hiato, se interpôs a chamada consoante de ligação ou infixos *-z-*, mesmo que a palavra de origem não apresente o grafema, como ocorre em *bambuzal* derivado de *bambu*. E *-zinho* é sufixo caracterizador da dimensão do referente nomeado, podendo ter valor afetivo.

Quando o topônimo *Buriti* figura na formação de sintagmas simples, a motivação pode estar ligada à palmeira, ao fruto e à folha dessa palmeira ou, até mesmo, à casca dessa planta, apreendida de forma metonímica, uma vez que a referência exata à espécie arbórea em si teria que ser pela forma *buritizeiro*, como em mangueira, goiabeira, pequizeiro etc.

Souza (1939, p. 237) identifica algumas espécies de plantas encontradas de forma agrupada, dentre as quais, o *Buriti*, como próprias de regiões do Pantanal:

Nenhuma outra região do país comporta tão grande número de termos locais para significar agrupamento de certas variedades vegetais, sendo notável a propensão para certas árvores constituírem habitat isolado. Assim, caranduzal, paratudal, piuval, buritizal, acurizal, pirizal, pajonal, espinhal etc., são termos locais que designam paisagens diferentes, caracterizadas pela predominância ou agrupamentos de certos vegetais.

De acordo com Houaiss (2009), *buriti* é “designação comum a plantas dos gêneros *Mauritia*, *Mauritiella*, da família das palmas, coletadas para coberturas de casas rústicas e especialmente para extração de fibras, usado em inúmeras obras trançadas; *buritizeiro*, *muritizeiro*, *murutizeiro*”. Essa palmeira aquática é de grande utilidade para a população que realiza trabalhos artesanais no aproveitamento das folhas para confeccionar esteiras, bolsas, redes, cordas, chapéus etc., além do aproveitamento dos frutos como nutrientes na alimentação. *Buriti* é uma planta predominante nas veredas do cerrado (Higa; Moreno, 2017, p. 258), de grande importância para os povos indígenas dessas regiões.

Sampaio (1987, p. 209) postula que o termo *Miriti* vem de uma alteração linguística do primitivo vocábulo tupi *mbyryty*, modificado no sul do país para a forma referida e, ao norte, para *buriti*. Conforme Dick (1990, p. 155), o topônimo *Buriti* é um nome amplamente encontrado na nomenclatura onomástica do Brasil. É uma palmeira fundamental, também, para a manutenção do equilíbrio, no cerrado, por evitar ou minimizar a aridez do solo, no período

das estiagens. Topônimos como *Bacuri*, *Bacurizal*, *Bocaiúva*, *Bocaiuval* e *Palmital*, igualmente, são motivados por espécies de palmeiras que figuram na toponímia pesquisada, além da forma genérica *Palmeira*

Mato/Mata é outro denominativo de ocorrência expressiva na taxa dos fitotopônimos, nomeando oito acidentes físicos no município de Cáceres (Região Imediata de Cáceres): lagoa da *Mata*; córrego *Mata dos Paus*; lagoa *Mata Escura*; córrego *Mata Grande*; baía do *Mato*; lagoa do *Mato*; córrego *Mato Grande* e córrego *Mato Russo*. Denominou acidentes físicos em Porto Esperidião, a exemplo de lagoa do *Mato* e lagoa da *Mata*; e o povoado *Mata Preta* em Araputanga (Região Imediata de Mirassol d'Oeste). Nomeou também o povoado *Matão* em Pontes e Lacerda; povoado *Matão* e baía do *Mato* em Vila Bela da Santíssima Trindade (Região Imediata de Pontes e Lacerda - Comodoro). Além dos córregos *Mato Novo* em Nobres e *Mata Grande* em Diamantino (Regiões Imediatas de Cuiabá e Diamantino respectivamente).

Conforme Dick (1990, p. 174), o genérico *mata* em sintagmas simples, compostos ou em sufixações é abundante na toponímia brasileira. No *corpus*, a predominância ocorreu pela forma composta preferencialmente substantivo + adjetivo (*Mato Grande*, *Mata Preta*...). A segunda maior ocorrência foi pela formação simples ligada ao elemento genérico do sintagma toponímico por preposição (lagoa *da Mata*...). O topônimo *Matão* na nomeação de povoados em Vila Bela e em Pontes e Lacerda (Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro) foi a única ocorrência do denominativo em formação sufixal traduzindo aspecto da dimensão e/ou da dificuldade de acesso pela proximidade das espécies arbustivas entre si.

Mato é o primeiro formante do elemento específico do topônimo *Mato Grosso* e, devido a sua importância, foram discutidas as possíveis motivações que ensejaram sua escolha por parte dos denominadores (Fernando e Arthur Paes de Barros) na nomeação do estado.

Pires (*et al*, 2018) traz a definição de mata como “termo genérico para cobertura vegetal, qualquer que seja sua extensão e modo de tratamento. Alguns especialistas entendem que o termo pressupõe baixa diversidade”. A definição apreende a coisa designada em uma localização distante, como se fosse de cima para baixo ou a partir de um vale para o alto de uma montanha, percepção que captura o caráter homogêneo do referente, descrição essa que se assemelha ao étimo de *mata* trazido por Houaiss (2009) como “esteira de junco” do latim, *matta*.

O IDHP – Dicionário Histórico do Português do Brasil (Biderman; Murakawa, 2021) registra como primeira datação da palavra *mata* o ano de 1500 na acepção de “aglomerado de árvores silvestres de várias espécies habitado por animais”, na carta de Pero Vaz de Caminha.

Já *mato* aparece, pela primeira vez, em documentos do ano de 1551 para definir “terreno não cultivado onde crescem plantas silvestres, com vegetação ou mata de porte médio” e “qualquer lugar afastado como o campo, a roça, o interior em oposição à cidade” na carta que o “padre Antonio Pires escreveu do Brasil, da Capitania de Pernambuco, aos Irmãos da Companhia” (Biderman; Murakawa, 2021).

Assim, *mato*, em contexto brasileiro, é uma variante da unidade léxica *mata* que foi surgindo à medida que o colonizador foi adentrando outros espaços pelo interior do Brasil. Na toponímia em estudo, tanto *mato* quanto *mata* referem-se a ambientes sem traços de urbanização.

Caeté foi outro topônimo registrado no *corpus* desta pesquisa, nomeando acidentes físicos e humanos como ribeirão *Caeté*; córrego *Caetezinho* e povoado *Caeté*, em Glória d’Oeste; serra do *Caeté*; ribeirão *Caeté* e povoado *Caeté*, em Mirassol d’Oeste (Região Imediata de Mirassol d’Oeste). Nomeou também o acidente físico baía do *Caeté* e o acidente humano povoado *Caeté* em Cáceres, bem como povoado *Caeté* em Curvelândia (Região Imediata de Cáceres). Em Porto Esperidião, denominou o acidente físico lagoa *Caeté* (Região Imediata de Mirassol d’Oeste).

A unidade lexical *Caeté*, de acordo com Sampaio (1987, p. 212) vem do tupi *Caá-etê*, a mata real, constituída de árvores grandes, a mata virgem; a folha larga, sofrendo alterações em Minas Gerais e Pernambuco para *Caheté*, *Cahité*. *Caeté*, sinônimo de *mata* em língua tupi, integra as macrotoponímias de Minas Gerais (município de Caeté) e de Pernambuco (município de Caetés).

Vale considerar que Houaiss (2009) traz definição diferente para *Caeté*, no campo da flora, como “designação comum a diversas ervas” das famílias das marantáceas, canáceas etc., de cujas folhas os indígenas se utilizavam para diversos fins, incluindo na culinária. A mesma acepção é trazida por Cunha (1982).

Um dado que merece destaque é a recuperação do item lexical *piúva* na toponímia de acidentes físicos e humanos nas regiões investigadas, a exemplo do povoado *Piúva*, porto da *Piúva*, baía da *Piúva* e lagoa *Piúva* em Cáceres (Região Imediata de Cáceres). Designa, igualmente, a lagoa da *Piúva* em Porto Esperidião (Região Imediata de Mirassol d’Oeste) e a lagoa da *Piúva* em Vila Bela da Santíssima Trindade (Região Imediata de Pontes e Lacerda - Comodoro).

De acordo com Taunay (1931), a planta é “o pau d’arco, do gênero tecoma, também chamado ipê-uva ou simplesmente piúva, como é conhecido no interior” (*apud* Ortêncio, 1983,

p. 351). O topônimo é formado pelo processo de aglutinação da palavra tupi *y'pê* – casca de pau (Cunha, 1982, p. 156) + palavra de língua portuguesa *uva* (Houaiss, 2009).

A unidade léxica *Ipê* nomeia uma espécie ornamental encontrada em todo o Brasil, especialmente, no Mato Grosso, enquanto *Pau D'arco* nomeia uma planta mais conhecida pelas propriedades medicinais. O site do *Instituto Brasileiro de Florestas*²⁸¹, informa que *Pau d'Arco* é uma das denominações do *Ipê* por ser a espécie utilizada pelos indígenas na confecção dos arcos para flecha, contudo a denominação está em língua portuguesa, o que revela contradição. Sampaio (1987, p. 267) esclarece que o *Pau d'Arco* “madeira rija de que os indígenas faziam seus arcos” recebe o nome de *Japarayba*, em língua tupi. Por seu turno, o site da *Prefeitura de Corumbá/MS*²⁸² esclarece que *Piúva* se refere somente ao *Ipê Roxo*. Não houve no *corpus* pesquisado ocorrência do topônimo *Ipê* além da composição aglutinada, apesar de haver abundância e popularidade da espécie, em destaque o *Ipê Amarelo*, sendo considerado flor-símbolo do Brasil. *Pau d'Arco* também não apresentou ocorrência.

Goiabeira e *bananal*, por sua vez, que denominam duas árvores frutíferas muito conhecidas, especialmente, no Brasil, cujo clima é propício ao seu plantio, figuram na toponímia do estado. A primeira denomina “arbusto ou árvore pequena (*Psidium guajava*), da família das mirtáceas, nativa de regiões tropicais das Américas” (Houaiss, 2009). O fruto da espécie, a goiaba, é muito utilizado em consumo natural ou processado em compotas, doces, sorvetes e geleias. Recebe, ainda, outros nomes como araçá-guaçu, araçáiba, araçá-mirim, araçauaçu, goiaba, goiabeira-branca, goiabeira-vermelha, guaiaba, guaiava, guiaba, pereira, cuja etimologia é controvertida (Houaiss, 2009).

Sampaio (1987, p. 234), por sua vez, informa originar-se do tupi *Goyaba*, *Guayaba* (Acoyá ou acoyaba, a-coyaba), o ajuntamento de caroços; agregado de caroços; pinha de grãos. Em contrapartida, Cardoso (1961, p. 388-389) considera goiaba como um “vocábulo de pura origem aruaca”. *Goiabeira*, formada pelo étimo aruaco, *guaiava*, *goiaba* e pelo sufixo português *-eira*, nomeou um povoado em Cáceres; povoado e córrego em Rio Branco; distrito em Salto do Céu (Região Imediata de Cáceres), além de um córrego em Reserva do Cabaçal (Região Imediata de Mirassol d'Oeste).

Já *Bananal*, palavra constituída a partir da unidade lexical *banana* + sufixo português *-al*, denomina “extenso aglomerado de bananeiras em determinada área; bananeiral, pacobal, pacoval” (Houaiss, 2009), com a etimologia duvidosa segundo o mesmo dicionarista. Já

²⁸¹ - <https://www.ibflorestas.org.br/conteudo/especies-de-ipe-conheca-todos-os-tipos-e-cores>

²⁸² - <https://ww2.corumba.ms.gov.br/2011/09/piuva-que-sustenta-ninho-de-tuiuiu-esta-preservada-por-decreto/>

Raymundo (1933, p. 118) assegura que a unidade lexical *banana* “procede da região da Guiné e arredores [...] (Serra-Leoa e Gâmbia)”. Nesse contexto, a palavra teria entrado no português do Brasil pelo contado dos portugueses com os africanos.

Contudo, Biderman e Murakawa (2021) apresentam o vocábulo no documento de 1576, *Tratado da Província do Brasil* de Pêro de Magalhães de Gândavo, em um contexto em que o português parecia desconhecer a fruta ao escrever que “tambem ha h a fruita que lhe chamão banânas, & pella lingua dos indios pacôuas, ha na terra muita abundança dellas: pareç se na feição com pepinos, naçem n as aruores muj tenrras e não saõ muito altas n tem Ramos se não folhas mui compridas & largas”. Assim, já havia uma espécie de banana, abundante no Brasil, conforme a afirmação do português Pêro de Magalhães de Gândavo, no período em que se implantou a escravização de africanos nessa colônia, pelos portugueses. No *corpus* deste estudo é elevada à categoria de topônimo na nomeação de povoado em Pontes e Lacerda e de povoado e corixo em Vila Bela da Santíssima Trindade (Região Imediata de Pontes e Lacerda - Comodoro).

Quanto à *pacová*, mencionado por (Houaiss, 2009), em forma derivada por sufixação, nomeia um acidente físico (córrego *Pacovinha*), no município de Comodoro (Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro) e outro acidente físico (*Pacová*), em Nova Olímpia (Região Imediata de Tangará de Serra).

O *corpus* coletado reuniu uma variedade de topônimos motivados por nomes de plantas, quais sejam: Angical, Arrozal, Guanandi, Bocaiúva, Acorizal, Tarumã, Bacurizal, Laranjeira, Pimental, Capão, Cafezal, Cambaiúva, Palmital, Pequizinho, Carandá, Cebola, Limão, Aroeira, Palmeirinha, Espinho, Pindaituba, Flores, Pirizal, Sapezal, Frutal, Coqueiral, Aboboral...

Grande parte dos nomes incluídos na taxa dos fitotopônimos atende a necessidades várias como alimentos, chás medicinais, bebidas, construção de moradias e móveis dos habitantes da região.

4.3.3. Zootopônimos

A divisão mais geral e comum que se faz entre os animais resulta no agrupamento de duas categorias: selvagens e domésticos, classificação que descortina a relação que se estabelece entre eles e o homem. Conforme Dick (1990, p. 261),

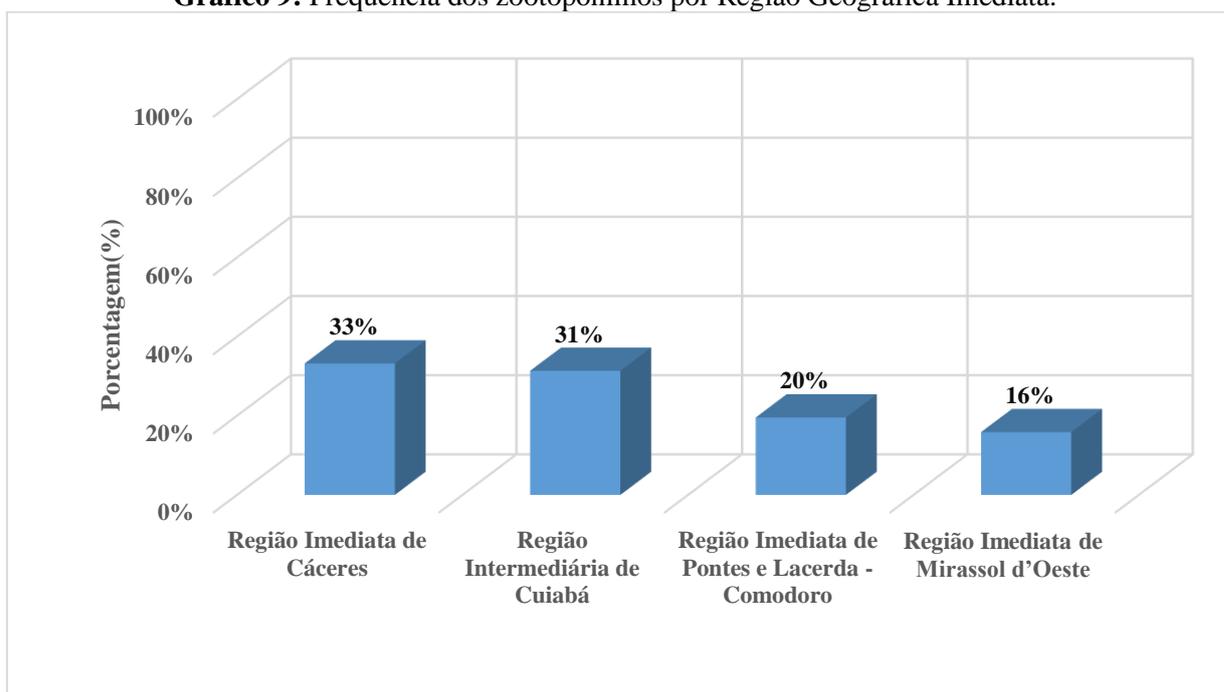
O animal [...] não participa apenas utilitariamente de uma comunidade primitiva, na medida em que lhe serve de fonte alimentícia. Sua função, quase sempre, vai mais longe, figurando em um eixo relacionante integrado por ele mesmo e pelo próprio homem que o personifica.

O quadro cultural do grupo determina os tipos de relações que se estabelecem entre o homem e os animais. Por um lado, uns exercem a função primordial no que tange à manutenção da vida pelos nutrientes que oferecem; por outro, em outras culturas, esses mesmos animais são cultuados como sagrados não podendo ser abatidos. Outros atendem às necessidades de transporte, mão-de-obra e de verdadeiros vigilantes a presenças estranhas, fazendo surgir uma proximidade que os protege de não integrar o quadro alimentar dos seus donos. Outros, no entanto, são uma verdadeira ameaça à vida humana pelas doenças que transmitem ou pela ferocidade que exercem, exigindo que ocupem espaços adequados para o equilíbrio do meio ambiente.

A variedade de animais existente em cada região costuma motivar o nome próprio da hidrografia (rios, córregos, ribeirões, baías, corixos, furados...) do relevo (serras, montanhas, montes, vales...), dos aglomerados humanos (glebas, povoados, vilas, municípios...) e de todo espaço geográfico onde se registrou a presença humana. Assim, a toponímia de uma região pode congrega, de forma generosa, nomes de índole animal, que nos estudos em Toponímia, classificam-se na taxonomia dos zootopônimos “representados por indivíduos domésticos (boi: rio do Boi (MG) e não domésticos (onça; lagoa da Onça (RJ) e da mesma espécie em grupos (boiada: ribeirão da boiada (SP); Vacaria (AH RS): Tapiratiba (AH SP)” (Dick, 1992, p. 32).

Nos dados em exame, os nomes pertencentes a essa categoria taxonômica tiveram frequência significativa, ocupando o terceiro lugar entre os topônimos de acidentes físicos e humanos aqui sendo estudados, com 271 ocorrências. Na Região Imediata de Cáceres, 90 ocorrências; 85 na Região Intermediária de Cuiabá; 53 na Região de Pontes e Lacerda – Comodoro e 43 na Região Imediata de Mirassol d’Oeste. O gráfico 9 apresenta esses dados em termos percentuais.

Gráfico 9: Frequência dos zootopônimos por Região Geográfica Imediata.



Fonte: elaborado pela autora.

As unidades lexicais mais frequentes na taxa dos zootopônimos foram *Onça*, *Boi*, *Jauru*, *Caramujo* e *Lambari*.

O topônimo *Onça* foi o mais expressivo na taxa dos zootopônimos, nomeando acidentes humanos e acidentes físicos, dentre eles, povoado *Onça Magra*, lagoa da *Onça*, baía da *Onça Azul*, baía da *Onça Brava*, córrego *Onça Magra* no município de Cáceres; povoado *Onça Magra* e rio *Onça Magra*, em Lambari d'Oeste; córrego da *Onça* em Salto do Céu; córrego da *Onça* em Rio Branco (Região Imediata de Cáceres); córrego da *Onça*, em Pontes e Lacerda (Região Imediata de Pontes e Lacerda - Comodoro); córrego das *Onças*, em Nobres; córrego das *Onças*, em Porto Estrela; córrego da *Onça*, em Tangará da Serra e córrego da *Onça Brava*, em Diamantino (Regiões Imediatas da Região Intermediária de Cuiabá).

Onça é um animal que motiva formações toponímicas em diversos pontos do Brasil (Dick, 1990, p. 272). Em Houaiss (2009) a unidade lexical *onça* é definida como “designação genérica de alguns felídeos brasileiros de grande porte”, do latim *lyncea*. O animal recebe outras denominações na língua tupi: *jaguara*, *iaguara*, *iuaára* ou *yaguára* e *Yaguar-etê*, a onça verdadeira (Sampaio, 1987, p. 265). Em Cáceres foi encontrada a denominação *Jatirica* (*Jaguatirica*) nomeando uma baía e em Lambari d'Oeste há uma cachoeira nomeada por *Jaguatirica*.

Boi é outro nome bastante frequente na nomeação toponímica no município de Cáceres onde denomina seis acidentes físicos: serra do *Boi*; baía e córrego do *Boi Branco*; serra do *Boi do Mato*; serra do *Boi Morto*; serra *Boiada* (Região Imediata de Cáceres). Nomeou também o acidente físico, córrego *Boi Bravo* em Porto Esperidião (Região Imediata de Mirassol d'Oeste); um acidente físico, baía do *Boi Morto* e o acidente humano comunidade do *Boi Morto*, em Porto Estrela (Região Imediata de Tangará da Serra).

Dick (1990, p. 273) esclarece que o boi, bem como, o cavalo, por participarem “ambos do desbravamento de áreas, e levando consigo as correntes da civilização, através dos campos e cerrados e das zonas ribeirinhas, foram os promotores de ‘fecundos panoramas da geografia linguística brasileira’”. O cavalo consistiu em meio de locomoção importante para a chegada e permanência dos desbravadores nos sertões do Brasil e o boi é protagonista na alimentação do brasileiro, em todas as épocas. E como o estado de Mato Grosso desenvolveu uma pecuária forte, é coerente que a palavra *boi* se destaque na toponímia da região. Vale considerar que o topônimo *Cavalo* nomeou somente um córrego em Porto Estrela (Região Imediata de Mirassol d'Oeste), em contrapartida para o topônimo *Égua* (fêmea do cavalo), foram registradas três ocorrências: baía e praia das *Éguas* no município de Cáceres (Região Imediata de Cáceres) e córrego da *Égua* em Nobres (Região Imediata de Cuiabá).

O topônimo *Jauru* também alcançou ocorrência significativa na denominação de correntes hídricas, nas localidades pesquisadas, especialmente nos municípios pertencentes à Região Imediata de Mirassol d'Oeste: rio *Jauru* e gleba *Jauru*, no município de Figueirópolis d'Oeste; um rio nos municípios de Jauru, Indiavaí, Glória d'Oeste e Reserva do Cabaçal. Também denomina um rio e uma baía em Cáceres (Região Imediata de Cáceres) e um rio em Tangará da Serra (Região Imediata de Tangará da Serra).

Para Bueno (1987, p. 173), *jauru* denomina o comedouro dos jáus, e este é ya-ú, o comilão, peixe fluvial. Sampaio (1987, p. 269) também registra o termo como de origem tupi, *yau-r-ú*, com o sentido de “os jáus comem, ou onde há jáus”. E para jáú, também do tupi *jahú*, *ya-ú*, aquele que devora. Nome de peixe de rio frequente no rio Tietê, como nos rios da bacia Platina, São Paulo, Mato Grosso e Goiás. Nos rios do Norte é também denominado de *Surubim*. *Jauru* nomeia o rio que banha todo o município de Jauru e deságua no rio Paraguai. É afluente pela margem direita do rio Paraguai, principal formador da bacia do Pantanal. De acordo com Siqueira (2017, p. 51), “Jauru, por ocasião do Tratado de Madri, fôra considerado um marco geográfico muito importante, o que fez com que a Coroa portuguesa, em 1754, mandasse despachar, de Portugal, imensos blocos de pedra esculpidos em forma piramidal, contendo

inscrições que declaravam aquelas terras de domínio português”. A significativa ocorrência do topônimo se deve à importância do rio que banha diversas localidades da Região Imediata de Mirassol d’Oeste.

Lambari é outro topônimo de origem animal que nomeia acidentes humanos e físicos a exemplos do povoado *Lambari*, em Cáceres; povoado *Lambari* e córrego *Lambari*, em *Lambari d’Oeste* (Região Imediata de Cáceres). Denomina, também, um córrego em Nova Olímpia (Região Imediata de Tangará da Serra).

Lambari é o nome de um dos municípios que integra o *corpus* desta pesquisa, *Lambari d’Oeste* e foi analisado na subseção destinada a análise da macrotoponímia. O denominativo é um de tantos nomes que figura no léxico e na toponímia de Mato Grosso por intermédio do colonizador, considerando que os povos tupis não adentraram o interior do Brasil.

Outro nome muito recorrente na toponímia em estudo foi *Caramujo*, nomeando acidentes físicos e humanos como povoado *Caramujo*, rio *Caramujinho* e córrego *Caramujo* em Salto do Céu; córrego *Caramujo*, em Cáceres (Região Imediata de Cáceres). Nomeou um relevo montanhoso, a serra do *Caramujo*, em Porto Esperidião e mais um córrego em Mirassol d’Oeste (Região Imediata de Mirassol d’Oeste).

Caramujo é nome que, para Nascentes (1955, p, 97), tem etimologia controvertida podendo vir de *cara*, palavra de origem incerta + *mujo*, do latim, sem apresentar o significado dessas formas antes da constituição da nova palavra e informa que há estudiosos que relacionam a origem do item léxico *caramujo* à *caramuçal* que significa navio turco de polpa alçada. Houaiss (2009) também destaca a etimologia controversa dessa palavra e a define como “designação comum a diversos moluscos de água doce ou salgada”. Na verdade, são espécies de importância para a manutenção dos ecossistemas, por serem de natureza detritívora, “que ou o que se alimenta de restos animais ou vegetais, muitas vezes agindo propiciamente para o saneamento do ecossistema em que vive” (Houaiss, 2009). Nesse particular, a importância desse animal não é apreendida tão claramente pelo denominador, mas somente por estudiosos dessas espécies animais. Assim, é possível aventar a hipótese de ser esse animal abundante na região, fator determinante para motivar a nomeação de acidentes geográficos.

No quadro geral há ainda topônimos que pertencem à categoria dos animais que fornecem nutrientes ao homem: *Queixada*, *Anta Dourado*, *Pacu*, *Tucunaré*, *Cervo*, *Arapongas*, *Garça*, *Caimão*, *Peixal*, *Peixe*, *Patos*, *Mutum*, *Pirá*, *Veado*, dentre outros.

Outros, entretanto, estabelecem outros tipos de relações com o ser humano: *Barata*, *Morcego*, *Burrinho*, *Borboleta*, *Formiga*, *Gafanhoto*, *Macaco* etc.

Em pesquisa realizada sobre as denominações das correntes hídricas de Nobres/MT, Clementi e Isquierdo (2024) constataram que a taxa toponímica mais produtiva, nesse município, foi a dos zootopônimos.

Como já assinalado na seção I que trata da teoria que subsidia este trabalho, Stewart (1954, p. 4-5) inclui, na categoria dos *Incident names*, os nomes de lugares motivados por algum incidente temporário ocorrido no local nomeado ou próximo a ele. Para o autor, a maioria dos topônimos de índole animal apresenta esse contexto de batismo, sem que, necessariamente, o animal exista em abundância e de forma rotineira na vida da população.

O entendimento de Stewart (1954, p. 4-5), em relação aos topônimos de índole animal, pode ser parcialmente aplicado ao topônimo *Onça*, já que se trata de um felino que oferece riscos ao homem e, nesse sentido, não parece fazer parte do cotidiano do denominador em quantidade e presença. Nesse caso, a denominação pode ter ocorrido pela consciência do denominador de que a localidade é habitat natural do referido animal.

Todavia, no quadro geral das espécies animais que motivam os nomes de lugares, outros estudiosos em toponímia parecem discordar da afirmação de Stewart, pois de acordo Dick (1990, p. 256), os bororos do Brasil Central costumam ser identificados por etnologistas e antropólogos como uma típica sociedade de caçadores, o que justificaria a expressiva ocorrência de zootopônimos na região Centro-Oeste.

A esse respeito, Drumond (1965, p. 16) já havia assinalado, em sua obra *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira*, a presença marcante do animal para a nação indígena bororo, ao analisar os nomes atribuídos, por essa etnia, a morros, rios, ancoradouros etc., evidenciando, de certo modo, ser a caça a atividade fundamental dessa sociedade indígena, com base na expressiva frequência de topônimos de índole animal na região em estudo.

Conforme Dick (1992, p. 256), Lévi-Strauss (1967) salientara ter sido essa habilidade despertada pela vizinhança do pântano, rico em caça, ao longo do curso médio do rio Paraguai. Todavia, não parece ser essa a tendência peculiar em outras regiões do país, considerando o cenário mais abrangente da toponímia.

Ainda de acordo com Dick (1990, p. 255), a presença dos animais motivando o surgimento de topônimos é menos recorrente em relação a outras regiões do Brasil, que não a Centro-Oeste. Backheuser (1952, p. 172) também assevera que, na toponímia, de maneira geral os topônimos de “índole zoológica são aqui e alhures menos numerosos”.

Os dados aqui examinados demonstram a frequência de certos topônimos nas regiões pesquisadas. Contudo, os nomes que não foram analisados em texto, testemunham a riqueza da

fauna e a criatividade e atenção acuradas do denominador no aproveitamento dos recursos animais na toponímia, uma vez que os denominativos não repetidos constituem a maior parte dos 271 zootopônimos.

4.3.4. Geomorfotopônimos

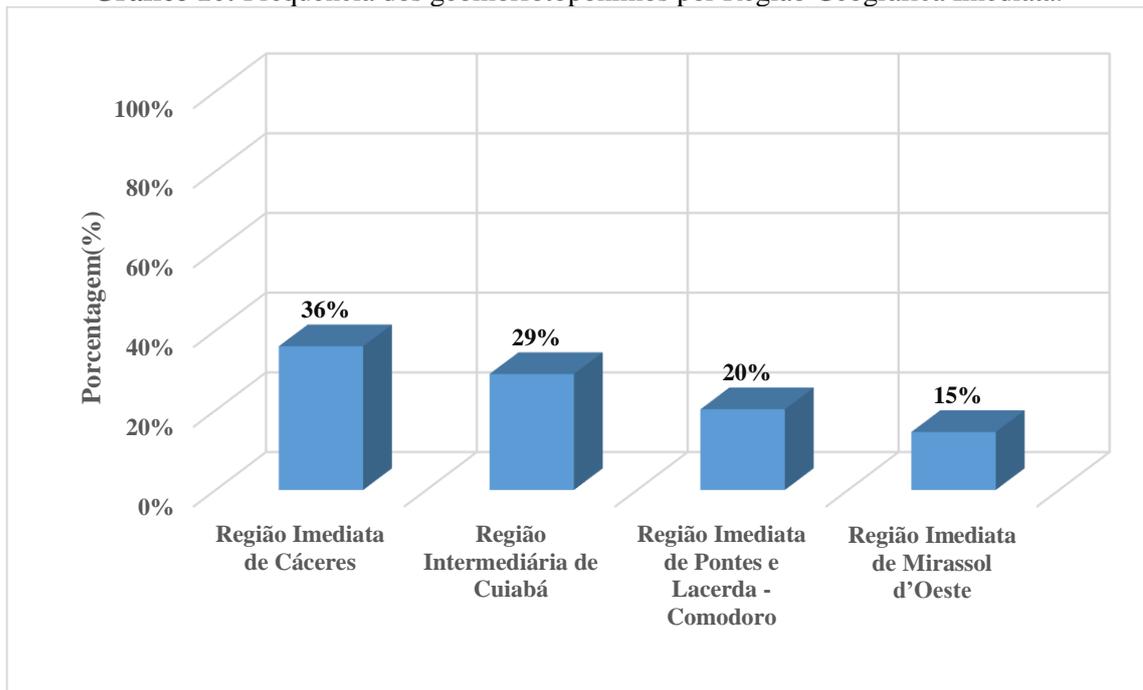
O homem se move pelos territórios, à procura de espaços que apresentem condições mais favoráveis de vida quanto ao clima, às espécies vegetais e animais que possam assegurar uma sobrevivência rica, agradável e feliz. Nesse contexto, Dick (1992, p. 114) esclarece que a mobilidade da espécie humana na terra vai deixando a grande cadeia nominativa, evidenciando a simbiose entre o meio físico e a língua veiculada pelos povos.

De acordo com a toponimista supracitada, “as formas de relevo terrestre, seja no sentido de elevações ou depressões costumam emprestar à toponímia uma variedade de signos onomásticos que, em sua maioria, traduzem uma técnica espontânea de designação” (Dick, 1990, p. 114). Assim, os nomes próprios de lugares motivados pela presença de morros, serras, montes, vales, furnas, grutas, grotas, chapadas, ilhas, montanhas, barrancos, coxilhas, pantanais, entre tantos outros existentes, pertencem à taxonomia dos geomorfotopônimos.

Em relação à presença dessas formas geomorfológicas motivando o surgimento de topônimos, Dick (1990, p. 114) esclarece que no caso das chapadas, serras, furnas, vales etc., em grande parte das ocorrências, “o nome consigna realmente a existência do acidente assim identificado, no lugar; em outras, isso não acontece, ocorrendo, então, que o topônimo deixa de ser um descritivo propriamente dito para revestir apenas a característica sugerida pela forma de linguagem”. Nesse sentido, a Toponímia pode demonstrar, em uma perspectiva linguística, o ideário das diferentes populações que habitaram um território.

No contexto desta investigação, os geomorfotopônimos representam a quarta taxa mais produtiva dentre os 2.012 topônimos catalogados, com uma representatividade de 158 nomes no *corpus*, dos quais, 57 nomeiam acidentes físicos e humanos localizados na Região Imediata de Cáceres; 46 na Região Intermediária de Cuiabá; 32 na Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro e 23 na Região Imediata de Mirassol d’Oeste. O gráfico 10 ilustra a distribuição espacial desses dados:

Gráfico 10: Frequência dos geomorfotopônimos por Região Geográfica Imediata.



Fonte: elaborado pela autora.

Neste estudo, topônimos como *Pantanal*, *Campo* (*Campos*, *Campina*), *Bocaina*, *Várzea* (*Vargearia*, *Varjão*, *Vargem*) e *Morro* foram identificados como sendo os de maior frequência.

O topônimo *Bocaina/Boca* nomeou acidentes de natureza física e de natureza antropocultural na Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro: corixo e povoado *Bocaina*; baías *Boca da Galera* e *Boca do Arrozal*, em Vila Bela da Santíssima Trindade.

Dois acidentes humanos e quatro físicos na Região Imediata de Cáceres: povoados *Bocaina da Campina* e *Bocaina Feia*, serra da *Bocaina*, serra da *Bocaina do Espinhal Comprido*, serra da *Bocaina Feia* e serra do *Bocainão* em Cáceres.

Na Região Intermediária de Cuiabá os topônimos *Bocaina/Boca* nomearam: morro *Bocaina*, em Nobres; serra da *Bocaina* e comunidade *Bocaina*, em Porto Estrela; povoado *Bocaina*, em Tangará da Serra; córrego *Bocaina*, em Diamantino.

Guerra e Guerra (1997, p. 92) definem *bocaina* “como termo regional descritivo usado no sul do Brasil para designar colo ou garganta, enquanto na Amazônia significa foz de um rio ou, ainda, a entrada de um lago que se comunica por um desaguadouro com rio”. Houaiss (2009) define o termo por “depressão que serve de passagem numa serra; garganta” ou “vale profundo entre dois contrafortes próximos; passagem estreita entre dois morros” e em locais onde se identifica a presença d’água como “foz de um rio; entrada de um canal”. O autor apresenta como regionalismo brasileiro e, ainda de acordo com o dicionarista, a unidade léxica tem

etimologia controvertida, provavelmente de boc (a)- + anha, com despalatização e epêntese (fenômeno fonético que consiste em acrescentar fonemas ou sílaba no meio da palavra) de um i (Houaiss, 2009).

O topônimo *Pantanal* teve expressiva ocorrência na denominação de acidentes humanos em diversos municípios da Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro, nomeando os seguintes povoados: *Pantanal da Baía Grande* e *Pantanal do Corixão*, em Vila Bela da Santíssima Trindade; em Pontes e Lacerda nomeou os povoados *Pantanal do Jaboti* e *Pantanal da Gomalina*.

Na Região Imediata de Mirassol d'Oeste, nomeou, em Porto Esperidião, os povoados: *Pantanal de Anta*, *Pantanal de Santa Rita*, *Pantanal do Corixinha*, *Pantanal do Minador*; os acidentes físicos: córregos *Pantanalzinho* e *Pantanoso*.

Nomeou, igualmente, dois acidentes humanos na Região Geográfica Imediata de Cáceres, os povoados: *Pantanal Deus-Me Livre* e *Pantanal Rodeio do Ângelo*, ambos no município de Cáceres. E os acidentes físicos na Região Intermediária de Cuiabá: ribeirão *Pantanalzinho*; baía do *Pantanal*, em Porto Estrela e baía do *Pantanal*, em Diamantino.

Guerra e Guerra (1997, p. 462) definem pantanal como;

Denominação dada a uma unidade geomorfológica do estado de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Abrange esta unidade uma área de 388.995km². Geomorfológicamente, o Pantanal pode ser definido como uma extensa planície de sedimentos holocênicos, onde se encontram alguns blocos falhados. Ex.; Maciço do urucum. A bacia sedimentar do Pantanal é uma área de afundamento tectônico.

Segundo Arrojado Lisboa “o pantanal compreende não só as terras baixas, mas também as elevações e os morros nelas espalhados, como que formando ilhas e penínsulas” (*apud* Souza, 1939, p. 237). A Região Sudoeste de Mato Grosso, atual Região Intermediária de Cáceres, onde se localiza a maior parte dos municípios contemplados por esta pesquisa, situa-se na planície e depressão do Guaporé e serras residuais do Guaporé-Jauru. Nesse contexto geomorfológico, apresenta um relevo com depressões (depressão do vale do Guaporé) e planícies (planície e pantanal do rio Guaporé, planície e pantanal do rio Paraguai mato-grossense) (Higa; Moreno, 2017, p. 228-233). Cáceres é um dos municípios que abriga o bioma Pantanal em Mato Grosso juntamente com Poconé, circunstâncias que favorecem a presença desse denominativo em função toponímica. *Pantanal* é, pois, um topônimo que estabelece uma relação de sentido muito específica e transparente com o referente, um relevo com características muito particulares da região.

Várzea, Vargem, Varjão e Vargearia foram topônimos identificados na nomeação de acidentes físicos e humanos em todas as regiões contempladas neste estudo. Na Região Geográfica de Mirassol d'Oeste denominam os povoados de *Vargem Alegre* e *Varjão do Barreirão*, ambos no município de Mirassol d'Oeste. Quatro acidentes humanos e dois acidentes físicos na Região Geográfica Imediata de Cáceres, os povoados: *Varjão, Várzea, Várzea Bonita* e *Várzea Grande*; e os acidentes físicos lagoa da *Várzea Funda* e serra da *Várzea Funda*, todos no município de Cáceres. Um acidente físico na Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro: córrego da *Várzea*, em Vila Bela da Santíssima Trindade; três acidentes físicos e um humano na Região Intermediária de Cuiabá: povoado *Vargearia*, em Nobres; córrego da *Vargem*, em Nova Olímpia; córrego *Vargem Grande* e serra *Vargem Grande*, em Diamantino.

Várzea é definida como “grande extensão de terra plana” tendo por sinônimos as unidades lexicais *abarga, barga, planície* e *vale* (Houaiss, 2009). Guerra e Guerra (1997, p. 633) descrevem *várzea* como “terrenos baixos e mais ou menos planos que se encontram junto às margens dos rios. Constituem, a rigor, na linguagem geomorfológica, o leito maior dos rios”. As unidades lexicais *Pantanal, Bocaina* e *Várzea* apontam para o aspecto de depressão do terreno.

Campo e as derivações *campinhos, campos, campina* nomeiam acidentes físicos e humanos da Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro: baía *Campinhos*, povoado *Campo*, povoado *Campos Novos* e baía *Campinhos*, no município de Comodoro; povoados *Campo do Bananal* e *Campo do Encanto*, em Vila Bela da Santíssima Trindade; corixo *Campo Grande* em Pontes e Lacerda; baía da *Campina* em Nova Lacerda; e *Campos* de Júlio, nome do município. Além desses, nomeia outros tantos acidentes na Região Imediata de Cáceres, o povoado *Campo Alegre*, no município de Cáceres; baía, córrego, furado, ilha e serra da *Campina* e corixo do *Campincho*, em Cáceres.

Figura, ainda, na toponímia da Região Intermediária de Cuiabá: povoado *Campo* e córrego do *Campo Vaquejador*, em Nobres; córrego *Campina do Meio*, córrego do *Campo* e córrego *Campo dos Bois*, em Nova Olímpia; nomeou, também, o povoado *Campo* em Tangará da Serra; córrego *Campina* e córrego do *Campo* em Diamantino.

O item lexical *campo* é definido como “terreno plano, extenso, com poucos acidentes e poucas árvores; sinônimo de *campina*, proveniente do latim *campus*” (Houaiss, 2009). Souza (1939, p. 76), por sua vez, também define *campo* como “extensos tratos de terra onde predominam as gramíneas, cobertos de ervas, desde a cor parda até a verde, ora num

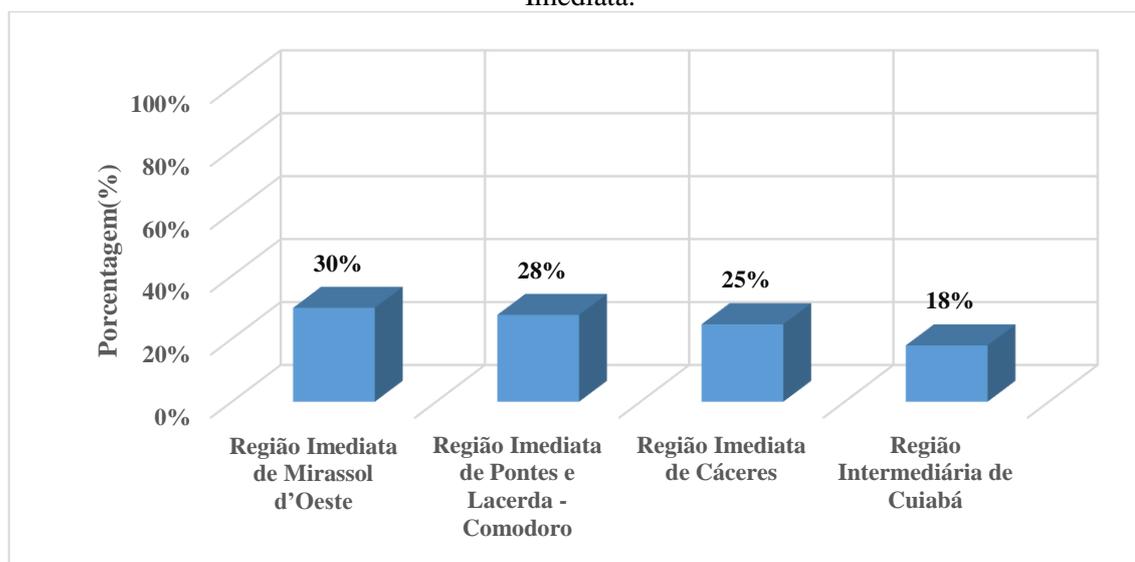
horizontalismo golpeante, ora no ondulamento acidentado de planalto desgastado pelos agentes exógenos”. *Pantanal, Campo, Bocaina, Várzea* sugerem uma gênese espontânea de nomeação de forma a refletir as características mais flagrantes do relevo, captadas pelo denominador.

4.3.5. Hierotopônimos/Hagiotopônimos

A toponímia religiosa, conforme Dick (1990, p. 310), inclui os hierotopônimos “nomes sagrados de diferentes crenças, de associações religiosas e de seus membros, locais de culto, além de datas ou efemérides relativas a tais circunstâncias”. Essa categoria taxonômica abrange os hagiotopônimos ou “topônimos referentes aos nomes de santos e santas do hagiológico romano, e mitotopônimos, ou nomes de lugares que recordam entidades mitológicas” (Dick, 1990, p. 310-311). Hagiotopônimo, conforme o exposto, é o topônimo que contém em sua composição as palavras *santo/são* e/ou *santa* como primeiro formante do elemento específico do sintagma toponímico e mitotopônimo congrega todos os nomes de índole mitológica, como nos casos de *Saci, Anhangá, Tamandaré, Tupã*, dentre outros. Em contrapartida, topônimos como *Cruz, Nossa Senhora, Conceição, Rosário* etc. enquadram-se na classificação abrangente dos hierotopônimos.

Vinculados à taxa dos hierotopônimos/hagiotopônimos/mitotopônimos foram registrados 134 nomes de lugares que evocam o sagrado, tornando essa categoria uma das mais frequentes no domínio deste estudo, figurando em quinto lugar no percentual geral dos nomes investigados. A Região Geográfica Imediata de Mirassol d’Oeste contém 40 nomes dessa natureza; 37 na Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro; 33 na Região Imediata de Cáceres e 24 na Região Intermediária de Cuiabá. Os percentuais relativos à frequência dos topônimos de caráter religioso no *corpus* em estudo estão sintetizados no gráfico 11, a seguir.

Gráfico 11: Frequência dos hierotopônimos/hagiotopônimos/mitotopônimos por Região Geográfica Imediata.



Fonte: elaborado pela autora.

Dentre os 27 municípios que integram a área de investigação desta pesquisa, situam-se Cáceres (1778) e Vila Bela da Santíssima Trindade (1752), dois dos municípios mais antigos do estado de Mato Grosso, fundados pela Coroa portuguesa, com a finalidade de resguardar as fronteiras sudoeste do Brasil de invasões paraguaias.

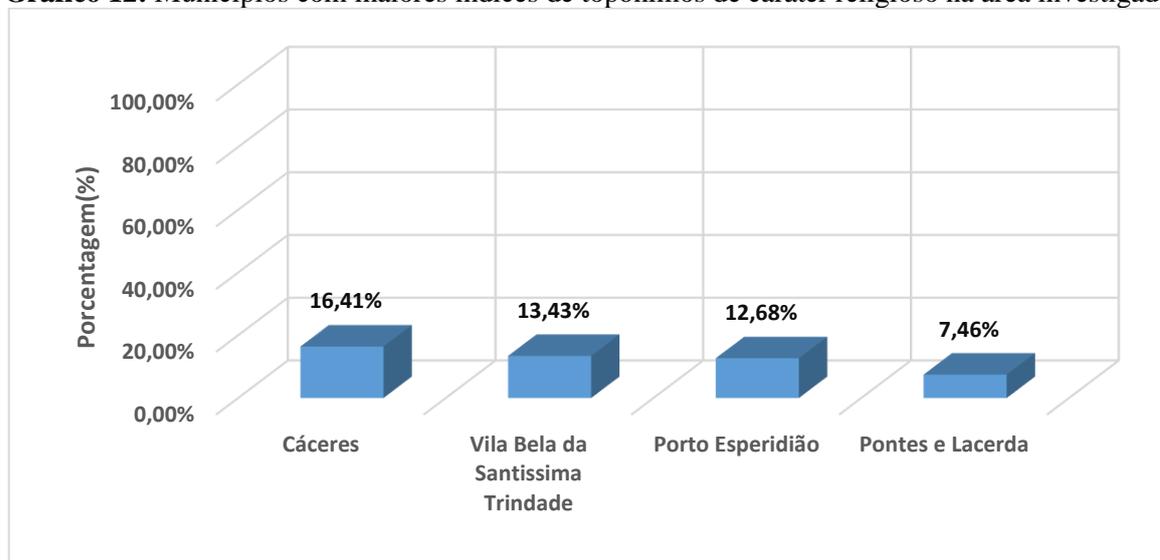
Dick, 1990, p. 312) assevera que o Brasil nasceu sob a insígnia da cruz e da fé católica e, no mesmo contexto, operou-se a colonização de Mato Grosso e de sua primeira capital, *Vila Bela da Santíssima Trindade*. António Rolim de Moura, português nomeado pela rainha como primeiro Capitão-General de Mato Grosso, trouxe consigo os primeiros jesuítas, os padres Estevão de Castro e Agostinho Lourenço. De acordo com Siqueira (2017, p. 42) “o primeiro ficou responsável pela organização de uma missão jesuíta em Chapada dos Guimarães. O segundo jesuíta, Pe. Agostinho Lourenço, acompanhou Rolim de Moura à região do rio Guaporé, onde deveria ser fundada a primeira capital de Mato Grosso”. Vale reiterar que essa região era denominada, até então, de *Matto-Grosso*, em virtude das minas de mesmo nome (Souza-Brasil, 1864, p. 561-517).

De igual forma, Cáceres, antiga São Luiz de Cáceres, foi uma dupla homenagem: ao quarto governador Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres e ao santo São Luís padroeiro do povoado surgido em torno da igreja São Luiz de França em Vila-Maria do Paraguai, primeiro nome do município.

Nesse contexto, no conjunto dos hierotopônimos/hagiotopônimo/mitotopônimos identificados nos mapas dos 27 municípios em estudo, 50% nomeiam acidentes físicos e

humanos em apenas quatro municípios mato-grossenses da área de investigação: Vila Bela da Santíssima Trindade, Porto Esperidião, Cáceres e Pontes e Lacerda, conforme o gráfico 12 na sequência.

Gráfico 12: Municípios com maiores índices de topônimos de caráter religioso na área investigada.



Fonte: elaborado pela autora.

Pontes e Lacerda pertencia ao município de Vila Bela até 1979 e Porto Esperidião, ao município de Cáceres até 1986, dados que podem justificar a maior concentração da toponímia religiosa (especialmente hagio/hiero) nos municípios mato-grossenses fundados no período colonial.

Em contrapartida, os municípios onde não houve registro de topônimos de motivação religiosa, são aqueles fundados entre o final da década de 1970 até 1990 (Rio Branco, Indivaí e Campos de Júlio).

Os topônimos de caráter religioso mais frequentes no *corpus* foram *São Domingos*, *São Vicente*, *Santo Inácio*, *São Pedro*, *São Jorge*; *São José*; *Santa Rita*, *Santana*, *Santa Isabel*; *Santa Helena*; *São Sebastião* e *Santa Maria*.

São José configurou-se como hagiopônimo mais frequente na nomeação de acidentes humanos e físicos em todas as regiões pesquisadas. Na Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro: vila *São José* e corixo *São José*, em Vila Bela da Santíssima Trindade; córrego *São José*, em Vale de São Domingos e povoado *São José da Serra*, em Pontes e Lacerda. Nomeia um acidente humano e um físico na Região Imediata de Cáceres, o povoado *São José do Pingadouro* em Lambari d'Oeste; córrego *São José* em Salto do Céu; um acidente humano e

um acidente físico em Tangará da Serra, o povoado e o rio *São José*; também o córrego *São José*, em Nobres (Regiões da Região Intermediária de Cuiabá). E, na Região Imediata de Mirassol d'Oeste, situa-se o macrotopônimo *São José dos Quatro Marcos*.

De acordo com Guérios (1981, p. 152), José vem do hebraico *Iosseph, Iehussef*: Ele (Deus) dê aumento, ou (Deus) aumente (com outro filho) chegando à língua portuguesa pelo latim, *Josephus*. Na nomeação de municípios de Mato Grosso, *São José* é o mais produtivo com as respectivas características da localidade denominada como em *São José do Povo, São José do Rio Claro, São José do Xingu e São José dos Quatro Marcos*.

São Domingos é outro hagiopônimo de destaque na nomeação dos municípios em causa, denominando um córrego em São José dos Quatro Marcos, Araputanga e Jauru. Houve ocorrência única desse topônimo na Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro, vila São Domingos, em Vale de São Domingos.

Domingos foi um “célebre condutor e pai da Ordem dos Pregadores, nasceu em uma cidade da Espanha chamada Calaruega” (Varazze, 2003, p. 614). A ocorrência desse topônimo, especialmente, na denominação da vila e do município, reflete a difusão do culto ao padroeiro, mas circunscrito aos municípios citados

São Sebastião, hagiopônimo masculino bem frequente, nomeou acidentes físicos na Região Imediata de Cáceres: riacho *São Sebastião*, em Cáceres; corixo *São Sebastião*; em Curvelândia. Denominou acidentes físicos na Região Intermediária de Cuiabá: córrego e cachoeira *São Sebastião*, em Tangará da Serra. Também nomeou acidentes humanos na Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro: povoado *São Sebastião* em Conquista d'Oeste, além de um acidente humano na Região Imediata de Mirassol d'Oeste: povoado *São Sebastião* em Porto Esperidião.

Sebastião é nome derivado do latim *Sebastianus*, de agosto, magnífico, venerável (Guérios, 1981, p. 223). Historicamente *São Sebastião* nasceu em Narbona, na França, foi mártir e santo, cristão morto durante a perseguição religiosa por Diocleciano, imperador romano, no século III d.C. É um dos santos com maior número de devotos entre os católicos, sendo padroeiro contra a fome, a peste e a guerra.

Santo Inácio nomeou um corixo e um povoado em Vila Bela da Santíssima Trindade, contudo, se considerarmos a causa denominativa, a entidade religiosa *Inácio*, a nomenclatura torna-se mais expressiva na categoria dos hagiopônimos somada à dos axiotopônimos, no denominativo *Padre Inácio*.

Foram registrados baía e pantanal, em Vila Bela da Santíssima Trindade; córrego, pantanal e vazante, em Cáceres; e córrego, em Mirassol d'Oeste, nomeados com esse topônimo (*Padre Inácio*). Vila Bela da Santíssima Trindade faz limites, a Oeste, com San Ignacio de Velasco, antigamente, San Ignacio de Loyola, município da Bolívia, país colonizado pelos espanhóis. Ressalta-se que as terras do Mato Grosso pertenceram à Espanha, pelo Tratado de Tordesilhas, por mais de dois séculos após a chegada dos europeus na região, sem que eles a colonizassem de fato (Higa; Moreno, 2017); (Siqueira, 2017); (Ferreira, 2021). Assim, a atribuição dos nomes *Santo Inácio* e *Padre Inácio* na nomeação desses acidentes pode ter sido realizada pelos espanhóis.

Inácio de Loyola, padre jesuíta espanhol, foi um dos fundadores da Companhia de Jesus, responsável pela primeira missão jesuíta enviada ao Brasil em 1549. O antropônimo vem do “latim Egnatius, origem de pré-indo-europeia, mas por etimologia popular, relaciona-se a *ignis*, ‘fogo’” (Guérios, 1981, p. 146). Varazze (2003, p. 239) traz o registro de um *Santo Inácio* que viveu no século I d.C., informando vir esse nome de *Ignem patiens* “aquele que suportou o fogo do amor divino”.

O *corpus* registra, ainda, corixo *São Miguelito*, em Vila Bela da Santíssima Trindade (Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodo), o qual pode ser considerado, também, como vestígios da presença espanhola na região, na fase pré-colonial e colonial, já que é um hagiotopônimo oriundo de *São Miguel*, santo católico, mas registrado na forma hipocorística *Miguelito* (Miguel + ito), como uma maneira amorosa de se referir a Miguel. Conforme Houaiss (2009), *-ito* é morfema de caráter dimensivo, abundante no espanhol *-ita*, *-ito*, que, no português, apresenta-se de forma cristalizada, ou seja, não é perceptível a presença de sufixo como ocorre em cabrito, bonito/bonitinho/bonitito, favorito, palmito, dentre outras. Por outro prisma, a palavra *São*, presente nos hagiotopônimos analisados, é forma sintética de *santo*, aquele que foi canonizado, usado quando a palavra seguinte for iniciada por consoante.

Relacionada ao hagiológico feminino a mais expressiva foi *Santa Rita*, especialmente na Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro, nomeando córrego, lagoa e rio, em Vila Bela da Santíssima Trindade. No mesmo município, o topônimo nomeou um pantanal, com preposição entre o elemento genérico e o topônimo, pantanal *de* Santa Rita. Na Região Imediata de Cuiabá: córrego de *Santa Rita* e serra de *Santa Rita*, em Nobres. Havendo também o povoado *Santa Rita* em Curvelândia (Região Mediata de Mirassol d'Oeste).

Rita é um hipocorístico, abreviado do italiano Margherita, cuja difusão se deu pela santa católica romana, *Rita de Cássia*, na Itália (Guérios, 1981, p. 212).

Há recorrência também do hagiotopônimo *Santa Helena*, como nome de acidentes humano e físico na Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro: povoado *Santa Helena* em Vila Bela da Santíssima Trindade; córrego *Santa Helena*, em Pontes e Lacerda; e um acidente humano na Região Imediata de Mirassol d’Oeste, o povoado *Santa Helena*, em Mirassol D’Oeste.

Helena origina-se do grego Heléne, o mesmo que Selene (Guérios, 1981, p. 140). Ainda conforme o mesmo autor, há estudiosos que defendem a hipótese de que o antropônimo *Helena* pode ter se originado a partir de hélios, sol.

Na categoria dos mitotopônimos foi encontrado o córrego *Tupã* em Nova Lacerda (Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro). *Tupã* é “nome adotado pelos catequistas católicos para exprimir Deus, entre os Tupis. Do ponto de vista linguístico, o vocábulo *tupã*, no guarani, ou *tupana*, no tupi, é o composto *tu-pã* ou *tu-pana*, significando - golpe ou baque estrondante - de referência ao trovão” (Sampaio, 1987, p. 334).

Ainda na mesma Região Geográfica, há o córrego *Tamandaré*, em Vila Bela da Santíssima Trindade. De acordo com Sampaio (1987, p. 320), *Tamandaré* é o nome de Noé da narrativa do dilúvio entre os povos originários do Brasil, significando o repovoador da terra. *Tupã* e *Tamandaré* foram classificados, neste trabalho, como mitotopônimos da mesma forma entendida por Dick (1990, p. 346-347), todavia são topônimos que apontam para influências do catolicismo veiculadas pelos jesuítas na região pesquisada.

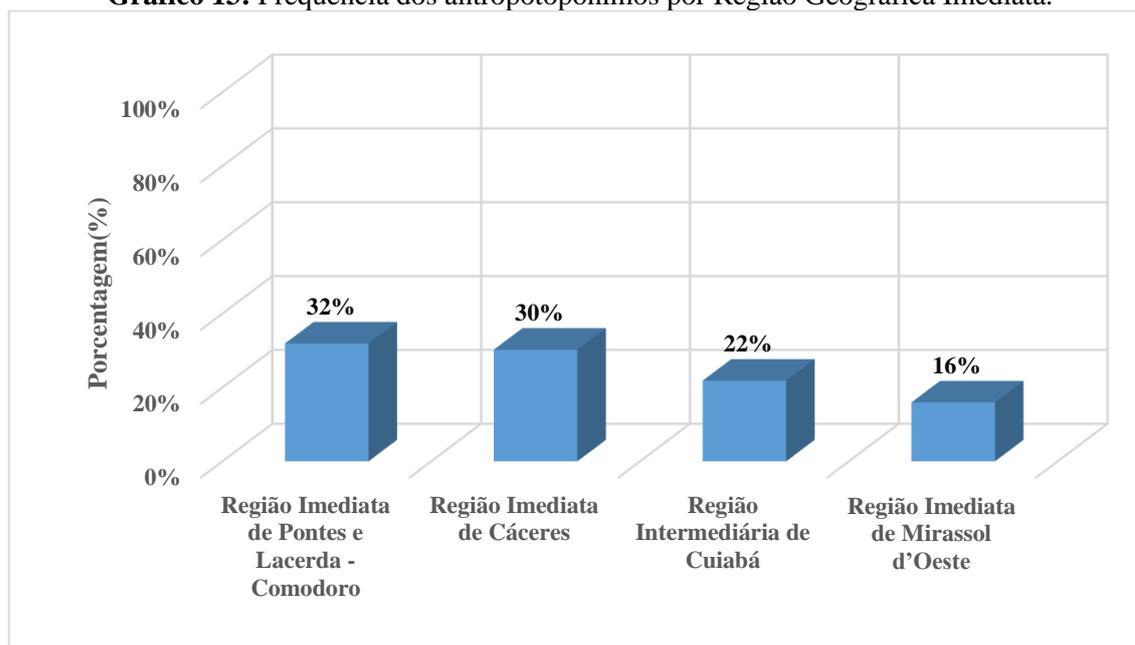
Em Jauru houve o registro do mitotopônimo *Iara; Pé de Garrafa*, em Reserva do Cabaçal; e *Lobisomem*, em Denise. Nesse contexto, os hagiotopônimos parecem inibir o surgimento dos mitotopônimos em uma mesma localidade, considerando que *Tamandaré* é o único mitotopônimo encontrado em Vila Bela da Santíssima Trindade, município com grande concentração de hagiotopônimos e *Tupã* em Nova Lacerda, na mesma região. Os dois denominativos não trazem a conotação exatamente mitológica, são mais uma espécie de tradução dos substantivos próprios *Deus* e *Noé* em língua tupi (Sampaio, 1987).

Os hagiotopônimos masculinos constituem a maioria dos nomes incluídos nessa taxa, além dos já analisados situam-se os hagiotopônimos masculinos: *São Fabiano, São Pedro, Santo Onofre, São Francisco, São Carlos, São Simão, São Gonçalo, São Judas, Santo Ângelo, Santo Antônio* etc.; e os hagiotopônimos femininos: *Santa Bárbara, Santa Clara, Santa Custódia, Santa Elina, Santa Hermínia, Santa Rosa*; os símbolos do catolicismo em *Cruzeiro do Oeste* e *Sagrada Família*.

4.3.6. Antropotopônimos

A taxonomia dos antropotopônimos é caracterizada pelo emprego do nome de pessoas como técnica de nomeação de acidentes geográficos. Conforme Dick (1990, p. 285), “dentre as taxonomias de natureza antropocultural, sobressaem-se, pela expressividade das formações onomásticas” em qualquer porção do território. Essa categoria taxonômica evidenciou significativas ocorrências entre os topônimos dos 27 municípios em estudo, fazendo com que a taxa figure em sexto lugar na contagem geral dos dados com 119 topônimos dessa natureza. A Região de Pontes e Lacerda – Comodoro reúne 38 antropotopônimos; 36 na Região Imediata de Cáceres; 26 nomes antropotopônimos na Região Geográfica Intermediária de Cuiabá e 19 na Região Imediata de Mirassol d’Oeste. O gráfico 13 reúne o percentual da distribuição dos antropotopônimos segundo as regiões imediatas pesquisadas.

Gráfico 13: Frequência dos antropotopônimos por Região Geográfica Imediata.



Fonte: elaborado pela autora.

A taxa dos antropotopônimos reúne nomes muito variados, não havendo uma expressiva frequência de um mesmo nome no *corpus* em exame, como ocorre com as taxas de natureza física já analisadas (hidrotopônimos, fitotopônimos, zootopônimos e geomorfotopônimos).

Na região Imediata de Cáceres, os antropotopônimos estão concentrados no município de Cáceres. Na Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro essa taxa está distribuída, de forma mais ou menos equânime, por Comodoro, Nova Lacerda, Vale de São Domingo e, com

maior frequência, em Vila Bela da Santíssima Trindade. Na região de Mirassol d'Oeste, concentram-se nos municípios de Araputanga e Porto Esperidião, enquanto na Intermediária de Cuiabá, incidem mais na toponímia de Nobres.

Em relação à composição interna dos antropônimos, Dick (1990, p. 290) esclarece o seguinte:

Por transmissão cultural, a fórmula brasileira de nomeação pessoal, baseada no direito romano, incorpora dois temas básicos: o prenome e o nome ou apelido de família que, como todas as demais formas de nomeação das diversas culturas, pode revestir os mais variados aspectos semânticos.

A atribuição de um nome próprio de pessoa segue essa fórmula pré-determinada em que a liberdade de escolha se restringe ao prenome, uma vez que o nome ou apelido de família (sobrenome) é incorporado ao antropônimo de maneira compulsória. O prenome, por sua vez, não obstante ser resultado da escolha individual, apresenta traços conservadores condicionados pelas tradições, a exemplo de prenomes religiosos como Maria, José, Mateus..., bem como, pode ser resultado de influências exercidas pelas artes veiculadas pela televisão e pelo cinema, no momento atual, além de outras condicionantes. Ou seja, há, quase sempre, um motivo que legitima a escolha do nome.

A diversidade interna apresentada pelo antropônimo determina a estrutura do antropônimo que pode ser constituída pelo prenome; hipocorístico; prenome + alcunha; apelido de família; e prenome + apelido de família (Dick, 1990), a exemplo dos antropônimos examinados nesta pesquisa, a seguir descritos:

I) Prenome: Marcela, Bernardo, Esperídio, Gomercindo, Mariano, Miguel, Moisés, Simão, Osório, João, Josefa, Leandro, Margarida, Lázaro, Marco, Maurício, Juca, Simplício, Tiago, Maria, Sérgio, Tomás, Fabrício;

II) Prenome + apelido de família: Jaime Pedrosa, José Bueno, Pireneu de Souza, Pedro Neca, Margarida Alves, Roseli Nunes, Florestan Fernandes, Joaquim Aderaldo de Sousa, João Caetano, Simão Nunes, João Almeida, José Francisco, Manoel Carneiro, Miguel Bravo, João Melo, Ricardo Franco, João Pinto, Joaquim Alves, Bernardo Dias;

III) Apelido de família: Cáceres, Vigilato, Masutti, Pires, Montechi, Casalvasco, Clemente, Costa, Ferraz, Limeira, Martins, Moreira, Monteiro, Piolho, Machado, Pereira Cardoso, Carvalho, Schimit, Soares, Arinos, Teixeira, Batista, Nobres, Martins, Maciel;

IV) prenome + alcunha: Aparecida Bela, Antônio Conselheiro, João Crioulo, Mário Peludo, João Grande;

V) Hipocorístico: Cecilinho, Chico Branco, Chico, Marquinho, Zé velho, Piolhinho, Bobby, Laurinha, Joaquinzinho, Ritinha, Totó, Zé Correia, Mandoca, Nego;

VI) Antropônimos modificados por desinência sufixal: Farinópolis, Clarinópolis, Adrianópolis, Monterlândia.

Os nomes mais frequentes no *corpus* foram João, Simão, Piolho/Piolhinho e Ricardo.

O antropotopônimo *Ricardo Franco* nomeia um povoado e uma importante serra localizados no município de Vila Bela da Santíssima Trindade (Região Imediata de Pontes e Lacerda - Comodoro). A causa da denominação é em referência a Ricardo Franco de Almeida Serra, engenheiro e militar português que chegou à Vila Bela em 1782 juntamente com os cartógrafos Pontes e Lacerda para realizarem o levantamento das fronteiras do Brasil, em respeito às decisões do Tratado Preliminar de 1777, conforme mencionado no tópico do estudo da macrotoponímia dos municípios. Ricardo Franco foi, também, fundador do Forte Novo de Coimbra no Mato Grosso do Sul e designou uma das mais antigas ruas no centro histórico de Cuiabá. O topônimo é formado pelo prenome *Ricardo* + nome de família (sobrenome), estrutura que difere da forma de composição de antropotopônimos masculinos analisados anteriormente no referido tópico.

O topônimo *Piolho/Piolhinho* é bastante produtivo na taxa dos antropotopônimos, nomeando os acidentes físicos na Região Geográfica Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro: córrego *Piolho*, rio *Piolho*, ilha *Piolho* e rio *Piolhinho*, todos no município de Comodoro; e córrego *Piolhinho* e rio *Piolhinho* em Nova Lacerda.

Embora aparentemente o topônimo *Piolho/Piolhinho* remeta a nomes de índole zoológica, com o sentido de “designação comum aos insetos ápteros da ordem dos ftirápteros, ectoparasitas de vertebrados, providos de peças bucais mastigadoras ou sugadoras” (Houaiss, 2009), no *corpus* em análise trata-se de nome próprio de pessoa. O topônimo é uma homenagem a *José Piolho*, líder de quilombo (quilombo do Piolho ou Quariterê), o maior de Mato Grosso, constituído no século XVIII na fronteira entre Mato Grosso e Bolívia.

De acordo com Stewart (1954, p. 3), os nomes de rios são os mais antigos topônimos que podem existir em uma localidade, uma vez que os rios são os primeiros acidentes a serem nomeados. A esse respeito, Dick (1997, p. 36) inclui, também, os acidentes orográficos (formas do relevo: montanhas, serras, vales, depressões etc.). Em se tratando dos topônimos *Piolho* e seu derivado *Piolhinho*, a figura de José Piolho foi tão significativa para o contexto histórico da localidade que deixou a contribuição, ao que se apreende, primeiramente, na organização do

quilombo e, desta, para os acidentes hídricos e no acidente geomorfológico do espaço - ilha *Piolho*.

Pedro Neca é a denominação de um povoado de Porto Esperidião, Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro e outro de Figueirópolis d’Oeste na Região Imediata de Mirassol d’Oeste. Trata-se de figura importante no contexto político do interior de Mato Grosso.

O antropotônimo *Joaquim Aderaldo de Sousa*, por sua vez, é homenagem a um dos primeiros colonizadores do município de Tangará da Serra (Região Imediata de Tangará da Serra) que adquiriu lotes de terras pela Colonizadora SITA (Sociedade Imobiliária Tupã para Agricultura). O mesmo nome designa o aeroporto do município.

O prenome João + apelido de família (sobrenome) e/ou alcunha nomeou acidentes físicos na Região Imediata de Cáceres: volta do *João Caetano* e córrego *João Crioulo* em Cáceres; córrego *João Almeida*, em Curvelândia. E, também, na Região Geográfica Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro: baía do *João Grande* e baía do *João de Melo*, em Vila Bela da Santíssima Trindade; córrego *João*, em Porto Esperidião e córrego *João Pinto*, em Nobres (Regões Imediatas de Mirassol d’Oeste e de Cuiabá – nessa ordem).

João é de origem hebraica Iehohanán, Iohanán: Javé (Ieho - hanan) é cheio de graças ou javé é misericordioso, ou Javé deu, presenteou, modificado pelo latim *Jo(h)annes* (Guérios, 1981, p. 151). João é um nome bíblico, dos mais populares, de um dos doze apóstolos, João, o Evangelista.

O estudo registra também os topônimos *Adrianópolis* (Adriano) *Farinópolis* (Farina), nomes de povoados e *Figueirópolis d’Oeste* (município). *Figueirópolis* homenageia Figueiredo (José Joaquim Azevedo Figueiredo e familiares), pioneiro nas ações estratégicas para o povoamento do município de Figueirópolis d’Oeste, discutido anteriormente (Ferreira, 200, p. 459).

Conforme Ferreira (2000) e Houaiss (2009), -polis é pospositivo, preferencialmente usado em topônimos como nos casos de Anápolis, Alvinópolis, Divinópolis, Florianópolis..., no contexto deste estudado significa cidade de Figueiredo, de Adriano e de Farina.

No mesmo contexto, *Monterlândia*, nome de um povoado em Araputanga, deriva do sobrenome Monteiro + acréscimo de sufixo -lândia.

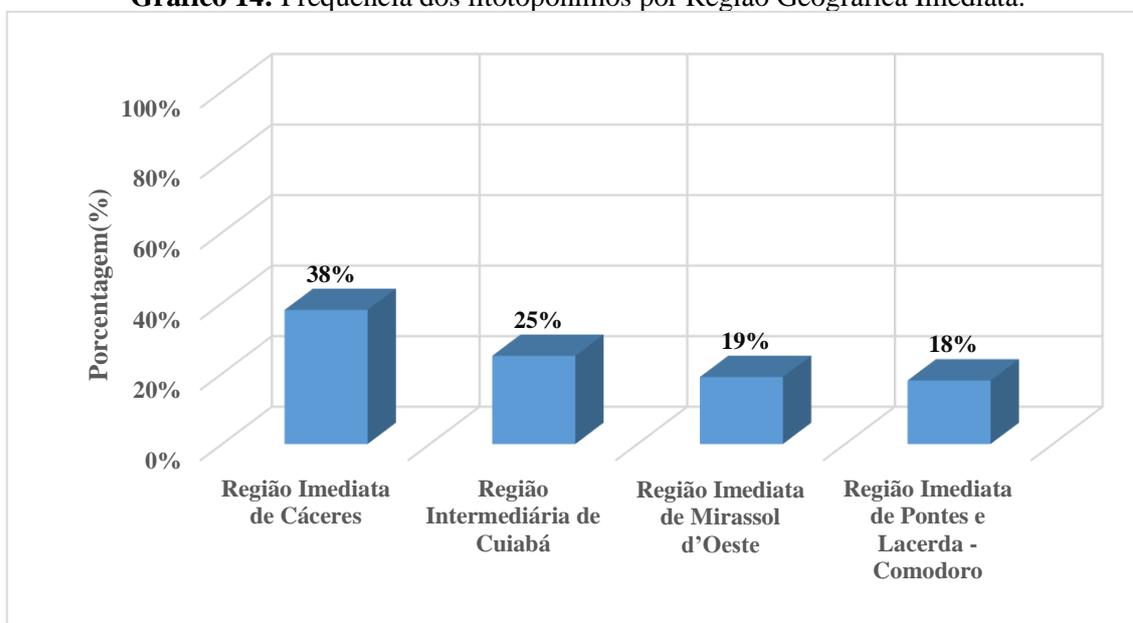
Conforme Dick (1990, p. 304), essa é uma tipologia toponímica predominante no “estado de Minas Gerais, seguindo-se-lhe São Paulo e Goiás”. Na macrotoponímia estudada neste trabalho, além de *Figueirópolis*, houve o registro de *Curvelândia* que atestam essas constituições toponímicas.

4.3.7. Litotopônimos

Os nomes motivados por elementos de índole mineral, os litotopônimos, tiveram relativa importância no quadro geral dos dados em exame, com 100 ocorrências, figurando em sétimo lugar. Foram 38 nomes coletados na Região Geográfica Imediata de Cáceres; 25 na Região Geográfica Intermediária de Cuiabá; 19 topônimos figuraram na Região Geográfica Imediata de Mirassol d'Oeste; e 18 nomes vinculados a essa taxa denominam acidentes físicos e humanos na Região Geográfica Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro.

O gráfico 15 dispõe da distribuição dos litotopônimos por região imediata.

Gráfico 14: Frequência dos litotopônimos por Região Geográfica Imediata.



Fonte: elaborado pela autora.

Os litotopônimos mais frequentes no *corpus* examinado foram *Pedra* (*Pedras*, *Pedrinhas*), *Barro* (*Barreiro*, *Barreirinho*) *Areia* (*Areão*) e *Brejo* na nomeação dos acidentes geográficos dos municípios pesquisados.

Na Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro, os topônimos *Areia/Areão* nomeiam acidentes físicos e humanos: povoado e córrego *Areia Branca*, em Nova Lacerda; *Corixo Areão*, em Vila Bela da Santíssima Trindade. Na Região Imediata de Mirassol d'Oeste: córrego da *Areia*, em Porto Esperidião; córrego da *Areia*, em Indiavaí.

A etimologia da palavra *areia* é do latim, *arena*, “massa constituída de grânulos resultantes da desagregação de rochas siliciosas, graníticas ou argilosas e que se acumulam no

leito dos rios e mares, nas praias etc.” (Houaiss, 2009), características de solos arenosos que apresentam permeabilidade aos líquidos.

De etimologia obscura (Nascentes, 1955), (Houaiss, 2009), *brejo*, diferentemente de areia, nomeia um tipo de “terreno alagadiço, lodoso; pântano, sinônimo de paul” (Houaiss, 2009). *Brejo*, por sua vez, ocorreu somente na Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro como nome de acidentes humanos: povoados: *Brejo do Buriti*, *Brejo do Saracura*, *Brejo Pau da Torda*; e na Região Intermediária de Cuiabá: córrego *Brejo Grande*, em Nobres; córrego *Brejão* em Denise.

Barro e suas derivações (*Barreirão*, *Barreiral*, *Barreirinho*) foram documentados em todas as regiões do *corpus* desta pesquisa, apresentando significativa frequência como denominação de acidentes físicos. Denominou, na Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro, córrego *Barreiro* e baía *Barreirinho* em Pontes e Lacerda. Também, na Região Imediata de Cáceres, nomeia povoados como *Barreirão*, em Lambari d’Oeste; povoados *Barreiro Preto* e *Barro Vermelho* e os acidentes físicos baía do *Barreirão*, serra do *Barreiro*, volta do *Barreiro*, lagoa do *Barro*, em Cáceres; córrego *Barreirão*, em Lambari d’Oeste. O mesmo topônimo nomeia acidentes físicos e humanos na Região Imediata de Mirassol d’Oeste: povoado *Barreiro Rainha da Paz*, em Jauru; córrego *Barreirão* em Glória d’Oeste; córrego *Barreirão* em São José dos Quatro Marcos; lagoa do *Barreirinho* e córrego *Barreiro da Sela*, em Porto Esperidião. E, na Região Intermediária de Cuiabá, houve o registro do córrego *Barreiro* em Nobres; córrego *Barreiro Preto* em Nova Olímpia; córrego *Barreirão Grande* em Porto Estrela; córrego *Barreiro* e córrego *Barreirinho* em Tangará da Serra.

De acordo com Nascentes (1955, p. 64), o étimo da unidade lexical *barro* pode ser derivado do latim *barru* ou do árabe, *barra*, *terra*, enquanto Houaiss (2009) registra a origem controvertida da palavra, provavelmente de origem pré-romana *barrum*, o mesmo que argila. No *corpus*, em exame, houve uma ocorrência do topônimo *Barro* associado à preposição indicativa de posse, como ocorre com a lagoa do *Barro* no município de Cáceres (Região Imediata de Cáceres). A expressiva ocorrência do denominativo foi em formação sufixal (baía *Barreirinho*, córrego *Barreirão*...) e em formação composta (povoado *Barreiro Preto*, córrego *Barreiro da Sela*...).

Pedra, de origem do latim *petra* (Nascentes. 1955, p, 387), significa “matéria mineral sólida, dura, da natureza das rochas” (Houaiss, 2009). Neste estudo, denominou tanto acidentes físicos quanto humanos na Região Geográfica Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro: povoado *Pedra* e córrego *Pedra Branca*, povoado *Pedra Redonda*, córrego *Pedras* e baía *Pedra*

Branca, em Vila Bela da Santíssima Trindade; córrego das *Pedras*, em Pontes e Lacerda; córrego *Pedra Branca*, em Nova Lacerda.

Pedra nomeou, semelhantemente, na Região Imediata de Cáceres: córrego da *Pedra*, serra da *Pedra Branca*, estirão das *Pedras*, porto das *Pedras*, volta das *Pedrinhas*, em Cáceres; rio *Pedra*, rio das *Pedras*, em Rio Branco; córrego das *Pedras*, córrego *Pedrinha* em Salto do Céu. Na Região Imediata de Cuiabá: povoado *Pedra*, córrego *Pedra*, córrego das *Pedras*, em Nobres; córrego das *Pedras* em Tangará. E na Região Imediata de Mirassol d'Oeste: córrego das *Pedras*, em Mirassol; córrego *Pedra Preta* em Porto Esperidião; rio *Pedra* e rio das *Pedras* em Reserva do Cabaçal.

Na categoria dos litotopônimos, os nomes formados pelos vocábulos *pedra* e *barro*, de acordo com Dick (1990, p. 138-140), configuram-se como formantes que deram origem a expressivas denominações no Brasil. A estudiosa (1990, p. 139) afirma que *pedra* em sintagma simples é bem menos recorrente do que na forma composta, bem como o substantivo *pedra*, no singular, é de menor força do que no plural com predomínio na toponímia de acidentes físicos. Já na forma composta ocorre o contrário, é em maior número com o determinante figurando no singular.

A afirmação de Dick se comprovou no *corpus* desta Tese em casos em que *pedra*, na função de nome próprio de lugar, tem maior frequência em topônimos de estrutura simples no plural e com preposição indicativa de posse (córrego *das Pedras*, rio *das Pedras*), como também, em composição com um adjetivo (povoado *Pedra Redonda*, baía *Pedra Branca*), com o determinante no singular.

Ao tratar dos litotopônimos, Dick (1990, p. 125) assevera que

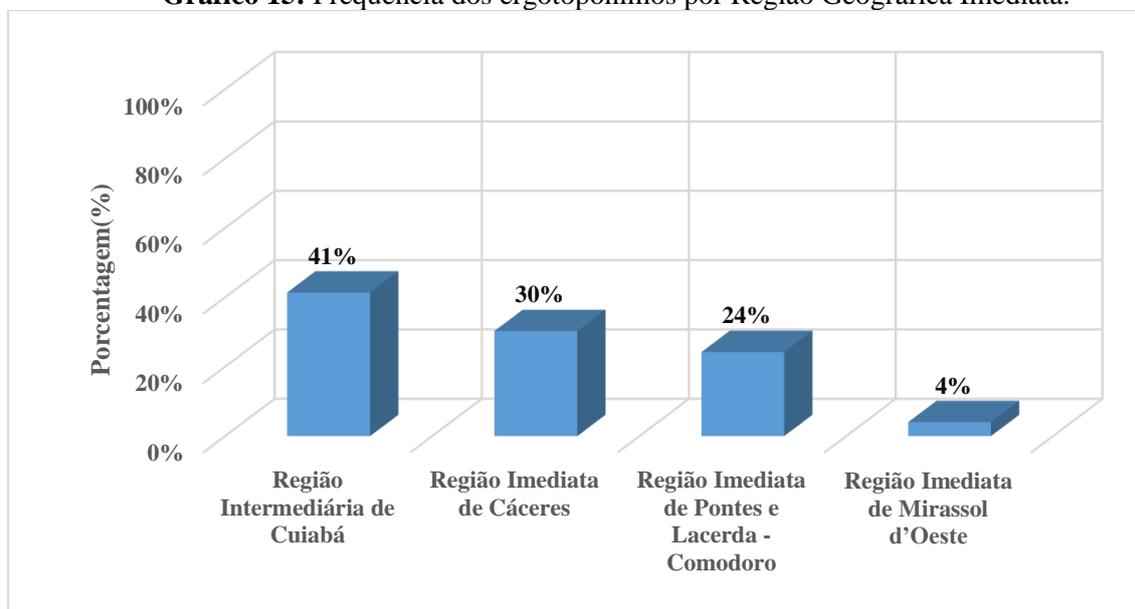
Os topônimos de índole mineral, aliados aos que refletem, em sua manifestação mórfica, a natureza constitutiva dos solos ou dos terrenos, estão relacionados diretamente a dois fatores: um, de índole genérica, física, ambiental, específicos às regiões de terra, em sua constituição (areia, barro, lama, pedra, terra, por exemplo); outro, mais restrito, porque diz respeito, de perto, a alguns dos momentos significativos da história de um povo.

Os litotopônimos aqui analisados refletem os traços das condições e características do solo, de índole física, ambiental, *barro*, *pedra*, *areia*, *brejo* constituindo como exemplos da primeira observação de Dick, (1990, 125). Em contrapartida, *Diamantino*, analisado na subseção que trata da macrotoponímia, é o único topônimo que corporifica motivações que culminaram na colonização do estado de Mato Grosso.

4.3.8. Ergotopônimos

A taxa dos ergotopônimos refere-se aos topônimos relativos a elementos da cultura material e configura-se como uma taxa importante nos dados em análise, com 99 ocorrências e figurando em oitavo lugar quanta às taxonomias identificadas no *corpus* analisado. Do total de nomes vinculados a essa taxa, 41 foram coletados na Região Geográfica Intermediária de Cuiabá; 30 na Região Geográfica Imediata de Cáceres; 24 topônimos na Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro e quatro na Região Geográfica Imediata de Mirassol d’Oeste. A distribuição desses dados encontra-se no gráfico 14, a seguir.

Gráfico 15: Frequência dos ergotopônimos por Região Geográfica Imediata.



Fonte: elaborado pela autora.

Os nomes mais frequentes no contexto dessa taxa foram *Pilão*, *Monjolo/Monjolinho* e *Gomalina* na nomeação de acidentes geográficos.

O topônimo *Gomalina* teve ocorrência na Região Geográfica Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro, na nomeação de acidentes físicos e um acidente humano: povoado *Gomalina*, corixo *Gomalina*, córrego *Gomalina*, em Pontes e Lacerda; e córrego *Gomalina* e pantanal da *Gomalina*, em Vila Bela da Santíssima Trindade. *Gomalina* é nome comercial formado a partir da palavra goma + vaselina que significa “produto à base de dextrina com propriedades adesivas, usado na fixação de cabelos” (Houaiss, 2009).

O topônimo *Pilão* nomeou um acidente físico na Região Imediata de Cáceres, a lagoa do *Pilão*, no município de Cáceres; um acidente físico no município de Nova Olímpia – córrego

do *Pilão* - e dois acidentes físicos no município de Nobres – Córrego *Pilão* e córrego *Pilãozinho* (Regiões Imediatas de Tangará da Serra e de Cuiabá).

Do francês *pilon*, instrumento com que se pila, nome comum a várias ferramentas utilizadas para bater, triturar, calcar (Houaiss, 2009). Sinônimo de *almofariz*, foi um utensílio essencial na cozinha, para a trituração de grãos usados na alimentação. Embora seja de étimo francês, é um utensílio que compõe o quadro de insígnias das regiões africanas. Configurou-se como única forma, durante muito tempo, de processar os alimentos por meio da repetição do gesto de socá-los dentro do pilão, utilizando a mão de pilão, objeto feito em madeira de ponta grossa e arredondada.

Relacionado a esse mesmo contexto do beneficiamento dos grãos para a alimentação, situa-se o topônimo *Monjolinho* que nomeou três acidentes físicos no município de Porto Estrela: serra e córrego *Monjolinho*; e córrego *Monjolinho* em Nobres, municípios integrantes da Região Intermediária de Cuiabá, além de lagoa *Monjolinho*, acidente físico no município de Cáceres (Região Imediata de Cáceres).

O topônimo *Monjolinho* é formado pelo substantivo *monjolo* + o sufixo dimensivo – *inho*, de étimo do quimbundo *mansilu*. Na segunda acepção do Houaiss (2009) recebe a definição de “engenho rudimentar, acionado à água, usado para pilar milho e descascar café”. O monjolo é uma das invenções do homem trazida pelos portugueses no período em que o Brasil era colônia de Portugal. É um invento simples que utiliza a água como força motriz para limpar e moer grãos como arroz, café, milho, amendoim, dentre outros. Portanto, configurou-se como ferramenta indispensável na parte rural do país. Feito de madeira é impulsionado, como se fosse uma gangorra, pela água recebida de um lado, o que gera o movimento para baixo, até entornar.

O monjolo é um engenho que necessita de corrente hídrica em relevo montanhoso de forma a possibilitar a captação e o direcionamento da água por meio de uma bica para encher o compartimento do monjolo que fica mais abaixo. Assim, diferentemente do pilão, não estava presentando em todo imóvel rural, o que concorria para que o proprietário atendesse toda a população de uma região, ocasionando a sedimentação dessa palavra na nomeação do lugar ou de acidentes geográficos próximos a ele. A toponímia preservou as unidades lexicais *Monjolo* e *Pilão*, uma vez que os referentes estão em desuso.

Os ergotopônimos apontam para aspectos da evolução tecnológica, por incluir os elementos da cultura material em contraponto com a natureza. Outros topônimos, associados a

essa taxa, foram documentados no *corpus* deste estudo: *Telefone, Carro, Máquina, Patrimônio, Plaquelândia, Tabuleta, Carretão* etc.

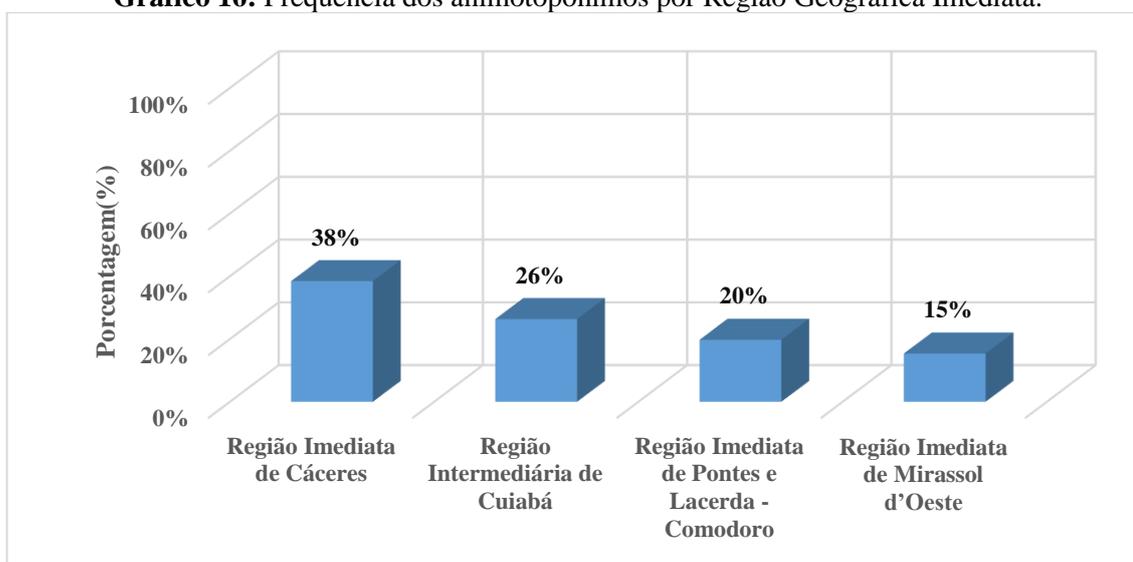
4.3.9. Animotopônimos

A categoria dos animotopônimos abriga “topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano cuja matéria-prima, e em seu aspecto mais importante como fator cultural, não pertence ao meio físico propriamente dito” (Dick, 1990, p. 351), categoria significativa no conjunto dos nomes em análise nesta tese.

Considerando os traços semânticos distintos observados no sentido do item lexical elevado à categoria de topônimo, Isquierdo (2013) propôs uma subdivisão da taxonomia dos animotopônimos/nootopônimos em eufóricos, nos casos de a unidade léxica evidenciar traços positivos, como impressão agradável, otimista: Triunfo (AC); Nova Vida (AC); e em disfóricos, quando o sentido do topônimo no léxico da língua sinalizar para uma impressão desagradável, pessimista: Seringal Solidão (AC), por exemplo.

O *corpus* em estudo computa 93 ocorrências, ocupando o nono lugar dentre as categorias toponímicas identificadas neste estudo. Com essas características foram registrados 40 nomes na Região Geográfica Imediata de Cáceres; 22 na Região Geográfica Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro; 21 na Região Intermediária de Cuiabá; e 10 na Região Geográfica Imediata de Mirassol d’Oeste. A frequência apurada para esses topônimos é apresentada no gráfico 16, a seguir.

Gráfico 16: Frequência dos animotopônimos por Região Geográfica Imediata.



Fonte: elaborado pela autora.

Os topônimos mais frequentes nessa categoria foram os seguintes: *Alegre/Alegria*, *Bom/Boa*, *Formoso/Formosa* que nomeiam acidentes físicos e humanos. Nesse sentido, na taxonomia dos animotopônimos, o destaque é para os eufóricos (Isquierdo, 2013), ou seja, nomes que sinalizam uma impressão agradável, positiva da localidade nomeada.

O topônimo *Alegre* nomeou dois acidentes físicos e um acidente humano na Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro: povoado *Alegre* e rio *Alegre*, em Pontes e Lacerda; rio *Alegre*, em Vila Bela da Santíssima Trindade. Alguns acidentes físicos e um acidente humano na Região Imediata de Cáceres: baía do *Alegre*; estirão do *Alegre*: córrego *Alegre*; volta *Alegre*, em Cáceres; distrito *Alegria*, em Salto do Céu. E na Região Imediata de Cuiabá: rio *Alegre* e distrito *Alegria*, em Salto do Céu; rio *Alegre*, em Diamantino.

Do latim *alicer*, a unidade lexical *alegre* elevada à categoria de topônimo é definida como “que tem, sente ou manifesta alegria; contente, jubiloso (Houaiss, 2009). O autor apresenta uma variedade de sentidos no quadro positivo da percepção do denominador expressos nos sinônimos álcere, animoso, divertido, exultante, festivo, gaiato, gozado, hilariante, jovial, patusco, prazeroso, radiante, risonho, satisfeito, sorridente, dentre outros. Adjetivos reveladores dos estados anímicos ou expectativa de bem-estar constante, sem que essa condição esteja vinculada a fatores externos do local, mas estados emocionais dos seus habitantes, a exemplo de povoado *Alegria*. Em outros casos, trata-se de personificação que consiste em atribuir características humanas a seres inanimados como em rio *Alegre*, córrego *Alegre* e volta *Alegre*. Nos sintagmas toponímicos *baía do Alegre* e *estirão do Alegre*, ao que se apreende, a unidade léxica *rio* está subentendida (baía do *Rio Alegre* e estirão do *Rio Alegre*).

Os topônimos *Bom/Boa* denominam acidentes físicos e humanos na Região Geográfica Imediata de Cáceres: serra *Bom Jardim*, em Cáceres; distrito *Boa União*, em Lambari d’Oeste; gleba *Boa Vontade*, em Salto do Céu. Nomeou um acidente humano na Região Geográfica Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro: povoado *Bom Destino*, em Pontes e Lacerda, além de acidente humano na Região Geográfica Imediata de Mirassol d’Oeste: povoado *Boa Esperança*, em Mirassol d’Oeste. E na Região Geográfica Intermediária de Cuiabá: serra da *Boa Vista*, Nobres; córrego *Boa Esperança*, em Denise; córrego *Boa Vida*, em Nova Olímpia; povoado *Bom Jardim*, em Nobres.

Bom vem do latim *bonus* e tem o sentido do que “corresponde plenamente ao que é exigido, desejado ou esperado quanto à sua natureza, adequação, função, eficácia, funcionamento etc. (Houaiss, 2009). Como adjetivos, *bom/boa* em sintagmas compostos atribuem qualidade a um substantivo. Nos dados coletados, qualificam os substantivos

abstratos que são em maior número: *Boa União, Boa Vontade, Bom Destino e Boa Esperança*; bem como os substantivos concretos: *Boa Vista, Bom Jardim*. O topônimo com o formante *bom/boa* denota uma expectativa comedida do ponto de vista do denominador, quanto aos acidentes por ele nomeado.

O topônimo *Formoso/Formosa* foi expressivo na taxa dos animotopônimos na denominação de acidentes físicos. Na Região Imediata de Cáceres: baía da *Formosa*; lagoa *Formosa*, rio *Formoso*, em Cáceres. Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro: lagoa *Formosa* em, Vila Bela. Região Intermediária de Cuiabá: córrego da *Formosa*; ribeirão do *Formoso*, em Nobres; rio *Formoso* Tangará da Serra.

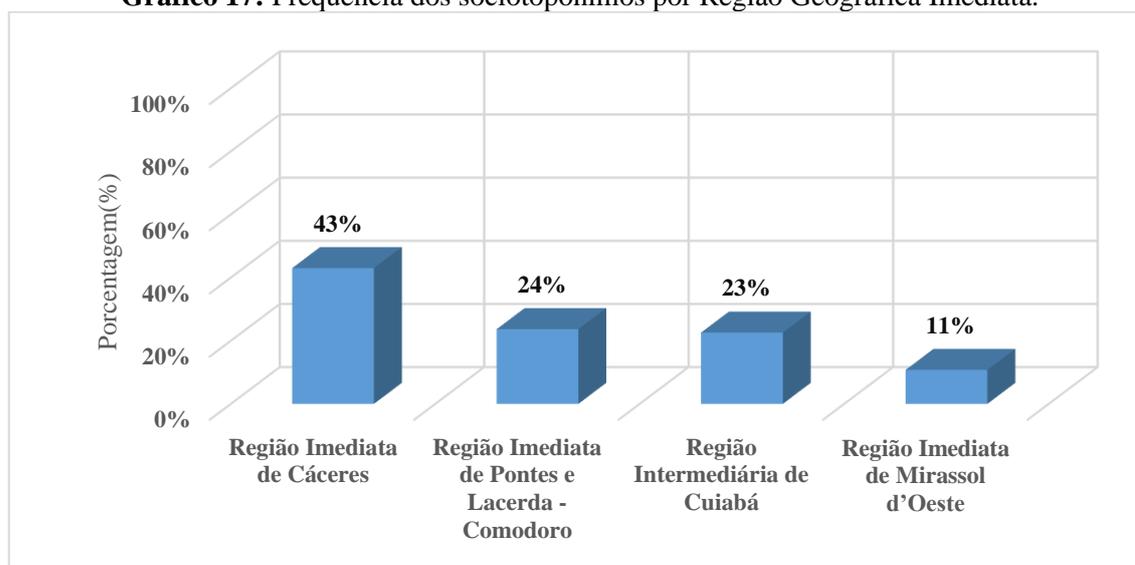
Formoso/Formosa é de etimologia do latim *formosus* “de forma ou aparência agradável” (Houaiss, 2009). De acordo com esse dicionarista a palavra é criada por derivação sufixal (morfema pospositivo) em que *forma* é a base que indica configuração, formato acrescida do sufixo *-so/-sa*, indicativo de beleza. Nos topônimos coletados, ora a formosura é traço do acidente (*lagoa Formosa* – em Cáceres; rio *Formoso* – em Cáceres e em Tangará da Serra), ora é traço do/da possuidor/possuidora do acidente (baía da *Formosa* – em Cáceres; córrego da *Formosa*, ribeirão do *Formoso* – em Nobres).

Registram-se, ainda, os animotopônimos *Rica, Confusão, Jejum, Encanto, Paraíso, Progresso, Progressinho, Sonho, Beijos, Abandonado, Fortuna* etc.

4.3.10. Sociotopônimos

Os nomes que se referem a atividades profissionais, a locais de trabalho e a pontos de encontro da comunidade pertencem à categoria dos sociotopônimos, que figura entre as mais produtivas nos dados ora analisados, ocupando o décimo lugar em termos de frequência. São 91 sociotopônimos, taxa de natureza antropocultural, na soma total dos nomes: 35 na Região Geográfica Imediata de Cáceres; 24 na Região Intermediária de Cuiabá; 18 na Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro; 14 nomes dessa índole na Região de Mirassol d’Oeste. Esses dados podem ser observados quanto ao percentual no gráfico 17, a seguir.

Gráfico 17: Frequência dos sociotopônimos por Região Geográfica Imediata.



Fonte: elaborado pela autora.

Os topônimos mais frequentes na categoria dos sociotopônimos foram *Porto*, *Retiro*, *Destacamento/Subdestacamento*.

De todas as ocorrências do topônimo *Porto*, uma se deu como nome de acidente físico na Região Geográfica Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro: baía *Porto*, em Vila Bela da Santíssima Trindade. Entretanto, a significativa frequência desse topônimo foi na nomeação de acidentes humanos, incluindo nomes de municípios como em *Porto Esperidião* e *Porto Estrela*.

Assim, *Porto* nomeou também 11 acidentes humanos na Região Intermediária de Cáceres: povoado *Porto Santana*, em Salto do Céu; e povoados *Porto da Passagem Velha*, *Porto da Piúva*, *Porto das Pedras*, *Porto das Pitas*, *Porto do Bebedor*, *Porto dos Bugres*, *Porto Limão*, *Porto Simão Nunes*, *Porto Novo Horizonte* e *Porto Presidente* no município de Cáceres.

A par do contexto de fundação de Cáceres, de Vila Bela da Santíssima Trindade e de Porto Esperidião, pode-se apreender a percepção do denominador quanto ao topônimo *Porto*, na primeira acepção como “trecho de mar, rio ou lago, próximo à costa, que tem profundidade suficiente e é protegido por baía ou enseada, onde as embarcações podem fundear e ter acesso fácil à margem”; e na segunda acepção como “cidade dotada de porto” (Houaiss, 2009).

As condições de navegabilidade foram determinantes para o surgimento do núcleo populacional estável na fase colonial, *Vila-Maria do Paraguai*, mais tarde, Cáceres (1778).

Cáceres é o município que procurou estabelecer-se como um importante porto fluvial no contexto do estado de Mato Grosso, além de atender a uma política de integração latino-americana. Os portos foram as portas de entrada e saída de Mato Grosso na fase do Brasil

Colonial. A fundação de Cáceres e de Vila Bela da Santíssima Trindade foi estrategicamente pensada pois seriam municípios situados em áreas navegáveis (Siqueira, 2017).

Vila Bela da Santíssima Trindade, banhada pelo rio Guaporé, curso d'água da Bacia Amazônica, firmou-se como ponto importante na defesa da fronteira sudoeste de Mato Grosso. Foi rota de comunicação fluvial entre Mato Grosso e Belém do Pará, bem como entre a capital do estado e Portugal. Souza- Brasil (1864, p. 521) assim descreve Mato Grosso e a região onde estão localizados Cáceres e Vila Bela da Santíssima Trindade:

Um lança de vista sobre a carta geographica do Brasil mostra o admirável systema hydrographico com que a natureza dotou a província de Mato-Grosso, tanto para suas communicações internas, como para suas relações com paizes e províncias vizinhas, e com a costa do Atlantico. Por um lado o rio Paraguay e o Guaporé e Madeira, por outro o Paraná e o Araguaya são os seus limites naturaes (Souza- Brasil, 1864, p. 521).

O município de Cáceres, onde se verificou a grande incidência do topônimo *Porto*, localiza-se em uma das regiões privilegiadas do estado de Mato Grosso banhada pelo rio Paraguai.

O topônimo *destacamento/subdestacamento* em sintagma composto nomeia acidentes humanos na Região Geográfica Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro: povoados: Destacamento *Casalvasco*, Destacamento *São Simão*, Destacamento *Militar de Palmarito*, Subdestacamento *Palmarito*, em Vila Bela da Santíssima Trindade. Nomeou o povoado Destacamento *Santa Rita* em Porto Esperidião, Região Imediata de Mirassol d'Oeste. Designa, igualmente, acidentes humanos na Região Geográfica Imediata de Cáceres: os povoados: Destacamento *da Baía*, Destacamento *do Corixa*, (D) Estacamento *da Lagoa*, no município de Cáceres. São topônimos que evidenciam a presença de militares para evitar desavenças na região, desde a fase do Brasil Colonial.

Retiro, outro topônimo produtivo na taxie dos sociotopônimos na “acepção de lugar solitário, afastado em relação aos centros urbanos” (Houaiss, 2009), evidencia lugares essencialmente rurais e, muitas vezes, ligados a movimentos religiosos de diferentes crenças.

Houaiss (2009) traz uma acepção regional ligada ao Mato Grosso e Mato Grosso do Sul como “local onde as reses são reunidas para contagem, marcação e para alimentar-se de sal” e como regionalismo de Mato Grosso e Minas Gerais “moradia dos empregados encarregados de vigiar uma fazenda”. Atesta essa marca regional a presença de retiros ligados aos acidentes humanos *fazendas*, nos 27 municípios em estudo nesta pesquisa (IBGE, 2010). São construções edificadas na imensa extensão do território das fazendas, longe da sede, destinadas a abrigar os trabalhadores.

A unidade lexical *retiro* nomeou acidentes físicos e humanos na Região Imediata de Cáceres: povoados *Retiro* e *Retiro da Baiazinha*, baía do *Retiro*, lagoa do *Retiro*, serra do *Retiro*, em Cáceres; estirão do *Retiro*, em Lambari d'Oeste. Na Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro: córrego *Retiro*, em Conquista D'Oeste; povoado *Retiro Guaporé*, em Vila Bela da Santíssima Trindade. Na Região Imediata de Mirassol d'Oeste: córrego *Retiro*, em Porto Esperidião. E na Região Intermediária de Cuiabá: córrego do *Retiro*, córrego *Retiro São Marcos*, rio *Retiro*, em Nobres; e povoado *Retiro*, em Tangará da Serra.

Concluindo a análise, as taxes mais frequentes foram a dos hidrotopônimos, fitotopônimos, zootopônimos, geomorfotopônimos, hiero/hagiotopônimos, antropotopônimos, ergotopônimos, litotopônimos, animotopônimos e a dos sociotopônimos.

Constatamos a recorrência dessas mesmas motivações na pesquisa de Tese de Carvalho (2010), nas microrregiões de Rondonópolis e de Tesouro, ressaltando as diferenças quanto à posição de cada taxonímia entre as dez taxonomias de maior frequência. À exceção dos hagiotopônimos, este foi, também, o resultado na microrregião de Alto Araguaia (MT).

Nas investigações da autora, os cromotopônimos figuram entre as dez taxonomias de maior frequência nos municípios que integram a microrregião de Alto Araguaia, enquanto os hagiotopônimos ocupam a 16ª posição.

As diferenças de posição entre essas dez taxonomias mais frequentes relevam formas muito distintas de apreensão da realidade de cada região, pelo denominador.

Na pesquisa de Santos (2005) sobre a toponímia do município de Barra do Garças/MT, os hagiotopônimos e os fitotopônimos estão empatados em primeiro lugar com cada taxonímia nomeando 10, 74% do *corpus* pesquisado, embora os dados desse pesquisador diferem dos nossos por conterem os acidentes humanos *fazendas* como objeto de pesquisa.

Nas investigações de Silva (2011) que estudou a toponímia de Bonsucesso e Pai André no município de Várzea Grande/MT, os fitotopônimos e os hagiotopônimos estão em primeiro e segundo lugar respectivamente.

Assim, quanta à motivação, a região pesquisa demonstra uma tendência muito particular, porque reflete uma realidade geográfica, histórica, cultural, social com características intrínsecas a ela.

O tópico a seguir focaliza a questão das línguas de origem dos topônimos, em números absolutos e percentuais e a distribuição diatópica da toponímia indígena.

4.4. A base linguística dos topônimos

O Brasil, em sua primeira fase de colonização, apresenta uma composição étnica formada pelos europeus portugueses, pelos povos indígenas de diferentes etnias e pelos africanos, posteriormente para cá trazidos. A supremacia da influência dos portugueses foi decisiva para estabelecer a língua portuguesa como idioma oficial do país, porém eivada de palavras de línguas indígenas, especialmente tupi, associadas à estrutura da língua (Rodrigues, 1986).

Mato Grosso, apresenta essa mesma composição étnica em sua primeira fase de colonização. Nesse contexto, relativamente à base linguística dos topônimos a língua portuguesa e as línguas indígenas tupi, aruaque e bororo estão presentes na constituição de 95, 21% dos topônimos analisados. 1.522 (75,04%) são nomes compostos por, pelo menos, um formante de língua portuguesa e 409 (20,16%) por, pelo menos, um formante de língua indígena com destaque para o tupi que está na base de 357 topônimos (17, 74%). A língua aruaque figura na nomeação de 33 (1,64%) acidentes, enquanto o bororo está na base de 14 (0,69) topônimos. A língua guarani compõe a base de cinco (0,24%) topônimos, percentual devido quase que exclusivamente à repetição do topônimo *Cuiabá* (Silva, 2012).

Quanto à estrutura, baía do *Quati*, córrego *Gambá*, estirão do *Jatobá*, lagoa *Uberaba* etc., são exemplos de topônimos encontrados em língua indígena.

Em estrutura composta da língua portuguesa + língua tupi podemos arrolar como exemplos os topônimos baía *Figueira do Sepotuba*, barra *Rio Jauru*, corixo dos *Três Capões* etc.

Os topônimos formados por uma base linguística do tupi + português, apresentaram, em grande parte, uma estrutura simples híbrida, a partir de uma unidade lexical de língua tupi + um morfema sufixal da língua portuguesa, a exemplo de baía *Jauruzinho*, baía *Jatobazinho*, córrego *Sapezal*, lagoa *Pequizinho*, lagoa *Pirizal*, dentre outros, nomeando acidentes físicos.

Em relação aos acidentes humanos, os topônimos de língua tupi + portuguesa ou de língua portuguesa + tupi apresentaram uma estrutura composta híbrida como podemos atestar em *Rodeio Cambará*, *Porto da Piúva*, *Invernada do Carandazinho*, *Carandá Grande*, denominativos de povoados em Cáceres.

A tabela 10, a seguir, traz a distribuição diatópica da toponímia indígena por Região Imediata.

Tabela 10: Distribuição da toponímia de base indígena por Região Imediata.

Região Geográfica Imediata	Números absolutos	Números relativos
Cáceres	126	30,80%
Cuiabá	116	28,36%
Mirassol	88	21,67%
Pontes e Lacerda	79	19,31%
Total	409	100%

Fonte: elaborado pela autora.

Na região geográfica Imediata de Cáceres, por exemplo, a toponímia de base indígena está concentrada quase que exclusivamente em Cáceres com 103 topônimos, 102 de língua tupi e um topônimo de língua aruaque; três topônimos de língua tupi no município de Curvelândia; nove topônimos de língua tupi em Lambari d'Oeste; três em Rio Branco, sendo dois em língua aruaque + portuguesa e um de língua tupi; e sete em Salto do Céu, sendo quatro em língua tupi e três em língua aruaque.

Porto Esperidião é o município com maior incidência da influência indígena na toponímia da região Imediata de Mirassol d'Oeste com 46 topônimos dos quais, 44 são de língua tupi e dois topônimos de língua bororo + portuguesa; Reserva do cabaçal apresentou nove topônimos de língua tupi e dois topônimos de língua aruaque; Mirassol d'Oeste apresentou oito topônimos de língua tupi; em Glória d'Oeste foram coletados cinco topônimos de base tupi; Jauru também apresentou seis topônimos, sendo cinco de língua tupi e um de língua aruaque; em Araputanga foram coletados cinco topônimos de base indígena, quatro de língua tupi e um de língua aruaque; Figueirópolis d'Oeste apresenta quatro topônimos de língua tupi; Indiavaí apresenta três; São José dos quatro Marcos, por seu turno, não apresentou nenhuma ocorrência de topônimo de base indígena.

A Região Imediata de Pontes e Lacerda – Comodoro reuniu 79 topônimos, sendo que o município de Vila Bela da Santíssima Trindade apresentou o maior índice de nomes de base indígena com 21 topônimos, dos quais, 17 são de língua tupi, dois de língua guarani, um de língua bororo e um de língua aruaque; Nova Lacerda com 18 nomes, sendo 13 topônimos de língua tupi, quatro de língua aruaque e um de língua bororo; Comodoro com 14 ocorrências de topônimos de procedência indígena, dos quais oito são de língua tupi e seis de língua aruaque; Pontes e Lacerda apresentou 11 topônimos de língua indígena, sendo 10 de língua tupi e um nome de língua aruaque; em Campos de Júlio foram coletados três topônimos de língua tupi e três de língua aruaque; também em Conquista d'Oeste foram coletados três topônimos de língua

tupi e três de língua aruaque; Vale de São Domingos apresentou somente três topônimos de língua tupi.

Na Região Geográfica Intermediária de Cuiabá a toponímia indígena está concentrada em mais de um município. Nobres apresenta 34 topônimos de língua indígena, com 20 nomes de língua tupi, nove de língua bororo, cinco de língua guarani; na sequência, está Tangará da Serra com 32 topônimos, dos quais 27 apresenta uma base de língua tupi e cinco de língua aruaque; em Denise foram coletados 16 topônimos com, pelo menos, um formante de base tupi; em Diamantino e Nova Olímpia foram coletados 15 topônimos dessa origem linguística em cada município; em Porto Estrela foram encontrados quatro topônimos de base tupi.

Mato Grosso dispõe de extensas áreas de terras denominadas por Territórios indígenas destinados a abrigar as populações indígenas de diferentes etnias que se encontram presentes. Nove municípios que integram a região pesquisada apresentam territórios, computando um total de 22 áreas demarcadas e destinadas aos povos originários (Camargo, 2011). Todavia, Cáceres, município com a maior incidência de nomes oriundos de língua indígena (tupi) não dispõe de terras destinadas ao abrigo de povos indígenas (IBGE, 2010); (Camargo, 2011).

Conforme já assinalado na seção II deste estudo, o Centro-Oeste não foi habitat natural dos povos falantes do tupi e guarani (Dick, 2008, p. 227). Os denominados povos das águas, por ocasião da colonização, habitavam a faixa litorânea do Brasil e as margens dos grandes rios que desembocam no Atlântico (Ayrosa, 1967, p. 36).

Assim, as etnias indígenas abrangidas nesses territórios não são falantes de língua tupi e guarani, embora o tupi seja, de longe, a língua indígena mais recorrente na composição do elemento específico do sintagma toponímico dos nomes examinados, com 357 ocorrências.

Das línguas indígenas presentes na base da toponímia estudada, somente a língua bororo e aruaque são faladas pelos povos originários do Centro-Oeste (Cardoso, 1961); (Drumond, 1965). Nesse contexto podemos atestar a influência da língua tupi na região, se considerarmos que dos 409 topônimos de base indígena, somente 33 foram classificados como sendo provenientes do aruaque e 14 topônimos da língua bororo. Ainda assim, relativamente às línguas bororo e aruaque, em muitos casos, as ocorrências referem-se a topônimos repetidos como *Quebó* e *Goiaba/Goiabeira* respectivamente, considerando a tese de Cardoso (1961, p. 388-389) de que *goiaba* é um nome do aruaque.

A toponímia indígena de língua tupi e guarani, no Centro-Oeste, possivelmente estava imantada no repertório lexical do colonizador ou, conforme Dick (2008, p. 226-227), se deve à presença de indígenas nas bandeiras que desbravaram a região. Assim, a nossa hipótese de que

a toponímia da região valoriza a língua dos povos originários é confirmada somente nesse contexto de supremacia da língua tupi nos nomes investigados, mas as línguas faladas pelos povos originários da região de Mato Grosso não foram valorizadas nos denominativos.

A estrutura morfológica dos topônimos é apresentada na sequência.

4.5. A estrutura Morfológica

Conforme já explicitado na seção I dedicada à discussão teórica deste trabalho, em termos de estrutura morfológica, os topônimos podem ser classificados em simples ou composto, que de acordo com (Dick, 1992, p. 13-14): i) elemento específico simples é aquele que se faz definir por um só formante (seja substantivo ou adjetivo, de preferência), podendo, contudo, se apresentar, também, acompanhado de sufixação (diminutivos, aumentativos); ii) topônimo composto ou elemento específico composto é aquele constituído por mais de um elemento formador, de origens diversas entre si, do ponto de vista do conteúdo, gerando, por isso, às vezes, formações inusitadas que apenas a história local poderá elucidar, convenientemente (Dick, 1992, p. 13-14).

Dick (1992, p. 14) definiu, ainda, uma subcategoria quanto à estrutura morfológica denominada por híbrida (estrutura composta por formantes de línguas diferentes), como “aquele designativo que recebe em sua configuração elementos linguísticos de diferentes procedências; a formação que se generalizou no país é a portuguesa + indígena ou a indígena + portuguesa”.

Pode ocorrer, entretanto, uma formação do topônimo a partir de uma palavra de uma língua com acréscimos de sufixos de outra base linguística, como ocorre com *Caetezinho* em que ao termo *Caeté*, *kaae'te* de origem tupi, houve o acréscimo do sufixo do português –z-inho (Sampaio, 1987); (Houaiss, 2009). Essa formação toponímica configura-se como de estrutura simples híbrida, segundo a classificação adotada no Projeto ATEMS.

Os dados gerais sobre a classificação dos topônimos examinados quanto à estrutura morfológica estão informados na tabela 11 que segue. A categoria *não identificada* na linha 5 do referido gráfico, diz respeito aos topônimos de línguas diferentes da portuguesa, especialmente as indígenas, em que não foi possível identificar a estrutura de composição dos nomes.

Tabela 11: Distribuição dos topônimos dos municípios das Regiões Geográficas Intermediárias de Cáceres e Cuiabá quanto à estrutura morfológica.

Estrutura dos topônimos	Acidentes físicos	Acidentes humanos	Total
Composta	286	150	436
Composta híbrida	88	102	190
Simples	767	114	881
Simples híbrida	134	31	165
Não identificada	275	43	318
Não classificada	21	01	22
total	1571	441	2012

Fonte: elaborado pela autora.

Dos 441 topônimos que nomeiam acidentes humanos examinados no cenário deste estudo, 150 (34,01%) possuem estrutura composta; 114 (25,85%) estrutura simples; 102 (23,12%) apresentam estrutura composta híbrida; 31 (7,02%) são formados por estrutura simples híbrida; e 43 (9,75%) apresentam estrutura não identificada.

Situação diversa se observa com os 1.571 topônimos dos acidentes físicos, destacando-se na nomeação a composição simples com 767 (48,82%) ocorrências, ficando a estrutura composta com 286 (18,20%) topônimos; 275 (17,50%) topônimos possuem estrutura não identificada; na sequência 134 (8,53%) topônimos possuem estrutura simples híbrida e 88 (5,60%) são topônimos com estrutura composta híbrida.

O tópico seguinte é dedicado ao exame das particularidades regionais na toponímia examinada.

4.6. Particularidades das regiões

Souza (1939), lembrando a nota explicativa da segunda edição da obra *Dicionário da terra e da gente do Brasil*, registra que “a fisionomia de um país, não raro, traduz-se por certos nomes que a terminologia local, vencendo e desterrando a terminologia geral, umas vezes a supre, subsidiando-a, outras a relega ao desprezo para a substituir avantajada”. A posição geográfica de isolamento e o processo lento e nucleado do povoamento de Mato Grosso contribuíram para a conservação de unidades lexicais com marcas desse espaço quanto ao significado e à grafia.

Nesta etapa do trabalho foi examinada uma amostra de topônimos do *corpus* da pesquisa com sentido regional de Mato Grosso. Os topônimos identificados como regionalismos estão arrolados no quadro 16, que segue, com registros acerca da acepção geral no léxico da língua

(Houaiss, 2009) e acepções regionais (Souza, 1939); (Ortêncio, 1983); (Guerra; Guerra, 1997); Houaiss (2009).

Quadro 16: Topônimos empregados em conotação regional.

Topônimos	Municípios	Região Imediata	Quantidade
<p>1. Aterrado Acepção geral: aterrado 1. Que se aterrou; aterrorizado; aterrado 2. Que se aterrou; coberto, cheio ou alteado com terra (Houaiss, 2009). Acepção regional: terra firme no meio do pantanal – Mato Grosso (Souza, 1939). Terra firme e seca no centro ou à margem de alagadiços – Mato Grosso (Ortêncio, 1983); (Houaiss, 2009).</p>	Porto Esperidião	Mirassol d'Oeste	01
Total			01
<p>2. Barbadinho/Barbado Acepção geral: que ou aquele que usa barba; que ou aquele que traz a barba crescida, por não a ter feito; barbudo (Houaiss, 2009). Acepção regional: peixe de distribuição amazônica, com dorso verde-claro e ventre esbranquiçado, nadadeira dorsal grande e um acúleo flexível, também chamado, em outros recantos, por mantopaque, peixe-moela, piramapu, piranambu, piranampu, piraniampu, pirinampu (Houaiss, 2009). Peixe de couro, prateado e bigodudo, do rio Araguaia (Ortêncio, 1983, p. 34).</p>	Vila Bela da Santíssima Trindade, Pontes e Lacerda	Pontes e Lacerda - Comodoro	02
Total			02
<p>3. Barreiro Acepção geral: local de onde se tira o barro para fabricar telhas e tijolos e, de uso informal como grande quantidade de barro, um lamaçal (Houaiss, 2009). Acepção regional: designa, na mata, terreno salgado, no qual os animais cavam e se revigoram - no Mato Grosso e no Amazonas (Souza, 1939). Jazida de argila – Centro-Oeste (Ortêncio, 1983).</p>	Cáceres, Salto do Céu	Cáceres	04
	Porto Esperidião, Jauru	Mirassol d'Oeste	02
	Pontes e Lacerda	Pontes e Lacerda – Comodoro	01
	Diamantino	Diamantino	01
	Nobres	Cuiabá	01
	Nova Olímpia, Tangará da Serra	Tangará da Serra	02
Total			11

<p>4. Bolicho Acepção geral: nome de um jogo cujo objetivo consiste em arremessar uma bola relativamente pesada de borracha, plástico ou madeira, para atingir 10 pinos dispostos em formatação triangular, visando derrubar o maior número possível (Houaiss, 2009). Acepção regional: denominação de pequena venda ou armazém nos pousos dos caminhos ou nos arraiais – Centro-Oeste (Ortêncio, 1983). Mesmo que Bodega - Sul e Centro-Oeste (Souza, 1939); (Houaiss, 2009).</p>	<p>Vila Bela da Santíssima Trindade</p>	<p>Pontes e Lacerda - Comodoro</p>	<p>01</p>
<p>Total</p>			<p>01</p>
<p>5. Cabeceira Acepção geral: parte da cama em que se repousa a cabeça, ao deitar-se (Houaiss, 2009). Acepção regional trecho de mata coberta com buritis e onde há nascente(s) de rio(s) ou córrego(s) – Mato Grosso (Houaiss, 2009). Designa, peculiarmente, em Mato Grosso, os lugares de nascentes de água que formam os brejais, quase sempre revestidos de formosos buritis (Souza, 1939).</p>	<p>Cáceres</p>	<p>Cáceres</p>	<p>02</p>
	<p>Porto Esperidião</p>	<p>Mirassol d'Oeste</p>	<p>01</p>
	<p>Vila Bela da Santíssima Trindade</p>	<p>Pontes e Lacerda - Comodoro</p>	<p>01</p>
	<p>Diamantino</p>	<p>Diamantino</p>	<p>03</p>
	<p>Nobres</p>	<p>Cuiabá</p>	<p>01</p>
	<p>Tangará da serra</p>	<p>Tangará da Serra</p>	<p>01</p>
<p>Total</p>			<p>09</p>
<p>6. Carreirão Acepção geral: dicionarizada carreira – estrada estreita; caminho (Houaiss, 2009). Acepção regional: correnteza, corredeira (Houaiss, 2009). Carreira é rua ou alameda que abre espaço regular entre duas fileiras de plantação de milho, café etc., - no interior do Brasil (Souza, 1939, p. 93).</p>	<p>Cáceres</p>	<p>Cáceres</p>	<p>01</p>
<p>Total</p>			<p>01</p>
<p>7. Corixo/Corixa/Corixinho/Corixão Acepção geral: não tem.</p>	<p>Cáceres</p>	<p>Cáceres</p>	<p>05</p>

<p>Acepção regional: denominação regional do pantanal de Mato Grosso para os pequenos riachos permanentes que ligam as baías” (Souza, 1939); (Guerra; Guerra, 1997); (Ortêncio, 1983).</p>	Vila Bela Da Sabtíssima Trindade	Pontes e Lacerda - Comodoro	02
	Porto Esperidião	Mirassol d’Oeste	02
	Tangará da Serra	Tangará da Serra	01
Total			10
<p>8. Estiva/Estivadinho Acepção geral: a primeira leva de carga colocada no porão de um navio; processo de carregamento e descarregamento de uma embarcação (Houaiss, 2009). Acepção regional: cobertura de varas grossas feita sobre os atoleiros para permitir o tráfego; construção feita sobre os igarapés (Souza, 1939); (Ortêncio, 1983). Ponte rústica construída com paus atravessados por sobre um córrego ou vala – Minas Gerais e Rio Grande do Sul (Houaiss, 2009).</p>	Cáceres	Cáceres	01
	Pontes e Lacerda, Vale de São Domingos	Pontes e Lacerda - Comodoro	03
	Diamantino	Diamantino	02
	Nobres	Cuiabá	02
	Denise, Nova Olímpia, Tangará da Serra	Tangará da serra	03
Total			11
<p>9. Facão Acepção geral: utensílio semelhante à faca, porém maior do que esta; facalhão, facalhaz; espada; sabre (Houaiss, 2009). Acepção regional: termo que designa saliência atravessada no leito da estrada de terra, que causa trepidação no veículo – Mato Grosso, Minas Gerais e Bahia (Ortêncio, 1983). Peixe do rio Araguaia que se mata com facão (Ortêncio, 1983); (Houaiss, 2009).</p>	Cáceres	Cáceres	02
	Porto Esperidião	Mirassol d’Oeste	01
	Vila Bela Da santíssima Trindade	Pontes e Lacerda - Comodoro	01
	Nobres	Cuiabá	01
	Tangará da Serra	Tangará da Serra	01
Total			06
10. Ilha	Cáceres, Salto do Céu	Cáceres	03

<p>Acepção geral: extensão de terra firme cercada de modo durável por água doce ou salgada em toda a sua periferia; ínsula, ipuã (Houaiss, 2009).</p> <p>Acepção regional: as ilhas são pedaços destacados de terras firmes, ou tesos isolados, ou restingas de campos, ou mesmo simples moitas de arvoredos - Mato Grosso (Souza, 1939). Porções relativamente pequenas de terras emersas circundadas de água doce ou salgada (Guerra; Guerra, 1997). Calçamento ajardinado ou não, em alto relevo que separa as pistas de uma avenida e em sentido geral como a porção de terra que fica entre dois braços de um rio – Centro –Oeste (Ortêncio, 1983).</p>			
Total			03
<p>11. Mineiro</p> <p>Acepção geral: entrada 1. Relativo à mina – entrada 2. Relativo a Minas Gerais, estado do Brasil, ou o que é seu natural ou habitante; geralista (Houaiss, 2009).</p> <p>Acepção regional: o descobridor dos ervais nativos inexplorados ou virgens. O termo se aplica ao descobridor e ao trabalhador em erval (mina - concentração de erva-mate) – Mato Grosso e Paraná (Souza, 1939); (Ortêncio, 1983); (Houaiss, 2009).</p>	Jauru	Mirassol d'Oeste	01
	Nova Olímpia	Tangará da serra	01
Total			02
<p>12. Pai-do-Mel</p> <p>Acepção geral: Não está dicionarizada em dicionários físicos consultados.</p> <p>Acepção regional: por fontes orais – um tipo de abelha menos agressiva que se enrosca nos cabelos. A mesma acepção foi encontrada na versão digital do dicionário Aulete (2008).</p>	Nobres	Cuiabá	01
Total			01
<p>13. Paratudal/Paratudalzinho.</p> <p>Acepção geral: designação comum a inúmeras plantas de diferentes gêneros e famílias com usos medicinais (Houaiss, 2009).</p> <p>Acepção regional: O mesmo que Sucupira, a quina do campo – região Centro - Oeste (Ortêncio, 1983). Mesmo que Casca de Anta – Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (Houaiss, 2009). O mesmo que Caraíba (Houaiss, 2009).</p>	Cáceres	Cáceres	02
Total			02

14. Piúva Acepção geral: não dicionarizada. Acepção regional: o mesmo que Pau d'arco. Piúva é uma palavra formada pela aglutinação de duas palavras: <i>ipê</i> + <i>uva</i> – Centro-Oeste (Ortêncio, 1983).	Cáceres	Cáceres	04
	Porto Esperidião	Mirassol d'Oeste	01
	Vila Bela Da Santíssima Trindade	Pontes e Lacerda - Comodoro	01
Total			06
15. Planchão/ Planchãozinho Acepção geral: mesmo que prancha -tábua grande e larga; tabuão (Houaiss, 2009). Acepção regional: transporte - carreta tendo o cavalo como parte motora - própria para transportar máquinas pesadas – Centro-Oeste (Ortêncio, 1983). Embarcação de proa lançada, bordos largos e salientes, com uma cobertura chata de tábuas, impulsionada a vara ou a vela, usada para transporte de carga em alguns rios da bacia do Paraguai (Houaiss, 2009).	Nobres	Cuiabá	02
	Total		
16. Pomba Acepção geral: nome comum a várias aves com ampla distribuição no mundo, granívoras, que possuem bico com a base coberta por uma cera, plumagem macia e rica em pó e pés geralmente vermelhos; picaú (Houaiss, 2009). Acepção regional: interjeição; e como uma espécie de aves; também no contexto de garimpo, como ovo de pomba ou olho de pombo, nome dado ao quartzo – Centro-Oeste (Ortêncio, 1983).	Cáceres	Cáceres	01
	Total		
17. Posse Acepção geral: ato ou efeito de se apossar de alguma coisa; propriedade; estado de quem possui uma coisa, de quem a detém como sua ou tem o gozo dela; estado de algo que é possuído por alguém, ou que esse alguém conserva consigo; investidura em um cargo; empossamento (Houaiss, 2009). Acepção regional: quando uma família se radica à terra, cultivando o solo e desenvolvendo atividades agrícolas e pecuárias, construindo benfeitorias e	Nova Olímpia	Tangará da Serra	01

plantando pomar, embora de forma precária, de acordo com suas necessidades, faz de fato, o que se chama posse - Centro- Oeste (Ortêncio, 1983).			
Total			01
18. Quitanda Acepção geral: local onde se fazem negócios; mercado, praça (Houaiss, 2009). Acepção regional: é um regionalismo do Sul e Centro-Oeste do Brasil que designa pastelaria apresentada em tabuleiros apropriados (Houaiss, 2009). Designação de pastelaria caseira - Minas Gerais (Souza, 1939, p. 268); biscoitos e bolos, forma conhecida no Centro-Oeste (Ortêncio, 1983, p. 370).	Nobres	Cuiabá	01
Total			01
19. Rebojo-Rebolho/Rebola Acepção geral: movimento de rotação em espiral causado por queda de cachoeira; redemoinho (Houaiss, 2009). Acepção regional: movimento circular no rio oriundo de grande depressão no leito - região Centro-Oeste (Ortêncio, 1983).	Cáceres	Cáceres	01
	Porto Estrela	Tangará da Serra	01
	Vila Bela da Santíssima Trindade	Pontes e Lacerda - Comodoro	01
Total			03
20. Reduto Acepção geral: obra fortificada no interior de outra, com a finalidade de servir para a última resistência; espaço fechado (Houaiss, 2009). Acepção regional: porção de terreno do pantanal, que, por ocasião do transbordamento dos rios, fica acima do nível das águas e pode oferecer pouso aos viajantes, é o mesmo que torrão (Ortêncio, 1983). Lugar alto, a salvo de inundações ou enchentes – Mato Grosso (Houaiss, 2009).	Vila Bela Da Santíssima Trindade	Pontes e Lacerda - Comodoro	01
Total			01
21. Retiro Acepção geral: lugar solitário, afastado em relação aos centros urbanos; lugar em que se procura descanso, paz, recolhimento; afastamento pelo qual um indivíduo se isola temporariamente do habitual convívio com outrem (Houaiss, 2009).	Cáceres, Lambari d'Oeste	Cáceres	05
	Nobres	Cuiabá	01
	Conquista d'Oeste, Nova Lacerda, Vila	Pontes e Lacerda - Comodoro	03

<p>Acepção regional é a designação para local onde as reses são reunidas para contagem, marcação e para alimentar-se de sal - Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (Ortêncio, 1983); (Houaiss, 2009). Casa localizada nos fundos das fazendas que serve como moradia para os trabalhadores que vigiam a propriedade - Mato Grosso e Minas Gerais (Souza, 1939); Houaiss (2009).</p>	Bela da Santíssima Trindade		
	Porto Esperidião	Mirassol d'Oeste	01
	Porto Estrela, Tangará da Serra	Tangará da Serra	02
Total			12
<p>22. Seco/Seca Acepção geral: sem umidade; sem água ou outros líquidos; enxuto (Houaiss, 2009). Acepção regional: o trecho do leito de um rio onde baixios de areia dificultam a navegação no tempo de verão – Vale do Tocantins (Souza, 1939); Centro – Oeste (Ortêncio, 1983).</p>	Cáceres, Curvelândia	Cáceres	02
	Glória d'Oeste, Porto Esperidião	Mirassol d'Oeste	02
	Pontes e Lacerda	Pontes e Lacerda - Comodoro	01
	Denise, Tangará da Serra	Tangará da serra	02
Total			07
<p>23. Trincheira Acepção geral: fosso ou escavação feita no solo cuja profundidade e parapeito servem como abrigo aos combatentes; qualquer tipo de vedação, de obstáculo, usado como proteção ou abrigo (Houaiss, 2009). Acepção regional: obstáculo de madeira que protege do fogo o cortador de folhas de mate – Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (Houaiss, 2009).</p>	Vila Bela da Santíssima Trindade	Pontes e Lacerda - Comodoro	01
Total			01
<p>24. Tuiuiú Acepção geral: Não tem. Acepção regional: mesmo que Jaburu; ave, símbolo do Pantanal (Houaiss, 2009); Jaburu-Moleque: ave aquática também conhecida por Cabeça-de-pedra (Ortêncio, 1983).</p>	Cáceres	Cáceres	02
Total			02
25. Varador/Varadouro	Porto Esperidião	Mirassol d'Oeste	01

<p>Acepção geral: lugar de pouco fundo junto ao litoral onde se encaham embarcações (Houaiss, 2009). Canal que comunica o rio com o lago (Guerra; Guerra, 1997).</p> <p>Acepção regional: caminho aberto no interior da mata - Mato Grosso e Amazônia (Houaiss, 2009). Caminho encontrado no seio da mata ligando com o centro e vice-versa. Os varadouros comunicam a margem dos seringais com os centros e vice-versa – Mato Grosso e Amazônia (Souza, 1939).</p>			
Total			01
<p>26. Vargearia</p> <p>Acepção geral: Não tem.</p> <p>Acepção regional: acredito que seja o mesmo que vargado: conjunto de vargens; várzea grande e extensa – regionalismo de São Paulo (Houaiss, 2009).</p>	Nobres	Cuiabá	01
Total			01
<p>27. Varjão.</p> <p>Acepção geral: Mesmo que vargado, conjunto de vargens (Houaiss, 2009).</p> <p>Acepção regional: terreno próximo ao Araguaia e seus afluentes, onde as cheias acumulam humo há milhares de anos – Centro-Oeste (Ortêncio, 1983). Várzea grande, extensa – regionalismo de São Paulo (Houaiss, 2009).</p>	Cáceres	Cáceres	01
	Mirassol d'Oeste	Mirassol d'Oeste	01
Total			02
<p>28. Vazante</p> <p>Acepção geral: que vaza; processo pelo qual algo se esvazia, deixa sair seu conteúdo, se escoar; período de águas baixas no leito de um rio; várzea temporariamente alagada pela enchente, ao longo de um rio, à beira de lagoas ou de outras aguadas (Houaiss, 2009).</p> <p>Acepção regional: cada um dos córregos temporários que ligam as extensas lagoas, separadas por cordilheiras, no pantanal. (Guerra; Guerra, 1997); Houaiss (2009); campo alagado pelas águas das chuvas (Souza, 1939).</p>	Vila Bela da Santíssima Trindade	Pontes e Lacerda - Comodoro	01
Total			01

29. Vereda/Veredinha Acepção geral: caminho estreito, senda, sendeiro; caminho secundário pelo qual se chega mais rapidamente a um lugar; atalho (Houaiss, 2009). Acepção regional: agrupamento de matas cercadas de campo, com pindaíbas e buritis em tiras pelo cerrado – Mato Grosso (Souza, 1939); (Ortêncio, 1983). Na região dos cerrados, curso de água orlado por buritizais (Houaiss, 2009); (IBGE, 2015). Região provinda de maior abundância de água – região Nordeste (Souza, 1939).	Cáceres, Curvelândia	Cáceres	02
	Porto Esperidião	Mirassol d'Oeste	01
Total			03
Total Gral²⁸³			105

Fonte: elaborado pela autora.

²⁸³ - O total geral é a soma dos valores contidos nas linhas em destaque.

Os topônimos em sentido regional são examinados porque configuram-se como unidades lexicais que guardaram aspectos tradicionais de Mato Grosso e dos estados que influíram decisivamente na colonização dessa região.

O *corpus* pesquisado apresentou 29 topônimos que trazem conotações regionais, dos quais, 12 nomes tiveram uma única frequência e 17 nomearam acidentes geográficos em mais de um município, o que concorre para que a soma total chegue a 105 coletas, conforme apresentado no quadro 16 acima. Cáceres, Diamantino, Nobres, Porto Esperidião e Vila Bela da Santíssima Trindade são municípios com maior concentração de nomes dessa natureza, 79 ocorrências (75,23%).

Os 12 topônimos que nomearam acidentes uma única vez são *Aterrado* e *Varador/Varadouro*, em Porto Esperidião (RIM); *Bolicho*, *Reduto*, *Trincheira* e *Vazante*, em Vila Bela da Santíssima Trindade (RIPL - C); *Carreirão* e *Pomba*, em Cáceres (RIC); *Pai-do-Mel*, *Vargearia* e *Quitanda*, em Nobres (RICB); e *Posse*, em Nova Olímpia (RIT).

Pomba é uma palavra que, em sentido mais geral, refere-se a fêmea do *pombo*, designação comum a várias aves de ampla distribuição no Brasil e em outros países e, na segunda acepção, é nome de recipiente de cobre onde se coloca a garapa nos engenhos de açúcar (Houaiss, 2009); (Biderman; Murakawa, 2021). No sintagma toponímico *baía do Pomba*, acidente físico do município de Cáceres (RIC), a motivação não aparenta estar vinculada ao animal em razão da preposição *do* (contração da preposição *de* + artigo definido *o*) estar no singular diante do substantivo feminino *Pomba*. Nesse contexto, a unidade lexical *Pomba* pode configurar-se como antropônimo, alcunha. Assim considerado, depreende-se o sentido regional do Centro-Oeste, *vulva* (Ortêncio, 1983); (Houaiss, 2009) e/ou nome dado ao quartzo, em regiões diamantíferas, forma reduzida da expressão *ovo de pomba* ou *olho de pombo* (Ortêncio, 1983, p. 353), com base nas informações de Guimarães e Goiano.

O quartzo é uma rocha usada como gema em objetos ornamentais e na indústria eletrônica, o que reforça o sentido de mineral contido no sintagma toponímico *baía do Pomba*.

Bolicho é o primeiro formante do topônimo *Bolicho Terra*, um povoado em Vila Bela da Santíssima Trindade (RIPL-C), denominação que remete à pequena venda, em cidades interioranas, ou a armazém, nos pousos dos caminhos e nos arraiais, de onde deriva a unidade lexical *bolicheiro* em referência ao proprietário ou àquele que frequenta o espaço (Souza, 1939). Castro enxerga “pobreza” na riqueza ao descrever *Bolicho* na condição de “armazém pobre, que vende cachaça, botinas, tecidos, balas para revólver, cereais e até remédios” (*apud*

Ortêncio, 1983, p. 54). Houaiss (2009) traz a grafia *Boliche*, do étimo da língua espanhola, como o mesmo que *bodega* – Centro-Oeste e Sul do país.

São comércios que procuravam atender aos habitantes dos povoados, bem como aos viajantes e tropeiros, em suas necessidades de adquirir produtos fabricados em centros urbanos. Dada a escassez desses estabelecimentos localizados em regiões longínquas, comercializava-se uma variedade de produtos que procurava atender a todos os públicos.

Bolicho é uma unidade léxica preservada pela toponímia de Vila Bela da Santíssima Trindade que aparenta estar em desuso pela mudança operada no referente. É mais raro encontrar, hoje em dia, um estabelecimento que venda uma variedade de produtos alimentícios (cereais, carnes, doces, pães hortaliças...) vasilhas e doses de bebidas a serem consumidas entre conversas demoradas, em um mesmo local.

Quitanda nomeando uma serra em Nobres (RICB) é mais um topônimo que, se entendido no sentido de “local onde se fazem negócios, mercado, praça” ou “pequeno estabelecimento comercial; tenda”, aproxima-se do sentido de *bolicho*, como pequena mercearia mantida por imigrantes para atender pequenos povoados em regiões do interior. A unidade lexical também tem o sentido de “conjunto de iguarias doces e salgadas feitas com massa de farinha, pastelaria” (Houaiss, 2009). Tanto em sentido de estabelecimento, quanto em sentido do produto que se vende no estabelecimento ou de forma ambulante, a unidade lexical *quitanda* está sendo substituída por *lanchonete* e/ou *padaria* e *lanches* e/ou *salgados* respectivamente

Os topônimos *Aterrado*, *Cabeceira*, *Pai do Mel*, *Reduto* e *Planchão/Planchãozinho* são topônimos com a acepção regionalista em domínio geográfico restrito a Mato Grosso.

Cabeceira, com nove ocorrências nos dados, na acepção geral de Houaiss (2009) é “parte da cama em que se repousa a cabeça, ao deitar-se” e como regionalismos de Mato Grosso é “trecho de mata coberto com buritis e onde há nascente(s) de rio(s) ou córrego(s)”. O mesmo significado é fornecido por F. Moutinho que conceitua *cabeceira* com traços peculiares restritos a Mato Grosso, como os lugares de nascentes de água que formam os brejais, quase sempre revestidos de formosos buritis (*apud* Souza, 1939, p. 59). Embora a unidade lexical *cabeceira* é trazida pelos autores supracitados como regionalismo de Mato Grosso, em estudo realizado por Seabra e Isquerdo (2010), constatou-se que na hidronímia dos 11 municípios que integram o Bolsão Sul-Mato-Grossense, o mesmo topônimo nomeou 47 acidentes hídricos em sintagma simples, composto e/ou derivado, figurando em primeiro lugar na taxa dos hidrotopônimos. Do mesmo modo, a hidrotponímia da região do Triângulo Mineiro (constituído por 66 municípios)

apresenta 865 hidrotopônimos dos quais, 13 acidentes são nomeados por *Cabeceira*, ocupando o 12º lugar. Nesse sentido, ainda que *Cabeceira* seja mais específico do Centro-Oeste, não está restrito à região, justificando, assim, a informação de Houaiss (2009) que considera *Cabeceira* como um regionalismo do Brasil no sentido de “nascente de um rio, riacho”. A peculiaridade de Mato Grosso, seria a cobertura vegetal advinda dos buritizais. Importa esclarecer que a publicação da obra *Dicionário da Terra e da gente do Brasil* (Souza, 1939) é anterior à divisão do território do estado de Mato Grosso em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (1977). A palavra teve, também, nove ocorrências como elemento genérico em nossos dados.

Prancheiro foi a forma registrada em Souza (1939, p. 262) que guarda correspondência com *Planchão/ Planchãozinho* como “nome que, em Mato Grosso, dão aos remadores das pranchas (canoas com cobertura de madeira) que se empregam na navegação de alguns rios da bacia do Paraguai”. O mesmo autor, com base em Silveira Neto, apresenta o termo *planchada* com o sentido de “grandes clareiras abertas à margem do rio, até ao nível da água” (Souza, 1939, p. 255). Houaiss (2009) reitera as informações anteriores e postula que *prancha* é regionalismo de Mato Grosso como “embarcação de proa lançada, bordos largos e salientes, com uma cobertura chata de tábuas, impulsionada a vara ou a vela, usada para transporte de carga em alguns rios da bacia do Paraguai”. Esse autor foi o único a apresentar a unidade lexical escrita com a consoante lateral *l* (*plancha*), nas informações etimológicas informando ser a palavra de origem francesa, conforme o registrado nos mapas do IBGE (2010).

Pai- do Mel nomeando um córrego em Nobres (RICB) é a designação de uma abelha não agressiva e que se enrosca no cabelo, de acordo com fontes orais. Posteriormente registrou-se a mesma significação em Aulete (2008) como “nome dado a certa abelha silvestre”. As pessoas mais antigas consultadas, apresentaram uma variação relativa ao segundo termo *Mel/Mé*.

Souza (1939, 274), valendo-se de Beaurepaire-Rohan define *reduto* como um “termo de Mato Grosso, que indica um espaço de terreno que fica acima do nível das águas, no tempo das cheias. Serve de pouso aos viajantes”. Ortêncio (1983, p. 378) traz a mesma informação, porém alarga o espaço geográfico para além do Mato Grosso ao conceituar *reduto* como “porção de terreno do pantanal, que, por ocasião do transbordamento dos rios, fica acima do nível das águas e pode oferecer pouso aos viajantes” é o mesmo que “torrão”. Houaiss (2009) traz como regionalismo de Mato Grosso no sentido de “lugar alto, a salvo de inundações ou enchentes” e em sentido geral “obra fortificada no interior de outra, com a finalidade de servir para a última resistência”. O topônimo integra o sintagma toponímico *baía do Reduto* em Vila

Bela da Santíssima Trindade, que, pelas condições do relevo baixo do município, depreende-se o sentido regional, embora a acepção geral não pode ser descartada.

Aterrado, nome de um córrego em Porto Esperidião (RIPL-C), na acepção geral, na entrada 1, é o “que se aterrou; aterrorizado”; na entrada 2 como o “que se aterrou; coberto, cheio ou alteado com terra” (Houaiss, 2009). O sentido regional é derivado da segunda entrada significando “terra firme e seca no centro ou à margem de alagadiços”, sentido restrito a Mato Grosso (Houaiss, 2009). O mesmo sentido é encontrado em Souza (1939, p. 18) como “terra firme e seca no meio do pantanal [...] é termo muito usado em Mato Grosso”, afirma o autor. A questão é tratada também por Ortêncio (1983, p. 23) “terreno onde as inundações não alcançam”. *Aterrado* estabelece relação de sinonímia com *Reduto* em sentido regional.

Vereda foi uma palavra que ocupou, neste trabalho, tanto a função de nome genérico quanto de topônimo. Souza (1939) e Ortêncio (1983) trazem o sentido de *vereda* ressaltando o aspecto da vegetação como Buritis e Pindaíbas, agrupadas em tiras pelo cerrado do Brasil Central. O IBGE (2015) destaca a presença do vegetal na definição de *vereda*, contudo, alarga o sentido para referir-se à vegetação que apresenta a palmeira Buriti entre outras espécies arbustivas de pequeno porte, característica do cerrado “encontradas sobre solos hidromórficos e circundadas por campo limpo, geralmente úmido. Ocorrem nas regiões onde o Cerrado prevalece: Minas Gerais, Centro-Oeste, no Nordeste em áreas de transição agreste-caatinga, oeste e sul do Estado da Bahia”. Souza (1939), baseado nas informações de Lützelburg, inclui o elemento hídrico na definição de *vereda*, em regiões do Nordeste, ocorrente em áreas onde a vegetação se mistura entre a agreste e a caatinga, localidades de maior abundância de água, entre montanhas e vales de rio. Neste trabalho, o topônimo *Vereda* foi classificado como hidrotopônimo em coerência com o encontrado nos mapas do IBGE (2010), conforme a figura 6 na seção II deste trabalho, onde se evidencia o destaque para a corrente hídrica na acepção encontrada em Houaiss (2009), “na região dos cerrados, curso de água orlado por buritizais” é um regionalismo de Minas Gerais e Centro-Oeste do Brasil.

A unidade lexical *Ilha*, também, apesar de haver acepção regionalizada, em Mato Grosso, como a denominação de área compactada por árvores destacadas nos campos (Souza, 1939); (Ortêncio, 1983); (Houaiss, 2009), encontra-se registrada nos mapas do IBGE (2010), nomeando espaços em meio aos furados e baías, conforme a figura 7, no tópico destinado à discussão dos elementos genéricos do sintagma toponímico. Nesse contexto, Guerra e Guerra (1997, p. 348) fornecem uma definição mais coerente para a palavra *ilha* como “porções

relativamente pequenas de terras emersas circundadas de água doce ou salgada”. As diferentes acepções não alteram a taxonomia do topônimo classificado como geomorfotopônimo.

Varador (*Varador Grande*) (IBGE, 2010) é nome de um córrego no município de Porto Esperidião (RIM), com o primeiro formante do elemento específico grafado como uma alteração de *Varadouro*. Essa unidade lexical aparece em documento de 1587 denominado de *Roteiro geral com largas informações de toda a costa do Brasil* como “Lugar baixo, seco ou de pouca água, à margem de um rio ou do mar e onde se recolhem navios e embarcações pequenas” (Biderman; Murakawa, 2021). É uma espécie de ponte natural à base de areia e cascalhos que permite a mobilidade entres os espaços. Assim, conforme Houaiss (2009) é “lugar de pouco fundo junto ao litoral onde se encaixam embarcações”. No interior do Brasil a unidade léxica *varadouro* sofre algumas alterações relativamente às características do acidente hídrico que deixa o lugar levemente submerso. Souza (1939, p. 333), por exemplo, traz a dupla grafia da unidade léxica em questão, baseando-se nas informações trazidas por Antônio Lopes, afirma que *varador* nomeia, no Maranhão, o mesmo referente conhecido na Amazônia como “lugar por onde as canoas varam de um igarapé ou lago para outro igarapé muito próximo, empurradas pelo sêco a braços”. O mesmo autor traz a definição de Mário Guedes, no sentido encontrado em Mato Grosso, como “caminho aberto no seio da mata ligando com o centro e vice-versa [...] são em geral pouco largos, às vezes muito extensos, cortados por igarapés, sobre os quais se constroem pontes de paxiúba” (*apud* Souza, 1939, p. 333). Houaiss (2009) apresenta a mesma informação. Nesse sentido, *Varador/Varadouro* é um topônimo classificado como hodotopônimo, por referir-se a uma trilha cortada por pequenas correntes hídricas que dá passagem a pedestres, em sentido regional do Mato Grosso.

Outros topônimos historiados em sentido regional apresentaram uma alta frequência ao nomear acidentes físicos e humanos em municípios nas duas regiões intermediárias pesquisadas, Cáceres e Cuiabá a exemplo de *Retiro* (12), *Barreiro* (11), *Estiva/Estivadinho* (11), *Corixo/Corixa/Corixinho/Corixão* (10) *seco/seca* (7) e *piúva* (6).

Retiro, denominativo de maior frequência, especialmente, no município de Cáceres, foi o único topônimo com conotação regional encontrado em municípios de formação mais recente (1979), a exemplo de Lambari, d’Oeste, Conquista d’Oeste e Nova Lacerda. O regionalismo presente nesse topônimo encontrado em vários municípios relaciona-se ao local onde são alimentados, contados e marcados os bois e vacas e/ou moradia dos empregados encarregados de vigiar uma fazenda. Essa informação é confirmada nos mapas do IBGE (2010) onde são encontrados, de forma recorrente, locais próximos aos acidentes humanos *fazendas*, que

apresentam a palavra *retiro* na função de elemento genérico do sintagma toponímico como no exemplo de *retiro da Fazenda Sapé* em Conquista d'Oeste (RIPL-C) (IBGE, 2010).

Enquanto nove das dez ocorrências do topônimo *Corixo* e as derivações *Corixa*, *Corixinho* e *Corixão* nomearam acidentes geográficos somente nos municípios de Cáceres (RIC), Vila Bela da Santíssima Trindade (RIPL-C) e Porto Esperidião. Os dois primeiros municípios apresentaram alta frequência desse nome na função de termo genérico, pela grande quantidade de baías e lagoas existentes nessas regiões. Trata-se de denominação regional circunscrita ao pantanal de Mato Grosso para os riachos perenes que ligam as baías e lagoas Souza (1939); (Ortêncio, 1983); (Guerra; Guerra (1997). Na condição de topônimo, *Corixo* e as derivações evidenciam um processo de identificação do referente abundante no local, operando a transmigração de um nome do léxico comum para a função de nome próprio de lugar.

Vinte e três topônimos são considerados regionalismos de Mato Grosso e de pelo menos quatro outros estados: Mato Grosso do Sul (ou de todo o Centro-Oeste), Amazônia, Minas Gerais e São Paulo. Em menor ocorrência os estados do Paraná e da Bahia.

Mato Grosso e Mato Grosso do Sul fizeram parte de um mesmo território até 1977. São Paulo, por sua vez, foi o estado que abrigou os bandeirantes que iniciaram o processo de colonização do então Mato Grosso, no início do século XVIII, concretizando-o na segunda metade do século XX, em parceria com os órgãos do governo federal e estadual. Nessa ocasião, Minas Gerais e Paraná foram estados que participaram ativamente do povoamento de Mato Grosso. A toponímia preservou sentidos regionais oriundos dessas regiões, obedecendo à lógica dos mais antigos estados influírem sobre os mais novos.

4.7. Toponimização dos acidentes

Como já discutido na seção I e retomado em outros pontos desta Tese, o sintagma toponímico é composto pelo elemento genérico que se refere ao tipo de acidente (rio, córrego, furado, cachoeira, cabeceira...) e o nome próprio, o topônimo, que identifica aquele acidente geográfico em meio a outros tantos da mesma tipologia.

Por diversos mecanismos de considerável complexidade, o nome geográfico (termo genérico) pode passar a exercer a função denominativa, fenômeno conhecido por toponimização dos acidentes. A palavra hidrografia é definida como “ramo da geografia física que trata das águas correntes, paradas, oceânicas e subterrâneas” (Houaiss, 2009). Nesse

contexto, situa-se o vocábulo *hidrônimo*, termo consagrado na esfera da Onomástica, que se refere aos “nomes dos acidentes hidrográficos em geral, não importando a natureza linguística do objeto nomeado, e evidenciado pela denominação, se humano ou não humano, animado ou inanimado, nem a natureza dos campos semânticos envolvidos” (Dick, 2004, p. 126-127). Hidrotopônimo, por sua vez, no domínio dos estudos em Toponímia vinculados à Linguística, é a taxa que reúne “os acidentes geográficos em que, na denominação toponímica, o elemento hidronímico está presente, seja o termo genérico água ou as designações de cursos d’água específicos como córrego, rio, ribeirão etc.” (Dick, 2004, p. 127).

A tabela 12, na sequência, reúne todos os nomes genéricos documentados nesta pesquisa que sofreram o processo de toponimização. As linhas verdes comportam nomes que, neste estudo, só desempenharam a função toponímica. Em contrapartida, as linhas em branco registram nomes que, ora ocupam a função de elemento genérico, ora a de elemento específico (nome próprio) no sintagma toponímico.

Tabela 12: Topônimos constituídos pelo mecanismo de toponimização.

REGIÃO GEOGRÁFICA IMEDIATA DE CÁCERES		
CÁCERES		
Topônimo	Acidente	Nº
Água (Aguado, Aguazul)	córrego, lagoa, baía	04
Baiazinha	baía	01
Barra	baía, estirão,	03
Bueiro	baía	01
Bracinho	rio	01
Cabeceira	vazante	01
Cachoeirinha	córrego	01
Carreirão	volta	01
Corgão	córrego	01
Corregozinho	-	01
Corixo/Corixa	córrego, corixo, baía	04
Lagoa (Lagoau)	lagoa	02
Minador	lagoa	01
Paraguai, Paraguaizinho	rio	02
Paraíba	volta	01
Parnaíba	lagoa	01
Poço (Poção, Poços)	baía, vereda	03
Rebojo (Rebola)	baía	01
Rio	baía, barra, furado	06
Roncador	riozinho	01

Saco	baía	01
Salobro	córrego, baía	02
Salto	córrego	01
Sangradouro (Sangradourozinho)	córrego, baía, sangradourozinho	04
Seco, Seca	córrego, lagoa	02
Uberaba	lagoa	01
CURVELÂNDIA		
Seco	córrego	01
Veredinha	córrego	01
LAMBARI D'OESTE		
Corgão	córrego	01
Rio	furado	01
RIO BRANCO		
Bracinho (I, II)	córrego, rio	03
Corgão	córrego	01
SALTO DO CÉU		
Bracinho I	córrego	01
Rio	cabeceira	01
Salto	cachoeira	01
REGIÃO GEOGRÁFICA IMEDIATA DE MIRASSOL D'OESTE		
ARAPUTANGA		
Cachoeirinha	córrego	01
Lagoinha	córrego	01
Rio	cabeceira	01
FIGUEIRÓPOLIS D'OESTE		
Água	córrego	01
Córrego	córrego	01
Lagoinha	lagoa	01
GLÓRIA D'OESTE		
Seco	córrego	01

INDIAVAÍ		
Água	córrego	02
Corgão	córrego	01
Salto	cachoeira	02
JURU		
Água	córrego	02
Córrego	cabeceira	01
MIRASSOL D'OESTE		
Parnaíba	rio	01
Taquira/Taquiri	lagoa	01
PORTO ESPERIDIÃO		
Água	córrego	02
Aguaçu, (Aguaçuzinho Aguapei)	lagoa, córrego, rio, salto	04
Corixinho	córrego, vazante	02
Poças	córrego	01
Lagoinha	lagoa	01
Ribeirão	córrego	01
Rego	córrego	01
Salobra	córrego	01
Seco	córrego	02
Vereda	córrego	01
RESERVA DO CABAÇAL		
Bracinho (I, II)	córrego, rio	03
Guanabara	barra, córrego	02
Corgão	córrego	01
Córrego	córrego	01
Rio	cabeceira	01
SÃO JOSÉ DOS QUATRO MARCOS		
Água	córrego	01
Cachoeirinha	córrego	01
REGIÃO GEOGRÁFICA IMEDIATA DE PONTES E LACERDA –COMODORO		
CAMPOS DE JÚLIO		
Juína	rio	01

Juruena	rio	01
COMODORO		
Água	córrego	01
Corgão	córrego	01
Guaporé	rio	01
Juína (Juinha)	rio	02
Rio	baía	01
CONQUISTA D'OESTE		
Água	córrego	01
Juína	rio	01
Juruena	rio	01
Banhado	córrego	01
NOVA LACERDA		
Água	córrego	01
Banhado	córrego	01
Rio	cabeceira, furado	02
Juína	rio	01
Juruena	rio	01
PONTES E LACERDA		
Água	córrego	01
Córrego	córrego	01
Guaporé	corixo, rio	02
Juruena	rio	01
Seco	córrego	01
Uruguaito	baía	01
VALE DE SÃO DOMINGOS		
Corgão	córrego	01
Guaporé (Guaporezinho)	rio, córrego	02
Lagoinha	córrego	01
VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE		
Água	córrego	02
Cabeceira	córrego	01
Capivari	rio	01
Corixão	corixo	01
Guaporé	rio	01
Rio	furado	01

Roncador	baía	01
REGIÃO GEOGRÁFICA INTERMEDIÁRIA DE CUIABÁ		
DIAMANTINO		
Água	córrego, ribeirão	03
Cabeceira	córrego	03
Cheia	lagoa	01
Correnteza	córrego	01
Fervedor	córrego	01
Lagoa (Lagoinha)	córrego	02
Paraguaizinho	rio	01
Ribeirão	córrego	02
Rio	ribeirão	01
Salto (Saltinho)	córrego	02
Sumidouro	ribeirão	01
NOBRES		
Água	córrego	02
Barra (Barrinha)	córrego	02
Cabeceira	córrego	02
Cachoeira	córrego	01
Bebedouro	Córrego	01
Berro	Córrego	01
Fervedor	Córrego	01
Olho d'Água	córrego	01
Quebó (Quebozinho)	Cabeceira, córrego, rio, ribeirão	07
Salobro (Salobrinho)	córrego, ribeirão	03
DENISE		
Água	córrego	01
Bracinho	rio	01
Lagoinha	córrego	01
Paraguai	rio	01
Seco	córrego	01
NOVA OLÍMPIA		
Água	córrego	02
Astinga - Restinga	córrego	01
Bracinho	rio	01
Escondido	córrego	01
Mina	córrego	01

Riozinho	córrego, riozinho	02
PORTO ESTRELA		
Baiazinha	baía	01
Cachoeirinha	córrego	01
Corregozinho	-	01
Estirão	baía	01
Minador	córrego	01
Ressaca	baía	01
Paraguai	rio	01
Ribeirão	córrego	01
Rio	baía	01
Salobro (Salobrinha)	córrego, ribeirão	04
TANGARÁ DA SERRA		
Água	ribeirão, rio	02
Cabeceira	córrego	01
/Alhaco-cê/Janequê-Suê/Timalatiá-se	córrego	03
Escondido	córrego	01
Juruena	rio	01
Lagoa (Lagoinha)	córrego	02
Paraguai	rio	01
Rio	barra, cabeceira	03
Salto	córrego, cachoeira	02
Seco	córrego	01
Timalatiá-Sé	córrego	01

Fonte: elaborado pela autora.

Há termos genéricos toponimizados em quase todos os municípios que compõem o universo da pesquisa, como, *Água*, *Rio*, *Córrego* (*Corgão*, *Corregozinho*), *Cabeceira*, *Cachoeira* (*Cachoeirinha*), *Salto* etc., e nomes que, por serem menos usuais, a percepção de que se trata de elementos genéricos toponimizados não é tão evidente como se observa nos topônimos *Bracinho* e *Seco/Seca*, por exemplo.

A tabela 13, abaixo, apresenta os valores absolutos dos hidrotopônimos por região imediata e os valores absolutos e percentuais dos hidrotopônimos que nomearam o elemento água ou o próprio acidente hidrográfico.

Tabela 13: Distribuição dos nomes toponimizados por região imediata.

Região Geográfica	Hidrotopônimos do <i>corpus</i>	Hidrotopônimos de acidentes físicos	Nomes toponimizados	%
-------------------	---------------------------------	-------------------------------------	---------------------	---

Cáceres	94	79	59	74,68%
Mirassol d'Oeste	62	43	43	100%
Pontes e Lacerda – Comodoro	50	43	37	86,04
Cuiabá	92	87	83	95,40%
Total	298	252	222	88,09%

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme a motivação para o surgimento dos hidrotopônimos na nomeação das correntes hídricas foi possível separá-los em seis grupos:

- I. A própria água enquanto substância: *Água (Aguado, Aguazul, Aguaçu, Aguaçuzinho), Quebó...*;
- II. O acidente: os topônimos originados a partir de denominações de uma variedade de acidentes hídricos, tanto em língua indígena quanto em português: *Barra, Bueiro, Cabeceira, Cachoeira, Córrego, Corixo, Lagoa, Poço, Rio, Saco, Sangradouro, Vereda, Ribeirão, Sumidouro, Olho d'Água, Mina, Estirão, Minador, Juruena, Juína, Paraguai, paraguaizinho, Aguapei, Uruguaito, Timalatiá-sé...*;
- III. Parte do acidente: *Bracinho, Seco/Seca*;
- IV. Movimento da água: *Rebojo (Rebola, Rebolho), Fervedor (Fervedouro) e Salto*;
- V. Som da água: *Roncador, Berro*;
- VI. Sabor da água: *Salobro, Salobrinho*.

A unidade lexical genérica *água*, com exceção de *Água Branca* e *Água Verde*, nomes de ribeirões em Diamantino e *Água Limpa*, nome de rio em Tangará da Serra (RICB), em todas as demais ocorrências, esteve presente na nomeação de córregos. A formação sintagmática apresentada foi composta a partir do substantivo *água* + adjetivo caracterizador do aspecto da água no que se refere à temperatura (*Água Fria*); cor (*Água Amarela, Branca...*); volume (*Água Grande*) etc.

Rio foi produtivo na nomeação de baía, barra, cabeceira e furado, acidentes hídricos que podem ser entendidos como porções ou estágios do próprio rio cujo nome integra o sintagma toponímico, como ocorre em *barra do Rio Jauru* em Tangará da Serra, município cortado pelo rio Jauru. Em grande parte das ocorrências do topônimo *Rio* em processos de toponimização, houve registro de um rio no mesmo município ou nas proximidades, de mesmo nome do segundo elemento do sintagma toponímico.

Bracinho, nomeando rios e córregos, é um nome geográfico elevado à categoria de nome próprio, na qual o acidente hídrico é identificado de forma metonímica por uma parte, porção, um ponto do seu todo no sentido de “ramificação lateral de um rio; esteiro” (Houaiss, 2009). Denomina uma corrente hídrica afluente do rio dos Bugres, em sua margem direita, tributário do rio Paraguai, que corta os municípios de Rio Branco, Nova Olímpia e Denise.

Seco/Seca, por sua vez, é regionalismo do vale do Tocantins como nomeação de “trecho do leito de um rio onde baixios de areia dificultam a navegação no tempo de verão (Souza, 1939, p. 293). A mesma acepção é trazida por Ortêncio (1983, p. 404) ao definir seco/seca como um ponto do leito do rio em que há pouca água, na região Centro-Oeste.

Em menor quantidade os nomes geográficos que passaram a ocupar a função de nome próprio do acidente foram os que nomeiam o movimento que a água faz ao encontrar algum obstáculo em seu curso, o barulho e o sabor da água representados nos topônimos *Rebojo* (*Rebolho/Rebola*), *Roncador*, *Berro* e *Salobre/a/o* respectivamente.

Os topônimos de línguas indígenas a exemplo de *Uruguai*, *Quebó*, *Juína*, *Guaporé* etc. trazem o nome genérico rio e/ou água e córrego de forma fossilizada (Caldas, 1899); (Cardoso, 1961); (Drumond, 1965); (Sampaio, 1987).

Dos 298 topônimos inclusos na taxa dos hidrotopônimos, 252 nomearam acidentes físicos, dois quais 222 (88, 09%) são nomes genéricos topominizados, confirmando integralmente uma de nossas hipóteses no que tange a valorização desse processo de nomeação em acidentes hidrográficos.

A região imediata de Mirassol d’Oeste foi a que mais utilizou dessa dinâmica denominativa, uma vez que dos 43 nomes da taxa dos hidrotopônimos na nomeação dos acidentes físicos, 43 são nomes que identificam ou o elemento água e suas diversas características ou os diferentes acidentes hídricos.

A nomeação pelo processo de toponimização revela objetividade por parte do denominador ao focalizar os aspectos do acidente em si, sem descortinar o entorno do ponto de vista físico e cultural, incluindo a si mesmo, de maneira direta. Assim, a toponimização foge

do viés ideológico embutido em outros denominativos, bem como, da condição ou estado de quem quer marcar território pelo atributo de um nome.

Backheuser (1952) justificou essa escolha denominativa, não somente em relação à hidrografia, o fato de haver um único acidente geográfico dessa categoria na localidade, em muitos casos, realidade que não reflete a hidrografia de Mato Grosso. Talvez, possamos considerar que mesmo havendo uma densa corrente hídrica nos municípios de Mato Grosso, o denominador tem uma visão circunscrita a um pequeno domínio geográfico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta Tese teve como objetivo geral estudar a toponímia dos acidentes físicos (rios, cachoeiras, córregos, corixos, furados, serras, morros, ilhas etc.) e os acidentes humanos (povoados, glebas, assentamentos, colônias, distritos, dentre outros) de 27 municípios de Mato Grosso, em uma interface entre o léxico toponímico, a história e cultura da região investigada.

Em termos específicos, o estudo procurou atender aos objetivos de: i) investigar os topônimos que integram a área da pesquisa com foco na motivação semântica, na língua de origem e na estrutura morfológica; ii) analisar a representatividade das línguas faladas pelos povos originários na toponímia; iii) descrever particularidades da toponímia examinada quanta à distribuição diatópica e iv) avaliar em que medida nomes genéricos são projetados na toponímia por meio do processo de toponimização dos acidentes geográficos.

Ao término deste estudo, não são apresentadas conclusões definitivas, mas salientam-se os fatos identificados nos dados analisados que correlacionam a toponímia às variadas motivações de natureza semânticas, de forma a evidenciar, assim, os aspectos extra signo, bem como, informações de ordem linguística oriundas das diversas línguas que estão na base dos topônimos.

Na seção II destacou-se que o povoamento do território mato-grossense foi impulsionado a partir de duas fases com motivações distintas: a primeira de caráter pré-capitalista, no período colonial (século VIII), com uma economia ancorada na extração de minérios (pedras preciosas como ouro, diamantes...), posteriormente, passando ao extrativismo vegetal (a erva-mate, a poaia, a borracha, entre outros). A segunda, caracterizada por um processo bem recente de ocupação emanado de uma vontade política e concretizado nos vários projetos de colonização promovidos pela parceria entre o poder público e empresas privadas.

As características da geografia (relevo, clima, hidrografia), compreendidas em um período histórico em que o Brasil estava sob a administração da Coroa portuguesa, forjaram as formas de constituição dos aglomerados humanos revelados em termos genéricos para nomear entidades geográficas como *vila* e *quilombo*. A partir do processo de povoamento mais recente, surgiram termos como *povoado*, *comunidade* e *núcleo* para nomear, de forma genérica, aglomerados urbanos que expressam a maneira como os colonizadores se aglutinaram em torno de atividades comuns como a extração da poaia, da erva-mate e da borracha, bem como, do desenvolvimento da agricultura e pecuária, além da exploração do ouro, da prata e do diamante em vários momentos de colonização dos municípios. Em outros casos, os termos genéricos do

sintagma toponímico se relacionam a tipos de atividades agrícolas a exemplo de *agrovila*, *assentamento*, *colônia* e *gleba*.

Vila, com nove ocorrências na identificação genérica de aglomerados urbanos, constitui-se como uma herança portuguesa em terras brasileiras, pois denomina a segunda forma de organização dos povoados urbanos, no Brasil, antecedente da divisão política que caracteriza o município. Já o termo genérico *quilombo*, identificado no município de Vila Bela da Santíssima Trindade, atesta a presença africana nas regiões de Minas no processo de formação do estado de Mato Grosso.

Na maioria dos casos, os termos genéricos tendem a ser substituídos por outros, à medida que a região se desenvolve e adquire novo administrativo decorrente do desenvolvimento socioeconômico da localidade, como ocorre, por exemplo, com *povoado* passando a *distrito* e este a *município*. *Vila*, por seu turno, é um elemento genérico que tende a assumir a função de nome próprio do lugar na acepção de povoação de dimensões medianas, a exemplo do ocorrido com o topônimo *Vila Bela da Santíssima Trindade*.

As interações entre o relevo e a hidrografia, em qualquer região, influenciam nas formações das águas de superfícies e, a partir das características desses elementos geográficos, a população local emprega e solidifica o nome geográfico genérico que melhor os identifica naquele ambiente. Nesse contexto, em terrenos planos e/ou pantanosos surgem as *lagoas*, os *lagos*, as *baías*, os *corixos* etc. e em superfícies de planaltos, chapadas e serras, os cursos d'água forjam a presença de *cachoeiras*, *corredeiras*, *cascatas*, *saltos*, *quedas* etc., características topográficas muito peculiares, especialmente, na Região Imediata de Cáceres. Essas condições do relevo são fatores geográficos que concorrem para justificar a presença de 31 categorias de acidentes físicos no *corpus* investigado, no domínio desta Tese (*baía*, *barra*, *cabeceira*, *cachoeira*, *cascata*, *chapada*, *chapadão*, *corixo*, *córrego*, *corregozinho*, *estirão*, *furado*, *igarapé*, *ilha*, *lagoa*, *lago*, *morro*, *pantanal*, *praia*, *riacho*, *ribeirão*, *rio riozinho*, *salto*, *sangradouro*, *sangradourozinho*, *serra*, *serrinha*, *vazante vereda e volta*). Contudo, *córrego* é o termo mais frequente na região pesquisada, com 708 ocorrências para nomear correntes hídricas em sentido genérico.

A etimologia da unidade lexical *córrego* é *corrigus*, referindo-se a *rego* ou *vala* onde são lavados os metais, conforme discutido na seção II deste trabalho. A frequência desse genérico, em Mato Grosso, pode estar relacionada ao vocabulário dos colonizadores, já que se trata de um termo usado em praticamente todo o Brasil.

Para além do domínio geográfico de Mato Grosso, a preferência por esse genérico, em terras brasileiras, pode estar ligada à exploração dos metais preciosos, considerando a etimologia da palavra e as motivações que desencadearam a colonização do Brasil, uma vez que, em Portugal, os termos genéricos mais frequentes são *ribeira/ribeiro*. Todavia, é necessário um estudo específico para comprovar o amplo uso dessa unidade léxica nessas paragens, orientado por essa linha de raciocínio.

Grande parte dos nomes genéricos geográficos mencionados projetou-se sobre a toponímia, passando a exercer a função de nome próprio. O termo genérico *igarapé* foi o único registro em língua indígena que não sofreu a opacidade de seus componentes, aglutinando-se no elemento específico do sintagma toponímico, como ocorreu em outros casos.

Dos 2.012 topônimos analisados, 441 nomeiam acidentes humanos e 1.571 acidentes físicos. Na distribuição percentual dos nomes dos acidentes físicos e humanos pertencentes aos 27 municípios selecionados para esta pesquisa, os hidrotopônimos foram os mais numerosos (14,81%), no quadro geral, dos denominativos, seguidos pelos fitotopônimos (14,51%), zootopônimos (13,46%), geomorfotopônimos (7,85%) e hiero/hagio/mitotopônimos (6,60%).

Cáceres foi a Região Imediata com maior número de topônimos (693 – 34,43%) no *corpus* investigado, especialmente, o município de Cáceres, o que contribuiu para o panorama geral em termos de motivação toponímica, apresentando o mesmo resultado relativamente às quatro taxonomias mais produtivas.

Na categoria dos fitotopônimos, o nome de maior frequência foi *Buriti*, espécie de palmeira encontrada de forma agrupada em regiões do pantanal, do cerrado e da Amazônia. As unidades lexicais *Mata/Mato* e *Caeté* (Mata/Folha Verdadeira), com muitas ocorrências, sinalizam uma percepção panorâmica da flora local, por parte do denominador, sem considerar nuances como utilidades, formas, cores e tamanhos das espécies encontradas. O fitotopônimo *Mato*, denominativo do estado (*Mato Grosso*), por exemplo, solidificou a percepção dos bandeirantes paulistas em termos de desconhecimento da flora local.

Nota-se, no *corpus* analisado, que, embora as espécies de Ipê sejam abundantes na flora mato-grossense, apenas a forma *Piúva*, de origem indígena (tupi), figura na nomeação de acidentes geográficos. Nesse contexto, aventa-se a hipótese de que o mecanismo de motivação toponímica, na região pesquisada, assenta-se menos em espécies ornamentais (sem tanta utilidade aos olhos do denominador) e mais na apreensão de espécies de comprovada utilidade (*Jatobá, Sapé, Mamão, Cedro, Arrozinho...*) e/ou de espécies cultivadas de forma aglomerada, coletiva (*Coqueiral, Arrozal, Melancial, Angical, Bacurizal, Bananal...*), tendo em mente que

os Ipês são espécies de rara beleza, encontrados em quatro cores (branco, amarelo, rosa e roxo) e *Piúva*, perpetuada pelo vocabulário onomástico, refere-se especificamente ao Ipê Roxo.

Os denominativos inclusos na taxa dos fitotopônimos apresentam evidências geográficas claras em relação à fitotoponímia da área nomeada.

Na soma total dos dados analisados os zootopônimos figuram em terceiro lugar (13,46%), todavia na Região Intermediária de Pontes e Lacerda - Comodoro, os zootopônimos lideram a denominação de lugares, com expressiva frequência de topônimos motivados por uma variedade de animal pertencente ao grupo dos que fornecem nutrientes ao homem (*Queixada, Lambari, Anta Dourado, Pacu, Tucunaré, Jauru, Pássaros, Cervo, Arapongas, Garça*, entre outros). Os topônimos mais produtivos nessa categoria foram motivados pela presença de animais de grande porte, a exemplo de *Onça, Boi, Anta, Bezerro*, frequentes na fauna da região Centro-Oeste. Alguns animais evocam outros tipos de relações com o homem, a exemplo de *Barata, Morcego, Borboleta, Formiga, Gafanhoto, Macaco, Jiboia, Sucuri* etc.

Figurando na taxa dos hidrotopônimos, os nomes mais frequentes no *corpus*, por ordem crescente, foram: *Água, Rio* e *Córrego*, termos genéricos oriundos da língua portuguesa, amplamente encontrados no panorama geral da toponímia brasileira, enquanto os de língua tupi, guarani e bororo (*Quebó, Aguapei, Guaporé, Juína* e *Juruena*) são mais restritos a Mato Grosso.

Corgão, forma sincopada de *córrego* + morfema indicador de dimensão, foi mais recorrente que a forma original *córrego*, na nomeação de acidentes tanto físicos quanto humanos.

Os geomorfotopônimos ocuparam o segundo lugar na nomeação dos acidentes humanos (12,24%) e o quarto lugar (7,85%) na soma total dos topônimos da área investigada, com destaque para nomes que identificam características do relevo de Mato Grosso (*Pantanal, Campo, Bocaina* e *Várzea*) em sintagmas toponímicos simples, compostos e derivados (*Pantanoso, Pantanalzinho, Bocainão, Várzea Funda, Pantanal Deus- Me Livre*). O geomorfotopônimo *Pantanal*, de maior índice de ocorrência na identificação de localidades (2,73%) no *corpus*, em sentido restrito, expressa as características de solo inundável, de regiões pantanosas e, em sentido amplo, liga-se à zona geofísica que constitui um dos maiores ecossistemas do Brasil, o Pantanal, bioma localizado em Mato Grosso e em Mato Grosso do Sul.

Em relação à taxa dos litotopônimos, os nomes de lugares estão ligados a traços das condições e características do solo, de índole física, ambiental, como, em *Barro, Pedra, Areia* e

Brejo. Diamantino (nome de município da região Intermediária de Cuiabá) é um topônimo que traduz as motivações das primeiras incursões luso-paulistanas em Mato Grosso. Na categoria dos metais de menor valor, os dados mostram, ainda, a existência do povoado da *Pratinha* (município de Rio Branco) e do córrego da *Prata* (município de Indiavaí). O ouro e o diamante fomentaram a movimentação humana, em grande parte dos municípios cuja toponímia integra o *corpus* desta pesquisa, ensejando a ocupação dessas regiões. Nesse contexto, é curioso que esses metais tenham tão baixa ou nenhuma ocorrência na nomeação toponímica dos acidentes físicos e humanos dessas localidades. Contudo, não seria razoável que desbravadores tenazes e dependentes dessa base econômica (ouro e diamante) pudessem expor as regiões de minas a outros mineradores, pelo atributo de um nome que traduza as riquezas nelas contidas ou alusivo a elas. Na região de Diamantino, foram criados vários destacamentos para coibir a retirada clandestina de diamantes, após a notícia sobre o garimpo se espalhar.

Realizadas as considerações sobre a toponímia de natureza física, é relevante focalizar os resultados acerca da toponímia de cunho antropocultural.

No contexto das categorias de natureza antropocultural, destacam-se cinco delas: *antropotopônimos*, *ergotopônimos*, *hagio/hiero/mitotopônimos*, *animotopônimos* e *sociotopônimos*.

Relativamente aos *antropotopônimos*, a taxa mais produtiva na macrotoponímia dos 27 municípios e no panorama geral da pesquisa, ocupa a sexta posição, resultado que parece referendar uma tendência disseminada entre as populações que ocupam os diferentes espaços geográficos.

As características dos antropotopônimos recobrem tanto o conjunto antropônimo completo, isto é, prenome + nome (*Jaime Pedrosa, José Bueno, Florestan Fernandes, Joaquim Aderaldo de Sousa...*), como os prenomes (*Marcela, Bernardo, Esperídio, Gomercindo, Mariano, Miguel, Moisés...*), apelidos de família, ou seja, o sobrenome (*Cáceres, Vigilato, Masutti, Pires, Montechi, Casalvasco, Clemente*), prenome + alcunha (*Aparecida Bela, Antônio Conselheiro, João Crioulo, Mário Peludo...*) e hipocorístico (*Cecilinho, Chico Branco, Chico, Marquinho, Ritinha, Totó, Mandoca, Nego*). Trazem ainda formações com *-polis* e *-lândia* muito produtivas na toponímia brasileira (*Farinópolis, Figueirópolis, Clarinópolis, Adrianópolis, Monterlândia...*).

Os antropotopônimos femininos são formados, preferencialmente, pelo prenome, o que concorre para que essa nomeação se torne cada vez mais anônima (*Josefa, Marcela, Maria, Margarida etc.*).

Avulta-se, entre os antropotopônimos analisados, a homenagem a *Ricardo Franco*, engenheiro e militar português que, entre os séculos VIII e XIX realizou o levantamento das fronteiras do Brasil.

Os topônimos *Piolho/Piolhinho*, por sua vez, prestam homenagem a José Piolho, líder de quilombo (quilombo do Piolho ou Quariterê), o maior de Mato Grosso, na atual fronteira entre Mato Grosso e Bolívia, no século XVIII. O mecanismo de lisonja manteve-se em justo equilíbrio, permitindo que os nomes dessas personalidades fossem eternizados na nomeação de alguns acidentes geográficos, em reverência a feitos relevantes realizados por elas no contexto social.

Já na categoria dos hagiotopônimos, bastante expressiva no conjunto dos nomes em análise (4,98%), sobressaem-se os nomes de santos masculinos na constituição da maioria dos topônimos inclusos nessa taxa, dentre eles destaca-se São José, que denomina acidentes físicos, mas, principalmente, humanos.

Do hagiolégio feminino, *Santa Rita* foi o mais expressivo (6,93%), nomeando rio, córrego, serra, pantanal, povoado em três diferentes regiões, seguida por *Santa Helena*, na denominação de povoados. A toponímia religiosa (hagio/hiero) está, em grande parte, concentrada em municípios criados no período colonial (Vila Bela da Santíssima Trindade e Cáceres) e nos municípios desmembrados a partir deles (Pontes e Lacerda e Porto Esperidião).

Dos municípios colonizados a partir da década de 1970, alguns não apresentaram topônimos de índole religiosa, outros apresentaram mitotopônimos, como, nos exemplos dos topônimos *Iara*, no município de Jauru; *Pé de Garrafa* em Reserva do cabaçal e *Lobisomem* em Denise.

As condicionantes culturais e religiosas são determinantes para que hagiotopônimos e mitotopônimos não sejam produtivos em uma mesma localidade, embora *Tupã* e *Tamandaré* sejam mitotopônimos e foram identificados, o primeiro, em Nova Lacerda e o segundo, em Vila Bela da Santíssima Trindade, municípios com grande concentração de hagiotopônimos no universo desta pesquisa. Todavia, são mitotopônimos que nomeiam personalidade e acontecimento bíblicos no imaginário dos povos indígenas.

Na taxa dos ergotopônimos enfatizam-se os topônimos *Pilão*, termo que no léxico comum nomeia um tipo de ferramenta usada para triturar os grãos utilizados na alimentação humana e *Monjolo/Monjolinho*, unidades lexicais que nomeiam engenhos considerados rudimentares no pós-revolução industrial, mas que substituíram o pilão no processamento de grãos usados para a alimentação, tendo como força motora a água.

Vaivém e *Galera* reportam-se a criações humanas antigas para uso em contexto de guerras, conservadas pela toponímia. Já *Planchão/Planchãozinho* são topônimos que valorizam regionalismos de Mato Grosso na acepção de pranchas (embarcação com cobertura de madeira) utilizadas na navegação em alguns rios da bacia do Paraguai. De maneira geral, os ergotopônimos recuperam nomes de tecnologias importantes em um Brasil essencialmente rural, a exemplo do que ocorre com os topônimos *Canga, Machado, Chafariz, Cancela, Couro, Chapéu, Curralzinho* etc.

Já no que diz respeito à taxa dos animotopônimos, os topônimos mais frequentes foram *Alegre/Alegria, bom/boa, formoso/formosa* que figuram na nomeação de acidentes físicos e humanos, com destaque para os eufóricos, nomes que evocam uma impressão agradável, positiva em relação à localidade nomeada.

Porto, por sua vez, é o topônimo mais frequente na taxonomia dos sociotopônimos. De caráter descritivo, a unidade lexical *porto* remete a pontos de acesso ao estado de Mato Grosso pelo rio Paraguai, Araguaia, Guaporé e Paraná, especialmente, na fase do Brasil Colonial.

Relativamente à estrutura dos topônimos, a pesquisa demonstrou a predominância de estrutura simples na nomeação de acidentes físicos, seguida por nomes de estrutura composta predominantes nos acidentes humanos.

A língua portuguesa está na base de 1.522 (75,64%) topônimos, seguida pela língua tupi – 357 (17,740%). Na soma total são 409 (20,17%) nomes formados por, pelo menos, um formante de base indígena. Assim, além da língua tupi, o estudo demonstrou a contribuição das línguas aruaque, bororo e guarani na toponímia mato-grossense, a despeito de somente as etnias indígenas falantes de aruaque e bororo contemporaneamente ainda habitarem a região pesquisada.

É importante considerar que um dos objetivos desta pesquisa foi analisar a toponimização dos nomes de acidentes na toponímia investigada. Nesse particular, os dados demonstraram a existência de 222 (11,03%) topônimos que apresentam esse processo de formação.

Em se tratando da influência do léxico regional na nomeação do espaço investigado, os 29 (1,44%) topônimos que trazem sentidos regionais, 17 (0,84%) compartilham os mesmos traços semânticos com, pelo menos, quatro estados brasileiros que influíram no processo de constituição dos municípios.

Retiro, por exemplo, apresenta, além de uma acepção geral, sentidos restritos a Mato Grosso e Mato Grosso do Sul: nome atribuído ao local onde as reses são reunidas para

contagem, marcação e para alimentação com sal. Além disso, evoca um sentido encontrado em Mato Grosso e em Minas Gerais: casa localizada no território das fazendas que serve de moradia para os trabalhadores que vigiam a propriedade. Já *Quitanda* e *Bolicho*, de ocorrências únicas, também reportam a aspectos tradicionais rurais de Mato Grosso, mas visivelmente em desuso.

Em síntese, os dados da pesquisa demonstraram que topônimos formados por unidades lexicais de cunho regional são raros (1,44%), contudo, se considerarmos a frequência de alguns topônimos em todas as regiões, chega-se a um percentual de 5, 21%. Esse contexto corrobora parcialmente uma das hipóteses de que o léxico regional é valorizado na toponímia da região.

A motivação toponímica observada na soma total dos topônimos investigados gravita em torno da natureza com sua variedade de plantas (fitotopônimos), animais (zootopônimos), riquezas hídricas (hidrotopônimos) e formas do relevo (geomorfotopônimos), ao mesmo tempo em que os topônimos remetem para a forte presença do homem, apossando-se do lugar e constituindo os entes culturais (antropotopônimos, hiero/hagiotopônimos, animotopônimos, ergotopônimos, sociotopônimos).

Concluindo, tem-se a expectativa de que o *corpus* constituído para esta pesquisa e os resultados aqui apresentados possam somar aos estudos da toponímia mato-grossense já realizados e, em especial, os dados toponímicos analisados no universo desta Tese possam integrar o banco de dados do futuro projeto do *Atlas Toponímico de Mato Grosso* e motivar novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. IN: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v.1, 6ed. São Paulo: Cortez, 2006. p.21-47.

ALTMAN, Cristina. **História, estórias e historiografia da linguística brasileira**. Todas as letras, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 14-37, 2012.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. **Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira**. São Paulo: Blucher, 2020.

ANDRADE, Karylleila Santos. **Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins** – Projeto ATITO. 2006. 187. f Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. **Gramática de Port-Royal**. Tradução de Bruno Fregni Bassetto e Henrique Graciano Murachco. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Original francês: *Grammaire générale et raisonnée.*).

AULETE, Caldas. Aulete digital. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Lexikon: 2008. Disponível em: <http://aulete.com.br> – Acesso em 21 de julho de 2022.

AYROSA, Plínio Marques da Silva. **Estudos tupinológicos**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1967.

AZEVEDO, Aroldo de. **Vilas e Cidades do Brasil Colonial: ensaio de geografia urbana retrospectiva**. São Paulo: USP- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1956. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/113>. Acesso em: 5 jan. 2024.

AZEVEDO, Rodrigo Antônio Molina. **Mapa dos municípios de Mato Grosso (MT)**. 1:6.357.802. 2022.

_____. **Mapa dos Territórios Indígenas das Regiões Geográficas Imediatas de Cuiabá, Mirassol d'Oeste, Pontes e Lacerda - Comodoro e Tangará da Serra**. Escala 1:3080,123, 2023.

BACKHEUSER, E. Toponímia. Suas regras, sua evolução. **Revista Geográfica**, Rio de Janeiro, v. 9/10, n. 25, p. 163-195, 1952.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Território negro em espaço de branco: estudo antropológico de Vila Bela**. Editora Brasiliense/CNPq, 1988.

BARROS, João de. **Grammatica da lingua portuguesa**. Olyssipone: *apud* Lodou icum Rotorigiu[m], Typographum, 1540. Disponível em: <http://purl.pt/12148>. Acesso em: maio de 2023.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade**. São Paulo: Global, 1981.

BARROZO, João Carlos. A colonização em Mato Grosso como “portão de escape” para a crise agrária no Rio Grande do Sul. **CLIO – Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, v. n. 32.2, p. 144-146, 2014.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 38. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 3. ed. Campinas: Fontes, 1991.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: **Estudos de Filologia e Linguística**, São Paulo: EDUSP, 1981, p. 131-145.

_____. Dimensões da palavra. **Filologia e Linguística**. Portuguesa, Araraquara, v. 2, n. 2, p. 81-118, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59660>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. Introdução: as ciências do léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (org.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 13-22.

_____; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. (org.). **Dicionário Histórico do Português do Brasil: séculos XVI, XVII e XVIII**. Araraquara: FCL – UNESP, 2021. Disponível em: <http://dicionarios.fclar.unesp.br>. Acesso em: 10 dez. 2023.

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário tupi-guarani-português**. 5ª ed. rev. e aum. São Paulo: Brasiliavros, 1981.

CALDAS, José Augusto. **Vocabulário da língua indígena dos Bororos Coroados**. Equipe de Mato-Grosso. Cuyabá, 1899.

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CAMARGO, Lígia (Org.). **Atlas de Mato Grosso: Abordagem socioeconômica-ecológica**. Cuiabá: Entrelinhas, 2011.

CAMPOS, Márcia; PEREIRA, Sonia Maria Couto. Os indígenas do antigo sul de Mato Grosso segundo os viajantes do século XIX. In CHAMORRO, Graciela; COMBÈS Isabelle (Org.). **Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais**. Dourados: Editora UFGD, 2015, p. 535-552.

CARDOSO, Armando Levy. **Toponímia brasílica**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Aplicações da teoria dos signos na onomástica. **Revista Língua e Literatura**. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH, USP. São Paulo, v. 27, p. 301-311, 2001.

_____. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). **Revista USP**, São Paulo, n.56, p. 172-179, dezembro/fevereiro 2002-2003.

_____. Variantes lexicais na toponímia portuguesa: os elementos genéricos (entidades geográficas) denominados. Estudo de caso: diferenças terminológicas entre português do Brasil e português europeu. In **Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**. Rio de Janeiro: cadernos do CNLF, 194 VOL. XI, N° 11. p. 177-193, 2008.

CARVALHO, Maria Aparecida de. **Toponímia da Mesorregião Centro-Sul mato-grossense - contribuições para o atlas toponímico do estado de Mato Grosso**. 2005. 475 f. Dissertação

(Mestrado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

_____. **Contribuições para o Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso** - Mesorregião Sudeste Mato-Grossense. 2010. 540 f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton & Co, 1957.

CLEMENTI, Soeli Bento; ISQUERDO, Aparecida Negri. A toponímia oficial e paralela na nomeação de praças de Cuiabá/MT. **Signótica**, Goiânia, v. 35, p. e74029, 2023. DOI: 10.5216/sig.v35.74029. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/74029>. Acesso em: 6 set. 2024

_____; Isquerdo, Aparecida Negri. A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso: The hydrography of Nobres: interfaces between lexicon and environment in the toponymy of Mato Grosso. **WEB REVISTA SOCIODIALETO**, 14(42), 1–23. 2024. <https://doi.org/10.61389/sociodialeto.v14i42.8193>

COSTA FILHO, Aderval. As comunidades dos quilombos, direitos territoriais, desafios situacionais e o ofício do(a) antropólogo(a). **Novos debates**. Brasília. v. 2. n 2. P 126-140, jun. 2016.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. São Paulo: Companhia melhoramentos de São Paulo, 1982.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. **Entre Buritis e Veredas**: o desvendar da toponímia do Bolsão Sul-mato-grossense. 2003. 264 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2003.

DAUZAT, Albert. *La Toponymie Française*. Paris: Payot, 1939.

_____. **Les noms de lieux**: origine et évolution, villes et villages, pays, cours d'eau, montagnes, lieux-dits. Paris: Librairie Delagrave, 1926.

DI TULLIO, Ángela. **Manual de gramática del español**. Buenos Aires: La isla de la Luna, 2005.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica**: princípios teóricos e modelos taxonômicos. 1980. 351 f. Tese (Doutorado em Linguística e Línguas Orientais-Línguas Indígenas do Brasil) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

_____. Origens históricas da toponímia brasileira: os nomes transplantados. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 24, p. 75-96, 1982. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i24p75-96>. Acesso em 21 out. 2023.

_____. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

_____. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/ FLCH/USP, 1992.

_____. Atlas toponímico: um estudo dialetológico. **Revista Filologia**. Rio de Janeiro, v. 10, p. 1-9, 1996.

_____. **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo, 1954-1897**. São Paulo: Annablume, 1997.

_____. Os nomes como marcadores ideológicos. **Acta Semiótica et Lingvistica**. SBPL, São Paulo, v. 7, p. 97-122, 1998.

_____. Métodos e questões terminológicas na Onomástica. Estudo de caso: o Atlas Toponímico do estado de São Paulo. **Revista Investigações - Linguística e Teoria Literária**, Recife/UFPE, v. 9, 1999, p. 119- 148.

_____. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. (Orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004, p. 121-130.

_____. Fundamentos teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o projeto ATEMIG – Atlas toponímico do estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de Seabra de (Org.) **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 91-117.

_____. A terminologia nas ciências onomásticas. Estudo de caso: o projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo). In ALVES, Ieda Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2007, p. 459-470.

_____. Atlas toponímico do Brasil: teoria e prática II. Revista **Trama**, v. 3, n. 5, p. 141-155, 2007.

_____. A toponímia como meio de investigação linguística antropocultural. In: Isquerdo, Aparecida Negri (org.). **Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil – Portugal**. Campo Grande: EdUFMS, 2008, p. 215-231.

DRUMOND, Carlos. **Contribuição do Bororo à toponímia brasílica**. São Paulo: Editora da USP, 1965.

- DUBOIS, Jean. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- DURANTI, Alessandro. **Antropología Lingüística**. Madrid: Cambridge University Press, 2000.
- ESTRAVIZ, Isaac Alonso. **Dicionário Estraviz**, Internet, 2005.
- FERNADES, Joana. **Índio: esse nosso desconhecido**. Cuiabá: UFMT, 1993.
- FERREIRA, João Carlos Vicente. **Mato Grosso e seus municípios**. Cuiabá: editora Buriti, 2001.
- _____. **Enciclopédia Ilustrada de Mato Grosso**. Cuiabá: editora Defanti, 2014.
- FIGUEIREDO, Cândido. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica, 1913.
- GREGÓRIO, Irmão José. **Contribuição indígena ao Brasil**. v. I. Lendas e tradições usos e costumes fauna e flora língua - raízes toponímia vocabulário. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980a.
- _____. **Contribuição indígena ao Brasil**. v. II. Lendas e tradições usos e costumes fauna e flora língua - raízes toponímia vocabulário. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980b.
- _____. **Contribuição indígena ao Brasil**. v. III. Lendas e tradições usos e costumes fauna e flora língua - raízes toponímia vocabulário. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980c.
- GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Ave Maria, 1981.
- GUERRA, Antônio Teixeira; GUERRA Antônio José Teixeira. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **A lenda do ouro verde** [recurso eletrônico]: política de colonização do Brasil contemporâneo. Recife: Ed. UFPE, 2021.
- GUIRAUD, Pierre. **A semântica**. São Paulo: DIFEL, 1975.
- HAJDÚ, Mihály. The History of Onomastics. **Onomastica Uralica**, v. 2, p. 7-45, 2002. Disponível em: <http://nevtan.arts.unideb.hu/nevtan/tagozat/06hajdu.pdf>. Acesso em: nov. 2022.
- HIGA, Tereza Cristina Souza; MORENO, Gislaene. **Geografia de Mato Grosso: território, sociedade e ambiente**. 2 ed. Cuiabá: Entrelinhas, 2017.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IANNI, Octavio. **Colonização e contra-reforma agrária na Amazônia**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1979.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados**. 2017. Disponível em: <https://ibge.gov.br/cidades-e-estados.html>. Acesso em: 03 de abril de 2022.

_____. **Glossário dos termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil** / IBGE, Coordenação de Carto grafia. - Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

_____. **Glossário dos termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil** / IBGE, Coordenação de Carto grafia. - Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

_____. **Portal de mapas**. 2010. Disponível em: <https://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#mapa198>. Acesso em: 10 de abril de 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados**. 2023. Disponível em: <https://ibge.gov.br/cidades-e-estados.html>. Acesso em: 03 de maio de 2024.

INTERMAT – **Instituto de Terras de Mato Grosso**. Atualização cartográfica. Cuiabá. 2017.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **O fato linguístico como recorte da realidade sociocultural**. 1996. 420 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Araraquara/SP. 1996.

_____. A toponímia como signo de representação de uma realidade. **Fronteiras - Rev. História UFMS**, Campo Grande, MS, 1(2): 27-46, jul./dez., 1997.

_____. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (org.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 91-100.

_____; KRIEGER, Maria da Graça. Apresentação. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. (Org.). **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia e terminologia. Vol. VI, Campo Grande: Editora UFMS. 2004, p. 11 -15.

_____. O nome do município. Um estudo etnolinguístico e sócio-histórico na toponímia sul-mato-grossense. **Prolíngua**, João Pessoa – Vol. 2 –Núm. 2, p. 34-52 dez. 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/21480485-O-nome-do-municipio-um-estudo-etnolinguistico-e-socio-historico-na-toponimia-sul-mato-grossense.html>. Acesso em: 28 jul. 2022.

_____. (Org.). **TOPONÍMIA - ATEMS**: caminhos metodológicos. v. 1. 1. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2009.

_____. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri., SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa. (Org.). **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia e terminologia. Vol. VI, Campo Grande: Editora UFMS. 2012, p. 115-139.

_____. A motivação toponímica: algumas reflexões. In: SELLA, Aparecida Feola; CORBARI, Clarice Cristina; BIDARRA, Jorge. (Org.). **Pesquisas sobre Léxico**: reflexões teóricas e aplicação. 1 ed. Campinas, SP; Cascavel, PR: Pontes; Edunioeste, 2013. v. 26, p. 81-96.

_____. Prefácio. In AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. **Nomes próprios de pessoa**: introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020, p.9-25.

_____. Apresentação. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). **Toponímia**: Tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul. Vol. 2. Campo Grande: EdUFMS, 2020, p. 8-19.

_____; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Projeto Atems: parâmetros metodológicos. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). **Toponímia**: Tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul. Vol. 2. Campo Grande: EdUFMS, 2020, p. 20-65.

JESUS, Ivanete Maria de. **Estudo toponímico dos nomes de bairros e ruas do Centro Histórico de Cuiabá 1701-2022**. 2023. 224 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Cuiabá, 2023.

KEHDI, Valter. **Formação de palavras em português**. São Paulo: Ática, 1992.

LEROY, Maurice. **As grandes correntes da linguística moderna**. São Paulo: Cultrix, 1971.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Trad. Tânia Pellegrini. Campinas: Papyrus, 1989.

LUCCHESI, Dante. **Língua e Sociedade partidas**. A Polarização sociolinguística no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

LYONS, John. **Introdução à lingüística teórica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

_____. **Lingua (gem) e Linguística**: uma introdução. Trad. Marilda Winkler Averborg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

MAIA, João de Azevedo Carneiro. **O Município**. Rio: Typographia Leuzinger, 1883.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (Org.). **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2 ed. Campo Grande: EdUFMS, 2001. p. 109-115.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de; VIANA, Sibebe Aparecida. O Centro-Oeste: antes de Cabral. **Revista USP**, São Paulo, n. 17, p. 44-67, 2000.

ORTÊNCIO, Waldomiro Bariani. **Dicionário do Brasil Central**. Subsídios à Filologia. São Paulo: Ática, 1983.

PIRES, Paulo de Tarso de Lara *et tal.* **Dicionário de termos florestais**. Curitiba. FUPEF, 2018. RONDON, Cândido Mariano da Silva. **Conferências realizadas em 1910 no Rio de Janeiro e em São Paulo**. Publ. n. 68. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1922.

RAYMUNDO, Jacques. **O elemento afro-negro na língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.

RONDON, Cândido Mariano da Silva. **Conferências realizadas em 1910 no Rio de Janeiro e em São Paulo**. Publ. n. 68. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1922.

ROSTAING, Charles. **Les noms de Lieux**. Paris: Presses Universitaires de France, 1948.

SALAZAR-QUIJADA, Adolfo. **La Toponimia en Venezuela**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, Facultad de Ciencias Economicas y Sociales, División de Publicaciones, 1985.

SAMPAIO, Teodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5. ed. São Paulo: Editora nacional, 1987.

SANTOS, Florisvaldo Fernandes dos. **Estudo toponímico do município de Barra do Garças, microrregião do médio Araguaia, Mato Grosso**: contribuição para o atlas toponímico de Mato Grosso. 2005. 83 f. (Mestrado em Linguística – Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-08032006-154530/pt-br.php>

SAPIR, Edward. Língua e Ambiente. In: _____. **Linguística como Ciência**. Rio de Janeiro: Acadêmica: 1969, p. 43-62.

_____. **A linguagem, introdução ao estudo da fala**. Trad. Joaquim Matosso Câmara Júnior. 2. ed. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1971.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa.; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apontamentos sobre hidronímia e hidrotoponímia na fronteira entre Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida. (Orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010, p. 79-98.

SILVA, Júlio Romão da. **Denominações indígenas na toponímia carioca**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1966.

SILVA, Marcilene Ribeiro da. **A Toponímia em Bonsucesso e Pai André no Rio Cuiabá-Mt**. 2011. 115f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Linguagens – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Cuiabá, MT, 2011.

SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. **Erros e mitos na história de Mato Grosso**. Cuiabá: Carlini e Caniato, 2012.

_____. **Dicionário bibliográfico mato-grossense: período colonial – 1524-1822** Cuiabá: Carlini & Caniato, 2005.

SINFRA - Secretaria de Estado de Infraestrutura e Logística. **Unidade de Gerenciamento de Projetos. Planilha de localidades de Mato Grosso**. Cuiabá, 2017.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais**. 2. ed. Cuiabá: Entrelinhas, 2017.

SOUSA, Alexandre Melo de. Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira: Gênese e Trajetória. **ÍCONE** - Revista de Letras, São Luís de Montes Belos, v. 2, n. 2, p. 31-42, jul. 2008. Disponível em: <http://www.slmb.ueg.br/iconeletras>. Acesso em: 28 ago. 2023.

SOUZA, Bernardino José. **Dicionário da Terra e da gente do Brasil**. 5 ed. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1939.

SOUZA-BRASIL, Thomaz Pompêo de. **Compendio elementar de geographia geral e especial do Brasil**. Rio de Janeiro, 1864.

STEWART, George Rippey. A classification of place names. **Names**, Beckerley, v. II, n. 1, p. 01-13, mar. 1954.

TRAPERO, Maximiano. **Para una teoria lingüística de la toponímia: estudios de toponímia canaria**. 2ª ed. Las Palmas de Gran Canaria. 215 f. Universidad de las Palmas de Grand Canaria, 1995.

ULLMANN, Stephen. **Introdução à ciência do significado**. Lisboa. Fundação Caloust Gubenkian, 1964.

URQUIZA, Antônio Hilário Aguilera. Boe Bororo: A riqueza cultural de um povo e as frentes de colonização. In CHAMORRO, Graciela; COMBÈS Isabelle (Org.). **Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais**. Dourados: Editora UFGD, 2015, p. 165-176.

VARAZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea: Vida dos Santos**. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

VASCONCELLOS, José Leite de. **Antroponímia portuguesa: tratado comparativo da origem, significação, classificação, e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes, e apelidos, usados por nós desde a Idade Média até hoje**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

_____. **Opusculos. Onomatologia**. v. III. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

VIEIRA, Zara Peixoto. **Estudo Onomástico do Município de Socorro: reconstituição dos antropônimos e da memória da imigração**. 2000. 196 f. Dissertação (Mestrado Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 2000.

Sites consultados

[http://www.ipatrimonio.org/acorizal-centro-historico.](http://www.ipatrimonio.org/acorizal-centro-historico)

<https://miis-ro.org/cultura-quilombola>

<https://riodacasca.com.br/wd/2017/03/09/teste-galery-2/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_Estadual_da_Serra_de_Ricardo_Franco

https://www.eb.mil.br/patronos/-/asset_publisher/e1fxWhhfx3Ut/content/ricardo-franco?inheritRedirect=false

[www.dicionarioinformal.com.br/camba.](http://www.dicionarioinformal.com.br/camba)

http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/?web=o-onoma&lang=1&page=&menu=&tipo=1